RB 23733

Library
of the
University of Toronto

THEATRO HEROINO,

ABCEDARIO HISTORICO, E CATALOGO

DAS

MULHERES

ILLUSTRES EM SCIENCIAS; E ARTES LIBERAES.

TEATRO
HEROINO,
MEDITATIONS HISTORICO, E CATALOGO
DAS
MULHERES
ILLUSTRES EM SCIENCIAS, E ARTES LIBERAES.

THEATRO HEROINO,

ABCEDARIO HISTORICO, E CATALOGO

DAS

MULHERES

ILLUSTRES EM ARMAS,

Letras, Acçoens heroicas, e Artes liberaes.

OFFERECIDO

A' SERENISSIMA SENHORA

D. MARIANNA DE AUSTRIA

RAINHA DE PORTUGAL.

POR

DAMIAÕ DE FROES PERYM.

TOMO I.

FREI JOÃO DE SÃO PEDRO

Este Livro he de uso [illegible]

Academico Homem de Campos Rodrigues
EVORA

LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina da MUSICA de THEOTONIO ANTUNES LIMA, Impreſſor da Sagrada Religiaõ de Malta, debaixo da Protecçaõ dos Patriarcas S. Domingos, e S. Franciſco.

M.DCC.XXXVI.

Com todas as licenças neceſſarias. E Privilegio Real.

THEATRO
HEROINO,

ABCEDARIO HISTORICO, E CATALOGO

DAS

MULHERES
ILLUSTRES EM ARMAS,

Letras, Acções heroicas, e Artes liberaes.

OFFERECIDO

A' SERENISSIMA SENHORA

D. MARIANNA
DE AUSTRIA

RAINHA DE PORTUGAL.

POR

DAMIÃO DE FROES PERYM

TOMO I.

LISBOA OCCIDENTAL.

Na Officina da MUSICA de THEOTONIO ANTUNES LIMA, Impressor da Sagrada Religião de Malta, debaixo da Protecção dos Padres Conventuaes de S. Domingos, e S. Francisco.

MDCCXXXVI.

Com todas as licenças necessarias. E Privilegio Real.

SENHORA.

VAY buſcar na protecçaõ de Voſſa Mageſtade poderoſo eſcudo, ou ſegura defenſa eſte pri-

primeiro Tomo do Theatro Heroino, grande pela materia, heroico pelo aſſumpto, e ſò humilde pelo eſtilo.

He eſte livro hum Theatro univerſal das mulheres illuſtres, que floreceraõ pelas idades do mundo, em trinta, e ſette ſeculos, trinta, e ſeis annos, que tantos ſe contaõ do dia, em que parou o Diluvio até a preſente hora, que teve a honra de ſe pôr aos pès de Voſſa Mageſtade, onde pàra toda a grandeza, ou ſe avaſſala toda a ſoberania. Tal he a differença, que Voſſa Mageſtade faz às heroinas, de que ſe organiſa o luminozo Theatro deſte Orbe, ou ſe tece o heroi-

co

co aſſumpto deſta obra; que por ventura ſerà grata à grande comprehençaõ de Voſſa Mageſtade por ſer a primeira, ou a unica, que ſe tem eſcrito em a lingoa Portugueza.

Eſta naçaõ por todos os ſeculos, tem dado a conhecer em o mundo pelos heroes, com que ſe illuſtraraõ as Aulas, e as campanhas, deixando eſquecida, ou apagada a fama dos Gregos em as letras, a dos Romanos em as armas. Agora porém pela protecçaõ de Voſſa Mageſtade, ſe conhecerà neſte ultimo beneficio à poſteridade, quaes foraõ as heroinas Portuguezas, que fizeraõ recomendadas ſuas memorias em acçoens iluſtres, em Ar-

tes

tes liberaes, em letras, e mais em armas, entrando em Certame com as Corinas, em Theatro com as Pentheſileas, em Claſſe com as Anaßandras, ou em Cathalogo com as Cocleas.

Foraõ igualmente illuſtres todas as razoens deſta Dedicatoria, com que ſe offerece em nome da naçaõ Portugueza a Voſſa Mageſtade eſta primeira parte do Theatro heroino, eſperando todas as idades por eſte ſeculo, em que logra com inveja de todas as naçoens o credito de a illuſtrar como ſoberana, pois he Voſſa Mageſtade, como ſua Rainha, a Rainha de todas pelo ſangue, e pelas virtudes, pela liçaõ, e pelo eſtudo

das

das letras humanas , claro , e bom conhecimento das Divinas. E ſe quizeſſe o leal affecto dos Portuguezes moſtrar aqui com effeito em ſuas pàrtes , as partes de que ſe ennobrece o Real , e moral compoſto de Voſſa Mageſtade (ſenaõ foraõ ouvidas com deſagrado da innata modeſtia , e natural magnànimidade , com que Voſſa Mageſtade enſurdece aos brados da ſua fama) poderia referir ſem liſongear , que aſſim como excede toda a competencia em as prendas naturaes de engenho , juiſo ; e diſcriçaõ , aſſim nas prendas acquiridas pelo eſtudo , e razaõ de eſtado , não admitte comparaçaõ , ou igualdade ;

de; porque nos primores do debuxo, e tecedura compete em Voſſa Mageſtade a arte com a natureza: Na intelligencia, e verboſidade, com que fez naturaes as lingoagens de muitas naçoens da Europa, conſeguio Voſſa Mageſtade felizmente a mageſtade da lingoa Latina, a univeſalidade da Franceza, o pico da Caſtelhana, e da Portugueza a elegancia.

Na comprehençaõ dos preceitos da Filoſofia, Canto, e Contraponto, ſe deixa conhecer, que ſò lhe faltàrão os eſtudos de outras Artes, e ſciencias, para ſer em todas huma perfeita imagem da Sabedoria; mas o que

os

os Antigos attribuirão com mentirosa idea, ou fabulosa jactancia à Deosa Minerva, podiamos nós os Portuguezes venerar em Vossa Magestade outra melhor imagem da Sabedoria, porque assim faziamos ao merecimento verdadeiro Simulachro, conferiamos à Deidade merecido culto.

Em fim Senhora, aqui faz termo a nossa gratidão, porque sabemos, que nesta carta não cabem os elogios, que a fama fica devendo ao original em mais elegante pintura: Tambem o livro seria pequeno quadro, ou abreviado mapa, para a discripção de tanta Magestade, que Deos nos guarde por huma dilatada emu-

laçaõ da Feniz , como pedimos todos os vaſſallos com votos , e ſacrificios.

Damiaõ de Froes Perym.

LICENÇAS.

Do Santo Officio.

VIstas as informaçoens, pode-se imprimir o livro intitulado Theatro heroino, Author Damiaõ de Froes Perym; e depois de impresso tornarà para se conferir, e dar licença, que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 18. de Fevereiro de 1735.

Fr. R. Alancastre Teixeira. Silva. Cabedo. Soares. Abreu.

Do Ordinario.

CENSURA DO REVERENDISSIMO DOUTOR o Padre Theodozio de Santa Martha, Lente jubilado na Sagrada Theologia, Conego Regular, e Cronista da Congregaçaõ de Saõ Joaõ Euangelista, Qualificador do Santo Officio.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

EM attençaõ ao despacho de vossa Senhoria li o Theatro Heroino, e Catalogo das Mulheres Illustres composto por Damiaõ de Froes Perym, e fazendo juizo do Systema deste Catalogo

logo me parece huma eloquente reprehenſaõ do abuſo intoleravel das gentes: Coſtumaõ eſtas ingratas à piedade, e enſurdecidas à razaõ vituperar as acçõeſ das Matronas, por mais que as qualifiquem heroinas, ou o valor, ou o aviſo, ou as virtudes; como ſe os acertos foraõ ſó herança da varonia, e os homens filhos unicos da fama: O certo he que nem a natureza para dirivar os ſeus dotes tem eſcolha, nem a alma tem ſexo. A antiguidade que dobrou o joelho a Marte, tambem conſagrou os prefumes a Bellona; ſe os elmos ſaõ regularmente fuzis da ira, tambem os tranſelins tem pedras, que podem cintilar a colera, antes ſuccede, que os Homeros dormem, os Hercules fiaõ, a tempo que as Medeas mataõ, e as Amazonas vencem: Naõ ha muitos ſeculos, que a providencia deſtinou huma mulher para flagello dos Inglezes: Confeſſo que os homens animaõ mais robuſtos corpos, as mulheres mais delicados, porèm o vapor, ou ſeja leve, ou ſeja craſo, ſe acontece aſcenderſe na regiaõ do fogo, tudo he rayo.

Quanto ao aviſo, quem privou às mulheres do entendimento melhor porçaõ da alma? Se naſcem mais delicadas, poriſſo meſmo ſeraõ mais ſutis, porque menos obeſa a alma na quantidade das ſenſaçoens applicarà melhor a actividade do eſpirito nas funçoens do raſiocinio. A planta tem mais ſucco que o tronco, e a ſabedoria pela ficçaõ dos Mythilogicos naõ ſe atribuio aos Joves, ſenaõ às Minervas, nem Apollo cingio o louro ſem Muſas, para lhe arguirmos a ſingeleza

leza da falta da cultura; as flores tambem naſcem nos campos, e quando nos jardins reſpirem mais ambares, naõ ſe culpe a flor, antes o cultor, que andou ocioſo no ſeo beneficio.

Quanto às virtudes, he hum ſexo cheo de devoçaõ, que povoa com afluencia o impirio, a ſua religiaõ he auſtera, a ſua penitencia rara, a ſua preleverança conſtante; vivem apartadas do laberinto tumultuoſo do ſeculo, e com vocaçaõ mais ſegura alcançaõ as ſuas virtudes os tropheos glorioſos da immortalidade.

Com juſta cauſa emprendeo o Author condecorar hum ſexo digno argumento, ſem adulaçaõ, de todo o elogio, e o executa taõ felizmente, que nada deve o alinho do eſtilo ao argumento. A vulgar incivilidade dos homens deſacordados aſſim profanou o reſpeito às virtudes das matronas, que as olhaõ culpavelmente a deſprezo, como ſe fora fabula, deverem-lhe todos o ſer, ou quando ambriões no ventre, ou quando enfachados no berço, delito de que nos arguem os meſmos brutos, obſervando por inſtincto huma natural cortezia aos individuos femeas da ſua eſpecie. E o Author por todos os homens grato taõ ventajoſamente lhe reſtitue a gloria, que poderaõ eſtimar o defraude ſó pela uſura. A locuçaõ he natural ſem vicio, os periodos concizos ſem violencia, a dicçaõ caſtigada ſem afectaçaõ; nem encontra em couſa alguma a noſſa ſanta Fé, e bons coſtumes; por tanto me parece a obra credora da luz publica pelo beneficio da eſtampa. Voſſa Senhoria mandarà o que

for

for ſervido. Santo Eloy de Lisboa Oriental 6. de Mayo de 1735.

Theodozio de Santa Martha.

VIſta a informaçaõ, pode-ſe imprimir o livro de que ſe trata, e depois de impreſſo tornarà para ſe conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental 14. de Mayo de 1735.

Gouvea.

DO

Do Paço.

CENSURA DO EXCELLENTISSIMO CONDE da Ericeira, do Conſelho de ſua Mageſtade, Meſtre de Campo General de ſeos Exercitos, do ſeo Conſelho de Guerra, Deputado da Junta dos Tres Eſtados, Senhor das Villas da Ericeira, e Anciam, e da Caſa do Louriçal, Commendador de ſeis Commendas na Ordem de Chriſto, Director, e Cenſor da Academia Real da Hiſtoria, &c.

SENHOR.

AInda que naõ he novo o aſſumpto, que eſcolheo o Author deſte livro, nelle ſe acha tratado mais largamente, e naõ com menos propriedade, que nos eruditos Eſcritores, que trataraõ dos bem merecidos elogios das Matronas illuſtres de todas as naçoens. As mulheres Portuguezas, aſſim como na formoſura, e diſcriçaõ ſey, que naõ cedem, e naõ ſey ſe diga que excedem às antigas, e modernas de diverſos tempos, e de differentes Reynos, tambem ſe diſtinguiraõ nas prerogativas eſſenciaes de Religiaõ, do valor, da conſtancia, e da ſciencia, para que a virtude, e as virtudes, que a acepçaõ da noſſa lingoa com energia diverſifica, ſe unaõ nas heroinas Luſitanas com enveja das outras, e com admiraçaõ, e reſpeito dos que groſſeiramente ſe ſuppoem de ſexo mais nobre, como ſe a meſma Igreja naõ qualificaſe com o epitheto de devoto

ſó ao femenino, naõ merecendo eſte glorioſo atributo, nem o popular, nem o Eccleſiaſtico. Se entre tantos Authores que eſcreveraõ mais corteſãamente do triunfo das mulheres, e de outros que ſó confeſſaraõ a igualdade; naõ brilhaſe tanto o ſublime engenho do Author do Theatro critico, pode ſer que eu procuraſe adiantar eſta demonſtraçaõ; porém os exemplos, que com muito eſtudo, baſtante gravidade, e bom eſtilo, adornaõ o Alfabeto deſtes volumes, perſuadem melhor que as razoens, que alguns poderiaõ dizer, que eraõ bem naſcidos effeitos do affecto, e da cortezania. Das mulheres que floreceraõ na Filoſofia formou Menage hum douto tratado, e incorporando-o com a traducçaõ, e notas que fez às vidas dos Filoſofos, que compoz em Grego Diogenes Laercio, moſtrou neſte paralelo, que nem neſta parte podiamos diſputar-lhe a preheminencia. Que heroe foy aſſumpto de hum Poema Epico, que para illuſtrar-ſe, e naõ ſey ſe em outro ſentido, para desluzir-ſe naõ tiveſſe huma Hipolita, huma Camila, ou huma Clorinda, para acreſcentar os ſeos triunfos, e quando Aureliano levou atada ao ſeo carro a famoſa Zenobia, pode ſer que fizeſſe a vitoria menos airoſa, atando, ainda que com cadeas de ouro, ao ſeo carro a formoſura, que arraſtrou os Hercules, e os Jaſſoens. De algumas das Santas de Portugal adornou o ſeo jardim hum pio Hiſtoriador, e aqui ſem ſeparaçaõ ſe achaõ naõ ſó na ſantidade, mas em outras prerogativas, muitas heroinas Portuguezas, e ſe as que vivem permitiſſem eſtes verdadeiros

dadeiros elogios, ſem que o rubor, ao meſmo tempo, que augmenta a belleza, e acredita a modeſtia, o toleraſſe, encontraria tantos exemplos vivos, que nobremente creſceſſe o corpo deſtes livros. Bem merecia dar-ſe mais a conhecer o Author ſem obrigarnos a decifrar o anagrama do ſeo nome, e de entrar nas curioſas inveſtigaçoens de Placio, e de Bayllet nos tratados, que eſcreveraõ dos Authores, que ſe disfarçaraõ, pois em nenhum eſtado he improprio louvar a virtude, eſcrever a hiſtoria, e publicar os bons exemplos: Sendo por eſta cauſa digna de imprimir-ſe a obra que Voſſa Mageſtade fiou de minha cenſura. Lisboa Occidental 25. de Abril de 1735.

Conde da Ericeira.

QUe ſe poſſa imprimir viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornarà a Meſa para ſe conferir, e taxar, e ſem iſſo naõ correrà. Lisboa Occidental 5. de Julho de 1735

Pereira. Teixeira.

Do Santo Officio.

VIſto eſtar conforme com o original, póde correr. Lisboa Occidental 30. de Outubro de 1736.

Fr. R. Alancaſtre. Teixeira. Silva. Soares. Abreu.

Do Ordinario.

VIſto eſtar conforme com o original, póde correr. Lisboa Occidental 27. de Novembro de 1736.

Gouvea.

Do Paço.

TAxaõ eſte livro em mil, e ſeis centos reis. Lisboa Occidental 25. de Novembro de 1736.

Teixeira.

PROLOGO.

AQui te offereço (Amigo , ou inimigo Leitor) em Theatro , e Catalogo os nomes , e acçoens das Mulheres illuſtres , que na poſteridade nos deixaraõ recomendada memoria , immortal fama. Naõ foraõ leves os fundamentos , que nos fizeraõ emprender a laborioſa eſcritura deſtas memoraveis reliquias , que ſobrevieraõ ao eſtrago dos cadaveres. E porque devo declararte os motivos deſta empreza (já que os primeiros eſcritores nos deixaraõ com ſeo exemplo mais eſta fadiga) diloshey ſem eſperar de ti benevolencia , ou detraçaõ ; porque ſe achares , em que meter o dente ſaõ eſtes os antidotos , que fazem aos Zoilos morder em vaõ , ou ladrar à ſombra.

Foy o primeiro motivo deſta empreza o credito da naçaõ , que dando por todos os ſeculos em muitas heroinas aſſumpto para grandes elogios ,, e largas eſcrituras naõ ſe encontra hum ſó Catalogo , ou particular hiſtoria das matronas Portuguezas em armas , letras , artes , ou acçoens illuſtres. Foy o ſegundo motivo , que

mendigando por muitos volumes as noticias de que vay ordenada a varia liçaõ deſte Theatro achey, que eraõ muitos os Authores Eſtrangeiros, e quaſi de todas as naçoens, que eſcreveraõ de ſuas heroinas illuſtres hiſtorias, ou copioſos Catalogos.

Tantos foraõ os heroicos eſtimulos, que me acabaraõ de vencer o animo, inclinado a eſta empreza pelo amor da patria, e credito da naçaõ Portugueza. Porém lendo a muitos deſtes Authores, me entrou no penſamento eſcrever em beneficio de todas as naçoens de que ſe achaõ hiſtorias, ou Catalogos pelas achar deminutas, varios, e confuſos em nomes, e acçoens, atribuindo-ſe a humas a heroicidade de outras. E nottando mais alguns defeitos, que fazem deſagrado, e faſtio em a narraçaõ, me appliquey com trabalho novo, e mayor eſtudo na deligencia de eſgotar as fontes deſta erudiçaõ, como ſe verà no Catalogo dos Authores, que vay ordenado, huns por noticia, outros, ou a mayor parte por exame.

Daquellas heroinas, que podemos congregar, e ajuntar aos nomes as acçoens, as patrias, os pays, e os annos, em que floreceraõ com diſtinta memoria, tecemos a varia liçaõ deſte Theatro, mendigando as noticias com a importuna deligencia, que naõ teve ainda algum dos Authores em ſemelhante eſcritura, igual empreza. Porém daquellas, que viveraõ menos lembradas, e ſaõ igualmente illuſtres colloquey em Catalogo no fim de cada huma das letras, a que

perten-

pertence pelo Alfabeto, que naõ vay ordenado com o rigor literario por attendermos ſó ao goſto da liçaõ pela ordem variavel dos aſſumptos, e poſtura das acçoens, que as fizeraõ illuſtres; mas naõ ſe acharà alguma ſem diſtincta acçaõ como encontrey em muitos livros, que aſſim conciliaraõ a grandeza dos corpos, ſem a alma dos aſſumptos.

Naõ te encareſſo o trabalho de buſcar, e correr tantos volumes, quantos deſcubrio a deligencia por diſpendio, ou amizade, porque naõ quero canſarte na liçaõ deſte Prologo com os nomes dos Authores, e das obras, que me correraõ pelas mãos, e pelos olhos. Só te direy (verdadeiro, e naõ encarecido) que eſte livro eſtando já com a ultima lima para ſe imprimir ſe deteve atégora pelo grande ſoccorro de muitos livros de varios Authores, e em diverſas lingoas, que eſcreveraõ deſte aſſumpto, que me chegaraõ da grande livraria do laborioſo, e erudito Conde da Ericeira Dom Luis de Menezes Excellentiſſimo protector das letras como ſabe Portugal, e admirou França. Deveolhe eſte theſouro a riqueza de muitas heroinas, que tiveraõ a fortuna de caberem na ſua comprehençaõ para deverem à ſua penna os elogios, cabendome ſó a gloria de copiar os originaes, reduzindo a treslados os tranſſuntos.

Nem quero mais louvor, ou agradecimento da tua cortezia, ou piedade, que huma lembrança nas tuas oraçoens, para que Deos

me

me continue a eſmola ; que me tem feito de huma boa ſaude , porque aſſim terá neſte anno o ſegundo tomo deſta obra complemento.

Valle.

CATA-

CATALOGO
DOS AUTHORES, QUE ESCREVERAM das Mulheres illuſtres, e ſcos previlegios.

Pizanio Author Grego eſcreveo na meſma lingoa hum livro deſte aſsumpto.

Plutarco eſcreveo, de virtutibus mulierum.

Diogenes Laercio entre as ſuas obras eſcreveo hum catálogo das mulheres illuſtres em Filoſofia.

Caſſaneo eſcreveo outro de mulheres illuſtres em todas as ſciencias, acçoens liberaes, e armas.

Jacob Felippe Bergomenſe Eremita de Santo Agoſtinho eſcreveo hum livro, que dedicou a Dona Beatriz de Aragaõ, Rainha de Boemia com o titulo: De memorabilibus, & claris Mulieribus, aliquot diverſorum ſcriptorum opuſcula, præcipue Jac. Phil. Berg. edita a Jo. Raviſio Textore. Pariſiis 1521. in folio.

Luis Jacob, chamado de Saõ Carlos, Religioſo Carmelita calſado, eſcreveo na ſua Bibliotheca hum tratado das mulheres illuſtres.

Pedro de Moine da Companhia de Jeſus eſcreveo em Francez hum livro intitulado: Mulheres fortes. Paris 1665. em oitavo.

Hilariaõ da Coſta, Religioſo da Ordem dos Minimos de Saõ Franciſco de Paula, eſcreveo dous tomos. Paris. 1547. em quarto grande.

Julio Ceſar Capacio, eſcreveo hum livro, que intitulou: Illuſtrium Mulierum elogia.

Joaõ Boccacio eſcreveo o livro: De Claris Mulieribus. Berne. 1539. in folio; e Joſeph Betuſi o traduzio de Latim em Italiano com ſeos aditamentos, e dedicou a Camil-

la Palavicina Marqueza de Corte Mayor. Veneza. 1545 *em quarto.*

Joaõ de Eſpinoſa, Miniſtro de Carlos quinto, e de Felippe ſegundo compoz hum Dialogo em louvor das mulheres illuſtres a que deo por titulo: Ginacupaenos divididos em cinco partes. Millaõ. 1580. *em quarto.*

Mamilio eſcreveo das mulheres illuſtres hum livro na lingoa Latina.

Ambrozio Panuci eſcreveo outro na lingoa Latina intitulado: Mulieres fortes. Roma em 1594.

Dom Thomas Garſoni de Bagnacavallo, Conego Regular Lateranenſe eſcreveo das Mulheres illuſtres da Eſcritura ſagrada na liugoa Italiana. Veneza. 1636. *em quarto.*

O Doutor Martin Carrillo Abbade da Real Caſa de Montaragon eſcreveo hum livro na lingoa Caſtelhana, que intitulou: Elogio das mulheres illuſtres do velho Teſtamento. Hueſca em 1626.

Juſtiniano Cloradon eſcreveo hum livro em Italiano, e Tiente-Bene eſcreveo outro na meſma lingoa.

Moderata Fonte eſcreveo dous livros em Italiano.

Magdalena Eſcuderi eſcreveo em dous volumes de doze Paris em 1665.

Chatounieres de Grenaille traduzio de Italiano em Francez o livro de Pona intitulado: Galaria de mulheres illuſtres. Paris 1642. *em oitavo.*

R. Steele eſcreveo huma Biblioteca de Damas. Amſterdaõ em 1727.

Chriſtoval a Coſta Africano eſcreveo hum tratado em louvor das mulheres, que imprimio em Veneza Jacomo Cornete. 1592 *em quarto.*

Madamoiſelle de Gournai eſcreveo na lingoa France-

za

za hum piqueno livro, que tem por titulo: Da igualdade dos homens, e das mulheres.

Jaquetta Guillaume publicou hum livro intitulado: Mulheres illuſtres. Paris, em 1665.

João Ruſcelli eſcreveo na lingoa Italiana hum livro, que intitulou: Que le Donna ſia degran lunga piu nobile, epiu degna dell' Huomo. em 1552.

Hortencio Lando, Medico Milanez, que vivia no decimo ſexto ſeculo imprimio em Veneza no anno de 1548 huma colecçaõ de cartas, que tem por titulo: Lettere de molti valeroſi Donne, nelle quali chiaramente appare non eſſer ne de eloquencia, ne de doutrina agli huomini inferiori.

Guilherme Poſtel, Author Francez eſcreveo neſta lingoa hum livro, que tem por titulo: As muito maravilhoſas vitorias das mulheres do novo mundo, e como ellas devem mandar, e ſer obedecidas até dos que tiverem a Monarquia do mundo antigo. Paris por Joaõ Guculart em 1553. 16. Dedicado a Margarita de França Duqueza de Berry.

Andrè Tiraquello no ſegundo tomo de ſuas obras eſcreveo hum Alfabeto das mulheres illuſtres em letras. Veneza em 1588.

Bento Jeronymo Feijó, Monge Beneditino no ſeo Theatro critico eſcreveo huma eruditiſſima defenſa das mulheres illuſtres. Terceira impreſſaõ Mad. em 1729.

Henrique Cornelio Agrippa da illuſtre familia de Nettesheym em Colonia compoz entre diverſas obras hum tratado: De nobilitate, & præcellentia Faminei ſexus, ejusdemque ſupra virilem eminentia libellus, Impreſſo em 1600. em oitavo.

Franciſco de Guſman, eſcreveo em Caſtelhano: De illuſtres Mulheres.

Frey João Maldonado a este mesmo assumpto escreveo hum livro, que louva muito Jorge Cardozo no Agiologio Lusitano, dia 26. de Mayo.

João Peres de Moya escreveo varia historia de Santas, e mulheres illustres em todo o genero de virtudes. Madrid 1583. em oitavo.

Frey Luis dos Anjos escreveo o livro: Jardim de Portugal de mulheres illustres em santidade. Coimbra 1626. em quarto.

Frey Matheos Renzi, carta, en alabança de las Mugeres. em quarto.

Miguel Moreno, Dialogo, defensa de Damas.

Dom Nicolas Antonio no fim da Bibliotheca Hespana tras hum Appendiz com o titulo: Gynaceum Hispana Minerva, sive de gentis nostra Faminis doctrina claris ad Bibliothecam scriptorum.

Dom Pedro Paulo da Ribera Valenciano, e Conego Regular Lateranense escreveo hum livro na lingoa Italiana com este titulo: Le glorie immortali de le Donne illustre antiche, e moderne. Veneza em 1609. em quarto.

Diogo Manoel Ayres de Azevedo escreveo hum livro que intitulou: Portugal illustrado pelo sexo femenino, que he hum Catalogo breve de muitas heroinas Portuguezas, que floreceraõ em santidade, letras, e armas. Lisboa 1734. em oitavo.

Corre tambem hum livro em Francez, que tem por titulo: Da igualdade dos dous sexos, Discurso Fisico, e Moral. Paris 1676. em doze.

Antonio de Macedo da Companhia de Jesus irmaõ do famoso Padre Frey Francisco de Santo Agostinho Macedo, compoz entre outras excellentes obras hum Tratado das Senhoras

nhoras mais devotas, e nomeadas em Portugal, que se não imprimio, e o achamos entre as obras deste Jesuita na Bibliotheca Lusitana do Padre Francisco da Cruz.

THEATRO HEROINO,

E

ABCEDARIO HISTORICO DE MULHERES

Illuſtres em Sciencias, e Artes Liberaes.

Letra A.

I.

AMALASUNTA RAINHA.

OM merecida fama achamos eſcrito com melhor pena, mas em ſuccinta relaçaõ, as acçoens heroicas de Amalaſunta filha de Theodorico Rey dos Oſtro-Godos; porèm nòs, ſem encarecermos o trabalho de ajuntarmos as reliquias de ſuas memorias, as damos aqui a ler em menos abreviada eſcritura, ajudando o

pregaõ de ſua fama menos encarecida nas virtudes, e prendas, que fizeraõ mayor ſeu nome, mais illuſtre ſua Nobreza, milagre ſua fermoſura, ſem igual ſua diſcriçaõ, e ſabedoria. Naſceo em Italia, filha de Theodorico, primeiro Rey dos Oſtro-Godos, e de Andefleda, Irmãa de Clodoveo, Rey de França; naõ lhe deo a natureza progenitores menos illuſtres em o ſangue, mayores na qualidade de ſuas heroicas acçoens.

Nos primeiros annos ſe deo à liçaõ, e eſtudo das letras Gregas, e Latinas, em que ſahio peritiſſima, porque era dotada de juizo claro, e memoria taõ feliz, que entendia, e ſe explicava na lingoagem de todas as Naçoens, que por commercio, ou ſogeiçaõ, frequentavaõ o Imperio Romano. Creſcendo Amalaſunta em annos, e virtudes, chegou o tempo, a que o intereſſe das Coroas na incerta ſucceſſaõ dos eſtados faz anticipar as doces priſoens do Matrimonio, como ſenaõ fora Deos, o que dá, ou tira os filhos. Entrou ſeo Pay Theodorico no moleſto cuidado de darlhe merecido Eſpoſo, que deſempenhaſſe nas qualidades da peſſoa os merecimentos naõ vulgares da Princeza; e ſuccedendo-lhe no Imperio de ſeus vaſtos Dominios, ſoubeſſe conſervar no juizo das armas, o que elle conquiſtára com os ſeus braços em tantas, e taõ glorioſas vitorias.

Lembrou-ſe do Principe Eutarico Oſtro-Godo de Naçaõ, e ſangue Real dos Amalos, a quem ſua antiga Nobreza pulſava illuſtre nas

acçoens

acçoens, mais que nas arterias, e a fama de ſeu grande nome fizera grato à Mageſtade de Theodorico para ſervirſe de homem tamanho nas Eſpanhas, de donde foy logo chamado, e agora por lembrança de ſua heroicidade digno entre muitos para Eſpoſo de Amalaſunta, unica herdeira daquella Coroa, que celebrou o acerto da eleiçaõ na obediencia, com que ſogeitandoſe à vontade do Pay encarecia as prendas do Eſpoſo, que naõ tardou em breves jornadas a mitigar as impaciencias da demora com o goſto univerſal das vodas, que ſe celebráraõ no anno de Chriſto de quinhentos e quinze; fazendo a morte poucos annos depois mais ſenſivel a ſua falta na ſucceſſaõ de hum ſó filho de menos idade, que eſperanças, mas de igual fortuna. Em breves dias convaleceo a dor para reſpirar com a morte do Rey Theodorico em mais vivo ſentimento, que faleceo carregado de annos, e triunfos; deixando em Athalarico, ſeu neto, na idade pueril de oito annos, ſucceſſor à Coroa, em Amalaſunta ſua filha, Regente ao Imperio.

Corria o anno de quinhentos e ſeis na mudança de hum a outro governo, felicidade, que já ſe experimentava na crença da Religiaõ Catholica, que Amalaſunta favorecia Princeza, agora amparava Rainha. Revogou logo os edictos, que ſeu Pay mandára publicar como herege Arriano contra os que profeſſavaõ a Ley de Chriſto, deſpojando-os das vidas, e

fazendas: mandou reſtituir aos filhos de Simacho, e Boecio todas as riquezas confiſcadas em odio da Religiaõ, que publicamente confeſſáraõ conſtantes, defendéraõ Martyres.

Em quanto ſeu filho Athalarico ſe educava nos eſtudos dos primeiros annos, dandolhe Meſtres, de quem aprendeſſe as letras, e bons coſtumes, quaes ſe deviaõ enſinar a hum Principe, que ſe criava para Monarca da mayor parte do Mundo, governou Amalaſunta aquelles vaſtiſſimos Eſtados com prudencia, juſtiça, valor, e ſabedoria, que naõ promettiaõ pouco mais de vinte e cinco annos, que tantos contava no principio da ſua Regencia, naõ ſendo inferior gloria deſta Heroina conſervar unidas as duas Naçoens dos Godos, e Romanos, por natureza oppoſtos, nas leys contrarios.

Pouco mais de dous annos ſe criou o Principe no dominio da Mãy, e diſciplina dos Meſtres, porque logo ſe lhe oppuzeraõ tres Godos na authoridade Miniſtros, nas peſſoas illuſtres, e na milicia ſoldados, dizendo: „Que „ vinhaõ a pedir lhe entregaſſe o Principe, que „ já tinha em dez annos completos, idade capaz „ ao manejo dos cavallos, e exercicio das armas, „ que eſtas foraõ as ſciencias, com que ſeu Avô „ conquiſtára as Coroas, com as quaes vivo dila„ tára ſeus dominios, morto honrava ſuas cinzas, „ deixando na poſteridade em ſeu nome illuſtre „ Epitafio: e ainda agora ſe conſervava reſpeitado „ aquelle Imperio na fé de ſeus ſoldados, teme-

roſa

„ roſa a voz de ſeus exercitos, porque ſempre „ numerára pelas batalhas ſuas victorias. Que os „ ſoldados ſe faziaõ valentes na eſcola de Mar- „ te, em que ſe perdia o medo à morte no deſ- „ prezo, com que ſe antepunha na cauſa da hon- „ ra a propria vida, porque aos peitos de Bel- „ lona ſe nutriaõ os coraçoens conſtantes em ani- „ mos deſtemidos, pois nunca ſe criára na pa- „ leſtra litteraria da Deoſa Pallas com obediencia „ temeroſa da palmatoria, ſoberania temeraria „ aos horrores da campanha. Finalizáraõ a ſua propoſta com deſattençaõ, que parecia zelo, e era motim, dizendo: „ Que naõ queriaõ Princepe, „ que lhes déſſe as leys com a maõ na penna, ſe „ naõ com a eſpada na maõ.

Foy neceſſario todo o coraçaõ de Amalaſunta a ſoffrer valeroſa, e diſfarçar prudente a injuria da Mageſtade ultrajada na demaſia daquelles vaſſallos; mas ſem alterar o ſemblante, que ſenaõ olhava ſem veneraçaõ, entregou o filho, agradecendo o zelo para melhor vingar o aggravo. Naõ tardou o caſtigo diſfarçado como pirola, no ouro de honrados governos, a que promoveo os tres Godos cabeças de motim, ſeparados em diferentes Provincias; e ignorantes do juſtiſſimo ſentimento da Mageſtade aceitáraõ, credulos na confiança de ſeus grandes ſerviços, por premio, o que depois continuáraõ no conhecimento de ſuas culpas em merecido deſterro, moderada vingança.

Era Amalaſunta naturalmente piedoſa; mas taõ ſevera nas palavras, que ſe tinha por menos ſenſivel tolerar o caſtigo, que ſofrer a reprehençaõ. Naõ julgava trabalhoſo o pezo da Monarquia, mais que na preciſa obrigaçaõ de ſentenciar à morte os delinquentes, inclinando-ſe mayormente à piedade, ſem já mais faltar à inteireza da juſtiça; e foy a primeira, de quem ſe refere eſtabelecèra por ley darſe ſepultura a todo o Reo, que por juſtiça padeceſſe morte; acçaõ à humanidade grata, à religiaõ decoroſa.

Logo com affagos, e caricias de Mãy tornou a conciliar a vontade do filho já depravada nos conſelhos, e peyores coſtumes dos Ayos, e ſogeito aos rudimentos da primeira educaçaõ vagava o tempo no exercicio das letras, atè que chegàraõ os annos, em que a prudencia ſuppoem capacidade para o governo, que Amalaſunta depoz liberal, o filho aceitou obediente, continuou grato. Só tres annos durou Athalarico no Dominio daquelle Imperio, acabando com ſaudades da patria de deſaſete annos, na era de Chriſto de quinhentos trinta e quatro. Foy naõ vulgar o ſentimento da Mãy, e vaſſallos, encarecido nas grandes prendas, e poucos dias de Principe taõ benigno, que na paz ſe moſtrava prudente, imitando, depois o exemplo de ſeus antepaſſados: ſeria na guerra, como bem moſtrava, de animo valeroſo, coraçaõ intrepido. Obrou primeiro em

Amala-

Amalaſunta o juizo, que o tempo, no ſenſivel golpe, com que a Parca cortou em huma vida tantas felicidades, e eſperanças; ameaçava mayores ruinas. E enxutas as lagrimas, tomou poſſe do governo, ſem haver alteraçaõ nos Eſtados porque a mudança era accidente, e naõ ſubſtancia.

Achava-ſe aquelle Imperio ſem mais ſucceſſor Varaõ, que ſeu Primo Theodato, filho de Amalafreda, Irmãa de ſeu Pay Theodorico. Tinha-ſe oppoſto o Principe Theodato à Tutoria de Amalaſunta, que ſobindo ao Throno, e regencia, vingou a contradicçaõ com juſto ſentimento, e fazendo-ſe de oppoſto inimigo declarado, ainda o conſiderava pelas qualidades da peſſoa, unico para ſucceſſor, para eſpoſo ſingular. Conſultava eſte penſamento na grande comprehenſaõ de ſeu prudente juizo diſcorrendo: Que o delito em Theodato fora quaſi capital, mas o ſangue pulſando nas veas da meſma aſcendencia em beneficio de homem tamanho, atropellando a inteireza da juſtiça ſentenceára como em cauſa propria, menos rigoroſo em o deſprezo das leys, naõ menos intereſſado na honra das virtudes. Que ſogeitarſe voluntariamente Vaſſalla ao meſmo, de quem era ſem dependencia natural Senhora, ainda em coraçaõ menos nobre, e mais offendido, era attençaõ para o mayor rendimento, eſtimulo ao mais grato obſequio. Que naõ ſeria prudente juizo eſperar de hum Principe, como era Theodato, aceitaſ-

aceitaſſe a maõ de Eſpoſo para vingarſe acautelado inimigo, quando ſe podia negar à infamia, quem ſabia, como elle, ganhar honra.

Vencida Amalaſunta de ſeu errado conceito offereceo a Theodato o Throno, e a Coroa daquelle Imperio; e celebrados os deſpoſorios com a mayor grandeza, que nas Cortes introduzio a vaidade por argumento da Soberania, naõ tardou em deſcobrir a tirania do coraçaõ mal affecto às heroicas virtudes de Amalaſunta, reſtituindo à Corte os tres Godos, parentes no ſangue, parciaes no odio, inſtrumentos na vingança. Naõ alterou eſta novidade a firmeza daquelle animo em toda a fortuna conſtante, ſem deixarſe levemente conhecer, entendia o aggravo, diſſimulava a juſta queixa em taõ barbaro procedimento, que pouco depois creſceo mais na infamia de ſeu deſterro, ſendo levada com groſſo preſidio a huma Ilha por nome Lago Vulſinenſe, aonde padeceo a morte huma das mais famoſas Heroinas, que teve o Mundo, produzio a fecunda natureza, lamentou por muitos ſeculos a ſua patria; e agora ſe faz neſta abreviada eſcritura ſaudoſa ſua memoria. Foy poderoſo o odio a tirar-lhe a vida, mas naõ obſtaculo a lavrar-lhe a poſteridade em melhor ſepultura mais ſoberbo Epitafio à illuſtre fama de ſeu claro nome, eterno monumento a taõ Catholicas cinzas, exemplares virtudes. Igualou o ſentimento na morte de Amalaſunta a fama, com que ſe referiaõ no Mundo

Mundo as acçoens politicas, e militares da ſua vida, mais fielmente encarecidas no temor dos Francezes, que vencèra morto ſeu Pay Theodorico deixando em porfiada batalha huma glorioſa vitoria. Eraõ os inimigos os melhores Croniſtas de ſuas heroicas façanhas, e contando huma a huma as virtudes pelas vitorias, referiaõ o deſtemido valor, com que vencèra os Bergundos, e Alemaens, lançando fora a eſtes de Liguria, àquelles de Italia. Ouvio na Grecia o Emperador Juſtiniano, primeiro deſte nome, com juſta indignaçaõ a deploravel noticia de ſua cruel morte, porque venerava em Amalaſunta as acçoens, de que naſcéra mais illuſtre progenitora; e fazendo-ſe parcial no ſentimento vingou a tyrannia de Theodato com huma dilatada, e viva guerra, em que foy vencido, e pelos ſeus morto cruelmente, deixando na breve eſcritura de ſeu nome perduravel memoria de taõ vil infamia.

II.

ANASTASIA Romana.

EM a Cidade de Roma cabeça do Imperio Romano, mais illuſtre pelos triunfos dos ſeus Martyres, que dos ſeus Emperadores naſceo Anaſtaſia mulher de Publio Valente, Ca-

pitaõ do Emperador Diocleciano, e filha de Pretextato, e Fauſta iguaes nas qualidades do ſangue, que enlaçado pelas arterias das mais illuſtres familias do Imperio lograva nas attençoens de primeira os applauſos de mais antiga. Só na Religiaõ eraõ diſſimelhantes, porque Fauſta ſabendo unir a Nobreza do ſangue com a piedade da Religiaõ Catholica ſe conta no Martyrologio Romano entre o numero dos Santos. Creou Fauſta a ſua filha Anaſtaſia com os diſvellos de unica, mas ſem as demazias de Romana, que a natural inclinaçaõ à piedade em poucos annos deo naõ vulgares argumentos da fé robuſta, com que ſe havia de coroar Martyr. Deolhe por Meſtre hum Cavalleiro Romano, por nome Griſonogo, Varaõ douto, e Santo, que enſinando-lhe as letras, e virtudes, o imitou naõ menos em as virtudes, que nas letras, das quaes ainda nos ficáraõ a furto das cinzas, com que nos ſepultou a antiguidade mais qualificadas memorias, humas Epiſtolas eſcritas ao Santo Meſtre, prezo pela confiſſaõ da Fé, cheyas de eſpirito, e valor Chriſtaõ, animando-o ao Martyrio, que ella tambem padeceo deſterrada na Ilha Palmaria aos vinte e cinco dias do mez de Dezembro, anno de Chriſto de trezentos e hum. Antonio Poſſevino no ſeu Sacro Apparato a eſcreve entre os Eſcritores Eccleſiaſticos.

III.

III.

ARTEMISA Rainha.

CElebrou a antiguidade com o nome de Artemiſa a duas famoſas Rainhas de Caria, que muitos Hiſtoriadores erradamente attribuiraõ a huma ſó as acçoens, que baſtavaõ a ennobrecer muitas heroinas: mas ſem encarecermos a diligencia em beneficio da verdade, contados tantos ſeculos, que paſſáraõ a extinguirlhe com as cinzas as memorias, tiramos a confuſaõ a limpo, e eſcrevemos de Artemiſa, Rainha de Caria, primeira deſte nome, filha de Ligdamis, e mulher de Alicarnaſo, que floreceo pelos annos de Chriſto de quatrocentos, e oitenta, o primeiro da Olimpiada ſetenta, e nove.

Era de taõ agudo engenho, e prudente juizo, que foy acreditado muitas vezes na paz, e na guerra. O poderoſo Xerxes a conſultava principalmente nas emprezas militares, e ſempre levava no ſeu parecer anticipado o triunfo no conſelho, o acerto na execuçaõ. Naõ achamos eſcrito as acçoens dos primeiros annos deſta heroina atè a famoſa batalha naval, em que Xerxes foy vencido pelos Gregos junto de Salamina. Neſta naval batalha ſe achou Artemiſa em ſoccorro de Xerxes; e contra o voto

dos ſeus Generaes foy o ſeu parecer infeliz pronoſtico, anticipada profecia. Achava-ſe no porto de Salamina a Armada do inimigo, que Xerxes buſcava poderoſo; e tendo Artemiſa votado ſenaõ buſcaſſe aqui, os Generaes Perſas defenderaõ porfiadamente o contrario, e ſe deo a batalha, que perderaõ ſoberbos, e lamentáraõ huns mortos, outros vencidos, e quaſi desbaratados: porém Artemiſa ſe houve taõ valeroſamente em todos os accidentes da peleja, que Xerxes levantando os olhos ao Ceo exclamou dizendo: Oh Jupiter que das mulheres fizeſtes homens, e dos homens mulheres! Aſſim elogiou aquelle Principe o valor, e arte militar deſta heroica mulher, que neſta facçaõ entre a diſgraça de vencida mereceo acclamaçoens de vitorioſa, encarecendo todos a militar induſtria, com que ſoube livrar-ſe de ficar morta, ou ſer priſioneira. Daremos do ſucceſſo abreviada relaçaõ.

Vendo Artemiſa vitorioſos os Athenienſes, ſem perder o acordo na diſgraça dos Perſas, mandou logo abater o eſtendarte de Xerxes, que levavaõ todas as náos da ſua Armada; e para melhor ajudar o engano, e livrar-ſe de hum navio Athenienſe, que lhe fazia mais força, acometeo outro dos Perſas taõ vigoroſamente, que metendo-o a pique fez entender aos inimigos ſeria algum navio da ſua eſquadra. Capitaneava a náo dos Perſas Damaſithymo Rey de Calinda, e feudatario de Xerxes, de quem Artemi-

ſa

ſa andava queixoſa; motivo, que fez mais celebre o ſucceſſo, tornou mais glorioſo o triunfo. Morreraõ todos com Damaſithymo, huns em o conflito, outros em o naufragio, accidente, que deo ocaſiaõ, a que os Perſas credulos, de que era navio dos Athenienſes encareceſſem os perigos da vitoria em beneficio das acçoens de Artemiſa: e os Athenienſes imaginando, que era navio dos Perſas deixàraõ por ocioſa a empreza, e celebráraõ como propria a fortuna do vencimento; e veyo Artemiſa em huma ſó acçaõ a triunfar duas vezes, porque deſpicando-ſe de hum inimigo, evitou ficar priſioneira de outro. Conheceraõ os Athenienſes o engano, e aggravados, de que huma mulher lhes fizeſſe a guerra adminiſtrando eſtorvos à vitoria, promettèraõ huma quantia grande de dinheiro, aquem lhe entregaſſe Artemiſa viva, ordenando a todos os ſeus Capitaens procuraſſem a troco das vidas deſempenhar com a ſua prizaõ as injurias da honra. Tal era o brado, que dava a fama deſta illuſtre mulher entre os ſeus inimigos, que ainda vencedores julgavaõ em menos o triunfo, que a ſua prizaõ, temeroſos do ſeu valor; de que tanto mais confiava Xerxes, que perdida a batalha lhe entregou os filhos, para os conduzir a Efezo ſeguros, de que ſaberia defender-lhe as vidas, conſervando-lhe as liberdades, quem deſprezando os intereſſes da guerra pelejava ſó como auxiliar da honra, fazia dos perigos util comercio para os triunfos.

Naõ

Naõ foy menos celebrada a induſtria militar, com que ſe fez Senhora da Cidade de Latmos, Naçaõ naõ menos barbara, que bellicoſa. Teve todas as qualidades de hum valeroſo Capitaõ, vencendo com induſtria, o que naõ podia conquiſtar com as armas. Daremos aqui a lér em emprezas naõ vulgares, naõ leves argumentos das militares maximas, que adiantàraõ a gloria da ſua fama, perpetuou na poſteridade ſeu illuſtre nome, ſem que as cinzas apagaſſem nas ſuas acçoens os Caracteres, triunfando do tempo com injuria dos ſeculos na perpetuidade dos bronzes.

Occultou Artemiſa naõ longe da Cidade os Soldados mais valeroſos do ſeu exercito para eſta interpreza; e acompanhada de luzida comitiva, fez jornada ao ſom de muitos inſtrumentos a hum famoſo Templo, que eſtava diſtante da Cidade ſette eſtadios, dedicado a Cibelles Mãy dos Deoſes, fazendo crer aos Latmos, com a Mageſtade de concurſo taõ feſtivo caminhava de paz a offerecer-lhe ſacrificio, a que todos concorreraõ deſarmados, ſervindo de mayor culto ao voto, depois de mayor vangloria ao triunfo, vendoſe a hum meſmo tempo livres, e cativos. Voltàraõ as eſpias ao campo da emboſcada com a noticia dos poucos defenſores, que vigiavaõ a Cidade, que logo aſſaltàraõ, e renderaõ cedendo o valor ao engano, e os que naõ puderaõ ſer vencidos com as armas de Bellona, cativaraõ com os ſacrificios

crificios de Cibelles. Chegàraõ as vozes do triunfo ao lugar do mentido ſacrificio, enganoſo culto, que Artemiſa ouvio com ſemblante alegre, os ſeus o celebráraõ com demonſtraçoens feſtivas.

Creſcia com as vitorias o temor, e inveja dos vizinhos, e diſtantes; mas parecendo aos Rhodios pequeno brado a ſeu valor as acçoens, de que a fama formava os elogios de Artemiſa, com deſprezo ao ſexo determinàraõ entre ſi encontrar-lhe os paſſos, impedindo-lhe os progreſſos. Em breves dias lançàraõ ao mar huma poderoſa Armada, que dando à vela com as proas em a Cidade de Alicarnaſo tomaraõ aquelle porto ſem oppoſiçaõ no deſembarque dos Soldados, muniçoens, e artificios de guerra para hum dilatado cerco. Correo a noticia pela Cidade encarecida na confuſaõ do povo, e temor dos fracos, chegou á prezença de Artemiſa, que ſem alterar o ſemblante, ou perder o acordo na repentina invazaõ do inimigo, começou a prevenir-ſe para o aſſalto diſpondo, e repartindo a gente de guerra pelos lugares da muralha com tanto ſocego, e diſciplina, que mais parecia diſpoſiçaõ para o triunfo, que receyo temeroſo do vencimento; no ſemblante ſe deixavaõ ler os ſinaes, que prediziaõ a vitoria.

Naõ achamos eſcrito os ſucceſſos particulares deſta guerra, naõ ſem culpavel ingratidaõ dos Hiſtoriadores filhos de taõ honrada patria,

que

que devendo-lhe a fama, que os illuſtra, lhe negáraõ a memoria nas acçoens, que a eternizaõ. Porém, ou foſſe deſcuido com os eſtranhos, ou deſpreſo em os naturaes, ſe já naõ foy que o tempo apagando as memorias, ſepultou as acçoens de Artemiſa; referiremos com tudo a pezar dos ſeculos em beneficio de ſua heroicidade huma acçaõ, que ſobeja a perpetuarlhe o nome.

Ordenou Artemiſa a ſeus Capitaens, que fingindo ceder ao valor inimigo os deixaſſem na poſſe de huma parte da Cidade. Os Rhodios attribuindo a fraqueza, o que era ardid, e certos na vitoria cahiraõ promptamente no engano, porque reforçando o combate com a gente, que guardava os navios de guerra, e tranſporte da Armada, na mayor força do combate ſahio Artemiſa da Cidade com grande numero de Soldados por huma porta, que havia para o mar, onde ſe achavaõ promptos alguns navios ſeus para aquella expediçaõ. Deraõ repentinamente ſobre a Armada do inimimigo, que renderaõ ſem reſiſtencia, alcançando vitoria ſem oppoſiçaõ, deſpojo ſem mortandades. Repartidos pelas naos dos Rhodios os Soldados de Artemiſa com horas taxadas ſe póz toda a Armada de Verga dalto com os viveres, e petrechos neceſſarios á invazaõ premeditada. Deraõ às velas, deixando os inimigos certos no ſeu perigo, duvidoſos no alheyo, vendo navegar ſobre a Patria aquelle braço ſempre vence-

vencedor, nunca vencido. Aviſtando Artemiſa a Ilha de Rhodes mandou embandeirar todas as naos da Armada, que navegando com as velas ſoltas, e tremulos os eſtendartes davaõ alegres indicios de vitorioſos: tomàraõ o porto, e com a meſma felicidade fizeraõ o deſembarque. Naõ deo a alegria lugar ao diſcurſo para fazer livre reparo na grande brevidade, com que ſe executàra empreza taõ difficil, facçaõ taõ arriſcada, qual era levar huma Cidade por eſcala, e força deſcuberta. Deixaraõ-ſe enganar os olhos conhecendo os navios pelo caſco, a naçaõ pelo eſtendarte.

Credulos os Rhodios, de que eraõ os Pays, parentes, e amigos, que voltavaõ de Alicarnaſo, ſahiraõ deſarmados a congratularſe na vitoria com os ſeus, que já a eſte tempo ſaltavaõ em terra com as armas na maõ, e começando a ferir nelles ſem piedade, às vozes de huns accodiaõ os outros, ignorando na confuzaõ o perigo, no temor o remedio. Travou-ſe a peleja ſoccorridos com gente armada, e Artemiſa ſem perder tempo, foy ganhando campo, e entrou com elles de volta na Cidade. Aqui foy o mayor perigo no mayor eſtrago, porque ſe defenderaõ deſeſperadamente entregando as vidas, por libertar as fazendas, os filhos, e as mulheres: foy larga, e cuſtoſa a reſiſtencia, mas declarando-ſe a vitoria pela parte do esforço, em breves horas ſe vio Artemiſa no throno de huma das mais famoſas Cidades

do Mundo. A cobiça igualou o eſtrago, e ficaraõ os Soldados ricos com o deſpojo. Artemiſa, que ſó pelejava pela gloria do triunfo, reſervou para ſi os aplauſos da vitoria, mandando erigir em duas eſtatuas eterno padraõ a taõ formoſo dia, publica eſcritura de taõ honrada, e glorioſa façanha. Viaõ-ſe no meyo da Praça duas eſtatuas de bronze primoroſamente lavradas, de que huma era huma bem tirada figura da Cidade; na outra ſe venerava a imagem de Artemiſa com a maõ direita eſtendida apontando com o dedo para a que eſtava contraria, acçaõ, que fazia ocioſa qualquer inſcripçaõ literaria para explicar o ſignificado, ou fazer mais publico o ſentido. Naõ achei eſcrito o fim dos Rhodios, que ficavaõ empenhados na conquiſta de Alicarnaſo, mas podemos ajuizar do esforço de ſeus naturaes, naõ eſcapariaõ huns de mortos, outros de priſioneiros. Naõ ſe deteve na Ilha mais que os dias, em que durou a conquiſta de todo o continente, que deixando com groſſo preſidio ſe fez na volta de Alicarnaſo, onde foy recebida em triunfo celebrando-lhe a patria em huma ſò acçaõ, muitas vitorias.

Referimos eſtas acçoens, como reliquias, a que perdoou o tempo com a deſordem, que ſe achaõ eſcritas em diferentes Authores, por conſervarmos na poſteridade taõ merecida fama. Quizera porém deixar em ſilencio a infelice morte, que padeceo Artemiſa ſenaõ andára vulga-

vulgariſada por melhores penas em mayores volumes. Dizem, que amando perdidamente hum homem natural de Abydos, por nome Dardâno, offendida por ſe ver deſpreſada, lhe tirara os olhos eſtando entregue ao ſono, o que depois ſentira em tanto extremo, que ſoçobrado com a dor aquelle invencivel coraçaõ ſe precipitara de hum altiſſimo rochedo de Leocadia, acabando com humilde fortuna em poderoſa diſgraça. Os Lacedemonios por muitos ſeculos conſervaraõ incorrupta a ſua memoria em huma erigida eſtatua, entre as dos Generaes Perſas no portico levantado aos deſpojos deſta naçaõ, que ſervio com fiel conſelho na paz, ajudou ſem intereſſe valeroſamente na guerra.

IV.

AMALTHEA Sybilla.

AMalthea foy o nome da Sybilla Cumana, que naſcendo natural de Cumis, Cidade de Jònia na Grecia, ou Aſia menor, floreceo em Roma pelos annos do Mundo de tres mil e trezentos ſeſſenta, e quatro ſendo Rey dos Romanos Tarquino Priſco. O Poeta Virgilio, que recolheo muitos de ſeus vaticinios lhe chamou Deiphobe, poetiſando o nome

de Deos Phebo, de quem fora Sacerdotiza, e Profetiza : outros lhe deraõ o nome de Herophila, ou Demophila, de que naſceo a confuſaõ, que ha em os nomes, e naõ menos em o numero. Os Gregos afirmàraõ com menos razaõ, que verdade, que fora huma ſó com muytos nomes. Marciano Capella diz, que foraõ duas, Plinio tres, e Eliano quatro, e outros ajuntaõ mais ſeis, que por todas fazem o numero de dez, de cujo parecer eſtamos, ſeguindo o Doutor Maximo da Igreja S. Jeronymo, e S. Agoſtinho. Sybilla he palavra latina, que ſignifica Profetiza, como diz Suidas; mas outros querem que ſeja Grega, e valha tanto como dizer, chea de Deos, ou do conſelho de Deos, ou annunciadora dos ſegredos Divinos. Amalthea, como diz o noſſo Macedo foy a outava, e a que foy a Roma vender os nove Livros de ſeus vaticinios, a Tarquino Priſco; e pedindo-lhe trezentas moedas de ouro, pareceo a Tarquino exceſſivo o preço, e reſpondeo-lhe, que naõ comprava fazenda taõ cara. A Sybilla queimando tres pedio pelos ſeis, que lhe ficaraõ o meſmo valor, e com igual repoſta padeceraõ igual incendio. Reſtavaõ ſó tres, e pedindo o primeiro valor, que lhe naõ deraõ por todos, vendo o Rey, que eſtava reſoluta em queimallos, determinou entregarlhe as trezentas moedas, julgando-os miſteriоſos pela eſtimaçaõ da Sybilla.

Mandou Tarquino depoſitallos no Capitolio

tolio com toda a ſegurança, e quando ſe havia de em prender, ou obrar algum negocio grave, eraõ mandados ao Capitolio os ſabios Agoureiros a conſultar os Oraculos Sybillinos, que vieraõ os Romanos a eſtimar em tanto, que para ſua guarda deputàraõ quinze homens. Na Coroa de hum monte, da Cidade de Cumis, ſe vé huma Capella, na qual ſe diz, que foy a cova, ou habitaçaõ deſta Sybilla, que profetizando da vinda de Chriſto ao Mundo a veſtirſe da noſſa humanidade, havia de eſcolher para Mãy huma caſta donzella com exceſſo a todas na formoſura dizendo, como refere Macedo: „ Quando Deos mandar do alto Ceo o „ Rey, entaõ dará a terra aos miſeros mor„ taes frutos abundantiſſimos de paõ, vinho, „ e a zeite; o Ceo choverá mel, e correráõ „ mananciaes de leite; o povoado eſtará cheo „ de bonanças, e tudo vivirá em fartura; a „ terra naõ temerá eſpadas, nem tumultos de „ guerra: antes huma alta paz geral florecerá „ nella: os Cordeiros paſceràõ nos montes „ com os Lobos, e os Cabritos miſturados „ com os Leopardos: os Urſos andaráõ com „ os Bezerrinhos: e o Leaõ carniceiro andará „ nos curraes com o Boy: de noute ſe aga„ zalharàõ os Dragoens com os Paſtores ſem lhes „ fazer mal, porque a maõ do Senhor os ha„ de proteger: em tudo humilde amará por „ Mãy huma Donzella pura, que em formoſu„ ra ſe aventajará às outras mulheres. Alegra-te

„ Donzella do ſucceſſo, porque o Creador do „ Ceo, e da terra, que hade habitar em ti, te „ deo taõ ineffaveis goſtos, que durem para „ ſempre, e a luz eterna ficará comtigo. Em Sicilia, aonde morreo, ſe moſtra o lugar da ſepultura de Amalthea, que pintáraõ os antigos com hum livro de ſuas profecias em a maõ eſquerda, e na direita o eſtendarte da Cruz de Chriſto. Querem alguns Authores, que na guerra, que os Romanos chamàraõ Social, e teve principio no anno de ſeiſcentos ſeſſenta, e dous da fundaçaõ de Roma entre Sylla, e Mario, queimado o Capitolio ſe abrazàraõ os vaticinios com o edificio. He porém mais certo, que Auguſto Ceſar entrando no Pontificado os reformou, e acreſcentou; e expedindo Sacerdotes, e peſſoas doutas a Samo, Illio, Erythras, Sicilia, Italia, e Africa para recolherem todas as profecias das Sybillas, que vagamente corriaõ pelo Mundo, ſendo conduzidas a Roma, mandou examinallas, e colocallas em duas urnas de ouro ſobre huma coluna do Templo de Apollo no monte Palatino.

V.

V.

ALVILDA
Princeza.

FOy a Princeza Alvilda filha de hum Rey dos Godos por nome Syvardo. Dotou-a a natureza de igual formoſura, e valentia, mas de tanta vergonha, que os annos, e o pejo ſe contavaõ nella por hum ſó algariſmo, chegando a tanto o exceſſo de ſua natural pudicicia, que largos tempos ſenaõ deixou ver ſem veo no roſtro, izençaõ ao ſexo rara, à belleza injurioſa. Naõ tardou ſeu Pay em fazer mayor o impoſſivel de ſua viſta no barbaro retiro de huma ſolitaria prizaõ, dando-lhe huma vibora, e huma cobra, para que domeſticadas no cuidado vicioſo de as criar lhe ſerviſſem de companhia, quando mayores na crueldade, e fereza de fiel ſegurança, temeroſa guarda. Logo eſtabeleceo huma ley com pena de morte aos que violaſſem o ſegredo daquella Torre naõ ſendo com licença da Mageſtade, que prometia liberal, certo no perigo, dar a Princeza por Eſpoſa, do que arriſcando a vida na morte das ſerpentes conſeguiſſe glorioſa vitoria, fazendo do mais perigoſo triunfo, calificado merecimento, da liberdade de Alvilda ſenaõ merecido, juſto premio, ſingular ſatisfaçaõ.

Divul-

Divulgou-ſe eſta noticia por todo o Reyno com attençoens de novidade, e participada a muitas Provincias chegou à Corte do Principe Alfo filho de Sygaro Rey de Dinamarca, e enamorado de formozura, que merecia para ſua guarda os cuidados naõ ſó de hum Rey, e hum Reyno, mas a fereza, e crueldade de duas Serpentes, deſprezado o perigo na confiança de ſeu valeroſo braço, e animo deſtemido, determinou conſeguir a vitoria, ou morrer na empreza parecendo-lhe os inſtantes da demora, tempo que dilatava o conflito, naõ o triunfo. Apreſſou as jornadas com diligencia, que fez mais breve a diſtancia, vencendo em poucos dias largo tempo de cuidados; e chegando á prezença do Rey Godo lhe diſſe quem era, e a que vinha: foy recebido com attençoens da Mageſtade em politico obſequio às qualidades da peſſoa, que mereceo com honras de hoſpede, tratamento de igual.

Sinalou Syvardo dia para o conflito, que o Principe eſperava com impaciencia na tardança de ver a formoſura de Alvilda, e vagando aquelle tempo nos enſayos de huma viva guerra, que naõ tardou a fazer mais celebre o valor de Alfo, ſahio no dia ſinalado pendente de ſeu braço a fama de ſeu esforço; levava ſobre as armas veſtida huma pelle enſopada em freſco ſangue para melhor provocar a ira dos Dragoens, que logo ſahiraõ a buſcar o animoſo cavalleiro, que apoſtado a matar, ou a morrer aſſaltado da

Vibora

Vibora lhe meteo na boca hum ferro, que para eſte fim levava em braza, a fortuna igualou a conſtancia, mas cedeo a porfia para reſpirar em mais dura batalha, porque à viſta do primeiro triunfo enfurecida a Cobra, eraõ taõ fortes os ſybillos, que fariaõ deſmayar outro coraçaõ, que naõ foſſe o de Alfo, que enriſtando a lança a poucos botes lhe abrio outras tantas portas para a vitoria, que vio, e celebrou Alvilda com apreço, que pareceo agrado à peſſoa, e era inclinaçaõ ao esforço. Ouvio-ſe na Corte com exceſſos de alegria, e demonſtraçoens de goſto a cuſtoſa liberdade da Princeza, mais encarecida no evidente perigo, a que Alfo ſe expuzera amante, conſeguira valente. E chegando o Princepe vitorioſo à prezença de Syvardo entre os vivas da plebe, e encarecidos louvores da nobreza, referio a batalha, ſem encarecer o triunfo, ſó lembrou à Mageſtade a promeſſa, porque arriſcàra a vida, e deixàra a patria.

Ignorava a Princeza a condiçaõ amoroſa, e affectuoſo intereſſe, com que o Princepe Alfo ſe empenhára na ſua liberdade, e conhecendo na inſinuaçaõ do Pay a ley, que promulgara em mayor apreço, e eſpecial culto de ſua rara formoſura, inclinada à Fè, e esforço de hum Princepe taõ illuſtre, deo conſentimento aos deſpozorios, que a Rainha ſua Mãy deſvaneceo por odio natural, que tinha a todos os homens, condiçaõ à natureza eſtranha, a hu-

manidade barbara. Vendo a formoſa Alvilda, que a Rainha ſua Mãy lhe afeava o matrimonio por eſcandalozo dezar de ſua honeſtidade, como era de animo varonil, ajuſtando algumas Donzellas de igual valor, a quem fez parciaes na reſoluçaõ heroica de deixar a patria, e ſeguir no exercicio das armas a fortuna dos loucos, em breves dias com ſegredo igual à heroicidade ſe negaraõ aos olhos dos parentes, e Alvilda aos de Alfo, que deixaremos com a noticia de ſua auzencia, vagando pelo Mundo, conſtante em a buſcar, e felice depois em a merecer.

Diſcorreo aquella volante companhia por lugares taõ remotos da Patria, que a diſtancia occultou por muitos annos ao Principe Alfo a ſua noticia; e exhauſtos os theſouros, que levavaõ ſe converteo em quadrilha de ſalteadores, aquelle eſquadraõ nobiliſſimo de Donzellas, procurando o ſuſtento com violencia, que parecia furto, e era neceſſidade. Neſte vicioſo trato, e vil exercicio continuáraõ o ſeu voluntario deſterro na primeira conſtancia, com que emprenderaõ a liberdade em mais penoſo cativeiro; e paſſando o mar Gothico em diſtancia de muitas jornadas, encontràraõ hum exercito de ſalteadores, que celebrando com marciaes ſentimentos a morte de ſeu General, eſtimàraõ o ſocorro mais pela qualidade, que pelo numero, porque logo Alvilda começou a obrar acçoens taõ dignas de melhor fortuna, que namorados

de ſeu

de ſeu esforço, e gentil diſpoſiçaõ lhe entregáraõ o governo da quadrilha, que ella aceitou facil, e dezempenhou valeroſa. Lamentáramos com juſto ſentimento a relaçaõ particular das acçoens de Alvilda, que apagou o tempo no diſcurſo de dilatados ſeculos, em que floreceo, ſe em melhor guerra foraõ obradas taõ illuſtres façanhas: mas nós em beneficio de ſua rara honeſtidade em vida taõ licencioſa diremos ſem nota de encarecidos, que naõ ficou devendo nada à honra, quem tantas vezes expoz a vida na ſua defenſa.

Corriaõ os annos de Chriſto de outocentos e ſincoenta, quando o Princepe Alfo teve certa noticia dos perigoſos, mas illuſtres ſucceſſos da formoſa Alvilda, que ſempre diligenciou na firmeza do primeiro affecto; e ajuntando poderoſa Armada com Soldados da ſua milicia, que no esforço, e fortuna do General levavaõ na contingencia da batalha a certeza da vitoria, dezembarcou em hum Porto junto dos Firmos, povos maritimos daquella regiaõ, que ſe fez memoravel pelo triunfo famoſo, com que Alfo deſtruio aquelle exercito, que a formoſa Alvilda governava, como deſtro Capitaõ, e agora defendera valeroſo Soldado mandando, e pelejando com tanto acordo em todos os perigos, que ſeguindo a fortuna a parte do valor, que nos ſeus faltára, como homens, que da guerra ſó dezejavaõ o util, que naõ houve Soldado, que em taõ baixa ſorte naõ in-

vejaſſe a honra, que Alvilda neſte dia ſoubera ganhar, dezejando mais verſe na diſgraça de prizioneiro, que na fortuna de vitorioſo. Foy a batalha porfiadamente ſanguinolenta, accidente, que fizera menos glorioſa a vitoria, ſe Alvilda levemente perigára, porque dos ſeus naõ eſcapàraõ alguns de mortos, muitos de priſioneiros, poucos de feridos.

Celebrou-ſe o triunfo daquelle dia, como ultimo da perigrinaçaõ de Alfo, e primeiro de ſuas vodas, que Alvilda em deſempenho de taõ fino amor, naõ duvidou acreſcentarlhe a felicidade, dando com palavras de futuro pleno conſentimento ao deſpozorio, ditoſo fim a ſeu heroico deſterro. Compoſta aquella formoſura dos adornos, que fazem conhecer o ſexo, ſem deſmentir a natureza com o traje, e recolhido o trem do exercito, ſe embarcou na Capitania, que levando a ancora, e a ſeu exemplo toda a Armada, ſe fez na volta do mar com as proas em Dinamarca, onde ſe celebràraõ as vodas com as demonſtraçoens de grandeza, com que ſe faz reſpeitada na Europa aquella Monarquia; fazendo o povo, e Corte com gallas, e feſtejos mais plauſivel aquelle dia, naõ ſem pronoſtico fatal do felice parto, com que Alvilda dentro de hum anno deo a Dinamarca em Garitha huma virtuoſa Princeza, e atenuada na poſteridade a geraçaõ real, huma excellente Rainha.

VI.

VI.

ARETHAPHILA Princeza.

ARethaphila mulher do Princepe Fedimo, e filha de Aeglator, floreceo em Cyrene ſua patria pelos annos de ſettenta, no primeiro ſeculo da era de Chriſto, e reinando Mitridates, a quem fizeraõ mais illuſtre as calamidades da patria, que as grandes prendas, com que a dotara liberal a natureza. Era formoſa ſem o dezar de neſcia, de juizo claro, animo forte, e eloquencia grande, qualidades, que ainda repartidas ſe fazem eſtimadas, e ſervindo de eſtimulo ao amor de Nicocrates tyranno de Cyrene ſe cazou com Aretaphila pela morte de ſeu eſpozo Fedimo, que foy morto com outros muitos Cidadãos por engano, e deſconhecimento da peſſoa; mas ſenaõ o diſtinguio o golpe na crueldade, ſeparou-o a nobreza na ſepultura. Com humas meſmas lagrimas chorava a Princeza a morte de Fedimo, e as tyrannias de Nicocrates, que violentamente recebera por ſegundo marido; e reſoluta em beneficio da Patria a darlhe veneno para vingar de hum ſó golpe tantas mortandades, penetrados os ſegredos de ſua reſoluçaõ por Calvia mãy do tyranno, foy condenada à morte, de que ſou-

be livrar-ſe defendendo a ſua cauſa taõ douta, e ſabiamente, que deſmentindo a ſoſpeita, tornou a conciliar o agrado de Nicocrates, vencendo com a ſabedoria a crueldade.

Com mais prudente conſelho, e efficaz conſpiraçaõ ſuggerio a huma filha ſua cazada com Leandro (Cavalleiro a quem o valor fazia capaz da empreza) lhe aconſelhaſſe a morte do tyranno, porque na ſua diſgraça lavrava degraos mais honrados para a Coroa, que lhe negàra a fortuna, que agora podia melhorar por ſangue, e merecimento. Correſpondeo o ſucceſſo felizmente ao penſamento; e ficou Leandro pela morte de Nicocrates coroado Rey na obediencia daquella Monarquia, que reſpirou breve tempo no dominio, que naõ ſoube conſervar, ſuccedendo hum tyranno a outro tyranno, que tambem foy morto por conſpiraçaõ de Aretaphila, a quem o povo adorava divindade, e agora queria o governaſſe Rainha; mas negando-ſe ao governo, conciliou na izençaõ mayor Imperio nos coraçoens, dos que governara vaſſalos, e eſtimava naturaes, moſtrando, que fora piedade, e naõ comercio arriſcar a peſſoa na cauſa da innocencia, e recolhida em hum Moſteiro de Virgens, em que morreo religioſamente, era conſultada de toda a Monarquia, cujas reſoluçoens ouviaõ com atençaõ de ſuperior, executavaõ como deciſaõ de oraculo.

VII.

VII.

ARCHIDAMIA natural de Eſparta.

EM a Cidade nobiliſſima de Eſparta, celebre pelo memoravel cerco de Pyrrho, ſegundo Alexandre em valor, e fortuna, floreceo pelos annos do Mundo de quatro mil, e novecentos, huma illuſtre Matrona por nome Archidamia, a quem a Patria devendo toda a fama de taõ eſclarecida memoria, naõ lavrou em ſeus Annaes immortal epitafio a ſuas heroicas acçoens, e nobres cinzas: mas naõ foy baſtante a ingratidaõ de ſeus hiſtoriadores a deſcobrirmos em alhea hiſtoria, por eſcaça noticia, huma taõ famoſa lembrança. De ſua origem daremos abreviada relaçaõ para mayor intelligencia de taõ decantada vitoria.

Morto o Rey dos Lacedemonios ficaraõ por immediatos ſucceſſores à Coroa Cleomyno, e Arëo, que foy eleito de commum conſentimento da nobreza, e povo de Eſparta. Cleomyno ultrajado de ſe ver preferido, chamou em ſeu favor o Rey dos Epirotas por nome Pyrrho, querendo no direito das armas juſtificar a cauſa, que lhe negàra o Imperio, como ſenaõ foraõ os vaſſallos, os que daõ, ou tiraõ as coroas. O ſegredo deſta negociaçaõ deſcuidou tanto

tanto os Lacedemonios, que Arëo ſe achava em Creta capitaneando o ſeu exercito levado em ſocorro dos Corcireos. Chegou Pyrrho a cercar os muros de Eſparta primeiro que os Lacedemonios temeſſem o perigo na vizinhança de inimigo taõ guerreiro, ſempre vitorioſo. O temor igualou a confuzaõ, com que huns a outros referiaõ a noticia do cerco, chegada de Pyrrho, e numeroſo de ſeu exercito; e julgando-ſe o Senado da Cidade ſem forças para a defenſa, mandàraõ Embaixadores para ſe fazer o acto da entrega, que Pyrrho deferio para o outro dia, mas o deſprezo, com que ſenhoreava a ſua fortuna lhe roubou das mãos eſta vitoria. E voltando a caza de Cleomyno, que vivia no arrebalde, e o eſperava com hum eſplendido banquete ſe foy a deſcançar; e como homem, que naõ temia a fortuna, ou ignorava os contrarios movimentos da ſua roda, paſſou a noute na eſperança de hum formoſo dia, que naõ tardou a moſtrar-lhe infauſto o ſeu pronoſtico, facil a ſua confiança.

Naquella noute determinava o Senado a furto das ſentinellas, mandar todas as mulheres para Creta, eſcrupuloſos nos pontos da honra, faceis nos da liberdade, que ellas depois ſouberaõ defender esforçadamente como principal inſtrumento de taõ glorioſo triunfo, porque divulgando-ſe pela Cidade huma, e outra noticia, que ouviraõ aquellas valeroſas Matronas, como injuria da naçaõ, e do ſexo; Archidamia,

mia, que entre todas ſe fazia primeiro lugar naõ menos pelo ſangue, que pelo valor, entrando pelo Senado com huma eſpada nua em a maõ, fallou neſta ſubſtancia: „ Que deſmayo, „ ou temor cobarde he eſte, ô illuſtre Senado! „ Negaſtes a Coroa deſta Monarquia a Cleomy- „ no, porque em Arêo deſcobrio a voſſa pru- „ dencia mais calificado merecimento em as ac- „ çoens, ou mais robuſto esforço em as empre- „ zas, e quereis fazer agora o voſſo juizo par- „ cial de voſſo temor, dando a hum inimigo, „ que hade ſer tyranno, o que negais por co- „ bardia a hum Principe benemerito? Que dirà „ o Mundo, vendo que Eſparta chea de Ci- „ dadãos ſe entrega, ſem primeiro cuſtar hum „ exercito o ſeu triunfo, hum eſtrago o ſeu ca- „ tiveiro? Por ventura os Epirotas ſaõ de mais „ robuſta natureza, ou de Naçaõ mais guerrei- „ ra, que os Lacedemonios? Provemos o ſeu „ valor, e naõ demos credito a ſuas vitorias, „ ſem medirmos as eſpadas, e as forças; por- „ que ſe morrermos na empreza, naõ podiamos „ eſcolher mais honrada morte, nem ſe vencer- „ mos merecer na poſteridade mais glorioſa me- „ moria. Temos hum Rey em Campanha, que „ naõ cede a Pyrrho em valor, demos-lhe avi- „ zo, entertendo o inimigo até a ſua vinda, que „ naõ tardarà em ſoccorrernos, arriſcando a vida „ por defender os que lhe deraõ a Coroa. E „ quando nos homens falte animo para defende- „ rem a Cidade podem ſeguir o caminho de Cre-

„ ta em lugar das mulheres ; e lendo o nome de
„ todas as que ſe oppunhaõ ao deſterro , e entre-
„ ga da Cidade , concluio dizendo : que eſta-
vaõ taõ firmes em adefender , que tratariaõ co-
mo a inimigos todos , os que naõ ſeguiſſem o
ſeu exemplo , porque haviaõ de ſuſtentar ain-
da depois de mortas o lugar , que defendeſſem
vivas.

Foy tal a efficacia de Archidamia em pro-
ferir eſtas palavras na prezença do Senado , que
baſtou a crearlhe novos alentos naquelles eſpiri-
tos deſmayados , e animos desfalecidos , por-
que reſolutos à defenſa começaraõ logo a for-
mar eſquadroens , preparar armas , abrir foſſos,
e levantar trincheiras com os carros da Cidade
para reprimir o impeto furioſo de vinte e tres
Elefantes , de que tambem conſtava o exercito
de Pyrrho , alem de vinte , e ſinco mil comba-
tentes de pé , e dois mil de cavallo. Toda aquel-
la noute gaſtàraõ as mulheres , e homens inu-
teis à defenſa , em fortificar a Cidade , aſſiſtindo
Archidamia a todo o trabalho, ſem admittir deſ-
canço , nem permittir laxaſſem as forças aquel-
les , que os annos , ou o ſexo faziaõ capazes
das armas , diligencia , que ſe naõ deo ajudou
muito a vitoria. Chegàraõ os reparos à ultima
perfeiçaõ , a que o tempo , e a neceſſidade
dera lugar , e paſſando de hum trabalho a deſ-
cançar em outro , começou a guarnecer aquel-
las pequenas muralhas com prudencia , e diſci-
plina militar , como ſe do berço aprendera
os exercicios da Campanha. Ama-

Amanheceo o dia temeroſo aos fracos, grato aos valeroſos, e ſempre felice a Archidamia, porque ainda na diſgraça de vencida, levava anticipada a gloria de ſer inſtrumento de huma acçaõ, de que todos dezejariaõ ſer os Reos. Com o dia conheceo Pyrrho a oppoſiçaõ dos Lacedemonios, e julgando cautella artificioſa a Embaixada, que tivera, acuſou de leve a ſua confiança, temeridade aquella reſiſtencia; e como era de animo invencivel, e prompto nas reſoluçoens, mandou logo mover o exercito em torno das trincheiras, e dando ſinal para o aſſalto ao ſom de bellicos inſtrumentos, começaraõ cercadores, e cercados a ferir-ſe com porfiada reſiſtencia. Corria de ambas as partes o ſangue, ſem que em muitas horas de combate ſe conheceſſe a que eſforço ſe inclinava Marte com a vitoria, pelejando-ſe, como ſe houvera de ſer aquelle dia o ultimo da guerra. As mulheres humas pelejando, outras acudindo com as lanças ſerviaõ ao eſforço alheo, ſem faltar ao proprio, metendo-ſe no furor da peleja, animando os fracos, e ſervindo aos feridos, ſem horror dos mortos ſe fizeraõ dignas de particular hiſtoria. Archidamia com a voz, e com o exemplo mandava, e pelejava como pudéra fazer o mais deſtro, e valeroſo Capitaõ, naõ havendo neceſſidade, ou accidente, a que naõ deſſe prompto remedio. Pyrrho acudindo a huma, e outra parte, ſem deixar ocioſos os braços, lembrava aos ſeus o nome, que lhes de-

ra o valor, humas vezes para eſtimulo, outras para eſcandalo. Acabou-ſe a peleja com o dia, dando lugar a noute para a cura dos feridos, ſepultura dos mortos, em que entravaõ grande numero de mulheres, que o tempo apagou a memoria dos nomes com os cadaveres. Sahiraõ a deſcançar os combatentes já desfalecidos em as forças com a falta do ſuſtento, mas taõ inteiros em os eſpiritos, que huns a outros acuſavaõ no inimigo a froxidaõ, perdido o medo ao valor, que venceraõ como deſprezàraõ. Só Archidamia, como ſe fora de outra natureza, ſem admittir deſcanço, acudio aos reparos da Cidade, ſervindo a ſeu exemplo as mulheres, e homens innuteis com ſatisfaçaõ tambem valeroſa, ſe menos arriſcada.

Com a primeira luz appareceo o inimigo ſobre a Cidade ſegunda vez armado; e os Lacedemonios perdido o temor, acudiraõ aos ſeus poſtos com obediencia mais prompta a recebellos em as lanças. Travou-ſe a peleja cruelmente ſanguinolenta, que durou por muitas horas, em que os homens, e as mulheres obràraõ acçoens de grande esforço, ſinalando-ſe Chelodonida mulher de Cleomyno, que lhe havia fugido, quando os naturaes o lançaraõ fora da Cidade, e com temor de tornar a ſeu poder, pelejava valeroſamente ſeparada das outras mulheres, merecendo por valente os elogios, que naõ conciliou por impudica. Os defenſores ſobre ſerem poucos eraõ quaſi todos feridos, ſem outros,

que

que lhe ſuccedeſſem no lugar, mas aquelle grande coraçaõ de Archidamia os animava com a voz, e com o exemplo no mayor perigo; quando huma ſetta de maõ ignorada, acertando o cavallo de Pyrrho o levou a terra morto. Foy mayor o ſobreſalto, que o perigo, mas foy baſtante eſte leve accidente para ceſſar a peleja, e celebrarem os Lacedemonios a vitoria. Começavaõ a experimentar a ultima neceſſidade na falta de gente perdida nos aſſaltos, quando chegou a ſoccorrelos hum Capitaõ do Rey Antigono admirando conſervarem os animos inteiros em corpos deſpedaçados. Naõ tardou Arêo poucos dias depois com parte de ſeu exercito conduzido em breves jornadas com a primeira noticia do Cerco.

Recebido com as demonſtraçoens de huma alegria ſem liſonja, entendeo logo em fortificar melhor a Cidade, aſſiſtindo peſſoalmente ao trabalho, exercicio, em que nunca achou menos Archidamia. Com palavras de louvor, e agradecimento merecido a ſeu esforço, e lealdade prohibio às mulheres o uſo das armas, que o fizeraõ com forçada obediencia, naõ deixando de acodir promptamente, e em mayor numero os dias, que durou o cerco em adminiſtrarem as lanças, e as ſettas, e naõ menos os remedios, e ſuſtento aos ſoldados ſempre parciaes no trabalho, glorioſos no triunfo. Principiou a felicidade deſte illuſtre cerco em o esforço de Archidamia, e veyo a acabar glorioſamente na va-

lentia de outra mulher, ſem nome, e ſó conhecida por inſtrumento valeroſo da morte de Pyrrho, que no ultimo aſſalto ganhando huma das portas da Cidade foy levemente ferido por hum ſoldado, e voltando o cavallo, e armas ſobre elle, a mãy, que eſtava de hum telhado vendo o perigo do filho, arrojou ſobre Pyrrho huma telha com tanta violencia, que deſviado o capacete da cabeça, o golpe o privou da viſta, fazendo-o cahir em terra, em que logo foy morto, acabando às mãos de huma pobre velha, hum dos mais valeroſos Capitaens, que teve o Mundo, e celebrou a fama. Correo logo a noticia de ſua morte pelo campo inimigo, com tal eſpanto, que celebráraõ as ſuas exequias com o primeiro ſinal de retirar, deixando nas mãos dos Lacedemonios o corpo de Pyrrho, e mais a vitoria, de que naõ teve a menor parte a famoſa Archidamia como glorioſo principio de taõ felice progreſſo, celebre triunfo.

Sobreviveo eſta Heroina muitos annos a vitoria de Pyrrho, mais aos da ſua fama, ſendo juſtamente venerada daquelle povo pelo valor, e fidalguia de ſua eſclarecida aſcendencia; agora pela memoria de ſua heroicidade, e deploravel fortuna, acabando às mãos dos meſmos, por quem tantas vezes arriſcára a vida naquelle memoravel cerco, devendo-lhe naõ ſó o conſelho na paz, mas a gratidaõ de tantos ſerviços na guerra; padeceo a morte com ſeu neto o Rey Agis em defenſa da juſtiça, e bom gover-

governo da Patria ſempre ingrata aos filhos benemeritos por eſtrella de todas as idades.

VIII.

ARAGNES

FLoreceo na menor Aſia pelos annos do Mundo de mil cento noventa, e nove a famoſa Aragnes, mulher plebea, e filha de hum Tintureiro de lans, por nome Idomonio, a cuja induſtria devemos o uſo de fiar, e o invento das redes aſſim de caça, como de peſca, com que ſe fez celebre o ſeu nome, entaõ pelo beneficio, hoje pela memoria. Soberba com a ſua fama, ſe atreveo Aragnes a competir com a engenhoſa Pallas em publico certame, de que ſahio vencida na arte de tecer, em que Pallas foy a primeira inventora. Foy taõ vehemente o ſentimento de Aragnes, vendo-ſe preferida na competencia, que lançando ao peſcoço hum forte laço ſedeo a morte, de que os Poetas tomàraõ occaſiaõ pela ſemelhança do nome, e ſutileza do fio para inventarem a fabula da Aranha. Dizem, que tivera hum filho chamado Cleſther, que inventàra o fuſo.

IX.

AXIOTHEA Rainha.

HOuve huma Rainha dos Cypros, e mulher de Nicocles, de animo invencivel, e deſtemido coraçaõ, como ſe verá na herocidade, que fez celebre o ſeu nome, mais conhecida ſua nobreza, conſervando na diſtancia de tantos ſeculos ainda perduravel ſua memoria. Era o ſeu nome Axiothea, que deixou livre das cinzas com morte voluntaria em huma acçaõ, que lhe eſtá ſervindo de Epitafio. Reynava no Egypto Ptholomeo primeiro deſte nome, e avizado de huma conjuraçaõ contra elle, celebrada entre o Rey Nicocles, e o Rey Antigono ſeu grande inimigo, e com o ſegredo, que pedia a prompta execuçaõ mandou hum exercito poderoſo, que aſſaltando repentinamente a Cidade, e Palacio de Nicocles foſſe conduzido à ſua prezença com toda a ſua familia vivo, ou morto. Bem deſcuidado eſtava Nicocles, de que o Rey Ptholomeo chegaſſe a penetrar o ſegredo daquella negociaçaõ, quando vio a Cidade ſubitamente invadida com taõ apreſſada reſoluçaõ do inimigo, que ſó lhe deo tempo para eſcolher genero de morte, de que o fazia reo a propria conſciencia, acabando valeroſa-

leroſamente às mãos de melhor verdugo, pois lhe faltavaõ de tyrannas, o que tinhaõ de Reaes.

Eſte exemplo ſeguiraõ os filhos, e parentes cumplices na meſma culpa, querendo evitar mais violenta, e menos honrada morte, fazendo o temor menos ſenſivel a ſentença, de que eraõ os executores; nova crueldade, que inventou a nobreza de ſeu ſangue lavrando anticipada ſepultura a ſeu glorioſo nome, cubrir com humas meſmas cinzas os corpos, e as infamias. Naõ era menos cruel a mortandade em as mulheres perſuadidas por Axiothea a padecerem a morte antes, que hum dilatado, e vil cativeiro, em que menos perigava a liberdade, que a honra, que ſogeitavaõ voluntarias, quando a podiaõ defender valeroſas, deixando no Mundo eſcrito com ſeu ſangue o mais illuſtre epitafio, em que ſe leria na poſteridade a fama de ſeu claro nome, heroica reſoluçaõ, que ſeguiraõ de commum acordo innocentes, e culpados. Junto aquelle varonil eſquadraõ de heroinas, fecharaõ as portas, e janellas de Palacio, e lhe pegàraõ fogo por muitas partes para fazer o incendio mais abreviado. E matando os filhos, ſe deraõ as Mays a morte, ſendo Axiothea quem as animava ao ſacrificio daquelle horroroſo eſpetaculo; e atraveſſando-ſe com huma eſpada ſe lançou em o fogo mortalmente ferida, vencendo a meſma natureza no acordo, com que ſobreviveo ao eſtrago, naõ querendo deixar ao

inimigo para triunfo mais, que as cinzas, que a pezar do tempo conſervaõ incorruptas as reliquias de taõ exemplares memorias dos annos do Mundo de quatro mil, e novecentos.

Celebráraõ os inimigos com differentes affectos as deploraveis mortes de tantas innocentes victimas, ſacrificadas ao amor de ſeus progenitores, e conſortes como, vitoria ſem oppoſiçaõ, guerra ſem peleja, triunfo ſem deſpojo.

X.

ALDEGUNDIS Princeza.

A Princeza Aldegundis naſceo em a Cidade de Hannonia, Condado de ſeu Pay Uvalberto, e de ſua Mãy Bertilia Reys de Auſtracia. Floreceo pelos annos de Chriſto de ſeiscentos, e trinta, naõ menos em letras, que em virtudes, com que mais illuſtrou o real ſangue das veas; devendo ao cuidado de ſeus progenitores os meſtres mais ſabios nas letras humanas, e divinas, em que ſahio eruditiſſima, ſendo frequente na liçaõ da Eſcritura Sagrada com grande proveito de ſeu eſpirito, e admiraçaõ dos mais, com que fez naquelle ſeculo celebre a ſua fama, e neſta abreviada eſcritura, ſua memoria.

Fundou eſta Santa Princeza em Malvodia hum

hum ſumptuoſo Moſteiro de Virgens, dedicado à Rainha dos Anjos, edificio, que enriqueceo com larga maõ até conſumir ſeu abaſtado, e rico patrimonio. E recebendo com o habito de Religioſa o lugar de primeira Abbadeſſa, em que deo naõ vulgares documentos de ſantidade, naõ leves argumentos de prudencia, com que mais clarificou o ſangue illuſtre da Caſa de Auſtria, de que foy preclariſſima aſcendente. Como ſanta celebra a Igreja aos trinta de Janeiro o ſeu natalicio no Martirologio Romano.

XI.

ARNALDA DE ROCAS.

ARnalda de Rocas era natural da Ilha de Chypre, e da Caſa illuſtre dos Condes de Rocas, floreceo pelos annos de Chriſto de mil quinhentos, e ſettenta, em que foy ſitiada, e rendida a Cidade de Nicocia de huma poderoſa Armada de Turcos no reinado de Selin, ſegundo deſte nome, Emperador Othomano. Entráraõ os Turcos a Cidade por força de armas com morte da mayor parte da nobreza: a ambiçaõ igualou a crueldade ficando por deſpojo da ira Othomana vinte, e ſinco mil peſſoas entre mortos, e feridos. Com a noticia da vi-

toria mandava o Baxá em huma náo ao Sultaõ os theſouros de toda a Ilha, que os moradores haviaõ recolhido neſta Cidade com juizo certo que ſeria Tamaguſta a primeira Cidade de ſua eſcala. E embarcando com as riquezas muitas donzellas da mayor nobreza, e formoſura de Chypre, e Nicocia foy tambem como Rainha de todas Arnalda de Rocas, que naõ perdeo o acordo na diſgraça, o valor na eſcravidaõ.

Conſiderando Arnalda caminhava a Conſtantinopla com as mais donzellas para ſervir á laſcivia do barbaro Selin, ſe inflammou de hum eſpirito generoſo, e caſto; e reſoluta a morrer primeiro, que deixar por temor, ou violencia deſpojarſe de ſua virgindade, com venturoſa occaziaõ achou aberto o payol da polvora, e a furto das ſentinellas lhe lançou fogo, pagando o ſeu deſcuido em hum incendio. Acabou Arnalda em melhor fortuna às mãos de ſeu valor, celebrando com as vorazes chamas daquelle incendio as ultimas exequias á ſua patria, eternas emulaçoens a ſua memoria. Incorrupta a fama deſta heroica acçaõ vive em noſſos eſcritos como Feniz renaſcida.

XII.

XII.

ANNA COMNENA

DO Emperador Alexo Comneno chamado o mayor, e da Emperatriz Irene naſceo Anna Comnena, mais illuſtre pela ſabedoria, que adquirio em ſeus grandes eſtudos, com tanto exceſſo, que a liçaõ dos Livros em Anna Comnena era ordinario divertimento, quotidiano exercicio, delicioſa occupaçaõ. Na Filoſofia, e bellas letras gaſtou a melhor parte de ſeus annos, em que ſe fez taõ douta, como bem encarecem, os que leraõ as ſuas obras, que no anno de Chriſto de mil ſeiscentos ſincoenta, e hum fez imprimir com a ſua traduçaõ Latina o Padre Nicoláo Pouſini da Companhia de JESUS. Eſcreveo em quinze Livros a hiſtoria do reinado de ſeu pay o Emperador Alexo Comneno com o titulo de Alexiados, principiando no primeiro de Abril do anno de mil outenta, e hum, em que fora coroado até o dia de ſua morte, que foy aos quinze de Agoſto de mil cento, e deſoito, tendo reinado trinta, e ſette annos, quatro mezes, e quinze dias.

He o que achamos eſcrito em ſuccinta relaçaõ deſta famoſa heroina como reliquias de ſua heroicidade, que naõ poderaõ conſumir os annos, ou ſepultar os ſeculos. Na Biblioteca de

Augsbourg ſe guardaõ os originaes em Grego. Eſchelio publicou, por meyo da eſtampa, os outo primeiros Livros, que muitos homens doutos traduziraõ, outros illuſtràraõ.

XIII.

ANNA FERNANDES.

NA illuſtre Dio, fortaleza dos Portuguezes no Reyno de Cambaya, e famoſo theatro de ſuas vitorias, no cerco dos Turcos, que valeroſamente defendeo o grande Capitaõ Antonio da Sylveira, ſe ſinalou em acçoens heroicas Anna Fernandes conhecida entaõ pelo valor, agora pela memoria do appellido da *Velha de Dio.* Foy mulher do Bacharel Joaõ Lourenço de profiſſaõ Medico. Era natural de Goa, de eſtatura grande, valor mayor, fazendo que a ſeu exemplo as matronas daquelle preſidio ſerviſſem à defenſa; taõ conſtante nos trabalhos, e perigos daquella guerra, que o valor parecia neſta mulher ſegunda natureza. Naõ contente com o trabalho de dia na muralha ajudando a peleja com as lanças, panellas de polvora, e outras armas de arremeſſo, deſprezando os perigos com intrepido coraçaõ, ſe metia no meyo dos Soldados, louvando a huns, e animando a outros. De noute acudia aos reparos da fortaleza, acarretando pedra, acompanhava naõ menos os Soldados nas vigias, e patrulhas, ſervindo

vindo mais, que a neceſſidade, por inclinaçaõ; ſeria exercicio alheyo do ſexo, mas naõ era a ſeu animo eſtranho.

Hum dia ſahindo a vizitar o Baluarte dos aſſaltos, nome, que lhe deraõ os Turcos pelos continuos combates, com que intentavaõ por aqui abrir porta para a vitoria, achou hum filho ſeu de dezoito annos morto, e retirando-o nos braços ſem alterar o ſemblante, voltou outra vez ao lugar do combate moſtrando o meſmo coraçaõ até ſe acabar o aſſalto. Com o triunfo, em que naõ teve pequena parte o ſeu esforço, veyo deſcançar em novo trabalho, fazendo dar o filho à ſepultura mais piedoſa, naõ mais honrada: e como ſe a dor fora eſtranha à natureza admiravaõ todos em Anna Fernandes huma conſtancia, que fez mais celebre a ſua heroicidade, porque enxutos os olhos moſtrou em hum coraçaõ de carne firmeza de bronze, dureza de diamante. Sobreviveo Anna Fernandes a eſte cerco em mais larga vida para dilatar a ſua memoria com o renome da *Velha de Dio* mais illuſtre na tradiçaõ, que em noſſos eſcritos ſempre diminutos em beneficio dos benemeritos.

Dare-

XIV.

SOROR AUTA.

DAremos aqui a ler em mais abreviada relaçaõ, que pedia a fama de ſeu grande nome, as acçoens illuſtres de huma heroina Portugueza, a quem Lisboa, que foy ſua patria negando-lhe mais larga memoria, enriquece na poſteridade com o nome de ſuas virtudes; diſgraça, em que naõ teve pequena parte com os varoens illuſtres, parcial no eſquecimento, emula na gloria. Foy Soror Auta filha de hum Lente da Univerſidade de Lisboa, que o tempo ſepultou com humas meſmas cinzas o nome, e a patria, deſcuido, que lamentamos com igual ſentimento no Pay, e na filha, conhecida em noſſos eſcritos mais pelo nome da Religiaõ, que do baptiſmo; parece, que a meſma fama deſcobrindo em Soror Auta melhores progenitores, que os da natureza, reſervou as acçoens, que lhe deraõ mais illuſtre naſcimento, lavrando com o ſinzel da pena em melhor ſepultura, mais eſclarecido epitafio.

Logo nos primeiros annos deixou conhecer hum raro engenho na facilidade, com que aprendeo as primeiras letras, que ſervem ao eſtudo da Rethorica, e Filoſofia; e ſeu Pay, que admirava no engenho de Auta mayor comprehençaõ, que ſeus annos prometiaõ, reſolveo,

que

que deſmentindo o ſexo com os habitos de varaõ ſerviſſe nas aulas da Univerſidade mais que ao applauſo, ao intereſſe das eſcolas. Em companhia de ſeu Pay continuou por alguns annos a Univerſidade nos eſtudos da Filoſofia, Theologia, e Direito Canonico, em que fez muitos, e luzidos actos com tanto applauſo, que ſe referia por couſa certa, ſer taõ douta como elle, julgando lhe ſuccederia na cadeira, credulos na ficcaõ, com que deſmentia a natureza. E adiantando-ſe a Parca a cortar com huma meſma fouce os progreſſos de Auta, e os dias em ſeu Pay, deſcobrindo o ſegredo de ſua rara honeſtidade, ſempre occulto aos olhos de taõ numeroſo concurſo, chegáraõ os ſeus elogios com o apreço daquella novidade à preſença das Mageſtades reinantes Dom Joaõ o ſegundo, e Dona Leonor, que a mandou conduzir a Palacio, aonde ficou no amparo de taõ ſoberano patrocinio, que mereceo com fortuna, ſoube conciliar com merecimento.

Algum tempo vagou na occupaçaõ de ajudar a Rainha Dona Leonor na reza do officio Divino, e hum dia, que ſe acompanhou de Auta ſahindo a vizitar o Convento da Madre de Deos, de que era fundadora, tocada de maõ ſuperior pedio o habito, que recebeo com beneplacito da Rainha, mais grata aos intereſſes de ſeu eſpirito, que regulados pela capacidade de ſeu grande talento, com anticipado vaticinio a venerava hum exemplar de virtudes, que de-

zempenhou com huma vida penitente. E huma precioſa morte aos vinte, e ſeis de Mayo.

Foy taõ devota de huma das onze mil Virgens, cujas reliquias ſagradas enriquecem aquelle Sanctuario, que na profiſſaõ trocou o nome do baptiſmo pelo de Auta, com que he conhecida em noſſos eſcritos, e ha tradiçaõ, que affirma lhe aſſiſtira protectora na morte, a que na vida imitàra com o nome de Virgem advogada. Deixou compoſto hum devoto Officio, que approvou a Sé Apoſtolica para celebrar-ſe naquelle Convento a Santa Auta no ſeu dia com particular memoria. Era taõ douta, que os mais dos dias era conſultada na Theologia Moral, eſpeculativa dos mayores letrados da Univerſidade; e naõ menos na Theologia Miſtica muitas Religioſas, e peſſoas de eſpirito, cujas reſoluçoens ſe ouviaõ como de Oraculo.

XV.

ARTEMISA Rainha.

NA Provincia da Aſia menor floreceo pelos annos de Chriſto de cento, e trinta a famoſa Artemiſa, Rainha de Caria, ſegunda no nome, filha de Hecataõ, e mulher de Mauſolo. Foy Artemiſa a Rainha de Caria, que mandou erigir por eterno padraõ a

ſeu

ſeu Amor a ſepultura mais celebrada, que atè alli viraõ os ſeculos paſſados, ſem imitaçaõ nos futuros, e ſe conta entre as maravilhas do Mundo em quarto lugar, para digno depozito das cinzas de Mauſolo ſeu Eſpozo, deixando com o nome ſoberbo titulo aos ſepulchros famoſos. Daremos de ſua fabrica abreviada relaçaõ, porque em muitos volumes ſe acha eſcrito com mais elegante pena os primores de ſua grandeza, que baſtàraõ a perpetuar na poſteridade a memoria deſta heroina, incorrupta a fama de taõ ſoberba maquina. Amava com tanto extremo a ſeu eſpoſo Mauſolo, que morto elle por deſafogo do ſentimento mandou lavrar huma ſepultura, que chegaſſe a competir na grandeza a ſeu Amor, igualaſſe na Mageſtade a ſeu poder.

Era de pedra marmore eſte grande edificio, que fazia maravilhoſo a perfeiçaõ da eſcultura, para que foraõ chamados de grandes intereſſes os meſtres de melhor engenho, e arte de todas as partes do Mundo. E ſendo esferica, e pyramidal a figura, no esferico ſe contavaõ quatrocentos, e onze pés, e no pyramidal vinte, e cinco covados. Suſtentava-ſe em trinta, e ſinco colunas de huma ſó pedra cada huma, em poſtura do norte ao meyo dia, e aberto em arcos de ſettenta, e quatro pés de largo. Fazia quatro faces, e ſe deſtribuhio o lavor, e eſcultura de cada huma a quatro inſignes meſtres, que na emulaçaõ venceraõ a arte, merecendo na

poſteridade conſervarlhe com a memoria os nomes. A face, que olhava para o Oriente lavrou Scopas, Briax a do Setentriaõ, Timotheo a do Meyodia, e Leocates a do Poente. Ainda faltava no edificio muita parte de ſua perfeiçaõ, que teve em ſeu complemento, quando Artemiſa cortada mais do ſentimento, que dos annos rendeo o eſpirito a violencias do pranto, que foy continuo, em quanto lhe durou a vida, fazendo-ſe digna de perduravel memoria a ſingular fineza de beber as cinzas, que reſultàraõ dos oſſos de ſeu eſpoſo entregues ao fogo, por beneficio de darlhe em menos ſoberba, mais nobre ſepultura.

Naõ deſcubrio o Amor de Artemiſa menos efficaz meyo de perpetuar o nome de Mauſolo nos eſcritos, que nos marmores, fazendo publicar hum certo premio para os Poetas, que melhor louvaſſem as virtudes deſte Monarca, e ſe ajuntáraõ em publico certame grandes poezias de dentro, e fóra do Reino de Caria. Theopompo natural de Chio levou o premio, que tambem mereceraõ Theodato, e Nacrate de Licia, Poeta tragico, e ambos diſcipulos do famoſo Hiſocrates; conſeguindo Artemiſa dar a ſeu eſpoſo vida mais perduravel nos eſcritos, que nos marmores, de que ha ſó na tradiçaõ o nome de maravilha. Deu a conhecer as virtudes de huma erva, que tomou o nome de Artemija, ou Artemiſa como gratidaõ dos antigos a eſte beneficio commum.

XVI.

XVI.

ANTONIA AUZONE.

ANtonia Auzone, natural de Toloſa, Cidade de França, herdando de ſeus progenitores com o ſangue illuſtre emulaçoens na ſantidade, naſceo aos vinte, e hum de Março, de mil quinhentos, e noventa. Com o ſeu naſcimento honrou naõ menos a patria, que depois com as ſuas virtudes a Religiaõ de Saõ Domingos no Convento de Santa Catharina da meſma Cidade. Foy dotada das prendas, que fazem huma mulher emulaçaõ de Venus, e deſempenho de Pallas, qualidades, que raras vezes ſe encontraõ uniformes, mas naõ poderemos negar à natureza o milagre, ſem deſmentir na vulgaridade a opiniaõ, que para encarecer o dote da formoſura a ſogeitaõ aos vulgares imperios da ignorancia, como ſenaõ fora deſar a eſcravidaõ; querendo com hum meſmo impoſſivel unir os achaques da necedade com os primores da formoſura, como ſe naõ baſtàra à natureza crealla diſcreta para ſer formoſa. Era de taõ vivo, e agudo entendimento, e feliz memoria, que ainda contava poucos annos, e já com admiraçaõ dos que a viaõ repetia os ſermoens pelas formaes palavras, que ouvira imitando os Prègadores nas acçoens, naõ menos, que no eſpirito, que rendeo nas mãos de ſeu Creador depois de grandes mere-

cimentos, ſinaes de que inferimos a predeſtinaçaõ. Deixou-nos em breve eſcritura, dilatada, mas naõ vulgar memoria, pois com a ſua morte ſe fez publico hum pio directorio eſcrito de ſua maõ em pequeno volume para em qualquer acto ſe exercitarem muitas virtudes.

XVII.

ANTONIA RODRIGUES, Portugueza.

NA Villa de Aveiro, antiga, e nobre povoaçaõ do Reino de Portugal, Biſpado de Coimbra, houve huma Donzella por nome Antonia, que naſcendo humilde, morreo illuſtre. O pay ſe chamava Simaõ Rodrigues, homem do mar, e a mãy Leonor Dias, que paſſando com Antonia à Cidade de Lisboa a deixou em companhia de huma Irmãa cazada, para viver em ſua pobreza com menos huma boca. Era a Irmãa de pezada condiçaõ, e vivendo Antonia alguns annos no ſeu patrocinio com obediencia forçada huma vida deſgoſtoſa; de alguns toſtoens, que tinha junto ſahio hum dia de caza, a furto de ſua Irmãa, a comprar hum veſtido dos que uzavaõ no mar os homens da ſua terra, e retirada a hum dos campos de Lisboa, cortou os cabellos, e veſtio os habitos de varaõ com o nome de Antonio Rodrigues. Com a meſma heroica reſoluçaõ em doze annos de

de idade ſe foy as margens do rio, e ajuſtada com o meſtre de huma caravella, que eſtava de partida para Mazagaõ carregada de trigo o foy ſervindo na occupaçaõ de Gurumete, ſem moſtrar temor no exercicio, na pratica ignorancia. Chegou a caravella a Mazagaõ, e achando-ſe na conta do trigo diminuto o algariſmo dos moyos, ſe fez ſoſpeitoſa a fidelidade do meſtre, de que ſe tiráraõ por ordem do Governador hum ſummario de teſtemunhas, em que jurou o Gurumete Antonio Rodrigues, confeſſando a verdade do furto. E temeroſo o Governador da juſta vingança do meſtre, o deixou ficar em Mazagaõ, e com praça de Soldado de pé em poucos dias daquella milicia mereceo ſobre os cuidados de deligente, attençoens de valeroſo.

Aprendeo facilmente a jogar a barra, e todo o genero de armas, exercicio, em que vagava o tempo livre das ſentinellas, Atalayas, e mais obrigaçoens, ſahindo taõ deſtro, que nenhum Soldado o igualava, a todos excedia. Havia hum anno, que tinha aſſentado praça de Soldado de pé, e com dezejo de chegar aos Mouros com mais pezada maõ ſe mudou para a Cavallaria, em que mereceo fama naõ vulgar entre os mais guerreiros, buſcando nos mayores perigos reſpeitos à peſſoa, emulaçoens ao valor, com que ſe fazia taõ amado naõ menos pelo eſforço, que pela gentil diſpoſiçaõ, trato cortez, e affavel, que algumas Portuguezas ſolicità-

licitàraõ o ſeu cazamento, a que reſpondia grato, e diſcreto ſem mover a queixas, nem deixar eſperanças.

Eraõ paſſados ſinco annos de ſerviço naquella praça, vivendo ſempre com recatos de Donzella na licencioſa vida de Soldado, e temeroſo que algum incidente deſcobriſſe o ſegredo de ſua heroica reſoluçaõ, voluntariamente ſe deo a conhecer ao Proviſor do Eccleſiaſtico, que dando parte ao Governador, a obrigaraõ ambos a largar com o exercicio das armas os trages de Soldado, e veſtidos de varaõ. Envejando todos em taõ humilde fortuna, taõ nobre coraçaõ, naõ ceſſávaõ de encarecer a honra, que ſoubera ganhar, menos vencendo tantas vezes o inimigo na campanha, que triunfando da meſma natureza nos vicioſos quarteis da Soldadeſca, virtude, que ſe deve contar neſta heroina por primeira entre outras muitas, que lhe fazem oppoſiçaõ no lugar, força em a primazia.

Correo logo a noticia com admiraçaõ de todos, que a eſtimavaõ Soldado, e agora reconheciaõ donzella, e namorado hum nobre Cavalleiro da honra, que ſe fazia naõ menos celebre pela formoſura, que pelo valor, e diſciplina militar, de que dera naquella praça naõ vulgares provas, a recebeo por mulher; e paſſando à Corte nos primeiros annos do intruſo governo de Felippe Terceiro de Portugal, e Quarto Rey de Caſtella com a relaçaõ de ſeus gran-

grandes ſerviços, authorizados por certidoens, lhe fez merce de duzentos cruzados de ajuda de cuſto, huma fanga de farinha cada mez, e dez mil reis de tença em ſua vida. Outra vez, que paſſou à Corte, foy deſpachada com hum lugar de moço da Camera para hum filho, por nova attençaõ aos meſmos ſerviços. Vivia no tempo do Bacharel Duarte Nunes de Leaõ, que no livro, que imprimio no anno de mil ſeiscentos, e dez da deſcripçaõ do Reyno de Portugal diz, que teria por aquelles annos menos de trinta, e ſinco, contando em poucos de idade, largos ſeculos de merecimento.

XVIII.

ANGELINA DE CORVARIA.

DE Jacob Angiobali, Conde de Marciano, e Anna de Corvaria, tronco illuſtre dos Condes deſte appellido nos Reynos de Sicilia naſceo Angelina de Corvaria, nome, que lhe deraõ no baptiſmo com anticipado vaticinio à perfeiçaõ, com que ſe havia illuſtrar na vida, e coroar na morte. Logo nos primeiros annos, em que moſtrou juizo de mais larga idade, e huma natural inclinaçaõ à virtude, lhe deraõ ſeus Pays ſabios meſtres, de que aprendeſſe com os bons coſtumes as letras hu-

manis. Na latinidade ſahio peritiſſima, ſervindo a ſeu grande engenho para a comprehençaõ da Eſcritura Sagrada, em que naõ teve vulgar ſabedoria, e lhe era quotidiano divertimento, ou a liçaõ, ou a contemplaçaõ. Creſcendo Angelina em formoſura, e diſcriçaõ a pezar dos vagares do tempo, que naõ eſperou a fazer-lhe mais pezado o deſterro deſta vida com os intereſſes do matrimonio, uteis à caza de ſeus Pays, deo a maõ de eſpoza a Joaõ de Tremis filho do Conde de Civitella, com a ſegura, e celeſtial promeſſa de permanecer virgem no eſtado de cazada. Viviaõ os dois conſortes com trato de Irmãos huma vida de caſtos, quando a morte, ſem contar os annos para a laſtima, cortou em Joaõ Tremis os dias com eſperança de idade mais dilatada, deixando Angelina virgem, cazada, e viuva. Já livre dos eſtorvos do matrimonio, como tropeſſos para huma vida Apoſtolica, qual Angelina dezejava fazer, ſahio a pregar na companhia de outras Donzellas aos lugares da Cidade de Civitella, cabeça dos nobiliſſimos eſtados, que herdara de ſeu eſpozo, com que agora ſervia menos à grandeza, que à neceſſidade, eſtimando-os como ſeus, quando os deſpendia como patrimonio dos pobres. O fruto foy igual ao eſpirito, com que reprehendia os vicios, porque muitos obſtinados peccadores primeiro ſe rendiaõ ao exemplo de ſuas virtudes, que à natural facundia de ſuas palavras, autorizadas com lugares da Eſcritura,

de que

de que ſe valia promptamente, como exercicio, em que ſempre vagava o tempo.

Das rendas, que ſobravaõ às eſmolas, e obras pias, edificou na Cidade de Fulgino hum Convento da invocaçaõ de Santa Anna, e com as filhas de ſeu eſpirito, deo principio ao inſtituto da Terceira Ordem de Saõ Franciſco. Foraõ muitos os Conventos, que ſe edificàraõ a ſeu exemplo, propagando-ſe com tanta ampliaçaõ o novo inſtituto, que antes da ſua morte ſe contavaõ dezoito; de que foy eleita Miniſtra Geral com poder de os vizitar a todos por Breve de Martinho Quinto, e petiçaõ da nova Ordem. E chea de mais virtudes, que annos fechou o circulo de ſua idade em a noute de Natal de mil quatrocentos, trinta, e ſinco, contando entre o dia da morte, e o dia do natalicio, que foy no anno de mil trezento ſettenta, e ſette, outenta, e ſinco de largos merecimentos, grandes virtudes, mayores milagres.

XIX.

ALBINA Romana.

HUma das primeiras diſcipulas do Principe dos Patriarcas Saõ Jeronymo foy Albina Matrona Romana, e mulher de Apiano illuſtre, e opulento Senador, que deixan-

do com o ſeculo as riquezas, lhe imitou as virtudes, e aprendeo as letras; mereceo na liçaõ da Eſcritura com os elogios de ſabia mayor nome em ſeus eſcritos de Santa.

He celebrada ſua memoria de outros muitos eſcritores a pezar das cinzas, que no Convento do Monte Olivete na Paleſtina ſepultàraõ ſua fama, mas naõ puderaõ eſcurecer ſem a honra dos epitafios ſeu grande nome, ſangue illuſtriſſimo, e mais puro na piedade heroica, com que fez conſagrar em templo o ſeu Palacio, trocando em caza de oraçaõ hum theatro da vaidade. Foy Albina a gozar da Coroa, que ſe dá no Ceo aos Bemaventurados no anno de Chriſto de trezentos outenta, e ſette, governando a Cadeira de Saõ Pedro o Pontifice Siricio, e o Imperio Romano Valentiniano Segundo.

XX.

AMAGE Rainha.

AMage foy o nome de huma illuſtriſſima Rainha em valor, e emprezas militares, que houve na Ruſſia, entaõ vaſtiſſimo Reyno, hoje poderoſo Imperio. Era Medoſſaco a Mageſtade reinante; e dando-ſe com viciosa intemperança aos licores, com que os homens ſe fazem vitimas de Bacho em os ſacrifi-

cios

cios do copo ; Amage , como ſe naſcera ſó para reinar , tomou o governo , e regeo o ceptro com tanto acordo na paz , valor , e diſciplina na guerra , que entre os Scythas ſe fez celebre a ſua fama , immortal ſua memoria pelo eſtrago fatal , que lamentaraõ por muitos annos , deſprezada a ſua protecçaõ em favor dos Chernocenſes. Daremos em abreviada hiſtoria huma ſucinta relaçaõ de ſua heroicidade contra huma naçaõ taõ guerreira como os Scythas , que penetraraõ , e deſtruiraõ a Paleſtina , moleſtaraõ o Egypto , e governaraõ a Aſia trinta , e dous annos.

Faziaõ os Scythas, ambicioſos de dilatarem o ſeu dominio , moleſtiſſima guerra aos Chernocenſes , e como eraõ menos poderoſos , e corria com temor dos vizinhos o nome de Amage , glorioſo em ſuas vitorias , alcançaraõ facilmente della interpor a ſua authoridade , para que o Rey dos Scythas aceitando tregoas , ſuſpendeſſe as armas. E deſprezando o Rey dos Scythas a protecçaõ de Amage continuou a conquiſta em mais viva guerra. Amage , que era prompta nas reſoluçoens , premeditando huma facçaõ digna da ſua heroicidade , eſcolheo de ſuas tropas cento , e vinte Soldados de mais conhecido valor , e entregando a cada hum tres cavallos com o ſegredo , que pedia a empreza , partio da Ruſſia à Scythia , e caminhou em huma noute mil , e duzentos eſtadios. Era madrugada quando Amage chegou a Scythia , e ſem

dar deſcanço algum a cavallos, e Soldados, reconhecendo o perigo, a que ſe tinha expoſto com taõ poucos defenſores; com o meſmo impulſo da marcha deo ſobre o Palacio Real, e paſſaraõ huma meſma fortuna innocentes, e culpados. O eſtrago igualou a reſoluçaõ, e o repente ſó deo lugar a deſempararem a Cidade, fugindo os meſmos Scythas huns dos outros com temor precipitado; que deo largo campo a huma vitoria ſem oppoſiçaõ, triunfo ſem perigo.

Voltou Amage para a ſua Corte, deixando bem vingada com a mortandade de huma real familia o deſprezo, que o Rey fizera de ſeu poder, e fama, incitando-a a obrar huma acçaõ, que lhe fez perpetua a memoria, ſepultadas outras muitas, que naõ dilataraõ menos ſeu illuſtre nome. Sobreviveo àquelle eſtrago hum filho do Rey defunto, a quem Amage mandou entregar liberalmente o dominio de ſeus eſtados dizendo, que ſeria Rey, em quanto governaſſe com juſtiça, deixaſſe viver em paz os povos confinantes, que eſtudaſſe a reinar com menos ambiçaõ aprendendo na morte de ſeu Pay, e parentes a temer a ſua.

XXI.

XXI.

SANTA ASSELLA

DE Pays igualmente illuſtres, e familia dos Aſſellos naſceo em Roma a Virgem Santa Aſſella no anno de trezentos, trinta, e quatro, e em dez de idade ſe conſagrou a Deos, effeitos da graça, com que ſe affirma fora ſantificada no ventre de ſua mãy, e ſe deo a ver a ſeu Pay na figura de huma redoma de vidro puriſſimo, quando o ſono podia fazer pareceſſe fantazia, o que na realidade era clara vizaõ do prezente, e vaticinio verdadeiro, do que a Virgem Aſſella havia ſer de futuro. Admirou Roma a reſoluçaõ de Aſſella, como dezempenho de taõ famoſo vaticinio, e foy huma das primeiras filhas de Saõ Jeronymo, que naquella Cidade viveo debaxo de clauſura, e os Monges, que vinhaõ do Egypto a vizitavaõ como novo milagre da maõ de Deos, naõ menos encarecido na fama de ſuas virtudes, com que o ſeu nome ſe fazia celebre, como na comprehençaõ de ſeu avultado talento, com que ſe fez doutiſſima em as Divinas Letras, explicando a Eſcritura Sagrada em ſeus verdadeiros ſentidos, com a elegancia, que aprendera na eſcola de taõ ſabio, e douto Patriarca, merecendo o nome de meſtra entre as outras Diſcipulas, e depois o primeiro lugar

de

de Abbadeſſa, que adminiſtrou com prudencia, governou com regularidade. He muito louvada de ſabia, e Santa nas ſuas Epiſtolas, e nos falta o epitafio, que o Santo lhe fez, depois de ſua precioſa morte aos ſeis de Dezembro de quatrocentos, e dous, em que celebra o Martyrologio Romano ſeu glorioſo tranzito. Contava ſeſſenta, e outo até ſettenta annos de idade.

XXII.

ANNA XINGA Princeza de Angola.

O Rey, que perdeo Angola na conquiſta dos Portuguezes, teve huma filha por nome Anna xinga, que dos primeiros annos moſtrou natural inclinaçaõ às armas, fazendo goſtoſo divertimento, naõ ſó do exercicio dos que ſervem na milicia daquella barbara naçaõ, e tambem da noſſa, mas ainda de ouvir fallar em guerras, e batalhas. Era Anna xinga huma Princeza valeroſiſima, porém de animo feroz, e barbaro; e ainda que tinha recebido com ſeus Pays, e parentes a Religiaõ catholica, a deixou alguns annos depois em odio dos Portuguezes, que lhe tiraraõ com o Reyno a Coroa. E tornando a idolatrar nos falſos Deozes lhe ſacrificava carne humana, crueldade à natu-

natureza eſtranha, à Religiaõ barbara.

Pela morte de ſeu Pay quiz Annaxinga levantarſe com o Reyno contra ſeu ſobrinho, que por netto do Rey defunto devia ſuccedèr na Coroa, direito, que os Portuguezes comerciaraõ parciaes, defenderaõ valeroſos. Grande parte da nobreza fazia ſequito mayor na oppoſiçaõ de Annaxinga, ou por mais fiel aos Portuguezes ſempre vitorioſos em muitas batalhas, que lhe deraõ, obrigando-a a retirarſe ao Certaõ, e confins do Reyno, naõ eſcapando, ainda na diſtancia, do valor dos Portuguezes, que por comercio lhe faziaõ guerra, e experimentava conſideravel perda nos vaſſalos, que voluntariamente a fizeraõ ſua Rainha, ficando na campanha huns mortos, outros cativos. Obrou Annaxinga muitas acçoens valeroſas neſta guerra, de que nos ficaraõ confuſas memorias em eſcaſſas noticias. Foy ſempre infelice na guerra contra os Portuguezes, que tirando-lhe de ſuas terras grande numero de eſcravos, em damno de ſuas forças, fizeraõ pedir-lhe pazes; e voltando as armas contra os Jagos, naçaõ confinante, de que ſempre por ſeu valor, e induſtria militar ficava vitorioſa, fortuna, que experimentou nas expediçoens, e emprezas contra os gentios de todo aquelle continente. Vivia, como os Jagos, ſempre no campo em Republica volante, naõ ſendo proprio da ſua naçaõ andarem vagamundos, porque os Jovas, que ſaõ os naturaes de Angola, tem

permanencia de Corte, ainda que ſem policia.

Suſtentava Annaxinga ſettenta rapazes veſtidos de mulheres, e com os nomes lhe dava os exercicios, para que ella ſendo mulher naõ foſſe deſprezada, trajando como varaõ, querendo conciliar induſtrioſa ao ſexo emulaçoens, à peſſoa acatamentos. Com as muitas vitorias ſe fez temeroſo, e taõ reſpeitado o nome de Annaxinga, que os Quizames, povoaçaõ a que da nome o Rio Quanza, lhe pagavaõ annoal tributo. E no anno de mil ſeiscentos quarenta, e ſeis conquiſtou valeroſamente todos os lugares da Provincia de Ando, trazendo por deſpojo do ſeu braço todo aquelle povo ao cativeiro. Chegou Annaxinga a ſobreviver em dias ao reinado do ſobrinho, que em poucos annos de felicidade perdeo com a morte a Coroa de Angola, que os Portuguezes offereceraõ a Annaxinga, moſtrando que agora lhe davaõ por herança o Reyno, que lhe tiraraõ por juſtiça, e ſó ſe lhe devia por merecimento. Veyo logo Annaxinga a receber a inveſtidura daquelle Reyno jurando-ſe fiel, e tributaria aos Reys de Portugal na peſſoa de ſeus miniſtros com as ceremonias, que inventou o direito das armas no juizo das letras.

XXIII.

ANTONIA DA TRINDADE

NO lugar de Cantanhede, Biſpado de Coimbra naſceo, pelos annos de Chriſto de mil quinhentos ſettenta, e nove, de Pays humildes, e pobres, Antonia da Trindade, que depois em mais creſcidos annos com dezejo de aproveitar nas letras, deſmentindo a natureza com o traje, disfarçou nos habitos de varaõ, fraquezas de mulher. Ainda contava menos idade, que razoens de juizo, que davaõ a ſeu engenho mayores impulſos de aprender as ſciencias, quando ſe conſiderou ſem os intereſſes, que ſervem à ambiçaõ dos meſtres, e com licença de ſua Mãy trocando a ſaya pela loba, a roca pelo livro, deo principio a ſeus eſtudos em a Univerſidade de Coimbra. Aproveitou muito na liçaõ das primeiras letras, que ſervem á intelligencia das Filoſofias, de que teve bons principios; e avaliando com maduro juizo os perigos daquella liberdade, deixou os eſtudos nas eſperanças de melhor eſtado.

No Convento de Noſſa Senhora da Conſolaçaõ de Figueiró da Ordem de Saõ Franciſco recebeo o habito, e fez profiſſaõ; e o tempo, que apagou a memoria de ſeus eſcritos, naõ pó-

de cobrir com humas meſmas cinzas os progreſſos de ſua Santidade, que tiveraõ felice complemento em huma morte glorioſa aos vinte, e ſinco dias do mez de Janeiro, com ſaudades das filhas de ſeu eſpirito, e letras; e neſte dia faz memoria de ſuas grandes virtudes o Agiologio Luſitano.

XXIV.

ANGELA NOGAROLA

EM Verona, Cidade de Veneza, já illuſtre por Patria de Plinio, e Catulo, hum Poeta, outro Hiſtoriador, naſceo Angela Nogarola com todos os dotes de nobreza, e formoſura. Divulgou-ſe a fama de ſuas grandes virtudes, e mayores letras por toda a Italia, e Lombardia, fazendo obrado mais encarecido nas muitas obras de verſo, e proza, que bem moſtravaõ erudiçaõ de applicados eſtudos, que a ſeu Pay Antonio Nogarola deveraõ o cuidado nas diligencias dos melhores, e mais ſcientificos meſtres daquella republica. Era de affavel, e benigna condiçaõ, modeſta, e ornada de tantas boas partes, que Antonio de Arco, nobiliſſimo cavalheiro de Veneza, ſe quiz honrar com o matrimonio de Angela, acreſcentando à ſua nobreza mais hum eſplendor, a ſeu juizo

mais

mais hum talento. Angela, ſem faltar ao governo de ſua familia, ſe applicava com laborioſo eſtudo na liçaõ da Eſcritura Sagrada, que depois explicou, e illuſtrou muitos de ſeus miſterios com o metro de differentes poeſias. As Eglogas de Angela podem competir em elegancia, e formoſura com as de Corneficia, que tambem eſcreveo em verſo a hiſtoria Sagrada.

Mereceraõ as ſuas obras a eſtimaçaõ de pouco vulgares pela grande ſabedoria, de que eſtavaõ ornadas, moſtrando na erudiçaõ eſtudos de infinitos volumes, e muitas ſciencias. Floreceo no reinado do Pontifice Pio Segundo chamado Eneas Sylvio, aſſumpto à Cadeira de Saõ Pedro no anno de Chriſto de mil quatro centos ſincoenta, e nove.

XXV.

ARMONIA Siciliana.

COm o ſeu naſcimento illuſtrou Armonia, filha de Gelon, o Reino de Sicilia, com a ſua morte a Siracuſa deixandoſe à poſteridade por exemplar da fortaleza. Daremos abreviada relaçaõ de ſua heroicidade, fazendo particular memoria das veneraveis cinzas, a que faltàraõ o beneficio, e cul-

to dos Epitafios com a honra dos Mauſoleos. Governava Siracuſa o Rey Heron, ſeu Tio, Irmaõ de ſeu Pay, e como era tyranno por natureza, e cruel por vingança, provocada a paciencia dos vaſſalos, ſe levantou entre o povo huma vóz de ſediçaõ contra a familia, e caza real. Com o Rey morreraõ Andronodôro, Themiſtio, ſeu Irmaõ Gelon, e as duas filhas Heraclia, e Damarata, ſem perdoar o furor tumultuario dos ſedicioſos a idade, ou ſexo.

O tempo, que tardou aquella execuçaõ, a Ama de Armonia tinha ideado livrala do perigo. E veſtindo huma Donzella igual, ou ſemelhante em formoſura, e annos do meſmo trage, e roupas, de que uzava Armonia, ſe fez parcial dos ſedicioſos, entregando-lhes a Donzella por Armonia, que fiel, e valeroſa padeceo a morte, ajudando com a ſemelhança, o engano, com o ſilencio a traveſſura. Porém Armonia, que eſpreitava o voluntario ſacrificio da Donzella, reveſtindo-ſe de igual affecto, e de valor igual, gritando aos miniſtros de tantas ſacrificadas victimas com as vozes do ſegredo voltaraõ a tirarlhe a vida padecendo huma cruel morte, que teve de glorioſa, oque lhe ſobrou de innocente.

Daqui podiaõ fazer os diſcretos huma bem curioſa queſtaõ de finezas, reſolvendo qual das duas valeroſas acçoens levou a palma da heroicidade, ſe a Donzella morrendo por affecto, ou ſe Armonia morrendo por juſtiça, que ſe me

fora

fora licito diſcidir taõ fino contraponto, talvez diſſera, que no valor de Armonia encontrava toda a armonîa.

XXVI.

ANNA DE BRETANHA Rainha de França.

TRataõ os hiſtoriadores com grandes encarecimentos as heroicas virtudes de Anna, que naſcendo unica herdeira de Inglaterra ſe coroou em França duas vezes Rainha. Foy Anna primogenita, e herdeira de Franciſco Duque de Bretanha, e mulher de Carlos oitavo Rey de França, que morreo no anno de Chriſto de mil quatrocentos noventa, e ſette, contando a breve duraçaõ de vinte, e oito annos de idade. Deſte matrimonio teve Anna tres filhos varoens, que da infancia paſſáraõ á immortalidade. Como era fecunda ſobre ſer formoſa, chea de reaes prendas, e catholicas virtudes, celebràraõ os Francezes com exceſſivas demonstraçoens de goſto o ſegundo matrimonio de Anna com Luiz Duodecimo, digniſſimo ſucceſſor de Carlos oitavo na Coroa de França.

No valor deſta heroina ſe falla com a admiraçaõ, e encarecimento de lhe chamarem mais Divino, que humano, porque de taõ magnanimo

nimo coraçaõ duvida cada hum dos Croniſtas, que della eſcreveraõ, acertar a explicalo. He comparada na clemencia, juſtiça, e liberalidade com Luis, e Carlos, Reys de França. Era taõ amante das bellas letras, que honrava muito os Litteratos, e homens ſcientificos, explicando o ſeu agrado menos em o conceito, que no premio. Dava ſe com grande eſtudo à liçaõ da Eſcritura Sagrada, dezejando penetrar o ſegredo de ſeus eſcondidos myſterios, debaxo de tantas figuras, e parabolas. Conſultava nas dificuldades os mais doutos homens de ſeu Reyno, abraçando as reſoluçoens no melhor ſentido, e mais ſegura intelligencia.

Teve ſciencia de muitas lingoas, e dom eſpecial de conſelho. Foy Chriſtianiſſima por titulo, e merecimentos de huma vida religioſa, que na morte deixou certezas paſſaria à outra vida bemaventurada. Os ſaudoſos de ſua memoria naõ poderaõ acertar o dia, em que falecera no Méz de Janeiro de mil quinhentos, e treze na Cidade de Bles, com ſentimento univerſal de toda a França, que a venerava Rainha, e reſpeitava Santa. Contenderaõ as duas Cidades de Bles, e Nanes, querendo cada huma o depoſito de ſeu corpo, como já na Grecia tinhaõ pleiteado outras Cidades para ſe honrarem com o naſcimento de Homero. Nas hiſtorias naõ ſe lé ſemelhante acçaõ de fidelidade, ou agradecimento, que teve por ultimo beneficio, dividirſe em partes tocando a Nanes o coraçaõ

de

de Anna, que foy levado, como precioſa reliquia, a que deraõ ſeus moradores competente ſepultura. O corpo ficou em Bles, e jáz ſepultado honorificamente na Igreja de Saõ Dionyſio.

Naõ houve Rainha no Mundo, que aos vaſſalos deveſſe mayor ſentimento, ou cançaſſe tanto o engenho dos Poetas, que ajudàraõ os gritos da ſua dôr com innumeraveis Elegias, de que ſe podiaõ encher grandes volumes. Nas duas filhas Claudia, e Renata deixou copiadas ao vivo as heroicas virtudes, de que fora exemplar de Rainhas. Claudia lhe ſuccedeo no throno de França pela morte de ſeu Pay Luiz duodecimo, cazando com Franciſco primeiro. Renata, que era a menor em idade, foy mulher de Hercules ſegundo do nome, e quarto Duque de Ferrara.

XXVII.

ANNA MARIA DE ESCHURMAN.

FLoreceo Anna Maria de Eſchurman no decimo ſetimo ſeculo, em muitas artes, lingoas, e ſciencias. Foy Anna Maria huma das mais illuſtres heroinas, que teve o Mundo, e viraõ as idades. Honra-ſe Colonia

com o naſcimento de Anna Maria de Eſchurman, que foy illuſtrado aos ſinco dias do mez de Novembro de mil ſeiscentos, e ſette. Era nobiliſſima por aſcendencia, como filha de Federico de Eſchurman, e Eva de Harf, cazada em Neuburg em o anno de mil ſeiscentos, e dous. Logo dos primeiros annos ſe lhe conheceo huma extraordinaria habilidade, pois contando ſó ſeis annos cortava já com a teſoura no papel cem figuras differentes, tendo a meſma idea por debuxo. De oito annos aprendeo a debuxar, mas na liçaõ de poucos dias aproveitou, como ſe tivera o exercicio de mais tempo; e naõ faça duvidar aos menos engenhoſos, porque dois annos depois, em que já contava dez, aprendeo em tres dias a bordar com todos os primores. Na Muſica vocal, e inſtrumental, na eſcultura, e pintura, uzava igualmente do cinzel, e do pincel com as perfeiçoens de todas eſtas artes liberaes. Fazia letra, que a todos admirava pela forma, e variedade dos debuxos, das figuras, e das lingoas, em que eraõ eſcritas, e obradas, que muitos curioſos conſervavaõ com bom goſto pela raridade inimitavel da maõ, e do invento.

Illuminava, e retratava ſobre vidro com hum diamante, e vendo-ſe ao eſpelho ſe retratou ſem a differença do vivo ao pintado. Deſcobrio o ſeu engenho materia, de que fazia muitas perolas taõ ſemelhantes às naturaes, que os olhos para ſe perſuadirem do artificio, uzavaõ de certo inſtrumento, com que perdiaõ a forma;

forma; os circunſtantes admiravaõ o engano, dezejando alcançar o ſegredo. Para as letras, lingoas, e ſciencias teve Anna Maria de Eſchurman iguaes talentos de juizo, e capacidade; porque ſó contava doze annos, quando ſeus Irmãos aprendiaõ as primeiras letras, e já lhe ſuggeria algumas repoſtas, que haviaõ dar ao Meſtre, ainda que tiveſſe muito de paſſagem ouvido conferirlhes a doutrina, ou explicarlhes a liçaõ. Vendo ſeu Pay, Federico de Eſchurman; o raro engenho de Anna, lhe deo meſtres para o cultivar pelo conhecimento das lingoas, aſſim Orientaes, como Europeas, que lhe eraõ taõ familiares, como a natural; e ſervia-ſe da Hebrea, Cyriaca, Caldaica, Arabiga, Ethiopica, Latina, Franceza, Italiana, e Ingleza fallando, ou eſcrevendo.

Teve bom conhecimento da Geografia, Aſtronomia, Filoſofia, e outras ſciencias humanas, em que fallava, como Profeſſora; mas ſempre o ſeu mayor eſtudo, e todo o ſeu diſvello, foy por adquirir a melhor intelligencia em as Divinas letras com applicada liçaõ aos livros da Theologia, e Eſcritura Sagrada. Pela falta de ſeu pay, morto em Utreque no anno de mil ſeiscentos vinte, e tres ſe deo Anna Maria de Eſchurman com mais applicaçaõ a ſeus grandes eſtudos, que fizeraõ totalmente deſvanecer o cazamento de Catece, Penſionario da Republica de Olanda, e famoſo Poeta, que em ſeu louvor tinha feito muitos verſos. O nome de An-

na Maria ſe fez taõ celebrado naquelle Paiz, que as Princezas, e peſſoas de mayor nobreza, ou ſabedoria faziaõ goſto de a ver, e communicar. Achando-ſe em Monſter a Princeza Maria Gonzaga, e a Duqueza de Longueville, em quanto ſe ajuſtava o tratado da Paz, e paſſava ao Reyno de Polonia, onde ſe tinha deſpozado com Oladiſlâo, fizeraõ o caminho por Utreque; e obrigadas curioſamente da vulgar fama, com que ſe encareciaõ as prendas de Anna Maria, ſe dignaraõ de a honrar, vizitando-a, e louvando-a com palavras, e acçoens da mais fina urbanidade.

A primeira obra, que ſe publicou deſta heroina, foraõ verſos ſobre a creaçaõ da Academia de Utreque em o anno de mil ſeiſcentos trinta, e ſeis. Em Leyda no anno de mil ſeiſcentos quarenta, e hum fez imprimir a Diſſertaçaõ Latina, de que era aſſumpto: Se deviaõ as mulheres aprender, ou eſtudar as boas letras, com algumas cartas, que Rivet, e Anna mutuamente ſe eſcreveraõ ſobre eſta materia. Poucos annos depois obrigada Anna Maria dos importunos, e cortezes rogos do Theologo Federico de Eſpahim imprimio em Leyda huma collecçaõ das ſuas obras em verſo, e proza nas quatro lingoas Grega, Hebraica, Franceza, e Latina. Houve preſumpçaõ entre alguns miniſtros da Religiaõ Proteſtante (por ſe negar a ouvir as ſuas pregaçoens) que Anna Maria de Eſchurman tiveſſe abraçado a Religiaõ Catholica

tholica Romana; e fazendo huma viagem a Colonia com duas Tias ſuas em mil ſeiſcentos ſincoenta, e tres, onde ſe deteve dous annos, affectaraõ os hereges deſacreditala por parte da Religiaõ Proteſtante, porque voltando a Utreque, naõ a viraõ mais frequentar os ſeus Templos.

Antes de ſua morte, que foy em Olivvert de Friza aos ſinco de Mayo de mil ſeiſcentos ſettenta, e oito, com vivas demonſtraçoens de grande zelo, e amor de Deos, contando ſettenta, e hum annos de idade; tinha publicado na lingoa Latina o livro, que ſe intitulava: *A boa parte*; onde ſe achaõ ſolidas reflexoens; e de ſua heroica vida muitas acçoens particulares, que deixamos referidas, neſta eſcritura abreviada, relaçaõ ſuccinta. Tambem fez hum Tratado ſobre o Problema: *Num fœmina Chriſtianæ conveniat ſtudium litterarum.*

XXVIII.

AUTHEMIS
Sybilla.

DE Tyreſias, e Dafne naſceo Authemis, natural de Delfos, Cidade de Beocia: foy a quinta Sybilla, chamada Delfica pelo lugar do naſcimento, que alguns querem

foſſe Thebas, que ſendo conquiſtada pelos Gregos, a levaraõ com ſeus Pays a Delfos ſituada junto do Parnaſo. Tambem lhe chamaraõ Themis, ou Sybilla, de que tomaraõ occaſiaõ os antigos para nomearem as Profetizas com eſte vocabulo. Viveo pelos annos de Gedeaõ quaſi mil, e trezentos annos antes de Chriſto, e pouco mais de cem antes da guerra de Troya.

Eſcreveo com grande ordem, e melhor eſtilo os Myſterios da Encarnaçaõ do Verbo Divino, Vida, e Milagres, Prizaõ, e Morte, Reſurreiçaõ, e Aſcençaõ, que mais parece hiſtoria do preterito, que profecia do futuro. Macedo eſcreveo della ſó eſtes vaticinios: „ Naõ tardará em vir, o que eſtá ſempre taõ cuidadoſo diſto, ainda que eſta obra „ eſtará muito em ſegredo: Immenſos goſtos „ ſolicitaõ o coraçaõ deſte grande Profeta, o „ qual ſahirá ao Mundo concebido de huma „ Virgem, ſem obra de varaõ, que poſto „ que iſto excedeo o poder da natureza, o fará „ o todo poderoſo. Iſrael lhe dará bofetadas, „ e o cuſpira com malvada boca, lhe dará a co- „ mer fel amargoſo, e a beber vinagre duro. O Poeta Homero ſe aproveitou muito na ſua Illiada dos verſos de ſeu vaticinio. Floreceo pelos annos do Mundo de dous mil duzentos, e dous com tanta veneraçaõ dos Romanos, que lhe levantaraõ eſtatua. Pinta-ſe eſta Sybilla com hum livro fechado em a maõ, porque

os

os myſterios, que nelle eſtavaõ eſcritos, eraõ ainda ignorados das gentes.

XXIX.

ALBUNEA Sybilla.

A Decima Sybilla ſe chamou Albunea, e era natural de Tibur, Cidade de Italia, quatro legoas de Roma junto do Rio Anienes, onde ſe achou huma eſtatua deſta Sybylla com hum livro em a maõ. He vulgarmente nomeada pela Sybilla Tiburtina, por haver naſcido em Tibur, onde foy venerada como Deoza. Floreceo Albunea trinta annos antes de noſſa Redempçaõ, e no reinado de Auguſto Ceſar. E querendo o povo Romano levantarlhe eſtatua, e darlhe culto como a Deoſa, o Emperador participando à Sybilla a determinaçaõ do povo, ao tempo, que eſperava a repoſta, ſe abrio o Ceo, e ſe fez viſivel aos olhos do Ceſar huma Donzella aſſentada ſobre hum altar, com hum menino em os braços, aquem adorou com os joelhos em terra como a Deos verdadeiro ao trovaõ de huma voz, que dizia: *Hæc eſt ara filii Dei.*

Naõ conſentio Auguſto mais, que os Romanos lhe chamaſſem Deos, ou Senhor, e

no

no lugar, em que ſe lhe moſtrou aquelle final em o Ceo tantos ſeculos eſcondido à comprehençaõ dos homens, erigio hum Templo com o titulo de *Ara Cæli*, que he hoje Moſteiro das Religioſas de Saõ Franciſco da Provincia da Obſervancia.

Profetizou eſta Sybilla da Morte, Reſurreiçaõ, Manifeſtaçaõ, Aſcençaõ, e outros Myſterios de Chriſto. Macedo refere o ſeguinte vaticinio: „ Naſcerá o ungido em Bel„ lem, e ſerá annunciado em Nazareth reinando „ o toiro pacifico, e fundador da quietaçaõ? „ Oh Bemaventurada Mãy, cujos peitos lhe „ daraõ leite! Depois de tornar a luz ao terceiro „ dia, havendo moſtrado o ſono aos mortaes, „ e depois que enſinando illuſtrar tudo, ſu„ birà ao Ceo levado de nuvens.

Pintàraõ eſta Sybilla Tiburtina com os olhos em o Ceo, onde ſe moſtrava huma figura da Senhora com ſeu filho em os braços. Na maõ da Sybilla eſtava huma eſcudella, na outra huma palma, denotando que o menino, que havia de naſcer, comeria em eſcudella como pobre, e a palma, que havia de morrer em Judea, onde naſcem abundancia de palmas.

XXX.

ANNA DE PARTHENAY

NA Corte de Renata de França, filha de Luiz duodecimo, Duqueza de Ferrara, naõ houve Dama, que fizeſſe competencia com Anna de Parthenay em as prendas naturaes, e adquiridas. Era formoſa com bom entendimento, e boa diſcriçaõ. Adquirio em as letras divinas, e humanas eſtimaçaõ de Sabia. Na arte da Muſica, e preceitos do Contraponto alcançou com perfeiçaõ as regras, que praticava em o Canto de Orgaõ com deſtreza, e melodia de huma voz ſonora, e grave. Naõ contente Anna de Parthenay com os eſtudos da lingoa Latina, aprendeo tambem a Grega com tanto aproveitamento, que facilmente ſe ſervia deſta liçaõ na intelligencia da Eſcritura ſagrada, em que era muito lida. Foy igualmente applicada, e douta em a Theologia Eſcolaſtica, fazendo goſto de diſputar quaſi todos os dias com os Theologos ſobre as materias mais difficultoſas deſta Sciencia Divina, e Sagrada. Pelos intereſſes da deſcendencia, e goſto de ſeus pays Joaõ de Parthenay o Arcebiſpo Senhor de Sobiza, e Michaela de Saboya, ſe deſpozou Anna de Parthenay com Antonio de Pons Conde de Merenes, accreſcentando com eſte matrimonio mais hum eſplendor à ſua nobreza, com eſta heroina novo brado à ſua poſteridade.

XXXI.

ANNA DE ROHAN

ANna de Rohan, filha de Renato Duque de Rohan ſegundo do nome, e de Catharina de Parthenay, Senhora de Sobiza, foy muito celebre por ſeu juizo, valor, e naſcimento, como ſe eſcreve na vida do famoſo Duque de Rohan ſeu Irmaõ, e columna dos ſectarios da Religiaõ Pertendida reformada em as guerras civis de França no reinado de Luis treze. No cerco da Rochella deo Anna de Rohan grandes provas de ſeu valor, fazendo companhia a ſua mãy a Duqueza Catharina de Parthenay; e ſoffreo com igual fortaleza as incomodidades, a que foraõ reduzidas, pela fome de tres mezes, ſuſtentando-ſe com carne de cavallo, e quatro onças de paõ em cada dia, como ſe dirà mais largamente em as memorias da Duqueza.

Eſta celebrada heroina foy muito douta em as lingoas, e ſciencias. Na Poezia ſó a Duqueza ſua mãy lhe era ſuperior; deixando-o bem provado no excellente Poema pela morte do Rey de França Henrique quarto do nome. Teve grande liçaõ da Eſcritura ſagrada, e como entendia bem a lingoa Hebrea, quando os da ſua Religiaõ cantavaõ os Pſalmos no Rhythmo Francez, ella os meditava no texto original.

Morreo

Morreo no eſtado de Donzella em a Corte de Pariz contando ſeſſenta, e dois annos de idade.

XXXII.

ANNA DE VAUS

NO decimo ſexto ſeculo floreceo em armas, e valor Anna de Vaus, Flamenga de naçaõ, celebre naquella idade pela acçaõ illuſtre, com que intentou conſervar a honra, delmentindo com os habitos de varaõ o ſexo, e trages de mulher. Teve Anna de Vaus ſeu humilde naſcimento em huma villa de Flandes junto de Lila. Temeroſa de perder a vida em defenſa da honra; pela liberdade, e violencia dos Soldados, em o furor de huma viva guerra, como era dotada de hum animo varonil, premeditou o meyo extraordinario de tomar as armas, e ſeguir os intereſſes da guerra.

Anna de Vaus communicando ſeu heroico penſamento com outra valeroſa heroina, que approvou a reſoluçaõ, trocáraõ os veſtidos, cortàraõ os cabellos, cingiraõ as eſpadas, e feytas duas Amazonas, ſe aliſtàraõ por Soldados infantes. Anna de Vaus com o trocado nome de Antonio Attis ſe fez chamar a boa eſperança; porém da companheira naõ ha mais ſinalada memoria de ſeu nome, que fazer-ſe co-

nhecer com o meſmo appellido dos poucos annos, que ainda contava, tomando a Mocidade por ſobrenome. Serviraõ as duas heroinas com taõ egregio valor, que paſſando à cavallaria, a Boaeſperança teve logo o emprego de huma Tenencia em o Regimento do Baraõ de Mercy. Antonio Attis a Boaeſperança, e mais a ſua companheira ſe acharaõ em muytas occaſioens de peleja; acharaõ-ſe em Etampes, Foburg, Santo Antonio, e outras partes, ſempre com bom nome, e melhor fortuna. Na ultima occaſiaõ, que teve a Boaeſperança de chegar com pezada maõ aos inimigos, tanto ſe empenhou na vitoria, que ſahindo gravemente ferida com dois tiros, hum de piſtolla, outro de moſquete, a levaraõ prizioneira.

Voltando outra vez a Flandes lhe deraõ na milicia o meſmo poſto de Tenente; e conduzindo trinta Soldados a certo lugar, encontrou huma partida de Lourenos. Foy grande a reſiſtencia, mas cedendo o valor à multidaõ, e deixando bem vingada a liberdade a levaraõ ſegunda vez prizioneira. Aqui ſe deſcubrio, que era molher, com o ſuppoſto nome de Antonio Attis; e ſendo levada a Ponte Muzon, e depois a Nancy, o Mariſcal de Seneterre, recebendo a com agrados, e louvores lhe offereceo o governo de huma companhia com promeſſa de lhe encubrir o ſexo. Anna de Vaus, que naõ tinha perdido o acordo na diſgraça, com palavras de agradecimento ao favor do Mariſcal lhe referio

rio em breves clauſulas, que o fim heroico de encubrir, e ſimular o ſexo ſó fora para conſervar a honra, que agora menos poderia guardar, veſtindo as armas contra o Princepe natural. E negando-ſe a aceitar o poſto, que lhe dava, conciliou no animo do Mariſcal (eſta admiravel acçaõ) huma taõ ſingular urbanidade, que louvando a grandeza de ſeu coraçaõ naquella humilde fortuna, a mandou livre para a ſua terra. Chegou Anna de Vaus em breves dias a Bruxellas no mez de Dezembro de mil ſeiſcentos ſincoenta, e tres; devendo à ſua fama, e poderoſa protecçaõ do Archiduque Leopoldo o veo de Religioſa na Abbadia de Marquete, onde profeſſou, morreo, e jaz ſepultada.

XXXIII.

DONA ANNA DE LOBERA

TEve por companheira na ſua reforma a Virgem, e Doutora Santa Thereſa huma famoſa heroina, por nome Dona Anna de Lobera, que naſceo dia de Santa Catharina aos vinte, e ſinco de Novembro de mil quinhentos quarenta, e ſinco em Medina del campo, Villa celebre naquella idade em toda Eſpanha, hoje em todo o mundo por patria

deſta grande mulher, veneravel Santa.

Foy de conhecida nobreza por ſeu pay Diogo de Lobera, aſcendente da Rainha Loba, que em Galliza hoſpedou as reliquias de Santiago, trazidas a Eſpanha pelo Rio Minho. Dona Franciſca de Torres era o nome de ſua mãy da antiga familia deſte nobre appellido, que traz a origem de Viſcaya.

A providencia, com que Deos lhe permitio o impedimento de ouvir até os ſette annos de ſua idade, foy pronoſtico felice da prudencia, e juizo, com que logo começou a falar alcançando pelas oraçoens de ſua mãy inteira ſaude. Era Dona Anna de Lobera formoſa, de amavel condiçaõ, e outras prendas ſingulares, que a fizeraõ pretendida. Tinha pela morte de ſeu pay pedido à Virgem MARIA a admitiſſe por filha, e para melhor o merecer ajuntou à devoçaõ do Roſario o ſeu officio menor, e aos dez annos de ſua idade, lhe conſagrou ſua pureza com voto perpetuo, que taõ anticipada teve a graça de ſer Santa, mereceo o dom de Profecia, de que foy illuſtrada.

Contava vinte quatro annos, e oito mezes, e ſeis dias, quando recebeo o habito em o Convento de Avila em o primeiro de Agoſto de mil quinhentos, e ſettenta mudando o ſobrenome de Lobera em o de JESUS por aſſim o determinar Santa Thereſa ſua Matriarca, que depois vindo a Avila, onde era Prioreza, a levou a profeſſar a Salamanca admitindo-a

do-a por Coadjutora da ſua reforma pelo ſeu grande eſpirito, e capacidade.

Foy Prioreza, e Fundadora muitas vezes paſſando de huns a outros governos, porque do Convento de Veas paſſou para Granada, e de Granada para Madrid, e de Madrid para Salamanca. Aqui era conſultada dos maiores letrados daquella Univerſidade, naõ ſò em os pontos de Theologia Miſtica, mas ainda em queſtoens Eſcolaſticas.

Paſſou Anna de JESUS de Salamanca para França a novas fundaçoens, e Prelaſias, e de França para Flandes, onde fundou, e regeo muitos Conventos, e carregada de annos, e virtudes, entregou a alma nas mãos de ſeu Eſpozo em Bruxellas, huma quinta feira quatro de Março, com ſettenta, e ſinco annos, tres mezes, e nove dias de idade, e quaſi ſincoenta, e hum de Religiaõ, honrando Deos a ſua ſerva com muitos milagres na morte, como tinha feito na vida.

Eſcreveo a fundaçaõ do Convento de Saõ Jozé de Granada, que corre impreſſa entre as obras de Santa Thereſa, e he contada entre o numero dos Eſcritores da Ordem.

XXXIV.

DONA ANTONIA DE S. CAETANO

DOna Antonia de S. Caetano, Religioſa do Convento de Chellas, que foy templo das Virgens Veſtaes, diſtante huma legoa da Cidade de Lisboa, e Conega Regrante da Ordem de Santo Agoſtinho, teve por pays o Doutor Franciſco Cibraõ, Medico da Camera Del Rey Dom Affonſo Sexto, e a Dona Ignacia de Freitas de igual calidade, e ſangue.

Foy Religioſa de muitas prendas, que o ſeu juizo fazia realçar com os primores da Poeſia com que ſe vio celebrada, e ſe ve a ſua fama pouco encarecida nas obras, que ſe lem impreſſas no livro intitulado: *Roſario do Santiſſimo Sacramento.*

Eſcreveo muitas obras em proſa, e verſo, que andaõ pelas mãos dos curioſos, e ainda que pedio ſe lhe queimaſſem, ha tradiçaõ, que exiſtem os originaes em poder de Affonſo Leitaõ de Souſa, cunhado de Luis Anſelmo de Oliveira, que lhe dera a Madre Joſepha de Santa Thereſa, Irmãa da noſſa heroina, e Prioreza, que fora daquelle Convento. O certo he que ſahiraõ para maõ particular, que as ſepultou com a vareza, conſerva com uſura. Vivco

Viveo exemplariſſima em todos os empregos, que lhe fiou a obediencia, e occupando o lugar de Porteira, a viſitou Deos com a ultima enfermidade de hum eſtupor, que lhe repetio muitas vezes, deixando-lhe ſó livre a lingoa para poder pronunciar o nome de JESUS, exercicio milagroſo, com que ſe explicava para tudo o que queria.

Ainda naquelle Convento ſe conſerva ſaudoza a ſua memoria pelo genio, e engenho. Mais carregada de applauſos, que de annos, pois ſó contaria ſeſſenta de idade, faleceo no dia da Expectaçaõ de noſſa Senhora, da era de mil, e ſette centos, e ſeis.

XXXV.

ANNA LE-FEVRE

PO'de honrar-ſe a Cidade de Saumur, Capital de hum pequeno deſtrito de França, chamado Saumurois, com o naſcimento de Anna Le-Fevre filha de Tanneguy, ou Tannegylo Le-Fevre, e de Maria de Olivier, que as heroinas naõ ſó illuſtraõ as familias, mas tambem as Patrias.

Naſceo Anna Le-Fevre (que he mais conhecida pelo nome de Madama Dacier) no anno de mil ſeiſcentos cincoenta, e hum; e havendo ſeu pay obſervado a hora do parto, ſe valeo de hum grande Aſtronomo ſeu amigo, pa-

ra lhe levantar figura, por haver acertado cazualmente em alguns horoſcopos, e ainda que eſte homem era muito ſciente ſe deixava preoccupar da vaniſſima Aſtrologia Judiciaria, que tinha por ſciencia ſolida, e ſegura.

Affirmava o Aſtrologo, que o enganavaõ no tempo da Calculaçaõ, porque previa huma fortuna tamanha, que lhe pareceo impoſſivel poder-ſe verificar naquelle ſexo; como depois ſe vio ſahindo em tudo myſterioſa a predieçaõ em ordem as riquezas, que prometia, e Anna Le-Fevre querendo provar a futilidade deſta ſciencia contava o ſuceſſo, e referia o pronoſtico.

De onze annos jà trabalhava Anna Le-Fevre em huma tapeçaria na meſma caza, em que ſeu pay dava liçaõ com muito cuidado a hum filho pequeno, e ſuccedia muitas vezes, enſinar a menina com vóz baixa ao Irmaõ, o que havia de reſponder às perguntas do pay, que advertindo o engenho da filha, contentiſſimo de haver deſcuberto aquelle theſouro, a fez aplicar ao eſtudo das bellas letras. Naõ ſe contentava a menina, que ſeu pay a ſogeitaſſe a liçoens regulares, porém em breve tempo foy tamanho o progreſſo nos eſtudos, que o pay plenamente ſatisfeito do talento da filha ſe applicou a inſtruilla nas letras, e ſciencias, de que era Meſtre, e de Diſcipula, a conſtituio conſelheira naõ obrando acçaõ ſem que primeiro a conſultaſſe.

Teve

Teve Anna permiſſaõ de ſeu pay para lhe argumentar, como fazia muitas vezes, e foy celebre a diſputa, que tiveraõ ſobre a traducçaõ de Quinto Curcio, que de Latim em Frances tinha feito o eloquente Vauge. Tanto ſe pagava ſeu pay da traducçaõ de Vauge, excellente para o ſeculo, em que floreceo, que a mandava recitar na ſua preſença; e Anna já naquelle tempo lhe deſcubria deſcuidos no eſtylo, erros na locuçaõ, e lugares mal traduzidos, fazendo lhe confeſſar muitas vezes ſeu engano em admirar aquella obra ſem exame.

O pay tomava de ſi vingança deſte engano augmentando o conceito de ver a filha em taõ poucos annos, e menos eſtudos com hum goſto taõ delicado, e juizo taõ ſolido. Logo que Anna teve ſufficiente intelligencia da latinidade, que baſtava para entender a Phedro, e Terencio, ſe applicou à lingoa Grega com tanto goſto, que em breve tempo entendeo Anacreonte, Callimaco, Homero, e os Tragicos Gregos obſervando quanto ha nelles para admirar, e aprender.

Com facil applicaçaõ, e menos trabalho de ſeu pay entendeo a lingoa Italiana perfeitamente, adquirindo na liçaõ de Taſſo a differença, que fazem a eſte Poeta Homero, e Virgilio.

Sem abjurar os erros do Calviniſmo havendo naſcido Catholico Romano faleceo Tanneguy Le-Fevre ſeu pay no anno de mil ſeiſcentos

ſetenta, e dois, e logo no anno ſeguinte paſſou Anna para a Corte de Pariz, donde era já conhecida pela erudiçaõ, e ſabedoria nas letras humanas.

Logo que chegou à Corte deo principio à traducçaõ das obras de Callimaco, aſſim Gregas, como Latinas, e parte deſte trabalho moſtrou a Pedro Daniel Huet, ſegundo meſtre do Delfim, filho de Luis quatorze, que foy Biſpo de Aranches, e a outros homens doutos, lhe fez ſuggerir, que faria ao Delfim hum grande ſerviço trabalhando em alguns autores latinos, para ſeu uſo. Regeitou Anna a incumbencia deſta propoſiçaõ dizendo: Que era trabalho ſobre as forças de ſeu engenho; porém o Duque vizitando-a ficou taõ pago de ſua diſcriçaõ, que a venceo com profia, fazendo-lhe aceitar aquella empreza, para o Principe util, para ella glorioſa.

Levou a fama pela Europa o grande nome de Anna Le-Fevre, e chegando ſeus elogios a prezença da Rainha Chriſtina de Suecia, a mandou comprimentar pelo Conde de Conigomark, honra, que agradeceo com huma carta latina acompanhada do ſeu Lucio Floro, impreſſo em Pariz no anno de mil ſeiſcentos ſettenta, e quatro. Teve por carta da Rainha ſegunda, e repetida honra agradecendo-lhe o prezente; e pouco depois lhe eſcreveo outra perſuadindo-a a deixar os erros do Calviniſmo pelos artigos da Fé Catholica, e pedindo-lhe que foſſe para Stocolme

colme com outros muitos offerecimentos, que moſtravaõ eſtimar a peſſoa pelas qualidades, que a faziaõ benemerita, pregoavaõ erudita.

Havia-ſe criado Anna com Andre Dacier, que recebeo por eſpozo no principio do anno de mil ſeiſcentos oitenta, e trez; e pouco tempo depois illuſtrada com o lume da Fé declarou ao Duque de Montauzier, e a Jaques Benigno Boſſuet doutiſſimo Biſpo de Meaux, que eſtava perſuadida da verdade da Religiaõ Catholica Romana, mas como ſeu marido naõ tinha aberto os olhos para ver eſta luz, e o dezejava, queria retirando-ſe da Corte buſcalla ſem o perigo, de que os bens temporaes tiveſſem parte na ſua converſaõ. Vencidos muitos obſtaculos deixando Pariz, em mil ſeiſcentos oitenta, e quatro, partiraõ para a Cidade de Caſtres, que he no Languedoc alto, donde tinhaõ alguns bens de raiz, e a grande prudencia dos conſortes fazia ſufficiente congrua para ſe ſuſtentarem, reſolutos, de commum conſentimento, ſuſpenderem por alguns dias a liçaõ da antiguidade profana, para ſe applicarem unicamente a eſcolha da Religiaõ verdadeira.

Fizeraõ os amigos grande força, por embaraçar eſta jornada, ainda que eſtavaõ ignorantes do projecto, que a fazia perciſa, porque diſſimulavaõ o verdadeiro motivo com o pretexto, de que Madama Dacier (que aſſim a nomearemos depois de cazada) dezejava cortejar,

e conhecer os parentes de ſeu marido, que era natural de Caſtres. Entendendo o polido entendimento de Monſiur de Charleval, que ſeria por falta de meyos para viverem na Corte, os buſcou levando-lhe dez mil livras com igual numero de inſtancias para lhe fazer grato o offerecimento, independente a aceitaçaõ. Agradeceraõ ambos a generozidade eſcuſando-ſe conſtantemente ao offerecimento, ſem deixar a politica offendida, a amiſade queixoſa.

Todo o tempo, que aſſiſtiraõ na Cidade de Caſtres ſe applicaraõ em inſtruir-ſe pela ſagrada Eſcritura nos Myſterios da Fé controvertidos pelos hereges; e como buſcaraõ a verdade na fonte com o coraçaõ ſincero facilmente a conheceraõ pela luz; e no mez de Setembro de mil ſeiſcentos oitenta, e ſinco fizeraõ publica abjuraçaõ de ſeus erros, acquirindo com ſeu exemplo para a Igreja muitos filhos, para a Fé outros tantos triunfos.

O Biſpo de Meaux, e o Duque de Montauſier, que ſe intereſſavaõ nas dependencias deſta Senhora, ainda ſendo Proteſtante, avaliando agora com juſto merecimento a heroicidade deſta acçaõ na prezença de Luiz quatorze, que já a eſperava, fizeraõ lembrar a generoſidade deſte Principe com a merce de huma pençaõ, ou tença annual de mil, e quinhentas Livras para o marido, e de outras quinhentas para a mulher, e avizados pelos dois valedores voltaraõ a Pariz a beijar a maõ a ElRey, que os recebeo com diſtin-

diſtintas urbanidades, merecidas honras.

Voltaraõ logo os dous conſortes, que eraõ igualmente doutos, a ſeu trabalho litettario, e no anno de mil ſeiſcentos noventa, e dois, morrendo o pay de Monſiur de Charleval paſſou Madama a Cidade de Caſtres para regular as dependencias da ſua caza. Em mil ſeiſcentos noventa, e tres, entrou em Pariz, e reconhecendo, que o emprego mais importante, a que ſe devia applicar, era a preciſa educaçaõ de hum filho, e huma filha, de todo ſe deo a eſte cuidado. Dezempenharaõ ambos os filhos o cuidado de huma tal mãy, com tanta preça, que bem ſe deixava conhecer ſe animavaõ do meſmo eſpirito, e engenho, porque o filho, que era de dez annos quando morreo, ſe achava taõ adiantado nos eſtudos, que parecia de idade mais avultada, experiencia mais creſcida.

Haviaõ-lhe ſeus Pays eſcolhido Herodoto para exemplar, mas era tal a paixaõ do menino para as letras, que lhe furtou hum Polybio para ler às eſcondidas, e ſendo o furto deſcuberto lhe perguntou hum douto, que juizo fazia daquelles dous Hiſtoriadores, ao que reſpondeo: Herodoto he hum grande encantador, mas Polybio he homem de grande juizo. Sentiraõ ſeus pays a falta deſte filho, que faleceo em mil ſeiſcentos noventa, e quatro, e Madama Dacier ſupportando eſta perda, com fortaleza de coraçaõ mais robuſto ajudou a fazer menos penoſo o golpe no ſentimento de ſeu marido. Ficava-lhe

va-lhe para unico alivio a criaçaõ de huma filha de igual idade, que algum tempo depois entrou Religioſa na Abbadia de Longehampy. Teve depois outra, que educando com o meſmo cuidado reunio em ſi todos os dotes, que podem ornar, e aperfeiçoar o ſexo; contava já dezoito annos de idade quando morreo, e ſua mãy immortalizou o merecimento deſta filha com a dor, que lhe deixava, no Prologo da ſua traducçaõ da Illiada de Homero, levantando-lhe monumento mais duravel, que as Eſtatuas, Padraõ ainda mais famoſo, que as Pyramides, ou Mauſoleos.

Havendo Madama Dacier padecido grandes achaques, nos ultimos annos da ſua vida faleceo de huma enfermidade dolorosa aos doze de Agoſto de mil ſettecentos, e vinte, de idade de ſeſſenta, e nove annos, e menos dias, que Elogios, com que os doutos lhe celebraraõ exequias, conferiraõ honras. Os dotes de ſeu entendimento, ainda que foraõ grandes ſempre ſe conheceraõ inferiores aos do coraçaõ, porque já mais ſe vio em nenhum individuo deſte ſexo mais conſtancia, mais bondade, mais prudencia, mais igualdade, ou mais piedade. Foy taõ caritativa com os pobres, que ſe deſpia de tudo pelos veſtir, e advertida por ſeu marido, que ſe modera-ſe no exceſſo com que deixava a ſua caza defraudada, lhe reſpondeo: Que os bens, que poſſuimos naõ eraõ os que nos ſuſtentavaõ, porque ſó a eſmola nos reconciliava

com

Deos, contribuindo a ſatisfaçaõ de noſſos peccados. Na modeſtia ſe deſtinguio muito, porque naõ fallava nunca nas ſciencias, ou nas obras, que tinha compoſto, nem já mais ſe valeo na converſaçaõ da ventagem, que podia alcançar da maior parte dos que a cortejavaõ, e vizitavaõ, cuſtando muito aos doutos, que a ouviaõ com goſto, e frequencia mais familiarmente obrigarem-na a fallar nas ſciencias, que ſabia.

Proporcionava-ſe com todos os que a vizitavaõ, e os de que naõ era conhecida ſó deſcobriaõ nella huma particular modeſtia devida ao ſexo, e deixando outros muitos exemplares referiremos hum, que paſſou neſta ſubſtancia: He coſtume dos homens doutos, que do Norte paſſaõ a correr outros paizes, levarem hum livro para que as peſſoas de diſtinçaõ nas letras eſcrevaõ os ſeus nomes, ou algumas ſentenças. Foy ver Paris hum fidalgo Alemaõ, e douto, e vizitando Madama Dacier, lhe aprezentou o livro, pedindo-lhe eſcreveſſe alguma ſentença, que honraſſe com o ſeu nome.

Vendo ella, que eſtavaõ aſſinados os mais doutos homens da Europa, lhe diſſe, que ſe envergonharia muito, que appareceſſe entre tantos nomes illuſtres o ſeu nome; mas vencida das importunas inſtancias do Alemaõ pegou da pena, e aſſignou-ſe com o verſo de Sophocles, que traduzido do Grego diz aſſim: O ſilencio he o ornato das mulheres. Empenharaõ-ſe as peſſoas de maior reſpeito na Corte, para que

nas diſputas, que tanto affligiraõ a Igreja de França, interpuzeſſe ſeu doutiſſimo parecer, e para que traduziſſe, ou explicaſſe alguns dos ſagrados Livros, mas ſempre reſpondeo, que naõ convinha, que as mulheres ſe atreveſſem em ſemelhantes materias, porque ſó eraõ obrigadas a chorar, e pedir a Deos allumiaſſe os que deviaõ pacificar as controverſias nos pontos da Fé, que o ſexo femenino ſe devia conter no ſilencio, que lhe impunha Saõ Paulo.

Teve lugar na Academia dos Ricovrati de Pádua conferido por aquelle corpo litterario em mil ſettecentos, e vinte hum. As memorias de Trevoux trazem o elogio de Madama Dacier no Tomo de Janeiro de mil ſettecentos, e vinte hum. O celebre Boyleau Deſpreaux, e todos os eſcritores de ſeu tempo fazem juſtiça à profunda erudiçaõ deſta inſigne mulher, como ſe deixa admirar neſte Catalogo de ſuas obras.

Catalogo das obras de Madama Dacier.

1 Callimathi Hymni, Epigrammata, & Fragmenta, Græce, & Latine, nec non ejuſdem Poematum de coma Bereniceſa Catullo verſum, edente eum notis Anna Tanaquilli Fabri filia. Pariſiis 1674. in quarto.

2 L. A. Flori Hiſtoria Romana Ad uſum Delphini. Pariſ. 1674. in quarto. Item Oxonii 1691. in octavo. It. Venetiis 1714. in quarto.

3 Dictis Cretenſis, & Dares Phrygius ad uſum

uſum Delphini. Pariſ. 1684. in quarto. Item Editio auctorum notis variorum Amſtelodami 1702. in octavo.

4 Sexti Aurelii Victoris Hiſtoriæ Romanæ compendium cum interpretatione, & notis ad uſum Delphini. Pariſ. 1681 in quarto.

5 Poeſias de Anacreon, e de Sapho, traduzidas de Grego em Francez com notas. Paris 1682 em oitavo. Item Nova Ediçaõ augmentada com Notas latinas de Tanneguy Le-Fevre, e com a traducçaõ em verſos Francezes de M. de la Foſſe. Amſterdam 1716. em oitavo.

6 Eutropii Hiſtoriæ Romanæ Breviarium ab urbe condita, uſque ad Valentinianum, & Valentem cum notis, & emend. ad uſum Delphini. Pariſ. 1683 in quarto Oxonii 1696 in octavo.

7 Amphitriam, Epidico, & Rudens comedias de Plauto traduzidas em Francez, com notas, e hum tratado das regras do Theatro. Paris 1683 em doze 3. tomos, Amſterdam 1718 na Edicçaõ, que Limiers fez de Plauto.

8 Plauto, ou Nublado, ou as Nuvens de Ariſtophanes, comedias Gregas traduzidas em Francez com Notas, e hum jovio de cada comedia ſegundo as regras do Theatro. Paris 1684 em doze.

9 As comedias de Terencio traduzidas em Francez com notas. Paris 1688 em doze 3. tomos. Amſterdam 1691. Zittavo 1705 em doze. Rotterdam 1717 em oitavo 3. tom. Amſterdam 1724 em doze 3. tom.

10 Reflexoens Moraes do Emperador M. Aurelio com Notas. Paris 1691. em doze 2. Tom. Neſta traducçaõ trabalharaõ Monſieur, e Madama Dacier.

11 A noſſa doutiſſima Dacier tendo traduzido duas vidas dos homens illuſtres de Plutarco, abandonou eſta obra de que ſeu marido compos 8. Vol. em quarto, por ella querer ficar dezembaraçada para occuparſe na obra ſeguinte.

12 A Illiada de Humero traduzida em Francez com Notas. Paris 1711. e 1720. em doze 3. Tom.

13 Das cauſas da corrupçaõ do goſto, Paris 1714. em doze. Amſterdam 1715. em oitavo. Eſta obra he contra Monſ. dela Motha da Academia Franceza, o qual no Prologo da ſua Illiada havia moſtrado, que Humero lhe naõ devia aquella eſtimaçaõ, que teve de todos os grandes homens, que houve depois do ſeculo daquelle graõ Poeta.

14 Humero defendido contra a Apologia do Padre Harduino, ou ſegunda parte das cauſas da corrupçaõ do goſto. Paris 1716. Amſterdam 1717. em doze.

15 A Odyſſea de Humero traduzida em Francez com Notas. Paris 1716. em doze 3. Tom. Amſterdam 1717. em oitavo 3. Tom.

CATA-

CATALOGO

XXXVI.

ANna de Seymur de naçaõ Ingleza, e filha de Duarte de Seymur, florecco no decimo ſexto ſeculo, e foy illuſtre na Poezia, e bellas letras. Anna, e ſuas Irmãas compuzeraõ cento, e quatro diſticos latinos à morte de Margarida de Valoes Rainha de Navarra, e Irmãa de Franciſco primeiro Rey de França. Pouco tempo depois ſe traduziraõ em Grego, Frances, e Italiano, e foraõ impreſſos em Paris no anno de mil quinhentos ſincoenta, e hum debaixo do titulo: Mauſoleo de Margarida de Valoes Rainha de Navarra. He muito louvada de Ronſart, e Nicoláo de Herbaes, Senhor dos Eſſars, author da verſaõ Franceza de Amadiz de Gaula.

XXXVII.

ALexandra Eſcala, natural de Florença, filha do ſabio Bartholomeo Eſcala, vivia no decimo quinto ſeculo, e principio do decimo ſexto. Foy excellente Poetiza, e jà na idade de quinze annos fazia verſos admiraveis, como diz Miguel Marullo, que para ſe aperfeiçoar neſta arte com as liçoens de Alexandra, eſcreve Paulo Jovio ſe cazou com ella; e nas Poezias de Marullo ſe acha muito

louvada a formoſura , e grandes virtudes deſta heroina. Mas naõ parece verdade , que eſtas eſtimaveis circunſtancias de Alexandra , e ſer Bartholomeo Scala criado de Coſme de Medicis , e depois de outros honrados empregos , Secretario da Republica de Veneza , ſenaõ tiveſſe Marullo por ditozo com eſte cazamento. Eſta heroina ſe fez celebrada por ſua piedade , e grande conhecimento , que teve das lingoas , principalmente da Grega , e Latina. Neſtas duas lingoas deixou alguns eſcritos , que deraõ na poſteridade a ſeu nome illuſtre fama , a ſua morte , (que foy na Cidade de Florença no anno de mil quinhentos , e ſeis) eſta abreviada memoria. O eruditiſſimo Angelo Policiano a louvava muitas vezes em Grego , e ella lhe reſpondia na meſma lingua , e os verſos , que ſe fizeraõ de parte a parte andaõ impreſſos , correm muito validos.

XXXVIII.

ANgela Sigea natural da Cidade de Toledo Reyno de Caſtella , e filha de Diogo Sigé , Francez por naſcimento , e ſabio por ſeus eſtudos , floreceo em Lisboa no felice reinado de Dom Manoel o primeiro deſte nome , e Dona Leonor ſua terceira mulher , e no ſerviço da Infanta Dona Maria. Teve por meſtre das lingoas Grega , e Latina , e das boas letras a ſeu pay , igualou a ſua Irmãa Luiza

Luiza Sigea ; porém na Muſica , e nos inſtrumentos , que tangia , a excedeo.

XXXIX.

A Virgem Alpaida divinamente inſpirada deixando o culto dos Deoſes , entrou no rebanho da Igreja Catholica , e foy hum oraculo das ſciencias. Theodoreto eſcreve , que ſendo eſta Virgem ignorantiſſima em todo o genero de letras , alcançara pelo quotidiano exercicio de huma oraçaõ fervoroſa ſciencia infuſa de tudo quanto o engenho humano comprehende pelo eſtudo , e liçaõ dos livros.

XL.

ANficlea , diſcipula de Plotino , foy muito celebrada em as letras humanas. Porfirio a louva muito na vida , que publicou deſte Filoſofo , e diz que fizera na Filoſofia grandes progreſſos.

XLI.

AGaniſe na ſciencia da Aſtronomia teve hum puriſſimo , e claro conhecimento de todas as ſuas partes, como celebra o Filoſofo Plutarco no ſeu livro dos preceitos matrimoniaes.

XLII.

XLII.

ASſiothea, e Ariothea, ou Axiothea, Flizia, que por todos eſtes nomes ſe conhece, e acha eſcrito em differentes Cathologos, foy huma das mulheres illuſtres na Filoſofia, e que louvaõ muito os Filoſofos Apuleyo, e Plutarco no Livro das doutrinas, e opinioens de Platáo. Eſta heroina pelo intereſſe de ouvir eſte grande Meſtre da Filoſofia disfarçou o ſexo de mulher em habitos de varaõ.

XLIII.

AGalla Corcyra, ou natural de Corfu foy doutiſſima na arte da Gramatica, e teve eſcola publica neſta Ilha. Alguns Authores lhe atribuem a invençaõ, e uſo da pella.

XLIV.

ANaſtaſia, que teve por meſtre das boas letras a Saõ Joaõ Chriſoſtomo, deixou muitos eſcritos de admiravel erudiçaõ, e eſtilo.

XLV.

XLV.

ANaſſandra (como dizem Saõ Clemente, e Didymo ambos com o ſobrenome Alexandrinos) foy excellente na arte da Pintura.

XLVI.

DOna Anna Cervaton, Caſtelhana de naçaõ, e Dama de honor da Rainha Germana de Foix, ſegunda mulher de Fernando quinto Rey de Aragaõ, deſpozado em mil quinhentos, e ſinco, foy diſcretiſſima, e douta, prendas, que na Corte lhe adquiriraõ o nome de ſingular. Entre as cartas de Lucio Marineo de Sicilia, eſcritas em latim a eſta Dama, ſe podem ler na meſma lingoa as repoſtas, que teve de Anna Cervaton pelos annos de mil quinhentos, e doze. Federico de Toledo, Duque de Alva, amava as prendas de Anna com paixaõ extremoſa. Fallava, e eſcrevia na lingoa latina com igual perfeiçaõ, e virtude em ſeus eſcritos, e palavras.

XLVII.

DOna Anna Caro, natural de Sevilha, eſcreveo algumas engenhoſas Comedias, que a fizeraõ merecer o lugar, que tem entre os eſcritores de Eſpanha na Bibliotheca, que publicou Nicoláo Antonio no anno de mil ſeiſcentos ſettenta, e dous.

XLVIII.

ANnita ſe fez memoravel (como diz Tuciano) pelo heroico , e ſingular Poema , que deixou eſcrito.

XLIX.

ANna Vaz , ou de Vaes, heroina Portugueza, floreceo no decimo ſexto ſeculo, adquirindo pelo ſeu talento , e ſabedoria grande reputaçaõ entre as heroinas , que ſerviaõ a Infanta Dona Maria, filha de El-Rey Dom Manoel, e de ſua terceira mulher Dona Leonor de Auſtria. He louvada por Arias Barboza nos ſeus Epigramas ; e Andre de Reſende no Poema , que dedicou à Infanta Dona Maria.

L.

AQuillina Prandina, natural de Verona em formoſura , e diſcriçaõ illuſtriſſima, foy nas ſciencias ſufficientemente douta , e na Poezia muito ſabia , aguda , e engenhoſa.

LI.

ARria Donzella Romana floreceo junto do anno de Chriſto de duzentos, e dous, governando o Emperador Severo. Nas Filoſofias ſeguio a doutrina de Plataõ , e foy muito douta em as letras humanas.

LII.

LII.

AMeſia Romana por naſcimento, e matrona por formoſura, diſcriçaõ, e letras, ſendo accuſada do crime de adulterio diante do Pretor Lucio Ticio, orou em ſua defenſa taõ douta, e ſabiamente aſſiſtindo numeroſo concurſo, que logo a deraõ por livre da acçaõ com applauſo taõ univerſal de honeſta, ſcientifica, animo invencivel, e peito varonil, que lhe ficaraõ chamando Androgyna, que no idioma Grego vale o meſmo, que Virago, ou quaſi homem na lingoa Latina. Floreceo eſta heroica matrona, a quem o largo tempo ſepultou, em mais abreviada memoria, eſclarecida fama pelos annos do Mundo de ſinco mil cento, e vinte, e dous, deixando em ſeu nome à poſteridade exemplar às cazadas, emulaçaõ às Donzellas.

LIII.

ASpacia natural de Mileſia em Jonia ſe fez celebre em Athenas pelo entendimento, diſcriçaõ, e formoſura. Era filha de Axioco, que mandando-lhe enſinar as letras humanas ſahio taõ douta na Filoſofia, que teve por diſcipulo a Pericles, famoſo Orador, e Filoſofo. Floreceo Aſpacia pelos annos do mundo de quatro mil ſettecentos oitenta, e tres; e ſendo amada com loucura do celebre Pericles, ſe deſquitou de ſua mulher para ſe cazar com ella, in-

fauſto matrimonio para a ſua patria, porque delle naſceraõ as duas guerras dos Samios, e Peloponenſes. Morreo Pericles na Olympiada oitenta, e oito, antes de Chriſto, quatrocentos, e vinte, e oito annos ſem poſteridade; e a formoſa Aſpacia namorando-ſe de hum homem de baixo naſcimento, o levantou aos maiores empregos da Republica por induſtria, ou reſpeito, que havia conciliado entre os povos de toda a Aſia.

LIV.

NAſceo Areta na Cidade de Cyrene, e teve por pay o Filoſofo Ariſtippo. Foy grande defenſora da Seita de Socrates, floreceo pelos annos do mundo de quatro mil oitocentos, e ſeſſenta antes da vinda de Chriſto. Era taõ douta nas letras humanas, que por morte de ſeu pay, lhe ſuccedeo na Cadeira de Filoſofia, em eſcola publica, de que ſahiraõ inſignes Filoſofos, como a fama publicou de Ariſtippo, que dando-lhe o ſer da natureza, e fazendo-o parcial nos dotes de ſua capacidade, he contado entre o numero dos Filoſofos mais celebres daquelle ſeculo.

LV.

IGualmente illuſtràraõ a patria Arignote, e Pythagoras, de quem foy diſcipula, e mais de Theano celebrados Filoſofos daquelle ſeculo. Foraõ ambos naturaes da Ilha Samia Jonica,

nica, e de ſeu meſtre Pythagoras o maior tomou Arignote a Seyta Pythagorica. Naõ ſó foy illuſtre nas Filoſofias, em que fez grandes progreſſos, deixando à poſteridade muitos eſcritos, mas tambem na Poezia, como admiraraõ os doutos nos Epigramas aos myſterios de Ceres. Eſcreveo mais huma obra, que ſe intitula: *Sacer Sermo:* outra: *Initia Bacchi* de grande ſabedoria, e naõ vulgar erudiçaõ. Floreceo pelos annos do mundo antes da vinda de Chriſto de quinhentos, e noventa.

LVI.

ANtiochena matrona Romana em defenſa de ſua caſtidade ſe precipitou de huma ponte com duas filhas, ſendo Emperadores Diocleciano, e Maximiano.

LVII.

AChar mulher de hum mancebo chamado Jacob, Indios Malabares, e Chriſtãos de Saõ Thomé vendo a ſeu marido inquieto pelo Demonio com o perigoſo, e deſordenado affecto do ciume, premeditou com heroica reſoluçaõ provar a ſua honeſtidade com ferro em braza. Negociou Achar do Rey de Mangate licença para eſta publica demonſtraçaõ pelo intereſſe de algum dinheiro. E retirada a huma Igreja o tempo de quarenta dias, perſeverou em oraçoens, jejuns, e lagrimas. Com-

pleto o numero de quarenta dias ſe confeſſou, e commungou, e na prezença do Rey, e povo gentio, e Catholico tomou nas mãos hum ferro acceſo, e ficando ſem mancha, ou queimadura deſvaneceo no marido a illuſaõ, no Demonio o enredo. Foy obrada eſta heroica acçaõ de Achar pelos annos de Chriſto de mil quinhentos noventa, e oito.

LVIII.

ANdromada filha de Atiaõ Rey de Thebas, que he hoje Sicilia foy mulher de Heitor Troyano, e mãy de Aſtyonato. Era de animo varonil, e taõ inclinada às armas, que tomou o nome de ſer guerreira.

LIX.

ANgicea filha de Aeto teve hum taõ agudo engenho, que foy a primeira, que achou remedios contra o veneno.

LX.

AMigunda Emperatriz, e mulher de Henrique ſegundo, para ſe livrar do mal fundado ciume do Emperador contra a ſua honeſtidade, ſe condenou temerariamente a provar a ſua inocencia, com ferro em braza, ficando ſem lezaõ, e o marido ſem ciume.

LXI.

LXI.

ATica, e Arthemia nobiliſſimas Donzellas Irmãas, e filhas de Galicano, valeroſo, e esforçado Capitaõ General, do Emperador Conſtantino Magno, florecéraõ em todo o genero de letras humanas. Sahindo à guerra contra os Scitas ficáraõ as duas heroinas no ſerviço de Conſtancia filha do Emperador, que pelas ſuas oraçoens as reduzio do gremio da gentilidade, ao rebanho da Igreja Catholica, e viveraõ até morte Virgens.

LXII.

ARria mulher de Cecina Peto, ſendo comprehendida com ſeu marido na infelice conjuraçaõ de Camilo, contra o Emperador Claudio, e por eſte crime condemnado à morte, reſoluta a fazer lhe companhia intentou fazer a cabeça em pedaços, contra huma forte muralha, mas ſendo introduzida na prizaõ de Cecina o perſuadio anticipar com ſuas proprias mãos as execuçoens do verdugo, fazendo-ſe Arria celebre, e exemplar deſta heroicidade, treſpaſſando primeiro com hum punhal o coraçaõ valeroſo, e magnanimo, que deo nobreza a eſta memoria, alma a eſta acçaõ. Teve huma filha do meſmo nome mulher de Traſeo, e ambas foraõ da Seyta Stoica, e muito

muito doutas na Filoſofia como eſcreve Laercio.

LXIII.

ANtonia da Guarda nobre Franceza, foy taõ formoſa, que della ſe póde dizer, que a natureza unio em huma ſó mulher todas as perfeiçoens do corpo, e da alma. Florecendo naquella idade, e naquelle Reyno, mais que nunca a arte Poetica, naõ houve quem a excedeſſe, ou igualaſſe. Correm as ſuas obras eſcritas em dous volumes. Morreo no anno de mil ſeiſcentos noventa, e quatro deixando em huma filha, e herdeira de ſeu engenho, e furor Poetico, que ganhou o premio da Poeſia na Academia de França.

LXIV.

AGripa ſe chamou a Sybilla Egipcia, que foy a undecima naſceo em Egypto, e profetizou, que o invencivel verbo ſerá palpavel, brotará com rais, ſecarſe-ha como folha: Naõ apparecerá a ſua formozura: O ventre materno o cercará: Chorará Deos alegria eterna, e ſerá pizado pelos homens: Naſcerá Deos de mãy, e converſará como peccador. A pintura deſta Sybilla trajava de cor de Roſa a maõ no peito, como admirando-ſe dos myſterios, que lhe foraõ revelados.

lados. Na outra maõ ſe lhe via hum cetro ſignificando que Chriſto, de quem ella fallava, havia de ſer Rey.

LXV.

DOna Antonia de Lacerda, Portugueza, foy mulher do Capitaõ Antonio Pereira de Lacerda, ſeu ſegundo primo. Aprendeo as lingoas Latina, Grega, e Syriaca, em que foy igualmente douta. Teve grande liçaõ da hiſtoria Eccleſiaſtica, e Secular; e fizera mayores progreſſos em as letras, ſe a morte naõ lhe cortara a vida aos quatro de Julho de mil ſeiſcentos oitenta, e ſeis, contando dezaſeis annos de idade.

LXVI.

DOna Arcangela Joſepha de Souſa, Portugueza, e filha do Doutor Antonio Carvalho de Souſa, logo dos primeiros annos ſe lhe conheceo hum grande engenho, que ſeus pays applicaraõ dando-lhe meſtres, de que aprendeſſe a latinidade. Teve taõ feliz memoria, que ſabia de cor o primeiro, e ſegundo livro das Eneidas de Virgilio, e de Ovidio os ſinco livros de Triſtes. Em dous dias aprendeo a bordar, e adquirio neſta arte toda a perfeiçaõ. Eſcreveo em dous tomos de folio a vida de Santa Cathari-

na de Sena. Ordenou outro em quarto, que ſe eſpera ſahirá á luz do Prelo com o titulo de Regras para conſervar a ſaude. Traduzio na lingoa Portugueza as obras de Luis de Gongora illuſtrando-as com notas. Morreo de huma Apoplexia com todos os Sacramentos, contando vinte, e quatro annos de idade, e jaz ſepultada no Convento do Carmo de Lisboa no jazigo dos Irmãos Terceiros.

LXVII.

AGoſtinha Barboza da Silva, que floreceo pelos annos de mil ſeiſcentos ſettenta, e quatro, compos as vidas dos primeiros ſinco Monarcas Portuguezes no idioma latino. Foy de talento extraordinario, e muito applicada às ſciencias da Arquitectura, e Ariſmethica, de que ordenou hum Opuſculo, que ſe imprimio em Caſtella haverá quinze annos debaixo do nome de Pedro de Alvernoz.

LXVIII.

DOna Adriana Fagundes eſcreveo muitas Poezias a diverſos aſſumptos, e fallava muitas lingoas com igual elegancia, que expediçaõ. Teve grande eſtudo da Eſcritura ſagrada, e conſeguio ſaber de memoria os livros do Geneſis, Exodo,

do, Canticos, e todo o Teſtamento novo; e ſe a morte naõ lhe cortara a vida no anno de mil ſettecentos trinta, e hum, ſahira com o ſeu intento de a decorar toda.

LXIX.

ANthiopa illuſtre Rainha das Amazonas, e filha de Marpeſia, ſuccedeo no trono a ſua mãy, e lhe foy companheira Orithia ſua Irmãa. Tiveraõ eſtas Rainhas guerra com Hercules Rey Grego, e poderoſo em armas. Em huma batalha, que lhe deraõ, e obraraõ acçoens de muito valor ficou Anthiopa prizioneira, e mais Hyppolita ſua Irmãa, que Hercules recebeo por mulher, e foy illuſtre Rainha das Amazonas.

LXX.

ARiſtoclea, Themiſtoclea, ou Theoclea, foy Irmã do Filoſofo Pitagoras, que deo nome a eſta Seyta dos Pitagoricos, e quer Ariſtoxeno, e outros, que della aprendeſſe a Filoſofia, de que teve depois tantos diſcipulos, mas ou ſeja verdade, ou encarecimento, he certo, que todos a louvaõ por muito douta neſta ſciencia, como Laercio, que a collocou na hiſtoria das mulheres illuſtres, Catalogo, ou claſſe dos Filoſofos Pitagoricos.

LXXI.

ANthuza, que trazia a origem de ſua aſcendencia de Capadocia; e teve o naſcimento no Promontorio de Cilicia, Regiaõ da Aſia Menor, floreceo em tempo de Leaõ Emperador Romano. Foy muito douta na ſciencia da Aſtrologia; e como a eſpeculaçaõ, e contemplaçaõ dos Aſtros ſaõ partes da Fiſica, e a Fiſica parte da Filoſofia, lhe deo Laercio lugar entre as heroinas de Seyta incerta na Filoſofia.

LXXII.

AMphiclea filha de Ariſtones, e Mulher do filho de Jamblichi foy Platonica em a Seyta, douta na Filoſofia.

LXXIII.

ARgia, Theogrida, Artemiſia, Pantanclea todas quatro Irmãas, e filhas de Deodoro Crono, foraõ Dialeticas como ſeu pay, que teve por diſcipulo a Philo meſtre do Filoſofo Cyreneo, e deſtas quatro heroinas, de quem eſcreveo huma larga hiſtoria de ſeus elogios. O Maximo dos Doutores da Igreja no primeiro livro contra Joveniano diz, que foraõ inſignes na Pudicicia, famoſas na Dialetica.

LXXIV.

LXXIV.

DOna Antonia de Rojas, Portugueza de naçaõ, ainda que ignoramos o lugar, que lhe deo o naſcimento, mas pelo appellido parece originaria de Caſtella, pois diz que ſua mãy Izabel de Rojas viera de longas terras, e que ella naſcera em hum verde valle da Luſitania. Teve hum filho chamado Pedro de Vaſconcellos, que militou na guerra do mar, e foy morrer à India, pelejando contra infieis, cujas prendas exagéra Dona Antonia em huma obra, que eſcreveo depois da morte de ElRey Dom Sebaſtiaõ, a que fez hum Soneto. Em hum volume manuſcrito ſe achaõ as obras ſeguintes: Intervallo para triſtes. Hiſtorias fabuloſas em proſa Portugueza, miſturada com verſos. Proceſſo da vida, e morte de huma amante. Principio das amargas tragedias da Autora em doze, que chama ſcenas, proſa, e verſo Portuguezes. Tragedia laſtimoſa de Dona Antonia de Rojas na morte de ſeu unico filho proſa, e verſos, oitavas, ſonetos, e outros verſos Divinos, e Humanos. Origem authentica de Noſſa Senhora de Monſerrate traduzida de proſa em verſo.

LXXV.

A Leonor de Guienna, Rainha de Inglaterra, e filha herdeira de Guilherme decimo, Duque de Guienna, e por eſta razaõ Duqueza de Guienna, e Condeça de Poitou em França. Ainda que caſou primeiro em mil cento trinta, e ſete com Luis VII. Rey de França, chamado o Moſſo, foy ſeparada deſte matrimonio por cauſa de parenteſco pelo Concilio de Baujenſi celebrado em Março de mil cento cincoenta, e dous. Caſou depois com Henrique II. Rey de Inglaterra, chamado Plauta Geneta, e ainda que teve huma fecunda poſteridade, foy muito deſprezada pelo marido, que a meteo em huma prizaõ por tempo de doze, ou quinze annos. Sendo coroada terceira vez em Worcheſter com Henrique ſeu marido, depuzeraõ no altar as coroas fazendo voto de nunca mais repetirem eſta ceremonia. Parece que eſtas coroaçoens ſuperfluas eraõ para entreter o Povo com eſtes eſpectaculos, e dar-lhe os Reys a entender, que repetiaõ o juramento, que tomavaõ, pelo animo com que eſtavaõ de o guardar. Eſcreveo eſta Princeza eruditiſſimas cartas ao Papa Celeſtino III. e a Joaõ chamado Sem-Terra ſeu filho Rey de Inglaterra em mil cento cincoenta, e ſeis. Faleceo de larga idade em mil duzentos, e quatro aos tres de Março.

LXXVI.

LXXVI.

ANna Marquert, Franceza, e Religioſa no Convento Real de Poiſſy, fallava Grego, Latim, e Francez, que era a ſua lingoa natural, e nella compos algumas obras em verſo, e proſa.

LXXVII.

DOna Anna de Noronha, illuſtre pelo ſangue, grandes prendas, juizo, e erudiçaõ, permaneceo até á morte no eſtado de Donzella, e teve por pays a Manoel de Souſa Coutinho, que depois entrando na Religiaõ Dominicana ſe chamou Frey Luis de Souſa, e foy eloquente Chroniſta, e a Dona Margarida, ou Magdalena de Vilhena filha de Franciſco Tavares de Souſa.

LXXVIII.

ARgentaria Pola, mulher do Poeta Lucano, foy dotada de tanto engenho, que muitas obras, que ſeu marido deixou imperfeitas, acabou com a meſma elegancia, e gravidade de eſtilo. Teve grande erudiçaõ, e eſcreveo muitos Epigramas.

LXXIX.

LXXIX.

ANagora Donzella natural da Cidade de Mitilene, e diſcipula de Safolesbia natural da meſma Cidade, inventora do verſo Lirico, foy celebre Poetica no ſeculo em que floreceo, principalmente na Poezia Lirica, deixando em ſuas obras teſtemunhos de douta.

LXXX.

AEgle filha de Eſculapio na Filoſofia, e Medicina foy muito illuſtre, e ſe encontra por muitos Autores celebrada a memoria deſta heroina por doutiſſima nas letras humanas.

LXXXI.

ATtoſſa filha de Cyro, e mulher de Dario, que reinou no Imperio da Perſia, foy a primeira, que enſinou o eſtilo, e modo de eſcrever cartas, e ſe reſpeitou por illuſtre nas letras humanas, como refere Taciano, e Herodoto.

LXXXII.

ANgicia, Irmãa de Circe, e Medea, vizinha, e natural de Fucino, que he hum Lago de Italia, de quem o lugar tomou o nome, foy muito douta na Medicina.

LXXXIII.

LXXXIII.

ANna de Bins, natural da Cidade de Anvers em Flandes, viveo em celibato toda a vida, foy dotada de hum juizo admiravel, e huma ſabedoria mais que ordinaria. Foy huma das mais laborioſas filhas da Igreja Romana, e taõ fiel, que tomou por empreza, e trabalho de enſinar as bellas letras a muitas ſenhoras, e Donzellas, pelas inſtruir melhor nos Dogmas da Fé Catholica. Vendo que as hereſias de Lutero, e Calvino ſe eſpalhavaõ pelo paiz, eſcreveo muitos livros contra eſtes ſectarios em verſo Theotonico, ou Flamengo, fazendo com a ſua liçaõ firmes a muitos Catholicos. Gil Euchario, homem douto, natural de Gante, traduzio em verſo latino as Poezias de Anna, e as fez imprimir em Anvers no anno de mil quinhentos oitenta, e hum; e ſe lê eſte diſtico nas Athenas Belgicas de Franciſco Siuvert em ſeu louvor.

Arte pares Lesbis Sapho, & mea Binſia diſtant
Hoc ſolo, vitia hæc dedocet, illa docet.

LXXXIV.

ARgia Rainha de Thebas, e da nobilliſſima deſcendencia dos antigos Reys da Grecia, foy mulher de Pollicine filho de Edipo Rey de Thebas. Era de taõ valeroſo

roſo coraçaõ , que ficando Pollicine vencido , e morto em huma batalha contra o tyranno Creonte , que ſem temor do edicto cruel , que o vencedor tinha promulgado para ſenaõ ſepultarem os mortos,ſahio Argia de noite na companhia de poucos criados , e no meyo daquella mortandade buſcou o cadaver de ſeu marido, e lhe deo com grande pompa , merecida ſepultura.

LXXXV.

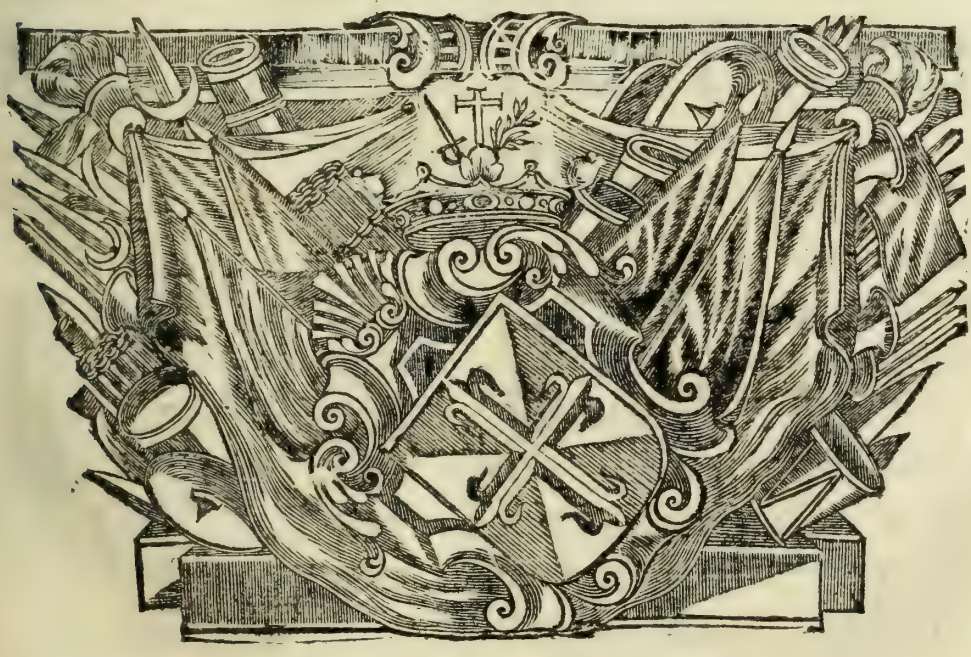
DOna Aldonça de Zangale, heroina Caſtelhana , e mulher de hum Capitaõ de Almeria, foy valeroſiſſima. Andava ſeu marido na campanha , e ficando a Cidade ſem mais defenſa , que a dos payſanos , poucos inimigos ſe atreveraõ a fazer-lhe guerra. Com a primeira viſta foy tal a confuzaõ no povo , que os valeroſos ſeguiraõ o deſmayo dos fracos , mas Dona Aldonça , que naõ conhecia o medo pela cara , com a voz , e com o exemplo os animou à defenſa , e foy a primeira , que ferio no inimigo , que deixou a campanha com perda dos ſeus , e gloria dos cidadaõs , ficando devendo a patria a Dona Aldonça em mais larga eſcriptura o premio de taõ illuſtre vitoria.

LXXXVI.

AGnodice para ouvir as liçoens de Herofilo Medico famoſo ſe veſtio em habitos de varaõ deſmentindo os de mulher; e adquirio neſta ſciencia tanta ſabedoria, que veyo a ſer muito celebre na Medicina eſpeculativa, e pratica.

LXXXVII.

ARiſtate, filha de Nearco, e Lalaõ, adquirio na arte da Pintura tantas ventagens, e excellencias no ſeculo, em que floreceo, que as ſuas obras ſe vendiaõ, e eſtimavaõ em grande preço.



THEATRO HEROINO,
E
ABCEDARIO HISTORICO
DE MULHERES
Illuſtres em Sciencias, e Artes Liberaes.

Letra B.

I.

BERONICE DE PONTO Rainha.

HOUVE huma Rainha de Capadocia, chamada Beronice de Ponto, que foy mulher do Rey Ariarato, e filha do primeiro Rey do Ponto, de quem ſe affirma, que de ſeu naſcimento fora criado com peçonha. Foy Beronice, ou Leodice irmãa de Mitridates, ſegundo do nome, e

Rey do Ponto, que aleivoſamente fez matar Ariarato Rey de Capadocia, por hum certo Gordio, ambicioſo de dilatar com o Reyno do cunhado o ſeu Imperio. Pela morte do marido entrou Beronice no governo, como tutora de ſeus filhos, mininos em os annos., em a diſgraça companheiros.

Na confuſaõ, em que ſe via aquelle Reyno ſem Monarca, foy a Nicomedes Rey de Bithinia facil a conquiſta, que intentou legitimar a ſeu dominio poderoſo, recebendo por mulher a Beronice. Mitridates fingindo grande ſentimento pela conquiſta de Capadocia, como herança do ſobrinho, tomou as armas contra Nicomedes; e achando, que Beronice recebera por ſegundo marido a Nicomedes, arrebatado da colera, mais que da cobiça, tratou com tenacidade em recuperar o Reyno, que entregou ao ſobrinho, dando-lhe logo a inveſtidura Real, ou foſſe piedade, ou fingimento; quererlhe entregar a Coroa, foy ſegurar-lhe a cabeça para com engano lhe dar a morte, e uſurpar-lhe o Reyno, que ſegurou obrando com o ſegundo ſobrinho a meſma crueldade, ſemelhante aleivozia.

Ouvindo Beronice a ambicioſa tyrannia do irmaõ contra os dous Princepes ſeus filhos, chegou a termos de perder com a nova o juizo, ou a vida com o ſentimento. E reſpirando em hum vingativo deſafogo tomou as armas, e caminhou na ſua carroça de guerra a buſcar hum

taõ

taõ poderoſo inimigo, que fazia temer toda a Aſia, e eſtremeçer toda a Italia. Valeroſa, e deſtemida penetrou os eſquadroens armados, e vendo a Ceneo, que era cabo do exercito, e fora executor das tyrannias do irmaõ, enriſtando a lança o ſeguio, e alcançou fazendo-o no primeiro bote cahir por terra taõ aceleradamente, que voltando com o meſmo impulſo a carroça ſobre elle, ſem diſtinta acçaõ ficou morto, e deſpedaçado.

Vingada Beronice em a morte de Ceneo no meyo de hum exercito inimigo, ſem pavor, ou medo do tyranno, guiou a carroça ao lugar, em que ſe achava o cadaver do filho, que ſem diſtintas lagrimas, o chorou morto, e ſepultado, como ultimas honras, ou funeraes memorias aquellas innocentes, e Reaes cinzas. Encarecem muito os hiſtoriadores eſta acçaõ do valor de Beronice taõ pobre de noticias, que ſó nos deixaõ hydropica a vontade, e fruſtrada a diligencia, com que andamos mendigando ſocorros à hiſtoria, ſem deixar à critica reparos.

II.

BAPTISTA DE MONTE FLETRO.

NAſceo primogenita dos Duques de Urbino a illuſtre matrona Baptiſta de Monte Fletro, mais conhecida em Italia, e Roma pelo grande nome, que lhe deraõ as ſciencias, que a nobreza, adquirindo merecidamente o epitheto celebrado de prodigio das letras, que aprendeo applicada, deixou em todo o mundo famoſa. Na Latinidade, Rethorica, e Filoſofia gaſtou Baptiſta os primeiros annos debaxo da diſciplina dos meſtres, que faziaõ goſto de doutrinar aquelle agudiſſimo engenho; pois com facil comprehençaõ adiantava tanto os ſeus eſtudos, que em breve tempo excedeo os mais doutos homens daquella idade. Das letras humanas paſſou às Divinas, e moral Filoſofia, de que ſahio igualmente douta.

Com os annos creſcèraõ em Baptiſta as perfeiçoens, e virtudes, de que tanto ſe prendeo Galeaço Malateſta, Princepe de Pizaura, que a pedio por mulher, e teve a fortuna de a receber por eſpoſa. Floreceraõ pelos annos de Chriſto, de mil quatrocentos, e dezoito, em que ſubio à Cadeira de Saõ Pedro Martinho quinto,

to , eleito Pontifice no Concilio , que ſe celebrou na Cidade de Conſtança. Aqui prezente o Pontifice, Cardeaes, e Padres do Concilio orou Baptiſta, dando os parabens à univerſal Igreja do acerto da eleiçaõ em benemerito ſucceſſor de Saõ Pedro , que deſterrando o Sciſma dos Antipapas , governaria com paz a Igreja , com aumento a Fé , porque era natural ſeguir-ſe o dia mais claro à noite mais tempeſtuoſa. Tambem orou por eſta occaſiaõ na lingoa Latina em prezença do Emperador Sigiſmundo , que viera achar-ſe no Concilio, deixando admirado o graviſſimo concurſo, que condenava por diminutos os brados da ſua fama.

Naõ acertava o Emperador , e Conſiſtorio Romano, a dar-lhe primacia entre ſabedoria, e diſcriçaõ, porque igualmente douta, e diſcreta aſſim elevavaõ o juizo a ſutileza dos conceitos , como a elegancia dos periodos , o uſo dos tropos, o artificio das figuras , moſtrando ao meſmo tempo em huma grande erudiçaõ, engenho raro , dezempenho fecundiſſimo dos antigos Oradores. Teve celebradas conferencias, e frequentes diſputas com os mais doutos homens de Italia , que a veneravaõ como oraculo ; e muitos de differentes partes a communicavaõ ambicioſos de ſeus eſcritos , particularmente o famoſo Franciſco Petrarca , que lhe dedicou hum pequeno volume , pedindo-lhe quizeſſe fazer publicas pelo beneficio da eſtampa as ſuas obras para delicia , e liçaõ da Patria.

Correm as ſuas Epiſtolas cheas de diſcreta erudiçaõ com applauſo univerſal dos doutos. Eſcreveo huns diſcurſos moraes Academicos nas lingoas Toſcana, e Latina, que foraõ muito celebrados. Foraõ credito de ſeu grande juizo, e proveitoſo eſtudo os dous livros, que deo à luz no idioma Latino. O primeiro: *De Conditione fragilitatis humanæ*: O ſegundo: *De vera religione*, que fizeraõ celebre naõ menos o ſeu nome, que ſeu eſpirito, e ſabedoria.

Sendo na liçaõ dos livros continuado o exercicio, já mais ſe achava menos em o governo da familia, e eſtados, de que teve por alguns annos abſoluto dominio, que adminiſtrou com prudencia, conſervou com juſtiça. Já livre das prizoens do matrimonio paſſou do eſtado de viuva ao de Religioſa no Convento de Santa Luzia da Ordem de Santa Clara, deixando conſumido em obras pias grande porçaõ de ſeu riquiſſimo patrimonio, e herança. Foy obra de ſua piedade, e religiaõ, o Convento de Corpus Chriſti da Cidade de Pizaura da meſma Ordem Serafica, edificio nobre em os primores da arte, rico em as rendas liberaes da doaçaõ.

Floreceo com muitas virtudes, em tres annos de Religiaõ Baptiſta de Monte Fletro com o nome de Soror Jeronyma de Pizaura; e contando muitos ſeculos de obſervancia em huma vida breve, e reformada, veyo a morrer com veneraçoens de Santa.

III.

III.

BRITES DE ALMEIDA.

COrria ſem o nome do baptiſmo na pobreza de noſſas hiſtorias, e ſó conhecida pelo esforço varonil, que illuſtrou ſua memoria na batalha de Aljubarrota Brites de Almeida, Forneira por officio, a Peſqueira por alcunha. Era natural de Aljubarrota, e morava na rua direita da parte do naſcente, noticia, que ſe verificou no anno de mil ſeiſcentos quarenta, e dous, em hum ſummario de teſtemunhas, em que juràraõ peſſoas de noventa, e de cem annos de idade, vivendo ainda alguns de ſeus aſcendentes, que conſervavaõ na tradicçaõ as acçoens deſta heroina Portugueza, que naſcendo humilde, morreo como progenitora de ſuas acçoens illuſtres.

Reynava em Portugal Dom Joaõ o primeiro deſte nome, que vencendo a memoravel batalha de Aljubarrota contra hum exercito poderoſiſſimo de Caſtella nos ſegurou a liberdade, na ſua real aſcendencia a Coroa. Os Caſtelhanos, que ſobreviveraõ ao eſtrago da victoria, procurando ſalvarſe na retirada, como em alheo paiz, errando muitos dias por montes, e ſerras, fugindo ao ſegundo eſtrago dos villoens, que mataváõ oppoſtos, e rendidos, e muitos já cançados de fugir, deſprezada a liber-

dade, buſcavaõ no povoado remedio à fome, refugio à vida.

Imitando as mulheres a fereza dos homens, tomàraõ as armas contra os vagamundos, que entravaõ nos lugares a roubarem alguns por officio, todos por neceſſidade. Sinalou-ſe em animo, e valor Brites de Almeida, que forneando por officio ouvio na rua vozes de peleja, e ſahindo com a ſua pá do forno contra muitos Caſtelhanos ficàraõ ſette mortos por deſpojo de ſua heroicidade. Com outras muitas occaſioens ſe fez digna deſta memoria, conſervada no inſtrumento de ſeu officio, que ainda exiſte; e extinctas muitas façanhas, com que entaõ illuſtrou ſeu nome, agora fazem perduravel a ſua fama.

IV.

BEMDITA BORGONHONA.

COm o nome de Bemdita Borgonhona entrarà neſte publico theatro huma illuſtre, e nobre Donzella, que teve por patria a Dijon, huma das principaes Cidades de Borgonha, e por pays nobres, e ricos aſcendentes, de que era unica herdeira. Naõ achamos eſcrito ſeu nome proprio, fazendo-ſe progenitora mais illuſtre com acçoens, e nome

e nome da patria, que lhe deraõ perduravel memoria. Gaſtou os primeiros annos no eſtudo da Grammatica, devendo ao cuidado de ſeus virtuoſos pays a diverſaõ dos meſtres contra a ocioſidade da puericia, em que ſe paſſa o tempo ſem util exercicio. Naõ era menos formoſa, que diſcreta, e com taõ vivo, e raro engenho, que applicando-ſe à liçaõ das artes liberaes, ſahio conſumadamente douta, adiantando-ſe a comprehençaõ à idade, naõ ſem inveja dos que admiravaõ tantas prendas em taõ poucos annos. Com a liçaõ dos livros, em que vagava o tempo livre do laborioſo eſtudo das ſciencias, enriqueceo naõ ſómente o entendimento de noticias, mas tambem a alma de virtudes.

Contava Borgonhona quatorze annos, idade, que pareceo a ſeus pays conveniente a dar-lhe eſpozo, que adiantando os intereſſes da ſua caſa, mereceſſe o inextimavel dote de ſuas taõ raras prendas. Fizeraõ ſaber a Borgonhona a deligencia, com que tratavaõ de ſeus deſpozorios, porque nella, como unico tronco da arvore de ſua geraçaõ, ſe devia continuar o eſplendor antigo, e nobre de ſeus aſcendentes, de que eraõ os filhos reproduzidas memorias, vivas repreſentaçoens. Ouvio Borgonhona a reſoluçaõ com deſagrado, como taõ alhea de ſeus heroicos penſamentos, pois muito tempo antes tinha prometido a Deos guardar por voto perpetua caſtidade, que revelado a ſeus pays por ultimo deſengano, moſtràraõ da novidade extre-

moſo ſentimento, naõ uzado eſpanto.

Tratou logo de recolher as joyas de ſeu uſo, e encobrindo, com habitos de varaõ, evidencias de Donzella, ſem que humana deligencia deſcubriſſe indicios de ſua jornada, ſahio fugitiva para Italia, e valendo-ſe para a comunicaçaõ, e trato da lingoa Latina, de que tinha grande ſciencia, e fallava com promptidaõ, pareceo na pronuncia, que lhe era mais natural, que eſtrangeira. Guiada por Deos a hum Moſteiro da Ordem de Saõ Franciſco, ſe confeſſou com hum ſanto varaõ, a quem deſcubrio o motivo heroico de deixar os pays, e patria. Admirado o confeſſor de caſo taõ novo por idade, e ſexo, louvou a Deos naquella admiravel obra de ſua Providencia. Eleito director eſpiritual de Borgonhona, facilmente a perſuadio, a que largando o traje de varaõ, veſtiſſe o habito penitente da Serafica Ordem. E renunciando para ſempre os bens do mundo, repartio aos pobres o preço de ſuas joyas. Ratificou o voto nas mãos do confeſſor depois de amortalhada em huma tunica groſſeira, cingida de hum aſpero cordaõ, cortados os cabellos, e os pés deſcalſos; e tocada no interior da alma, ſahio a prégar pelas praças da Cidade.

O fruto dos Sermoens, que prégava cada dia cheos de ſagrada erudiçaõ, eloquencia, e eſpirito do Ceo, foy copioſiſſimo, principalmente no ſexo mais reprehendido, menos das palavras, que do exemplo. Neſte Apoſtolico exercicio

ercicio vagou tempo dilatado com grande reformaçaõ daquelle povo ; porém ſendo chamada a vida mais perfeita tomou o habito em o novo Moſteiro de Santa Clara da meſma Cidade , em que viveo Religioſa , e morreo Santa.

V.

BONA LOMBARDA

NO valle de Felina , arrebaldes da Cidade de Comopoſta junto de hum lago, por nome Lario na Provincia de Lombardia , e eſtados de Milaõ , naſceo Bona Lombarda , pela origem de ſeus aſcendentes humilde , e pobre , pelas virtudes de ſeu eſforço illuſtre , e famoſa. As acçoens deſta heroina tiveraõ origem celebrada em Pedro Brunoro, valeroſiſſimo Capitaõ de Parma , de quem foy mulher , e por alguns annos na eſtimaçaõ de muitos avaliada concubina. Paſſava pelo valle de Felino , ou Retica (nome , que lhe deraõ os antigos) hum exercito , de que era General Pedro Brunoro , que vendo a Bona de toſco aſpecto , cor morena , eſtatura mediana , e reforçada de fereza , e natural vivacidade , e lutando com as mais Paſtoras com deſtreza , e valentia a mandou veſtir , e calçar por força, conduzir por violencia.

O General Pedro Brunoro com eſpirito preſago dos ſerviços , que Bona lhe havia de fazer

fazer nos ſeus trabalhos a levou na ſua comitiva. Acompanhava-ſe de Bona ſahindo à caça fazendo-a veſtir de homem, montar a cavallo, e outros exercicios de varaõ, em que moſtrava deſtreza ſem temor, ou trabalho ſem fadiga. Com o trato lhe conheceo Pedro Brunoro valor, e fidelidade, para ſe acompanhar de Bona ainda nas campanhas, e perigos do mar, em que moſtrou ſempre huma ſervidaõ conſtante, fiel, e amoroſa. Era Pedro Brunoro Soldado por officio, e naõ por vaſſalagem do Conde Franciſco Esforcia, a quem ſervio na occupaçaõ de General de ſeus exercitos em a guerra contra o Rey Affonſo de Napoles, que por induſtria, ou promeſſa de maiores intereſſes ſoube ganhar homem tamanho.

Paſſou Pedro Brunoro ao campo, e ſerviço do Rey de Napoles levando a Bona, que foy o inſtrumento de ſua liberdade por largo tempo reprezado em huma torre, e foy o caſo em abreviada relaçaõ: Que ſabendo o Rey de Napoles, que Pedro Brunoro determinava paſſar fugitivo para o Conde Franciſco Esforcia arrependido, ou enganado o mandou prender ſecretamente em huma torre, que ao valor de Bona faziaõ menos ſegura as ſentinellas, que as muralhas.

Tentou Bona ſem tomar deſcanço, ou temer perigo, todas as difficuldades, que ſe oppunhaõ à ſoltura, e livramento de ſeu amo, de que ſó tirou o dezengano de poder conſeguir-

lhe

lhe liberdade por fuga, ou deſpacho. Naõ cedeo Bona da empreza, antes ſahio de Napoles, e correndo os Princepes de Italia, paſſou a Veneza, peregrinou a França, e negociou muitas cartas para o Rey Affonſo de Napoles, que obrigado de tantas poderoſas protecçoens o deixou hir para Veneza livremente. Tinha negociado Bona com os Senadores de Veneza, que livre da prizaõ Pedro Brunoro paſſaria ao ſerviço da Republica, conſeguindo com o deſpacho de hum governo a importante renda de cem mil ducados. Reſtituido Pedro Brunoro à ſua liberdade a induſtrias, diligencias, e trabalhos de Bona Lombarda, grato a tantos beneficios a levantou do eſtado vil de ſerva, ao de eſpoſa, e mulher legitima, fazendo de ſuas heroicas virtudes o juſtiſſimo conceito, com que ſe fez benemerita da fama.

Naõ obrava acçaõ Pedro Brunoro, que primeiro naõ conſultaſſe a Bona, valendoſe de ſeu valor, e actividade, nas maiores emprezas, com que adquirio entre os Venezianos à ſua merecida fama ainda maiores brados, mais illuſtres eccos. Da arte militar teve Bona grande ſciencia, e maior pratica no exercicio de muitas campanhas, andando ſempre ao lado de Pedro Brunoro antes, e depois de caſada. Achouſe Bona em todas as batalhas, e militares emprezas de ſeu marido luzidamente armada, e como fazia confiança de ſeu valor na experiencia de tantas illuſtres acçoens, naõ duvidava

conferir-lhe os maiores perigos da empreza, naõ ſem paſmo, dos que viaõ, em taõ pequeno corpo, agigantado coraçaõ. O valor, era igual à fortuna, com que deſprezava os perigos, ſendo a primeira, que feria os contrarios nas batalhas, ou nas brechas, e ainda nos aſſaltos. Sinalou-ſe Bona entre todos na guerra contra Franciſco Esforcia já Duque de Milaõ, quando os Venezianos recobràraõ o Caſtello de Pavono em Breſcia, defendido obſtinadamente pelos inimigos. Ao valente braço de Bona ſe deveo toda a gloria daquelle dia, porque embraçando huma rodella, e abrindo com a eſpada em breve tempo larga porta, para a vitoria pareceo trovaõ, e rayo. Eſta acçaõ de Bona foy celebrada com o primor de muitos elogios, fazendo creſcer a Fé de ſuas vitorias no magiſtrado de Veneza, para lhe encommendarem na confiança da diſciplina militar, e valor de ambos os conſortes, a defenſa de Negroponte, temeroſo de que foſſe invadida pelos Turcos.

Chegava cada dia maior certeza da expediçaõ dos Turcos em danno de Negroponte, para onde partiraõ Pedro, e Bona a eſperar o inimigo, que ſempre tardou em coroalos da vitoria. Em menos honrada peleja, e mais evidente perigo deixou Pedro Brunoro a vida nas mãos da morte, cortado mais das vitorias, que dos annos na Cidade de Calcide, onde jaz com illuſtre ſepultura, merecida memoria. Naõ ſe deteve Bona em Calcide mais que os dias taxados

pelo

pelo ſentimento na operaçaõ dos lutos, e voltando para Veneza a requerer, com os ſerviços do eſpoſo honras, e comendas para os filhos, adoeceo junto de Medone, Cidade de Morea.

O continuado exercicio de Cavallaria alterou com tanto exceſſo em Bona os humores acrimonios, que laxando naquella robuſta natureza a via por onde ſe expurga todo o compoſto, que já desfalecido na frequencia do fluxo, creſceo na enfermidade o perigo, nella o dezengano, deſprezada a eſperança do remedio. E fazendo lavrar apreſſadamente honrada ſepultura em ſoberbo Mauſoleo, que foy ver dias antes de ſua morte, ordenadas as dependencias de ſua familia, e caſa, pedio os Sacramentos da Igreja, moſtrando ainda nos ultimos alentos da vida valor, e Religiaõ.

Faleceo Bona Lombarda no anno de Chriſto de mil quatrocentos ſeſſenta, e oito com as diſpoſiçoens, que guardára em toda a vida na obſervancia das virtudes, ſendo a da caſtidade a mais louvavel neſta heroina, vivendo tantos annos livremente pela contraria opiniaõ, dos que affirmaõ por impoſſivel naõ ſe contaminarem as mulheres com o trato, e converſaçaõ dos homens.

VI.

DONA BEATRIZ GALINDO.

EM a nobre Villa de Madrid, Corte de Eſpanha, e no Palacio dos Reys Catholicos Dom Fernando, e Dona Izabel, floreceo Dona Beatriz Galindo nobiliſſima por aſcendencia. Illuſtrou a Cidade de Salamanca primeiro com o naſcimento, depois com as letras, adquirindo com laborioſo eſtudo o nome deſabia entre os homens doutos daquella univerſidade. Ainda Dona Beatriz naõ contava perfeitamente os annos da infancia, quando ſe achou cercada dos meſtres, que della ſe póde verificar bebéra as letras com o leite. Tal foy o cuidado em ſeus pays, conhecido em Beatriz aquelle grande engenho, com que aprendeo Grammatica, eſtudou Rethorica, e mais letras humanas, em que ſe fez heroicamente ſabia. Havia ſubido as eſcadas de Palacio a voz de ſua fama ſem adornos da lizonja, verdadeira, quanto mais encarecida, e deſejoſa a Rainha Dona Izabel de communicar eſta heroina, ou foſſe eſtimaçaõ, ou curioſidade, mandou inſinuar aos pays, que paſſando à Corte ſe ſerviria muito de ver a Dona Beatriz Galindo.

Ouviraõ aquelles fidalgos a inſinuaçaõ como

mo preceito, a que naõ faltàraõ com a prompta execuçaõ chegando em breves jornadas a Madrid, naõ querendo dilatar à Mageſtade o goſto, ou a fortuna a Dona Beatriz. Conduzida pelos pays à preſença da Rainha lhe bejàraõ todos a maõ, offerecendo-lhe em Dona Beatriz mais huma Dama, que logo deixou ficar em Palacio, parecendo-lhe a voz de ſuas prendas diminuto encarecimento, ou na formoſura, que via, ou na diſcriçaõ, que admirava. Ficou ſervindo Dona Beatriz na occupaçaõ de meſtra da Rainha em a Latinidade, de que teve ſciencia conſummada. Com o trato, e conhecimento das prendas, e virtudes de Dona Beatriz creſceo na Rainha hum grande affecto, que ſubio a valimento, dando-lhe o lugar de Camareira môr, que ſempre andara nas primeiras calidades. Neſta inconſtante roda moſtrou taõ grandes quilates de prudencia, que triunfou ſempre da emulaçaõ, negando-ſe aos favores muitas vezes, ſem deixar queixoſa a liberalidade, ou inveja.

Determinou a Rainha dar-lhe eſpoſo de ſua maõ, e lembrando-ſe de Dom Franciſco Ramires, General da Artilharia por nobreza, e valor illuſtriſſimo, ajuſtou os deſpoſorios, que ſe celebraraõ com as devidas ſolemnidades, que nas Cortes introduzio a grandeza fez, coſtume a fidalguia. Tiveraõ a duraçaõ de breves annos os goſtos deſte matrimonio, falecendo Dom Franciſco no de mil quatrocentos noventa, e nove, e deixando a Dona Beatriz viuva, e moça; o

deſengano foy de mais larga idade, porque logo determinou deixar o mundo entrando em Religiaõ. Florecia naquelle tempo em Eſpanha, como na primitiva obſervancia, a do Principe dos Patriarcas Saõ Jeronymo, novamente tranſplantada pelos Monges do Moſteiro do Santo Sepulchro de Florença, que ouvindo dizer ao Santo Frey Thomas Succo, ſeu Prior, e noſſo Monge, que deſcia o Eſpirito Santo ſobre Eſpanha em huma nova Religiaõ, vieraõ de Italia, e foraõ os propagadores, ou ſuſcitadores deſte ſagrado inſtituto em Caſtella, e Portugal.

Tocada Dona Beatriz de ſuperior impulſo, ou do particular affecto ao Santo Patriarca, alcançando licença dos ſuperiores, fundou hum Convento deſta ordem com o titulo da Conceiçaõ, onde recebeo o habito, e profeſſou, viveo, e morreo chea de virtudes, e merecimentos no anno de mil, e quinhentos, e trinta, e ſinco. Jaz ſepultada debaixo do Coro em humilde jazigo com veneraçoens de Padroeira, opinioens de Santa. Foy taõ devota da Mãy de Deos com o titulo ſoberano da Conceiçaõ, que edificou outro Convento para Religioſas de Saõ Franciſco, e hum hoſpital debaixo do meſmo titulo na Corte, e Villa de Madrid em beneficio da pobreza, que lhe deveo a protecçaõ de muitas eſmollas.

Todas as virtudes reſplandeceraõ em Dona Beatriz em grào heroico, mas refere-ſe por couſa

ſa rara da virtude de ſua juſtiça, que deſejando a Rainha Dona Izabel fazer merces a ſeus filhos, lhe fallara neſta ſubſtancia por parte dos benemeritos dizendo: „ Que ſeus filhos ainda „ eraõ meninos, e que o mundo naõ julgaria „ menos ambicioſa a petiçaõ; que o deſpa- „ cho por mal juſtificado em a Mageſtade, adi- „ antando o premio aos que naõ tinhaõ ida- „ de para o merecimento, quando em Grana- „ da andavaõ ás lançadas com os Mouros tan- „ tos vaſſallos benemeritos, que em muitos „ annos de ſerviços naõ contavaõ huma hora de „ deſpachos. Da efficacia, com que Dona Beatriz proferio eſtas palavras, lançando o coraçaõ pela boca, lhe pagou a Rainha em maiores demonſtraçoens de agrado o grande conceito, que ſempre fizera de ſeu juizo, moſtrando ſervirſe mais da izençaõ, com que ſe eſcuzava aos intereſſes dos filhos, antepondo com leal zelo o ſerviço da Mageſtade à propria conveniencia, como ſe naſcera mais para deſprezar, que poſſuir.

VII.

VII.

BRANCARUBEA

FOy Branca Rubea filha de Antonio Roſſi, natural de Padua, e mulher de Joaõ Baptiſta da Porta, Soldado de conhecido valor; floreceo no ſeculo decimo terceiro, era de Chriſto mil, e duzentos, e vinte, e ſeis. Neſte anno partio de Padua para o governo da praça de Baſſano Joaõ Baptiſta da Porta, levando a Branca Rubea ſua mulher, naõ menos valeroſa, que honeſtiſſima.

Tyranizava Italia o crueliſſimo Ezelino, que ſabendo ſe lhe tinha rebelado Padua, mandou matar a doze mil cidadãos de ſeu exercito, Soldados por officio, martyres por coroa. E voltando as armas ſobre a praça de Daſſano, de que era Governador Joaõ Baptiſta da Porta, que a moradores, e Soldados tinha perſuadido a defenſa contra o tyranno, lhe negaraõ a entrada promptos na reſoluçaõ, faceis no arrependimento. Com a viſta do exercito guarneceraõ a muralha, diſpondo-ſe o governador á huma porfiada reſiſtencia, valente, e diſciplinado. Ezelino colerico, e ſoberbo, ordenou logo hum aſſalto geral julgando a reſoluçaõ por ouzadia, o valor por temeridade.

Branca Rubea, que ſe achava na muralha armada

armada de guerra ao lado do Governador, ouvindo que o povo contingente no ſucceſſo vagava tumultuario, reſoluto em abrir as portas, e ſalvar as vidas, ſahio com a eſpada na maõ a correr a Praça; ameaçando de morte aos que ſe oppuzeſſem contra a vóz da liberdade, que por todo aquelle dia defenderaõ valeroſos, naquella noite entregaraõ cobardes.

Naõ ſe achou menos Branca Rubea nos accidentes daquella perigoſa, e diaria guerra, pelejando com esforço, que podia fazer inveja ao melhor Soldado, e ſem que as armas parceſſem adulterado exercicio de ſua natureza, matava naõ menos de formoſa, que de valente. Entrou Ezelino de noite em a Cidade pelas portas da traiçaõ, e mandando trazer preſo à ſua prezença o Governador, lhe fez dar huma crueliſſima morte. Aqui foy mais perigoſa a contenda, e mais glorioſo o triunfo de Branca Rubea, porque ateado no coraçaõ de Ezelino, hum libidinoſo incendio tentou a formoſa, e caſta heroina, uſando primeiro de artificios, depois com violencias a fez precipitar de huma janella, livrando-ſe com perigo da vida, em defenſa da honra. Convaleceo Branca Rubea da perigoſa enfermidade pela efficacia dos remedios, e livre de hum perigo, naõ pode fugir a outro maior, porque Ezelino mandando-a conduzir por violencia, uſou de ſua caſtidade com forçada tyrannia.

Chorava Branca Rubea inconſolavelmente vendo maculada a ſua honra, e condenando-ſe de ingrata no amor, e fé, que devia a ſeu defunto eſpoſo, reſpirou aquelle ſentido coraçaõ em hum eſtranho deſafogo, alcançando facilmente para aliviar a ſua dôr abrirem-lhe a ſepultura, em que jazia. E premeditada huma fineza nunca, e já mais ouvida, ſe lançou na cova, levando com taõ violento impulſo ſobre ſi a campa, que ſem diſtinta acçaõ ficou morta, e ſepultada, cobrindo com humas meſmas cinzas a injuria com o nome, mas a patria ainda lhe eſtá devendo a ſua heroicidade repetidas memorias.

VIII.

BAPTISTA
Duqueza de Urbino.

A Segunda Baptiſta biſneta, da primeira, foy mulher de Federico Duque de Urbino, e teve por pays Alexandre Esforcia, e Conſtancia Malateſta, de quem herdou naõ menos as virtudes, que as letras. Naõ experimentou Baptiſta pela morte de Conſtancia falta na educaçaõ, porque ſeu pay, dando-lhe meſtres, de quem aprendeſſe as letras, e virtudes, adquerio com applicaçaõ, e eſtudo

tudo ſciencia de mais larga idade. Ainda era doutrinada nas regras da Grammatica, e já recitava com muita graça, e natural pronuncia as oraçoens latinas, no que depois em maiores annos excedia a muitos oradores.

Era de eſtatura mediana, e proporcionada, taõ grave na prezença, e liberal nas acçoens, que fazia venerar-ſe dos domeſticos, reſpeitar-ſe dos eſtranhos. O juizo era claro, e de facil comprehenſaõ para as ſciencias, em que teve naõ vulgar ſabedoria, e grande nome entre os homens doutos, que tratava por commercio, honrava por officio. No governo de ſeus Eſtados pela auzencia do Duque ſeu marido, ſempre em a campanha moſtrou grande talento, uſando da juſtiça, e da clemencia, ſem deixar o delicto perdoado, ou o reo queixoſo: E conta-ſe de Baptiſta por couſa rara, que voltando o Duque da guerra, lhe repetia diſtintamente todas as dependencias, e negocios dos vaſſallos pelos ſeus nomes; como ſe tivera livro de memoria, fazia da memoria outro mais diſcreto, e mais diſtincto livro, guardando a meſma ordem dos ſucceſſos, ou deſpachos.

Eſtando Baptiſta em Roma teve occaſiaõ de orar na prezença de Pio ſegundo, doutiſſimo Pontifice da Igreja, que fazendo juizo das ſuas letras diſſe: Que julgava naõ ter havido em Italia mulher igual em ſabedoria. Sempre que Baptiſta, orou aſſiſtio o Pontifice, e ſagrado Conſiſtorio dos Cardeaes, e Prelados domeſti-

cos, moſtrando na attençaõ o conceito, na repetiçaõ o goſto.

Adoeceo Baptiſta na Cidade de Agobio na Marca de Ancona, e logo que lhe deraõ a conhecer o perigo, obrou dignas acçoens de mais larga memoria. Foy lamentavel a morte deſta heroina pela breve duraçaõ de vinte, e ſeis annos de idade, governando a Cadeira de Saõ Pedro Xiſto quarto, na era de Chriſto de mil quatrocentos, e oitenta, perdendo os pobres protectora, os vaſſallos advogada. Participouſe logo a Roma eſta noticia, e correo à Curia com deploravel ſentimento, dos que antes ſouberaõ avaliar as ſuas letras, depois as ſuas virtudes; primeiro o ſeu talento, agora a ſua perda. O Pontifice por cõmiſſaõ particular mandou o Biſpo de Campania aſſiſtir às honras, e fazer a oraçaõ nas exequias, que ainda corre em muitos exemplares eſtampada

Tiveraõ os Duques deſte matrimonio oito filhas, e hum filho, que Baptiſta alcançou de Deos pelas ſuas oraçoens, e lhe foy moſtrado primeiro entre ſonhos. Perdida a eſperança de filho varaõ, para lhe ſucceder em ſeus Eſtados, na aſcendencia ſucceſſiva de oito filhas, andavaõ eſtes pays afflictos, e devotos, e huma noite ſonhou Baptiſta ſe levantava à eminencia de huma arvore, onde parira huma Fenix de belleza extraordinaria. Vio que detendo-ſe em o ninho trinta, e ſeis dias eſtendeo as azas, e formando hum voo até o Ceo, ſe abrazava em os rayos do Sol, e deſapparecia. Pouco

Pouco tempo depois provaraõ os effeitos, que o ſonho fora vizaõ, porque achando-ſe Baptiſta com ſinaes evidentes de pejada, e paſſados aquelles mezes, que a natureza decretou à perfeiçaõ do feto, deo à luz hum bello infante, que teve no baptiſmo o nome de Guido Ubaldo. Reconheceo Baptiſta a vizaõ por verdadeira, cumprindo-ſe em tudo, porque adoecendo de morte, veyo a entender que era aquella Fenix, que fitando no Sol os olhos, deſapparecera entre os rayos abrazada, ou entre as chammas conſumida.

IX.

BARBARA FERNANDES.

HUma das matronas, que vive na poſteridade em ſeu illuſtre nome, foy Barbara Fernandes, mulher Portugueza, e viuva, que no Cerco memoravel de Dio, de que era Governador o famoſo Capitaõ Dom Antonio da Sylveira, ajudou a victoria contra os Turcos, obrando acçoens, que em noſſos eſcritos mereceraõ particular memoria, illuſtre fama. Era Barbara Fernandes huma das matronas, que piedoſas, e guerreiras accodiaõ à muralha, levando aos Soldados os inſtrumentos da defenſa, ſem horror dos mortos, ou temor das ballas ſervia ao valor alheyo, aju-

dou algumas vezes com o proprio. Com valor, e caridade retirava os feridos do combate, adminiſtrando-lhe os remedios, e os regalos. Sempre era a primeira em beneficiar os mortos, e acudir aos reparos: acarretava com as outras heroinas a pedra, e cal com outros exercicios, em que os Soldados deſcançavaõ.

Correndo os Baluartes ao tempo da peleja, como tinha de coſtume, achou hum filho ſeu, por nome Chriſtovaõ, ferido mortalmente de hum pelouro, e tomando em os braços o deſpedaçado corpo, e ſuſtentando-lhe as entranhas com as mãos até o ultimo bocejo, naõ ſe conheceo em Barbara Fernandes demonſtraçaõ de ſentimento, em dor taõ vehemente, ſoffrendo com animo inteiro o deploravel eſtado do cadaver em dezoito annos de idade, como ſe o tivera creado com os olhos naquelle dia, fauſto à ſua memoria, critico à ſua vida.

Com igual coraçaõ viraõ todos no dia ſeguinte a Barbara Fernandes, porque ganhando os Turcos o baluarte da Villa dos Rumes, lhe matáraõ o filho mais velho, e quando o ſentimento dos prezentes lhe celebrava com lagrimas funeraes exequias, ſe viaõ enxutos os olhos da mãy, taõ immovel à dor do ſegundo, como do primeiro. A noſſa gratidaõ fica devendo à ſua memoria grandes elogios, porém naõ achamos em as eſcrituras daquella idade mais diſtintas acçoens, em que ſe dilate a pena, corra a tinta.

X.

X.

D. BERNARDA
FERREIRA DE LACERDA.

NA Cidade, que deo a Portugal o nome, da Provincia de entre Douro, e Minho, chamada Porto, naſceo Dona Bernarda Ferreira de Lacerda de illuſtres aſcendentes em nobreza, e ſantidade. O Doutor Dezembargador Ignacio Ferreira, Cavalleiro do habito de Santiago, e Chanceller mor do Reyno, foy ſeu pay; e Dona Paula de Sá Pereira foy ſua mãy, da antiquiſſima familia dos Sáas Pereiras, e Menezes da meſma Cidade, de que era natural por naſcimento, e aſcendencia. Na educaçaõ teve Dona Bernarda os diſvellos de primogenita, ſem os mimos de ocioſa, porque logo nos primeiros annos aprendeo as letras, que ſervem ao uſo das ſciencias, para que moſtrava engenho, e diſcriçaõ. Com a Grammatica aprendeo facilmente as regras, e preceitos da Latinidade, em que ſahio doutiſſima. Fallou com elegancia, e promptidaõ as lingoas Latina, Caſtelhana, e Italiana, e adquirio na Grega naõ vulgar intelligencia.

Na arte de eſcrever, e debuxar, naõ houve em toda a Eſpanha outra pena, que a igualaſſe, ou excedeſſe. Compunha as letras de tantos modos,

modos, figuras, e debuxos differentes com tal deſtreza, e artificio, que deixava duvidoſa a viſta ſe lhe dera forma o ſinzel, a pena, ou boril. Teve Dona Bernarda os mais doutos meſtres daquella idade, e como tinha natural inclinaçaõ às letras, aproveitou muito em as Mathematicas, primeira applicaçaõ de ſeus eſtudos, em que mereceo com attençoens de ſcientifica o vulgar nome de douta.

Eſtudou Rethorica, e Filoſofia, como bem ſe deixa conhecer em ſuas obras. Na muſica foy deſtriſſima, e teve a curioſa applicaçaõ de muitos inſtrumentos. Foy inſigne Poetiſa, e contada em o numero das Muzas pela decima. Ainda era Donzella, quando eſcreveo a primeira parte de Eſpanha libertada, a comedia Verginea, e a que ſe intitulava: El caçador del Cielo com outras muitas poezias, de que ſó nos ficaraõ as memorias em huma verdadeira, mas antiga, e abreviada eſcritura, que nos fiaraõ para copiarmos eſtas reliquias de ſuas acçoens heroicas. Dom Nicolas Antonio na ſua Biblioteca Hiſpana entende, que Dona Bernarda tambem he authora de hum livro, que trata dos Chriſtãos de Saõ Thome, e que tambem compoz hum Tomo de Dialogos. Já ſe ouvia neſta idade ſeu illuſtre nome em todo o Reyno vulgarizado pela fama de ſeus eſcritos, e dotes ſingulares com attençoens de unica, ou primeira entre os grandes engenhos daquelle ſeculo, em que floreceraõ os melhores de Eſpanha.

Chegàraõ

Chegàraõ os elogios de Dona Bernarda Ferreira de Lacerda ao trono das Mageſtades Caſtelhanas, debaxo de cujo Imperio, gemia tyrannizada a Coroa de Portugal, e ElRey Dom Felippe terceiro do nome a mandou pedir a ſeu pay para meſtra dos Infantes Dom Carlos, e Dom Felippe honra, de que ſe fez mais digna, quando ſe negou a merecella, ſem moſtrar, que a deſprezava.

Muitos fidalgos Portuguezes, e dos mais illuſtres, a pediraõ a ſeu pay em caſamento; e como era prudente, eſcuſava-ſe aos empenhos da nobreza, com os poucos annos de ſua filha, querendo dar-lhe eſpoſo, que ſoubeſſe fazer eſtimaçaõ de tantas prendas; e achando por benemerito a Fernaõ correa de Souſa filho de Jacome Correya de Souſa ſe celebraraõ os deſpoſorios por ſer hum fidalgo, que nas prendas, e virtudes ninguem o igualava, a todos excedia. Viveo oito annos caſada, e no fim delles morreo Fernaõ Correya de Souſa, deixando na felice ſucceſſaõ de duas filhas, e quatro filhos tantos exemplares de ſua nobreza, como herdeiros de ſua diſcriçaõ, porque todos ſahiraõ doutos, e virtuoſos, devendo aos influxos do pay, e doutrina da mãy, ſerem nomeados aos filhos daquelle ſeculo humas vezes para emulaçaõ, outras para exemplo.

Foy de taõ feliz engenho, que dando parte do caſamento de ſua filha Dona Maria Clara de Menezes em cincoenta cartas ſe achou,

que em todas eraõ differentes as palavras, e os conceitos. Em todos os eſtados foy exemplar de honeſtidade, e economia, ſendo exercicio commum deſta matrona a liçaõ dos livros, e uſo da poeſia, porque já mais a veriaõ ocioſa, ſempre ſe achava occupada. No eſtado de viuva compoz Dona Bernarda huns Dialogos eſpirituaes, ordenou a famoſa comedia de La Buena, y mala amiſtad, eſcreveo as Soledades de Buſſaco, e a funebre Cançaõ à morte de Lope de Vega Carpio, Poeta, que lhe havia dedicado algumas obras, e no laurel de Apolo diz na Silva terceira.

Si pudiera tener la fama aumento
Y gloria Luſitana,
Dona Bernarda de Ferreira fuera;
A cuyo Portugues entendimiento
Y pluma Caſtellana
La Heſpaña Libertada Heſpaña deve &c.

Nas leys, e regras da Poeſia, era conſultada como oraculo; e muitos dos Poetas Eſpanhoes lhe eſcreviaõ ambicioſos das repoſtas. Montalvan naõ podendo conſeguir de Dona Bernarda alguns verſos em louvor, e approvaçaõ das obras, que imprimio, ordenou hum Soneto baptizado com o ſeu nome, entendendo, que para ſua defenſa, naõ podia levar melhor apologia, ou cenſura mais calificada. Viſitavaõ na os Religioſos Carmelitas Deſcalços, com quem tinha familiaridade de Irmãa da Ordem, por antigo affecto à reforma de Santa Thereza,

que

que nos primeiros annos dezejou muito ſervir Religioſa, depois com emulaçoens de Santa imitou Doutora.

Hum dia, que a foy veſitar o Prior dos Remedios chamado Frey Felix de JESUS ſe empenhou Dona Bernarda em certa diſpenſa de favor, que naõ alterava a obſervancia regular, mas era eſcrupuloſo, e eſcuſou-ſe dizendo, que eraõ indiſpenſaveis as leys da Ordem. Eſcuſada a petiçaõ confeſſou Dona Bernarda a fazer hum diſcurſo, ou liçaõ de ponto ſobre, que couſa eraõ leys, e qual devia ſer a intelligencia dellas com tanta diſcriçaõ, e erudiçaõ, que o Prior depondo o eſcrupulo lhe concedeo a graça admirando a ſabedoria.

Deveolhe eſta Religiaõ o emprego de muitas obras em ſua defenſa, e louvor, de que ſó nos ficaraõ as memorias, ſendo a principal hum livro em proſa, que ſe intitula, *Tragica Converſaõ dos fieis de Saõ Joaõ Baptiſta*: Conſtava de oitenta Capitulos, e naõ eſtava ainda acabado. Por hum deſcuido cahio no mar, que nos roubou a poſſe deſte grande theſouro, ficando incapaz de uſo para o treſlado.

Tinhaõ paſſado à India com intento de fundarem Moſteiro em Goa alguns Religioſos Carmelitas Deſcalços huns de Italia, outros de Portugal, que naõ levando licença da Mageſtade Reinante ficáraõ eſcuſados. Souberaõ neſta Provincia, que por aviſos daquelle governo conſultava a meſa da Conſciencia, que deviaõ

ſer lançados fora da Cidade de Goa, e valendo-ſe a Ordem do patrocinio de Dona Bernarda, ſe oppoz a eſte procedimento com huma Apologia, que naõ teve completo effeito, conſeguindo antes com grande zello da Fé, a induſtrias de ſeu juizo, e deligencia fazer-ſe nova conſulta. E com aviſo, de que partia a Madrid, eſcreveo ao Definidor Geral da naçaõ Portugueza, pedindo-lhe patrocinaſſe como propria a cauſa dos Miſſionarios da India, porque eraõ mais os Portuguezes, que os Italianos. Mandou algumas joyas para reforçar o empenho com os Miniſtros daquella Corte, como quem ſabia, que no governo de Caſtella, a ambiçaõ era a primeira, que ſe ouvia. E ſahindo a conſulta a favor dos Religioſos, teve a fundaçaõ o deſejado effeito.

Logo, que foy acclamado o Senhor Rey Dom Joaõ o quarto de ſaudoſa memoria, eſquecida dos intereſſes de ſua caſa, como quem ſó vivia para augmento da Fé, e bem das almas, que por meyo da miſſaõ recebiaõ o baptiſmo, requereo a beneficio dos Carmelitas Indianos em hum memorial, que truncado nos chegou às mãos, e damos aqui a lêr, ambicioſos, de que ſe veja neſtas breves clauſulas o grande coraçaõ, e mayor eſpirito deſta heroina. E diz elle aſſim „ Temos por taõ proprio fruto de noſſos „ deſejos, e ainda de noſſos ſuſpiros, a eleiçaõ de „ Voſſa Mageſtade em noſſo Rey, ou para me„ lhor dizer em pay noſſo, que naõ podemos dei-

„ xar

„ xar de ajudar todos a conſervaçaõ deſta Mo-
„ narquia, naõ ſó com a fazenda, e com as vi-
„ das, mas com tudo, o que o engenho, e in-
„ duſtria pode deſcobrir em utilidade della.
„ A fazenda, que ha neſta caſa ao ſerviço de
„ Voſſa Mageſtade offereço em lugar da vida,
„ que por razaõ da pouca liberdade das mulhe-
„ res naõ poſſo ſacrificar às armas. Dou a dous
„ filhos, a quem tenho exhortado ſe hajaõ co-
„ mo verdadeiros Portuguezes, e naõ dem ven-
„ tagem aos que mais ſe prezaõ deſte nome. No
„ que toca á induſtria, quero dar a voſſa Ma-
„ geſtade hum alvitre, de que já póde ſer ſe
„ colha muito fruto.

Dà o alvitre propondo a grande converſaõ, que ſe podia fazer na India, mediante a exemplariſſima vida dos Religioſos Carmelitas, e outras excellentes razoens, com que dizem o fundava; e concluhia o memorial dizendo: „ Hum papel de quaõ proveitoſos ſaõ os Padres „ Carmelitas Deſcalços na India guardo para em „ outra occaſiaõ ſe apreſentar a voſſa Mageſta-„ de, e ſe neſte me naõ ſey declarar como qui-„ zera, dandome voſſa Mageſtade licença o fa-„ rey em peſſoa, ou tratarey iſto com quem „ voſſa Mageſtade me ordenar, cuja vida nos „ guarde Deos muitos, e felices annos. Dona „ Bernarda de Lacerda.

Viveo ſó cinco annos depois da acclamaçaõ, falecendo no primeiro de Outubro, de mil ſeiſcentos quarenta, e cinco. Os Poetas de

Portugal, e Eſpanha apuraraõ o ſonoro cantico de ſuas lyras em muitas, e elegantes obras dando-lhe no Parnaſo o lugar de Muſa decima entre as Muſas. Jaz ſepultada em capella propria no Moſteiro dos Carmelitas Deſcalços de noſſa Senhora dos Remedios da Cidade de Lisboa jazigo, que mandáraõ erigir ſeus pays, e foy o ultimo padraõ, que levantáraõ a ſua piedade, e veneraveis cinzas. Foraõ tresladados os ſeus oſſos a huma levantada ſepultura, que ſe vê na parede da parte do Euangelho com hum diſcreto Epitafio, que damos aqui a lêr como ultimo beneficio à ſua heroicidade, que fielmente copiado diz:

EPITAFIO.

SUa erudiçaõ, ſciencia, juizo, engenho, e a grandeza de ſeu varonil eſpirito cantou em heroico eſtilo Eſpanha libertada,

Sua piedade, devoçaõ, e virtudes para com Deos, deſprezo, e eſquecimento do mundo repetem com ſaudoſa, e celeſtial armonia os eccos das Soledades de Buſſaco.

Seus eſcritos ſaõ ſeu retrato, ſuas cinzas noſſo deſengano. Foy laureada no Parnaſo do Ceo em o primeiro de Outubro de 1645.

Nicoláo Antonio, Jorge Cardoſo no Agiologio Luſitano no dia nove de Abril, e Antonio de Souſa de Macedo nas Excellencias de Portugal fallaõ neſta inſigne mulher com os devidos louvores.

XI.

XI.

BYBISSA
Sybilla.

PElos annos do mundo de dous mil oitocentos, e quinze floreceo a Sybilla Libica, por nome Bybiſſa, ou Eliſſa, antes da deſtruiçaõ de Troya, e he contada pela ſegunda em o numero. Deſta Sybilla vulgarmente nomeada por Lybica, ou Africana, ſe refere que para fallar da Virgem Santiſſima cubria a cabeça com huma Coroa verde, dando a entender, que neſta Senhora, eſtavaõ como em centro noſſas eſperanças. Xiſto Senenſe eſcreveo, que ſe achàraõ alguns verſos deſta Sybilla, que referiaõ os milagres, que fez Chriſto.

Profetizou neſta ſuſtancia como eſcreve Macedo: „ Virá dia, em que o Senhor illumi„nará o denſo das trevas, e ſe diſſolverá a Sina„goga, e ceſſaràõ as bocas dos Profetas, e ve„raõ o Rey dos viventes, e a Virgem Senhora „ o terá no regaço, e reinará a mizericordia, e o „ ventre de ſua mãy ſerá a balança de todos. Elle „ ſarará os opprimidos das doenças, e todos os le„ſos, que nelle confiarem; os cegos veraõ, os „ coxos andaráõ, os ſurdos ouviráõ, os mudos

„dos falaràõ ; lançará fora as furias , os mortos „ reſurgiràõ. He a pintura deſta Sybilla a imagem, de huma virgem (que pelo dom da virgindade, em que todas floreceràõ ſe lhe communicou o da Profecia como affirmaõ autores graves) coroada de flores, com hum ramo de louro na maõ.

XII.

BLESILLA Romana.

HUma das primeiras heroinas, que deraõ fundamento ao Monacato Jeronymiano em Roma foy Bleſilla filha de Toxocio, e Paula aquella memoravel matrona, em nobreza, e Santidade, que empobreceo a eloquencia do Doutor Maximo, para lhe formar os elogios, eſcrever os epitafios. Ennobreciaſe a aſcendencia de Bleſilla com as familias mais celebres dos antigos Romanos, de que foraõ troncos os Graços, e os Scipioens, e ſendo já morto ſeu pay, ſe enlaçou pelo vinculo do matrimonio com Furio Camilo, hum dos mais nobres, e ricos Senhores de Roma.

Ainda naõ eraõ perfeitos ſette mezes, que eſtavaõ deſpoſados, quando Bleſilla ſe achou viuva, e deſte golpe começou o deſengano da fragilidade, a crear naquelle peito heroino hum

taõ

taõ geral deſprezo das glorias, e goſtos do mundo, que pouco a pouco ſe foy deſpojando das grandezas, e delicias de ſeu eſtado. Reſoluta em abraçar a vida Religioſa, naõ ſendo as acçoens virtuoſas de ſua mãy menor eſtimulo para eſta heroicidade, ſe lhe adiantou com a profiſſaõ, que fez no Moſteiro de Santa Marcela, deixando a ſeu arbitrio a diſpoſiçaõ de ſuas grandes riquezas, levou por deſpojo deſte grande vencimento a gloria de as deixar por Chriſto.

Contava Bleſilla menos de dezanove annos, quando entrou na Religiaõ, devendo-lhe mais lagrimas o eſtado, que perdera de Virgem, que a morte de ſeu eſpoſo como refere Saõ Jeronymo, conſolando a ſua mãy, no epitafio, que lhe fez na morte, que lhe tardou poucos mezes, em coroar da immortalidade tantas virtudes, e tantas prendas.

Os elogios de Bleſilla diremos pelo conceito, que della fez o Santo Patriarca admirando a firmeza continua de ſua oraçaõ, a elegancia de ſeu eſtilo, a tenacidade de ſua memoria, a agudeza de ſeu engenho. Se a ouviras fallar em Grego, diz o Santo, julgaras, que naõ ſabia fallar Latim, e ſe a lingoa ſe explicava no idioma Romano, nada ſe lhe conhecia na pronuncia o ecco Grego, O meſmo que admirou toda a Grecia em Origines, vimos em poucos dias de eſtudo em Bleſilla vencendo as difficuldades da lingoa Hebraica, que em dizer, e cantar os Pſalmos contendia com ſua mãy.

Dava-ſe tanto à liçaõ da Eſcritura, que na ultima doença naõ paſſava o dia ſem correr pelos olhos algum dos livros dos Profetas, ou dos Euangelhos. Com a doutrina de taõ grande meſtre, e Doutor ſe fez muito douta nas divinas letras; aproveitando-ſe o ſeu engenho de tanta ſabedoria lhe pedio para melhor intelligencia de ſeus eſtudos hum Commentario ſobre as eſcuridades do Eccleſiaſtês, que o Santo acabando depois de ſua morte dedicou a Santa Euſtochio ſua irmãa. Sepultou-ſe aos tres dias das calendas de Janeiro, devendo pela peſſoa, e pelas virtudes a Saõ Damaſo Papa o epitafio, que traz o Cardeal Baronio, e ainda hoje ſe lê na Igreja de Saõ Martinho *in montibus*, que foy o antigo titulo de Equicio.

XIII.

SANTA BRISIDA Viuva.

NAõ conſta o dia, em que Briſida naſceo para o mundo; mas antes de naſcer, tiveraõ ſeus pays, Birgero, e Sigrida revelaçaõ, que Deos os livrára de huma furioſa tempeſtade, e naufragio, por conſervar a vida do feto, que Sigrida trazia no ventre, querendo-lhe anticipar com eſte vaticinio a futura ſantidade, com que mais ſe illuſtraria a aſcen-

aſcendencia dos antigos Reys de Suecia. Eſta nobreza, que herdou Briſida pelo ſangue de ſeus progenitores, fez mais illuſtre com as acçoens da ſua vida, depois com os milagres, que obrou na morte, e eſtá obrando ainda na poſteridade.

Pela morte de Sigrida ſe encomendou a educaçaõ de Briſida a ſua Avó, matrona, que logo da primeira idade lhe deo a beber o nectar das virtudes na precioſa taça das letras Divinas, e humanas. Contava dez annos, e já admirava a armonia, que as virtudes começavaõ a fazer em Briſida, porque logo ſe conheceo honeſta, humilde, e caritativa com os pobres.

Como filha unica a caſou ſeu pay com Ulfon, Princepe de Nericia, matrimonio, em que depois de celebrado guardaraõ por tempo de hum anno inviolavel continencia, e ajuntando ſe depois pelo fim da poſteridade, que foy bem multiplicada, paſſaraõ ambos a Galiza em peregrinaçaõ a viſitarem o corpo de Santiago, que alli ſe venera ſepultado. Voltavaõ já para Nericia goſtoſos, e alegres, quando Deos viſitou em França o Princepe ſeu marido com a ultima enfermidade, de que morreo.

Logo que chegou a ſeu Palacio, fez voto de perpetua caſtidade; e o tempo, que lhe vagava do governo de ſua familia, e caſa ſe recolhia no retiro de ſeu Oratorio a fazer oraçaõ, e rezar o Officio de Noſſa Senhora. Era rigoroſa nas penitencias, frequente nos Sacramentos,

e obras de piedade com os pobres, tendo caſa ſeparada em ſeu Palacio, em que lhe dava de comer, ſervia à meza, e algumas vezes na ſemana lavava os pés deſpendendo largas eſmolas.

Edificou hum ſumptuoſo Moſteiro para Monges, e Monjas da Ordem de Saõ Baſilio, que alternadamente louvavaõ a Deos em differentes Coros, e lhe deo o titulo de Santa Briſida; guardavaõ a regra de Santo Agoſtinho, e a Santa lhe ordenou Conſtituiçoens, que tiveraõ approvaçaõ de Urbano V. e outros Pontifices.

Honrou Deos a Briſida com muitos eſpeciaes favores; deo-lhe eſpirito de Profecia, como experimentàraõ em diverſos aviſos, que fez por carta a muitos Pontifices, Emperadores, Reys, Principes, Prelados, Religioſos, e Seculares. Viſitou muitos Santuarios da Chriſtandade, e os Santos Lugares de Jeruſalem; e voltando ſegunda vez a Roma cahio em huma enfermidade, que lhe durou o tempo de hum anno, e revelando-lhe Deos o dia de ſua morte, que eſperou com todos os Sacramentos, faleceo a dez de Agoſto de mil trezentos ſettenta, e dois, contando ſettenta de idade.

Foraõ muitos, e admiraveis os milagres, que Deos obrou pela interceſſaõ de Briſida, que deixou à poſteridade no livro de ſuas revelaçõeſ, approvadas pelo Concilio de Baſilea, hum autentico teſtemunho da grande ſabedoria, que adquirio. Pela frequencia de milagres em vinte annos

ſuceſ-

ſucceſſivos, o Papa Bonifacio IX. a mandou collocar no Catalogo dos Santos. O Martyrologio Romano ſinalla o dia de ſua morte aos oito de Outubro; Paulo Filippe, Bergomenſe, a dez de Agoſto, e Pedro Paulo da Ribeira, Conego Regular Lateranenſe, a vinte, e tres de Junho. Hum anno depois da ſua morte alcançáraõ as filhas, herdeiras de ſeu eſpirito, licença do Pontifice reinante para conduzirem o ſeu corpo a Suecia, donde he celebrado, e em muitas Igrejas de Alemanha com veneraçaõ de Santa, e culto de advogada.

CATALOGO
XIV.

SAnta Bega, natural de Flandes, e filha de Pepino, foy illuſtre fundadora da Congregaçaõ Religioſa de Virgens Conegas, a que chamaraõ *Ordo Vigitarum.* Ficando Santa Bega viuva do Conde de Argicilo peregrinou a Roma a viſitar a Igreja de Saõ Pedro, e Saõ Paulo, e o Papa Adriaõ a recebeo com grandes honras por ſua virtude, e qualidade. E voltando para a Cidade de Andana edificou hum ſumptuoſo Convento com ſette Igrejas em memoria das ſette eſtaçoens de Roma, em que deo principio à nova Ordem, de que foy Matriarca. Floreceo pelos annos de Chriſto de ſeiſcentos, e noventa, e oito, e o Martyrologio Romano faz della menção aos dezaſette dias do mez de Dezembro.

XV.

BErſane, viuva de Damaſco, e mulher de Alexandre Magno, foy illuſtre na arte da Poeſia. Eſcreveo (como diz Suidas) em louvor de Neptuno admiraveis hymnos.

XVI.

BArbara Torella natural, de Parma, foy grande Poetiſa, e teve bom engenho para todo o genero de letras. Compoz hum livro intitulado *Partenia* muito louvado pelos homens doutos, em que moſtrou as boas letras, que ſabia. Floreceo pelos annos de mil quinhentos oitenta, e ſette.

XVII.

BRitona, foy natural de Creta, e Dama, ou Ninfa de tanta formoſura, que o Rey Minos ſe namorou della, e lhe fez tanta violencia, que para lhe fugir ſe precipitou ao mar de hum altiſſimo rochedo, defendendo com a morte o voto, que tinha feito de perpetua virgindade.

XVIII.

DOna Beatriz da Sylva, e Souſa, naſcida no lugar de Torres novas, eſcreveo muitas Comedias, e livros Aſceticos. Teve grande engenho, e capacidade, e foy muito dada à liçaõ da hiſtoria Eccleſiaſtica.

XIX.

XIX.

BErnarda Soares, viuva de Pedro Joaõ, marinheiro de officio, e moradora no bairro de Alfama, moſtrou o ſeu valor com outras heroinas de ſeu ſexo no dia a todos os ſeculos memoravel da feliciſſima Acclamaçaõ de ElRey Dom Joaõ o quarto. Correraõ todas armadas ao terreiro do Paço, para ſe lhe offerecerem verdugo dos Caſtelhanos, e foy preciſo ſupprimir a Bernarda Soares, e ſuas companheiras o furor para naõ cometterem alguma deſordem.

XX.

DOna Brites de Souſa, natural de Coimbra, e de huma nobre familia daquella Cidade, foy Religioſa do Real Moſteiro Ciſtercienſe de Cellas, e muito virtuoſa, como atteſtaraõ as Religioſas, que a conheceraõ, e por tradiçaõ ſe provou, que eſtando no ſeu leito ouvia as Miſſas, e via os Sacerdotes, que as diziaõ na Igreja do Moſteiro. Compoz, e eſcreveo hum livro da Payxaõ, que levou do Cartorio do Moſteiro o Doutor Frey Luis de Souſa, ſendo Geral (e dizem que era parente) para o mandar imprimir, mas nem teve effeito, nem o livro ſe reſtituio com ſentimento das Religioſas. Faleceo em mil ſeiſcentos, e quarenta, contando cem annos de idade, com grandes ſinaes de predeſtinada, ſendo Director de ſeu elevado eſpirito

eſpirito Frey Thomas de Saõ Cyrillo, Carmelita Deſcalço, e Fundador de Buſſaco.

XXI.

BIgois, Nimpha, que eſcreveo em Toſcana hum livro ſobre a arte de interpretar relampagos. Eſte livro ſe guardava em Roma no templo de Apollo com outros de materias ſemelhantes, como diz Servio, *in Æneid. liv. 6. verſ. 71.*

XXII.

BRizida de Santo Antonio, Religioſa de muita virtude, e diſcriçaõ, no Convento das Inglezas de Lisboa, ordenou huma hiſtoria, ou relaçaõ do meſmo Convento.

XXIII.

BRanca Borromeo, dama illuſtre natural de Padua, foy a gloria, e ornato deſta Cidade pela formoſura, modeſtia, e ſabedoria; e taõ dotada de outras muitas perfeiçoens, que naõ lhe ſabemos dar a primacia. No melhor de ſeus annos a levou Deos a coroar tantas virtudes no anno de mil quinhentos ſettenta, e ſette, e lhe aſſiſtiraõ todas as damas, e ſabios da Univerſidade de Padua, que a veneravaõ por laborioſa no eſtudo das ſciencias. Os Poetas chorараõ a ſua morte com muitas elegias, finalando-ſe o famoſo

ſo Licenciado Ganbara, Achilles Eſtacio, Portuguez, com bellos Epitafios; e o Poeta Paduano, Alexandre Leonardo, com eſte Epigramma:

Candida honor Patavi immatura morte perempta
Ut Roſa vix florens ungue reciſa cadit
Tecum omnis virtus, tecum omnis forma receſſit
Æterni merito te voluere Dij.

XXIV.

BUndivica, mulher guerreira, e de naçaõ Ingleza, douta nas Filoſofias, eſcreveo muitas eruditas epiſtolas aos Reys de Inglaterra, para ſe livrarem do jugo dos Romanos.

XXV.

BEatriz Pia, mais illuſtre pelas virtudes, que pela nobreza herdada dos Pios de Saboya, era natural de Ferrara dos Princepes de Carpi, e filha de Luiz Pio, naõ ſó herdeira dos bens, mas das virtudes de taõ generoſa, e eſclarecida aſcendencia. Teve o principado de Modena, que governou com juſtiça, e equidade, fazendo ſe taõ recomendada pelas ſuas perfeiçoens, que ſervio de modello às damas de Ferrara, e Padua. Os homens doutos, que tiveraõ a felicidade de communicalla, a reſpeitavaõ pelo juizo, prudencia, e animo generoſo. Era o ſeu Palacio huma Academia de honra, e das ſciencias,

e ſe fez taõ ſabia, que foy venerada pelo Oraculo de Italia. Caſou com Gaſpar de Obizzes, cujos aſcendentes foraõ ſenhores da Cidade de Luca na Toſcana.

XXVI.

BRela, filha de hum Rey de Bohemia, chamado Croco, que erigio o Caſtello de Brelo, e a Cidade de Cracovia, foy muito douta na Medicina, e conhecimento das ervas.

XXVII.

BEtiſia Dottoreſſa, filha de Amador Goſandini, naſceo em Bolonha no anno de mil duzentos, e noventa. Foy de engenho taõ felice, e eſtudo taõ applicado, que alem de muitas artes, e ſciencias, que aprendeo, ſe doutorou em Leys naquella Univerſidade em treze de Junho de mil duzentos trinta, e ſeis. Faleceo em tres de Novembro de mil duzentos ſeſſenta, e cinco, deixando de tanta literatura eſta abreviada memoria.

XXVIII.

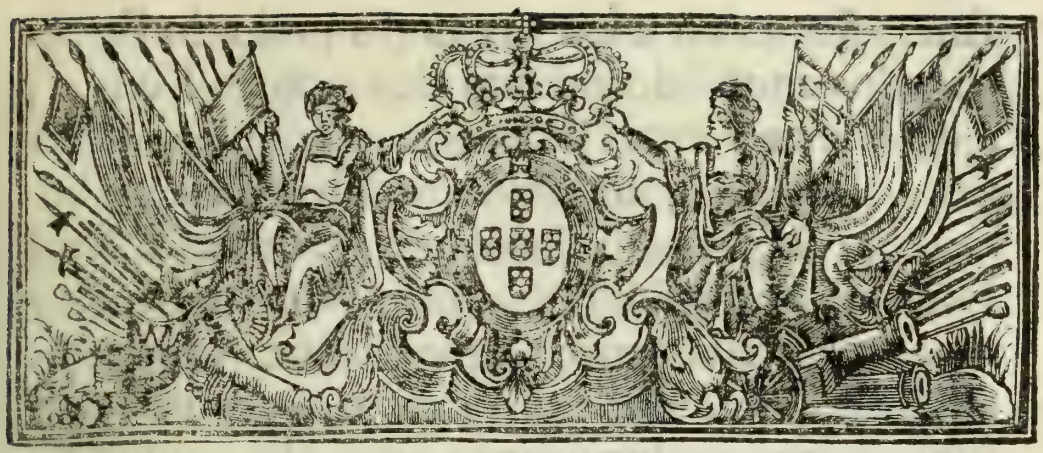
BEttina, natural de Bolonha, e filha de Joaõ Andre de Saõ Jeronymo, e mulher de Joaõ de Saõ Jorge, leo publicamente em Padua huma das cadeiras de Leys. Jaz ſepultada na Igreja de Santo Antonio com eſte Epitafio.

Sepulchrum

Sepulchrum Dominæ Bettinæ, filiæ quondam Domini Joannis Andreæ, Bononia Archidoctoris Decretorum, & uxoris Domini Joannis de Sancto Georgio de Bononia Doctoris Decretorum. Quæ obiit anno D. 1355. *die lunæ V. Octobris.*

XXIX.

BArbara, natural de Ravena, e filha de Lucas, excellentiſſimo Pintor, teve igualdades com ſeu pay, e ſeu irmaõ na arte da pintura.



THEATRO HEROINO,

E

ABCEDARIO HISTORICO

DE MULHERES

Illuſtres em Sciencias, e Artes Liberaes.

Letra C.

I.

CLEOPATRA Rainha.

VARIAMENTE deſcrevem os Authores as acçoens da illuſtre Cleopatra, filha de hum Rey do Egypto, por nome Ptolomeo Dioniſio, ou Minos. Em formoſura, e prendas naturaes naõ houve mulher mais celebrada nas hiſtorias pro-

fanas. Succedeo a ſeu pay no Imperio do Egypto pelos annos do mundo de cinco mil cento, e cincoenta, antes da vinda de Chriſto, quarenta, e nove, na Olympiada oitenta, e huma. Havia deixado Ptolomeo Dioniſio a Real ſucceſſaõ de dous filhos, e duas filhas, mandando em ſeu teſtamento, que Ptolomeo o maior recebeſſe por mulher a Cleopatra, como era coſtume entre os Egypcios, mas ella ambicioſa de reinar, e viver livremente em poucos dias matou com peçonha o innocente irmaõ, e marido, que era já de quinze annos de idade; e na hiſtoria Biſantina ſe eſcreve reinara ſeis annos da morte do pay até a ſua morte, e dominio abſoluto de Cleopatra na ſerie dos Reys de Egypto. Por eſte tempo occupava toda a Aſia o grande Pompeo fugitivo de Julio Ceſar, e por força de armas reſtituhio a Ptolomeo o menor, pela morte do irmaõ, o Reyno de Egypto, deſpojando a Cleopatra da Coroa, e do Ceptro.

Pela auſencia de Pompeo commetendo Cleopatra o direito daquella Coroa ao juizo das armas, ajuntou exercito, e fez guerra a Ptolomeo o menor, caſado com Arcinôa, que era a outra irmãa, tambem menor em os annos. Mas deſtruido o exercito de Pompeo na batalha Farſalica, Julio Ceſar, que o veyo ſeguindo atê o Egypto, mandou a Ptolomeo, e Cleopatra, que deixadas as armas apareceſſem na ſua preſenſa, a demandar o Reyno por juſtiça, fazendo-ſe

do-ſe arbitro da paz, e mais da guerra.

Ouvindo Ceſar os irmãos julgou a cauſa a favor de Cleopatra, dando-lhe a Coroa de Egypto por mais velha, e o Reynado da Ilha de Chypre a Ptolomeo, e Arcinôa irmãos, e eſpoſos. Porém Arcinôa, e Photino, ayo de Ptolomeo, deſcontentes com a ſentença tomaraõ as armas contra o Ceſar, que mandando os ſeus Capitaens mais a caſtigar, do que a vencer, os deſtruhio com grande mortandade dos Egypcios, e Alexandrinos, a quem Ptolomeo fez companhia na diſgraça naufragando em o mar, pertendendo ſalvar-ſe na retirada ao furor dos Soldados, ou do Ceſar. Só Cleopatra contente com a ſentença, e mais ainda com a morte do irmaõ, ficou abſoluta ſenhora de tudo, que o Ceſar lhe mandou entregar, deixando-lhe por prenda hum filho, e por paga hum Reyno.

Ficou o Ceſar taõ rendido da formoſura de Cleopatra, que affirmava exceder a todas as mulheres do Egypto; e naõ menos ſe admirou do agradavel, e airoſo geſto de veſtir, e andar, eloquencia, e facundia de palavras, e apothemas de taõ prompta memoria em diverſas lingoas, como eraõ os Troglodios, Etiopios, Hebreos, Arabios, Syrios, Medos, Parthos, e outras Naçoens, que frequentavaõ aquelle Reyno por commercio, ou intereſſe. Eſtabeleceo por decretos a todos os ſeus vaſſallos o nomearem-na com o titulo de Rainha das Rainhas; e ſem duvida, que em riquezas, dominios, e prendas naturaes

naturaes, foy illuſtriſſima entre todas. Em magnificencia, e liberalidade foy paſmo, e aqui mais livremente ſe empenharaõ nos elogios as pennas dos hiſtoriadores, eſcrevendo, e deſcrevendo a pompa, o luzimento, e deſperdicio dos banquetes, que deo a Marco Antonio, com tanto exceſſo de grandeza, que naõ houve antes, ou depois, quem a igualaſſe, ou excedeſſe.

Achava-ſe na Aſia Marco Antonio para fazer guerra aos Parthos, e ſabendo, que a Rainha do Egypto favorecera a Caſſio, e Bruto inſtrumentos da morte de Julio Ceſar, a mandou citar com dia ſinalado para livrar-ſe na ſua preſença do crime impoſto, ou certo. O Miniſtro da citaçaõ admirando a eſtranha formuſura de Cleopatra, recomendando-lhe a jornada, lhe aconſelhou a brevidade dizendo: Naõ haveria procurador mais eloquente, em diſculpar a ſua cauſa com Marco Antonio, que as perfeiçoens, com que a dotara a natureza, enriquecera a ventura. Cleopatra, como preſumia de formoſa, e era diſcreta, deo por vencido o Capitaõ Romano; e ornando-ſe do mais precioſo de ſuas roupas, e joyas ſe embarcou na freſca margem do Rio Cydno, que dilata os criſtaes de ſuas correntes pela Cidade de Tarſo, onde ſe achava Marco Antonio.

Com a proa em Tarſo ſe alongou da terra o Bargantim Real ao ſom de muſicos inſtrumentos, e concertadas vozes de ſuas Damas trajadas

como

como Ninfas, das que pintaraõ os antigos com o nome de Driades, ou Napêas. Deixava-ſe conhecer entre a comitiva de innumeraveis embarcaçoens, naõ ſó pelo eſtandarte, mas ainda pela riqueza, e navegaçaõ, que parecia ter apoſtado velocidade na corrente com as aguas, que deixava atraz, menos de envergonhadas, que de corridas. Voava aquelle monte de ouro animado com as azas de prata, de que os remos ſe viaõ enlaçados primoroſamente, ſendo taõ curioſo o artificio de todo o artefacto, que atrahindo as viſtas, fazia emudecer as vozes.

Servia-lhe de toldo finiſſimo borcado, de que eraõ tambem as librés dos remeiros, e o pavilhaõ, que eſtava eminente ao lugar de Cleopatra, porém mais rico, e mais precioſo em o lavor, e valor. Veſtia Cleopatra de huma invençaõ, com que ſe pinta a Deoſa Venus, e os meninos, que lhe faziaõ companhia cada hum, trajava ao modo de Cupido; e com tanta graça brincaváõ pelo toldo, que era huma repreſentaçaõ viſtoſa aos olhos, ao coraçaõ alegre. Os aromas, e perfumes, exquiſitos queimados em braſeiros de prata, dezafiavaõ o Olfato, e enchiaõ de fragancia as veigas, ou margens do Rio, por onde ſe dilatara hum concurſo de taõ innumeravel gente, que Marco Antonio ſe achou quaſi ſó na Cidade admirado de naõ ver gente, como a gente ſe eſtava admirando, e naõ crendo o meſmo, que via, e ouvia.

Marco Antonio, que só no retrato de huma diſcretiva idea, com que lhe pintáraõ a formoſura de Cleopatra, ardia em dezejos de ver o original; eſtudando ganhar lhe a vontade, mandou ao caminho hum dos ſeus veadores a cortejar, e offerecer lhe a primeira comida. Cleopatra, que naõ era menos altiva, que formoſa, negou ſe ao convite reſpondendo; Que naõ era taõ grande a falta de regalos, e manjares da ſua comitiva, que o privaſſe da moleſtia de primeiro convidado.

Naõ tardou Marco Antonio em aceitar o convite por ver a formoſura de Cleopatra, que admirou taõ rara nas perfeiçoens, que foy nelle huma meſma couſa prender-ſe, e perder-ſe por ella; e tem por certo alguns Authores, que o matrimonio fizera licitos aquelles amores, que a hum, e outro amante cortaraõ a vida, apreſſaraõ a morte. Tudo quanto via Marco Antonio, lhe cauſava admiraçaõ, e he muito para admirar, ſendo criado na ſoberba Roma; mas foraõ tantos, e exquiſitos os manjares daquella cea, e tal o ſerviço daquella meſa, que naõ ſe vio baixela, ou prato, de menos inferior metal, que ouro, conhecendo-ſe entre alguns o exceſſo no primor, e artificio dos lavores, ou na riqueza, e variedade da pedraria, de que eraõ ſemeados.

A tapeçaria das ſalas, e recameras era de tanta riqueza, valor, e formoſura, que à viſta de Cleopatra lhe levaraõ os olhos, e o agrado, confeſſan-

feſſando, que naõ vira Roma ornato igual, ou ſemelhante. Cleopatra, que ſe eſtava rindo, e zombando para moſtrar a pouca eſtimaçaõ, do que Marco Antonio encarecia, lhe fez logo offerta de tudo. No outro dia, convidou a Marco Antonio para outra cea tanto mais precioſa em delicias, e riquezas, que deſtribuhio pelos convidados, que a primeira naõ mereceo o nome de ſegunda. Os vaſos por onde ſe bebiaõ os licores com riquiſſimos aſſentos, que ſerviaõ na meſa, offereceo aos convidados, e tudo o mais a Marco Antonio. A todos deo carruagens para voltarem as ſuas caſas, e os que naõ eraõ da primeira jerarquia, mandou em formoſos, e bem ajaezados cavallos com negros de ſerviço, que os acompanhavaõ com tochas acceſas; gaſtando neſtas vanglorias, riquezas ſem numero, ou dinheiro ſem conto.

Marco Antonio picado no brio com as grandezas de Cleopatra fazendo ordenar hum eſplendido banquete a convidou com facil juizo de poder oſtentar magnificencia igual, mas no correr das iguarias ſe vio taõ corrido, que motejando com galantaria a pouquidade, ella o favoreceo com agudezas, e palavras de tanta graça, de que era naturalmente ſoccorrida; que aliviando em grande parte a ſua afronta prometeo Cleopatra dar huma cea, que excedeſſe o valor de ſeis mil ſeſtercios, arrojo, que parecendo-lhe hyperbolico, deo occaſiaõ a ſe acabar o banquete com huma apoſta de que tomàraõ por juiz a Lucio Planco.

Chegou o dia aprazado para o banquete, e depois, que agula naõ teve mais, em que cevar o appetite, pedindo Cleopatra huma redoma, que tinha prevenido com fortiſſimo vinagre, lançou dentro huma perola, que lhe ſervia de arrecada, ou pingente; e quando Marco Antonio ſe tinha por mais certo no triunfo, bebeo Cleopatra a potaje da perola desfeita, e hindo a lançar maõ da outra com aſſombro, e paſmo dos convidados, acudio Lucio Planco a eſtorvar o deſperdicio, julgando por ella o vencimento, e apoſta. Foraõ eſtas perolas dadiva de hum Rey do Oriente, e eraõ de grandeza taõ nunca viſta, e extraordinaria, que partida pelo meyo, a que tinha eſcapado ao liberal ſacrificio de Cleopatra ſe conſagràraõ em arrecadas, por admiraveis, a Deoſa Venus, venerada em o Pantheon de Roma.

Embaraçado com os amores de Cleopatra naõ ſe lembrou Marco Antonio de fazer guerra aos Parthos; e divertido o Capitaõ, e os Soldados em deleites, e paſſatempos partiraõ, a Egypto, e na Cidade de Alexandria continuaraõ nos meſmos vicioſos exercicios com differentes, e exquiſitas invençoens deſcubertas pela ocioſidade de Cleopatra, como diverſaõ aos cuidados da vida, ou alivio aos pezares da morte.

Em o Rio Nilo faziaõ muitas, e alegres peſcarias, de que Marco Antonio ſahia ſempre deſgoſtoſo, menos pela diſgraça, e má ventura na arte de peſcar, vendo a Cleopatra

felicíſ-

feliciſſima, quanto dos ditos, e picantes graças, com que ella celebrava o ſeu enfado. Querendo Marco Antonio ganhar-lhe por induſtria, mandou a certos nadadores, que mergulhando por baxo da agoa lhe prendeſſem no anzol o peixe, que tirava com tanto goſto, e feſta, que a formoſa, e diſcreta Rainha entendendo a traveſſura fazia iguaes demonſtraçoens por ver-lhe trocada a moſina em contentamento, a triſteza em alegria. Durou aquelle goſto em Marco Antonio todo o tempo, que tardaraõ em fazer outra peſcaria manifeſtando Cleopatra huma traveſſura com outra de muita graça, porque mandou por outros mergulhadores prender-lhe no anzol alguns peixes de eſcabeche. Sentio Marco Antonio grande peſo na linha, e puxando a peſca, ſe achou o peixe conſertado, a que ſe diſſeraõ avizadas galantarias, celebradas agudezas.

Era Cleopatra de inquieto, e traveſſo genio, e ſahindo com Marco Antonio algumas noites, ambos disfarçados pelas ruas de Alexandria, a fazer peſſas a todos, que paſſavaõ, algumas vezes tiveraõ merecido premio, que depois celebravaõ com rizos, e alegrias.

Neſtes exercicios gaſtava Marco Antonio o tempo, e a vida com mais goſto, que Fluvia ſua mulher em Roma com Octaviano Auguſto, que já ſoffria mal companheiro na Monarchia, ou igual na Coroa. Morreo Fluvia, e logo para quietaçaõ do Imperio ſobreſaltado com

os vagos rumores de huma guerra, que lhe eſtava ameaçando univerſal eſtrago, ſe tratou o caſamento de Octavia irmãa de Octaviano com Marco Antonio, que preſo do meſmo vinculo, como alguns querem, ou dos laſſos do amor de Cleopatra repudiou a Octavia, ſendo occaſiaõ de huma guerra quaſi civil entre os dois Ceſares, ou pela torpeza de Marco Antonio, ou pela ambiçaõ de Octaviano Auguſto.

Haviaõ de contender neſta guerra Romanos com Romanos; e ainda, que era maior o numero, dos que ſeguiaõ a Marco Antonio, os de Octaviano eraõ bem diſciplinados. Por mar, e terra ſe ajuntavaõ muniçoens, e armas ameaçando hum grande abalo em os elementos, porque de huma, e outra parte havia exercito, e armada. Cleopatra amante, e valeroſa, conſeguio de Marco Antonio fazer-lhe companhia neſta empreza, querendo anticipar o vaticinio ao eſtrago, e deſventura de ambos, porque travando-ſe a batalha naval entre huma, e outra armada no maior furor da peleja, e quando já ſe conhecia ventagem por parte da multidaõ, qualidade, ou grandeza das náos, e galeras de Marco Antonio, mandou Cleopatra com aſſombro, e paſmo de todos virar a proa a ſeſſenta vellas fazendo-ſe na volta do Egypto. Foy baſtante eſte infauſtiſſimo accidente a perder a batalha, porque Marco Antonio vendo retirar a Cleopatra, foy ſeguindo a ſua derrota, levando os olhos, na que lhe levava com o coraçaõ a liber-

a liberdade, a honra com a vitoria.

Acompanhavaõ naquella empreza a Marco Antonio muytos Reys, e valerosos Capitaens, que à vista de seu procedimento, ainda sustentaraõ a peleja quatro horas sem temor, ou cobardia. Como faltou o General largaraõ a empreza, cedendo à fortuna de Octaviano huma taõ illustre vitoria sem consideravel danno, porque em menos numeroso exercito cinco mil homens naõ era grande mortandade. Abordou Marco Antonio a galera de Cleopatra, e entrando como pasmado, e alheo de si se foy assentar na proa cuberto o rostro com as mãos, sem querer admittir desafogo à dor, alivio ao sentimento. Ao cabo de tres dias cecu à mesa de Cleopatra, mas taõ falto de palavras, e alegria, que no semblante bem mostrava os cuidados, na suspensaõ os pensamentos.

Naõ tardou Octaviano em buscar a Marco Antonio, querendo de huma vez apagar aquelle incendio, que achou taõ vivo em as reliquias de seu poder, que levantando maior chama na defensa daquelle Reyno, muitas vezes carregou o Cesar com pesada maõ sahindo victorioso, quasi sempre triunfante. Já Marco Antonio respirava com estes favores da guerra com esperança de melhor fortuna; mas tendo em Cleopatra contraria estrella influhia, como errante, huma vez no Capitaõ, outra nos Soldados, que cada hora se passavaõ ao inimigo. Em certa escaramuça o desemparàraõ muitos, passando

do diante de ſeus olhos para Octaviano, e voltando para Alexandria, dava ſentidas queixas de Cleopatra, que mais de innocente, que de culpada, e temeroſa de ſua braveza ſe retirou com algumas Damas a hum lugar forte, deixando fama, de que era morta.

Ouvio com ſuſto, e ſentio com extremos Marco Antonio eſta vaga noticia da morte de Cleopatra, e como homem, que aborrecia a vida, chamando a Heros ſeu confidente lhe mandou, que o mataſſe, como dias antes lhe tinha prometido. O fiel criado mais leal com ſeu amo do que foy comſigo, levando da eſpada, e fazendo, que o feria, mudou o golpe com tanta deſtreza, e acerto, que logo cahio morto aos pés de Marco Antonio, que imitando-o no golpe com menos grave ferida, deo occaſiaõ para os contrarios, e inimigos o notarem de timido, e pouco valeroſo. Acudiraõ logo a vedar-lhe o ſangue, e a curar-lhe o golpe, e lançado em a cama, quaſi agonizando, pedia a quantos entravaõ, o ultimo beneficio da morte, que ſe dilatou por alguns dias com a nova, de que era viva a cauſa da ſua infelicidade, e o mandava conduzir ao Caſtello, aonde ſe havia retirado. Recebeo Marco Antonio hum novo eſpirito, em taõ forte agonia, e levado a Cleopatra, que o eſperava com affectos de dor, e ſentimento, o mandou entrar, e conduzir pela janella de Palacio por induſtria, e traça de certas Damas, que lhe faziaõ companhia, evitando

tando com acertada invençaõ, entrar mais gente, que teſtemunhaſſe, ou o ſeu delirio, ou a ſua morte.

Com a preſença de Marco Antonio creſceraõ em Cleopatra as lagrimas a rios, e os ſuſpiros a tempeſtades, e abraçada com elle obrou extremoſos exceſſos, e diſſe enternecidos colloquios, que moveriaõ a compaixaõ o mais duro penhaſco; prometendo-lhe pela vida, que lhe eſtava faltando, naõ ficaria no mundo mais tempo, que a dar-lhe honrada ſepultura.

Neſtas amoroſas praticas eſpirou Marco Antonio entre os braços de Cleopatra, deixando-a em hum mar de lagrimas, e penas, e reſoluta a fazer-lhe companhia; como logo executara, ſe Octaviano, com falſa compaixaõ, naõ lhe concedera dar ſepultura ao corpo de Marco Antonio com outras muitas honras, e liberalidades. Avizada Cleopatra, de que intentava o Ceſar conduzilla a Roma com os filhos para honrar o ſeu triunfo, diſſimulando o ſentimento, alcançou licença, para celebrar exequias a Marco Antonio como ultimo beneficio de ſeu amor, que venerava em aquellas cinzas, a quem as lagrimas, e os ſuſpiros fizeraõ mais lamentavel o officio da ſepultura, que deixou coroada de muitas, e varias flores.

Retirou-ſe logo ao banho Real, para onde mandàra conduzir hum Aſpid entre flores, ou entre pomos; e fechando-ſe em huma ſalla com as Damas confidentes, que eraõ duas, eſcreveo

huma carta a Octaviano Auguſto, pedindo-lhe com enternecidas clauſulas, e diſcretos ſentimentos o meſmo jazigo de Marco Antonio para ſepultura de ſeu corpo, que o Ceſar achou já cadaver, mas ricamente veſtido com hum braço entregue ao Aſpid, como dizendo, que elle fora o executor daquelle homicidio. Sentio Octaviano a morte de Cleopatra pela honra, que intentava ganhar levando-a a Roma no triunfo; e concedendo facilmente o que pedia a mandou enterrar com Marco Antonio, guardando a morte na ſepultura aquelles corpos, que o amor tivera taõ unidos em vida.

Entre as joyas de grande preço, que ſe acharaõ no theſouro de Cleopatra, naõ era de menos valor hum livro manuſcrito, que ella tinha compoſto, e ordenado do modo, e artificio de veſtir, e toucar, variedade de trages, e adornos para o trato das mulheres. Era Cleopatra de affavel condiçaõ, agudo engenho, e tinha adquirido grandes intelligencias em a medicina. Governou o Reyno do Egypto vinte, e dois annos, que tiveraõ complemento pelos annos do mundo de cinco mil cento, e ſeſſenta, e dois, em que Octaviano Auguſto entrou em Roma triunfante, levando hum retrato de Cleopatra com o Aſpid, que lhe feria o braço, communicava ao coraçaõ o veneno, dezafiando a dôr, e laſtima em todos os coraçoens, que admiravaõ a ſua formoſura, ignoravaõ a ſua graça, e agudeza.

II.

COCLEA Romana.

COclea, ou Clelia, Virgem Romana, nobre por naſcimento, e por valor celebre, foy irmãa do famoſo Romano Horacio Cocles, que floreceo pelos annos do mundo de tres mil quatrocentos, e cincoenta, quando ſe vio cercada Roma pelo Rey de Etruria, ou Toſcana, chamado Porſena, em favor de Tarquino ſoberbo. Fizeraõ memoravel eſte cerco as duas ſingulares acçoens de Horacio, e Coclea, paſſando a nado o caudaloſo Rio Tybre com inveja de todo o mundo, que fizeraõ confeſſar a irmandade no ſangue, e no valor.

Daremos de huma, e outra acçaõ ſuccinta noticia em abreviada hiſtoria. Avançado o exercito de Porſena a ganhar a ponte do Rio Tybre, que os Romanos deſejavaõ demolir, para ſe lograr a operaçaõ premeditada, defendeo Horacio Cocles a paſſagem, ſuſtentando elle ſó o peſo da batalha com valor, e vencimento. Effeituada a operaçaõ fingio Horacio Cocles, que cedia o ſeu valor à multidaõ de tantos esforçados inimigos, e foy perdendo o campo, até poder lançar-ſe ao Rio, que glorioſamente conſeguio, ſem o dezar de huma leve ferida.

Aqui foy maior o perigo, e mais porfiada a vitoria, lutando a braços com as ondas à viſta dos dois campos armados, que eſperavaõ o ſucceſſo com differentes juizos, e affectos diverſos. Mas Horacio Cocles ſempre de invencivel coraçaõ em huma, e outra fortuna, em huma, e outra empreza, quebrando as correntes com valor, e com induſtria deixou corridos os contrarios, e alegres os Romanos, que o recebèraõ como em triunfo huns admirados, outros invejoſos.

Naõ ſe houve menos valeroſa a Virgem Coclea, entrando em o numero de dez Virgens, e outros tantos nobres Romanos, e mancebos pedidos pelo Rey Porſena para a ſuſpenſaõ de armas, em quanto ſe ajuſtavaõ os pactos entre cercadores, e cercados. Coclea impaciente de ſe ver prizioneira com injuria da naçaõ perſuadio às outras Virgens a huma empreza, que teve de glorioſa, quanto lhe ſobrou de arriſcada: E ajuſtando buſcar na patria a liberdade, com o ſegredo, que pedia aquella expediçaõ, concertàraõ enganar as ſentinellas com engenho, e traça, que deo a valeroſa Coclea. Conſeguiraõ facilmente a furto das guardas caminharem ao Tybre, pela parte, que era menos caudaloſo; e levando à cabeça as roupas, de que ſe ornavaõ, entraraõ a ſondar o Rio, que pelas muitas agoas, naõ poderaõ vadear, humas temeroſas, outras jà deſanimadas. Porém a Virgem Coclea vencendo o temor de cada huma das companheiras

nheiras, lhe ſervio de tremula, mas ſegura ponte atraveſſando nove vezes a corrente em beneficio de todas, que paſſaraõ ſalvas do perigo a induſtrias de ſeu esforço, valentias de ſeu braço.

Com affectos de temor, e alegria, foraõ recebidas as dez Virgens do Povo, e Senado Romano, que louvando as merecidamente, mandàraõ logo a ſeus Capitaens as conduziſſem outra vez ao campo do Rey Porſena, que aviſado de faltarem na prizaõ, expedio muita gente no ſeu alcance, mandando correr, e examinar os montes, e os valles, para onde ſuppunhaõ a retirada, ajuizavaõ a fugida. Chegàraõ neſta confuſaõ os Capitaens Romanos com a valeroſa comitiva das dez Virgens ao campo do inimigo, e precedendo as militares ceremonias, as conduziraõ à preſença do Rey, que ouvindo, com admiraçaõ, e eſpanto o intrepido valor daquella temeraria empreza, perguntou a todas em commum, qual dellas aconſelhàra huma taõ perigoſa retirada. Emmudeceraõ temeroſas do caſtigo; mas o que naõ declaravaõ as lingoas diziaõ os olhos de todas fitos em Coclea, que valeroſa, e deſtemida fallou ao Rey Porſena reſpondendo a favor das Virgens, e confeſſando, que ella as induzira, ſaudoſa mais da liberdade, que da patria, de quem naſcendo filha, experimentàra madraſta. E repetindo com graça, e deſafogo a enganoſa retirada a furto das vigias, os trabalhos, e perigos na paſſagem do cauda-

loſo Tybre, que o Rey ouvia com demonſtraçoens de goſto, e vozes de alegria, louvandolhe o valor, e reſoluçaõ, lhe mandou entregar por premio de ſua heroicidade hum dos ſeus cavallos mais ricamente ajaezados, para hir com as outras virgens livremente a Roma.

Agradeceo Coclea ao Rey Porſena com affectos de rendimento, e vaſſalagem a liberal demonſtraçaõ de beneficios, que augmentou depois levantando o cerco ſempre memoravel pela gratidaõ ao valor deſta heroina, que entrou em Roma, como em triunfo capitaneando aquelle valeroſo eſquadraõ de virgens, maior na qualidade, que no numero. Os Romanos de agradecidos lhe levantàraõ huma bem lavrada eſtatua equeſtre na via, que chamavaõ Sacra, que nos deixou de ſua heroicidade eſta abreviada memoria.

III.

CORINA Thebana.

FLoreceraõ na antiga Cidade de Thebas duas celebradas Poetizas do meſmo nome, que tirou da confuſaõ a noſſa diligencia, repartindo as acçoens de heroicidade, que ſe atribuhiaõ commumente a huma ſó Corina. Para differença, ou diſtincta memoria dos nomes, e das peſſoas chamáraõ os antigos

Eſcri-

Eſcritores, à que foy primeiro em tempo, e ſabedoria, e floreceo pelos annos de quinhentos, antes da vinda de Chriſto, Corina Thebana, ou Tanagrêa, que teve por aſcendentes Archelodoro, e Procacia, ricos, e nobres Thebanos. Foy Corina formoſa com diſcriçaõ, e na arte da Poeſia muito douta, deixando-nos entre os ſeus eſcritos alguns preceitos para a compoſiçaõ de verſos Lyricos, qualidades, que a fizeraõ celebre por toda a Grecia, e ainda he perduravel a memoria do illuſtre nome, que lhe deraõ de Muſa Lyrica.

Na arte da Poeſia teve liçoens da ſabia Myrthe, de quem Pindaro tambem foy diſcipulo, e taõ grande Poeta, que lhe deraõ o nome de Principe dos verſos lyricos; porèm Corina em publico Certame alcançou vitoria delle cinco vezes, ſentenciando os Juizes a favor das ſuas Poeſias, ſem affecto de amor, ou odio, que ſobornaſſe a juſtiça, ou tornaſſe flexivel a inteireza. Ordenou Corina cincoenta livros de Epigrammas a differentes aſſumptos, de grande engenho, e agudeza. Os Traganêos querendo fazer perduravel ſua memoria collocàraõ huma eſtatua de Corina em o Gymnazio, ou eſcola publica das letras, coroada a cabeça com grinalda.

Naõ ha mais diſtinta memoria da ſegunda Corina chamada Mya, ou Muſca, tambem natural de Thebas, que floreceo pelos tempos do Poeta Ovidio, e compoz alguns hymnos lyricos em louvor dos Deoſes Apollo, e Diana.

Houve

Houve terceira Corina, que chamaraõ Teſpia, ou Corinthia, tambem Poetiſa Lyrica, de quem ſe ignora a patria. Eſcreveo alguns preceitos para os Poetas Lyricos de artificio mais primoroſo. Foy grande cantora; e acompanhavaſe taõ deſtramente no inſtrumento de Arpa, que recitando os verſos, que ordenava, era igual a ſuavidade, e armonia na voz, e no inſtrumento.

IV.

CORNELIA Romana.

COntaraõ as hiſtorias dos Romanos hum grande numero de matronas nas letras, e nas armas muitas vezes illuſtres; porem Cornelia, a que teve por pay a Scipiaõ Africano, chamado o mayor, foy o exemplar de todas em conſelho, prudencia, diſcriçaõ, e ſabedoria. Os ornatos, que faziaõ illuſtriſſima a nobreza, e formoſura de Cornelia eraõ os livros, de que tirava os ſcientificos preceitos da latinidade, que guardou em ſua pureza, como he louvada por Cicero, e Quintiliano.

Com eſtes dotes a pertendeo, e alcançou por mulher Tiberio Graco Sempronio, que amou a Cornelia com tantos extremos, por ſuas grandes, e moraes virtudes, naõ vulgares excellencias,

lencias, que fingiraõ os Romanos de Tiberio, que achando na ſua cama duas cobras, conſultàra os Agoureiros, como ſe haveria neſte caſo eſtranho, ſucceſſo novo. Aconſelharaõ-no, que matando huma das cobras deſappareceria a outra; porèm que advertiſſe qual matava, porque ſendo a cobra femea, morreria primeiro Cornelia, e ſendo o cobraõ macho, elle morreria primeiro, tomando na morte apreſſada, que teve, occaſiaõ de ſatyrizarem com o fingimento o ſeu amor, antepondo a vida de Cornelia à propria vida.

Ficàraõ deſte matrimonio doze filhos, e huma filha, que foy mulher de Scipiaõ Africano o menor, mas todos exemplares aos filhos daquelle ſeculo em doutrina, virtudes, e procedimento. Baſtava para immortal gloria de Cornelia os dous famoſos Gracos, Tiberio, e Cayo, que ſobreviveraõ aos mais filhos, igualmente doutrinados pela mãy em letras, e virtudes.

Viſitando a Cornelia huma Senhora Romana, e camponeza, lhe diſſe queria vèr as ſuas joyas, mas ella moſtrando-lhe os filhos reſpondeo: Eis aqui as melhores, que tenho, e com juſta razaõ, porque era cada hum huma joya em perfeiçoens naturaes, e adquiridas. Refere ſe, que o Rey Ptolomeo offerecendo-lhe a maõ de eſpoſo, Cornelia ſe negàra às honras de Rainha, eſtimando em menos ſer mulher de Ptolomeo, que viuva de Tiberio, vencendo a natureza com a meſma varonil heroicidade, com que ouvio referir as diſgraçadas, e violentas mortes de Tiberio,

rio, e Cayo, ſem que a dôr moſtraſſe ao roſtro os ſentimentos da alma. Devemos à ſua memoria muitas elegantiſſimas epiſtolas, que lhe conſervaõ na poſteridade a fama de ſuas letras, e virtudes. Foy excellente Poetiza, e a mais celebrada naquelle ſeculo neſta arte divina. E nas obras de Octavia Auguſta, irmãa do Emperador Octaviano, ſe conſervava a eſtatua, que os Romanos lhe levantaraõ junto da porta de Metelo.

V.

CATANIA Portugueza.

EM Braga, Cidade da antiga Luſitania, floreceo pelos annos, que governava as redeas do Imperio Romano Octaviano Auguſto, a famoſa Catania, Donzella de nobre geraçaõ, grande formoſura, e animo varonil, e guerreiro, que em defenſa da patria deſprezou a liberdade, perdeo a vida, conſervando heroicamente a ſua honra; vive ainda hoje incorrupta a ſua fama, merecendo em noſſos eſcritos perduravel memoria. Contaremos em ſuccinta relaçaõ, a hiſtoria de ſua heroicidade. Quando a maior parte do mundo gemia tributaria às leys do Imperio Romano, gozavaõ os valeroſos Braccarenſes ſegura liberdade, defendida muitas vezes pelo esforço de ſeus braços

ços contra muitos Capitaens Romanos, que deſtruiraõ, venceraõ, e mataraõ.

Os Cidadaõs do Porto por antigo odio, que lhe tinhaõ, deſejavaõ negar-lhe a ſogeiçaõ eſtabelecida por força de armas em muitas glorioſas batalhas. E mandando a Roma ſeus Embaxadores deraõ obediencia a Octaviano Auguſto, e para facilitarem o ſoccorro, que pediaõ, lembràraõ aos miniſtros do Emperador o cruel procedimento, com que os Braccarenſes paſſáraõ à eſpada Norbano Calvio com outros muitos Romanos de ſua legacia, que os meſmos Portuenſes haviaõ entregado; e callando a ſua aleivoſia os condenaraõ com falſa piedade a huma juſtiſſima vingança. Os Braccarenſes, que viviaõ dominantes, e ignoravaõ o trato doble com os Romanos, andavaõ comerciando de huma para outra Cidade mas logo, que chegou ao Porto aviſo certo, de que marchava hum exercito em ſeu favor com diſſimulado pretexto veſtiraõ as armas, e dando repentinamente, nos que vagavaõ pela Cidade ſem perdoar o furor a oppoſtos, e rendidos, ſahiraõ com o meſmo impulſo a talar a campanha.

Acudiraõ os Soldados Braccarenſes às vozes do eſtrago, e carregando-os com peſada maõ voltáraõ as coſtas com precipitada fugida, e vergonhoſa retirada, entrando na Cidade mais cortados do medo, que do ferro. Indo já na retida os Braccarenſes aviſtáraõ o exercito Romano, e poderoſo, e com os olhos ſempre nelle, foraõ

raõ cedendo o lugar à multidaõ. Poucos dias tardáraõ ſobre a Cidade de Braga as armas dos Romanos, que elles ſahiraõ a receber cortezes, e valeroſos, huma legoa diſtante da Cidade, ou foſſe deſprezo, ou diſciplina querer provar o esforço do inimigo. Fizeraõ os Braccarenſes algumas voltas ſobre os eſquadroens avançados, em que lhe degoláraõ alguma gente, feriraõ outra. Já lhe parecia aos Romanos, que tinhaõ inimigos; e carregados de mayores forças, os poucos Braccarenſes, que ſem mayor empenho, ſe recolheraõ com a falta de poucos companheiros, deixando a campanha ſemeada de Romanos, huns mortos, outros agonizando. Em fim cuſtou a vitoria, mais do que valia com a prizaõ de Catania Donzella Braccarenſe, que valeroſa, e deſtemida ſe empenhou tanto em ferir o inimigo, que deo lugar a lhe cortarem o paſſo com mayor poder, obrando em ſua defenſa acçoens de mais larga eſcritura, diſcreta penna.

Como priſioneira de guerra foy levada a formoſa Catania à preſença de Marco Agripa, famoſo Capitaõ Romano, que teve por couſa nova, que huma Donzella delicada por natureza, ſuſtentaſſe a cavallo o peſo das armas, e exercicio da peleja; mas ouvindo referir o valor, com que ſe defendera por largo tempo de muitos valeroſos ſoldados, ainda duvidava da verdade ateſtada na confiſſaõ dos meſmos inimigos, que repetiaõ com dor, e laſtima o eſtrago dos companheiros,

panheiros, que eſtavaõ pedindo vingança pelas bocas das feridas.

Marco Agripa cativo da graça, e formoſura de Catania, ou das virtudes de ſuas acçoens, a tratou com policias de ſoldado, e attençoens de Cavalleiro; porèm emmudecida a nobre Portugueza aos favores, e cortejos do Capitaõ Romano, moſtrava no ſemblante o deſagrado, na repetiçaõ dos ſuſpiros a colera. E deixando penetrar de Marco Agripa os ſeus mal affectos penſamentos, a mandou conduzir a lugar ſeguro, e decente; aſſiſtida no tratamento com reſpeitos de Senhora, ſó na liberdade experimentava os effeitos de priſioneira.

Hum dia, que Marco Agripa a eſtava viſitando, chegou hum ſoldado a pedirlhe a priſioneira, ou o juſto preço, que ſe lhe devia; pelo esforço com que a rendera. Catania ouvindo a petiçaõ do Romano, como injuria de ſeu valor, lançando a maõ ao punhal, que elle trazia no cinto, com tençaõ de darlhe a morte por premio de ſua liberdade, lhe fizeraõ declinar o golpe por interpoſiçaõ, e ſoccorro dos que eſtavaõ preſentes; porèm voltando contra ſi as iras, e o punhal, de hum penetrante golpe, ſacrificou a vida, em beneficio da honra, e credito da patria.

Sentio o namorado Capitaõ com vivas demonſtraçoens de dôr, a deploravel morte de Catania, fazendo mais publico o ſeu affecto, em as honras funeraes, que lhe mandou cele-

brar com todos os ritos ſuperſticioſos do formulario Romano, de que ſe uſava na morte dos Ceſares, para diſtinçaõ da qualidade, argumento da ſoberania. E mandando reduzir a cinzas o illuſtre cadaver em hum incendio precioſo de aromas, e perfumes, as depozitou como reliquias de ſeu amor em movel urna, rico Mauſoleo.

Balario, que eſte era o nome do pay de Catania, com a noticia, que teve de ſua morte, e relaçaõ do funeral, ficou taõ pago da primoroſa policia de Marco Agripa, que naõ lhe deixou lugar ao ſentimento, occupados todos os ſentidos em peſar o valor daquella heroicidade, que naõ muito depois ſe lhe offereceo ao deſpique occaſiaõ equivalente, e obrou com policia nada menos generoſa. De huma ſahida, que fizeraõ os Braccarenſes ao campo do inimigo, deixando grande numero de mortos, e trazendo alguns priſioneiros, entrou neſta recluta o Capitaõ Antiſtio, que Marco Agripa eſtimava em muito, menos por igual, que por amigo. Divulgada pela Cidade a priſaõ de Antiſtio, por encarecimento da vitoria, Balario o fez conduzir à ſua caſa com duas penetrantes feridas, que a juizo dos Galenos, e Eſculapios ſe moſtravaõ com ſyntomas de mortaes. Applicados os remedios com prompta execuçaõ deveo a Balario em toda a cura diſvelos de bem aſſiſtido, exceſſos de regalado.

Foy extremoſo o ſentimento, em Marco Agripa

Agripa tentando ſem effeito remir Antiſtio da priſaõ, humas vezes por troca, outras por dinheiro. Convaleceo Antiſtio do ſuſto, e das feridas com maior alegria, e goſto de Balario, que diligenciando-lhe a liberdade o conduzio, e acompanhou até o arrayal do inimigo, que o recebeo com as honras militares, que ſe lhe deviaõ pela peſſoa, e pelo cargo. E empenhados ambos em agradecer a nobre, e liberal correſpondencia de Balario conferiraõ, e fizeraõ huma ſuſpenſaõ de armas, que logo teve effeito no outro dia atropellada a oppoſiçaõ dos Portuenſes, inimigos por affecto, e ſogeiçaõ. Logo os dous Capitaens fizeraõ ao Ceſar huma repreſentaçaõ dos progreſſos daquella conquiſta, e guerra, informando-o da falſa, e vil calumnia, de que eraõ accuſados os de Braga pelos Cidadaõs do Porto, ſendo elles, os que entregaraõ à morte Norbano Calvio.

Ouvidos os fundamentos, com que Antiſtio, e Marco Agripa pediaõ licença para eſtabelecerem pazes com os Braccarenſes, encarecido o valor, e diſciplina militar, com que ſe haviaõ na defenſa da Cidade, a concedeo o Ceſar facilmente com os privilegios de Colonia, e o appellido de Auguſta, e ainda hoje eſtá devendo a patria eſta grande honra à poſteridade de Catania.

VI.

VI.

CYNANE
Princeza.

CYnane illuſtriſſima heroina por naſcimento, e acçoens militares, naſceo Princeza de Macedonia como filha de Felippe, que foy pay de Alexandre Magno. Dos primeiros annos, dêo Cynane a conhecer hum animo varonil, e guerreiro. Fazia ſó divertimento do jogo das armas, e artificios da guerra, criando nas ſombras de huma figura da campanha forças, e induſtria militar, que depois moſtrou em muitas batalhas, conſeguindo glorioſas vitorias, illuſtres palmas.

Correo o tempo a fazer celebrado o ſeu valor com a guerra dos Illiricos, que venceo, e deſtruio, moſtrando em todos os accidentes do conflicto experiencia, e diſciplina. Capitaneava Cynane o ſeu exercito, e Ceria o dos Illiricos, de que era Rainha; e buſcando ſe na batalha as duas valeroſas contendoras, profiadamente diſputaraõ a vitoria, que ſe acclamou por parte de Cynane, a peſar da larga reſiſtencia, e varonil porfia, com que Ceria defendeo o lugar, em quanto lhe durou a vida, porque de hum golpe lhe abrio no peſcoço huma porta para a morte, outra para a vitoria. Divulgouſe logo eſta noticia pelo campo do inimigo com temor, e ſentimento

e ſentimento dos ſoldados, que tibios na defenſa voltáraõ as coſtas, deixando huma illuſtre vitoria nas mãos de Cynane, que ſem perder tempo, e fortuna, os ſeguio com tanto esforço, que pereceraõ menos na batalha, que no alcance.

Deo fim Cynane a eſta guerra com huma ſó batalha, e voltando a ſeus Eſtados foy recebida em triunfo, moſtrando os vaſſallos nos affectos de alegria a gratidaõ, nos diſpendios da fazenda a lealdade. No meyo de tantas alegrias participaraõ a Cynane a noticia da morte de Alexandre Magno ſeu irmaõ chegado de Babylonia, onde falecera mais carregado de vitorias, que dos annos; e ſabendo, que Alcetas, hum dos primeiros Capitaens de Alexandre, ſe fizera aclamar do exercito por abſoluto Senhor do que elle conquiſtara, determinou ſahir a campo a caſtigar a ouſadia, com que chamava aquelle Imperio creatura de ſeus braços, dizendo: „ Que „ ſe lhe devia pelo lugar, e pelo cargo, que oc„ cupava por ſeus merecimentos. Que naõ cede„ ria o lugar, atè perder com o ſangue a vida, o „ nome com a morte.

Eſtas, e outras ſemelhantes razoẽns, com que Alcetas ſe legitimava digno ſucceſſor de Alexandre ouvio a valeroſa heroina com tanto furor, e ſentimento, que em breves dias ajuntando poderoſo exercito ſe poz em marcha para o Helleſponto. Aviſado Alcetas, de que era buſcado por Cynane, ou foſſe deſprezo, ou confiança,

mandou parte de ſuas tropas à ordem de Antipatro, valeroſo Capitaõ, que diſputando-lhe a paſſagem do Rio Hyrmon depois de larga, e porfiada reſiſtencia, elle ficou vencido, ella vitorioſa. Cynane recolhendo pelo caminho, os que vagavaõ fugitivos, como reliquias do eſtrago, reclutou as ſuas tropas de muitos valeroſos Soldados, huns nacionaes, ou Macedonios, outros eſtrangeiros.

Com a noticia do vencimento ſe adiantou Alcetas a buſcar Cynane, que em breves jornadas encontrou com mais deligente fadiga, ou marcha mais apreſſada. Aviſtaraõ-ſe os dous campos já formados, e promptos à batalha, porém os Macedonios, que eraõ huma grande parte do exercito de Alcetas, logo que viraõ a Cynane, os parentes, e os amigos começaraõ a ſublevar-ſe, ou foſſe amor às qualidades da Princeza, ou odio à fortuna do General, que ſem dar tempo aos ſublevados de eſcolher partido, temeroſo, que a ſeu exemplo ſe alteraſſe nos mais a obediencia deo final de enveſtir, e ataçar o inimigo; o que ſe fez com tanto vigor de huma, e outra parte, e exceſſo de mortos, e feridos, que foy huma das memoraveis batalhas daquella idade pelo ſangue, e pelo eſtrago.

Cynane mandando, e pelejando, dezempenhou naquelle dia os officios de Soldado, e Capitaõ, ſem haver accidente de perigo, que naõ remediaſſe a deligencia, ou esforço de ſeu braço

braço ; mas empenhou-ſe com tanto exceſſo em arriſcar a peſſoa por conſeguir a vitoria , que melhorando os contrarios de fortuna , com a ſua morte ſe declarou por parte de Alcetas , cedendo o valor ao numero , e naõ à qualidade. Tinha dado Cynane grandes argumentos de valor , e diſciplina militar neſta batalha , que levava de vencida,ſe na confiança dos perigos com menos temeraria fadiga naõ penetraſſe os eſquadroens inimigos , que pelejando mais deſeſperados , que valeroſos , com infauſta ſórte lhe tiràraõ das mãos a vitoria , da cabeça a coroa.

Aos meſmos inimigos , em que deixava bem vingada a ſua morte , deveo Cynane grande compaixaõ , e ſentimento menos pelas qualidades da peſſoa , que pelas do esforço. Foy Cynane mulher de Amyntas , filho de Perdica, hum dos companheiros de Alexandre Magno, que lhe ſuccedeo em huma das partes do Reyno de Macedonia. Morreo Amyntas apreſſadamente , poucos annos depois , que ſe celebrou eſte matrimonio pelos annos do mundo quatro mil oitocentos , e ſettenta , e antes de Chriſto , trezentos vinte , e nove , deixando huma filha por nome Eurydice , que ſenaõ excedeo, igualou a Cynane em virtudes , e acçoens militares.

VII.

CORNELIA

DE Cornelia, filha de Metelo Scipiaõ, referem as hiſtorias, que em formoſura, e prendas naturaes logrou a primacia, entre as matronas daquella idade, em que floreceo cincoenta annos antes da vinda de Chriſto. Adquirio Cornelia grande ſabedoria nas letras humanas; e foy doutiſſima nos preceitos, e regras da Geometria, e Filoſofia. Cantava, e tangia por ſolfa com ſciencia da muſica, em que era deſtriſſima, e ſe acompanhava ao inſtrumento da Lyra com igual perfeiçaõ.

Caſou Cornelia com Publio, filho de Marco Craſſo, aquem os Parthos deraõ a morte, antes de conhecer a eſpoſa, ficando a hum meſmo tempo viuva, e Donzella. Catto Pompeo o Magno por ſuas grandes vitorias, ouvindo celebrar o nome de Cornelia, a pertendeo, e conſeguio por mulher, confeſſando depois pela ſciencia experimental, que a fama em formoſura, letras, e virtudes fazia o ſeu pregaõ menos verdadeiro, quando mais encarecido, em muita parte diminuto.

VIII.

CASSANDRA FEDELE

DA ſabedoria de Caſſandra Fedele, filha de Angelo Fedele, e de Barbara Deoni, natural de Veneza, e originaria de Milaõ, eſcrevem os Hiſtoriadores com grandes encarecimentos; que ainda naõ igualaõ ſua fama, e ſó explicaõ bem ſeu illuſtre nome. Era de huma illuſtre familia de Milaõ, exterminada daquella Cidade por huma facçaõ oppoſta à dos Viſcontes, que ella ſeguia, e eſtabalecendo-ſe em Veneza, alli naſceo Caſſandra, e ainda, que ſe ignora o anno, entende Tomaſſino, que foy em mil quatrocentos ſeſſenta, e cinco.

Com as primeiras letras aprendeo de Angelo Fedele ſeu pay as lingoas Latina, e Grega, que muito lhe aproveitou para os grandes eſtudos, que depois teve na Filoſofia, e Theologia com admiraçaõ, e paſmo de toda a Italia, adquirindo grandes honras dos Pontifices, Julio ſegundo, e Leaõ decimo. Fizeraõ particular eſtimaçaõ das prendas ſingulares de Caſſandra o Rey de França Luiz duodecimo, o Rey Fernando de Aragaõ, Izabel Rainha de Caſtella, que em mil quatrocentos oitenta, e oito fez muitas deligencias para que paſſaſſe à Napo-

les a ſervilla, e os Princepes Eccleſiaſticos, e Seculares dos Eſtados de Milaõ, e Roma.

Na Oratoria fez Caſſandra grandes progreſſos em muito numeroſos concurſos de homens doutos, que julgàraõ, que em pronuncia, facilidade, e elegancia igualava os celebrados Latinos, ou Romanos Oradores. Naõ foy menos excellente na arte da Poeſia eſcrevendo, ou poetizando com o meſmo furor, e graça das Muſas nas lingoas vulgar, e Latina, com tanta erudiçaõ, quanta ſe admira nos ſeus verſos, e Epiſtolas, e outras muitas obras, que ſe imprimiraõ juntas com o livro *de Litterarum Laudibus*, que foy o mimo dos ſabios, e delicia dos diſcretos. Nas leys, e preceitos da hiſtoria, conciliou o meſmo conceito de diſcreta, e douta, naõ ſó de muitos homens ſabios, que ambicioſos de ſeus eſcritos a correſpondiaõ, mas ainda ſeguindo a voz de ſua fama, paſſavaõ a Veneza pelo intereſſe de ſua doutrina, e grande erudiçaõ em todo o genero de letras, como depois admirou o mundo no livro intitulado *de Scientiarum ordine.*

Era Caſſandra Fedele ainda Donzella de pouca idade, e já ſe ouvia taõ encarecido o nome de ſuas prendas, que o Doge de Veneza Agoſtinho Barbarino por occaſiaõ de celebrar os annos de ſeu naſcimento, dando hum eſplendido banquete ao Senado, e Embaxadores, que ſe achavaõ naquella Republica, a convidou querendo experimentar, ou conhecer, ſe era mayor o brado, que a ſabedoria. Foy Caſſandra Fede-

le

le ao convite em companhia de ſeu pay, e na preſença de muitos Oradores, Filoſofos, e Theologos convidados para o litterario Certame, recitou huma elegantiſſima Oraçaõ Latina, com tanta graça, e applauſo do commum Congreſſo, que ainda hoje dura a memoria dos elogios em os tranſumptos. Oſtentou, e defendeo muitas queſtoens de Filoſofia, e Theologia com todos aquelles homens doutos, e mais celebrados, reſpondendo às duvidas, e refutando as opinioens com tanta argucia, e ſubtileza de engenho, que admirando a todos acabou a diſputa com outra oraçaõ na lingoa vulgar do meſmo agrado, e goſto, que a Latina.

Lendo na Cidade de Padua hum ſeu parente, Conego de Concordia, chamado Berturcio Lamberti, cadeira de Filoſofia, Caſſandra a ſubſtituhio por alguns tempos com grande proveito dos alumnos. Foy innumeravel o concurſo de povo, e nobreza, no dia da poſſe, fazendo mais luzido aquelle acto, huma oraçaõ Latina, que ella recitou com tanta diſcriçaõ, e elegancia, que ſe mandou imprimir, para correr vulgariſada, ſem o trabalho dos manuſcritos. Naõ ignorou as regras da muſica, e eſcreveo muitas epiſtolas nas lingoas Latina, e Grega.

Mas tudo o que deixamos eſcrito das concluſoens, que Caſſandra defendera em Padua, e da cadeira, que ſubſtituira naquella Univerſidade, como ſe diz no Diccionario de Moreri, tem-ſe por fabuloſo. He certo porèm, que gradu-

graduando-ſe meſtre em Artes Berturcio Lamberti em mil quatrocentos oitenta, e ſeis no Collegio de Padua, fez huma oraçaõ, que lhe adquirio grandes applauſos, ſendo a terceira, que recitava publicamente, porque antes na preſença do Doge havia recitado huma ao naſcimento de Chriſto, e outra ſobre as bellas letras, que ſe achaõ na Collecçaõ de ſuas obras.

Tambem ſe acha, que recitou huma oraçaõ na preſença de Bonna, filha de Joaõ Galeas Duque de Milaõ, e viuva de Sigiſmundo Rey de Polonia, quando paſſou por Veneza. O pouco, que temos de ſuas obras he o ſeguinte: Epiſtolæ, & orationes, Patavii 1587. in octavo. Item cùm Notis. J. Phil. Tomaſini. Patavii. in octavo.

Foy caſada com Joaõ Maria Marpelio, Medico de profiſſaõ, e officio, tambem natural de Veneza, que faleceo no anno de mil quinhentos vinte, e hum, como ſe acha eſcrito em huma epiſtola de Caſſandra ao Papa Leaõ decimo, pelos annos cincoenta, e ſeis de ſua idade. No eſtado vidual perſeverou atè a morte, naõ ſem queixa de muitos, a quem a formoſura, e ſingulares prendas deſta heroina, fizeraõ amantes, e tornàraõ emulos, ouvidas as razoens, com que ſe negava ao ſegundo matrimonio, ou foſſe amor, e attençaõ às cinzas do eſpoſo, que perdera, ou deſengano para a immortalidade, que eſperava. E voltando as coſtas ao mundo, viveo doze annos retirada no Hoſpital de

Saõ

Saõ Domingos exercitando os officios da charidade na occupaçaõ de Regente. Entregou ſeu eſpirito ao Creador no anno de mil quinhentos ſeſſenta, e ſette na idade decrepita de cento, e dous annos.

IX.

CAMILLA Rainha.

EM Lacio, antiga povoaçaõ de Italia, naſceo a famoſa Camilla primogenita dos Reys dos Volſcos Metabo, e Caſmilla, que morreo deſte parto pelos annos do mundo quatro mil trinta, e ſeis; antes da vinda de Chriſto mil cento, e ſeſſenta, e tres. Eraõ paſſados poucos dias do naſcimento da Princeza, e morte da Rainha, de quem teve o nome ſem a letra S, quando a nobreza por invejoſa ſe conſpirou contra ſeu pay Metabo, querendo tirar-lhe a vida, e mais a coroa.

Eſcapou Metabo fugitivo, e a pé levando em ſeus braços a Camilla, que livre de hum perigo, cahio em outro, pela falta do ſuſtento natural daquella idade, e deſcançando aos trabalhos de huma larga jornada no ſolitario retiro de hum frondoſo boſque começou o afflito pay a caçar com valor, e induſtria algumas fe-

ras, e com o leite, que lhe achava, a foy criando, como diverſaõ goſtoſa a ſeus cuidados, até que a natureza já mais robuſta abraçou o alimento conducente às forças, proporcionado aos annos.

Paſſou Metabo grande parte da ſua vida vagamundo, mas ſempre cuidadoſo, e diligente na boa educaçaõ da formoſa Camilla, que gaſtava o tempo, ou em adquirir virtudes, ou em aprender exercicios varonis, coſtumando ſeu corpo delicado a ſeguir os cervos na carreira, jogar a funda, e eſtender o arco. Com eſtas prendas lhe enſinou como principal virtude para o ſeu uſo huma caſtidade perpetua, que guardou inviolavel por toda a vida, que veyo a perder valeroſamente em defenſa de Turno na guerra contra Eneas pelo caſamento de Lavinia. Daremos a lêr eſta noticia com a brevidade, que a achamos eſcrito em beneficio de ſuas heroicas acçoens, como reliquias, que ſobreviveraõ aos ſeculos na memoria dos eſcritos, com emulaçaõ aos bronzes.

Quando Eneas veyo ſobre Italia com poderoſo exercito, já governava Camilla por ſeu valor, e esforço o Reino de ſeu pay Metabo; e ainda que naõ encontramos a occaſiaõ, porque ſubio ao trono, conſta que Turno lhe mandàra ſeus Embaxadores, pedindo-lhe o ſoccorreſſe neſta guerra, em que ſe achou peſſoalmente, capitaneando as ſuas tropas, guerreira, e valeroſa. Entrando na batalha ſe fez logo conhecer,

nhecer, e reſpeitar pela peſſoa, e pelo esforço com que a muitos dos Troyanos obrigou a deixar a vida nas mãos da morte ſem offenſa, ou injuria do valor, porque o ſeu braço naõ cedia a outro algum competencias, ou igualdades. E vendo Camilla na mayor força do combate a certo Corebo Sacerdote de Cybelles, deſejoſa de chegar-lhe com peſada mão o ſeguio por entre os eſquadroens inimigos, com taõ diſgraçada porfia, que Aruntas, hum dos ſoldados Troyanos deſtro, e ſcientifico no arco a ferio mortalmente com penetrante golpe, e afortunado tiro de huma ſetta, que raſgando-lhe hum dos peitos, abrio huma larga porta para a morte, e mais para a vitoria.

Naõ ha mais diſtincta relaçaõ das illuſtres acçoens de Camilla, que o tempo ſepultou com o Real cadaver, reſervando eſta ſó memoria para eterno pregaõ de ſeu nome, muitas vezes celebrado de Poetas, e Hiſtoriadoress

X.

S. CATHARINA DE SENA

DE humildes aſcendentes naſceo a myſtica Doutora Santa Catharina em Sena, Cidade da Provincia de Toſcana, no anno de mil trezentos quarenta, e ſette, para illuſtrar, e ennobrecer com ſuas

letras, e virtudes, a patria, e pays Diogo Benincaſa, e Lapa de Piagente, ſendo a penultima de vinte, e cinco irmãos, que fizeraõ aquelle matrimonio fecundiſſimo, e ella ſó illuſtre. Os primeiros annos de Catharina, até os quinze de ſua idade paſſáraõ os hiſtoriadores com menos averiguada noticia, deixando em ſilencio os principios, e continuados progreſſos da primeira educaçaõ em as letras, e virtudes.

Já neſta idade veſtia o habito da Terceira Ordem de Saõ Domingos; e correndo a voz de ſua fama divulgada com grandes elogios de douta, e Veneravel, determinado no conſelho da Republica de Florença, reconciliarem-ſe com o Pontifice Romano, de commum acordo, elegeraõ a Catharina por Embaxadora, ou medianeira. Do anno de mil trezentos ſettenta, e cinco negavaõ os Florentinos obediencia ao Pontifice Romano Gregorio undecimo, uſurpando a juriſdiçaõ Eccleſiaſtica, e fazendo publicas injuſtiças, contra a immunidade da Igreja, que em ſua defeza tinha promulgado excommunhaõ, e interdicto. E deſejando os temeroſos uniaõ com a Igreja, os do concelho ſe viraõ obrigados a elegerem Plenipotenciario. Propoſtas muitas peſſoas illuſtres de toda a Italia em letras, nobreza, e dignidades, ſe antepoz a todas Santa Catharina, a quem a Republica mandando ſeus Commiſſarios pedia conſentimento na eleiçaõ.

Ouvio Catharina a propoſta, e vendo quanto importava ao bem daquellas almas, aceitar a commiſ-

a commiſſaõ, partio a Florença; e o tribunal ſupremo da Republica ſeguido de grande multidaõ de povo ſahio a recebella fora da Cidade, conduzindo-a como em triunfo ao domicilio deſtinado. Aqui recebeo as inſtruçoens da Embaxada, que naõ teve o deſejado fim dos prudentes, e fieis vaſſalos da Igreja, porque faltàraõ os do conſelho a todas as promeſſas com fingidas chimeras diſſimuladas policias. Divulgou-ſe logo em Avinhaõ o caracter, com que Santa Catharina caminhava àquella Cidade, em que muitos annos reſidio a Cadeira de Saõ Pedro. Corria com tantos applauſos a fama de ſuas virtudes, que o Pontifice moſtrou quanto a eſtimava, mandando-lhe adornar hum apoſento com riqueza, e mageſtade.

Concorreraõ as peſſoas de diſtinçaõ a comprimentalla. E tres Prelados, que naõ tinhaõ experiencia de ſeu eſpirito, e doutrina, deſejavaõ tentalla com riguroſo exame. Houveraõ licença do Pontifice facilmente, e viſitando a Santa com ſeveridade de juizes, e miniſtros da Curia lhe fallàraõ neſta ſuſtancia: „ Corre huma „ vóz neſta Corte, que os Florentinos vos man- „ daraõ por ſua Embaxadora. A Santidade de „ Gregorio undecimo noſſo Pontifice reynan- „ te nos manda tomar reſidencia de voſſo mi- „ niſterio; porque naõ ſe faz crivel, que hu- „ ma vil, e ignorante mulher, ſe atreva facil a „ querer tratar hum negocio, de tanto peſo com „ o Vigario de Chriſto. Por ventura falta na-

„ quella Republica hum homem de prudencia,
„ valor, e letras, que aceitaſſe eſta commiſſaõ
„ de tanta honra? Dizeinos logo o motivo,
„ que vos traz a eſta Curia.

Fallou a Santa, e fallou reſpondendo com tanta modeſtia, diſcriçaõ, doutrina, e eloquencia, que os Prelados ſe admiràraõ do eſpirito, e ſabedoria, com que Deos enriquecera a alma de Catharina. Durou a pratica o tempo, que durou a manhãa, e grande reſto da tarde, diſputando na ſciencia myſtica de ſeus raptos, e modo eſpecial de vida. Reſpondeo a varias queſtoens nos profundos myſterios da Trindade, Encarnaçaõ, e Euchariſtia, ſoltando as duvidas em todo o rigor das eſcolas, com tanta clareza, e verdadeira opiniaõ dos Doutores, que affirmàraõ ao Pontifice naõ tinhaõ conhecido alma taõ illuſtrada. Diſcorreo por muitas vezes na preſença do Pontifice, e ſagrado Collegio dos Cardeaes em materias de eſpirito, e amor de Deos, deixando na opiniaõ de todos certa intelligencia de que era aſſiſtida do Eſpirito Santo.

A Providencia altiſſima, com que Deos levou Catharina a Avinhaõ, conheceo o Pontifice, quando lhe ſuggerio da parte deſte Senhor, que era vontade ſua reſtituirſe a Roma a Cadeira de Saõ Pedro, deſcobrindo-lhe na Embaxada, o voto, que elle fizera em confirmaçaõ do ſeu caracter; e beijando-lhe a maõ, voltou para Sena, ſem paſſar por Florença. Effectuada a tranſ-

laçaõ

laçaõ da Cadeira Apoſtolica ao ſeu primeiro lugar prediſſe Catharina o cruel ſciſma, que houve na Igreja pela morte de Gregorio undecimo, e eleiçaõ de Urbano oitavo. Chorava Catharina com lagrimas inconſolaveis eſta furioſa tempeſtade, que durou o largo tempo de trinta annos, oppoſtos os Francezes à eleiçaõ de Pontifice Italiano.

Naõ houve meyo algum, que o valeroſo Pontifice Urbano naõ intentaſſe para deſtruiçaõ do ſciſma; chamou a Roma Santa Catharina, para ſe valer naõ menos de ſuas oraçoens, como Santa, que de ſua grande ſabedoria, como Doutora. Recebida com grandes honras de paternal benevolencia, a ouvio particularmente; e depois mandando-a conduzir ao Conſiſtorio Sacro dos Cardeaes, e Prelados domeſticos, diſcorreo na preſença de todos com eſpirito, e ſabedoria do Ceo da Providencia, com que Deos guardava, e governava a Igreja ſua eſpoſa, deixando a todos igualmente conſtantes na fé do verdadeiro Pontifice.

Eſcreveo Catharina algumas cartas à Rainha Joanna de Napoles explicando-lhe com zelo, e eſpirito do Ceo os grandes males, que naſciaõ da ſua protecçaõ com os ſciſmaticos; predizendo-lhe a diſgraçada morte, que depois teve às mãos de Carlos Durazo em pena de ſua rebeldia no Caſtello novo da meſma Cidade. A muitos Cardeaes eſcreveo doutamente com igual zelo, e liberdade ſanta; mas o Ceo naõ permi-

permitio, que em ſeus dias ſe acabaſſe aquella perſeguiçaõ da Igreja, porque voltando a ſua patria, rendeo o eſpirito a ſeu Creador em hum Domingo no anno de mil trezentos, e oitenta, aos vinte, e nove dias do mez de Abril na breve idade de trinta, e tres annos. Na vida, e na morte floreceo em virtudes, e milagres.

Na ſciencia myſtica adquirio juſtamente o nome, e titulo de Doutora, como ſe reconhece no grande volume de ſuas cartas a todo o genero, e condiçaõ de peſſoas; e no livro dos Dialogos da Divina Providencia, em que moſtrou a grande ſabedoria, e celeſtial doutrina de ſeu fervoroſo eſpirito. Della eſcreve o Beato Raymundo, que dictava a hum meſmo tempo, a tres, e quatro amanuenſes differentes materias, com tanta facundia, e promptidaõ, que voavaõ as pennas, para igualarem os voos de ſua memoria.

XI.

CATHARINA ESFORCIA

CAtharina Esforcia, filha natural de Galeaço Maria Esforcia, Duque de Milaõ, foy mulher de Jeronymo Riario, Conde de Furli, e Imola, Genovez de naçaõ, e da nobre familia de Rovere em Saona. Era irmãa do Papa Xiſto quarto, por cuja authoridade ſe celebrou eſte matrimonio

nio no anno de mil quatrocentos ſettenta, e hum, em que foy promovido à Cadeira de Saõ Pedro. A formoſura, e diſcriçaõ ſe uniraõ em Catharina Esforcia ſem defeito, que alteraſſe a proporçaõ, ou deſmentiſſe a igualdade. Era prudente, aſtuta, e de huma rara, e tenaciſſima memoria; o animo era taõ varonil, como ſe verà neſta particular hiſtoria de ſuas acçoens illuſtres.

Corria já declinado o anno de mil quatrocentos oitenta, e ſette, ſendo Pontifice Innocencio oitavo, quando ſe levantou em Furli huma furioſa conſpiraçaõ contra o Conde Jeronymo Riario, que ſoberbo, e altivo com tyrannias, e crueldades ſe fazia reſpeitar, e aborrecer. Franciſco Orſo, nobre Cidadaõ, e cabeça de motim com alguns parciaes entrando armados no Palacio do Conde, lhe deraõ a morte aos vinte, e tres de Mayo de mil quatrocentos oitenta, e oito, ſahindo a alma por tantas portas, quantas foraõ as punhaladas. E appellidando liberdade lançáraõ por huma das janellas a baxo o cadaver do Conde, em que cevàraõ a ſua ira os amotinados. Prenderaõ logo a mulher, e os filhos, ſem attençaõ ao ſexo, ou innocencia, e paſſáraõ huma meſma fortuna, com os bens, e riquezas, que tudo foy deſtruido, ou ſaqueado.

O povo, que ſeguia facil, e tumultuario a voz da liberdade, correndo à priſaõ com os cabeças do motim pediraõ a Catharina Esforcia

cia com affectos de vingança, e palavras de menos cortezia, mandaſſe logo entregar a Fortaleza, relaxando ao Governador a omenagem. A prudente, e aſtuta heroina, ſem que a novidade de caſos taõ repentinos, e laſtimoſos lhe perturbaſſem o juizo, ou mudaſſem o ſemblante, reſpondeo: „Que melhor reduziria o Go„vernador, ſe a deixaſſem hir livremente à Forta„leza, porque em ſeus filhos, lhe ficava huma „fiel, e firme ſegurança de ſua palavra: Aſſentindo os amotinados na propoſta, ſe apartou dos filhos, ſem moſtrar nos affectos o penſamento heroico, que levava no coraçaõ premiditado.

Logo que ſe vio na Fortaleza louvando no Governador a lealdade, e nos ſoldados a obediencia, os animou a defender a Praça com palavras, e promeſſas accomodadas ao tempo, e à neceſſidade. Eraõ paſſadas muitas horas, que os amotinados eſperavaõ impacientes a reſoluçaõ de Catharina Eſforcia, que ouvindo os ſeus clamores chegou a fallarlhe, dizendo: „Que a ſua petiçaõ era taõ injuſta, como fora „a morte do Conde ſeu Senhor, que muito „cedo eſcreveria com o ſangue de todos, o ex„emplar caſtigo, de que eraõ reos. Porèm elles imaginando vencer aquelle peito de diamante, com a piedade, e amor dos filhos, que logo mandàraõ conduzir à ſua preſença, diziaõ a grandes vozes, que diante dos ſeus olhos os veria morrer, e deſpedaçar, ſe logo naõ entrega-

va

va à Fortaleza. Catharina em vinte, e quatro annos de idade, moſtrando muitos ſeculos de valor, conſtante, e invencivel diſſimulou a compaixaõ, reſpondendo com deſprezo, e graça: „Que ainda lhe ficava a officina para fazer „ outros; e dando lhe as coſtas, acabou dizendo: „ Que pagariaõ com a morte do pay, a dos fi- „ lhos juntamente.

Naõ tardou a ſoccorrella o Duque de Milaõ, e ſeu tio Luiz Esforcia, de que aſſombrados, e temeroſos os cabeças do motim com precipitada fugida ſe retiraraõ ao Tifarnates, deixando a Cidade huma confuſa Babylonia, que naõ cuſtou pequeno cuidado, e facil diſvello a Catharina Esforcia reduzir os moradores ao primeiro governo, fazendo-os reconhecer o direito ſenhorio.

Socegado, e já pacifico o tumulto da plebe, variavel monſtro de infinitas maſcaras, entendeo Catharina Esforcia em caſtigar os inſultos daquelle eſtrago com tanta induſtria, e taõ boa deligencia, que em breves dias houve à maõ Franciſco Orſo com todos os parciaes de ſeu delicto, companheiros de ſua diſgraça, que padeceraõ a morte com merecida pena de exquizitos, e crueis tormentos. E porque Octaviano, ſeu filho primogenito, era de menor idade, governou aquelles Eſtados treze annos, com prudencia, valor, juſtiça, e paz, que no anno de mil, e quinhentos alterou o Pontifice Alexandre ſexto, ſeu compadre, com o pretexto de

haver muitos annos, que naõ pagava tributo à Igreja Romana. Daremos abreviada relaçaõ do caſo pela heroicidade, com que ſe defendeo varonilmente.

Concluida a guerra de Italia com a poſſe de Milaõ, concedeo Luiz duodecimo Rey de França ao Duque Valentim Borja algumas tropas de ſeu exercito, que em nome do Pontifice Alexandre ſexto lhe pedira, para engroſſar o exercito Romano, que mandou ſobre as Cidades de Imola, e Furli, que o Duque Galeaço Maria Esforcia dera à Condeça Catharina Esforcia ſua filha. Levou o exercito a Imola com o ſitio a reſoluçaõ do Pontifice, ignorada até aquelle dia; porem Catharina, que ſe achava dentro deſprezando valeroſa, e deſtemida o poder dos Romanos, animou os Soldados à defenſa com palavras, e com o exemplo.

O Duque General a aſſediou com diſciplina, e mais confiança, que valor, como quem determinava ganhar a Cidade com pouco ſangue, acabando em hum ſó dia aquella guerra; diſcorreo, que o repente daquella invazaõ intimidaria os animos dos defenſores, que poucos, e mal diſciplinados naõ poderiaõ reſiſtir ſem temeridade a taõ numeroſo poder, e mais ſendo huma mulher o primeiro movel daquella milicia, por condiçaõ temeroſa, por natureza fraca.

Naõ correſponderaõ os ſucceſſos ao penſamento do Duque General, porque era a Con-

deça

deça Catharina Esforcia a mulher, que governava aquelles Soldados, que por muitos dias lhe fizeraõ porfiada reſiſtencia. Em todos os perigos ſe achava Catharina com prompto remedio pelejando, ou mandando com valor, e acordo militar.

Continuàraõ os aſſaltos com igual mortandade, e porque os inimigos eraõ muitos, e ſoccorridos, cedeo o esforço à multidaõ, e ganhàraõ a Cidade. Ao eſtrago igualou a reſiſtencia. Com a priſaõ da Condeça, e perda, ou conquiſta de Imola ſe entregou logo a Cidade de Furli, que eraõ os ſeus Eſtados. E conduzindo a Roma com decente comitivá a Condeça, e mais os filhos, lhe deraõ o Caſtello do Anjo por ſegura priſaõ, aſpero caſtigo.

Eſcrevem alguns Authores, que o meſmo Pontifice Alexandre ſexto, paſſados alguns mezes lhe dera com a liberdade o ſenhorio de Florença. E ainda que mendigámos com grande trabalho por differentes eſcritos, naõ achamos outra diſtinta memoria deſta heroina, naõ ſem injuria da naçaõ, que ſepultou com humas meſmas cinzas o cadaver, e as acçoens.

XII.

CATHARINA DE VIGRI

EM Bolonha, Cidade de Italia celebre pela Univerſidade, naſceo Catharina de Vigri, illuſtre Virgem, naõ menos em nobreza, que em letras, e virtudes. Em ſeus pays ſe ajuntàraõ as duas antiquiſſimas familias de Vigrios, e Mamolinis. Joaõ era o nome do pay, e Benvenieta o da mãy; ella natural de Bolonha, elle de Ferrara, ambos nobres, e igualmente ricos. Contavaõ-ſe oito de Setembro do anno de mil quatrocentos, e treze, dia conſagrado pela Igreja à Natividade daquella Senhora, que naſceo como Aurora, foy eſcolhida como Sol, e era formoſa como a Lua, quando ſahio ao theatro deſte mundo, Catharina de Vigri, Lua chea da formoſura de muitas perfeiçoens, e eleiçaõ de Sol em a pureza, porque naſcia para eſpoſa de Chriſto, de que logo deo ſobrenaturaes evidencias, illuſtres provas. Governava a Igreja Catholica o Papa Joaõ vigeſimo terceiro, e Sigiſmundo filho do Emperador Carlos quarto o Imperio do Occidente.

Chegando Catharina aos annos da diſcriçaõ aprendeo as primeiras letras ſem trabalho dos meſtres. Applicou-ſe com diſvello, e affeiçaõ particular

ticular à arte de eſcrever, ſahindo taõ deſtra, e perfeita, que depois na Religiaõ eſcrevia em as horas vagas muitos Breviarios, que dava de eſmola às ourras Religioſas, exercicio mais util naquella idade, pela falta de imprentas. Comprehendeo em breves tempos as regras da Latinidade, que pronunciava com todo o rigor, e ecco dos antigos Romanos.

Correndo o anno de mil quatrocentos trinta, e dous, ou trinta, e tres, como achamos eſcrito em outras memorias, recebeo o habito de Santa Clara da maõ do Vigario Provincial de Bolonha da Regular Obſervancia. Com as obrigaçoens dos votos, e exercicios particulares de huma vida penitente ſe deo toda ao eſtudo da Theologia myſtica, com que admirou o mundo em ſeus eſcritos mandada pelo Confeſſor, que a ouvio diſcorrer algumas vezes em materias de eſpirito, com intelligencia mais que natural, ou adquirida.

Soror Catharina obedecendo, como Santa, eſcreveo hum livro de doutrina myſtica, como Doutora, que ainda corre com eſte titulo: As ſette armas para a batalha eſpiritual: e outro mais de particulares revelaçoens, que andaõ juntos em hum tomo; obras de tanta veneraçaõ entre os homens doutos, e myſticos, como ſe prova das impreſſoens, quatro vezes repetidas em differentes idiomas. Em Bolonha foy a primeira impreſſaõ no anno de mil quinhentos, e onze; e a ſegunda, no de mil quinhentos trinta, e

ſeis

ſeis. A terceira impreſſaõ, foy em Veneza no anno de mil quinhentos oitenta, e tres; e em Caſtella no de mil ſeiſcentos vinte, e ſeis calificada evidencia para os que ignoraõ os primores, com que eſta obra conſerva o nome de primeira. Roſario metrico, ſe intitulava outro livro, que deo à luz no meſmo tempo, tecido engenhoſamente de cinco mil ſeiſcentos, e dez verſos Exametros, onde reduzio a numero todos os Myſterios da vida de Noſſa Senhora, Vida, Morte, e Paixaõ de Chriſto, e terminando todos os verſos na Sylaba is, que ſuppoſto naõ deixou expreſſado o myſterioſo enigma deſta invençaõ, bem moſtra ſer particular eſtudo, ou eſpecial cuidado. Naõ era menos admiravel a erudiçaõ deſta obra, enriquecida de lugares da Eſcritura, e ſentenças dos Santos Padres. Fallava no rigor da Theologia Eſcolaſtica em os myſterios, naõ ſem grande luz das Filoſofias, e allegaçoens do direito Civil.

No Convento de Bolonha ſe guardava hum manuſcrito de opuſculos varios em proſa, e em verſo. Com igual veneraçaõ exiſtiaõ alguns Breviarios, de que uſava, reſervada memoria do primoroſo artificio de ſeus caracteres. Deixou na poſteridade mais illuſtre o ſeu nome pelas heroicas virtudes, com que mereceo colocarſe no Catalogo dos Santos da Religiaõ Serafica. Faleceo huma quarta feira de tarde, aos nove de Março de mil quatrocentos ſeſſenta, e tres, aos cincoenta annos de ſua idade.

XIII.

XIII.

CATHARINA ALVARES

ENtra aqui a noſſa America com a ſua figura da cor de huma boa ſórte, que teve Portugal, em o deſcobrimento da Bahia, cabeça do Eſtado do Braſil. Catharina Alvares era o nome deſta matrona Americana, que naſcendo de pays gentios, e barbaros a primeira entre os naturaes, pode naõ ſer a ſegunda entre as heroinas mais celebradas pelo grande amor, que teve a ſeu eſpoſo. Daremos a ler na hiſtoria de ſuas acçoens huma, que naõ teve ſemelhante.

Navegava huma náo Portugueza de viagem para a India, e naufragando com huma furioſa tempeſtade naquella parte da America, que agora chamamos coſta da Bahia, lançou o mar nas prayas do rio Vermelho com os generos alguns Portuguezes, que foraõ paſto dos Gentios, ſobrevivendo (com lamentavel fortuna) a hum eſtrago, para cahir em outro, mais horroroſo à natureza, à humanidade eſtranho. Diogo Alvares Correa, natural de Vianna, e das principaes familias daquella nobiliſſima Villa, foy hum dos primeiros, que navegando em baixel de criſtal, ſahiraõ vivos a piſar as areas, e melhorar de fortuna em aquellas pra-

yas, ſabendo vencer a diſgraça dos companheiros, dando induſtria aos Gentios, para recolherem os deſpojos do naufragio, ajudando-os, e ſervindo-os com promptidaõ, e agilidade.

Conduzia a náo inſtrumentos militares; e ſahindo entre os deſpojos muitos barris de polvora, e balla, muniçoens, e algumas eſpingardas, Diogo Alvares alimpando as curioſamente para o uſo da caça fez alguns tiros com acerto em muitas aves. Foy tal o horror dos Gentios, ouvindo o eſtrondo, e vendo o eſtrago, que huns fugiaõ, outros paſmavaõ dos effeitos do fogo, naõ entendendo como ſe accendia a polvora, voava o chumbo, e atroava o ecco. Os Gentios começaraõ a tratar, e reverenciar a Diogo Alvares, como peſſoa divina, goſtando de lhe fazer companhia na caça das aves, ou dos animaes, porém ſempre com igual temor, e eſpanto dos tiros; e por occaſiaõ de huma campanha entre o principal da Provincia, e os vaſſalos do deſtrito do Paſſê, que lhe faziaõ guerra, adulterando a vaſſalagem, o levou a eſta empreza com as ſuas armas, certo no vencimento, duvidoſo no premio. Aviſtaraõ-ſe os dous exercitos ordenados com milicia barbara, e o General dos Rebeldes, que ſe via na frente do exercito, fallando aos ſeus, animando-os à peleja, como eſtava a tiro de moſquete, Diogo Alvares fazendo-lhe pontaria certa o derribou por terra com igual aſſombro, e temor dos levantados, que fugindo ao perigo,

que

que naõ conheciaõ, ſe ſogeitàraõ involuntarios, julgando, que a taõ formidaveis armas, era toda a reſiſtencia temeraria, inutil a defenſa.

Triunfando Diogo Alvares com huma ſó morte de tantas liberdades, lhe adquirio tantos reſpeitos eſta vitoria, que todos os Gentios de maior graduaçaõ daquella barbara Republica, lhe entregaraõ as filhas para concubinas, e o principal, ou Rey de todos, lhe deo a ſua por eſpoſa. Diogo Alvares, ou Caramuru-aſſu (que eſte foy o nome, que lhe deraõ os Gentios, e no idioma daquella naçaõ vale o meſmo que, Dragaõ, que ſahio do mar) vivendo por algum tempo neſte errado vinculo, e barbaro matrimonio, vio ao largo daquella coſta hum navio, que vagava pelo golfo da Bahia, forçado de contrarios ventos. Em huma das voltas, que fez à terra, lhe capeou da praya, e ſendo viſto pelos mareantes, lhe mandàraõ hum batel, que vogando apreſſadamente àquella parte, Diogo Alvares ſe lançou a nado, fugitivo àquella vida licencioſa, e involuntaria. A conſorte advertindo ſe lhe auſentava no eſpoſo a melhor porçaõ da alma, com igual valor, e fortuna o ſeguio, lutando com as ondas, até chegar ao batel, que a recolheo com admiraçaõ de todos; e conduzindo ambos ao navio, que era de Francezes, os tranſportou àquelle Reyno.

Eraõ os Reys Chriſtianiſſimos, que governavaõ aquella Monarquia, Henrique de Valoes, ſegundo do nome, e Catharina de Medices,

que informados, com a relaçaõ do ſucceſſo, da qualidade das peſſoas, os mandàraõ conduzir a Palacio, e recebidos com Real agrado, lhe fizeraõ algumas perguntas, e os deſpediraõ com alegria dos perigrinos, fazendo-os tratar com liberal deſpeza. Depois que a valeroſa, e amante perigrina ſe doutrinou em a noſſa crença, ordenàraõ os Reys Chriſtianiſſimos hum ſolemne acto com aſſiſtencia de muitos Grandes, e Principes da Corte, dando-lhe o Sacramento do Baptiſmo com o nome da Reynante, e a ambos o do Matrimonio, ſendo em hum, e outro acto padrinhos os Reys, conferindo-lhe com muitas honras alguns titulos. Pediraõ Diogo, e Catharina Alvares aos Reys os mandaſſe conduzir a Portugal, e como naõ tiveſſe effeito, ou experimentaſſem deſagrado, occultamente ſolicitàraõ o tranſporte de huma náo Franceza, em que a troco de a carregarem de pao do Braſil foraõ conduzidos à Bahia,

Eſta matrona tomando da Rainha de França o nome, e do eſpoſo o appellido, como ſenhora daquella Regiaõ, reduzio os Gentios ao jugo Portuguez, obradas muitas acçoens heroicas. Foy Catharina Alvares inſtrumento feliciſſimo de huma appariçaõ milagroſa, favorecida pela Rainha dos Anjos, que lhe fallou em hum ſonho, que pareceo myſterioſo, como ſe faz veroſimel do ſucceſſo. Tinha naufragado na Coſta de Boypeba huma náo Caſtelhana, que Diogo Alvares fora a ſoccorrer, trazendo os naufragantes

a Villa

a Villa Velha, onde morava, hoſpedando-os, e ſoccorrendo-os com grandeza, e liberalidade, que mereceo agradecimentos do Emperador Carlos quinto, expreſſados em huma carta com a ſua firma.

Com os deſpojos deſte naufragio recolheraõ os Gentios daquella coſta a milagroſa Imagem da Mãy de Deos em huma caxa toſca, que foy levada a hum lugar, ou povoaçaõ diſtante de Boypeba. A diligencias de Catharina Alvares, e Diogo Alvares ſe achou o ſagrado Simulacro em huma pobre cabana, ſem culto, e na propria caxa. Erigiraõ hum Templo, e o conſagràraõ à Imagem da Mãy de Deos, com o titulo de Senhora da Graça, que depois doaraõ com algumas terras aos Monges de Saõ Bento, onde jazem ſepultados os dous conſortes, ſem a honra de ſoberbos jazigos, nem outra individual memoria de ſeus heroicos feitos.

Os Reys de Portugal lhes concederaõ muitas regalias, ordenando aos ſeus Governadores, com particular memoria a conſervaçaõ dos foros concedidos a eſte ſolar, como ainda exiſtem na viva tradiçaõ de ſeus illuſtres deſcendentes. Deſta fecundiſſima raiz brotàraõ muitas ramas de filhos, e netos, que enlaçados com o vinculo do matrimonio, com muitos dos Fidalgos, que paſſando à Bahia com os mayores empregos fundáraõ nobiliſſimas familias, e poderoſas caſas de nobreza, e cabedaes. Occupáraõ ſempre os primeiros lugares da Republica na pa-

tria, e mais no Reyno; e ainda agora ſe conſerva na illuſtre familia dos Aragoens a Alcaidaria môr da Cidade da Bahia, que tinha vagado pela morte dos Monizes.

XIV.

D. CATHARINA Infanta de Portugal.

A Infanta Dona Catharina, filha dos Reys de Portugal Dom Duarte, e Dona Leonor, illuſtrou a Cidade de Lisboa com o ſeu naſcimento, que foy aos vinte, e cinco de Novembro do anno de mil quatrocentos trinta, e ſeis, e a patria naõ menos com as heroicas acçoens, de que daremos, aqui em eſcaça noticia, a ſeu nome huma perduravel memoria.

Era de dous annos, quando ficou na tutoria de ſeu tio o Infante Dom Pedro Duque de Coimbra, e Regente do Reyno, que admirando naquella idade o quanto aproveitava nas primeiras letras, e Chriſtãa policia, lhe deo por meſtre da Latinidade a Jorge da Coſta, Clerigo do habito de Saõ Pedro, natural de Alpedrinha, que depois veyo a merecer a purpura de Cardeal Presbitero. Com facil applicaçaõ aprendeo as lingoas, vencendo o engenho, tempo, e eſtudo. Nas ſciencias adquirio nome naõ vulgar

vulgar, e eſcrevendo algumas obras, de que ainda ſe conſervaõ confuſas noticias, perpetuou a fama de douta, e ſabia.

Da lingua Latina em a vulgar traduzio hum livro, obra de Saõ Lourenço Juſtiniano, que ſe intitula: Diſciplina Monaſtica, que ſe imprimio no Convento de Santa Cruz de Coimbra com eſtimaçoens de elegante, applauſos de diſcreta, e douta. Divulgou-ſe pela Europa a fama de ſuas virtudes, menos encarecida nos dotes da natureza, ſempre avara em ajuntar formoſura, e diſcriçaõ, ſem defeito, como ſe admirava na Senhora Dona Catharina. Aos vinte, e tres annos de idade foy pedida em caſamento por Dom Carlos, Principe de Navarra, que morreo antes de effeituar o matrimonio com ſuſpeitas de veneno.

Com a noticia deſta apreſſada morte de Dom Carlos ſe retirou ao Moſteiro de Santa Clara de Lisboa, ou do Salvador (como ſe acha eſcrito em outras memorias) com intentos de ſer Religioſa, ſe ElRey Dom Affonſo quinto, ſeu irmaõ, permittindo-lhe o retiro, naõ lhe encontrara a vocaçaõ. Fugio do mundo para a Religiaõ no anno de mil quatrocentos, e ſeſſenta. Aqui ſe aperfeiçoou no ouro das virtudes, vagando o mais do tempo em a liçaõ dos livros, a que era por natureza inclinada; fazia do eſtudo voluntario divertimento, ſaboroſo exercicio. Eſtando deſpoſada com Duarte quarto Rey de Inglaterra, faleceo de hum agudiſſimo pleu-

riz

riz em huma feſta feira dezaſette de Junho de mil quatrocentos ſeſſenta, e tres; e jaz ſepultada na Igreja de Santo Eloy deſta Cidade de Lisboa Oriental, com devido culto a taõ heroicas cinzas, ſingulares prendas.

XV.

DONA CLARA
Da America.

O Governador, e Capitaõ General dos Indios da America, Dom Antonio Felippe Camaraõ, teve por mulher huma illuſtre matrona taõ Clara em o nome, como em as acçoens, que nos deixaraõ mais na tradiçaõ, que em noſſos eſcritos a fama de ſeo animoſo eſpirito, valor temerario. Na reſtauraçaõ de Pernambuco, e guerra contra os Olandezes, acompanhou Dona Clara a ſeo marido em todas as campanhas, teve parte em todas as vitorias.

Aſſiſtia Dona Clara em Porto de Calvo, e ſabendo, que o inimigo voltava as armas contra aquella Fortaleza, e que os noſſos ſahiaõ a recebello fóra dos muros, armando-ſe de guerra, montou a cavallo adiantando-ſe a reconhecer as forças do exercito ao lado de ſeu marido, que fora nomeado para eſta perigoſa empreza, e o Governador dos crioulos Henrique Dias. Os dous Capitaens, e a veleroſa heroina depois que notá-

notaraõ o poder, e cautela, com que marchou o exercito dos Olandezes, o inquietàraõ vigoroſamente atè o alto de hum monte, em que ſe formou temeroſo, ou acautelado.

O Conde de Naſſau, que era o General dos Olandezes, vendo-ſe em poder, e lugar ſuperior a noſſas forças, ſe deteve eſperando a reſoluçaõ de noſſos Capitaens, que menos diſciplinados, e mais valeroſos, buſcàraõ o inimigo anticipando à vitoria o vaticinio. E começando a ferirſe com igual furor, e mortandade, pelejavaõ os noſſos por alcançar a vitoria, e os Olandezes pela naõ largarem das mãos, obrando Dona Clara acçoens dignas de ſeu eſpirito, e valeroſo animo, exercitava ao meſmo tempo os dous officios de ſoldado, e Capitaõ. Durou a reſiſtencia largas horas, e como os noſſos entràraõ na batalha vencidos pelo temor do General, o Conde de Banholo, cançados de porfiarem contra a fortuna, cederaõ o lugar aos inimigos, que entaõ conheceraõ a vitoria pela retirada.

Foraõ os noſſos largando o campo com valor, e diſciplina, e o inimigo acautelado no alcance, caminhava dentro na forma temeroſo de alguma cilada; mas ſem largar a empreza, os ſeguio atè Porto de Calvo. A huma batalha ſe ſeguio outra, na paſſagem do rio Comendaituba, querendo os Olandezes atraveſſar a corrente com a fortuna da primeira vitoria, de que os noſſos cortàraõ aqui as palmas, á cuſta de tantas vidas, que o rio ſe veſtio da cor do ſangue.

Aſſombrado o Conde de Naſſau com a viſta dos mortos, e valor de taõ poucos inimigos, que lhe tiráraõ das mãos huma vitoria de tantas conſequencias àquella conquiſta, mandou tocar a recolher, diſſimulando o ſentimento em a cura dos feridos, e enterro dos mortos.

Dividia o rio hum exercito do outro; e Dona Clara achando-ſe em ambos os conflictos, ſe preparava para o terceiro, que a juizo dos melhores, ſeria glorioſo a noſſas armas, ſe o Conde de Banholo, noſſo General, naõ ſe fizera exemplar aos ſoldados, de huma vergonhoſa, e fugitiva retirada. Trabalháraõ os principaes Cabos do exercito por evitar aquelle ultimo dano da Provincia, detendo os fugitivos, mas influhio com tanta vehemencia nos ſoldados a diſgraça, ou cobardia do General, que todos ſeguiraõ os meſmos paſſos, e Dona Clara com ſeo marido paſſáraõ à Bahia no anno de mil ſeiſcentos trinta, e quatro, ſendo Governador, e Capitaõ General, do Eſtado Pedro da Sylva.

XVI.

CONSTANCIA MALATESTA.

O Senhor de Pizauro Galeaço Malateſta foy pay de Conſtancia Malateſta, que floreceo em letras, e virtudes pelos annos de Chriſto de mil quatrocentos quarenta, e dous, ſendo Emperador Federi-

co

co terceiro, e Pontifice Romano Eugenio quarto. Com as primeiras letras deſcobrio Conſtancia hum grande engenho, e ſeus pays lhe deraõ meſtre, de que aprendeo as linguas, e as ſciencias. Adquirio com juſto merecimento de ſeus applicados eſtudos o nome de ſabia, ſendo frequente na liçaõ das Eſcrituras, e obras de Saõ Jeronymo, Santo Ambroſio, Saõ Gregorio, Cicero, e Lactancio Firmiano.

Caſou Conſtancia Malateſta com Alexandre Esforcia, Irmaõ de Franciſco Esforcia, Duque de Milaõ; e deſte illuſtre matrimonio naſceo a celebrada heroina Baptiſta Esforcia, que devendo-lhe com a natureza a educaçaõ nas letras, ainda em ſeus eſcritos deixou à poſteridade hum mais peregrino parto, douto aſcendente. Correm na lingoa vulgar muitos verſos de Conſtancia Malateſta em todo o genero de metro, com admiraçaõ dos que ſabiaõ, que ſem meſtre aprendera a arte da Poeſia; em que teve facilidade, cadencia, e furor, como natural da fonte Cabalina.

XVII.

D. CATHARINA DE ATAIDE

NA Cidade de Lisboa, Corte dos Reys de Portugal, naſceo Dona Catharina de Ataide, nobre appellido da caſa de Atouguia, de que era deſcendente por ſeu pay Dom Diogo de Ataide, caſado com

Dona Beatriz Leitoa, que fundou o Convento de JESUS de Aveiro da Ordem de Saõ Domingos. As prendas de Dona Catharina ſe fizeraõ eſtimadas na preſença da Rainha Dona Iſabel, mulher do Rey Dom Affonſo quinto de Portugal, que deſejando o intereſſe de ſua companhia, lhe offereceo hum lugar entre as ſuas Damas, e ſoube merecer o primeiro no ſeu valimento; e pela morte da Rainha, falecida poucos annos depois na Cidade de Evora, deixou voluntariamente o Palacio, e Corte, retirando-ſe ao Convento, de que era ſua mãy fundadora, e Prioreza.

No anno do Noviciado, ou de approvaçaõ deo Catharina evidentes argumentos das virtudes ſinaladas, com que ſe fez memoravel em a Chronica da Ordem; e completo o diario circular do anno, e dia, profeſſou no mez de Janeiro em idade de deſaſette annos, e era de mil quatrocentos ſeſſenta, e ſeis. Ainda ſe conſervaõ em muitos livros do Coro eſcritos de maõ prendas heroicas da rara habilidade de Dona Catharina, que vencendo na arte o primor, e engenho dos meſtres, he muito celebrada entre os curioſos. Com o tempo ſe perderaõ as memorias deſta heroina Portugueza, que predizendo o dia de ſeu feliciſſimo tranſito, paſſou â immortalidade aos dez dias do mez de Agoſto.

XVIII.

CATHARINA DE SANTA ANNA

EM Pariz, Corte dos Reys de França, floreceo em letras, armas, e virtudes Catharina de Santa Anna, natural de Conge, Cidade da Provincia de Normandia. Participando a Catharina hum irmaõ seu, Religioso Carmelita reformado, huma larga relaçaõ da obſervancia regular, com que em Pariz florecia o Convento do Angelico Doutor da Ordem do Patriarca Saõ Domingos, com heroica reſoluçaõ deixou a patria, pays, e parentes, e partio a França fugitiva. E chegando ao Convento pedio o habito, que lhe deraõ facilmente, querendo a Providencia, que lhe guiou os paſſos, e livrou dos perigos, naõ tiveſſem obſtaculo os ſeus penſamentos, demora os ſeus progreſſos.

Por muitos annos occultou Catharina de Santa Anna a ſabedoria grande, com que o Divino Eſpoſo lhe illuſtrara a alma, concedendo-lhe com outros muitos favores o eſpecial beneficio de entender a lingua Latina, e alcançar os ſegredos da Eſcritura ſagrada, de que ſe moſtraõ enriquecidas as ſuas obras em muitos tratados eſpirituaes, que andaõ impreſſos, e correm com o ſeu nome. Eſcreveo trinta medita-

çoens para os dez dias de exercicio, e muitos livros de devoçaõ ſobre o ſacrificio da Miſſa, o Pater noſter, e os myſterios de Chriſto repartidos pelos dias, que a Igreja os celebra. Ordenou hum relogio da Paixaõ para todas as horas do dia; e algumas reflexoens ſobre os Sacramentos da Penitencia, e Euchariſtia. Naõ era menos diſcreto, e eſpiritual o livro, que intitulou: Diſpoſiçaõ para a morte, cheo de terniſſimos actos de amor de Deos, encarecidos affectos ao deſprezo do mundo. Neſte laborioſo exercicio conſumia o tempo, que lhe vagava das continuas occupaçoens do eſtado Religioſo, e deixando de huma vida exemplar ſaudoſa memoria, paſſou à immortalidade aos vinte, e hum de Julho de mil ſeiſcentos quarenta, e outo.

XIX.

CIMEA SYBILLA.

NO Reynado de Numa Pompilio ſegundo Rey de Roma, floreceo a Sybilla Cimea natural de Cimero, Villa de Campania em Italia. Refere Saõ Juſtino Martyr, que deixára eſcrito em verſo a vinda de Chriſto ao mundo, e os milagres, que havia de fazer. Profetizou Cimea: „ Que huma Virgem „ da geraçaõ dos Judeos ſe levantarà, por no- „ me Maria, e terá eſpoſo por nome Jozé; naſ- „ cerá della pelo Eſpirito Santo, ſem obra de „ Varaõ,

„ Varaõ, o Filho de Deos, por nome JESUS;
„ ella ſerá Virgem antes, e depois do parto, e
„ o que naſcer della verdadeiro Deos, e verda-
„ deiro Homem, como prediſſéraõ todos os
„ Profetas.

Na ordem dos tempos, em que florecéraõ as Sybillas, foy eſta a duodecima, ou a ultima, que vivendo em huma cova, junto de Cumis, Cidade de Italia, alli eſcreveo, e ditou muitos oraculos. Em muitas partes das Eneidas de Virgilio, principalmente na Egloga quarta, ſe achaõ muitos verſos deſta Sybilla, que ſe pinta com humas aſſucenas, e roſas em a maõ olhando para o Ceo, em ſinal da pureza da Virgem, de quem fallou em ſeus verſos eſpecialmente.

XX.

CATHARINA HERMAN.

NO cerco de Oſtende, memoravel pela ſua duraçaõ de tres annos, tres mezes, e tres dias, reprezaraõ os ſoldados Caſtelhanos hum numeroſo troço de marinheiros Olandezes, e alguns pilotos, que logo foraõ lançados ao grilhaõ, pelo cruel tratamento, que davaõ os ſitiados aos priſioneiros Eſpanhoes. Catharina Herman, natural de Olanda, mulher de animo varonil, e caſada com hum dos pilotos priſioneiros reſoluta a livrar o marido

da

da priſaõ, e morte, que lhe eſtava ameaçando a voz das crueldades, que os ſeos naturaes uſavaõ com os Caſtelhanos, cortando os cabellos, e mudando o trage paſſou ao campo do inimigo, a furto das centinellas.

Introduzida entre os Caſtelhanos, naõ ſe pode occultar por ſua grande formoſura. Os Cabos, e ſoldados da armada do Archiduque Alberto, como naõ tinhaõ viſto homem entre ſi de taõ bom parecer, a ſeguiraõ algumas vezes para lhe fallar, mas Catharina conhecendo o ſeo reparo, ſe deſviava das occaſioens de ſer viſta; porèm reconhecida pela voz, por homem de outra naçaõ, a prenderaõ por vehemente indicio de eſpia do Conde de Naſſâu. E ſendo conduzida ao quartel do Prevoſte da Armada, que a deſconheceo por ſoldado daquella milicia, a mandou meter em huma priſaõ rigoroſiſſima.

Ouvindo Catharina, que no dia ſeguinte ſe haviaõ de juſtiçar ſette dos priſioneiros Olandezes por vingança de igual numero de Eſpanhoes; e que dos mais, huns haviaõ de ſer poſtos em grilhaõ para ſerviço da Republica, outros mandados a Eſpanha; a generoſa mulher, ſupprimida de huma vehemente paixaõ, ſe inquietava com diverſos penſamentos, entre o deſeſperar, ou declarar a cauſa da ſua diſgraça, quando vio, que entrava hum Padre da Companhia a viſitar os preſos. Catharina ſe confeſſou com elle, fazendo-o confidente do ſegredo, que a levára àquella priſaõ, e admirando o Padre o valor

valor, e heroica reſoluçaõ deſta matrona lhe prometeo cuidado em ſoccorrer a ſua diſgraça, melhorar a ſua fortuna.

Com effeito alcançou de Carlos Longueval Conde de Buequoy, e depois Mariſcal do Imperio, que foſſe transferida à priſaõ do marido, que vendo-o condenado a grilhaõ, cahio deſmaiada, e por muito tempo a tiveraõ por morta. Applicados alguns remedios tornou Catharina do parociſmo, e conhecendo naõ poderia mais encobrir o ſeu intento, logo que pode falar declarou, que era mulher do Piloto fulano, e que tinha vendido o precioſo de ſeus bens para o hir livrar, e que eſtava aparelhada para lhe fazer companhia em a meſma fortuna.

Deraõ logo parte deſte novo caſo ao Conde de Buequoy, que mandando hir a ſua preſença mulher, e marido, cativado da generoſidade, e valor deſta heroina Olandeza, depois de dar-lhe muitos louvores lhes conferio livremente a liberdade. O marido de Catharina, que era contumaz ſectario da Religiaõ Proteſtante, grato ao amor extremoſo da mulher, grandeza do Conde, e charidade do Confeſſor, renunciou voluntariamente a hereſia, confeſſando, que a ſua diſgraça, fora hum golpe da Divina Providencia, que o fazia conhecer a verdadeira Religiaõ pelos affectos, e effeitos da piedade heroica de ſua mulher, a quem deveo com a liberdade a crença, com eſta illuſtre acçaõ, eſta abreviada memoria.

XXI.

CATHARINA DE FIESQUI

HE mais conhecida pelo ſobrenome de Genova ſua patria a illuſtre matrona Catharina de Fieſqui, ou Adorne, que pelos nobres appellidos de ſeu pay Jaques de Fieſqui Vice-Rey de Napoles, e de ſeu marido Juliaõ Adorne. Naſceo eſta Santa, ou Beatificada viuva na Cidade de Genova junto do anno de mil quatrocentos quarenta, e oito das mais ricas, e mais poderoſas familias do paîz. A mãy de Catharina chamada Franciſca de Negro, logo dos primeiros annos a educou no exercicio das virtudes, que ella adquirio em grande perfeiçaõ pelo eficaz meyo da mais auſtera penitencia.

Ainda Catharina naõ contava, mais que treze annos, quando intentou a recepçaõ do habito no Convento das Religioſas de Noſſa Senhora da Graça, ſendo lhe impediente obſtaculo à ſua vocaçaõ a piquena eſtatura de ſeu corpo, a delicadeza de ſeu temperamento. Chegado muito depois aquelle tempo, que fazem as mulheres habeis para o matrimonio, a caſaraõ ſeus pays com hum nobre cavalheiro de Genova chamado Juliaõ Adorne, que pela condiçaõ, e liberdade, lhe deo muito, que merecer em

dez

dez annos, que viveo depois de caſado, ſobrevivendo Catharina para ſe entregar inteiramente a Deos nas acçoens da mais heroica piedade.

Fechou Santa Catharina de Fieſqui o luminoſo circulo de ſuas virtudes aos quatorze dias do mez de Setembro de mil quinhentos, e dez; e jaz ſeu corpo ſepultado na Igreja do grande Hoſpital de Genova, de que teve por muitos annos a intendencia, ou adminiſtraçaõ. Eſcreveo dous tratados de devoçaõ, onde ſe achaõ os principios da mais ſublime, e ſagrada myſtica. O primeiro he intitulado, o Dialogo entre a alma, o corpo, o eſpirito, e o Senhor. O ſegundo he do Purgatorio de igual doutrina, e devoçaõ.

XXII.

D. CATHARINA Rainha.

A Infanta Dona Catharina de Aragaõ, ou de Eſpanha, e depois Rainha de Inglaterra, filha dos Reys Cathólicos Fernando, e Iſabel, caſou com Artur Principe de Gales, filho de Henrique Setimo Rey de Inglaterra, e herdeiro da Corca, aos catorze dias do mez de Novembro de mil quinhentos, e hum; matrimonio, de que naõ houve poſteridade pela morte deſte Principe, faltando

cinco mezes depois de contrahido, e celebrado com goſto univerſal de ambas as Cortes de Eſpanha, e Inglaterra.

Fruſtrada a Real ſucceſſaõ na Coroa de Inglaterra com a morte de Artur antes (como dizem) de ter o matrimonio conſummado, com diſpenſa do Papa Julio ſegundo, ſe deſpoſou Catharina com o ſegundo irmaõ de Artur, que ſuccedeo na Coroa com o nome de Henrique oitavo, no anno de mil quinhentos, e nove. Ainda que naõ foy por goſto de Henrique eſte caſamento, hum anno depois teve hum filho, que morreo de tres mezes, e huma filha por nome Maria, que chegou a ſer Rainha pela morte de Duarte ſexto, filho de Henrique, e Anna Bolena, por cujos amores foy repudiada Catharina Princeza douta, e diſcreta, ſobre virtuoſa.

Catharina ſendo deſterrada para Kimbalton caſa Real no Condado de Bedfort ſe recebeo Henrique oitavo com Anna Bolena, ſobindo ao trono com a infamia de deshoneſta huma vil mulher, que foy a deploravel cauſa de entrar naquelle Reyno o mal da hereſia. Aqui viveo Catharina de Aragaõ tres annos depois do divorcio, compondo hum doutiſſimo livro de meditaçoens ſobre os Pſalmos, e hum tratado das lagrimas do peccador, de igual erudiçaõ, e piedade. Faleceo em mil quatrocentos ſeſſenta, e tres, deixando à poſteridade eſtes eſcritos para ſeo elogio, e noſſo deſengano.

XXIII.

XXIII.

CATHARINA CIBO.

CAtharina Cibo Duqueza de Camarino em a Marca de Ancona, filha de Franciſco Cibo Conde de Arguilara, e de Magdalena de Medicis ſoy illuſtriſſima em as lingoas, e ſciencias, que aprendeo com facil corioſidade, eſtudioſa applicaçaõ. Alèm da lingoa materna fallava com igual perfeiçaõ a Latina, e entendia bem a Grega, e Hebraica. Nas letras humanas aproveitou Catharina Cibo os annos da primeira idade, com goſto dos meſtres, pelo engenho, e genio, que moſtrava para todo o genero de letras; e paſſando a mayores eſtudos aprendeo a Filoſofia, e Theologia, conſeguindo, e merecendo o nome deſtas ſciencias por ſingular brazaõ à ſua nobreza.

Eſtas perfeiçoens de ſabedoria, diſcriçaõ, e qualidade illuſtre ſobre o chegado parenteſco do Pontifice Reynante o Papa Leaõ decimo ſeu tio materno, a fizeraõ deſpoſar com Joaõ Maria Varano Duque de Camarino, matrimonio, que levou o acerto na eleiçaõ do Pontifice. Morreo o Duque Joaõ Maria Varano pouco depois, naõ deixando mais poſteridade, que huma filha, por nome Julia, herdeira de ſeus Eſtados. Em obras de piedade, e liçaõ dos livros paſſou Catharina a ſua viudez atè o anno de mil quinhen-

quinhentos cincoenta, e ſette, em que deixou a vida nas mãos da morte na Cidade de Florença aos dez dias do mez de Fevereiro, e jaz ſepultada no Convento dos Capuchinhos, obra de ſua piedade, como primeira fundadora, e bem feitora deſta Congregaçaõ Religioſa, e penitente.

XXIV.

CONSTANCIA Rainha.

ADmirou Sicilia, de que era ſoberana Conſtancia Rainha de Aragaõ filha de Manfre baſtardo do Emperador Federico ſegundo, e mulher de Pedro terceiro do nome na Coroa de Aragaõ, pela grande piedade, e magnanimidade, que lhe deveo o Principe de Salerno executor do homicidio voluntario de Conrandino de Suevia. Vivia a Rainha Conſtancia pelos annos de mil duzentos oitenta, e quatro no Reyno de Sicilia, com poderes de ſoberana, quando Carlos Principe de Salerno matou a Conrandino. Com a priſaõ de Carlos determinou Conſtancia com o Magiſtrado da Cidade, huma juſta vingança, merecida pena. Sentenciado o Principe a morte natural em publico cadafalſo, lhe mandou aviſo para ſe diſpor, e tratar da alma, porque no dia de ſeſta feira pela manhãa, havia de pagar com a ſua morte a de Conrandino.

Rece-

Recebeo o Principe com admiravel fortaleza de animo o pregaõ deſta ſentença reſpondendo: Que lhe ſeria tanto mais agradavel a execuçaõ, do que fora aos juizes a ſentença, por ſer aquelle o dia, em que Chriſto morrera por elle afrontoſa morte. Eſta prudente repoſta, e Catholica riſignaçaõ do Principe Carlos, chegou logo a preſença da Rainha, e fazendo naquelle Religioſo, e magnanimo coraçaõ mais força a piedade, que a vingança, ou a juſtiça, proferio eſtas palavras, que fizeraõ eſcrever, e perpetuar na poſteridade à ſua memoria eſte abreviado elogio: „ Pois que o Principe de Saler„ no (diſſe Conſtancia) aceita de boa vontade „ a morte, por ſer no dia, em que Chriſto mor„ reo, tambem eu lhe quero perdoar a morte „ pela meſma cauſa. E dando-lhe com a vida liberdade acreſcentou aos brados da ſua fama, mais hum grito neſta heroica acçaõ.

XXV.

CATHARINA DE PARTHENAY

A Filha mais velha de Joaõ de Parthenay l'Archeveque, e de Michaela de Saboya ſe chamou Catharina de Parthenay illuſtre matrona em letras, e valor. Foy Catharina de Parthenay duas vezes caſa-

caſada ; a primeira com o Baraõ de Ponte, no anno de mil quinhentos ſeſſenta, e oito, matrimonio de que naõ houve poſteridade. A ſegunda com Renato de Rohan ſegundo do nome no anno de mil quinhentos ſettenta, e cinco, ficando viuva no de mil quinhentos oitenta, e cinco, e tiveraõ entre outros filhos o famoſo Duque Henrique de Rohan, que no Reynado de Luiz treze, defendeo valeroſamente nas guerras Civis de França o partido da Religiaõ Pertendida Reformada. A poſteridade deſta matrona foy illuſtriſſima ; porque o primeiro filho era Duque de Rohan, e o ſegundo Duque de Sobiſa. As filhas foraõ tres, e ſó Catharina foy caſada com o Duque Palatino de duas Pontes taõ formoſa, e caſta, como diſcreta, o que ſe vê na repoſta, que deo a Henrique quarto, declarandolhe ſeo amor : „ Eu ſou muito pobre (reſ-
„ pondeo Catharina) para ſer voſſa mulher, e
„ para voſſa amiga ſou de muito boa caſa. Das outras filhas, huma ſe chamou Anaqueta, que morreo no anno de mil ſeiſcentos vinte, e quatro ; e outra ſe chamou Anna, que tambem naõ foy caſada, e ſobreviveo a ſeus irmãos, e irmãas, fez companhia a Catharina ſua mãy no cerco da Rochela.

Suſtentou Catharina de Parthenay com animo varonil as incommodidades deſte memoravel cerco a peſar dos annos decrepitos, em que ſe achava, chegando a tanto extremo a falta de muniçoens, e viveres, que por tres mezes ſe ſuſ-

tentáraõ

tentáraõ de carne de cavallo, e quatro onças de paõ por dia. Eſte miſeravel eſtado, a que ſe via reduzida, naõ contraſtou aquelle invicto coraçaõ, para eſcrever a ſeu filho o Duque de Rohan, exhortando-o à defenſa do ſeu partido, recomendando-lhe a honra da empreza, ſem attençaõ às penalidades, de que ella ſe achava cercada. Reduzidos os cercados à ultima deſeſperaçaõ ſe renderaõ a partidos; mas Catharina de Parthenay, e Anna ſua filha naõ querendo entrar na capitulaçaõ, foy levada ao Caſtello de Niort aos dous dias do mez de Novembro de mil ſeiſcentos vinte, e oito; e dizem alguns, que neſte tempo contava noventa, e hum annos, outros a fazem de ſettenta.

Monſieur Baillet diz, que ſe fallava da Senhora de Parthenay, e Dama de Sobiſa, como de hum grande Author, antes que ſe tiveſſe conhecimento no mundo da Senhora de Rohan. Eſcreveo huma Apologia a Henrique quarto, e ſe acha impreſſa em as novas ediçoens do Diario de Henrique terceiro. Traduzio os preceitos de Socrates, compoz muitas Elegias, muitas Tragedias, e Comedias Francezas, e entre outras a de Holofernes, que foy repreſentada na Rochela no anno de mil quinhentos ſettenta, e quatro. Faleceo no Parque em Poetu a vinte, e ſeis de Outubro de mil ſeiſcentos trinta, e hum, contando noventa, e quatro annos de idade.

XXVI.

CATHARINA DES ROCHES

HE louvada por huma das Muſas de França em todos os eſcritos dos homens doutos daquella idade, e que vivéraõ junto do anno de mil quinhentos, e oitenta, a illuſtre Donzella de Poitiers Catharina des Roches, filha de N. Fredenoit Senhor des Roches, e de Magdalena Neveu, a qual teve hum grande conhecimento, e liçaõ das linguas, e das ſciencias, em que doutrinou ſua filha Catharina, que no conceito de todos foy igualmente, que ſua mãy douta. Deſtes dous grandes engenhos ſahiraõ a publico diverſas obras de muita erudiçaõ, e ſabedoria em proſa, e verſo.

Eſcreveo Scevola de Santa Martha eſtimado Author daquelle ſeculo, que em Poitiers era a caſa deſtas illuſtres heroinas, huma Academia, onde ſe ajuntavaõ todos os dias excellentes homens em doutas conferencias, e eraõ admittidos todos os profeſſores das bellas letras, com modeſta, e politica urbanidade, que fazia o trato honeſto, o reſpeito veneravel.

Entre a mãy, e a filha era taõ perfeita a uniaõ, affectuoſa, e fiel a correſpondencia, que propoſtos grandes intereſſes em muitos caſamentos,

tos, já mais Catharina des Roches ſe reſolveo deixar a ſua mãy, repetindo muitas vezes, que nem a morte poderia conſeguir eſta ſeparaçaõ. Com anticipado vaticinio viveraõ inſeparaveis eſtas duas heroinas até o anno de mil quinhentos, e ſette, que deo na Cidade de Poitiers huma geral peſte, que levou em hum meſmo dia à ſepultura Magdalena Neveu, e Catharina des Roches, para que o meſmo affecto, que unia aquellas almas na vida, naõ ſeparaſſe os corpos na morte, e com hum ſó Epitafio ſe honraſſem cinzas taõ ſemelhantes, almas igualmente illuſtres.

XXVII.

S. COLLECTA.

PElas oraçoens, e lagrimas de Roberto, e Margarida nobiliſſimos Francezes da Provincia de Picardia lhes fecundou, e illuſtrou Deos o matrimonio com o naſcimento da Virgem Santa Collecta, que veyo ao mundo, no anno de Chriſto de mil trezentos, e oitenta, governando o Imperio do Occidente Vuenceſlao, e Urbano quarto a Cadeira de Saõ Pedro. Dos primeiros annos moſtrou Collecta huma circunſpecçaõ, e gravidade, que a todos admirava, deixando conhecer na idade de quatro annos, que Deos lhe anticipára o uſo da razaõ ao conhecimento, e deſprezo do mundo, e exercicio de todas as virtudes. Era de

taõ perfeito aſpecto, e ajuſtada ſymetria, e proporçaõ em as feiçoens do roſtro, que matiſavaõ à competencia a engraçada meſcla do branco, e encarnado das faces, que podia ſervir de original para ſe copiarem formoſuras.

Ouvio Collecta com deſagrado os louvores deſta perfeiçaõ da natureza, a humas Senhoras amigas, e parentas, que eſtavaõ de viſita em caſa de ſeus pays. Com eſte ſentimento entrou de noute a fazer oraçaõ no ſeu retiro; e pedindo a Deos com muitas lagrimas lhe afeaſſe a formoſura, milagroſamente o conſeguio, ficando daquella hora, e por toda a vida com o roſtro palido, mas taõ veneravel, que naõ ſe olhava ſem mover a pureza, ou perſuadir a caſtidade.

Contava já catorze annos em taõ eſcaſſa corpolencia, que os parentes attribuindo eſta falta aos rigores, e continuas penitencias, que fazia, reprehenderaõ em ſeus pays a larga permiſſaõ, que lhe davaõ para taõ frequentes exercicios de abſtinencia, dizendo: „ Que bem moſtravaõ „ as perdidas cores de ſeu roſtro lhe impediaõ o „ augmento da eſtatura, porque era aquelle acci„ dente hum fiel demonſtrativo dos encontrados „ effeitos, que alterava o nutrimento na ſubſtan„ cia do compoſto. Que naõ era reſoluçaõ pru„ dente deixar aquelles poucos annos em huma „ liberdade pueril, que poderia facilmente dege„ nerar em vicioſa; e que depois em idade mais „ robuſta, naõ dobrariaõ os caſtigos à domeſtiaca „ obediencia; fazendo com errado juizo, ſuſ-

peitoſa

peitoſa a meſma virtude, contraria a meſma liberdade. Picados no eſcrupulo os pays da Santa, lhe foraõ logo à mão em os rigores com tanta mortificaçaõ de Collecta; que perguntando a ſua mãy a cauſa daquella novidade; e ouvindo as condiçoens defeituoſas, que lhe faziaõ encontrado o exercicio das virtudes, ſe voltou para Deos, pedindo-lhe quizeſſe emmendar nella aquelle defeito: Sahio da oraçaõ com eſtatura proporcionada ao ſexo, ficando taõ agradecida a eſte beneficio, que por toda a vida ſe lembrou render a ſeu eſpoſo as graças, pela tirar de corpolencia taõ anniquilada, miſeria taõ eſcarnecida.

Foy grande, e devido o jubilo de ſeu coraçaõ, porque ſendo o corpo priſaõ da alma, era tormento intoleravel para hum grande eſpirito, verſe preciſado ao ludibrio de hum eſtreito carcere: Como a Virgem Collecta anhelava o ſer Santa, e pelo corpo ſer piqueno ſe lhe negava o exercicio das virtudes, ajuizou, que naõ podia ſem corpo mayor, ſer grande Santa. Eſte heroico penſamento lhe fez trocar a caſa, e a companhia de ſeus pays, pelo Convento das Religioſas de Santa Clara. Entrou Collecta a ſervir o Convento em o miniſterio de criada; e ainda que o exemplo de ſuas virtudes faziaõ algum fruto naquellas Religioſas, naõ era como deſejava pela relaxaçaõ dos abuſos, que o amor proprio introduzira com o fingido pretexto da delicadeza do ſexo. Collecta, que havia buſcado o retiro da clauſura para ſe dar mais livremente

aos exercicios de ſeu eſpirito, e naquelle miniſterio encontrava muitos eſtorvos à ſua devoçaõ, chamando a ſeus pays lhes communicou o deſejo, que tinha de transferirſe ao Collegio, ou Recolhimento de humas Donzellas, que viviaõ debaxo da Regra, e habito da Terceira Ordem do Serafico Patriarca, com fama de exemplares, rigor de penitentes.

No Collegio deſtas Virgens, regido pela direcçaõ, ou economia de hum Religioſo da meſma Ordem grave, douto, e de grande eſpirito; ſe deo Collecta com livre permiſſaõ a riguroſas penitencias, e largas vigilias. Só quatro annos ſe deteve Collecta neſta clauſura, porque Deos, que a chamava para bem de muitas almas, a huma vida ſagradamente Apoſtolica, permittio, que ſendo perſeguida dos naturaes, ſahiſſe da patria deſcontente, e fugitiva. E chegando a Gibenne patrimonio da Condeça Branca, a recebeo em ſeo Palacio, dando-lhe huma boa parte delle, para regular Hoſpicio daquella ſanta comitiva de ſeu Confeſſor, e muitas Virgens filhas de ſeo elevado eſpirito. Aqui lançou Collecta a primeira pedra ao edificio da reforma dos Conventos de Santa Clara, eſtabelecendo, e inſtruindo aquelle pequeno rebanho, que depois creſceo a mayor numero em a vida Religioſa, e clauſtral pelas leys, que anticipadamente meditára, e entaõ eſcrevêra.

O Pontifice Reynante informado do fervoroſo eſpirito de Collecta, com as circunſtancias,

cias, que lhe fizeraõ deixar a patria, lhe deo o Convento de Biſunto, offerecendo-ſe a favorecela em os progreſſos da ſua reforma, que chegou a augmentarſe em taõ grande numero de Conventos, que foraõ os mais delles obras de ſua induſtria, ou effeitos milagroſos da Divina Omnipotencia. Floreceo eſte reformado inſtituto em muitos Conventos, que a Santa vio fundados em França, Alemanha, Bohemia, Saboya, Borgonha, e Flandes, ſendo taõ dilatada, e geral a authoridade, que o Pontifice lhe conferio ſobre toda a Congregaçaõ, que podia mandar, e mudar as Religioſas de hum Convento para fundar outro.

Foraõ grandes os trabalhos, e perigrinaçoens, que teve a Santa com eſta reforma, obrando Deos por ſua interceſſaõ admiraveis prodigios, e continuados milagres. Illuſtrou Deos o entendimento deſta Virgem com muitas graças, e dons ſobrenaturaes; penetrava os interiores ſegredos do coraçaõ humano, os mais occultos myſterios de noſſa Fé, e os ſentidos mais profundos da Eſcritura ſagrada, e Theologia Myſtica, e Eſcolaſtica, em que muitos doutiſſimos Theologos a conſultavaõ, deixando-os confuſos, e admirados com a energia das repoſtas, doutrina, e erudiçaõ das ſoluçoens. Teve eſpirito Profetico, e dom de lingoas, que fallava, e entendia com deſtreza, e perfeiçaõ; graça finalmente, com que Deos a livrou de muitos perigos, nos paizes eſtrangeiros. Faleceo no Convento

to de Ganti aos ſeis dias do mez de Março, em que toda a Religiaõ Serafica celebra ſeu feliciſſimo tranſito aos ſeſſenta, e ſeis annos de ſua idade.

XXVIII.

S. CATHARINA Princeza.

CO rrem variamente confuſas em os Authores da Hiſtoria Eccleſiaſtica as acçoens da vida, e morte da Virgem Santa Catharina, filha de Coſto Rey de Alexandria, lugar, que illuſtrou com ſeu naſcimento, depois com o ſeu martyrio. Porèm nós, que achámos huma particular hiſtoria em a lingua Caſtelhana das acçoens deſta ſagrada heroina, entre os manuſcritos do Veneravel Padre Frey Miguel de Valença, noſſo Monge do Moſteiro de Penhalonga a tranſcrevemos, e compendiamos na vulgar ſeguros de fiel, e verdadeira pelo merecido credito, que devemos a homem tamanho, em letras, e virtudes.

Ficou a Virgem Santa Catharina de taõ poucos annos pela morte de ſua mãy, que deveo os cuidados da primeira educaçaõ ao Rey ſeu pay, como ſingular, e unica poſteridade daquelle Real tronco, valeroſo cetro. Anticipouſe em Catharina a diſcriçaõ aos annos, e moſtrando em poucos dias com palavras, e acçoens mui-

muitas evidencias de ſeu bom genio, e engenho lhe deo ſeo pay meſtras de lavor, e cuſtura. Deſprezando a nobreza do heroico coraçaõ de Catharina o vil, e baxo exercicio, que as mulheres fizeraõ natural ao ſexo, ordenou Coſto, que hum ſabio Varaõ de ſeu Reyno, lhe enſinaſſe as letras humanas, que foraõ a ſeu delicado, e profundo juizo elemento goſtoſo, manjar proporcionado. Lançou Catharina maõ dos livros, com goſtoſa, e livre applicaçaõ, e vencendo com as diligencias do meſtre a cultura de ſeu claro engenho, perſpicaz juizo, em annos taõ verdes, aprendeo as letras facilmente, mais pelo eſtudo, que pelo enſino.

Com a formoſura, e mais prendas naturaes, e adquiridas, de que os vaſſallos formavaõ ſem liſonja o pregaõ de ſeus louvores, creſcia nas veneraveis cans do pay o temor de perdella por alguma indiſpoſiçaõ da ſaude cauſada pelo continuado eſtudo da Princeza, que mais eſtimava, que todo o ſeu Imperio, zelava com os temores, e cuidados de hum precioſo Theſouro. Procurava Coſto divertilla do eſtudo, e applicada liçaõ, mais por induſtria, que por violencia, porque de ſua vida, como de hum ſó tronco eſtava pendente a rama illuſtre da Real proſapia dos Reys de Alexandria. Mas como ſe encontravaõ as Providencias do Ceo, e da terra, prevalecia a Santa Virgem em a deleitavel curioſidade, com que entretinha, e paſſava os primeiros annos, adquirindo noticias, e virtu-

des para outras mais illuſtres bodas, que ſeu pay diligenciava, com os olhos em dilatar o dominio, e conſervar os Eſtados, em que havia ſuccéder como Princeza, coroarſe depois como Rainha. Como era eſcolhida para reinar com Chriſto, e já ſe achava bem doutrinada em as letras humanas, lhe fallou Deos no mais profundo ſilencio de huma noute com eſtas vozes, e neſta ſubſtancia: „ Catharina nobre, e illuſtre Vir-„ gem, ſe queres alcançar a coroa de huma poſ-„ ſeſſaõ eterna, buſca a palavra de Deos na Eſ-„ critura ſagrada.

Deſpertou Catharina ao ſonoro accento deſtas vozes do Ceo, e penetrando-lhe o mais interior do coraçaõ, paſſou o reſto da noute em huma continuada vigilia, na eſperança, que lhe davaõ de achar nos livros dos Profetas aquelle eſcondido theſouro. Com mais vagaroſa carreira tardou o Sol em fazer rayar o dia no Oriſonte, que chegaſſe à preſença da Santa hum veneravel Hermitaõ dos deſertos do Egypto, que lhe foy mandado por Divina inſpiraçaõ a cathequizalla nos myſterios da Fé, e preceitos da Igreja. Inſtruida Santa Catharina em os dogmas da verdadeira Religiaõ, recebeo a agoa do Baptiſmo, renunciando com as delicias, e pompas do mundo a liçaõ dos livros, que naõ eraõ ſagrados.

Adquirio a Santa Virgem no eſtudo das divinas letras huma grande ſabedoria com particulares illuſtraçoens dos mais profundos myſ-

terios

terios da noſſa crença, que havia defender como Doutora em porfiado, e publico Certame, como depois com injuria dos Deoſes do Imperio Romano admirou o mundo em a diſputa dos quarenta Filoſofos, que venceo, fazendo-os confeſſar por verdadeira a Religiaõ Catholica, que chegàraõ a defender conſtantes, e por ella a morrer martyres. Referiremos em menos abreviada relaçaõ as circunſtancias, que fizeraõ mais illuſtre a fama deſta heroina, oppondo-ſe varonilmente aos edictos do Emperador Maxencio.

Havia chegado com proſpera viagem ao porto de Alexandria a armada Romana com grande eſpanto de todo o Chriſtianiſmo, pelo cruel eſtrago, que o Ceſar tinha feito em Roma no rebanho da Igreja, como primeiro Miniſtro do Demonio, que por elle fazia guerra, aos que ſe aliſtavaõ na milicia do Crucificado. Com anticipada relaçaõ participou Deos a Catharina pelo Archanjo Saõ Gabriel eſta jornada do Ceſar a Egypto, diſpondo aquelle coraçaõ de diamante para os triunfos, que havia de alcançar dos tormentos, e tyrannos, infernaes ſectarios do nome, e final dos Chriſtãos, accreſcentando com ſeu martyrio muitos filhos à Igreja, muitos inimigos ao Imperio, muitos Santos ao Empyrio.

Logo que o Ceſar deſembarcou em Alexandria fez ordenar hum plauſivel, e ſolemne ſacrificio. As vozes, armonia, e confuſaõ tumultuaria do povo, que ſeguiaõ a nobre, e

numeroſa comitiva do Emperador, fizeraõ ſaber a Santa Catharina, que paſſava Maxencio aos famoſos Templos de Serâpis, e Minerva a offerecer muitas victimas, e incenſo. Mas ouvindo, que levava preſos a muitos Chriſtãos, que arraſtravaõ peſadas cadeyas de ferro para offerecerem culto aos falſos Deoſes, ſe ateou naquelle varonil, e ſagrado peito hum tal incendio de amor, e caridade, que ſahio à praça honeſtamente acompanhada, e pondo os olhos nos afflictos, e temeroſos cordeiros do rebanho da Igreja, lhes fallou neſta ſubſtancia: „ Que te„ mor cobarde (ſoldados de Chriſto) vos deſ„ anima a deſmerecer a coroa, já taõ perto da „ victoria? Temeis o Ceſar, que vos pode ti„ rar a vida, e dar a morte, e naõ temeis a Chriſ„ to, que vos pode condenar a alma, immor„ taliſando as penas de hum Inferno para ſem„ pre? Deixay deixay eſſe temor vil, para os que „ deſconhecem, que ha hum ſó Deos verdadei„ ro, igual no premio, e no caſtigo. Naõ quei„ raes perder em hum inſtante, em que ſe aca„ ba a vida, huma eternidade de gloria, que „ para ſempre dura. Que importa, que os tor„ mentos deſpedacem o corpo, ſe immortaliſaõ „ a alma? Que importa, que o Ceſar, e ſeus „ Miniſtros vos aparelhem as cataſtas, o fogo, „ as unhas, e dentes de ferro para o martyrio, „ ſe no Ceo vos eſtá Deos, e ſeus Anjos cortan„ do as palmas, e tecendo as coroas para o triun„ fo? Crearaõ novos alentos em deſfalecidos eſ-

piritos

piritos com a falla de Catharina aquelles deſmayados guerreiros da milicia Chriſtãa, que zombando do tyranno, e ſeus ameaços, negaraõ com igual acordo adoraçaõ aos Deoſes, culto às Eſtatuas.

Fizeraõ logo ecco nos ouvidos de Maxencio as vozes de Catharina, que apreſſadamente mandou conduzir à ſua preſença com mais deſacordo, e colera pela peſſoa, e pelo ſexo. Com a formoſa viſta de Catharina ſe apagou no Ceſar aquelle incendio de ira, e raiva, que faria horror às meſmas furias: Fallou-lhe com alegre ſemblante, e branda voz; amoeſtou-a a que deixaſſe a falſa crença dos Chriſtãos com palavras de errado affecto, e enganoſo riſo, acabando a ſua falla com eſta reſoluta ſentença: „ Volta „ volta os olhos ſobre o teu naſcimento (formo- „ ſa, e illuſtre Princeza) e naõ queiras deixar „ com a tua morte profanadas as cinzas de taõ „ claros aſcendentes, que das ſepulturas em que „ jazem os frios cadaveres me eſtaõ pedindo vin- „ gança, aos Deoſes juſtiça.

Catharina com roſtro alegre, e animo conſtante lhe reſpondeo com tanta eloquencia, diſcriçaõ, e ſabedoria do Ceo, que o Ceſar pelo tempo, que durou a ſua pratica bem moſtrou a ouvira com goſto, e eſcutara com eſpanto. Fez ao Ceſar hum largo diſcurſo dos favores, que devemos a Deos pelos beneficios da Creaçaõ, e Redempçaõ dizendo com graça, e liberdade: „ Oh quanto deves a Deos (invicto Ce-

„ far) mais que os outros homens pela nobre-
„ za, e pelo dominio, a que te ſubio, e levan-
„ tou! Indigno he de hum homem de razaõ,
„ como tu es, oh Ceſar, que adores as eſtatuas
„ mortas de outros homens, que te precederaõ
„ em annos, vicios, e torpezas, a que chamas
„ Deoſes, e ſaõ Demonios, que viveraõ goſto-
„ ſos neſte mundo, e agora vivem atormenta-
„ dos no Inferno, negando culto ao verdadei-
„ ro Deos, que de huma ſó palavra creou a for-
„ moſa, e luzida arquitetura de tudo quanto
„ os olhos admiraõ no Ceo, e vêm na terra.
„ Oh ſe deixáras eſſe vêr cego, eſſe ouvir ſurdo,
„ eſſe goſtar enfermo, conhecendo a teu Crea-
„ dor, como ſeria ditoſo teu Imperio, verda-
„ deiro teu dominio, perduravel tua fama, eter-
„ na tua Coroa. Fallote Ceſar com a lingoa ſol-
„ ta, e coraçaõ livre, porque ſó temo a diſgra-
„ ça do Deos, que adoro, do eſpoſo, que ſir-
„ vo, como unico Senhor da vida, e da morte.

Sabendo o Rey Coſto a occaſiaõ, que le-vara a Princeza ſua filha ao tribunal do Empe-rador (como já pertencia ao rebanho da Igreja pelos conſelhos, e oraçoens de Catharina) afron-tado de que lhe precedeſſem os poucos annos na batalha, e na vitoria ſe armou de huma ora-çaõ fervoroſa, ſahio de ſeu Palacio com huma pequena parte da Real comitiva, ao lugar dos ſacrificios, entendendo, que a Santa filha eſtava já merecendo em porfiada batalha, merecida coroa.

Vio

Vio Coſto aquelles valeroſos martyres (que a Santa Princeza adoptara por filhos de ſeu eſpirito, animando-os ao triunfo dos tormentos) e com palavras de amor, lhes fallou taõ altamente de Chriſto, e ſua ley, que muitos dos Sacerdotes dos Idolos admirados, e convencidos de taõ vivas, e efficazes razoens, largando com deſpreſo os vaſos de ouro, e prata derramáraõ pela terra o ſangue das victimas ſacrificadas, confeſſando a grandes vozes por verdadeira, e ſagrada a ley, que prègava Coſto, e enſinava Catharina.

Maxencio, que eſtava ainda ouvindo a Santa Virgem, elevado, e ſuſpenſo com a ſuave, e meliflua diſcriçaõ de ſuas palavras, aviſado, de que o Rey Coſto tambem era Chriſtaõ, e prègador do Euangelho, ſe enfureceo, e o mandou trazer preſo à ſua preſença: E entregando a Santa Virgem ao corpo da ſua guarda a conduziraõ a hum eſtreito carcere. Aqui foy Catharina veſitada pela Rainha, e Rey dos Anjos, que a recebeo por eſpoſa, deixando-lhe hum anel no dedo por prenda, hum mongibello de amor no coraçaõ por joya.

Conduzido o veneravel, e Santo Rey Coſto à preſença do Emperador, o recebeo como reo, e tratou como a inimigo dos Deoſes, e do Imperio. Porèm o Santo para ſe livrar da falſa impoſtura, e crime de leſa Mageſtade de quem era tributario, ſem turbaçaõ na voz, ou no ſemblante proferio a ſua defeza neſta ſubſtancia:

cia: „ Sempre ſervi ao Imperio com a fedilida-
„ de, que experimentáraõ todos os teus vaſſal-
„ los na paz, e na guerra, e naõ viraõ os Em-
„ peradores em outro Rey tributario dando a
„ Ceſar, o que naõ ſabia, que era de Deos: Po-
„ rèm agora, que já o ſey, dou a Deos, o que
„ naõ he de Ceſar, porque o teu poder naõ ſe
„ eſtende ſobre as almas dos ſervos de Chriſto,
„ que elle creou, e remio; poderás atormenta-
„ lhe os corpos, e tirar-lhe as vidas, porque el-
„ le o permitte, mas naõ poderás apartallos da
„ ſua Fé, porque elle os defende.

Eſtas vozes do Rey Coſto aſoprãraõ em Maxencio o fogo da ira com tanta vehemencia, que levantando hum cruel incendio abrazou, e conſumio até os fundamentos do Palacio do Santo Rey com toda a ſua familia, acabando martyres os que já eraõ confeſſores. Tiveraõ o pay, e a filha, Coſto, e Catharina nos carceres em que eſtavaõ divididos revelaçaõ daquelle eſtrago, moſtrando-lhe Deos aquellas ditoſas almas ſobindo ao Ceo coroadas do martyrio. Ardeo inteiramente todo o Real Palacio, ſem eſcapar ao incendio couſa viva, ou precioſa. Foraõ achados entre as cinzas os corpos dos Santos martyres de joelhos, ſem leſaõ de fogo nos veſtidos, ou cabellos.

Divulgouſe pelo Reyno de Alexandria a priſaõ dos ſeus Soberanos, e convidavaõ-ſe humas, a outras gentes com aſſombro, e eſpanto de caſo taõ novo, para ſe acharem no dia ſinalado

lado ao eſpectaculo de ſeu martyrio, theatro de ſeu triunfo. Naõ tardou Maxencio em ſentenciar a cauſa do Rey Coſto, que foy condenado por mayor tormento, a padecer martyrio no meſmo lugar, em que ſe achavaõ as lamentaveis ruinas de ſeu Palacio, mais famoſo agora com as mortalhas da morte, que com as mantilhas do naſcimento.

Participada eſta noticia com grande horror dos Chriſtãos, e aſſombro dos gentios, concorreraõ gentes de todas as Provincias ao lugar do cadafalſo, que fazia mais laſtimoſo a preſença de Catharina, que o Ceſar mandára conduzir para tentar ſe poderia vencer com o martyrio do pay a conſtancia da filha. Com grande alvoço daquella barbara multidaõ chegou o Santo Martyr arraſtrando cadeas, e vencidos muitos crueis tormentos, perdeo ultimamente a vida, e padeceo a morte aos rigores de huma eſpada, que lhe ſeparou a cabeça dos hombros, ſahindo das arterias com a meſma elevaçaõ do eſpirito o ſangue de muitas fontes, quantos eraõ os acqueductos por onde ſe elevava até a regiaõ do ar, a que ſobia, ou a ſuprir a parte, que faltava ao corpo, ou a formar a coroa, de que já ſe ornava a alma. Pela inteireza do animo, com que Santa Catharina preſenciou a morte de ſeu pay, entendeo Maxencio perdia o tempo, em querer contraſtar aquelle varonil coraçaõ, mais firme entaõ contra a fereza do tyranno, mais conſtante depois contra a efficacia do martyrio.

Reſolveo o Ceſar, naõ muito depois, ou foſſe conſelho, ou propria induſtria, mandar conduzir das Provincias, e Cidades mais veſinhas os varoens, e Filoſofos mais doutos, que chegáraõ a numero de quarenta, para diſputarem com a Santa Virgem, porque vencida, e convencida deixaria facilmente com mayor honra do Imperio o Deos, que adorava, a ley, que defendia. Com promeſſa de grandes merces eſperavaõ os Filoſofos impacientes a hora da diſputa, que foy em huma ſalla do Palacio Imperial, de precioſas, e admiraveis tapeçarias ornada, de nobre, e luzido concurſo chea. Confortada por hum Anjo do Senhor, que lhe fez companhia todo o tempo, que durou a diſputa, ſahio do carcere a Virgem Santa Catharina, e caminhou ao Palacio do Ceſar precedida de innumeravel concurſo, mais alegre pela certeza de ganhar para Deos as almas daquelles ſabios, que pelo intereſſe do triunfo, ou pela gloria da coroa.

Appareceo Catharina com aſpecto entre grave, e alegre, que lhe fazia reſpeitar a preſença em taõ humilde fortuna; e do trono em que o Ceſar ſe moſtrava ao concurſo lhe falou dizendo: „ Naõ he condiçaõ noſſa (illuſtre „ Donzella, e diſcreta Princeza) perſeguir, ou „ caſtigar os que profeſſaõ a ley do Crucificado „ por malicia, ou crueldade propria, mas por „ juſtiça, e direito, que temos a conſervar na „ fé dos Deoſes protectores do Imperio a Co-

„ roa,

„ roa, e ó dominio. Nem devemos permittir
„ ſem cahirmos na indignaçaõ dos povos, re-
„ beldia dos vaſſallos, ou ira dos Deoſes, ley con-
„ traria aos intereſſes do Imperio. E porque ſai-
„ bas quanto reſpeito nos devem, os que erraõ
„ por fraqueza de juizo, ou falta de ſabedoria,
„ queremos, que defendas as razoens de Divin-
„ dade no Deos, que adoras, ou contra os
„ noſſos Deoſes, que tu negas.

Naõ menos a preſença, que as palavras de Catharina reſpondendo ao Ceſar com doçura, diſcriçaõ, e ſabedoria, ſuſpenderaõ os Filoſofos por muito tempo na ſua admiraçaõ; mas notando, o que era de mayor authoridade em annos, ou ſciencia, que o Ceſar, ſe arrebatava em ira, e colera contra a Santa, louvando primeiro a piedade, e clemencia do Emperador contra os reos do Chriſtianiſmo, ſe voltou a fallar com a diſcreta, e eloquente Virgem com palavras de jactancia, e deſprezo ao ſexo, e ſabedoria, dizendo: „ Naõ entraramos a fallarte em hu-
„ ma queſtaõ, que naõ pode chegar a compre-
„ hender o teo juizo, ſenaõ fora mandato do
„ Ceſar, poderoſo a obrigar-nos a mais violento
„ ſacrificio, humilde holocauſto. Como podes
„ negar, que ſejaõ muitos os Deoſes ſe as eſcri-
„ turas, a que chamaes Sagradas os Chriſtãos,
„ em muitos lugares o confirmaõ, e confeſſaõ?
„ Moyſés ſendo homem foy chamado, e venera-
„ do por Deos de Faraó: David hum dos voſſos
„ Profetas, diſſe que os homens ſe faziaõ Deoſes:

„ Paulo hum dos voſſos Apoſtolos, que havia „ muitos Deoſes, e Senhores. Eſtes adoráraõ os „ voſſos aſcendentes como fieis vaſſallos do Im- „ perio, e razaõ ſeria, que os imitaſſeis em a „ ley, como em a vaſſallagem, e nobreza.

„ Que ſeja afronta (reſpondeo Catharina) „ de voſſas grandes letras diſputar com huma „ ignorante mulher, tambem eu o confeſſo, pois „ naõ ignoro, antes reconheço quanto me ex- „ cedeis em annos, e eſtudos: Admirome porèm, „ que ſendo vós huns oraculos da ſabedoria hu- „ mana ignoreis, ou naõ reconheçais, que ha- „ de ſer a voſſa diſputa com a Divina ſabedoria, „ de quem eu ſou inſtrumento, que hade alcan- „ çar de vós em porfiada vitoria, glorioſo triun- „ fo. Explicou-lhe a Santa na verdadeira intel- ligencia os lugares da Eſcritura Sagrada, em que David chama Deoſes aos homens, e Saõ Paulo aos Principes, e acabou dizendo: „ Que Moy- „ ſés porque fora Principe do povo de Deos, e „ inſtrumento de muitos milagres o tivera Faraó „ por Deos, ou fora chamado Deos de Faraó, „ porèm que naõ havia mais, que huma pri- „ meira cauſa, hum primeiro principio, infini- „ to, immortal, e incorporeo, de quem todas „ as cauſas naturaes, e ſobrenaturaes naſcem, e „ dependem.

Naõ teve o primeiro Filoſofo mais que ar- guir ſobre as reſoluçoens, que lhe deo Catha- rina; mas outro reparando, em que tinha dito, que Deos era incorporeo, lhe argumentou neſta fórma:

fórma: „ Acabaſte de dizer (eloquente Prince-
„ za) que Deos naõ tinha corpo: Pois ſe naõ
„ tem corpo, como pode ter, e gozar as condi-
„ çoens, e acidentes da humanidade? Eſta pro-
„ poſiçaõ contradizem as voſſas meſmas Eſcri-
„ turas, porque ſe acha em os livros de Job,
„ que Deos he mais alto, que o Ceo, mais pro-
„ fundo, que o abiſmo, mais longo, que a ter-
„ ra, e mais largo, que o mar. O voſſo Pro-
„ feta Iſaias vio a Deos aſſentado em hum trono,
„ e dous Serafins cobrindo-lhe a face, e encobrin-
„ do-lhe os pés. E ſe David foy achado ſegundo
„ o coraçaõ de Deos, e o meſmo Deos quando
„ creou a Adam no Paraizo, diſſe: Façamos o
„ homem à noſſa imagem, e ſemelhança, co-
„ mo podereis negar, que tendo coraçaõ, lin-
„ goa, olhos, pés, imagem, e ſemelhança de
„ homem, naõ tenha corpo?

„ Uſáraõ os Profetas (reſpondeo Cathari-
„ na) deſſes termos naturaes, porque naõ pode
„ comprehender o entendimento do homem por
„ limitado o ſer infinito de Deos, e para ſe ex-
„ plicarem com modos intelligiveis à noſſa com-
„ prehençaõ, e natureza, faziaõ conhecer os at-
„ tributos Divinos pelas demonſtraçoens de al-
„ to, longo, largo, e profundo. Nas viſoens,
„ em que Deos ſe moſtrava aos Profetas debaxo
„ de muitas ſombras, e figuras lhes dava eſpe-
„ ranças da Redempçaõ do genero humano,
„ veſtindo-ſe da natureza do noſſo barro, e per-
„ mittia as intelligencias, com que explicavaõ

„ em as Eſcrituras a ſua vinda ao mundo, „ para lhes ſignificar o myſterio da Encarnaçaõ, „ em que foy feito homem, ſendo Verbo „ ſe fez carne, ſendo eſpirito, tomou corpo. „ Queixavaſe o mundo, que Deos era invi- „ ſivel, e vendo eſte Senhor, que os homens „ adoravaõ aquelles Deoſes, que tem olhos, e „ naõ vêm, ouvidos, e naõ ouvem, mãos, e „ naõ apalpaõ, e pés, que naõ andaõ, quaes ſaõ „ os que vós adoraes, e defendeis, tomando „ corpo ſe fez homem querendoſe fazer no cor- „ po ſemelhante ao homem, como era na alma „ o homem ſemelhante a Deos, para que os ho- „ mens transformaſſem o amor das creaturas em „ ſeu Creador, e Redemptor. Abri, abri pois „ os olhos, que já naõ he razaõ adorar aos Deo- „ ſes, que foraõ homens, depois que ſe fez ho- „ mem, o que he Deos, e Homem verdadei- „ ro.

Com eſtas, ou ſemelhantes razoens finalizou a Santa Virgem a ſua repoſta com ſabedoria, e efficacia, acreſcentando o aſſombro dos Filoſofos já timidos, e envergonhados de confuſos, e ignorantes na intelligencia da Eſcritura Sagrada. Mas levantado o terceiro Filoſofo a propor a ſua duvida, lhe diſſe com mais curioſidade, que arrogancia: „ No livro intitulado „ Exodo ſe acha eſcrito: Ouve Iſrael, que o „ teo Senhor he hum ſó. Pois ſe Deos he uno, „ como affirmas, que he Trino, e ſe he Trino, „ como he uno? Naõ ha verdade (reſpondeo „ Catha-

„ Catharina) mais dificultoſa de entender, nem
„ mais facil de alcançar com a fé, que eſte gran-
„ de myſterio. No Sol temos huma bem natural
„ ſemelhança, porque no Sol ha luz, ha rayo,
„ e ha calor. O rayo naſce da luz, e o calor pro-
„ cede da luz, e mais do rayo. A luz géra, e
„ naõ he gerada, como Deos Padre. O rayo he
„ gerado da luz, como Deos Filho, e da luz,
„ e mais do rayo procede o calor, como Deos
„ Eſpirito Santo, naõ encontrando a eſſencia
„ de uno, a prerrogativa de Trino. Eſta foy a
„ ignorada razaõ, com que os antigos, ſó com
„ o lume natural adoravaõ o Sol no Oriente,
„ no Meyodia, e no Occaſo, adorando com
„ tres genuflexoens a Santidade do numero ter-
„ nario. E abrindo o ſegredo de muitas Eſcritu-
ras, em que ſe repreſenta o myſterio da Trin-
dade acabou de illuſtrar o entendimento dos Fi-
loſofos, fazendo-os confeſſar a huma voz, que
ſó era digno de adorarſe como verdadeiro o Deos
de Catharina, cederaõ igualmente a palma da
vitoria a Catharina.

O Archanjo Saõ Gabriel, que do carcere
acompanhàra ſempre a Santa Virgem, fazendo-
ſe viſivel aos quarenta Filoſofos, ſe remontou
ao Ceo com a nova do triunfo. Logo Cathari-
na vio decer do Ceo igual numero de palmas,
e coroas ſobre as cabeças dos Filoſofos, que
naõ tardàraõ em merecer padecendo o martyrio
valeroſos, e conſtantes. O tyranno Maxencio
embravecido contra a Santa Virgem, mais pe-
lo

lo martyrio, que pela vitoria dos Filoſofos, e fazendo-a moleſtar, e ferir com muitos, e crueis açoutes, a mandou voltar ao carcere, tratando como eſcrava, a que naſcera Princeza, e ſe tinha negado, a negarlhe a maõ de eſpoſa para coroarſe com a fortuna de mais alta esfera, que Rainha.

Sobrevieraõ ao Ceſar intereſſes do Imperio, que o fizeraõ vagar por outras Provincias, e deixando a Profirio (ſeu General, e vaſſallo) o governo de Alexandria, lhe ordenou, que por doze dias ſucceſſivos negaſſe, ou prohibiſſe a Santa Catharina o ſuſtento, para que a fome, e ſede lhe foſſe penoſo tormento, dilatado martyrio. Seguio-ſe a execuçaõ ao mandato do Ceſar, porèm Deos, que guardava Santa Catharina ainda para inſtrumento de mayores triunfos, fallando ao coraçaõ da Emperatriz, e poucos dias depois ao de Profirio, ſe concordaraõ ambos contra o edito do Emperador em viſitar, e regalar a Santa em o carcere como procedimento à razaõ injuſto, à natureza odioſo.

Em o ſilencio de huma noute entráraõ a viſitar Catharina, Profirio, e mais a Emperatriz, e reduzidos ambos facilmente a deixarem com verdadeiro deſengano a errada crença, que atè alli profeſſavaõ, e cegamente defendiaõ, voltando melhorados em a Fé, accreſcentáraõ com ſeu exemplo muitos filhos ao rebanho da Igreja, muitos exemplares à coroa do martyrio.

Logo que o Ceſar voltou para Alexandria, pare-

parecendo-lhe, que os jejuns, e as vigilias teriaõ reduzido a cadaver o corpo de Catharina, ſe lembrou da Santa para logo mandar, que morta, ou viva appareceſſe na ſua preſença. Conduzida com a preſſa, com que ſe faz nos Palacios bemquiſta a adulaçaõ, ſe admirou o Ceſar de ver a Santa Virgem com a meſma formoſura, e fortaleza da primeira hora em que dera principio ao glorioſo proceſſo de ſeu porfiado martyrio. E entendendo, que as guardas adulteráraõ as ordens do ſeu mandato, fazendo-os apparecer em ſeu juizo, e conhecendo, que eraõ Chriſtãos os ſentenciou logo à morte, que padeceraõ por Chriſto conformes, e conſtantes.

Acabou de perſuadir-ſe o Ceſar, que gaſtava ſó o tempo, e naõ o animo invenſivel de Catharina, mais vigoroſo, que o ferro, mais incontraſtavel, que o bronze, e arbitrou em ſeu diſcurſo hum novo inſtrumento de quatro rodas de navalhas, para lhe fazer o martyrio mais horroroſo, o vencimento mais inſtantaneo. Fabricaraõ-ſe as rodas de navalhas (que ſe moviaõ com impulſo encontrado, correndo as de cima para baxo, e as de baxo para cima) na parte mais eminente de Alexandria, para que naõ houveſſem olhos, que deixaſſem de teſtemunhar, a prompta execuçaõ daquella cruel ſentença, ou tiveſſem por objecto a violencia daquelle tyranno ſacrificio, cruento holocauſto.

Finalizouſe a obra: E logo o Ceſar baxou decreto, que foſſe o martyrio com igual brevidade.

Roto o ſegredo deſta execuçaõ acudio logo innumeravel gente a ver o eſpectaculo daquelle voluntario ſacrificio de Catharina, a que ſe acharaõ preſentes os Emperadores com toda a Real cometiva por goſto, ou por eſtado. Mas logo, que a Santa ajoelhou em terra, e levantou os olhos ao Ceo para offerecerſe ao Divino Eſpoſo como hoſtia viva no altar da impiedade, eſcurecida repentinamente a regiaõ do ar com denſas nuvens, começáraõ a fuzilar os relampagos, a correr os trovoens, a cahir os rayos, a deſanimarem-ſe os coraçoens dos idolatras com tanto deſacordo, e confuſaõ accreſcentado pelo repentino movimento de hum grande terremoto, que ameaçava ruinas em toda a Cidade; e pertendendo cada hum eſcapar ao perigo, embaraçavaõ huns a outros a fogida, entorpecidos com o temor, nenhum acertava a retirada.

Logo por miniſterio dos Anjos ſe desfez em miudos pedaços o novo inſtrumento das rodas de navalhas; e como era taõ numeroſo o concurſo, naõ ſe perdeo hum ſó ferro em dano daquelle povo, que acabou alli com differentes mortes, cortando os fios a quatro mil vidas, de que ficaraõ em os cadaveres o publico inſtrumento de quatro mil corpos deſpedaçados: Permittio porèm a divina Juſtiça, que durando o temor por muitos dias embaraçaſſe o depoſito de taõ lamentavel eſtrago contra o beneficio, e honra da ſepultura, para conſervar (em mais veneraçaõ de ſua querida eſpoſa) em Alexan-

Alexandria aquella memoria, no mundo eſta tradiçaõ.

Conduzida outra vez a Santa Virgem à preſença do Emperador, que a recebeo turbado, e iracundo, logo as vozes com que injuriava os milagres de Deos em defeza de ſua eſpoſa chegáraõ ao quarto da Emperatriz, que acodindo em favor da cauſa, ſe metteo na occaſiaõ de fazer publica a ſua fé, levando-a Deos inſenſivelmente ao trono do martyrio para ſe coroar em dous emisferios Emperatriz. Tal foy a paixaõ, que o Emperador concebeo com a intelligencia, de que era Chriſtãa, que pareceo a todos ſe apartára delle o animal do irracional, informado ſó da memoria pelos deſconcertos, com que a lingoa ſe explicava, ao meſmo variavel compaſſo, com que os membros eſtavaõ errando os exercicios, de que a natureza ſe ſervia nas ſuas operaçoens, e pronunciando a ſentença da ſua morte, que ſe fez mais cruel mandando-lhe cortar fóra da Cidade os peitos, e a cabeça, que fez lançar no mar, dizendo: „ Que „ a peſcaſſe o peſcador Pedro.

Profirio, que ſe havia retirado para ſe dar mais livremente aos intereſſes de ſeo eſpirito, ouvindo com juſto ſentimento a deploravel noticia do martyrio da Emperatriz correo à Cidade, e deo ſepultura ao ſanto cadaver, que os algozes deixaraõ expoſto no lugar de ſeu feliciſſimo tranſito, para ſuſtento das feras, ou para paſto das aves. Logo no outro dia, em que ſe

achara menos o ſagrado corpo, ſe fizeraõ publicas deligencias, e peſquiſas por ſe conhecer, ou averiguar o author daquelle funeral beneficio, catholico depoſito. O temor da tyrannia do Ceſar tinha reduzido toda a Cidade a huma parcial confuſaõ; porèm o valeroſo, e nobre ſoldado da milicia de Chriſto vendo, que podiaõ perigar muitas innocencias, entrando a ver o Emperador ſe fez reo do delicto, que pagou em publico cadafalſo, com a numeroſa comitiva de duzentos Cavalleiros, que eraõ guarda de ſeu corpo, e agora como filhos de ſeo eſpirito, illuſtres companheiros em a coroa do martyrio.

Martyrizada a Santa Emperatriz, intentou Maxencio perverter, ou macular a formoſa virgindade, e robuſta fé de Catharina offerecendo-lhe ſegunda vez a coroa do Imperio Romano. Porèm a Santa Virgem lhe fallou taõ altamente do deſprezo do mundo, que o Ceſar irado, e corrido lhe fez dar a morte, com apreſſada fadiga aos fios de huma cruel eſpada, que ſeparando-lhe a cabeça dos hombros lhe deixou o corpo immovel, lançando por tantas boccas, quantas eraõ as arterias muitas fontes de leite, e ſangue, eſpectaculo aos olhos da tyrannia grato, aos coraçoens da Chriſtandade horrendo, e temeroſo.

Logo, que a Santa Virgem rendeo o eſpirito nas mãos de ſeo Eſpoſo ſe turbou o Ceo a cortarlhe as mortalhas, e celebrarlhe as exequias

quias com eſpantoſos trovoens, que fizeraõ tal impreſſaõ de temor em os Miniſtros do Ceſar, que deixando livre o ſanto cadaver, foy tranſlocado por miniſterio de Anjos ao monte Sinay, onde ſe venera em milagroſa ſepultura inteiro, e incorrupto. Pela Chronologia de Paulo Filippe Bergomenſe floreceo em letras, e virtudes a Virgem Martyr, e Doutora Santa Catharina pelos annos do mundo de cinco mil quinhentos, e quatro, trezentos, e cinco da noſſa Redempçaõ.

XXIX.

CHRISTINA ALEXANDRA Rainha de Suecia.

DE Guſtavo Adolfo o Grande, Rey de Suecia morto na batalha de Lutzen, e de Maria Leonor de Brandeburg naſceo Chriſtina Alexandra, a oito de Dezembro de mil ſeiſcentos vinte, e ſeis. Ficando na tutela de cinco grandes Miniſtros daquella coroa em mil ſeiſcentos trinta, e tres, foy reconhecida, e acclamada Rainha de Suecia, pela nobreza, e Eſtados de ſeo Reyno como ſuceſſaõ legitima, filha unica.

Logo, que ſe vio no trono, e com forças de tomar as redeas do governo, creou novos

Miniſtros, deixando queixoſos os antigos, e de ſeo pay, a quem a experiencia fizera praticos, os ſerviços benemeritos. Creſceo o deſcontentamento da nobreza, e povo, com outras occaſioens de ſeo abſoluto, e livre dominio, naõ lhe podendo reprimir o ſentimento o bom governo, comprehençaõ, e capacidade. Chriſtina, que naõ ſe lhe occultavaõ os deſagrados, e as mormuraçoens com animo ainda mais generoſo, que ſeo naſcimento, ſe reſolveo ceder o lugar, e a Coroa em favor de ſeo primo Carlos Guſtavo, Conde Palatino de duas Pontes, Principe ſapientiſſimo, e bem quiſto, que tomou a inveſtidura daquelle Reyno aos dezaſeis de Junho de mil ſeiſcentos cincoenta, e quatro.

Deixou logo a Suecia, e paſſou a Bruxellas em Flandes, e abjurando a ceita Luterana, ſe conciliou com a Igreja Catholica. Fez huma viagem a Roma em mil ſeiſcentos cincoenta, e ſeis, paſſou a ver França, e voltando em mil ſeiſcentos cincoenta, e oito outra vez a Roma eſtabeleceo naquella Cidade habitaçaõ atè a morte, que foy a dezanove de Abril de mil ſeiſcentos oitenta, e nove, e jaz ſepultada na Igreja de Saõ Pedro.

Naõ era Chriſtina formoſa, nem fea, tinha as feiçoens groſſas, o geſto varonil, o talhe de pouca ſymetria, e o corpo, e animo de tal modo trocado, que dizia muitas vezes, que a natureza ſe enganara quando a fizera mulher. Fallava quaſi todas as lingoas da Europa, e coſtu-

e coſtumava dizer, que era o perigo de quem naõ ſabia mais, que a propria, porque ficaria mudo ſe vieſſe a perderſe o uſo della. Amava muito os homens doutos, e de prendas, e no ſeo Reynado lhes fazia liberaes merces. Deſejando communicar o celebre Filoſofo Renato Deſcartes o obrigou a fazer huma viagem a Stocolme, e todos os dias pelas cinco horas da manhãa entrava na ſua livraria advertila, porèm a morte pouco depois lhe roubou com a vida o premio de ſeus eſtudos, falecendo em mil ſeiſcentos, e cincoenta.

Era generoſa, de animo deſcuberto, de entendimento vivo, e agudo como bem moſtrou na repoſta, que deo a hum dos Cardeaes, que lhe faziaõ companhia quando foy ver as Eſtatuas de mayor nome, e fama. Havia huma de marmore, que repreſentava a verdade, e levando-lhe todas as attençoens, lhe diſſe hum dos Cardeaes: „ Graças a Deos, que tem V. „ Mageſtade amor à verdade, quando os de- „ mais Principes naõ a podem ſofrer. Reſpon- „ deo a Rainha: Naõ duvido, porque nem to- „ das as verdades ſaõ de marmore. Quando eſteve em França no Reynado de Luiz o Grande, vendo o Palacio do Louvre diſſe:

Rex, Regnum, Domus hæc tria ſunt miracula mundi.
Rex merito, Regnum viribus, arte Domus.

Em huma noticia previa, que anda unida às cinco pedras de David, nos tomos do Padre

dre Antonio Vieira, e tinha prègado na preſença deſta grande Raynha, traz por unico louvor daquellas precioſiſſimas pedras eſtas breves clauſulas, que acabaõ de nos dar a conhecer o talento deſta heroina por eſtas palavras ſuas. „ Eu „ ſó te digo por unico louvor delles, que me„ receraõ a attençaõ do mais heroico, e ſubli„ me juizo da noſſa idade do theſouro univer„ ſal de todas as ſciencias divinas, e humanas, „ daquelle eſpirito ſoberano, mais que Real, em „ que a menor de ſuas façanhas he haver poſto aos „ pés de Chriſto, e ſeo Vigario a Coroa de hu„ ma taõ dilatada, e poderoſa Monarquia, com „ a mayor gloria da Igreja, e triunfo da verda„ de Catholica, que viraõ os ſeculos paſſados, „ e celebraráõ os futuros.

XXX.

D. CATHARINA Duqueza de Bragança.

DEvem-nos ſaudoſa memoria, e gratiſſima lembrança as illuſtres prendas da Senhora Dona Catharina Duqueza de Bragança, e herdeira deſtes Reynos, como neta de ElRey Dom Manoel, e filha do Infante Dom Duarte Duque de Guimaraens, e da Infanta Dona Iſabel filha de Dom Jayme quarto Duque de Bragança. Foy ſeo naſcimento aos dezoito

dezoito de Janeiro de mil quinhentos, e quarenta, e logo dos primeiros annos ſe lhe conheceo o grande engenho, que teve para as letras.

Com facil eſtudo alcançou em muitas lingoas inteligencia naõ vulgar, conſeguindo perfeiçaõ na Grega, e Latina. A formoſura, e o juizo, a diſcriçaõ, e a ſabedoria, que adquirio na Aſtronomia, e Mathematicas competiaõ em a fazer famoſa, celebrar heroina.

Dom Joaõ o primeiro deſte nome, e ſexto Duque de Bragança, a pedio por mulher, e os deſpoſorios ſe celebraraõ em oito de Dezembro de mil quinhentos ſeſſenta, e tres. Houve deſte matrimonio huma felice, e dilatada poſteridade de onze filhos, naſcendo primogenito Dom Theodoſio ſegundo do nome, e ſettimo Duque de Bragança. A Senhora Dona Maria naſceo em Villa Viçoſa a vinte, e ſette de Janeiro de mil quinhentos ſeſſenta, e cinco, e morreo a tres de Abril de mil quinhentos noventa, e dous. A Senhora Dona Serafina mulher do Duque de Eſcalona morreo em Roma a ſeis de Janeiro de mil ſeiſcentos, e quatro. O Senhor Dom Duarte. O Senhor Dom Alexandre Arcebiſpo de Evora, e Inquiſidor Geral, morreo a onze de Setembro de mil ſeiſcentos, e oito. A Senhora Dona Cherubina naſceo a onze de Março de mil quinhentos ſettenta, e dous, e morreo a nove de Outubro de mil quinhentos ſettenta, e ſeis. A Senhora Dona Maria naſceo com ſua irmãa a Senhora Dona Angelica, e morreo no

meſmo dia depois de Baptiſada. A Senhora Dona Iſabel naſceo a treze de Novembro de mil quinhentos ſettenta, e oito, e morreo a dezaſette de Janeiro de mil quinhentos oitenta, e dois. O Senhor Dom Felippe naſceo a dezaſette de Novembro de mil quinhentos oitenta, e hum, e morreo a vinte, e ſette de Setembro de mil ſeiſcentos, e oito.

Com as virtudes enſinou a Infanta Dona Catharina a ſeos filhos as letras, e as artes, de que teve ſabedoria para exercitar o magiſterio. O animo foy varonil como ſe admirou na pertençaõ deſta Coroa competindo no direito com ElRey Dom Felippe ſegundo de Caſtella, que entrou neſte Reyno com maõ poderoſa, e armada ſem que a ſoçobraſſem conveniencias, ou ameaços.

Tinha grande ſciencia das politicas como ſe verá nas que vou referindo, que uſara com ElRey D. Felippe quando paſſou por Villa Viçoſa a comprimentala. Eſperou ElRey na porta da primeira ſalla da parte de dentro, e querendo beijarlhe a maõ a retirou; porém inſtando a Senhora Infanta a braços partidos ſe faudaraõ fazendo-lhe a Mageſtade cortezia com grande inclinaçaõ. Intentou ElRey levala do braço, mas recuſando com humiliaçaõ entráraõ ſós na caſa do eſtrado, em que lhe recebeo a viſita, mas querendo D. Felippe ſubir a cadeira ao eſtrado, e achando-a pregada diſſimulando ſe aſſentou ſem poder negarſe ao lugar, que deſconhecia, politica, que naõ eſperava.

Outro

Outro exemplar referirey, porque foy occaſiaõ de huma naõ vulgar agudeza de Dom Pedro de Medicis irmaõ do Duque de Florença, que queria lhe fallaſſem por Alteza, e advertido de que a Infanta lhe naõ havia de dar eſte tratamento preſiſtio em viſitala. Hum dia entrando a falarlhe o recebeo a Infanta dizendo: „ JE„ SUS a Caſa de Medicis na Caſa de Bragança! „ JESUS adonde porey eſte goſto! JESUS nun„ ca tal eſperey! Perguntavaõ depois a Dom Pedro, que tratamento lhe dera a Duqueza ſe lhe dera excellencia? E reſpondia, Mais. Tornavaõ a dizerlhe, Alteza? Mais. Mageſtade? Ainda mais, porque me tratou de JESUS.

Com a morte do Duque Dom Joaõ entrou Felippe ſegundo nos penſamentos de ſegurar a conſciencia gravada com o peſo da Coroa de Portugal caſando com a Infanta, que era a legitima ſucceſſora deſtes Eſtados. E julgando, que naõ duvidaria renunciar o direito de Portugal, pelo dominio da Monarquia de Eſpanha, mandou tentar o animo da Infanta, mas ſahiraõ fruſtradas todas as diligencias.

O ultimo esforço deſta pertençaõ fiou El-Rey de Dona Ignez de Noronha, avó dos Condes de Unhaõ, matrona, que foy dotada de muitas virtudes, e prendas. Ouvio a Infanta as razoens de conveniencia douradas como pilola pela diſcriçaõ de Dona Ignez, e deſprezando com eſpirito Real, e Portuguez as de temor, reſpondeo neſtas palavras: „ Eu naõ heyde trocar

„ as memorias do Duque Dom Joaõ, pela vai-
„ dade da Coroa de Eſpanha, nem offender o
„ direito de meo filho o Duque Dom Theodo-
„ ſio, por nenhum reſpeito humano. Se eſte he
„ o fim com que ElRey me pertende por mu-
„ lher, erra o ſeo intento, porque meo filho
„ naõ perde o direito, que tem à Coroa de Por-
„ tugal pela minha renuncia, nem ElRey ſe
„ livra de eſcrupulo comprando, o que lhe naõ
„ poſſo vender. E quando eſtas razoens naõ baſ-
„ tem para o deſſuadir, recolhendome a hum
„ Convento atalharey a ſua determinaçaõ. Reſ-
pondaõ agora os Romanos ſe das ſuas matronas
mais celebradas referem as antiguidades ſeme-
lhante acçaõ? Deſprezou a Senhora Dona Catha-
rina a Coroa de Caſtella, quando a de Portu-
gal, que lhe pertencia, eſtava ſogeita menos ao
imperio das armas Caſtelhanas, que à inveja, e
emulaçaõ de ſeos Grandes, que chamando a El-
Rey Felippe ſe fizeraõ parciaes da tyrannia, inſ-
tromentos da ambiçaõ.

Suſpendeo a diſcreta repoſta eſta negocia-
çaõ por muitos dias, mas voltando Fellippe ſe-
gundo para Caſtella ſe deteve tres dias em Vil-
la Viçoſa tentando todos os caminhos para al-
cançar da Infanta a renuncia do direito deſta
Coroa. Naõ cedeo da primeira conſtancia aquel-
le heroino coraçaõ, reſpondendo ultimamente
ao Rey: „ Que ſe ella tinha juſtiça naõ podia
„ em boa conſciencia desherdar ſeo filho; ſenaõ
„ tinha juſtiça, que ſua Mageſtade acharia nel-

„ le

;; le hum bom ſoldado. Foy a Senhora Dona Catharina huma Princeza de grande authoridade, e muitas virtudes, que fizeraõ termo com a ſua morte aos quinze de Novembro de mil ſeiſcentos, e quatorze, e jaz ſepultada em habito de Saõ Franciſco no Convento das Freiras das Chagas de Villa Viçoſa no coro de baxo, que he jazigo daquella Real Caſa. Eſcreveo excellentes papeis ſobre as dependencias deſte Reyno, e ajuntou de todas as partes da Europa grande numero de reliquias.

A Senhora Dona Maria Duqueza de Parma ſua irmãa foy igualmente pia, que douta nas lingoas, e Mathematicas.

XXXI.

D CECILIA SOBRINO.

HOnrou com ſeo naſcimento a Cidade de Valladolid no anno de mil quinhentos, e ſettenta, a famoſa heroina Dona Cecilia Sobrino filha do Bacharel Antonio Sobrino, e de Maria de Morilhas, governando a Cadeira de Saõ Pedro Innocencio undecimo, o Reyno de Caſtella Felippe quarto. Foy Dona Cecilia o ultimo fruto deſte fauſto matrimonio, que ſe fertilizou, e reproduzio em ſette virtuoſas ramas. Hum de ſeos irmãos foy Biſpo, outro Provincial dos Franciſcanos Recoletos, dous Religioſos Carmelitas

Deſcalſos ; outro que morreo ſecular com opiniaõ de Santo, e huma ſó irmãa, que tambem foy Carmelita Deſcalſa, e ſe acha eſcrito ſeo nome com as ſuas acçõẽs illuſtres na hiſtoria geral deſta Ordem com elegantes elogios, merecidos cultos.

Logo dos primeiros annos moſtrou Cecilia inclinaçaõ às virtudes, tendo por exemplar a ſeos pays, por eſtimulo a ſeos irmãos. O Ceo a dotou com maõ liberal dos dotes de formoſura, e graça, claro entendimento, dilatada comprehençaõ, agudeza, e juizo com tanto ſal, que ſe fazia ouvir com goſto, admirar com eſpanto.

Contava Dona Cecilia onze, ou doze annos quando lhe faltou ſua mãy de quem aprendera os primeiros principios da Grammatica com outras artes proprias à idade, commuas ao ſexo. Começou a cuidar em parecer diſcreta ſervindo-lhe de eſtimulo o genio, e engenho com huma natural agudeza de que era dotada; e para radicar eſte conceito do amor proprio ſe deo às letras com frequencia, e mayor eſtudo aprendendo facilmente as regras da Latinidade, os preceitos da Rhetorica, as opinioens da Filoſofia. Com eſtes bons principios das letras humanas entrou no deſejo de comprehender as divinas, e teve tanta liçaõ da Eſcritura ſagrada, que mereceo ſer comparada com aquellas matronas, que tiveraõ a Saõ Jeronymo por meſtre nas letras, por Patriarca nas virtudes.

Já bem

Já bem disciplinada nas bellas letras, que lhe foraõ intelligencia, para o conhecimento das virtudes, intentou deixar o mundo sacrificando-se a Deos em huma Religiaõ. Levou os olhos a seu espirito a reforma de Santa Thareza, onde já tinha huma sua irmãa, que lhe precedera naõ só nos annos, mas no desengano, e recebendo o habito no Convento das Carmelitas Descalças de Valladolid professou em mil quinhentos oitenta, e nove com o sobrenome de Cecilia do Espirito Santo, faustissimo annuncio da vida espiritual, que logo começou a fazer, entregando-se taõ de veras ao exercicio das virtudes, que se distinguio muito entre as filhas daquella prodigiosa Matriarca, Veneravel Santa.

Foy Virgem extatica, e nos raptos alcançou grandes segredos da Theologia Mystica. Fechou o circulo de huma penitente vida na dilatada esfera de settenta, e seis annos aos sette dias do mez de Abril de mil seiscentos quarenta, e seis, deixando nos por persagio infallivel de sua gloria, alèm das virtudes, de que foy coroada a reinar com Christo seo Esposo, huma fiel ateslaçaõ de seo Confessor, que affirmava, que depois, que entrára na Religiaõ naõ havia cometido peccado venial com plena advertencia. Ficáraõ desta heroina alguns escritos de grande doutrina, e erudiçaõ, que respiraõ huma quasi certeza da sciencia infusa de que foy illustrada, como se admira em humas cançoens,

que

que ſe devidem em dezoito eſtancias onde explica com elegancia de palavras, e nobreza de termos a myſtica uniaõ, e amoroſa identidade da alma com Deos pela Fé, e pela Caridade. Conſervaõ-ſe eſtas obras manuſcritas no Convento de ſua profiſſaõ com uſura, mas ſem vulgar utilidade.

XXXII.

CLAUDIA
CATHARINA CLERMONT.

CLaudia Catharina Clermont de Vivonne Duqueza de Raiz filha de Claudio Clermont, Baraõ de Dampierre, e de Joanna de Vivonne, logo de ſeo naſcimento ſe dedicou às Muſas, e ſahio Poetiza coſummada pelo furor, pela erudiçaõ, e pela elegancia de eſtilo. Paſſava os dias, e as noutes com applicado eſtudo, e na liçaõ dos Eſcritores mais celebres antigos, e modernos adquirindo o bom nome, que teve da Dama mais ſabia de França.

As prendas naturaes, e adquiridas fizeraõ, que os melhores da Corte de Pariz a pertendeſſem para mulher; e veyo a caſar com o generoſo Joaõ de Annebaud, Baraõ de Raiz, e de Hunaudaie, que morreo pela Religiaõ, e patria na minoridade de Carlos nono Rey de França combatendo-ſe valeroſamente contra os rebeldes na jornada de Dreux com ſentimento de

todo

todo o Reyno. Celebrou Claudia Catharina ſegundo matrimonio com Alberto de Gondi filho de Antonio de Gondi Senhor de Peron, que foy Mariſcal da Coroa, General das Galés, Duque, e Par de França, de quem teve a poſteridade de quatro filhos, e ſeis filhas, vivendo caſados trinta, e ſeis annos.

Eſta heroina naõ ſó teve bom conhecimento das letras humanas, e das lingoas, mas entendia, e fallava com perfeiçaõ a Latina, e Grega. Admirou o Biſpo de Boſna, e mais Palatinos de Polonia quando vieraõ a França dar o parabem da elevaçaõ ao trono a ElRey Carlos fallando com huns a lingoa Grega, com outros a Latina como ſe fora nacida em Roma, ou Athenas.

Enlutou Pariz com a ſua morte no mez de Fevereiro de mil ſeiſcentos, e tres na idade de ſeſſenta annos; e jaz ſepultada na Capella mòr das Religioſas de Santa Clara em hum levantado mauſoleo de marmore, e bronze como eterno padraõ à poſteridade, para memoria de taõ diſcreta, e ſabia heroina, que naõ ſó foy verſada em todas as ſciencias, mas tambem no governo dos Eſtados, e ceremonial da Corte, como referem em muitos exemplares os Eſcritores de França, e Italia. Franciſco de la Crox, e Maine na ſua Bibliotheca eſcreveo o elogio de ſua morte, dizendo: „Que merecia colocarſe „em o numero das mulheres illuſtres aſſim na „Poeſia, e Oratoria como nas Filoſofias, Ma-

„ thematicas, hiſtoria, e outras muitas artes, e „ ſciencias.

XXXIII.

CLAUDIA DA TORRE

A Illuſtre matrona Claudia da Torre, filha de Franciſco da Torre primeiro do nome Viſconde de Torena, e de Anna da Torre, ou de Bolonha ſua ſegunda mulher, foy herdeira do animo, e valor de ſeus avós. Caſou no anno de mil quinhentos trinta, e cinco com Juſto de Tournon Baraõ de Tournon, e Conde de Rouſſillon, de quem teve dous filhos.

No anno de mil quinhentos ſeſſenta, e ſette ſuſtentou o cerco, que os herejes tinhaõ poſto ao Caſtello de Tournon, e os fez retirar vergonhoſamente. Os meſmos herejes no anno de mil quinhentos, e ſettenta cercáraõ a outra praça, para receberem ſegunda afronta deſta valeroſa heroina. Joaõ de Villemim deſcreveo eſtas hiſtorias em verſo Latino, que depois ſe traduziraõ em Francez por Franciſco de Bele Toret. Naõ ſe fez Claudia mais ſoberba, e glorioſa lançando os Calviniſtas do ſeu Caſtello, e Cidade, antes em reconhecimento da graça, e ſoccorro do Ceo dedicou huma effigie de prata do Caſtello de Tournon à caſa do Loreto, com eſta letra: *Hoc arcis Turnoniæ.*

Edificou Hoſpitaes, Moſteiros, e Igrejas, que

que os hereges haviaõ arruinado. Foy eleita por Carlos nono, e Catharina de Medicis ſua mãy, para Dama de Honor de Margarida de França, Rainha de Navarra, e lhe fez companhia na jornada de Flandes, e aſſiſtio com o ſeo conſelho nas diverſas occurrencias, que lhe ſuccederaõ. Vendo-ſe com mayor idade ſe retirou a ſua caſa, para meditar na morte livre dos embaraços da Corte, e faleceo em Satilieu a ſeis de Fevereiro de mil quinhentos noventa, e hum. Jaz ſepultada na devota, e perfeita Capella, que fez edificar na Igreja dos Carmelitas de Tuornon.

CATALOGO

XXXIV.

CAtharina da Paz, ou de Badajoz, porque devia naſcer neſta praça de Caſtella fronteira de Portugal, floreceo no decimo ſexto ſeculo, e morreo em Guadalaxara em mil quinhentos cincoenta, e tres na idade de vinte, e ſette annos. Entendia muito bem as lingoas, e arte Poetica, conſeguindo naõ vulgar nome em os verſos Latinos, como della eſcreve com grandes elogios Affonço Garcia Mattamoros. Traduzio em verſo Latino o livro Del buen placer compoſto em Caſtelhano por Juan Hurtado de Mendonça, como diz a Bibliotheca de Nicolas Antonio.

XXXV.

CAtharina Triglio Eſpanhola, e natural de Antechera, floreceo no decimo ſexto ſeculo. Era illuſtre em a nobreza, e muito douta em as lingoas, e boas letras. Foy mulher de D. Pedro Gonçalves de Ocone, que venceo em dias, ficando-lhe a poſteridade de hum ſó filho. Na ſua viudez ſe applicou à liçaõ, e eſtudo do direito Civil com tanto affecto, e goſto, que ſahio conſummada Juriſconſulta.

XXXVI.

CHriſtina de Piza, ou de Pariz como dizem outros foy muito douta nas letras humanas. floreceo em o decimo quinto ſeculo, reynando Carlos ſexto de França, a que n dedicou huma obra, que ſe intitulava: *Caminho de gran de eſtudo.* Fez publico outro livro, a que chamou: *O theſouro da Cidade das Damas*, como eſcreveo Maroto nos ſeos Poemas, e Joaõ Mabilio no ſeo Itinerario Italico.

XXXVII.

CAſſandra filha de Priamo, e Hecuba era muito douta, e predizia os futuros, como foy a deſtruiçaõ de Troya; floreceo pelos annos do mundo de mil cento, e ſeſſenta. Foy quem melhor no ſeo tempo ſoube a Aſtronomia,

mia, e pela grande ſciencia foy taõ venerada dos Gregos, que ainda que inimigos dos Troyanos, lhe edificaraõ hum Templo em Lacedemonia.

XXXVIII.

CAndace Raynha de Etiopia foy valerozíſſima; capitaneava os ſeos exercitos; deo, e venceo muitas batalhas; Pelejou contra Petronio Perfeito do Egypto, de quem triunfou, e depois no tempo de Octaviano Auguſto foy vencida. Floreceo dez annos depois de Chriſto.

XXXIX.

CAya Afrania mulher de Lucinio Bruto, foy taõ douta, e chea de ſabedoria, que por goſto, e traveſſura advogava defendendo as cauſas pelos tribunaes, naõ ſem nota pelo ſexo, e pela dignidade do marido. Morreo no anno de ſettecentos, e cinco da fundaçaõ de Roma.

XL.

CLarice, ou Clara Orſina illuſtrou a ſua illuſtre familia com as obras de ſeo juizo, e engenho. He muito louvada em a penna de Lavra Tarracina, hum dos engenhos daquella idade, que floreceo pelos annos de Chriſto de mil quinhentos, e cincoenta.

XLI.

CAmilla Valente filha do Cavalleiro Valente, e mulher do Conde Jacob Miguel de Verme foy muito douta nas letras humanas. Na Poeſia eſcreveo muitos Epigrammas cheos de ſingulares, e divinos conceitos de invençaõ, e arte fóra do uſo commum. Tambem eſcreveo muitas Epiſtolas em Latim, e Italiano com puriſſimo eſtilo, e elegancia naõ vulgar.

XLII.

CLeobulina foy huma celebrada Poetiza natural de Lindia, Cidade da Ilha de Rodes, que teve por pay a Cleobulo Lindo, entre os ſabios da Grecia o ſexto Filoſofo, que floreceo pelos annos do mundo de quatro mil quatrocentos oitenta, e cinco. He mais conhecida pelo nome do pay, que pelo nome de Eumetides que foy o de ſeo naſcimento. Com as letras, e ſciencias aprendeo Cleobulina a Poeſia, de que ſe achaõ eſcritos tres mil verſos exametros em muitos Epigrammas, e queſtoens enigmaticas na colleçaõ, que Laercio eſcreveo de ſuas obras. Foy taõ ſentencioſa como ſeo pay, e ſe lhe atribue, aquella, que diz: „ Tomay a „ mulher dos iguaes, que ſe a tomares dos ma„ yores, tereis os cunhados por Senhores. Em ſettenta annos de idade ſeria grande o numero de ſeos eſcritos de que nos deixou a peſar dos

ſeculos

ſeculos abreviada memoria, com illuſtre fama.

XLIII.

CAtharina de Souſa Dóna de Chaul achava-ſe em Goa, quando as mulheres, da ſua terra, com inveja de todo o mundo, offereceraõ liberalmente as ſuas joyas ao ViceRey da India Dom Joaõ de Caſtro, ſabendo ſe valia de empreſtimos para fornecer a Armada, que eſtava aparelhando a hir deſcercar a Fortaleza de Dio. Com igual liberalidade ajuntou Dona Catharina as ſuas joyas, e as remeteo ao ViceRey, pedindo-lhe por carta ſua quizeſſe logo gaſtar o preço dellas com ſeo filho Dom Alvaro, que paſſava a ſoccorrer a praça, acçaõ, que naõ lemos das matronas Romanas, vendo a ſua patria em muitas deploraveis adverſidades.

XLIV.

DUvidaraõ os Hiſtoriadores ſe honrara Corneficia com o ſeo naſcimento Italia, ou Roma. O que ſe affirma deſta illuſtre matrona, por certo he, que teve por irmão o Poeta Corneficio taõ celebrado como digno competidor do Grande Virgilio, que na claſſe dos Poetas Latinos adquirio merecidamente o lugar de primeiro, como Principe de todos.

Na arte da Poeſia igualou a ſeo irmaõ, que floreceo pelos annos do mundo de cinco mil cento

cento ſeſſenta, e oito, e antes de Chriſto trinta, e tres governando o Imperio Romano Octaviano Auguſto.

Dos grandes, e applicados eſtudos de Corneficia ainda ſe conſervavaõ muitos Epigrammas no tempo do Doutor Maximo, como elle teſtefica em ſuas obras, louvando o engenho, e erudiçaõ deſta heroina, de que ſó nos ficaraõ por falta de emprentas as memorias mais na tradiçaõ, que nos eſcritos, de que fazemos neſta abreviada eſcritura, eſpecial hiſtoria.

XLV.

CLara Ceſarea natural de huma Provincia de Flandes chamada Gandavenſe, foy muy celebre na pintura de illuminaçaõ. He muy louvada por Vazaro Aretino.

XLVI.

DOna Coſtancia Freire, e Souſa filha do Cappitaõ Ruy Mendes Pacheco de Alvito, Cavallero da Ordem de Chriſto, eſcrevia, e falava com elegancia as lingoas Latina, e Grega. Eſtudou Filoſofia, Theologia, e Mathematica, e teve grande liçaõ das hiſtorias, adquirindo com ſeo applicado eſtudo huma grande erudiçaõ ſagrada, e profana. He ſeo hum Epitome hiſtorico de todos os Infantes de Portugal, e hum Catalogo de mulheres, que floreceraõ

ceraõ em letras. Eſcreveo, e imprimio á vida de Santa Roſa de Viterbo no anno de mil ſeiſcentos, e dezanove na officina de Pedro Crasbeck, e corre com aplauſos de elegante na lingoa Latina.

XLVII.

CLio huma das nove Muſas, que os antigos celebráraõ por mulheres doutas, aſſim na arte de cantar, como em oütras artes, e ſciencias. Foy a inventora das ſatiras, e para eſte fim he invocada dos Poetas.

XLVIII.

CAliope, outra heroina das nove Muſas, em artes, e ſciencias igualmente celebrada por muito douta, inventou o proveitoſo commercio das Epiſtolas.

XLIX.

COnſtancia Mendes do Sobral foy Donzella muito formoſa, e de grandes prendas, que a fizeraõ pertendida de muitos para mulher, e ſempre ſe eſcuſou ao matrimonio com varonil conſtancia. Foy muito douta nas lingoas Grega, e Hebraica. Eſcreveo na lingoa Caſtelhana hum Opuſcolo com o titulo de *Roſa ſem eſpinhos, ou Maria Santiſſima concebida ſem peccado original.* Deixou ordenada huma devoçaõ para ſe ouvir Miſſa. Na liçaõ da hiſtoria Eccleſiaſtica foy con-

ſummadamente douta. Faleceo em mil ſeiſcentos oitenta, e cinco.

L.

CEcilia do Eſpirito Santo Religioſa da Ordem de Saõ Franciſco foy taõ inſigne na arte da pintura como na arte da Poeſia, e muſica. Eſtudou Filoſofia, e comprehendeo todos os ſegredos deſta ſciencia. Ordenou hum livro em verſo, que ſe imprimio em Lisboa no anno de mil ſeiſcentos oitenta, e oito intitulado: *Colloquios de hum peccador arrependido com Chriſto crucificado.*

LI.

CUſtodia Sanches no fauſtiſſimo dia da acclamaçaõ do Senhor Rey Dom Joaõ quarto de glorioſa memoria, obrou acçoens valeroſiſſimas contra os Caſtelhanos, que encontrava pelas ruas, ſendo a primeira, que com ſeus brados accreſcentou os vivas, e applauſos a taõ formoſo dia para Portugal. Alguns Caſtelhanos a ouviraõ com paciencia, mas hum querendo vingar com o baſtaõ, que levava a injuria, que lhe dizia perdeo a arma na luta, e cahindo em terra pelo esforço deſta matrona, que lhe tirara a vida certamente ſenaõ fora ſoccorrido de muito povo, que ignorando a razaõ lhe evitaraõ o perigo, deixando a Coſtodia Sanches ſenhora do campo, e da vitoria.

LII.

LII.

OUtra Portugueza por nome Caetana neſte meſmo dia com a noticia da acclamaçaõ, deo provas de ſeo valor ſahindo pelas ruas com huma eſpada nua em a maõ, dizendo: „ Que „ ninguem ſe atreveſſe a contradizer aquelles „ vivas porque na ſua defenſa perderia a vida. Hum ſeo irmaõ, que lhe diſſe zombando, ou de veras viva Felippe levou huma cutilada deſta valeroſa matrona com tanto furor, e raiva, que bem deixou ver, que deſpreſava o ſangue das veas pelo amor da patria, que lhe eſtava devendo particular memoria por eſta acçaõ heroica. Com outras heroinas parciaes de ſeo valor no dia, em que o Senado da Cidade celebrou a Prociçaõ da acçaõ de graças formou huma bem viſtoſa, e alegre dança.

LIII.

CAmilla Searampi foy mulher de Searampa, que era da meſma nobre familia, e o amava taõ fielmente, que chegando-lhe a noticia de lhe haverem cortado a cabeça, por ordem de Conſtantino Araute Governador de Monferrato, na menoridade de Guilhermo, ſe poz logo de joelhos na preſença de Deos, e lhe pedio, que perdoando-lhe ſeos peccados lhe deſſe a morte para naõ viver mais ſem ſeo marido, e ſendo ouvidos ſeos rogos, morreo no meſmo inſtante.

LIV.

CErellea, ou Cerelia, que de hum, ou outro modo ſe acha eſcrito eſte nome em os Authores antigos, he a unica do ſexo, que ſeguio a ſeita dos Filoſofos Academicos como ſe vê em huma Epiſtola de Cicero *n.* 51. *lib.* 2. *ad Atticum*, em que lhe chama doutiſſima.

LV.

COrnelia Adricamia Religioſa da Ordem de Santo Agoſtinho, floreceo no ſeculo dezaſeis, e era filha de hum Fidalgo Olandez, e muito venerada pelas ſuas Poeſias. Eſcreveo muitos Poemas ſagrados, e ordenou em verſo alguns Pſalmos de David. Cornelio Muſſio teve huma eſtimavel correſpondencia com Soror Cornelia, e Jacobo Faver de Epetaples admirava o ſeo entendimento, e erudiçaõ,

LVI.

CAtharina Landa, e naõ Lauda como lhe chama Frey Ilariaõ da Coſta, natural de Plazencia muito formoſa, e muito douta, irmãa do Conde Agoſtinho Landa, e mulher do Conde Joaõ Ferme Trivulce, ſendo ainda moça eſcreveo em mil quinhentos vinte, e ſeis huma carta Latina ao douto Pedro Bembo, depois Cardeal, que anda impreſſa com a repoſ-

ta

ta como ſe vê no ſexto livro das cartas deſte Author em o *n.* 13.

LVII.

CLea natural de Grecia, e de ſeita incerta foy huma das heroinas celebres na Filoſofia. Teve grande liçaõ, e erudiçaõ como della eſcreve Plutarco no livro das mulheres illuſtres.

LVIII.

CEcilia Gonzaga filha de Joaõ Franciſco Gonzaga Senhor de Mantua, e de Paula Malateſta, floreceo no ſeculo decimo quinto, e deve entrar no numero das heroinas, que ſe diſtinguiraõ nas virtudes, e nas ſciencias. Vitorino de Feltre a inſtruhio nas bellas letras, e Ambroſio de Camadoli no ſeo Hodeporicon diz falando de Cecilia, que era de oito annos de idade, e ſabia já as diclinaçoens, e conjugaçoens da lingoa Grega; como elle admirou paſſando por Mantua no anno de mil quatrocentos trinta, e dous, e voltando dous annos depois à meſma Cidade eſcrevia, e fallava o Grego com tanta elegancia, que a naõ deſejava mayor em qualquer homem douto. Paula Malateſta ſua mãy illuſtriſſima por naſcimento, por virtude, por ſciencia, e por formoſura lhe inſpirou o deſprezo do mundo de ſórte, que ſeo pay naõ pode vencella, ou deſvialla de ſeo propoſito, e

viveo em perpetua caſtidade. Entregou-ſe toda ao eſtudo das letras, e veyo a ſer huma das heroinas celebres nas Filoſofias, e he contada, em o numero das mulheres illuſtres neſta ſciencia.

LIX.

CArlota dos Urſinos Viſcondeça de Auchi, floreceo no ſeculo decimo ſettimo, e foy muito illuſtre nas letras divinas, e humanas. Era filha de Gil Jouvenel dos Urſinos, Senhor de Armentieres, e de ſua mulher Anna de Arcis, caſou com Euſtaquio de Conflans, Viſconde de Auchi, Governador de Saõ Quintino, e Meſtre de Campo General dos exercitos de França, morto em mil ſeiſcentos vinte, e oito. A Viſcondeça Carlota deixou eſcrito huma excellente Parafraſis ſobre a Epiſtola de Saõ Paulo aos Hebreos de baxo do nome de Axienna occultando o proprio, taõ modeſta, como erudita, faleceo em mil ſeiſcentos, e cincoenta.

LX.

CAmilla Macedonia Napolitana, foy dotada de hum animoſo, e esforçado coraçaõ como deixou admirar em algumas acçoens varonis, naõ degenerando da familia dos Macedonios illuſtres em armas, como foraõ ſeos irmãos Joaõ Franciſco, Joaõ Jaques, e Joaõ Vicente, bem conhecidos todos por ſoldados de valor,

na

na milicia daquella naçaõ. Hum deſtes homens eſperavaõ ſeus inimigos, para o matarem, e tendo Camila eſta noticia, e que eſtava deſarmado ſahio a ſoccorrelo com huma meya lança em a maõ, e acomettendo-os varonilmente pelejou com todos por grande eſpaço de tempo dando lugar a ſeo irmaõ para defenderſe, e com eſte ſoccorro puzeraõ os inimigos em perigoſa retirada, vergonhoſa fugida. O irmaõ depois lhe tendeo as graças confeſſando deverlhe a vida, que lhe defendera valeroſa, e guerreira.

LXI.

CRiſtina Urſula de Sá Portugueza, e filha de Manoel de Caſtro de Souſa, e de Maria Joanna de Sá, contava quinze annos de idade, e já ſabia com perfeiçaõ as lingoas Latina, Italiana, Franceza, e Eſpanhola. Tinha grande liçaõ das hiſtorias Portuguezas, e das eſtrangeiras naõ era menos erudita. Sabia grande parte das obras de Ovidio, e Virgilio, e era naturalmente taõ fecunda, que diſcorria por muito tempo ſobre qualquer aſſumpto. Nos muitos inſtromentos, que tocava adquirio deſtreza, e perfeiçaõ.

LXII.

CAtharina Frantone Dama Franceza, que morreo Donzella do mal da peſte no anno de mil ſeiſcentos oitenta, e ſette, e jaz ſepulta-

da

da na Igreja dos Carmelitas de Poitiers, que foy ſua patria, era muito douta nas lingoas Grega, Latina, Italiana, e Eſpanhola. Eſtudou com ſua mãy Filoſofia, Rhetorica, e Poeſia, e Luiz Jacob lhe fez o elogio na ſua Biblioteca das mulheres illuſtres.

LXIII.

CAlfurnea mulher do ſegundo Plinio foy excellente Poetiza, e aperfeiçoou muitas obras, que ſeo marido deixara ſem complemento, e ultima lima.

LXIV.

CAmbra formoſa, e douta Princeza filha de Bilinico Rey de Inglaterra ordenou, e eſcreveo hum livro das leys dos Sicambros, que agora ſe chamaõ Francezes como diz Sigeberto.

LXV.

CLaudia Rufina Ingleza de naçaõ na lingoa materna, e Latina eruditiſſima, e muito celebrada pelo Poeta Marcial, eſcreveo muitos Epigrammas, e huma Elegia na morte de ſeo marido.

LXVI.

LXVI.

CLitagora Lacedemonia, ou Athenienſe (como querem outros) e alguns a fazem natural de Thezalia, foy na Poeſia muito illuſtre, e della eſcreveo Ariſtophanes.

LXVII.

COrona natural da antiquiſſima Cidade de Peruſſia, que agora ſe chama Toſcana foy muito douta, e muito celebre na Grammatica, e Oratoria.

LXVIII.

CLaudia Virgem Veſtal, e Romana floreceo no Reynado de Olimpiada mãy do grande Alexandre. Eſperava Roma com grande concurſo ver triunfante o pay de Claudia, honra, que tinha ganhado, o Senado Romano lhe havia concedido. E atrevendo-ſe a inveja a quererlhe perturbar a gloria do triunfo hum dos Tribunos do povo ſeo inimigo com mãos violentas o lançou fóra do carro triunfal. Claudia, que vio a injuria reveſtindo-ſe de hum heroico valor, acodio pela honra do pay com a morte do Tribuno, moſtrando, que ſe a natureza os diſtinguia no ſexo os aſſemelhara no esforço.

LXIX.

CAtharina Ortis de Hurtaran Eſpanhola, e natural de Rive da Villa de Saõ Vicente, e Senhorio dos Condes Oſorino, foy de tanto valor, que entrando quarenta Caſtelhanos a roubarem o ſeo lugar defendeo a porta de ſua caſa armada de huma meya lança em a maõ, e hum eſcudo no braço. Vendo os inimigos a valeroſa oppoſiçaõ de Catharina como injuria de ſeo esforço ſe valeraõ das armas de fogo para o triunfo; mas deixando bem vingada a ſua morte com o ſangue de muitos ſoldados naõ lhe roubaraõ a caſa, ou foſſe horror à vileza, ou attençaõ à valentia.

LXX.

COnſtancia filha do Cavalheiro Achiles Bochio Filoſofo, Poeta, e Orador eruditiſſimo foy mulher de Joaõ Franciſco Malvezzi, e ſabia heroina nas bellas letras aſſim Latinas, como Gregas, e vulgares, faleceo em mil quinhentos ſeſſenta, e ſeis.

LXXI.

DCatharina Stella natural de Salamanca, e netta do Doutor Stella Croniſta de El Rey, ſoube com perfeiçaõ as lingoas Latina, e Franceza alèm da materna, e outras, de que teve boa

boa noticia, ſufficiente intelligencia. Foy eſtimada por muito illuſtre entre as heroinas doutas, e ſabias daquelle ſeculo.

LXXII.

D. Catharina de Ribeira diſcreta, e ſabia Senhora deſcendente da caſa illuſtre dos Duques de Alcala, eſcrevia, e falava com igual promptidaõ, e ſabedoria, que a lingoa materna, as lingoas Latina, e Grega.

LXXIII.

CAliſa teve todas as excellencias dos meſtres na arte da pintura como diz Plinio no 5. *liv. cap.* 2.

LXXIV.

CItta natural de Lucania eternizou ſeo nome pela invençaõ de beneficiar, e fazer o ouro pel.

LXXV.

COrciera mulher de grande animo, e ſufficiente Grammatica foy inventora do jogo da Racheta.

LXXVI.

D. Catharina de Laſans natural de Heriſa, Biſpado de Siguença em Heſpanha, e filha

de Chriſtovaõ de Laſans homem principal daquelle lugar foy de animo varonil, e forte. Contava ſó vinte annos, quando os inimigos de ſeo pay lhe deraõ em huma noute tantas feridas, que o julgaraõ por morto. O filho conhecendo as vozes do pay lhe acodio com tanta infelicidade, que logo atraveſſado de hum punhal cahio por terra. Neſte conflito ſahio Catharina a defendelos com tanto acordo, que lançando maõ da eſpada de ſeo pay ferio com tanta valentia nos contrarios, que os poz em fugida largando as capas. E retirando o pay, e irmaõ com o cuidado, que teve em applicarlhes os remedios ſe reſtituiraõ à ſaude confeſſando cada hum dever a ſeo valor a vida.

LXXVII.

CONſtancia de Avalos da antiga, e illuſtre caſa dos Avalos naõ cedeo em valor aos heroes, e rayos da guerra o Marquez de Peſcara Fernando Franciſco de Avalos, e Affonſo de Avalos Governador de Milaõ, e General de Carlos quinto na Italia, que ambos foraõ ſeus aſcendentes. Sendo os Francezes lançados da Cidadella de Napoles por induſtria de Pedro de Navarro, Conſtancia ſuſtentou conſtantemente contra a armada de França a Ilha de Iſchia ficando no porto a de Eſpanha. Alguns diſſeraõ, que os Francezes chegaraõ tarde para ſe fazerem ſenhores da Ilha, outros porèm daõ toda

toda a gloria a eſta magnanima heroina, a quem Federico de Aragaõ Rey de Napoles informado de ſeo valor, e fedilidade havia deixado na Fortaleza da Ilha, que defendeo conſervando a armada Eſpanhola, e levando os eſtendartes, e armas da Real caſa de Aragaõ para final, e trofeo de ſua generoſidade, e fé. Tinha por deviſa huma Ninfa cercada de huma luz com eſta letra: *Virtus clarior Sole.*

LXXVIII.

CLaudia mulher de Eſtacio Pepino famoſo Poeta Napolitano, foy dotada de grande engenho, e naõ vulgar ſabedoria; floreceo no primeiro ſeculo depois da vinda de Chriſto.

LXXIX.

CAtharina Lopes foy huma das matronas, que no cerco de Dio deo grandes provas de ſeo valor, veſtio as armas, e ajudou ão triunfo das vitorias de hum taõ dilatado aſſedio com mayor trabalho, que permittiaõ as forças do ſeo ſexo. Naõ ſe achava menos no reparo dos muros, regalo dos enfermos, cura dos feridos, e enterro dos mortos. E ſe fez mais celebre pelo caſo, que aqui referiremos. Vendo em hum aſſalto, que hum dos inimigos tinha ferrado o muro com felicidade, invejoſa de ſua fortuna lhe poz eſtorvos lutando com elle a braços até

ſe precipitarem ambos da muralha; o ſoldado fazia força pela fazer deſpojo de ſuas iras, porèm a valeroſa matrona reveſtindo-ſe de hum mais robuſto, e varonil eſpirito ſe valeo das armas, que lhe adminiſtrava o furor em ſeus proprios dedos, com que lhe lançou fóra os olhos; e ſendo ſoccorrida dos ſeos à viſta do campo inimigo ſe deixou invejar aos olhos do mundo em huma acçaõ, que naõ lemos tiveſſe igual, ou ſemelhante.

THEATRO HEROINO, E ABCEDARIO HISTORICO DE MULHERES

Illuſtres em Sciencias, e Artes Liberaes.

Letra D.

I.

DIDO RAINHA.

DIDO, que primeiro ſe chamou Eliſa filha de Bello Rey de Chipre floreceo pelos annos, em que Troya ſe abrazou por outra igual belleza, celebrada formoſura. Pela morte de ſeo pay ficaraõ Dido, e Pigmaleaõ de menor idade: Deixou-os Bello recomendados na fé, e lealdade dos Fenicios, povos, que deſceraõ das partes mais remo-

remotas do Egypto. E dando a Pigmaleaõ a Real inveſtidura, caſaraõ Dido com Aterbas Sacerdote de Hercules o primeiro entre todos em nobreza, e dignidade.

Amaraõ-ſe extremoſamente Dido, e Aterbas, que era Senhor de hum grande theſouro; e pela cobiça, e ambiçaõ, que vio no Rey, e cunhado o eſcondeo, e enterrou debaxo da terra; mas naõ podendo ſepultar a fama, Pigmaleaõ com diſſimulada tyrannia, lhe fez dar a morte. Foy o ſentimento em Dido igual ao amor, que tinha a ſeo eſpoſo, e o ſeguira até a ſepultura, ſe a deixaſſem livre, os que lhe faziaõ companhia na dor, e pranto, que por toda a vida ſe lhe conheceo, paſſando em continencia, e ſendo hum exemplar da pudicicia. Eſta, e outras virtudes, e acçoens heroicas lhe deraõ merecidamente o nome, porque Dido na lingoa daquella naçaõ valia o meſmo, que Virago na Latina, ou mulher varonil em a Portugueza.

Aconſelhada do proprio valor, ſe foy diſpondo com engenhoſa cautella para fugir do ambicioſo irmaõ, que lhe eſtava traſſando com a morte o dominio do theſouro. Conciliou a ſeo partido os diſgoſtoſos do governo pela ambicioſa tyrannia do Reynante, e tendo em ſeo favor os principaes da Corte mandou fazer promta huma náo para o ſeo tranſporte. No ſilencio de huma noite ſe fez à vèla com huma grande, e numeroſa comitiva, levando com cautella bem premiditada hum fingido theſouro, que lançou

no

no mar, fazendo crer a todos, que era o verdadeiro; affirmando com lagrimas tambem fingidas, que ſó para lhe dar aquelle fim retardára a morte, que tanto deſejava. E declarando o perigo certo, que temia ſe voltaſſem à preſença de Pigmaleaõ acabou dizendo: „Que „ eſtava reſoluta em lhes fazer companhia ſe qui„ zeſſem fugir à tyranna morte do ambicioſo „ Rey, que trazia o ſeo coraçaõ naquelle gran„ de theſouro.

Admirados, e confuſos ouviraõ a propoſta os infelices, e pobres marinheiros, e antepondo os intereſſes da patria ao beneficio da vida aſſentiraõ no deſterro, fazendo viagem de commum acordo com a proa na Ilha de Chypre, e negociando o furto de muitas Donzellas para o fim, que Dido trazia premeditado, ſe fizeraõ na volta de Africa. Chegaraõ proſperamente ao porto de Meſſalina, e achando igual correſpondencia no troco, e venda dos generos, perſuadidos naõ ſó do trato, mas tambem dos habitadores; comprou Dido tanto de terreno, quanto podeſſe demarcar hum coiro de Boy. Celebrado o contrato com a legacidade coſtumada no paiz ſe acharaõ os Africanos enganados em as condiçoens da venda, porque Dido aſtuta, e engenhoſa mandando cortar o coiro de hum Boy de tiras ſutiliſſimas, demarcou hum grande eſpaço de terra, que logo fez cingir de fortes muros, e fundou huma belicoſa Cidade, que ſe chamou Carthago, fazen-

do aos ſeos patente o engano do theſouro, que lançára em o mar, para conſeguir o perſuadillos a deixar a patria.

Erigio muitos Templos, e nobres edificios publicos, e particulares, e deo leys para os ſeos moradores viverem com juſtiça; conciliando Dido na attençaõ dos povos circunveſinhos huma taõ heroica fama, que por toda a Africa ſe ouvia com admiraçaõ o nome de ſuas virtudes. E ouvindo Hyarbas Rey de Getulia a fama de ſua formoſura, diſcriçaõ, e mais prendas de valor, e magnanimidade a mandou pedir em caſamento aos principaes de Carthago, ameaçando-os reduziria a ferro, e fogo a nova Cidade ſe lhe negaſſem a Dido por eſpoſa. Os Carthaginenſes temeroſos da guerra, que lhe eſtava ameaçando com a pertençaõ de Hyarbas a pudicicia de Dido, lhe eſconderaõ as negociaçoens da Embaxada, e trocando-lhe os fins lhe fizeraõ dar palavra de conſentimento. Conhecco depois a Rainha Dido o engano dos ſeos, e conſiderando empenhada a ſua palavra, ſem ter meyos para a defenſa dos inimigos, e caſtigo dos vaſſallos premeditou em beneficio de ſua caſtidade huma acçaõ heroica. E pedindo tempo para reſolver ſe lhe era conveniente aquelle deſpoſorio, acompanhada de huma ſó Donzella ſobio ao mais alto lugar da Cidade, fazendo crer a todos caminhava a celebrar algum ſacrificio. Mandou accender huma grande fogueira, e matar as victimas, e depois na preſença

ſença do povo, que a ſeguia, invocando muitas vezes o nome de ſeo defunto eſpoſo ſe atraveſſou de hum punhal deixando-ſe cahir morta ſobre aquelle incendio.

Acodiraõ todos com igual, e inutil deligencia a evitar o ultimo eſtrago da morte, porêm achando o corpo já cadaver lhe celebraraõ as exequias com ſoberba pompa, eſpecioſa, e magnifica grandeza. Chororaraõ os Carthaginenſes por muitos annos a morte da Rainha Dido; e como naõ puderaõ dilatarlhe a vida lhe perpetuaraõ a memoria com a veneraçaõ, e culto de Deoſa todo o tempo, que durou no mundo a Cidade de Carthago, e ainda hoje em ſuas ruinas ſe eſtá lendo a fama de ſua heroicidade. Em as pennas de muitos eſcritores mereceo Dido o epiteto de caſta, elogio, que tambem lhe dá o Maximo dos Doutores eſcrevendo contra Joviniano por eſtas palavras: „ A caſta Dido „ edificou Carthago, e pela caſtidade perdeo a „ vida, querendo antes morrer, que caſar.

II.

DAMIGELLA TRIVULCE

NA illuſtre deſcendencia de Joaõ Trivulce Senador de Milaõ falecido em mil quinhentos, e ſeis, e de Angela Martinenga precedeo a famoſa heroina Damigella Trivulce a todos ſeos irmãos em as ſcien-

cias, e bellas letras, ſendo todos pelos ſeos merecimentos igualmente illuſtres, pela qualidade igualmente nobres. Paulo Camila foy o Cardeal Agoſtinho, Pedro Arcebiſpo de Regio, Felippe Arcebiſpo de Reguu, Pomponio Governador de Milaõ, Ceſar General das armas contra os Francezes, e Veneſianos, e Coroliano Meſtre de Campo de ElRey de França, e Enviado à Piza.

Pela mãy naõ era menos nobre como tronco de huma illuſtriſſima familia de Breſcia; e pareceo em Damigella a ſabedoria mais herdada, que adquerida; porque Angela Martinenga ſua mãy era muito douta, e Damigella ſua avó doutiſſima. Era filha de Matheus de Santo Angelo homem valeroſiſſimo, e General das Fronteiras de Veneza. Caſou com Agoſtinho Martinengo Fidalgo de Breſcia em cujo matrimonio teve origem taõ feliciſſima poſteridade.

Sette annos contava Damigella Trivulce, quando ſeos pays lhe mandarao enſinar as primeiras letras; e logo com as primeiras liçoens começou a ler tudo com bella graça, e livre eſpirito. Teve Damigella hum engenho agudiſſimo, e profundiſſimo com huma ſobrenatural memoria. Aprendeo, e comprehendeo perfeitamente todos os principios da Grammatica, que falava, e eſcrevia com igual facilidade, e felicidade. Fez Damigella taõ particular, e natural a Latinidade, que todos que a ouviaõ, a avaliavaõ por hum dos Latinos, e famoſos Roma-

nos

nos Oradores em o eſtilo, e pronuncia. No eſtudo da lingoa Grega adquirio perfeiçaõ em a falar, e eſcrever igualmente bem como a Latina.

Das letras humanas de Rhetorica, e Filoſofia, tanto ſe exaltou ſobre as forças do eſtudo, e natureza, que julgavaõ todos lhe fora dada por ſciencia infuſa, com todas aquellas partes, que deve ter hum Orador perfeito, como admiraraõ com toda a Curia Romana os Pontifices, e grandes Senhores em muitas Oraçoens Latinas, recitadas com tanta erudiçaõ, graça, e ſabedoria, que naõ duvidaraõ preferila a Cicero. De doze annos começou a voar a fama deſta heroina pelas Cortes da Europa, e foy aſſumpto de muito elegantes, e doutas pennas.

Pode-ſe affirmar, ſem ſe encarecer, que a memoria de Damigella excedeo à dos Filoſofos Temiſtocles, e Seneca; a do Rey Metridates, e que foy nada inferior a Pedro de Ravena o memoria por antonomazia. Repetia a Oraçaõ mais dilatada, depois de a ler apreſſadamente, ſem lhe faltar huma palavra, ou hum jota. Se duas vezes paſſava os olhos por hum livro lhe ficava para ſempre. Caſou Damigella Trivulce com Franciſco Torreli Conde de Monte Chirugulo; e nos deixou pela mais bella imagem de ſua heroicidade muitas elegantes Epiſtolas em Grego, e Latim cheas de doutrina, e grande erudiçaõ.

III.

DOMINGAS DO PARAISO

EM huma aldea junto de Florença chamada Paraiſo, de que eraõ naturaes Franciſco, e Conſtancia humildes, e pobres caſados, que da cultura de huma pequena horta ſe ſuſtentavaõ, naſceo Domingas do Paraiſo como ſingular poſteridade deſte fauſto matrimonio, que deo à Religiaõ do Patriarca Saõ Domingos mais huma Santa para o ſeo Catalogo, mais huma heroina para o noſſo Theatro.

Com os mimos de primeira, e diſvellos de unica foy creada em a doutrina, e perfeiçaõ Chriſtãa. E applicada ao trabalho do campo, e fabrica da horta como patrimonio, que havia de herdar, e officio, em que havia de ſucceder pela morte de ſeos pays, moſtrou Domingas do Paraiſo em ſeis annos induſtria, e deligencia, que naõ ſe eſperava em taõ pouca idade. Ainda contava menos annos quando Deos por miniſterio dos Anjos, e da Rainha de todos começou a doutrinala em o augmento das virtudes continuados, e eſpecialiſſimos favores, ſendo o mais principal as cinco chagas, que lhe ficaraõ impreſſas, e veſiveis em as mãos, pés, e lado.

Outro

Outro mais particular favor teve Domingas do Paraiſo, que para ſe crer naõ baſta ſó a fé humana. Era pouco animoſa naturalmente, e ouvindo, que ſeo eſpoſo lhe propunha huma nova fundaçaõ para ſer mãy eſpiritual de muitas filhas lhe falou neſta ſubſtancia: „ Bem ſabeis „ vós meo Deos, que para taõ grande empreza „ he o meo peito vil, e fraco, o meo naſcimen„ to humilde, e abatido; ſe vós me naõ „ dais, ou renovais eſte coraçaõ, eſte ſangue, „ e eſta vida, naõ me conſidero com esforço „ para conſeguir hum empenho, que he ſó facil „ a voſſa Omnipotencia. Reſpondeo-lhe o Divino Eſpoſo: „ Eu mudarey o teo coraçaõ dan„ dote hum mais animoſo, e abrazado, que ſe „ naõ aparte da minha vontade, e preſença; mas „ preparate, que na ſua renovaçaõ padecerás „ exceſſivas dores. Poucos dias eraõ paſſados, quando Domingas ſe achou martirizada de dores por todo o corpo, e com huns fluxos de ſangue taõ perennes, que pareceo a todos pelo extremo da vida, a que ſe reduzio, que as veyas plenamente ſe tinhaõ exhaurido do humido radical.

Foy julgada por morta, ainda que no ſemblante ſe eſtava deviſando o contentamento, e doçura, de que o eſpirito ſe nutria em tantas penalidades. Continuou o fluxo até o dia dezoito de Outubro do anno de mil quinhentos, e dous, aos vinte, e nove de idade, quando perdidas as forças, e as eſperanças dos Medicos cahio

hio em hum mortal parociſmo, com todos os ſinaes de cadaver, e parecendo aos circunſtantes deliquio, foy celeſtial rapto. Nelle lhe moſtrou Chriſto dous coraçoens, hum pequeno, e eſcuro, outro grande, e reſplandecente dizendo: „ Aqui eſtou eſpoſa minha para te confe-„ rir a graça tantas vezes prometida. Eſte co-„ raçaõ pequeno, e eſcuro he o teo, que te foy „ tirado pelas mãos de minha Mãy Santiſſima „ no principio do extaſi, em que ficou teo cor-„ po ſem uſo dos ſentidos pela força das dores, „ pelo deſamparo das forças. Eſte coraçaõ luzi-„ do, e puro he o meo, que te quero meter „ no peito para que naõ vivas mais ao mundo; „ porque ſerá fervoroſo para a devoçaõ, effecti-„ vo para o amor, prudente para o governo, „ e para o proximo todo charidade. Encherey „ a tua alma de ſabedoria para confuſaõ dos ſa-„ bios eſcrevendo muitos livros, e falando pro-„ fundamente em todos os myſterios. Volta fi-„ lha ao mundo para honra minha, beneficio „ dos proximos, ſalvaçaõ dos peccadores.

Terminouſe aquelle rapto com a poſſe do novo coraçaõ renovado pela Virgem Santiſſima, e reunida a alma ao corpo, pelo uſo dos ſentidos, conheceo Domingas ſe lhe tinha dilatado a eſfera do peito inchando-lhe o lado eſquerdo, mas ainda pelos ſaltos, que lhe dava de huma a outra parte, e celeſtial ſuavidade, que lançava o corpo exteriormente, durando eſta fragrancia por eſpaço de dous annos, e depois

pois a petiçoens de ſua grande humildade ſó ficou ſenſivel, e patente a ella, e ſeo Confeſſor. Com eſta renovaçaõ tôdas as potencias, e partes de ſeo corpo começaraõ a viver celeſtialmente, como ſe participaſſem já da viſaõ Beatifica; porque ſeos olhos gozavaõ de dia, e de noute a meſma perſpicacia, experimentando nos mais ſentidos ſemelhantes, e maravilhoſos effeitos.

Falava, e diſcorria com elegancia, mais que humana em os mais altos, e profundos myſterios de noſſa fé, lugares da Eſcritura, Theologia Myſtica, e Eſcolaſtica, explicando-os com tanta, e ſegura intelligencia, que parecia ter huma grande liçaõ dos livros, e Santos Padres, de quem recitava muitas ſentenças para confirmar o ſeo diſcurſo. Pela meſma ſciencia infuſa, que lhe foy communicada eſcrevia muitas cartas cheas de eſpirito, compunha muitos Sermoens ſobre os Euangelhos, Dialogos de virtudes, e outros muitos livros, que foraõ effeitos milagroſos do renovado coraçaõ de Domingas.

Reſtituida milagroſamente da mortal enfermidade continuou em as grandes, e antigas penitencias, que fazia; porèm a Virgem Santiſſima lhe appareceo, e diſſe: „Que naõ eſtava „ſeo corpo capaz de rigores, e mortificaçoens „com a delicadeza a que ſe reduzira com o fa„vor do renovado coraçaõ, que ſeo Eſpoſo ſó „queria ſervirſe della para mãy, e meſtra de „muitas almas, que doutrinaria em o caminho

„das virtudes. E ſendo milagroſamente veſtida com o habito da Terceira Ordem de Saõ Domingos pelo Santo Patriarca, Santa Catharina de Sena, e pela Virgem Maria, ſe lhe ajuntou hum pequeno numero de Donzellas, e do preço dos ſeos lavores ajuſtaraõ cabedal para eregirem hum Convento, que foy ideado pelo Senhor em fórma de Cruz, que era o titulo, com que ſe havia de ennobrecer, e honrar o edificio em cinco mezes acabado, e perfeito.

Na veſpera de Saõ Pedro Martyr do anno de mil quinhentos, e treze paſſáraõ para o novo Convento Domingas do Paraiſo, e quinze companheiras filhas de ſua diſciplina, precedidas do ſagrado Eſtandarte de hum Chriſto crucificado. Aqui floreceo com muitos milagres atè o dia cinco de Agoſto de mil quinhentos cincoenta, e tres, que entregou a alma nas mãos de ſeo Eſpoſo aos oitenta annos de ſua idade. Foy illuſtrada com o dom de Profecia, e deixou eſcrito hum livro de revelaçoens intitulado *Dialogo*, outro *Summario*; hum do teſtamento, outro de Sermoens, e narraçoens aos Euangelhos, e Epiſtolas Canonicas.

CATALOGO

IV.

DAmo filha do Filoſofo Pitagoras vivia na olimpiada ſettenta junto do anno de quinhentos antes de Chriſto. Teve Damo grande entendimento, grande prudencia, e grande fidelidade, e foy a razaõ porque ſeo pay lhe confiou todos os ſegredos da ſua Filoſofia, e por ſua morte todos os ſeos eſcritos prohibindo-lhe o fazellos publicos, o que ella obſervou inviolavelmente com grande louvor ſeo, pois vendoſe pobre preferio a vontade de ſeo pay aos intereſſes, que lhe podiaõ reſultar vendendo as ſuas obras. Guardou Damo por conſelho de ſeo pay perpetua virgindade, tomando debaxo de ſua protecçaõ algumas Donzellas, que fizeraõ profiſſaõ do Celibato.

V.

DEbora mulher de Raby Joſeph Aſcalial Judeo Romano vivia no principio do decimo ſettimo ſeculo. Foy illuſtre na Poeſia Italiana, e neſta lingoa traduzio algumas obras Hebraicas, como foy a habitaçaõ dos Demandantes de Raby Moyſés de Rieti obra moral impreſſa em Veneza em mil ſeiſcentos, e dous, e ſeiſcentos, e nove. Tambem traduzio na meſ-

ma lingoa outros opuſculos do meſmo Rabino.

VI.

DIotyma floreceo pelos annos de quatrocentos antes de Chriſto, e foy taõ douta na Filoſofia, que o celebrado Socrates naõ duvidou chamarſe diſcipulo deſta heroina, argumento grande da ſabedoria, que teve.

VII.

DEmofilla mulher de Pamphilo grande Poeta, que floreceo pelo tempo de Apelles foy doutiſſima na arte da Poeſia. Eſcreveo dous Poemas, hum amatorio, outro de louvores a Diana. Naſceo em Grecia, e foy companheira de Safo.

VIII.

DAfne filha de Tireſias eſcreveo muitos livros em verſo, e dizem, que o Grego Homero ſe aproveitou muito delles em o ſeo Poema. Alguns a tiveraõ pela Sybilla Delfica, porque naſceo em Delfos, mas foy taõ caſta, que fingiraõ os Poetas, que fugindo à laſcivia de Apollo fora convertida em loureiro. Floreceo pelos annos do mundo de quatro mil, e duzentos antes de Chriſto.

IX.

DEozadeo Martins mulher de Vaſco Gomes de Abreo Capitaõ môr foy huma das illuſtres matronas daquelle ſeculo em a guerra, que teve ElRey Dom Fernando de Portugal com Henrique terceiro de Caſtella. Tendo ſitiado Dom Pedro Rodrigues Sarmento Adiantado do Reyno de Galiza a Praça de Monçaõ levantou o ſitio pelo valor, e induſtria de Deozadeo Martins merecendo por eſta acçaõ ſem outra diſtincta memoria ficar por tymbre das armas daquella Villa. Pinta-ſe hum meyo corpo de mulher com a letra Deozadeo Martins, e todos os annos ſe abrem as pautas dos Vereadores de Monçaõ ſobre a ſepultura deſta heroina em beneficio da ſua heroicidade, conſervando ainda eſta memoria nas bandeiras da Camera.

X.

DUlcida mulher guerreira, e natural da Cidade de Braga, foy taõ valeroſa, e inſigne no jogo das armas, que na guerra, que tiveraõ os Cidadãos de Braga com os do Porto com outras do meſmo ſexo ſe achava em todas as occaſioens de peleja. Em hum choque, que tiveraõ matou eſta heroina o Cappitaõ Romano, que viera em ſoccorro dos Portuenſes, que ſe tinhaõ offerecido feudatarios ao Emperador Octaviano Auguſto.

XI.

DRipetina filha do grande Mitridates foy companheira inſeparavel de ſeos arriſcados projectos, moſtrando-ſe em todos valeroſa, e guerreira, e com huma fortaleza de animo, que havia prometido de ſeo naſcimento pela ſingularidade de haver naſcido com duas ordens de dentes. Vencido ſeo pay pelo grande Pompeo foy ſitiada em hum Caſtello pelo Cappitaõ Manlio Priſco, mas achando impoſſivel a defenſa, e naõ cahir na diſgraça de priſioneira, e baxa ſórte de eſcrava, voluntariamente ſe deſpojou da vida, immortalizando-ſe com eſta acçaõ na morte.

XII.

DIonizia Maria filha de Manoel Pereira, e de Joanna da Sylva ſofreo conſtantemente a penoſa tribulaçaõ de eſtar fechada por ſette dias em huma caſa eſcuriſſima padecendo muitas fomes, para conſervar illeſa a ſua virgindade, que certo homem poderoſo, e diſſoluto lhe quiz manchar com porfia, roubar com violencia.

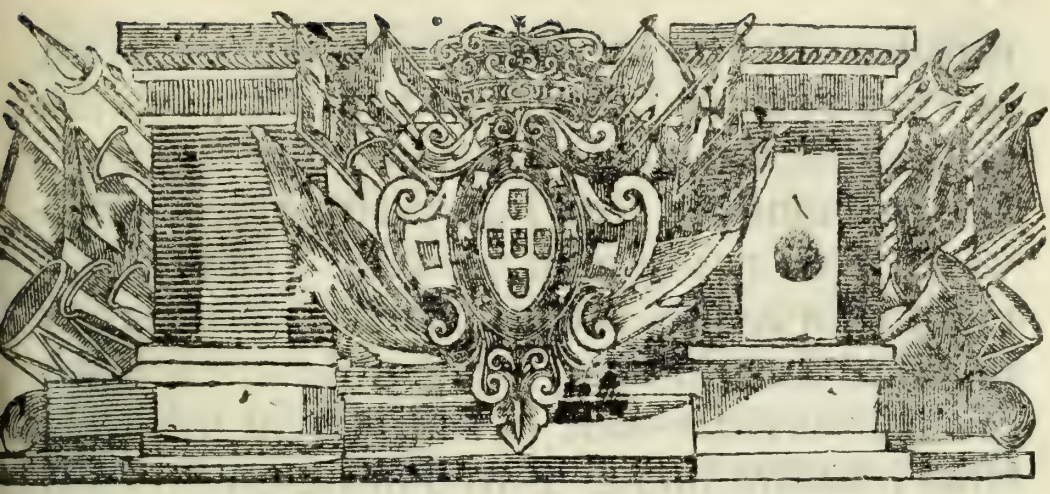
XIII.

DIonizia Antonia da Encarnaçaõ natural da Cidade de Faro do Reyno do Algarve, e filha de Joaõ de ..... , e de Marianna da Sylva peſſoas ordinarias teve boas noticias das Filoſofias,

ſofias, Mathematicas, Aſtrologia, e Architectura. Riſcava, e pintava com grande diſtinçaõ, e deixou eſcritos alguns opuſculos ſobre diverſas materias, que exiſtem manuſcritos.

XIV.

DOrothea filha do meſtre Joaõ Bocchi floreceo pelos annos de mil quatrocentos, e dezaſette, e foy taõ douta como ſeo pay na Medecina, lendo publicamente eſta cadeira na Univerſidade de Bolonha. Applicouſe com grande eſtudo a muitas artes, e ſciencias; e era verſada na liçaõ dos hiſtoriadores antigos, e modernos.



THEATRO HEROINO,

E

ABCEDARIO HISTORICO DE MULHERES

Illuſtres em Sciencias, e Artes Liberaes.

Letra E.

I.

EUDOCIA

Emperatriz.

GOVERNAVA a Cadeira de Saõ Pedro o Papa Siricio natural de Roma, quando em Athenas Cidade de Grecia naſceo a illuſtre Eudocia no anno de Chriſto de trezentos noventa e cinco, e tendo por pay ao Filoſofo Leoncio, veyo a ter por

marido o Emperador Theodozio ſegundo. Com as virtudes aprendeo as letras humanas, que ſeo pay lhe enſinou com o cuidado, que merecia o raro engenho, e clara percepçaõ, que moſtrava na primeira idade. E paſſando a mayores eſtudos com applicada curioſidade ſe adiantou nos preceitos da Filoſofia, e regras da Mathematica, adquirindo entre os ſabios com merecida fama, illuſtre nome. Bem doutrinada em todo o genero de letras, que faziaõ mais avultadas as prendas naturaes de formozura, e diſcriçaõ, a veneravaõ em toda a Grecia por aſſombro eſpecial daquelle ſeculo.

Paſſava Leoncio os cançados annos da velhice na jactancioſa vaidade, e alegre complacencia de ver em Eudocia bem logradas as ſciencias no trabalho de ſeos eſtudos, quando o veſitou a morte com a ultima enfermidade. Com eſte conhecimento diſpoz como varaõ prudente dos bens da fortuna, repartindo igualmente pelos dous filhos varoens Genezio, e Valerio irmãos de Eudocia, ou Athenaes, nome, que lhe deraõ em o naſcimento, e depois mudou em o baptiſmo. E mandando entregar a Eudocia a limitada quantia de cem cruzados em moeda de ouro, diſſe, ou prediſſe com eſpirito preſágo do futuro: Que antes de dar-lhe fim lhe chegaria o tempo da ſua boa fortuna. Pareceo delirio, o que era pronoſtico; e paſſado aquelle tempo de apagar-ſe na memoria dos vivos a lembrança dos mortos, começou Eudocia a requerer

rer contra os irmaõs equidade em novas, e judiciaes partilhas. Correo na Grecia o pleito, e ſendo pelos juizes pronunciada a ſentença com attençaõ ao vaticinio do pay julgàraõ por legal eſta ultima vontade.

Sahindo Eudocia eſcuſada nas partilhas, com juſto ſentimento ſe partio a Conſtantinopla com huma tia, de quem ſe acompanhou com recatada honeſtidade, e heroica reſoluçaõ. E introduzida na preſença de Pulcheria Auguſta, irmãa, e tutora do Emperador Theodozio ſegundo, requereo de ſua juſtiça taõ dcutamente, que a Princeza admirando a formoſura, e diſcriçaõ de Eudocia, a mandou ficar em ſeo Palacio. Com o trato creſceo em Pulcheria o affecto às heroicas prendas da illuſtre Eudocia, que fazéndo-a cathequizar, e receber o baptiſmo a adoptou por filha, e depois deo a ſeu irmaõ por eſpoſa.

Outro principio daõ alguns Hiſtoriadores a eſta merecida fortuna de Eudocia, querendolhe attribuir mais nobre origem no admiravel Poema, com que Eudocia cantou as guerras, e vitorias do Emperador Theodozio contra os Perſas. Mas por fugirmos à impertinente critica dos mal affectos ao trabalho do proximo, como ſe faz improvavel a verdadeira opiniaõ, referimos, e naõ confutamos noticias controverſas com antiguidade de tantos ſeculos paſſados. Concordaõ porém todos, que fora o caſamento, eleiçaõ de Pulcheria (attendidas as qualidades da peſ-

ſoa) celebrado no anno de quatrocentos vinte, e tres, em que Eudocia contava vinte e oito de idade.

Alguns annos depois por voto, que fizeraõ os Emperadores peregrinou Eudocia aos lugares Santos de Jeruſalem, e ſendo recebida pelo Biſpo, Magiſtrado, e povo com as devidas acclamaçoens de grandeza, e alegria recitou a Emperatriz na preſença de todos huma Oraçaõ elegantiſſima, remunerando aos vaſſallos aquelle ſacrificio de lealdade, e liberalidade com ſe prezar muito de trazer a ſua origem daquella Provincia ſaudando-os, e louvando-os com palavras de agradecida, e acçoens de generoſa. Aqui foy viſitada por Santa Melania huma das primeiras filhas eſpirituaes, que propagaraõ o Monacato do Principe dos Patriarcas o Doutor Maximo da Igreja Saõ Jeronymo, que aſſiſtia à nova fabrica do Moſteiro de Santo Eſtevaõ, que a Religioſa Emperatriz com largas deſpezas acabou na ultima perfeiçaõ.

Foy a Santa recebida pela Emperatriz com a veneraçaõ, que fazia de ſuas virtudes já do tempo, que vagara em Conſtantinopla adquirindo grandes donativos para ſuſtentaçaõ, e fabrica de ſeos Moſteiros. Havia conciliado a Emperatriz hum cordial affecto a ordem do Doutor Maximo, e deſejando viver, e morrer na obſervancia Monacal deſte Santiſſimo Patriarca, voluntariamente ſe conſtituhio filha eſpiritual de Santa Melania, a quem imitou na vida, e depois

e depois lhe fez companhia na morte.

Partio Eudocia com Melania a viſitar os Santos lugares, e na retirada ſe achou preſente à Dedicaçaõ do Templo do Proto-Martyr Santo Eſtevaõ. Aqui recebeo a Emperatriz hum beneficio, e favor do Ceo pelas Oraçoens da Santa, reſtituindo a ſeo lugar hum pé, que ſe lhe tinha deslocado por malificio do Demonio, que permittio a Providencia para lhe remunerar as acçoens de piedade, com as melhoras de huma milagroſa ſaude, pois naquella perigrinaçaõ eſgotando os theſouros de ſua grandeza, deixou opolenta a neceſſidade dos pobres, enrequiceo de muitas joyas precioſiſſimas os Lugares em que ſe obrara a noſſa Redempçaõ.

Tendo conſumido, e gaſto o largo tempo de hum anno neſta religioſa peregrinaçaõ, voltou à Corte naõ ſó chea de merecimentos, mas tambem de grandes reliquias. O Biſpo Juvenal lhe deo as fachas, em que o Menino Deos fora envolto no Preſepio, as cadeas, com que Herodes prendeo a Saõ Pedro, as reliquias de Santo Eſtevaõ, que depois mandara colocar no Templo de Saõ Lourenço de Conſtantinopla.

Por todas as Cidades, e Villas do Imperio, por onde fez jornada a Emperatriz a feſtejáraõ com a meſma grandeza, que ſó excedeo Antioquia, erigindo-lhe huma eſtatua de metal, que diz Evagrio, ainda ſe conſervava em ſeo tempo. Chegando à Corte de Conſtantinopla nos principios de Janeiro de quatrocentos qua-

renta , e dous annos da era de Chriſto , por agradecimento aos grandes applauſos, com que fora cortejada a Emperatriz, mandaraõ Theodoſio , e Pulcheria ao Biſpo Juvenal hum precioſo donativo para repartir com os pobres , e para colocar no Oratorio do monte Calvario erigido por Santa Melania huma Cruz de ouro adornada de pedras precioſas.

Continuáraõ em perfeita uniaõ Eudocia, e Pulcheria até o anno de quatrocentos quarenta, e nove , que o Eunucho Cryſaphio deſejando meter a maõ no governo a malquiſtou com os Emperadores, e conſeguio retirarſe Pulcheria ao Palacio de Septimio com as irmãas, e Honoria ſua ſobrinha , que todas eraõ exemplares Princezas , penitentes Religioſas. Sette annos dependeraõ os intereſſes do Imperio das prudentes diſpoſiçoens de Eudocia , que fizeraõ ſuſpender as diſcordias de huma formoſa maçãa, que por ſer de grandeza extraordinaria o Emperador fez della preſente à Emperatriz, a Emperatriz offereceo-a a Paulino, e Paulino outra vez ao Emperador, que entrando em o delirio de mal ſuppoſtos ciumes, a Paulino reſultou a morte, a Eudocia o deſterro.

Era Paulino ſabio , e diſcreto , prendas, que o fizeraõ aceito , e bem viſto da Emperatriz, que ſentio por extremo a ſua morte, fazendo mais deploravel a innocencia , e menos calificado o ciume , acuſava de cruel o procedimento , que tirando a Paulino a vida, contra a boa

fama

fama da ſua honra, fazia ſepultar com as cinzas de hum vaſſallo prudente, e ſabio a opiniaõ de huma Emperatriz virtuoſa, e douta. Viveo a Emperatriz no deſterro até o anno de quatrocentos, e cincoenta e tres, em que morreo o Emperador, ficando viuva, deſenganada, e livre para eleger melhor eſtado, e com intentos mais heroicos paſſou a Jeruſalem a fazer-ſe Monja no Moſteiro, em que Melania vivèra Religioſa, morrera Santa.

Recebida, e profeſſa no Diſcipulado de Saõ Jeronymo perturbou grandemente a paz da Religiaõ enganada com os erros de Eutiques, que patrocinava poderoſa, defendia conſtante. Mas Deos que ſó conhece os coraçoens reſtituhio a Emperatriz a Fé Orthodoxa da ſua Igreja, fazendo-a entrar na duvida ſe ſeria falſo o artigo, que defendia como dogma verdadeiro. E conſultando a Saõ Simaõ Eſtalyta a mandou conferir com Santo Euthimio, reſpondendo-lhe neſta ſubſtancia: „Sabe, que o maligno vendo a „obra de tuas virtudes te acometeo para crivar-„te como trigo; e por aquelle peſtifero Theo-„dozio corrompeo tua alma; mas tem bom ani-„mo, porque naõ ha faltado tua Fé. Porém oc-„correme dizerte com admiraçaõ, como tendo a „fonte mais perto a deſprezes, e venhas taõ lon-„ge buſcar a meſma agoa? Lá tens o divino Eu-„thimio, que ſeguindo a ſua doutrina naõ er-„raràs.

Só em Euthimio, e ſeos Monges verdadeiros

ros filhos do Doutor Maximo ſe conſervava a pureza da Fé, incontraſtavel à furiola borraſca da hereſia, que abjurando legalmente a Emperatriz por ſeo conſelho, foraõ utiliſſimas as conſequencias da ſua converſaõ a todo o Monacato Paleſtino. E partindo a Jeruſalem buſcou o Biſpo Juvenal, como verdadeiro Paſtor, acompanhada de hum numeroſo exercito de Monges, que a ſeo exemplo abjuràraõ os erros da Ceita, que defendiaõ enganados para mais glorioſo triunfo da Fé, pois ſe viaõ os fieis unidos, os erros anathematizados.

Do dia, ou tempo de ſua converſaõ atè o da ſua morte viveo Eudocia, ou em Jeruſalem com as Monjas de Santa Melania, ou em Belem com as de Santa Paulina, trocando os lugares ſegundo a ordem, com que eraõ ſolemnizadas em cada hum dos Moſteiros as ſagradas ceremonias das feſtas. Empregava todas as ſuas rendas em edificar, e dotar Moſteiros, com que fez mais dilatada, e numeroſa eſta Congregaçaõ do Doutor Maximo. Erigia Hoſpitaes para os que paſſavaõ a Jeruſalem em peregrinaçaõ a viſitar os ſagrados Lugares: Fabricava Collegios para orfãos, e Hoſpitaes para os mendigos. Neſtes ſantos exercicios, e obras de perfeita caridade, que fizeraõ mais ſenſivel a ſua falta acabou Eudocia Emperatriz de Conſtantinopla, ſegunda deſte nome ſantamente o admiravel circulo de ſua vida, aos quinze dias do mez de Mayo do anno de quatrocentos ſeſſenta, e dous,

em

em que fazia de idade ſeſſenta, e ſette.

Foy ſepultada na Igreja de Santo Eſtevaõ, em que jazia Santa Melania, hum eſtadio de diſtancia para a Cidade de Jeruſalem, no meſmo lugar, em que o Santo fora apedrejado, no caminho do Monte Olivete, e margens do Rio Cedron, de que hoje ſó permanecem as memorias incorruptas, mais na tradiçaõ, e nos eſcritos, que nas ſuas ruinas. Os Templos, e Moſteiros, que edificou a Santa Emperatriz, e conſervaõ na tradiçaõ o nome foraõ eſtes. O de Santo Eſtevaõ, o da Torre de Eſcolario, o de Saõ Pedro, e o da Aſſumpçaõ edificado no lugar do Sepulchro de Maria Santiſſima, que milagroſamente fora deſcuberto em ſeu tempo, como tambem o de Saõ Jozé, Saõ Joaquim, Santa Anna, e de Simeaõ o Juſto; e a todos eſtes Santos lavrou aqui em particular Capella, illuſtre memoria. Todos os mais, que ſaõ nomeados nas vidas dos Padres daquelle ſeculo, ou idade, e ſe naõ reconhece Author, foraõ obras de ſua innata liberalidade, Catholica magnificencia. Cyrilo Jeroſolomitano na vida de Santo Euthimio diz, que eraõ tantos, que naõ ſeria facil reduzillos a numero.

Naõ foraõ menos heroicas as obras de ſeo grande engenho, e applicado eſtudo. Eſcreve Focio reduzira a metro os primeiros oito livros do Teſtamento Velho, que os doutos numeravaõ entre os Poemas famoſos. Compoz muitas Parafrazes Poeticas ſobre as Profecias de Daniel,

Zacharias, e outros Profetas. Tambem ſe lhe atribue a obra dos Centoens de Homero, de que teceo engenhoſamente a hiſtoria da Vida, Morte, e Paixaõ de Chriſto, ainda, que alguns criticos lhe negaõ eſte parto a ſeo grande juizo; mas quem ſoube ganhar taõ illuſtre nome, naõ ſendo proprio deſconheceria o filho por alheo, porque os roubos do engenho, ſaõ como os affectos do amor, e odio.

II.

ELENA PERES

NO ſitio de Monçaõ Praça fronteira ao Reyno de Galiza ſe ſinalou em acçoens de valor Elena Peres, que fazendo nobre o ſeu naſcimento deixou a ſeos deſcendentes o appellido illuſtre. Foy mulher de Joaõ Filgueira ambos naturaes da meſma Praça, que os Galegos ſitiaraõ com poderoſo exercito, de que era General o Marques de Viana em ſette de Setembro de mil ſeiſcentos cincoenta, e oito.

Governava a Praça de Monçaõ Lourenço de Amorim famoſo pela ſua defenſa, que durou quaſi cinco mezes com tanto aperto, e vigilancia do inimigo, que o Viſconde de Villanova, que era o General da Provincia do Minho já mais pode lograr occaſiaõ de introduzir na Praça algum ſocorro. Elena Peres com hum

chapeo

chapeo em a cabeça, e hum chuço em as mãos conduzia as outras matronas aos mayores perigos, humas vezes pelejando, outras vezes acudindo aos reparos da muralha, a curar os feridos, e enterrar os mortos. Naõ faziaõ os homens falta no lugar, em que ſe achavaõ eſtas valeroſas heroinas, de quem o tempo ſepultou com os nomes as memorias. Só de huma, aquem chamavaõ a Turca de alcunha, ſe conta, que andando pela Praça a tempo de ſe bater a muralha, huma balla de artilharia lhe lançou fora as tripas, que ella ſuſtentando animoſamente com as mãos ſem dar queixas da ſua diſgraça pedio, que a levaſſem para a Igreja do Eſpirito Santo.

Conduzida a eſte lugar ordenou, que hum pouco de dinheiro, que levava na algibeira, ſe lhe diſteſe em miſſas pela alma, que logo entregou nas mãos de ſeu criador, com bem notavel exemplo de Conſtancia. Igual valor animava o coraçaõ de Elena Peres, e ſuas companheiras, que em todos os accidentes deſte memoravel cerco, eraõ as primeiras nos trabalhos, e perigos.

No primeiro dia do mez de Fevereiro de mil ſeiſcentos cincoenta, e nove ordenou o Marquez de Vianna hum aſſalto geral, ſabendo, que na praça naõ havia mais de quinhentos homens, e muitos incapazes de tomar as armas, porque o ferro, e a fome os trazia bem cortados, ou deſfalecidos. Por muitas horas durou

o combate em porfiada reſiſtencia, mas cedendo a multidaõ ao valor dos poucos defenſores, naõ teve Elena Peres, e ſuas companheiras pequena parte no vencimento, porque tomando grandes pedras à cabeça, as lançavaõ do muro com tanta violencia, e dano ſobre os Galegos ſem temor das ballas, que choviaõ ſobre a Fortaleza, que ſenaõ deraõ, ajudaraõ a vitoria com huma grande mortandade.

Acautelados os Galegos com a ſua diſgraça, ou temeroſos do noſſo valor provado em tantos encontros, lavraraõ duas minas, e logo, que chegaraõ com ellas à ultima perfeiçaõ, ao ſom de trombetas, e atabales, fizeraõ chamada aos ſette de Fevereiro, e foy a primeira vez, que o valeroſo Governador em taõ largo aſſedio, negados os ſoccorros, deo conſentimento a partidos, porque já era temeridade, e naõ valor a reſiſtencia. Celebrados os pactos, ſahiraõ da Fortaleza o Governador, e ſoldados com todos os moradores, e Elena Peres com o ſeo eſquadraõ de heroinas com mais honra, que proveito dos inimigos, que ſe admiravaõ, vendo em corpos taõ deſpedaçados, eſpiritos inteiros.

III.

SANTA EUSTOCHIO.

NAõ conheceo Roma mais illuſtre naſcimento, que o da Virgem Santa Euſtochio pela uniaõ das mais eſclarecidas familias, que regeraõ o Imperio. Naſceo Euſtochio no anno de Chriſto de trezentos ſeſſenta, e nove auguſtiſſima deſcendente por ſeo pay Julio Toxocio de Eneas, e dos Julios, que foraõ Conſules, e Ceſares; e por ſua mãy Santa Paula de Agamenon Rey de Grecia, o que fez a Troya mais celebrada pelas cinzas. Aos dotes naturaes de nobreza, formoſura, e diſcriçaõ vinculou ſeo agudo, e vivo engenho, grande noticia das lingoas Latina, Grega, Hebraica, e Syriaca, adquiridas com applicado eſtudo para a liçaõ da Eſcritura ſagrada, de que teve naõ vulgar intelligencia, grande ſabedoria.

Teve por meſtre o Doutor, que foy Maximo na expoſiçaõ das Eſcrituras, e era tal a ſede, com que Euſtochio deſejava penetrar os ſegredos revelados por Deos nas Profecias, que a ſeos rogos eſcreveo os Commentarios ſobre Ezequiel. Eſta obra dedicou a Euſtochio o Santo Patriarca, de quem já era filha eſpiritual, e vivia com Santa Paula ſua mãy no Moſteiro, que fundára em Belem da Paleſtina, e podemos affirmar, que a Santa Paula, e a Santa Euſtochio deve a Igreja o muito, que eſte Santo trabalhou

em verter, e purificar a Eſcritura ſagrada.

Nos annos da mais enganoſa idade, pois ſó contava dezaſeis havia Euſtochio, e ſua irmãa Blezilla profeſſado a vida Monaſtica em companhia de Santa Marcella, que foy a primeira filha eſpiritual de Saõ Jeronymo, e que deo principio ao Monacato Romano, dedicando em Moſteiro huma quinta no ſuburbio da Cidade, ſendo o primeiro, que houve em Roma de Virgens a Deos conſagradas. Daqui paſſou a Belem com Santa Paula a fundar Moſteiro para ſua habitaçaõ, e das Virgens, que a ſeguiraõ, e recebida por Jeronymo, e ſeos Monges ordenados em dous coros, vertendo lagrimas, e cantando Hymnos, levaraõ a que vinha a ſer mãy, e amparo de todos ao lugar do Preſepio, em que Chriſto deo principio a noſſa Redempçaõ naſcendo. Saciados os deſejos de taõ larga, e perigoſa jornada com o logro, e poſſe de Belem por horas ſe adiantavaõ na perfeiçaõ conſagrando a filha como emula das virtudes da ſanta mãy ſeo rico patrimonio para edificaçaõ, e erecçaõ dos Moſteiros, e ſuſtento dos Monges, e das Virgens, que ſobiraõ a dilatado numero.

Com o trato familiar do Santo Patriarca ſe entregou Euſtochio à liçaõ da Eſcritura ſagrada com tanto diſvello, como ſe tivera de ganhar o ſuſtento pelo eſtudo, e applicaçaõ continua das horas, que lhe vagavaõ das occupaçoens do eſtado. Quanto aproveitava Euſtochio neſta liçaõ, e eſtudo das divinas letras explicou o San-

to

to Doutor no Proemio dos Commentarios de Iſaias, que lhe dedicou expreſſado neſta ſenteça, que naõ ſendo propria a fez natural: „ He „ elegante ſentença do diſcretiſſimo Orador, que „ ſeriaõ as artes felices, ſe julgaſſem dellas ſó os „ profeſſores; mas porque naõ pareça, que to„ mo o exemplo dos profanos, o direy melhor „ com outras palavras do Profeta: He bemaven„ rado, o que fala em os ouvidos, dos que ou„ vem, e deſta felicidade tu filha Euſtochio me „ fizeſte participante. Foy ſem duvida hum grande elogio da ſabedoria de Euſtochio ſupor Jeronymo, que ella entendia, o que elle profundamente dictava, e para comprovar o ſeo conceito refere hum reparo, que a Santa fizera em hum texto da Eſcritura, em que elle naõ tinha reparado. E ſendo Jeronymo o oraculo da Eſcritura, e o meſtre, que lhe dava a beber na precioſa taça de ſua eloquencia, o delicioſo nectar da divina palavra, pedio tempo para cuidar na repoſta, abonado encomio da perſpicaz agudeza, e naõ vulgar intelligencia da noſſa heroina.

No Pſalmo treze ha oito verſos, que principiaõ com a meſma narraçaõ, mas naõ ſe encontraõ no texto Hebreo, e menos em os Setenta Interpretes, e os cita Saõ Paulo à letra no capitulo terceiro da Epiſtola aos Romanos. Enſinava o Santo Doutor, que Saõ Paulo naõ referia texto dos Settenta, que naõ tiveſſe correſpondencia, ou conformidade com o Texto Hebreo,

breo, e a Santa arguia, que os oito verſos do Pſalmo treze ſe achavaõ citados na Epiſtola, mas naõ ſe achavaõ nos Settenta, e no Hebreo. E confeſſando Jeronymo o cuidado, que lhe dera a duvida, pedindo o termo de hum dia para a ſoluçaõ advertio, que o Apoſtolo ao terceiro verſo do Pſalmo, ajuntou diverſos Textos da Eſcritura, que juntos como o Apoſtolo os colocou, os introduzio o uſo da Igreja neſte Pſalmo, e aſſim verificou Saõ Jeronymo a ſua doutrina, Santa Euſtochio a ſua applicaçaõ, e eſtudo.

Naõ faltava Euſtochio pela liçaõ da Eſcritura às obrigaçoens do officio de Abbadeça, que pela morte de ſua mãy Santa Paula ſe lhe encarregou o governo de todos os Moſteiros da Paleſtina, que naõ ſó lhe deveraõ o exemplo das virtudes, mas ainda com o ſuſtento os preceitos da Regra, que Saõ Jeronymo à ſua inſtancia, e na ſua velhice, ordenou em quarenta, e hum capitulos no anno de quatrocentos, e vinte, como largamente prova o noſſo eruditiſſimo Croniſta Frey Paulo de Saõ Nicolao nos ſeos Siglos Jeronymianos, confutando, e convencendo os criticos ignorantes da hiſtoria Eccleſiaſtica.

No Proemio da regra, que o Santo Patriarca deo a Santa Euſtochio, e às outras Virgens diz neſta ſuſtancia: „ Voſſo affecto de piedo-
„ ſa caridade, e devoçaõ amantiſſima em o
„ Senhor, e Senhoras, Virgens ſacratiſſimas
„ de Chriſto Euſtochio, e as demais juntas na
„ Caſa

„ Caſa do Senhor de baxo do propoſito de Obe-
„ diencia, Pudicicia, Pobreza, e Religiaõ; ſol-
„ licita, e pede com demazia ao corpo inclinado
„ à terra, de que ſahio já frio em os membros,
„ e ao Velho de arrugada teſta, e quaſi protento
„ da natureza, para que a maõ tremula eſqueci-
„ da hum pouco da ſua velhice, no preſente livri-
„ nho enſine os juizos, e animos diſpoſtos ao
„ bem com o officio da penna, como algum tem-
„ po coſtumava fazer a lingoa, quando naõ eſ-
„ tava a voz desfalecida, e morta, norma, e
„ regra de viver para Deos: Naõ ao mundo,
„ ao eſpirito: Naõ à carne; e o que he mais
„ arduo, e dificultoſo, naõ a ſi meſmo, co-
„ lhida da Vida de Chriſto, e os Apoſtolos, e
„ tambem dos Santos Padres Anachoretas, que
„ tratey ſette annos nos Dezertos, achey que
„ deve ſer imitada, e celebrada com digno en-
„ comio de obſervancia: E pois he juſto o que
„ pedis a voſſo Pay, o outorgo, e faço, e ain-
„ da que a idade o nega, a caridade o obriga,
„ e aconſelha.

Neſtas dicçoens mal traduzidas, e em que ſeu Author perde muito da natural elegancia, que teve, veraõ os que ignoraõ a verdade, como Saõ Jeronymo fez regra para Monges, dividida, e ſeparada de ſuas epiſtolas, ainda que todas ſaõ huns eſpecialiſſimos documentos para a vida Monacal, e Religioſa. Entregou o Santo Patriarca eſte livrinho com o titulo de regra à Virgem Euſtochio, e foy a que guardàraõ

os ſeos Monges, tendo a duraçaõ de muytos ſeculos em naturezas mais robuſtas, que depois com o tempo envelheceraõ, desfalecendo em grande parte, pela eximia obſervancia de ſuas leys, e preceitos, ſe governàraõ depois, e ainda ſe governaõ pela de Santo Agoſtinho por menos riguroſa, mais bem obſervada.

Eraõ paſſados quaſi trinta, e cinco annos, que a Virgem Euſtochio deixara Roma, e vivia na Paleſtina, quando o Eſpoſo, que viera buſcar a Belem, a viſitou com a ultima enfermidade. Como naõ léra por toda a vida mais livros, que os da Eſcritura ſagrada, naõ ſe explicava em menos heroica fraze: Se morrera em noſſos tempos lhe podiamos applicar, e conferir o nome de Doutora, pois com menos ſabedoria a liſonja, ou devoçaõ tem apropriado eſte titulo com menos razaõ, e mais facilidade. O Santo Patriarca naõ ſem lagrimas de goſto, e alegria lhe aſſiſtio em ſeo glorioſo tranſito, que o Martirologio Romano celebra aos vinte, e oito dias do mez de Setembro, anno de quatrocentos vinte, e hum, aos cincoenta, e tres annos de idade. Foy ſepultada junto de ſuamãy Santa Paula em humilde jazigo à maõ direita da Lapinha, em que Chriſto naſceo. Ainda permanece hum Altar dedicado a eſtas Santas mãy, e filha, como ſinalando o lugar das ſepulturas menos nobres, e mais illuſtres, que as dos Ceſares, de quem eraõ deſcendentes.

IV.

IV.

EUFROZINA Alexandrina.

EUfrozina Alexandrina, Virgem muito douta, e Santa teve por pay a Pamphuncio varaõ nobre, na milicia mais illuſtre. Era Chriſtianiſſimo, e creou a Eufrozina na meſma ley, que profeſſava, dando-lhe meſtres para a educaçaõ das virtudes, e eſtudo das letras divinas, e humanas, que aprendeo facilmente adquirindo erudiçaõ, e eloquencia mayor, que ſe eſperava do ſexo feminino. Teve hum engenho, que lhe facilitou o eſtudo das belas letras, e a comprehençaõ das artes liberaes, que aprendeo chegando a conciliar a fama de erudita, o illuſtre nome de diſcreta.

Naõ era Eufrozina menos grave, e honeſta, que formoſa, prendas, que traziaõ a ſeo pay guſtoſo, a muitos Cavalheiros de Alexandria pertendentes, cuidando cada hum merecela por mais fidalgo, ou por mais rico. Houve hum entre tantos, que em dignidade, fidalguia, e riquezas mereceo a promeſſa de ter a Eufrozina por eſpoza; porém Deos, que a guardava para inſtrumento de ſua providencia, e bodas de mais alta gerarquia, permitio, que ſahindo de

caſa entraſſe em hum Moſteiro de Monges, que ficava pouco diſtante da Cidade. Vendo a ordem, e modo de vida, que obſervavaõ aquelles Monges lhe pareceo a propoſito para os exercicios de ſeo eſpirito, e com licença de ſeo pay ſe deteve tres dias naquelle ſitio, e habitaçaõ orando, e contemplando.

Levou-lhe os olhos, e roubo-lhe o coraçaõ aquella forma de vida monacal; e paſſados alguns dias querendo o Abbade daquelle Moſteiro celebrar o aniverſario da ſua ereçaõ ordenou, que ſe convidaſſe a Pamphuncio, que naõ duvidou honrar com a peſſoa a memoria daquella ſolemne acçaõ. Neſte dia teve a Santa Virgem lugar oportuno para cõmunicar ſeos heroicos penſamentos com hum Santo Monge, que chamou paſſando-lhe pela porta. E depondo com heroica reſoluçaõ o temor, que he natural ao ſexo, disfarçada em habitos de varaõ ſe acompanhou de ſuficiente quantidade de dinheiro para o fim, que levava. Sahio de caſa a furto dos criados, chegou ao Moſteiro fingindo, que era Eunuco do Rey, e ſe chamava Smeragdo. Pedio o habito, que lhe deraõ, e logo recebeo com grande jubilo de ſeo coraçaõ, deſempenhando em poucos dias o conceito, que tinhaõ feito de ſeo eſpirito, dando-ſe tanto deveras aos exercicios das virtudes, que a huns ſervia de exemplar, a outros de reprehençaõ.

Voltou Pamphuncio para caſa, e naõ achando Eufrozina, que amava, ſobre prendas

naõ

naõ vulgares, por filha unica, foy tal a triſteza depois de tantas diligencias, que ſe lhe temeo a morte. O natural colerico, e o animo embaraçado entre as paixoens de odio, e amor lhe ameaçavaõ a ultima ruina, ſe Deos, que tocara o coraçaõ de Eufrozina para o deixar por ſeo amor, naõ foſſe mais prompto em temperar as noſſas paixoens, que em punir os noſſos peccados.

Depois, que ſe vio cançado em diligencias humanas recorreo Pamphuncio às divinas; e buſcando triſte, afflicto, e choroſo o Abbade lhe rogou quizeſſe alcançar de Deos pelas oraçoens dos ſeos Monges noticia de ſua filha Eufrozina. Continuaraõ as rogativas a Deos por muitos dias, e hum delles lhe affirmou, que ſua filha na reſoluçaõ, que tivera de deixar a ſua caſa, e companhia naõ levara outro fim, mais que em ſervir melhor a Deos guardando perpetua caſtidade.

Huma vez, que Pamphuncio entrou no Moſteiro mais aflito, o Abbade, que eſtimava a Smeragdo por Santo, e deſejava aliviar o pay daquelle ſentimento o levou a falar-lhe; e com a ſanta converſaçaõ da filha, que naõ conheceo desfigurada com as penitencias, ſahio taõ conforme, e taõ alegre, que diſſe ao Abbade: „ Venho taõ edificado daquelle Santo Mon„ge, e me aparto delle taõ guſtoſo, que Deos „ ſabe, que lhe fico com tanto amor como ſe „ vira, e falara com minha filha Eufrozina.

Viveo a Santa trinta, e oito annos no disfarce daquelle habito; e na ultima doença, de que morreo foy ſeo pay a viſitala pedindo-lhe com novas expreçoens de dôr, que rogaſſe a Deos por ſua filha. Reſpondeo-lhe a Santa, que ſeria breve o prazo em que Deos tinha determinado fazer-lhe o goſto; porém que lhe rogava ſe detiveſſe tres dias no Moſteiro. Na eſperança deſte pronoſtico fauſto paſſaraõ os dias, e no termo em que Eufrozina conheceo, que era chegada a hora de entregar o eſpirito nas mãos de ſeo Eſpoſo, chamou o pay, e lhe falou neſta ſubſtancia: „ Agora que a minha vida ſe vay „ acabando naõ vos quero ter mais tempo ſuſ„ penſo, e triſte. Eu ſou voſſa filha Eufrozina, „ já me viſtes, tendes ſatisfeito o goſto, e eu a „ promeſſa. Porém rogo-vos por JESU Chriſto, „ que he meo Eſpoſo, e por cujo amor vos dei„ xey, que naõ permitaes, que meo corpo ſe„ ja viſto, nem tocado, acabando de aprefei„ çoar eſte voluntario Sacrificio. E paſſando a referirlhe ſuccintamente a hiſtoria, e forma com que ſe retirou àquelle Moſteiro, entregou ſeo eſpirito bemaventurado nas mãos de Deos o primeiro de Janeiro de mil duzentos, e dous dia, em que o Martirologio Romano celebra a memoria da ſua morte como Santa Virgem, que floreceo em a virtude da abſtinencia, e muitos milagres.

Foy o primeiro em hum Monge cego, que tocando o Santo corpo recebeo logo inteira viſ-

ta

ta na preſença de ſeo pay, que louvando a Deos nos prodigios, que obrava pelos merecimentos de ſua filha, e querendo gratificar-lhe tantos beneficios repartio logo pelos pobres todos os bens, de que era ſenhor. Voltou logo ao Moſteiro, e pedindo o habito, que lhe foy dado com grande contentamento dos Monges, e vivendo na meſma cella de Eufrozina por eſpaço de dez annos penitente, morreo Santo.

CATALOGO

V.

ERinna natural da Ilha Telia, fronteira a Gnido, que floreceo em tempo de Dionizio Syracuſano, foy taõ illuſtre Poetiza, que no engenho, doutrina, e elegancia igualou ao Poeta Homero. Eſcrevèo em Grego hum Poema de trezentos verſos, em muitos epigrammas de grande engenho, teve a breve duraçaõ de dezanove annos.

VI.

EGea Rainha das Amazonas, tendo paſſado de Libia a Azia com hum poderoſo exercito venceo as tropas de Qualmedon Rey de Troya, e deſtruio toda a campanha: Aſſollou todas as provincias por onde paſſava, e tendo recolhido grandes

des deſpojos tomou o caminho de Africa, e pereceo em huma tempeſtade.

VII.

ELenna Flavia Auguſta filha de Celio Rey de Inglaterra, foy doutiſſima, e eſcreveo hum livro da Divina Providencia, outro da immortalidade da Alma, com outras muitas obras, de igual doutrina, e erudiçaõ.

VIII.

ELucinda mulher Portugueza da Cidade de Coimbra foy caſada com hum dos principaes moradores da meſma Cidade por nome Arioviglido. Foy Elucinda acuſada de adulterio, mas provou heroicamente a ſua innocencia, livrando-ſe do falſo teſtemunho com ferro em braza, ſem queimar-ſe, ou fazer leſaõ alguma. Naquella idade obrou Deos milagroſos effeitos em deffenſa dos caſtos, e innocentes, que tomavaõ na maõ hum ferro ardendo, para ſe livrarem da pena capital, em que eraõ incurſos por eſte delito abominavel, ainda entre os gentios.

IX.

ERato ſe chamou huma das nove Muſas, que os Poetas invocaõ nas ſuas Poeſias, e tiveraõ o culto de Deoſas na antiguidade pela ſua gran-

grande ſabedoria em artes, e ſciencias. O Invento da Geometria ſe atribue a eſta Muſa.

X.

EUterpe he o nome de outra mulher, ou Muſa taõ deſtra no contraponto, e ſciencia da Muſica, que lhe deo o nome, que foy inventora dos inſtrumentos de boca.

XI.

EPonina mulher de Julio Sabino, que nas Galias a rogou aſi o titulo de Ceſar, padeceo com valeroſa conſtancia, inſuperaveis trabalhos: E ſendo pelo Imperador Veſpaciano condenada à morte, lhe diſſe com generoſa liberdade, que morreria contente, pois naõ tinha o diſgoſto de ver colocado em o ſolio hum perverſo Emperador.

XII.

EPicharis de mulher ordinaria ſe fez celebremente illuſtre, pela conjuraçaõ de Pizon contra o Emperador Nero. Deſcuberta a conjuraçaõ foy preſa com todos os mais complices, que facilmente cederaõ aos tormentos, chegando Lucano a deſcubrir ré da meſma culpa a propria mãy. Só Epicharis immovel aos afloites, ao fogo, e a outros martyrios ſepultou em ſeo

peito o ſegredo, que ſe lhe fiou, com inveja, mas ſem emulaçaõ.

XIII.

EUropa de Angoſciola celebrada Pintora, e natural de Italia, teve duas irmãns peritas na meſma arte, que todas floreceraõ no reinado de Felippe ſegundo de Caſtella, porque de huma por nome Sophonisba ſe ſervio a Rainha Iſabel ſua mulher.

XIV.

EUrydice mulher, e diſcipula do Filoſofo Poliano, ambos de incerta ceita, entende Jonſio, que era filha de Plutarco. De outra Eurydice natural de Eſclavonia Ilha junto do mar de Veneza eſcreve Plutarco, que ſendo já de provecta idade ſe applicou aos livros, e eſcreveo alguns nobres Epygrammas.

XV.

EUdocia mulher de conſtantino Paleologi, filho ſegundo do Emperador Paleologi, era de grande formoſura, e taõ douta na Filoſofia, e de tanta erudiçaõ nas letras humanas, que era comparada pelos homens ſcientes a Hypatia, e a Theano.

XVI.

XVI.

EUfrozina Joanna natural de Elvas, era moça de ſervir, etaõ formoſa como caſta, disfarçando o ſexo de mulher com trage de varaõ, ſe auzentou fugitiva da ſua patria para a Cidade de Lisboa, a refugiar-ſe de huma tenaciſſima ſolicitaçaõ de peſſoa poderoſa, e principal, que provando-lhe o animo primeiro com dadivas, chegou depois a querela reduzir com a meaços, poderia manchala com violencias. Veyo a falecer a dezaſeis de Fevereiro de mil ſeiſcentos oitenta, e ſeis na breve idade de dezouto annos com boa opiniaõ, e milhor palma.

XVII.

EUnomia filha de Nizario Rethorico igualou a ſeo pay na eloquencia, e mais partes da Oratoria, em que foy celebre naquelle ſeculo.

XVIII.

EUgenia filha de Felippe Romano foy muito douta nas artes liberaes.

XIX.

ELiſabetta Abbadeça de hum Convento de Saõ Bento, Virgem de vida Santiſſima, e que teve muitas revelaçoens, foy muito douta

nas divinas, e humanas letras. Eſcreveo hum livro dos caminhos para chegar a Deos: Outro das onze mil Virgens: Dous da diverſidade de revelaçoens: Hum de varias epiſtolas a diverſas peſſoas, e a diverſos fins: Dous de varios aſſumptos dedicados a hum ſeo irmaõ Abbade de hum Moſteiro da meſma Ordem; e a Santa Hile de Guardem; e outras muitas obras de grande ſabedoria, e doutrina. Morreo em mil cento ſeſſenta, e cinco a dezouto de Junho, de idade de trinta, e ſeis annos.

THEATRO HEROINO,
E
ABCEDARIO HISTORICO
DE MULHERES
Illuſtres em Sciencias, e Artes Liberaes.

Letra F.

I.

FELIPPA
Princeza.

O PRINCIPE de Eſpinoy natural de Flandes teve por mulher a Princeza Felippa, ou Maria de Zalaigne, que he o nome com que refere as ſuas açcoens heroicas o Cardeal Bentivoglio. Era filha de Maria de Montmoranci (pode ſer a

cauſa deſte erro do Cardeal, attribuindo, e dando à filha, o nome da mãy) e irmãa do Conde de Horn, de formoſura, e valor bem dotada, como experimentou no ſitio de Tornay Alexandre Farnezio General do exercito de Eſpanha, e filho de Margarita Auſtriaca, que teve por pay o Emperador Carlos quinto, e por irmaõ a Felippe o Prudente, ſegundo do nome na Coroa de Caſtella. Achava-ſe o Principe de Eſpinoy, e Governador de Tornay, com o Principe de Orange cabeça dos hereges levantados, quando Alexandre Farnezio vitorioſo delles voltou as armas nos primeiros dias do mez de Outubro ſobre Tornay capital dos hereges.

A Princeza Felippa, que ſe achava dentro fazendo o officio de valeroſo, e experimentado Capitaõ, retardou por muitos dias o orgulho do exercito Real, e vitorioſo. Havia na Cidade, e Fortaleza pouca gente de guerra, ainda que bem povoada de moradores, e como eraõ quaſi todos hereges, os animou à defenſa por parte da Religiaõ com a palavra, e com o exemplo, provendo-os de armas com valor, e diſciplina. Feriaõ-ſe com obſtinada reſiſtencia cercadores, e cercados, e a Princeza os animava, achando-ſe em todos os perigos, fazendo humas vezes o officio de Capitaõ, outras o de ſoldado. Naõ ſe achava menos a peſſoa do Principe, porque a Princeza varonilmente vigilante, e cuidadoſa em defender a Cidade, naõ faltava com a preſença louvando a huns, ou premeando a outros.

A reſiſ-

A reſiſtencia dos defenſores, perſuadio a colera dos inimigos a lavrarem minas, que chegando a perfeiçaõ de lhe darem fogo, ſe abalou o campo para o aſſalto da brecha, com os inſtrumentos, que facilitaõ a empreza. Durou por muitas horas o combate indifferente no vencimento, com mortandade da melhor gente de huma, e outra parte. Sinalou-ſe a Princeza neſte dia, pelo eſforço, com que chegava ſem temor aos perigos, lembrando aos Soldados a gloria do triunfo, e da Religiaõ, enſinando-os com o exemplo a deſprezar a vida pela liberdade da patria. Naõ foy a Princeza dos ultimos defenſores, que ſe arrojàraõ à brecha depois, que o vento eſpalhando o fumo daquelle artificioſo terremoto, deo lugar aos olhos para verem as ruinas, que haviaõ de formar porta para a vitoria aos vencedores, ou ſepultura aos vencidos. E pelejando corpo a corpo diſputou a vitoria, que venceo até lhe cuſtar muito ſangue, ficando ferida, ainda que levemente.

A pezar da vigilancia do General Farneſio, entrou a Cidade o Princepe de Eſpinoy, com hum ſocorro de gente chegada de Eſcocia. Deraõ preſſa os inimigos às minas começadas, apertando o cerco cada dia mais com dobradas guardas. Os Cidadaõs de Tornay, ainda que vitorioſos, entràraõ a deſconfiar da empreza, julgando da condiçaõ do General, arriſcaria todo o exercito por conſervar a honra em ganhar a Cidade. E tratando-ſe entre o Governador, e General dos partidos,

dos, com que ſe havia de entregar, a Princeza com affectadas condiçoens, foy dilatando o complemento do tratado, pelo entranhavel odio, que tinha aos Caſtelhanos, naõ ſó porque perdia hum riquiſſimo patrimonio, mas pela morte de ſeu tio o Conde de Horn, que mandàra degollar o Duque de Alva, ſendo Governador em Flandes. Feitos os pactos com a ſolemnidade coſtumada, mandou o General tomar poſſe da Cidade, pelo irmaõ da Princeza, e comprimentala da ſua parte; mas tanto, que ella vio o irmaõ, chea de ferocidade, diſſe: „ Que ſe hou„ vera premeditado aquelle encontro, pegaria „ fogo a Tornay pelas quatro partes, e ſe arro„ jaria ſobre as chamas. O General a recebeo com grandes honras, aſſim pela peſſoa, como pelo esforço, com que tinha defendido aquelle ſitio, que ainda ſe pudera ſuſtentar por muitos tempos, ſe os Cidadaõs permaneceraõ no primeiro valor, porque he huma das Cidades daquella Provincia a mais populoſa, e defenſavel.

He celebre pela grandeza, e formozura; forte pela ſituaçaõ. Tem reſiſtido a grandes ſitios dos Francezes, e dos Inglezes. Divide-a pelo meyo o rio Eſchalda. He cercada de fortes muralhas, fortalecidas com ſeſſenta, e oito Torreoens, e hum foſſo de agua do rio, que quaſi a cerca, defendida de onze rebellins ſeparados hum pouco dos muros, e cada hum com ſua ponte. Henrique oitavo de Inglaterra, quando a conquiſtou aos Francezes fez levantar na mar-

gem

gem do rio hum Caſtello, que a defende por todas as partes. Os Cidadaõs ainda, que entregues ao comercio, he gente feroz, e guerreira. Neſte grande Theatro da Cidade de Tornay adquirio a valeroſa Princeza de Eſpinoy Felippa Zalaigne a fama, com que ainda agora em tantos ſeculos paſſados eſtá illuſtrando a patria, o nome, e o appellido.

II.

DONA FELIPPA Infanta.

A Infanta Dona Felippa filha dos Infantes D. Pedro Duque de Coimbra, Regente do Reyno, e filhos dos Reys de Portugal D. Joaõ o primeiro, e Dona Felippa de Lancaſtro; e Dona Iſabel de Aragaõ, filha de D. Jayme ſegundo Conde de Urgel, naſceo em a Cidade de Coimbra no anno de mil quatrocentos trinta, e ſette, governando a Cadeira de Saõ Pedro Nicoláo quinto. Aprendeo as primeiras letras facilmente, e moſtrando bom engenho, e melhor habilidade, ſeos pays a fizeraõ applicar a mayores eſtudos, dando-lhe meſtres, de quem aprendeo algumas lingoas, adquirio grandes ſciencias.

Traduzio de Latim em Portuguez algumas obras de Saõ Lourenço Juſtiniano; e da lingoa Franceza traduzio tambem na vulgar hum

livro de Homilias, e Euangelhos de todo o anno, com algumas lendas, e vidas de Santos, admirando-ſe debuxadas à penna, com grande primor da arte, as imagens, e figuras dos myſterios, de que fallava o Texto. Conſerva-ſe ainda manuſcrito no Real Moſteiro de Odivellas com a veneraçaõ, que pede a obra pela materia, e ſingularidade do arteficio: Naõ menos pela memoria de viver naquelle Moſteiro dezaſette annos em Religioſa obſervancia, ſem eſtar ligada aos vottos, e preceitos do eſtado Monacal, que nelle ſe profeſſa, como verdadeiras filhas do melifluo Doutor, e Patriarca Saõ Bernardo.

Na liçaõ da Eſcritura, e Santos Padres ſe divertia com goſtoſa, e continua applicaçaõ, e eſpirituaes documentos, de que ſe achavaõ enriquecidas algumas obras, que ſe acharaõ por ſua morte de grande piedade, e ſagrada erudiçaõ. Faleceo com grandes virtudes, e vida exemplar aos onze dias do mez de Fevereiro, de mil quatrocentos noventa, e tres, contando cincoenta, e ſeis annos de idade. Jaz ſepultada em humilde jazigo na Sanchriſtia do Moſteiro de Odivellas.

III.

FRANCISCA DE PONCIANIS.

EM Roma theatro univerſal da mais eſclarecida nobreza, centro da mais calificada Santidade, naſceo no anno de mil trezentos oitenta, e quatro, a nobiliſſima heroina Santa Franciſca de Poncianis, occupando a Cadeira de Saõ Pedro Urbano ſexto, e o ſolio do Imperio Occidental Vvenceſlao. He mais conhecida, e celebre pelo ſobrenome de Viuva, e Romana, que lhe deo a patria, que pela nobreza de ſeo eſpoſo Lourenço de Poncianis. Naõ foy menos illuſtre pela nobreza de ſeos pays Pedro Boſco, e Jacobela de Rofreſdichi, iguaes em riqueza, e fidalguia, que a Santa adiantou com ſuas virtudes, e fez memoravel a todos os ſeculos com eſta abreviada memoria de ſuas acçoens famoſas.

Ainda era caſada quando ſe fez irmãa da Ordem Terceira de Saõ Franciſco, como prova douta, e elegantemente o grande Cornejo Croniſta da meſma Ordem do Reyno de Caſtella. Sendo já viuva fundou o Convento de Torre de Eſpelhos, e nelle entrou a profeſſar a regra de ſeo Patriarca Saõ Bento, com as filhas de ſua diſciplina aos ſeis dias do mez de Janeiro da era de Chriſto de mil quatrocentos trinta, e tres.

Alli accodiaõ os deſeſperados dos remedios humanos, e recuperavaõ a ſaude, ou fazendo-lhe o ſinal da Cruz aos infermos incuraveis, ou applicando-lhe as meſinhas conducentes aos achaques, porque na ſciencia da Medicina teve tantas perfeiçoens, que deixou eſcrito hum antidoto admiravel, e efficaz para muitas enfermidades. Jozé Donzali a colocou no Catalogo dos Santos Medicos; e Arturo Croniſta da Ordem Serafica no Catalogo dos Eſcritores da Religiaõ, como filha da Ordem Terceira.

Foy muito celebre naquella idade em virtudes, e milagres em todos os quatro eſtados, de Donzella, Caſada, Viuva, e Religioſa, ſendo em cada hum, exemplar a hum, e outro ſexo. Teve o dom de Profecia, com que prediſſe muitas couſas futuras, como tambem o dia de ſua morte precioſiſſima, falecendo aos nove de Março, de mil quatrocentos, e quarenta, em que celebra o ſeo naſcimento o Martyrologio Romano com rito duplez.

IV.

FABIOLA Romana.

FAbiola Romana, e deſcendente da antiquiſſima, e nobilliſſima familia dos Fabios, que deo a Roma tantos heroes, foy huma das heroinas, que bebeo na fonte de Belem a intelligencia da Eſcritura ſagrada

da, com grandes elogios do Doutor Maximo ſeo meſtre, e Patriarca.

Contava poucos annos quando ſe caſou com hum mancebo Romano de igual nobreza, mas taõ vicioſo, que foy repudiado por Fabiola conforme as leys dos Ceſares; e admitindo ſegundas bodas com eſcandalo do Chriſtianiſmo, e contra as leys do Euangelho, naõ muito depois deſatada do vinculo deſte matrimonio pela morte do marido, voltando os olhos ſobre ſi chorou a ſua culpa veſtindo-ſe de ſaco, e cilicio, fazendo publica penitencia como era coſtume na primitiva Igreja, e ſe uſava ainda naquelle ſeculo.

Com admiraçaõ de Roma renunciou o mundo com ſuas pompas, e riquezas, em as mãos de Occeano diſcipulo de Saõ Jeronymo, que foy o primeiro meſtre do eſtado Monacal, que profeſſou ao modo daquelle tempo, antes de viver em clauſura. Logo fundou naquella Cidade hum Hoſpital para enfermos, e foy o primeiro padraõ da caridade, que ſe levantou a eſta virtude, para exercicio, e fundamento das mais, que teve em gráo heroico, ou eſtado perfeito.

Já era Roma eſtreito mapa para ſe eſcreverem as obras de ſua piedade, naõ havendo pobre, enfermo, ou Moſteiro de Monges, ou Virgens, que naõ gozaſſe dos diſpendios de ſua riqueza, tributos de ſua liberalidade. Paſſando a peregrinar pelas Ilhas, e mar de Toſcana, Provincia dos Volſcos, veſitou os Moſteiros, que

muitas vezes ſocorrera, com profuſa liberalidade, deixando-lhe largas eſmolas. Daqui partio a Jeruſalem com deſejo de communicar, e aprender de Jeronymo a ſciencia das Eſcrituras.

Chegou a Belem, e ſendo recebida pelo Santo Patriarca, com affectos de filha, e reſpeitos de taõ grande Senhora, ſe recolheo ao Moſteiro de Paula, e Euſtochio, em nobreza muito iguaes, em ſangue, e parenteſco muito ſemilhantes. Corria pelas veyas da meſma aſcendencia a purpura dos Ceſares, com que mutuamente ſe illuſtravaõ, e prendiaõ. Acudia promtamente à liçaõ das Eſcrituras, que Jeronymo explicava todos os dias depois de Noa em o grande Gimnazio, ou claſſe, que ainda hoje ſe moſtra aos peregrinos, que viſitaõ aquelles lugares ſagrados, e para conſeguir a verdadeira intelligencia, propunha queſtoens, e duvidas, a que o Santo reſpondia goſtoſo de ver o applicado eſtudo de Fabiola, revolvendo continuamente os Oraculos das Profecias, e Euangelhos.

Intentava Fabiola fundar hum Moſteiro junto da ſagrada Lapinha, e como acha-ſe ocupado todo aquelle deſtrito com os tres, que Paula havia fundado para Virgens, e hum para Monges, e naquelle tempo corria a voz, de que os Hunos, gente barbara, e feroz intentava evadir, e ſaquear Jeruſalem ambicioſos de ſangue, e riquezas, ſe voltou a Roma, e fundou hum Moſteiro, que ſe chamou de Fabiola, onde viveo, e morreo Santamente; e ainda que

ſe

ſe ignora o dia de ſeo tranſito, e poriſſo ſenaõ acha eſcrito ſeo nome em o Martyrologio Romano, conjecturaſe que foy no anno de quatrocentos, e dous. Mereceo que Saõ Jeronymo foſſe o hiſtoriador de ſua vida, e lhe eſcreveſſe o epitafio na morte.

V.

D. FELICIANA EUFROZINA DE SAÕ JOZÉ

DOna Feliciana Eufrozina de Santoro filha do Doutor Joaõ Baſilio de Santoro, parente muy chegado dos Senhores de Alcanadre em a Rioja, e hum dos mais famoſos letrados, que teve Eſpanha em Theologia, e direito, e de Dona Anna Lopes de Olloqui natural de Villa-Franca de Navarra, de illuſtre geraçaõ, naſceo em a Cidade de Calahorra aos ſette de Março de mil quinhentos ſeſſenta, e quatro, às duas horas da madrugada. Antes de ſahir à luz eſte feliciſſimo parto, ſe encontrou ſua Mãy com o Santiſſimo Sacramento em huma rua da Cidade, e ajoelhando para o adorar, ſentio em ſeo ventre huns extraordinarios ſaltos, e movimentos, que dava a creatura, adorando, como o Baptiſta no Ventre de Iſabel, aquelle meſmo Senhor, indicio miſterioſo da futura ſantidade de Dona Feli-

ciana,

ciana Eufrozina, nomes que lhe pozeraõ no baptiſmo com eſpecial acordo, preſago auſpicio.

Foy de taõ dilicado entendimento, e claro juizo, que em breve tempo, e em menos annos aprendeo a ler, eſcrever, e os rudimentos da Religiaõ Chriſtãa, que parecia mais que humana ſua comprehençaõ, milagroſo ſeo eſtudo. Já daquella idade paſſava da letra à intelligencia, formando moralidades, deſtribuindo em claſſes os ſucceſſos do novo Teſtamento, e ſabia propor, e deſtinguir com methodo as cathagorias das hiſtorias, e ſem recorrermos a milagre, foy o entendimento deſta feliz mulher, hum como milagre da natureza, extraordinaria execçaõ do ſexo feminino.

Sendo illuſtrada por Chriſto ao deſprezo do mundo quaſi na idade de oito annos ſe cingio de huma corda de eſparto, que muitos annos teve por cilicio. Abrazava tanto ſeo coraçaõ o deſejo de ſer Religioſa, que negando-lhe ſeo pay eſta licença, e para ſe veſtir de habito humilde, e penitente, exortando-a ao eſtudo da Grammatica, que disfarçandõ o ſexo com habitos de varaõ, ſahio de caſa no mayor ſilencio de huma noute, e tomou o caminho de Tudela a buſcar habitaçaõ para deſafogo de ſeo eſpirito no Convento de Santa Clara, onde a recolheraõ duas tias Religioſas, com grande contentamento pela heroica reſoluçaõ de Dona Feliciana em annos de tantas eſperanças, com prendas

prendas de taõ avultada capacidade.

Era de taõ vivo engenho, que gaſtando parte das noutes em ler a ſua mãy a vida de algum Santo, naquella em que tinha tratado retirarſe da ſua companhia, lhe leo a vida de Santa Eufrozina, que abrazada do Amor Divino, e fugitiva da caſa de ſeos pays viveo em foraſteiro trage, e disfarçado ſexo, ſervindo a Deos muitos annos em hum Moſteiro de Monges, querendo deixar-lhe a memoria freſca deſtas eſpecies, para que naõ morreſſe de ſuſto na ſua auſencia, ſentiſſe menos a ſua falta, pelo heroico motivo da ſua partida.

Naõ teve effeito a reſoluçaõ varonil de Dona Feliciana, porque naõ era aquelle Convento, ou Religiaõ em que Deos ſe queria ſervir della como eſpoſa; e voltando com ſeo pay a viver na ſua obediencia, por alguns annos ſe lhe offereceo ler as obras de Santa Thareza, e ſe inflammou tanto em ſer filha ſua, que chegou a conſeguir de ſeos pays licença, da Ordem o conſentimento. Tomou o habito no Convento de C,aragoça em dia da Natividade de Noſſa Senhora, do anno de mil quinhentos oitenta, e oito, contando vinte, e quatro de idade, com o ſobrenome de Feliciana Eufrozina de Saõ Jozé. Viveo na Religiaõ ſeſſenta, e quatro annos como exemplar de todas as virtudes, e com fama de grande ſantidade provada com muitos milagres, faleceo aos ſette de Junho do anno de mil ſeiſcentos cincoenta, e dous, tendo de ida-

de pouco mais de oitenta , e oito annos.

Illuſtrou Deos o entendimento deſta Virgem com o dom de Profecia , e ſciencia infuza. Deixou eſcritas muitas relaçoens , que os Prelados lhe mandavaõ compor , obrigando-a com preceitos , mas naõ conſeguiraõ o beneficio da eſtampa , que ſó chegou a lograr hum admiravel tratado , que ſe intitula : *Recreaçaõ eſpiritual*, ordenado em hum Dialogo de cinco Religioſas , e ſe divide em vinte capitulos , obra de tanta diſcriçaõ , e doutrina , para a pratica de ſeo eſtado , que qualquer Religioſa Carmelita deſcalſa com a liçaõ deſte livro eſcuſa a de outro ; e chegando à maõ de Dom Miguel Baptiſta , porque era dedicado a duas filhas Religioſas do meſmo Convento , com o parecer dos primeiros ſogeitos do Reyno de Aragaõ o fez imprimir à ſua cuſta, em a Cidade de Saragoça , no anno de mil ſeiſcentos cincoenta , e quatro.

VI.

FRANCISCA MARIA.

EM huma Villa do Biſpado de Grigento chamada Alexandria , no citio do Vale de Mazara do Reyno de Secilia , naſceo a dez de Março de mil ſeiſcentos trinta , e nove, Franciſca Maria filha de Domingos

mingos Furia, e de Margarida de Girlando, de condiçaõ peblea. No Baptiſmo teve o nome de Felippa; e confeſava ſua mãy naõ ſentira com eſte feto o peſo, e moleſtia, que ſentira com os outros filhos, e bem ſe moſtrou que era dado pelo Ceo, porque naõ ſe ouviraõ em ſeo naſcimento, os clamores com que entraõ neſte deſterro do mundo os filhos de Adaõ, imitando do ventre da mãy ſua Madre, e meſtra Santa Roza.

Entre as fachas lhe achou eſcondido ſua mãy o nome de JESUS eſcrito em hum papel, ſem ſaber a maõ, que alli o depoſitara. De tres annos já rezava as oraçoens do Padre Noſſo, e Ave Maria, ſem preceder enſino dos pays, ou de outra peſſoa, mas admirados, e confuſos reſpeitavaõ naquella menina a poderoſa maõ de Deos, que nella obrava, contra a ordem da natureza, ſem tempo aquellas maravilhas, e milagres. Com os annos ſe fizeraõ mais publicas, e crecidas as virtudes, e prendas em Franciſca Maria, porque ſem aprender a bordar o fazia com tanto primor, que teve muitas diſcipulas de ſua habelidade, e depois ſe conheceo lhe fora dada ſciencia infuza, e dom de ſabedoria; porque falava nos myſterios da fé com os termos das eſcolas, e admiraçaõ de muitos Theologos de varias Religioens, que a communicavaõ preſos de ſeos diſcurſos, goſtoſos de ſuas repoſtas.

Inquietaram ſeos pays o fervor de ſeo eſ-

pirito com as conveniencias do eſtado conjugal, mas ella ſempre firme em conſervar a joya de ſua virgindade, triunfou do inimigo commum das virtudes, alcançando licença de ſeos pays para viſtir, e profeſſar o habito da Terceira Ordem de Saõ Domingos. Sempre a eſta virtude andou vinculado o dom de Profecia, de que foy enrequicida, e entre os grandes favores, que o Senhor lhe concedeo, foy huma viſivel communicaçaõ das dores, e ſentimento da ſua Paixaõ em os lugares, em que teve as chagas, ainda que ſem os ſinaes exteriores, e viſiveis. A Coroa de eſpinhos foy-lhe dada aos quinze de Novembro de mil ſeiſcentos ſeſſenta, e nove com humas intenciſſimas dores, que lhe duraraõ até a morte, que foy aos quinze dias do mez de Setembro de mil ſeiſcentos, e ſettenta, em idade de trinta annos, obrando Deos por ſua interceſſaõ muitos milagres, que lhe deraõ cultos de Bemaventurada, veneraçoens de Santa.

VII.

FARNCISCA DE BERTAUT.

FRanciſca de Bertaut Motteville naſceo em Pariz em mil ſeiſcentos, e quinze, como ſe tira das memorias, que eſcreveo de Anna de Auſtria Rainha de França, dizendo, que em mil ſeiſcentos vinte, e dous contava

contava ſette annos de idade. Como ſe criou no Palacio deſta Princeza lhe mereceo particular attençaõ pelo entendimento, e pelo agrado, cabendo-lhe com ſua mãy parte dos trabalhos, que tiveraõ as validas da Rainha no deſterro, que lhe foy deſtinado para Normandia: Donde caſou com Nicoláo Langlois de Motteville, primeiro Preſidente da caſa dos Contos, Magiſtrado de grande reſpeito naquella Provincia, mas de idade taõ crecida, que em dous annos de caſada ficou viuva.

Em nobreza foy muito illuſtre, porque era ſobrinha de Joaõ Bertaut Biſpo de Sées, e Cappellaõ Môr de Catharina de Medicis Rainha de França, que morreo em mil ſeiſcentos, e onze, e foy autor de hum livro de verſos Francezes, que correm impreſſos. Era ſeo pay Pedro Bertaut gentil homem ordinario da camera de ElRey, e ſua mãy Luiza de Beſſin de Mathonvelle filha de Carleta de Saldanha illuſtre caſa de Caſtella.

Pela morte de Luiz treze, foy a Raynha Anna de Auſtria declarada Regente do Reyno, e voltando logo à Corte concedeo a Madama Motteville o terceiro lugar no Paço entre as Senhoras, que a ſerviaõ. Porèm a reſoluçaõ com que huma ſua irmãa mais moſſa entrou Religioſa no Convento da viſitaçaõ de Pariz, amando-ſe reciproca, e inexplicavelmente lhe inſpirou o deſejo de tambem deixar o mundo, pela occaſiaõ de hum novo Convento deſta Or-

dem, que mandou fundar em Challot junto a Pariz Henriqueta de França, Rainha de Inglaterra pelas ſuggeſtoens de Madama de Motteville.

Como teve grande parte na magnanimidade da Rainha, logo que as Freiras tomaraõ poſſe do edificio, querendo moſtrarlhe reconheciaõ a obrigaçaõ no agradecimento, lhe deraõ o titulo de Bemfeitora ſecular, que a ſua generoſidade naõ aceitou antes de lhe offerecer huma conſideravel ſomma de dinheiro com huma tença vitalicia. Ainda que naõ tomou o habito ſe retirava muitas vezes para eſte Convento a cuidar com mais tranquilidade nos intereſſes de ſeo eſpirito, que entregou a Deos em Pariz aos dezanove de Dezembro de mil ſeiſcentos oitenta, e nove contando ſettenta, e quatro annos de idade.

O grande amor, que teve à Rainha Anna de Auſtria mulher de Luiz treze, e a fedilidade, com que a ſervio obrigaraõ a Madama Motteville a eſcrever a hiſtoria de ſua vida, obſervada regularmente em todas as acçoens, e com tanta particularidade, que fazem ſer mais eſtimaveis as memorias, que deixou eſcritas deſta Princeza em cinco volumes de doze, impreſſos em Amſterdaõ no anno de mil ſettecentos vinte, e tres; e falſamente ſe lhe attribue huma hiſtoria de Henriqueta de Inglaterra, Duqueza de Orleans.

VIII.

VIII.

D. FELICIANA DE MILLAÕ.

DOna Feliciana de Milaõ famoſa heroina da noſſa idade pelos ſeos Apothemas, e diſcretas agudezas, naſceo em Lisboa de pays incertos em oito de Outubro de mil ſeiſcentos trinta, e dous. Aprendeo algumas lingoas, e das letras humanas teve boa noticia, como ſe deixa admirar em muitas obras deſta heroina Portugueza, que em creſcidos annos recebeo o habito de Freira no Convento de Odivellas, que he da Ordem de Saõ Bernardo, de quem foy digniſſima filha pelo engenho, juizo, diſcriçaõ, e erudiçaõ.

Foy huma das Poetizas, que floreceraõ naquelle ſeculo com applauſo commum dos filhos da Cabalina. Eſcreveo hum diſcurſo muito dilatado, e muito erudito ſobre a pedra Filoſofal, e correm pelas mãos dos curioſos muitas Epiſtolas diſcretas, e doutas, que bem mereciaõ o beneficio da eſtampa, para ſe conſervar com a memoria das ſuas diſcriçoens, os partos de ſeo fecundiſſimo juizo.

Naõ era menos acertada, nem lhe ſeria menos glorioſa a colleçaõ de ſuas Epiſtolas, do que lhe eſtá ſendo a de alguns Apothemas, que correm impreſſos, e ſempre, que ſe lem, ou ſe refe-

referem, fazem ſaudoſa a ſua memoria, moſtrando o pico, a graça, e a diſcriçaõ de Dona Feliciana. Algumas conſerva a minha curioſidade com menos ambiçaõ, do que goſto, mas já que naõ poſſo honrarlhe a memoria com eſte beneficio, referirey grande parte dos ſeos Apothemas, porque ſe achem juntos neſta abreviada eſcritura de ſuas acçoens illuſtres, para que ſe conſerve a todos os ſeculos incurrupta a ſua fama, immortal a ſua gloria.

Querendo entrar na Igreja da Trindade, ſendo ainda ſecular, em huma feſta de grande concurſo, mandou à criada, que foſſe diante fazendo-lhe caminho. Eſtava hum Deſembargador na porta, que tinha por alcunha o Malmede, e era filho de huma colarexa, e dando na criada hum beliſcaõ, lhe diſſe Dona Feliciana: „ Naõ apolegue voſſa merce a fruta, que „ naõ hade comprar; e reſpondendo elle, com menos diſcriçaõ, e politica: „ Sim compra„ rey, que tenho dinheiro para iſſo, voltou ella a dizerlhe: „ Mal mede voſſa merce as peſſoas, „ com quem falla.

Chamando em huma occaſiaõ o Senhor Rey Dom Affonſo ſexto a Dona Feliciana Eva, reſpondeo ella: „ Só Voſſa Mageſtade me po„ de fazer a primeira mulher do mundo.

Perguntou Dona Joanna Magdalena de Caſtro a Dona Feliciana, como ſe dava com a condiçaõ de Dona Violante de Caſtro; e reſpondeo-lhe: „ Dona Violante faz de mim Sacra-

„ mento,

„ mento , porque adorame , e conſomeme.

Eſtando Dona Feliciana no mirante de Odivellas entrou pelo couto hum certo homem , que deziaõ ſer neto de huma cabra da India , e vendo-a diſſe : *Oveja del monte al llano*: e ella reſpondeo : *Cabra del llano al monte.*

Chamavaõ o Cabra de alcunha a hum certo Cavalheiro. Eſtava Dona Feliciana doente dos olhos , e vendo a o Cavalheiro por-lhe as mãos diſſe :

La virtud de tales manos
Liſongea los dolores.

E Dona Feliciana lhe reſpondeo : „ Eſſes ver-„ ſos , ſenhor naõ ſaõ de hum Romance de Gon-„ gora , que diz.

Ovejas del monte al llano
Y Cabras del llano al monte ?

Era Dona Feliciana Porteira , procurou hum homem certa Religioſa , e perguntando-lhe como ſe chamava reſpondeo : Lourenço Coelho Leitaõ , e voltando-ſe Dona Feliciana para huma criada diſſe : „ Chamay fulana, que venha buſ-„ car eſtes tres aſſados.

Diſſe Dona Feliciana , que nunca ſoubera , que couſa eraõ as tres mil leys ſenaõ quando fora Geral da ſua Congregaçaõ o Padre Frey Pedro de Alencaſtre.

Quando hum dos noſſos Reys deo huns terços de Infantaria a certos Fidalgos moſſos , diſſe Dona Feliciana : „ Que ElRey

„ eſtava feito Padre da doutrina, que dava terços
„ por premio aos meninos da eſcola.

Pedindo Dona Feliciana novas da campanha de mil ſettecentos, e quatro lhe diſſeraõ, que o Marquez das Minas marchava para huma parte, que o Conde de Saõ Vicente marchava para outra, e o Conde das Galveas, que tambem marchava, e ella reſpondeo: „ Quizera eu, que eſ-
„ ſes Senhores foſſem antes Cortadores, que Mar-
„ chantes.

Tinha em ſua caſa huma Freira de Odivellas, huma filha de ſeu irmaõ, a quem chamavaõ a Rapoſa, alcunha que herdara de ſua mãy. Hum dia que a menina foy açoutada pela tia appareceo no couto de Odivellas hum Religioſo Agoſtinho Deſcalſo, que brincava muitas vezes com ella, e vendo-o pedio, que a levaſſem àquelle Padre, ouvio iſto Dona Feliciana, e diſſe para a menina: „ Minha Senhora, naõ ſe diz de
„ balde, que mal vay à Rapoſa, quando an-
„ da aos grillos.

Eſtava Dom Lourenço de Almada na Igreja de Odivellas em pé junto à porta da metade, e tirava alguma viſta a Dona Feliciana, que lhe diſſe logo, que reparou nelle: „ A' Senhor Dom
„ Lourenço, já que he de Almada, paſſe para a
„ outra banda.

Acompanhava Antonio de Brito a huns amigos, a quem diſſe, que deſejava provar o entendimento de Dona Feliciana, veyo ella à grade, e começou Antonio de Brito a diſcretear

mayor

mayor eſpaço, que o de huma hora. Em huma pauſa, que fez a diſcriçaõ de Antonio de Brito lhe diſſe Dona Feliciana: „ Senhor Antonio de „ Brito, he neceſſario, que ſe dé voſſa merce á „ calla, ſe quer, que eu me dé à prova.

Naõ falava huma Freira de Odivellas, que era filha de huma corraleira com Dona Feliciana, por cauſa de huma elleiçaõ, mas encontrando-a depois lhe diſſe: „ Mana faleme, ainda que „ faça das tripas coraçaõ.

Teve Dona Feliciana raſoens com huma Freira de infecta naçaõ, que ella naõ queria occupaſſe hum officio da Communidade; e dizendo-lhe a Freira: „ Que era muito capaz de o fazer „ melhor que todas, porque era muito rica; lhe „ reſpondeo: E para aſſar muy bella.

Empenhou-ſe huma Freira com Dona Feliciana, para que certo homem andaſſe nas ſuas dependencias, e indo falar-lhe o homem a tudo reſpondia: Deme voſſa Senhoria procuraçaõ que eu farey iſſo. Perguntou-lhe depois a Freira ſe ajuſtara com oprocurador, e reſpondeo-lhe: „ Naõ mana, porque o homem naõ he de „ pro.

Em hum dia, que tinha falecido em Odivelas huma Religioſa ſe ajuntaraõ muitos irmãos para falarem a ſuas irmãns; era Dona Feliciana Porteira, e ouvindo tantos recados chegou à porta, e diſſe: „ Bem parece que voſſas mer- „ ces ſabiaõ, que tinhamos defunta, pois vejo „ junta toda a Irmandade.

Entraràõ huns Cavalheiros em huma grade a fallar com Dona Feliciana, e pedindo a hum por tres vezes, que ſe aſſentaſſe, ſempre lhe reſpondeo: *Domina non ſum dignus.* „ Ora Se„ nhor (lhe diſſe Dona Feliciana) bem me pare„ ce, que eſteja como Centurio, quem fala co„ mo Centurio.

Hum dia, que foy à Igreja de Saõ Roque com hum guardapé verde, ſahia para fóra outra Senhora, que trazia hum da meſma côr, e diſſe para huma da companhia: „ Oh mana eſte „ verde naõ he mais viçoſo? Ouvio-a Dona Feliciana, e reſpondeo-lhe: „ Se he mais viçoſo „ (minha Senhora) ſerá porque voſſa merce o „ rega a miudo.

Era trigueira em extremo certa menina filha de hum Titulo, e hum dia, que entrou em Odivellas veſtida de amarello perguntaraõ as Freiras a Dona Feliciana, que lhe parecera, e reſpondeo: „ Ginja doce em prato de ovos.

Pedio hum pobre a Dona Feliciana, que lhe deſſe huma eſmola pelo ſagrado naſcimento de Chriſto. Como era baſtarda lhe reſpondeo com eſta graça, e agudeza: „ Amigo pedi o „ que quizeres, e naõ me faleis em naſcimen„ tos, que me enfada muito ouvir falar nelles.

Conhecia Dona Feliciana de Millaõ hum certo homem, que tinha por ſobrenome Farinha, e namorava para mulher huma Senhora, que o preferio por outro, que era mais rico. Contaraõ a Dona Feliciana, que eſtavaõ já caſados,

ſados, e diſſe: Que eſta Senhora fizera bem, porque ſeo marido tinha mayor cabedal nos farelos, que o outro na Farinha.

Moſtrou huma Freira de Odivellas a Dona Feliciana de Millaõ huma grande joya de miudos diamantes, e muitas laſcas, que faziaõ huma viſta taõ alegre como ella a moſtrou preſumida do amante, e da prenda. Dona Feliciana lhe diſſe: Eſſe homem quer matarvos. Porque? perguntou a Freira. E reſpondeo-lhe: Porque vos deo pós de diamante.

Prègando em Odivellas hum Monge da meſma Ordem, ſendo a primeira vez, que ſubia àquelle Pulpito, e pregava naquelle Moſteiro, perguntou huma Freira a Dona Feliciana, que lhe parecera o Prègador, e reſpondeo: Noſſo irmaõ.

Havia prègado certo Religioſo o Sermaõ do Euangeliſta no Moſteiro de Odivellas com demaſiado encarecimento, e no meſmo anno foy prègar o Sermaõ da Paixaõ, ouvio dizer Dona Feliciana, que era o tal Prègador do Euangeliſta, e diſſe: A primeira vez, que ouvi eſte Padre na feſta do Euangeliſta logo me pareceo Prègador das Paixoens.

Prègando o Padre Meſtre Frey N. e o Padre Frey N. em Odivellas a feſta de Saõ Bernardo, hum de manhãa, outro de tarde, e Dona Feliciana dando-lhe o parabem diſſe-lhe: „ O „ Sermaõ de voſſa Paternidade, e o do Prè- „ gador de tarde me pareceo Sacramento, o de

„ manhãa todo ſuſtancia, e o de tarde todo „ accidentes.

Entrando hum dia de feſta em Saõ Roque antes de ſer Freira vendo as criadas, que certa Dama valida na Corte, ſenaõ queria erguer para ella paſſar, ſe enfadaraõ com a Dama, e acodindo Dona Feliciana, lhes diſſe: „ Deixay dei- „ xay, que naõ ſe levanta de graça, quem ſe „ deita por dinheiro.

Certo Fidalgo, que galanteava Dona Feliciana deitou hum veſtido negro guarnecido de vizos côr de cana. A primeira vez, que o veſtio foy a Saõ Roque, e eſperando a Dona Feliciana lhe perguntou: „ Senhora, que vos pa- „ reço? Reſpondeo ella: O homem dos „ alhos.

Tinha Dona Feliciana competencias com Dona Anna de Moura irmãa de Gil Vaz Lobo, e em certa occaſiaõ lhe diſſe: „ Se vos naõ „ aquietaes Senhora, heidevos dar com voſſo ir- „ maõ pela cara.

Andava Dona Feliciana differente com outra Freira, que tinha geito em hum dos olhos, e paſſando de manhãa pela porta do ſeo leito, a fechou com muita preça, e Dona Feliciana lhe diſſe: „ Senhora vós ſois a torta, e eu ſou a „ que vos heide dar olhado?

Eſtava morrendo Dona Feliciana, e fazendo-lhe levar por força hum caldo de galinha, o bebeo com eſta graça: „ Morra Marta, morra „ farta. Faleceo com ſettenta, e tres annos de idade

idade, que foy completar á ſepultura em mil ſettecentos, e cinco. Pedio na hora da morte, que ſe lhe eſcreveſſe eſte epitafio, que tinha compoſto em toda a ſua vida:

Aqui jaz a peccadora.

IX.

FILOTIS Romana.

AInda Roma naõ eſtava convalecida de huma geral fome, e ſanguinolenta guerra, que Furio Camillo acabou glorioſa, quando appareceo Livio Poſtumio Capitaõ General dos Latinos torneando-lhe os muros, e fechando-lhe as portas com hum formidavel, e poderoſo exercito. Com a viſta do inimigo ſe turbou a Cidade endefeza pelas forças, e repentina invaſaõ, que lhe entrava pelas portas mal cerradas com a fome, e guerra, que acabava de padecer, temor, que ſenaõ dava, prometia a vitoria.

Chegaraõ os inimigos ſem oppoſiçaõ a examinar-lhe as fraquezas, e tomar-lhe os paſſos; e logo o Capitaõ General mandou ao Senado Romano huma embaixada neſta ſuſtancia: „ Que „ o deſejo de amizade, e parenteſco com os Ro- „ manos lhe fizera conduzir aquelle exercito até „ as portas da Cidade ſem eſtrago, nem hoſti- „ lidade

„ lidade porque vinha de paz, e ſó a pedir-lhe „ hum copioſo numero de Virgens Romanas pa- „ ra elle, e ſeos Soldados eſcolherem mulher. „ Que era melhor para amigo, que para inimi- „ go; porque ſe lhe concedeſſem o que pedia ti- „ nhaõ Soldados, que os defendeſſem com va- „ lor, e amizade, e naõ ſendo aſſim encontra- „ riaõ na campanha homens offendidos, e deſ- „ prezados com a eſpada na maõ para a vingan- „ ça, e ſe podiaõ logo diſpor a padecer huma „ viva guerra, porque eſtava reſoluto, que a „ morte, ou a conquiſta dicidiſſe o pleito, ſen- „ tenciaſſe a cauſa.

O Senado, que naõ eſtava cuſtumado a receber leys, nem a disfarçar injurias, ganhou tempo com a repoſta, que diferio para outro dia. Divulgou-ſe logo pela Cidade eſta noticia, e foy de confuzaõ, e injuria para todos, certos no perigo, duvidoſos na reſoluçaõ. Repetiaõ-ſe as conferencias no Senado ſem effeito, e ſe conhecia no ſemblante de cada hum deſmayo, e preplexidade, quando entrou pelo Senado huma voz, que ſe fazia menos attendida pelo ſexo, e pela peſſoa dizendo: „ Que ſeria facil ven- „ cer o inimigo ſe quizeſſem admitir o ſeo con- „ celho.

Era Filotis, huma Donzella Romana de baxa ſorte pelo officio de ſerva, que naſcendo humilde veyo a morrer illuſtre pelo valor, e pela induſtria, com que ſe houve em dano do inimigo, e defenſa da patria. Com eſpirito preſago

ſago da vitoria expoz Filotis o ſeo eſtratagema, que aprovou o Senado, e foy neſta ſuſtancia: „ Que mandaſſe pela Cidade eſcolher as Donzel- „ las mais formoſas, que a pobreza ſinalara pa- „ ra criadas da Republica, e que as conduziſſem „ ao campo dos Latinos. Que fazendo-lhe com- „ panhia ſe offerecia para vigiar occaſiaõ oppor- „ tuna no ſilencio da noute; e que fazendo cer- „ to ſinal acometeſſem os Latinos ſeguros da „ vitoria.

Ajuntaraõ-ſe as Donzellas, que logo ſe conduziraõ ao campo dos inimigos com as cerimonias de paz, e amizade, que mais disfarçavaõ o engano. E logo o Senado com o ſegredo, que pedia o bom ſuceſſo da empreza, eſcolheo os Soldados de mayor valor, e diſciplina, e os fizeraõ promptos. Accendeo Filotis hum grande faxo com a parte luminoſa para Roma, eſcondendo aos Latinos o fogo, que guiava os paſſos aos Romanos para a vingança.

Com eſte ſinal fizeraõ os Romanos huma ſahida taõ arrebatada ſobre os Latinos, que os deſtruiraõ inteiramente, alcançando vitoria ſem oppoſiçaõ, eſtrago ſem perigo; e Filotis fama com immortal nome, honra com eſpecial tratamento, dando-lhe o Senado lugar no concelho de guerra. Celebraraõ os Romanos eſte dia annualmente com grandes feſtas; e ainda eſtá devendo ao valor, e induſtria de Filotis na poſteridade, em huma taõ abreviada eſcritura, mais illuſtre memoria.

CATALOGO

X.

DOna Franciſca dos Rios Dama Eſpanhola, e natural de Madrid, ſendo de idade de doze annos traduzio de Latim em Caſtelhano a vida da Beata Angela de Foligni, que ſe publicou no anno de mil ſeiſcentos, e dezouto.

XI.

SOror Franciſca da Colũna, natural do lugar de Torres Novas, onde tomou o habito no Convento do Eſpirito Santo, além dos verſos, que andaõ impreſſos no livro da vida de Santo Antonio, Autor Franciſco Lopes, eſcreveo Comedias ao Divino.

XII.

FOſcarina Veniera nobre Veneziana, foy de extraordinaria formozura, grande prudencia, engenho, e diſcriçaõ; e teve a perfeiçaõ de todas as ſciencias. Na arte da Poeſia, foy muito douta, e eſcreveo muitas obras.

XIII.

XIII.

FEmonoe foy taõ illuſtre em as letras humanas, que mereceo particular memoria em os eſcritos de Euzebio Ceſarienſe, Lucano, Stacio, Plinio, e outros muitos. Antiſtio refere ſer deſta heroina, o Proverbio, que diz: *Noſce te ipſum.*

XIV.

FElippa de Santiago Religioſa do Convento de Saõ Franciſco da villa de Saõ Vicente da Beira, foy natural do lugar de Alcongoſta termo da Covilhan. Deve a Ordem Serafica a ſeo eſtudo, e deligencia, as melhores noticias, que exiſtem da fundaçaõ deſte Convento em o livro que deixou eſcrito, e autenticado com hum ſumario de teſtemunhas, que ſe tiraraõ à ſua inſtancia. Na propriedade das allegaçoens ſe admira quanto era noticioſa, e no eſtilo diſcreta, porque ainda neſta noſſa idade naõ deſagrada. Vivia pelos annos de mil ſeiſcentos, e dezouto, tempo, em que ſe autenticou o ſeo livro, imitadora das ſervas de Deos daquelle Convento, de que foy Abbadeça, e exemplar de virtudes, e agora huma das ſuas veneraveis Religioſas.

XV.

FElippa Nunes filha de Manoel Coelho Sotto, e de Dona Antonia de Aboim, naſceo em a Cidade de Evora, e foy muito douta na lingoa Latina, em que eſcreveo a vida dos tres Reys Santos, por voto, que tinha feito: Ordenou na lingoa Caſtelhana hum Epitome das hiſtorias Portuguezas. Aprendeo a arte da Muſica, e muitos inſtrumentos que tocava deſtramente.

XVI.

FRanciſca de Nebriſſa, ou de Nebrixa, naſceo em a Cidade deſte nome em Andaluzia de Eſpanha. Era filha de Antonio Nebriſſa, ou Elio Antonio Nebricence o famoſo reſtaurador das letras humanas em Eſpanha, que morreo em mil quinhentos vinte, e dous; era taõ erudita que nos empedimentos de ſeo pay ſuſtituhia a Cadeira de Rethorica, de que era Profeſſor nas Univerſidades de Salamanca, e Alcala.

XVII.

DOna Feliciana Henriques de Guſmaõ foy natural de Sevilha, e dotada de hum clariſſimo engenho. Eſcreveo a Tragi-comedia intitulada: *Los Jardines, y campos ſabeos*, primeira, e ſegunda parte, que ſe imprimio em Coimbra

no

no anno de mil ſeiſcentos vinte, e quatro, em quarto, e em Lisboa no anno de mil ſeiſcentos vinte, e ſette, como diz Dom Nicoláo Antonio na ſua Biblioteca.

XVIII.

FElicia de Saõ Severino Duqueza de Gravina, e filha do Duque de Bizignan, foy muito illuſtre nas letras Divinas, e humanas. Depois da morte do Duque ſeu marido a pertenderaõ para mulher os mayores Principes, e Senhores de ambas as Sicilias pelas virtudes, e pelas riquezas; mas negando-ſe a ſegundo matrimonio paſſou a vida no eſtudo das ſciencias com as ſuas Damas, naõ ſahindo de ſeo Palacio até a morte.

XIX.

DOna Franciſca de Molina de naçaõ Caſtelhana, e mulher do Licenciado Affonſo de Soto Calderaõ, eſtando em Baeza huma noute a meſa, entrou hum homem pela porta dentro com hum punhal na maõ para matar ſeo marido; porém a valeroſa matrona pegando-lhe no braço deo lugar ao marido para lhe diſputar o vencimento. E deixando ambos na luta lançou maõ da eſpada do marido, e fazendo de algumas roupas eſcudo ferio o contrario com huma grande cutilada. Vendo-ſe acometido ſe voltou a Dona Franciſca atirando-lhe alguns golpes, que ſoube

reparar ; mas carregando-o com mais peſada maõ o poz em vergonhoſa fugida, deixando-a illuſtrar o nome com a vitoria, o amor com aquella formoſa acçaõ.

XX.

FLorencia, ou Florentina Virgem, Santa, e Princeza de Eſpanha, foy taõ douta nas letras Divinas, e humanas, que deixou eſcrito dous livros das excellencias da Virgindade. Teve por pay o Principe Dom Severino filho de Theodorico Rey de Eſpanha, e por irmãos os Santos Fulgencio, Leandro, Bravilio, e Iſidoro.

XXI.

FLiaſſia foy huma das diſcipulas do Filoſofo Plataõ, que poriſſo lhe chamaraõ Platonica. Para lhe ouvir as liçoens, e ſe aproveitar milhor, e mais facilmente deſta doutrina ſe veſtio em habitos de varaõ, para deſmentir o ſexo de mulher.

XXII.

FRine celebre cortezãa, e huma das mais formoſas mulheres daquelle ſeculo foy elegantiſſima na arte da Oratoria. Sendo acuſada de certo crime orou na preſença do Senado com tal graça, e politi-

e politica, que ficou juſtificada, e livre. A memoria deſta matrona illuſtre perpetuaraõ os ſeos naturaes com huma publica eſtatua, que ainda ſe conſerva neſta breve eſcritura.

XXIII.

FRanciſca de JESUS de naçaõ Caſtelhana, e natural de Toledo, foy de taõ delicado, e agudo engenho, que na arte de tecer Damaſcos, Brocados, e Telas excedeo toda a imitaçaõ. Tecia com tanta excellencia, que ſe florecera nos primeiros ſeculos os antigos lhe levantaraõ eſtatua, ou reverenciaraõ por Deoſa.

XXIV.

FAbronia Panolini Religioſa de Saõ Domingos no Convento de Santa Ignes de Bolonha de reformados coſtumes, e exemplar vida, foy muito douta, como admiraraõ os que leraõ as ſuas oraçoens, e epiſtolas cheas de doutrina, e erudiçaõ. Era Poetiza das celebradas, e eſcreveo na lingoa Latina, e vulgar muitos verſos elegantiſſimos, e diſcretos.

THEATRO HEROINO, E ABCEDARIO HISTORICO DE MULHERES

Illuſtres em Sciencias, e Artes Liberaes.

Letra G.

I.

D. GUIOMAR Portugueza.

PELOS annos de mil ſeiſcentos, e dez, florecia na Cidade de Coimbra Dona Guiomar filha do Doutor Pedro Nunes Coſmografo môr do Reyno. Era Dona Guiomar pelo naſcimento, formoſura, diſcriçaõ, prendas, e virtudes,

huma Donzella de toda a Univerſidade muito cortejada, e bem viſta. Aſſiſtia, e paſſeava Dona Guiomar, como veſinho da porta hum gentil mancebo em annos, e naſcimento iguaes; dando conſentimento à ſua pertençaõ lhe entregou o ſegredo de ſeos affectos, diſpenſando, e diſpendendo alguns favores, com promeſſa de futuro deſpoſorio.

Durou a correſpondencia menos acautelada com a fé dos eſponſaes por muitos dias, e fazendo com a dilaçaõ, e fingidos pretextos ſuſpeitoſa a ſua palavra, o mandou citar perante o Biſpo da Cidade de Coimbra, que lhe fez preguntas na Igreja de Saõ Joaõ, preſentes muitas teſtemunhas, e pays do citado. E negando o mancebo a promeſſa, e palavra de caſamento, Dona Guiomar com huma vehemente paixaõ, e heroino valor tirando o canivete de hum eſtojo, que levava, o ferio no roſto com hum grande golpe em pena de ſua falſidade, merecido caſtigo de ſua aleivozia.

Acudiraõ os circunſtantes a tomar o ſangue da ferida, e Dona Guiomar voltando-ſe a Deos com muito acordo a pedir-lhe perdaõ do deſacato, uſou com o Biſpo a meſma ceremonia. O Biſpo naõ ſabendo determinar-ſe em caſo taõ novo, e repentino, a mandou com bom recado depoſitar da ſua maõ pelos ſeos miniſtros.

Tinha o Doutor Pedro Nunes ſeo pay concertado com as Freiras de Santa Clara, lançarem a Dona

a Dona Guiomar o véo de Religioſa ; e ſabendo, que os parentes do ferido, com outra gente armada a eſperavaõ na Ponte do Mondego para a matarem, ſe mandou levar às coſtas de hum homem de trabalho em huma canaſtra, que levava cera para o Convento, animando ao que a levava, que naõ temeſſe, porque Deos, aquem hia ſervir, a livraria, e defenderia. As Freiras, que a eſperavaõ com grande cuidado, a recebèraõ com mayor alvoroço, deixando a eſpera fruſtrada, a vingança eſcarnecida.

II.

GABRIELA MARIA.

VIo França em Gabriela Maria Burgenſe, o que pode a natureza (ainda no ſexo mais fragil) animada com os eſforços de hum coraçaõ forte, e valeroſo. Dos primeiros annos ſe lhe conheceo hum animo varonil, robuſto, livre, e inclinado às armas. Tal era o deſejo de provar ſeo valor, que deſmentindo o ſexo em habitos de Varaõ ſe armava todas as noutes para correr a Cidade. Teve Gabriela Maria repetidos encontros de noute, em que moſtrou reſoluçaõ, valor, e deſtreza no jogo das armas, e ſe dava a conhecer em a peſada maõ, deixando os contendores finalados.

Paſſando alguns annos neſta liberdade eſcandaloza, e atrevida, ſuccedeo, que huma noute vagou mais livremente pela Cidade; e recolhendo-ſe mais tarde, ou de madrugada, lhe appareceraõ os Demonios tambem armados com eſpadas nuas em as mãos ameaçando-a de morte. Chegou Gabriela Maria a ſua caſa fugitiva, e aſſombrada com os horrores daquella viſaõ, que recebeo como aviſo do Ceo a huma vida, que vagava entre tantos perigos de ſalvaçaõ para a alma; e chorando os ſeus peccados ſe reſolveo a buſcar, e ſervir a Deos em huma Religiaõ. E duvidando prudencialmente ſe poderia continuar os rigores da clauſura, ſe fechou em huma pequena caſa por tempo de tres mezes ſem falar, ou ſahir fóra mais que no Domingo, e dia ſanto pela obrigaçaõ do preceito.

Conhecendo-ſe Gabriela Maria com esforço para a vida eſpiritual, pedio o habito nõ Convento de Saõ Domingos da Cidade de Autum, que logo recebeo, e ainda que paſſou o anno de approvaçaõ em perpetuo ſilencio, conhecida pelas Religioſas a aſpereza de condiçaõ, que tinha, determinavaõ negarlhe os votos. Houve quem lhe ſuggerio eſta conſpiraçaõ da Communidade, e tres dias naõ comeo, nem bebeo proteſtando naõ ſahiria da cella, ou do Convento, mais que para a ſepultura.

Lutava Gabriela Maria com eſtes penſamentos, e heroica reſoluçaõ de continuar na obſervancia daquelle inſtituto, quando a Rainha

nha das Virgens, e conſolaçaõ dos afligtos Maria Santiſſima lhe appareceo, e certificou, que por ſeo amparo conſeguiria a profiſſaõ; ficando daquelle dia taõ firme na virtude da humildade, que foy o exemplar de todas as profeſſas. Paſſou a vida em oraçaõ, e penitencia, falecendo chea de virtudes em mil ſeiſcentos, e ſeſſenta, contando trinta annos de idade, e ſeo nome ſe acha eſcrito em o Catalogo dos Santos daquella Ordem em mais larga eſcritura.

III.

GLAURA
Natural de Dio.

SEndo Governador da India o grande Nuno da Cunha, floreceo na Cidade de Dio a nobre, e formoſa Glaura mulher de Râo Governador da Cidade, fiel amigo de Manoel de Souſa, Capitaõ da noſſa fortaleza; que Bandur Rey de Cambaya concedera edificar aos Portuguezes, grato ao ſocorro, que lhe deraõ contra o Mogor, vencido pelas noſſas armas ſempre vitorioſas no Oriente.

Vio o Rey Bandur a formoſa Glaura mulher de Râo ſeo grande privado, e namorou-ſe della perdidamente. Os inimigos de Râo conhecendo no Rey o amor de Glaura, lhe começaraõ a encarecer o fiel trato, que tinha com o Ca-

pitaõ de Dio Manoel de Souſa, fazendo eſta amizade ſuſpeitoſa, e com diſſimulado fingimento lhe machinaraõ a morte malquiſtando-o de inconfidente. Perſuadiraõ ao Rey Bandur, que o Râo tinha ajuſtado entregar a Cidade aos Portuguezes, que mandando-o matar em huma caſa de ſeo Palacio, fez vir Glaura à ſua preſença, e lhe moſtrou o corpo de ſeo marido occultamente juſtiçado, e morto como traidor, e parcial dos Portuguezes, conſpirando contra a patria, o Rey, e a Religiaõ ambicioſo de mayor fortuna.

Com a viſta do cadaver naõ perdeo Glaura o acordo; e ouvindo referir a Bandur, depois da traiçaõ, e morte do Râo ſeo marido, os extremos de ſeo amor offerecendo-lhe o primeiro lugar de Rainha entre as ſuas concubinas, falou ao Rey neſta ſuſtancia: „ Se a minha „ formoſura foy cauſa da morte de meo eſpoſo, a „ minha formoſura pagarà a innocencia deſta mor„ te; e lançando a maõ de hum inſtrumento de ferro, que levava, ſe ferio no roſto com muitos golpes, e tomando em ſeos braços o cadaver, ſe negou aos olhos do Rey, deixando-o colerico, e confuſo.

E retirada da Cidade para o campo com o cadaver de ſeo eſpoſo, o reduzio à cinzas, depoſitando-as em hum vaſo precioſo, de que todos os dias pela manhãa, e noute bebia duas vezes tresladando-as a mais heroico Mauſoleo, que o de Artemiza. Naõ ceſſava Glaura de pedir

dir aos Deoſes vingança pela morte de Râo, e ouvindo, que o Rey Bandur fora morto às mãos dos Portuguezes, o goſto, e alegria, que teve, lhe tirou a vida, cahindo morta de repente.

IV.

GERVASIA ANTUNES.

GErvaſia Antunes Portugueza, e natural da Villa de Almada filha de Manoel Antunes homem de honeſto trato, e humilde foro, foy heroina de taõ intrepido valor, e prodigioſas forças, que era vulgarmente chamada a mulher forte. Ouvio dizer que em certo lugar da Villa apparecia de noute huma fantaſma de grandeza formidavel, e reſoluta em aviriguar a verdade ſem mais companhia, que hum groſſo páo na maõ, voltou com o deſengano de que era falſa a noticia. Mas repetindo a deligencia em outra noute, e deviſando hum vulto branco, e luminoſo, ſe foy chegando para aquella parte. Notou de mais perto, que o vulto ſe movia caminhando para ella, que animoſa, e deſtimida lhe diſſe levantando o páo: „ Que declaraſſe quem era, ſe„ naõ queria morrer-lhe nas mãos. E conheceo ſer induſtria de hum ladraõ para lucrar milhor no ſeo officio. Nas forças era agigantada, porque abalan-

abalando huma Oliveira de vinte annos a rendeo pelo meyo. Arrancou huma grande Pereira com todas as raizes pegadas. Levantava com os dentes hum ſaco de trigo de cinco, e ſeis alqueires, e chegou a quebrar huma moeda de prata de trezentos reis de valor, ganhando por apoſta outra de quatro mil, e oito centos.

CATALOGO

V.

GRacia Rodrigues foy huma das matronas illuſtres, que no cerco de Dio defendido pelo valeroſo Capitaõ, e Governador D. Joaõ Maſcarenhas, ajudaraõ a vitoria contra as armas de Cambaya. Era Gracia Rodrigues daquelle volante, e valeroſo eſquadraõ, que ſervia aos reparos da muralha, outras vezes ao esforço dos Soldados, adminiſtrando com evidente perigo da vida balla, e polvora; e houve tambem occaſiaõ, que chegou a diſputar aos Mouros a entrada, ajudando com ſeos braços a defenſa, com ſeo esforço a vitoria.

VI.

GIlibeata natural de Maguncia, amou tanto hum gentil mancebo, que profeſſava as letras, que deixando a caſa de ſeos pays, fugio com

com elle para Inglaterra. Gilibeata com habitos, e nome de varaõ aprendeo em companhia de ſeo amado as boas letras, porém morrendo algum tempo depois ſe deo com tanta applicaçaõ a ſeos eſtudos, que fez grandes progreſſos principalmente nas divinas letras conſeguindo o nome de excellente, o epiteto de letrada. Chea de ſabedoria, e bons coſtumes ſe partio a Roma, e publicamente (como diz Volaterrano) enſinou Grammatica, Dialetica, e Rethorica, em que teve muitos ſequazes, e nobiliſſimos ouvintes, com grandes encòmios dos mais ſabios.

VII.

GUineura Veronenſe foy taõ douta, que naõ teve quem a igualaſſe em ſuas epiſtolas.

VIII.

GEiſila, ou Gala Rainha de Hungria mulher do Rey Eſtevaõ primeiro deſte nome, e filha de Otton Duque de Saxonia foy ſapientiſſima. O Engenho era divino, com huma taõ violenta força em perſuadir, que reduzio todo aquelle Reyno ao rebanho da Igreja Romana, fazendo-os deteſtar a Idolatria, e falſa crença doſmentidos Deoſes.

IX.

DOna Getrudes de JESUS Maria, foy natural da Cidade de Coimbra, e filha de Bernardo de Figeiredo Doutor em Canones, e de Dona Joanna Mendes da Sylveira. Teve noticia de muitas lingoas, mas ſó falava a Latina com elegancia, que adquirio com facil eſtudo na ultima perfeiçaõ. Foy muito diſcreta, e applicou todo o ſeo eſtudo em adquirir huma vaſtiſſima erudiçaõ da Hiſtoria Eccleſiaſtica, e Secular. Morreo Donzella no anno de mil ſettecentos vinte, e oito, contando pouco mais de vinte.

X.

GEmina, mãy, e filha ambas ſeguiraõ a Seita Platonica, e foraõ diſcipulas de Plotino celebre Filoſofo entre os Platonicos.

XI.

GAbriela illuſtre Franceza, e da antiga caſa de Borbon, e Monpenſier foy muito doutas nas letras divinas, e humanas. Era grande ecconomica, e eſcreveo muitos tratados de devoçaõ na lingoa vulgar, e hum livro das louvaveis converſaçoens das Damas.

XII.

GUiomar de JESUS Portugueza, eſcreveo hum livro intitulado: *Conſolaçaõ do noſſo deſterro*, que dedicou à Rainha Dona Leonor, e fez imprimir o Cardeal Rey.

XIII.

GEnebria mulher de Brunoro Gambaro natural de Breſcia eſcreveo muitas Epiſtolas cheas de erudiçaõ, e ſabedoria.

XIV.

GIoannetta natural de França filha de Pedro de Meſſon, e de Chriſtina, e mãy de Caſtello eloquentiſſimo, foy grande Poetiza, e muito douta nas lingoas Grega, e Latina.

XV.

GOrgon mulher de Leonidas, doutiſſimo nas letras humanas, como eſcreve Plutarco, he celebrada de Saõ Jeronymo, por illuſtre na ſabedoria.

THEATRO HEROINO,

E

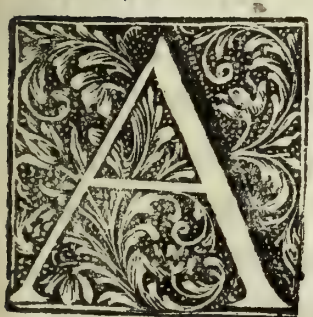
ABCEDARIO HISTORICO DE MULHERES

Illuſtres em Sciencias, e Artes Liberaes.

Letra H.

I.

HYPOLITA Rainha.



Illuſtre Hypolita filha de Franciſco de Milaõ, e mulher de Affonſo ſegundo Rey de Napoles, em formoſura, e caſtidade, foy tida por hum exemplar do ſexo. De ſua infancia ſe deo muito às artes liberaes, aproveitando neſte laborioſo eſ-

tudo, quanto podia engrandecer a Alteza, e ſoberania de ſeo eſtado, fazer invejar a facundia de ſeo engenho.

Era muito affavel, chea de graves, e modeſtos coſtumes, e teve grande conhecimento das letras humanas, e divinas. Deſpreſava os vicios, e ſeos ſequazes; e com huma graça, que parecia ſobrenatural, favorecia os imitadores das virtudes, que a faziaõ extraordinariamente taõ formoſa em o corpo, como na alma. Com os virtuoſos era liberal, e com os pobres taõ miſericordioſa, que todas as joyas, e alfayas precioſas de ſeo rico patrimonio, que excediaõ o preço de cincoenta mil ducados, os diſtribuhio com maõ larga pelos neceſſitados, e em outras muitas obras pias.

A facundia, diſcriçaõ, e noticia adquirida na continua liçaõ dos livros foy taõ univerſal, que dava razaõ de quaſi todas as hiſtorias Latinas, e antiguidades do mundo, de todos os coſtumes das gentes, Reynos, lugares, e paizes eſtrangeiros, diſcorrendo em tudo com prufundiſſimas razoens, diſcretiſſimos conceitos. De ſua preſença nunca ſe apartou ninguem deſcontente, ou ſem deſpacho, deferindo a tudo, que ſe lhe pedia, cabendo na esfera do favor, ou da juſtiça. Teve todas as prendas, que convinhaõ a huma Rainha para ſe contar entre as illuſtres, ou dadas pelo Ceo, ou adquiridas pela induſtria. Faleceo de huma poſtema contando vinte, e quatro annos de idade, no anno de mil quatro-

quatrocentos oitenta, e oito.

Napoles a vio Rainha, e chorou defunta por bemfeitora da pobreza. Só teve a nobre deſcendencia de dous filhos, e huma filha, que ſe chamou Iſabel, mulher de Joaõ Galeaço Duque de Milaõ.

II.

HERAFILE Sybilla.

A Sybilla Erithrea, porque foy natural de Erytras Cidade de Jonia Provincia da Grecia, ſe chamou Herafile, e floreceo pelos annos do mundo de dous mil oitocentos, e quinze, ou como querem outros no tempo de Debora, e do Capitaõ Baraac mil, e trezentos annos antes de noſſa Redempçaõ. Prediſſe aos Gregos na conquiſta de Troya a deſtruiçaõ que teve; e de Homero tambem prediſſe, que havia de eſcrever em metro muitas fabulas, e mentiras.

As profecias, que ſe achaõ deſta Sybilla ſaõ as ſeguintes: „ Na ultima idade ſe humilharà a „ geraçaõ Divina, e ſe unirà a divindade à hu„ manidade: O Cordeiro hade jazer no feno, „ e Deos, e homem ſerá nutrido como menino. „ Precederaõ ſinaes entre os Judeos. Huma mu„ lher muito velha conceberá hum menino; hu-

„ ma

„ ma eſtrella do mundo ſe verá, e guiarà. Eſte „ tendo trinta, e tres pez elegerá numero do- „ zeno de peſcadores homens humildes, e hum „ Diabo. Naõ com eſpada, ou guerra ſogeitará „ a Cidade dos Reys dos Encados, mas no an- „ zol do peſcador, deſprezo, e pobreza ven- „ cerà as riquezas, e pizará a ſoberba. Quatro „ animaes ſe levantaraõ para ſuas teſtemunhas: A „ eſte contradirá huma beſta horrivel vinda do „ Oriente; cujo rugido ſe ouvirá até as gentes „ Africanas.

Tambem foraõ compoſiçaõ deſta Sybilla os verſos acroſticos, que trataõ da ſegunda vinda de Chriſto ao juizo final, de que Cicero fez tanto goſto pelo artificio, e invençaõ, que os traduzio em Latim. E juntas as letras do acroſtico diziaõ: *JESU Chriſto filho de Deos, Salvador, Cruz.* Pintaõ eſta Sybilla abraçada com hum Cordeiro, porque com o nome de Cordeiro falou de Chriſto.

III.

HYPOLITA DE JESUS.

HYpolita de JESUS filha de Dom Franciſco de Dalmaõ, Marquez de Angleſola, Conde de Peralta, e Viſconde de Rocaberti, naſceo em Barcelona, celebre Cidade dos Reynos de Caſtella,

la, aos vinte, e dous de Janeiro de mil quinhentos cincoenta, e trez, para illuſtrar com ſeos eſcritos, e grandes virtudes, naõ ſó a patria, e nobiliſſima aſcendencia dos Dalmoens, mas tambem a Religiaõ do Patriarca Saõ Domingos, que florece no Convento dos Anjos daquella Cidade com os rigores da primitiva obſervancia. Contava onze annos quando renunciou o mundo, entrando na Religiaõ aos trinta dias do mez de Setembro do anno de mil quinhentos ſeſſenta, e quatro. Dona Iſabel era o nome do baptiſmo, que trocou depois pelo de Hypolita na ſolemne profiſſaõ, celebrada aos vinte, e quatro dias do mez de Junho de mil quinhentos ſeſſenta, e nove.

O engenho foy taõ raro, como admiravel, pois ſem meſtre da lingoa Latina entendia a ſagrada Eſcritura, Santos Padres, e Expoſitores, adquirindo na continua liçaõ deſtes livros tantas noticias, como ſe admira em ſuas grandes obras, enriquecidas de ſentenças, e autoridades. Naõ ſe faz crivel (ſem recorrer aos ſegredos inexcrutaveis da Divina Providencia) que na breve idade de ſeſſenta, e hum annos ſe pudeſſem compor, e eſcrever os muitos livros, que andaõ impreſſos com o nome de Hypolita de JESUS, fazendo-ſe ainda mais admiravel em huma vida religioſa, e penitente.

Eſcreveo vinte, e cinco grandes volumes doutos, e diſcretos de Theologia Myſtica, e moral; mas cinco ſó trataõ da relaçaõ admiravel

de ſua vida, e revelaçoens, que tivera do Ceo. Eſcreveo hum tomo de Oraçaõ mental, outro de penitencia, e outro do temor de Deos, que ſe imprimio em Barcelona no anno de mil ſeiſcentos quarenta, e tres, em quarto; hum da Gloria, outro dos Bemaventurados; hum da Infancia do Menino JESUS, outro da Vida de Chriſto, e outro mais, que ſe intitula: Coloquio da Alma. Eſcreveo mais hum da viagem do Ceo, e outros, que ſe intitulaõ: Templo do Eſpirito Santo, e da Redempçaõ do Templo. Eſcreveo dous tomos ſobre a Salve Rainha; dous ſobre os ſette Pſalmos Penitenciaes, e hum, que tem por titulo: As tres vias Purgativas. Eſcreveo mais ſeis livros de grande erudiçaõ, e eſpirito: O primeiro tem por titulo: Amigos do Ceo: O ſegundo he dos aſſignados no eſpirito: O terceiro dos quatro Anjos: O quarto da Paixaõ: O quinto das virtudes: E o ſexto ſobre a Regra de Santo Agoſtinho.

Naõ contente a ſerva de Deos com a douta approvaçaõ de ſeo Confeſſor, que os tinha viſto, e reviſto admirando a ſciencia infuſa, com que Deos enriquecera aquella alma Bemaventurada, ſuccedeo, que hum dia apertada mais do eſcrupulo, lançou aos pés de hum Chriſto crucificado todos os ſeus eſcritos, e pedio ao Senhor (imitando neſta acçaõ o Angelico Doutor Santo Thomaz) lhe revelaſſe o decreto da ſua vontade. E ſendo arrebatada de hum extaſi divino, e maravilhoſo vio, que o Senhor cometera

metera a ſenſura, e approvaçaõ dos livros aos tres Santos Biſpos de Barcelona, Paciano, Severo, e Elegario, e que approvando-os affirmaraõ, que ſeriaõ de grande utilidade para a Igreja Catholica. Viveo, e morreo Soror Hypolita de JESUS com grande opiniaõ de virtude aos ſeis de Agoſto de mil ſeiſcentos vinte, e quatro annos, com ſentimento univerſal dos Cidadãos de Barcelona, que a veneravaõ com eſtimaçoens de douta, agora ſe valem de ſeo patrocinio com veneraçoens de Santa.

IV.

HYLDA Princeza.

HUma das heroinas, que mais illuſtrou minha ſagrada Religiaõ com letras, e virtudes, foy a nobiliſſima Hylda Princeza de Eſcocia, e filha mais moſſa de Eduvino Rey de Northumberlant em Inglaterra. Pelas inſtruçoens dos dous Biſpos Paulino, e Aidano ſahio Hylda grandemente douta nas divinas letras. Naõ havendo ainda naquelle tempo, e annos de ſeiſcentos cincoenta, e ſeis em Inglaterra Moſteiros de Monjas paſſou Hylda com outras virgens a França, e no Moſteiro de Cales junto do rio Matron naõ muito longe de Pariz tomou o habito, e fez profiſſaõ.

Guardava-ſe neſte Moſteiro (edificado pela Rainha Clotilde mulher do primeiro Clodoveo , e depois reedificado pela Santa Berthilia) o inſtituto de Saõ Columbano diſcipulo de Saõ Jeronymo , que da Eſcocia paſſara àquelle Reyno a tranſplantar eſta Religiaõ , como a primeira , que ſe propagou na Europa , e permaneceo (como diz o Cardeal Baronio) ſeiſcentos annos na ſua primitiva regularidade.

O Santo Biſpo Aidano plantando a fé no Reyno de Northumbria erigio alguns Moſteiros debaxo da regra de Saõ Columbano , de que o Santo Biſpo era filho , e profeſſo no Moſteiro de Huy , como doutamente eſcreve o noſſo Croniſta de Eſpanha Frey Paulo de Saõ Nicoláo no oitavo tomo dos ſeos Siglos Jeronymianos , obra digna de ſeo talento , pedra em que tocou os quilates de ſeo juizo , e vaſtiſſima comprehençaõ das hiſtorias ſecular , e Eccleſiaſtica. Para meſtra , e Prelada de hum dos Moſteiros de Northumbria levou o Santo Biſpo a Hylda , deixando o Moſteiro de ſua profiſſaõ pelo de Herutheo no anno de ſeiſcentos quarenta , e ſette. Aqui foy Abbadeça pela morte da Santa Virgem Heu , no anno de ſeiſcentos cincoenta , e quatro , moſtrando no governo de taõ numeroſa Congregaçaõ de Monges , e Virgens (porque eſtavaõ unidos os Moſteiros , como tinha praticado em Belem noſſo Patriarca Saõ Jeronymo , e depois muitos de ſeos diſcipulos , como foraõ Saõ Paulino em Nola , Licinio na Bethica , Piniano na Paleſtina,

leſtina , Manlio em Roma , e outros muitos em diverſas partes) grande prudencia , e naõ vulgar ſantidade.

De ſeo rico patrimonio fundou Hylda o Moſteiro de Fares na Cidade de Calcaria , onde viveo muitos annos no officio de Abbadeça, que teve por toda a vida , e muitos Reys , e Principes ſe aproveitavaõ de ſeo conſelho em differentes materias. Era de Monges , e Virgens o Moſteiro , e a todos doutrinava em as divinas letras. Entre os Monges doutos , e Santos, que ſahiraõ deſte diſcipulado de Hylda , conta o Veneravel Beda cinco Biſpos , e Arcebiſpos. Aboſſa que foy Arcebiſpo de Eburaco : Aeda Biſpo de Dorceſtria : Horsfor Biſpo de Hauguſtald : Vilphrido Biſpo de Eburaco : Joaõ Biſpo Cantuarienſe , e ſucceſſor de Saõ Theodoro tambem Monge.

No anno de ſeiſcentos cincoenta , e ſeis , fundou o Moſteiro de Straneshalcho , que o Rey Uzuvio enriqueceo de muitas rendas por votto, que tinha feito a Deos ſe alcançaſe vitoria de ſeos inimigos , cumprindo-o inteiramente na fundaçaõ deſte Moſteiro , e em conſagrar-lhe a Princeza Elfleda ſua filha. Havia algumas duvidas entre os Doutores das ceremonias Romanas, ſendo a principal ſinalar dia para a celebridade da Paſchoa. conſeguio Hylda fazer hum Synodo no ſeo Moſteiro de Farès no anno de Chriſto de ſeiſcentos ſeſſenta , e quatro , aſſiſtindo peſſoalmente o Rey Uzuvio , e muitos Biſpos.

Nos ultimos ſette annos de huma vida riguroſa, e penitente provou Deos a Hylda com huma continuada enfermidade de febres; que naõ foraõ impedimento às obrigaçoens do officio, pois no anno, que morreo acabava de fundar o Moſteiro de Hacanes ſeis legoas, e meya do Moſteiro de Farès. Faleceo Hylda com todos os Sacramentos da Igreja das onze horas para a meya noute, depois que teve preſentes todas as filhas de ſeo eſpirito, a quem deo na ultima deſpedida a melhor liçaõ de bem morrer, entregando a alma nas mãos de ſeo Eſpoſo, como Virgem ſabia, que entrou com elle no Ceo a celebrar as bodas, como revelou na meſma hora a huma filha ſua, que era meſtra das Noviças, aparecendo-lhe com dotes de glorioſa, evidentes ſinaes de predeſtinada. Teve igual revelaçaõ de ſua gloria Santa Bega tambem filha ſua em o novo Moſteiro de Hacanes. Contava Hylda ſeſſenta, e ſeis annos, igualmente divididos nos dous eſtados de ſecular, e Monja, que deixou pelo de glorioſa aos quinze dias das Calendas de Dezembro, era de ſeiſcentos, e oitenta; e he venerada no Martyrologio Romano com o culto de Santa. Eſcreveo hum livro da obſervancia dos ritos antigos: Outro de Meditaçoens, e varias epiſtolas cheas de erudiçaõ, e eſpirito.

V.

V.

S. HILDEGARDA

HIldegarda illuſtre matrona de Alemanha, e filha de Hildeberto, e de Matilde naſceo em Eſponheim no anno de mil noventa, e oito para honra, e gloria, naõ ſó da patria, mas ainda da Religiaõ do Patriarca Saõ Bento. Tomou o habito, e fez profiſſaõ no Moſteiro chamado do monte de Saõ Ruperto junto de Binghen ſobre o Reno, e depois Abbadeça por eleiçaõ, e merecimento. He celebrada por mulher de grande engenho; e profundiſſimo juizo. Teve bom conhecimento das letras divinas, e humanas; e adquirio com applicado eſtudo perfeiçaõ, e naõ vulgar ſabedoria das ſciencias Myſtica, e Eſcolaſtica. Na Filoſofia, e Theologia fez grandes progreſſos com eſtimaçaõ dos homens doutos, dos Principes, dos Emperadores, e dos Pontifices Romanos daquelle ſeculo, ou idade.

Eugenio terceiro, Anaſtacio quarto, Adriaõ quarto, e Alexandre terceiro a conſultàraõ muitas vezes em dificuldades, ou inteligencias da ſagrada Eſcritura pela fama de ſeos eſcritos, e virtudes, milagres, e revelaçoens, que teve logo da primeira idade. O Papa Eugenio terceiro no Concilio de Treveris, preſente o Patriarca Saõ Bernardo, mandando lêr os ſeos eſcritos

tos em publica conferencia os aprovou com todos os Padres do Concilio.

Eſcreveo Hildegarda muitas, e excellentes obras todas em a lingoa Latina, que o Divino Eſpoſo lhe communicou pela ſciencia infuſa, de que foy eſpecialmente dotada, profuſamente enriquicida. Compoz hum livro ſobre a regra de Saõ Bento; outro da vida de Saõ Ruperto Confeſſor; outro de Saõ Dyzibado Biſpo; outro de trinta queſtoens Theologicas; outro de cincoenta, e oito homilias ſobre os Euangelhos; outro do Sacramento da Euchariſtia; outro das vidas, e acçoens de muitos homens excellentes, e famoſos; outro da Simplez Medicina; outro da Compoſta Medicina; outro das Divinas obras; outro aos Colonienſes; outro aos Treverienſes; outro de exhortaçoens aos Seculares; outro para as ſuas Monjas; outro para Monges; outro finalmente de muitos verſos, e epiſtolas a differentes peſſoas, e aſſumptos, que ſe achaõ no vigeſſimo terceiro tomo da Biblioteca Patrum da ultima ediçaõ.

Os Emperadores Conrado terceiro, e Federico primeiro, e muitos Biſpos, e Principes de todas as partes do mundo, ſe honravaõ de lhe eſcrever, e encomendar nas ſuas oraçoens. Eſcreveo tambem muitas profecias geraes, e particulares, e no quinto dia das Calendas de Outubro de mil cento, e oitenta paſſou à immortalidade, contando oitenta, e dous annos. Na vida, e morte obrou muitos milagres, e o Martyrolo-

tyrologio celebra a ſua memoria como Santa Virgem a dezaſette de Setembro.

VI.

HYPARCHIA Grega.

HYparchia matrona Grega, e famoſa na Filoſofia Cynica, foy mulher do Filoſofo Crates, irmãa de Metrocles orador natural de Thebas; floreceraõ pelos annos do Reynado de Alexandre Magno na Olympiada cento, e treze. He problema que póde diſputar-ſe, ſe foy mais em Hyparchia ſeguir a Scyta dos Cynicos, ſe namoraſſe de Crates hum dos principaes diſcipulos do famoſo Diogenes. Era Crates o mais feyo homem, que produzio a natureza, e o unico, que achava poder adiantar eſte natural defeito, cozendo peles de Carneiro por cima da capa, e conſeguindo, que todos os que o viaõ duvidavaõ, que eſpecie de animal era, pelo que parecia, pelo que figurava.

O Dezembaraço de Crates, e a liberdade com que vivia, levaraõ os agrados a Hyparchia para deſprezar muitos caſamentos. Chegou a declarar-ſe com ſeos parentes dizendo, que havia de caſar com Crates, ou que havia de matar-ſe. Fizeraõ os parentes ſeos bons officios, para lhe ti-

rar eſta idea da cabeça, ou eſte deſejo do coraçaõ; e depois de fruſtradas muitas deligencias recorreraõ a Crates, que pertendendo, e naõ conſeguindo vencela, ou a convencela com as razoens mais ſinceras, e mais concludentes, ſe deſpojou da capa, bordaõ, e ſacolla na preſença de Hyparchia para que viſſe milhor a corcova, e tortura de ſeo torpiſſimo corpo, e lhe diſſe: „Que „ pela naõ enganar lhe moſtrava o noivo, e quan„ to peſſuia; pois caſando com elle naõ podia „ ter, nem eſperar o logro de outras riquezas. Porém Hyparchia preferindo Crates aos intereſſes de muitos caſamentos, que ſe lhe propunhaõ, logo ſe veſtio como Cynica, e ficou ſendo de mais deſaforada liberdade, que ſeo marido, que ſempre acompanhava em todas as feſtas, e diſputas.

Celebraraõ-ſe eſtas bodas em Peſile celebre portico de Athenas, como eſcreve Clemente Alexandrino no livro quarto dos ſeos Eſtromas; e foraõ aſſumpto de hum famoſo Poema de Fernando Furſtembergio Biſpo Paderbornenſe, e Moſtarienſe Mecenas dos Poetas debaxo do nome de Petrus Petitus. Houve deſte matrimonio hum filho chamado Paſciles, que ſeos pays criaraõ com grande cuidado na Filoſofia Cynica.

Achava-ſe Hyparchia em hum banquete em caſa de Liſimacho, e fez ao impio Theodoro, que tambem alli ſe achava, eſte Sophiſma: Se Theodoro naõ he condenado fazendo certas

tas couſas, Hyparchia fazendo as meſmas tambem naõ deve ſer condenada. Do meſmo modo ſe Theodoro der em ſi pancadas naõ hade ſer mormurado, logo (diſſe ella dando-lhe huma bofetada) Hyparchia tambem naõ merece, que a condenem, pelo meſmo que faz Theodoro. O impio naõ reſpondendo ao argumento lhe arrancou a capa dos hombros, ſem que ella ſe alteraſe, e logo diſſe: Exaqui a mulher que deixou de trabalhar em lan, e linho. He verdade, reſpondeo Hyparchia, mas dize-me ſe obrey peor em preferir a Filoſofia às occupaçoens, que ſaõ commuas ao ſexo femenino?

Foraõ muito celebres naquelle ſeculo na Filoſofia Cynica Hyparchia, e Crates, que foy meſtre de Zenon, e Chefe da Seyta dos Eſtoicos. Huma vez lhe perguntou Alexandre Magno ſe goſtaria de que a ſua patria ſe reedificaſſe, e Crates reſpondeo: Para que, ſe outro Alexandre a póde deſtruir. Eſcreveo Laercio a vida de Hyparchia, e Suidas teſtifica, que deixara eſcritas em Grego muitas obras Filoſoficas, como foraõ: *Hypotheſes Philoſoficas*, *Epicheremata*, e humas queſtoens, *Ad Theodorum cognomento Athæum.*

VII.

HYPATIA Alexandrina.

HYpatia natural de Alexandria filha, e diſcipula do Geometra, Filoſofo, e Mathematico Theon, floreceo nas belas letras no principio do quinto ſeculo. Foy mulher de Iſidoro Filoſofo, e ſeguio a Seyta Platonica. Era taõ formoſa, e honeſta como douta, de tanta pureza nos coſtumes, como excellencia no engenho, e ſabedoria em muitas ſciencias. Permaneceo em perpetua virgindade como della eſcreve ſeo marido, e nas prendas naturaes, e adqueridas, foy huma das mulheres famoſas que honraraõ com as acçoens, o naſcimento, e a patria.

Adquirio tanta erudiçaõ, que excedeo a todos os Filoſofos daquella idade, e na eſcola Platonica, emduzida de Plutino ficou ſuccedendo a ſeo pay no magiſterio. Na Geometria, e Aſtronomia tambem foy doutiſſima, e como diz Eſtevaõ Baluzio no primeiro tomo dos concilios em o Synodo *adverſus Tragœdiam Irinæi Cap.* 216, teve por diſcipulos a muitos, que depois foraõ Apoſtolos.

O Biſpo Senecio a communicava por carta, e na Epiſtola dezaſeis, lhe chama bemfeitora, mãy, irmãa, e meſtra, conferindo-lhe eſtas honras

honras pela ſabedoria, com que ſe adornava, pureza de que ſe veſtia.

Eſcreveo hum commentario a Diophanto, hum catalogo dos Aſtronomos, e ſobre a contenda de Appolonio. Socrates diz na hiſtoria Eccleciaſtica Lib. 7. Cap. 15. que fora morta no quarto anno do Biſpado de Cyrilo, Decimo de Honorio, Sexto de Theodozio, e annos de Chriſto de quatrocentos, e quinze, em huma ſediçaõ popular; porém o douto Heſychio chamado por authonomazia o illuſtrado diz, que fora morta por enveja, pela eximia ſabedoria, de que era dotada principalmente na Aſtronomia. Nicephoro no Lib. 14. Cap. 16. refere, que fora morta por hum Clerigo de Menores chamado Pedro, em huma Igreja de Alexandria, que tomou o nome de Ceſar, e com taõ barbara crueldade, que primeiro a deſpira, e depois trazendo o cadaver para Cinaron lhe cortara os membros, reduzindo-os com nova impiedade a cinzas, mas naõ pode apagar-lhe a memoria, com que muitos Poetas celebraraõ as exequias deſta heroina em muitos Epigrammas Gregos, e os autores que della eſcreveraõ com muitos elegantes elogios.

VIII.

HELENA LUCRECIA.

HElena Lucrecia Cornara Piſcopia filha de Joaõ Baptiſta Cornaro, nobre Veneziano, e Procurador de Saõ Marcos, naſceo em Veneza a cinco de Junho de mil ſeiſcentos quarenta, e ſeis, e logo da infancia deo a conhecer o grande engenho, que tinha para as letras, obſervado por hum amigo de ſeo pay homem douto, que ſe chamava Joaõ Baptiſta Fabres, e lhe fez dar meſtres para o eſtudo da lingoa Latina. Apenas contava ſette annos, quando ſe achou nos cuidados de aprender Grammatica, primeiro com Joaõ Valecio Conego de Saõ Marcos, depois com o Doutor Bartolotte. Como os livros foraõ os jogos da primeira idade, deſempenhou Helena em taõ pouco tempo o conceito de Fabres com os grandes progreſſos, que fez neſta lingoa, que logo lhe adiantaraõ os eſtudos da Grega. Fabres lhe deo as primeiras liçoens com grande fruto, e morrendo neſtes bons principios, lhe ſoccedeo no magiſterio Luiz Gradenigo Perfeito da livraria publica de Veneza.

Taõ facilmente aprendeo as lingoas Latina, e Grega, que paſſou logo ao eſtudo da Caſtelhana, e Franceza, chegando por ſua corioſidade a ter conhecimento da Arabiga. Applicou-

ſe

ſe com grande eſtudo às ſciencias da Filoſofia, e Mathematica, em que teve por meſtre Carlos Rinaldini, que as profeſſava em Padua, e depois aprendeo Theologia com Hypolito Marcheti Padre do Oratorio.

Neſta ultima ſciencia, que lhe agradou mais particularmente, ſoube com tanta perfeiçaõ, que ſe conſultaraõ os homens mais doutos de França, e de Italia ſe poderia doutorar-ſe neſta faculdade, e houve alguns Italianos, que fizeraõ doutiſſimas diſſertaçoens para provarem, que eſta conceſſaõ naõ ſe oppunha às ordens de Saõ Paulo, que prohibe falarem as mulheres na Igreja. Os obſtaculos, que ſe oppuzeraõ a eſta dependencia, obrigaçaõ o pay de Helena, que ancioſamente deſejava a ſua filha hum titulo de tanta honra, a mudar de intento, procurando doutorala em Filoſofia na Univerſidade de Padua, mas tambem era exemplo novo, e para gloria do ſeo merecimento ſobejava a commua opiniaõ, que adquirio de ſabia, a memoria, que a fama lhe perpetuou de erudita.

Naõ ſe ignorava, que Santa Getrudes falou muitas vezes em publico nos myſterios da Religiaõ, nem que Santa Catharina de Sena fizera huma oraçaõ ao Papa na preſença dos Cardeaes, mas eſtas acçoens particulares eraõ menos, que dar a huma Donzella a borla de Doutora com as ſolemnidades coſtumadas, porèm a boa deligencia, venceo os inconvenientes, e ajuſtado o dia do exame, appareceo Helena taõ modeſta,

deſta, como douta dizendo, que vencia o proprio conhecimento em aſſeitar aquella honra, de que naõ era digna, porque era goſto de ſeo pay, que a violentava, comminaçaõ, que a rendia.

Em vinte, e cinco de Julho de mil ſeiſcentos ſettenta, e oito ſe ajuntou a Univerſidade em huma Cappella da Igreja Cathedral dedicada a noſſa Senhora, para lhe conferir o grao de Doutora. A afluencia de gente era taõ numeroſa pela novidade do eſpectaculo, que pareceo mais a propoſito eſta Cappella. Fez Helena hum excellente diſcurſo ſobre hum Texto de Ariſtoteles, alcançando merecido applauſo pela energia, com que o recitou, e lhe deraõ a borla de Doutora com todas as formalidades ordinarias, que ſe uſavaõ, fazendo-a geralmente conhecida na Europa.

Os corioſos, que paſſavaõ a Italia hiaõ ver pela fama deſta acçaõ Hellena Lucrecia, que antes de Doutora lograva já o titulo de Academica nas Academias dos Infecundi de Roma, dos Intronati de Sena, e outras. Foy pertendida de muitos homens de merecimentos para mulher, mas ella ſe eſcuſava ſem offenſa de nenhum, com o voto de caſtidade, que fizera de onze annos, e ainda que ſeos parentes alcançaraõ deſpenſa, permaneceo por toda a vida naõ ſó Virgem, mas Religioſa.

Teve efficaces deſejos de deixar o mundo entrando em huma Religiaõ, mas vencida pela repugnancia da ſua familia ſe contentou com os votos

votos ſimples, que fez como Oblata da Ordem de Saõ Bento nas mãos de Cornelio Codanino Abbade de Saõ Jorge, e recebeo o habito das Freiras deſta Ordem, que trazia debaxo dos veſtidos Seculares. Perdeo inteiramente a ſaude pela extraordinaria applicaçaõ nos ſeos eſtudos fazendo-a padecer diverſos achaques, que acabaraõ com a morte em vinte, e ſeis de Julho de mil ſeiſcentos oitenta, e quatro, na idade de trinta, e oito annos, e jaz enterrada na Igreja de Santa Juſtina de Padua com o ſeguinte Epitafio.

D. O. M.

Hellenæ Lucretiæ Corneliæ Piſcopiæ, Joan. Baptiſtæ D. Marci Procuratoris filiæ, quæ moribus, & Doctrina ſupra ſexum, & laurea ad memoriam poſteritatis inſignis privatis votis coram Cornelio Codanino Abbate S. Georgii Maioris emiſſis, S. Benedicti inſtitutum ab ineunte ætate complexa, & religioſe proſecuta, in Monachorum conditorium, ut vivens optaverat, poſt acerba fata, admiſſa eſt.

Monachi H. M. P. P. Anno D. 1684.

As Academias de que era o melhor ornamento lhe fizeraõ os merecidos elogios depois de morta, e a dos Infecundi de Roma compoz a obra ſeguinte.

Le Pompe funebri celebrate da Signori Academici Infecondi di Roma per la morte dell' Ill' Sign. Hellena Cornara. Padua 1685. em folio.

Os Ricovrati de Padua lhe deraõ por ſuceſſora a Magdalena de Scudery Franceza.

Traduzio Helena Lucrecia de Latim em Italiano a carta, ou coloquio de Chriſto à alma devota, compoſta por Dom Joaõ Laſpergio Cartuxo, impreſſa em Veneza, em vinte, e quatro no anno de mil ſeiſcentos ſettenta, e tres. Correm as ſuas obras impreſſas em Parma no anno de mil ſeiſcentos oitenta, e oito, em hum tomo de oitavo, que deo a luz Benedicto Bauhini. Tras no principio a vida de Hellena, que tambem lhe eſcreveo Maximiliano Deza, em mil ſeiſcentos oitenta, e ſette.

CATALOGO

IX.

HOrtencia matrona Romana, e filha do orador Hortencio, viveo pelos annos de cento, e noventa da era de Ceſar, e ſeſſenta, e quatro antes da vinda de Chriſto ao mundo. Foy herdeira do entendimento, e eloquencia de ſeo pay. Tinha ordenado, o Triunvirato Marco Antonio, Octavio, e Lepido, que as mulheres Romanas declaraſſem os bens, que peſſuiaõ para lhe imporem certo tributo, que naõ teve effeito pela grande erudiçaõ com que orou na preſença do Triunvirato defendendo como propria a cauſa das mulheres Romanas.

X.

X.

HYdria foy de hum engenho taõ agudo, que Hercules já mais ſe atreveo a impugnar, ou contradizer as ſuas razoens, e fundamentos. O Divino Plataõ em hum dos ſeos Dialogos, a louva grandemente de ſabia.

XI.

HYpolita Rainha das Amazonas foy taõ belicoza que naõ temeo a guerra contra o famoſo Theſeo hum dos mais valeroſos Capitães do mundo. Veyo com elle às mãos em huma bem ſanguinolenta Batalha, de que ſahiria vitorioſa ſe o grande Hercules o naõ ſocorrera.

XII.

HYpſicratea mulher de Mitridates foy valeroſiſſima, e de hum animo taõ belicoſo, que em todos os perigos da guerra foy viſta ſempre armada ao lado de ſeo marido. Em valor, e formoſura, naõ teve igual naquella idade.

XIII.

HYpona ſendo cativa de huns Corſarios ſe lançou ao mar, porque naõ padeceſſe ainda mayor naufragio a ſua honeſtidade, e por eſ-

ta acçaõ heroica fazem della muitos autores repetida memoria , eſtimada lembrança.

XIV.

HIppo filha de Scedaſço natural de Leutris lugar de Boecia , eſtando auſente ſeo pay , e na companhia de huma ſó irmãa , hoſpedaraõ a dous mancebos naturaes de Eſparta. Recebidos com a fé de peregrinos lhes adminiſtraraõ a comida , e bebida a que elles ſe entregaraõ com tanto exceſſo , que degenerando em Gulla acabou em Rapto. O meſmo licor que lhes roubou a elles o juizo , roubou a ellas a virgindade , ficando com tanto ſentimento de ſe verem ultrajadas na honra (como refere Saõ Jeronymo) que mutuamente ſe deraõ amorte.

XV.

HOrtencia de Caſtro, que floreceo pelos tempos de ElRey Dom Manoel primeiro do nome , foy natural de Villa Viçoſa , e huma das mais illuſtres matronas daquella idade , que deſejando imitar as Donzellas Gregas , ſe partio para Coimbra na companhia de dous irmãos,que ſeguiaõ aquella Univerſidade. Disfarſada em habitos de eſtudante curſou as Aulas da Grammatica , e Filoſofia com tanto diſvello , e applicaçaõ , que ſahio boa Latina , melhor Rethorica , grande Logica ; e Methafyſica. Tambem eſtu-

eſtudou Theologia, conſervando ſempre o ſegredo daquella vaidade, inutil ao ſexo, decorosa ao eſtado. Teve o intereſſe de grandes merces, e honras dos Principes Reynantes, que a viraõ orar, e defender Concluſoens neſtas ſciencias.

XVI.

DOna Helena da Sylva da Ordem de Saõ Bernardo do Moſteiro de Celas em Coimbra, eſcreveo em verço hum livro intitulado: *La Pacion de Chriſto Señor nueſtro*, e ordenou a vida de noſſa Senhora dos verços do Poeta Virgilio.

XVII.

HIldega natural de Alemanha foy doutiſſima nas Filoſofias, e eſcreveo quatro livros, *de Rerum naturalium*, que ſaõ muy louvados, e encarecidos de grandes ſutilezas, erudiçaõ, e doutrina.

XVIII.

DOna Helena de Santo Antonio Religioſa Dominicana do Convento de JESUS de Aveiro, que fez companhia à Santa Princeza Dona Joanna na reſoluçaõ, com que deixou o mundo, naõ ſó foy illuſtre pelo ſangue, e pelas virtudes; mas ainda pelas letras. Foy muito

douta na ſagrada Eſcritura, e com a grande liçaõ, que teve dos Expozitores, e Interpretes ſagrados conſeguio huma vaſtiſſima erudiçaõ.

XIX.

HElena da Paz Portugueza, e grande Poetiza, eſcreveo muitas obras em verſo, humas ſe imprimiraõ, e outras ſe guardaõ manuſcritas. Deixou muitos elogios na lingoa Latina a diverſos aſſumptos, que podem formar hum bom volume.

XX.

HElena Mendes natural do lugar da Sendinha, Freguezia de Saõ Joaõ Baptiſta, Biſpado da Guarda, e filha de Franciſco Mendes, e de Barbara Maria, Vendo-ſe forçada de certo homem laſcivo intentou dar-ſe a morte para ſe livrar da occaſiaõ de perder a ſua virgindade. Encontrou-lhe o laſcivo eſte heroico procedimento, e querendo rendela com palavra de futuro matrimonio; lhe reſpondeo: „ Que naõ conſenteria „ ſemelhante culpa com o mais juſtificado pre- „ texto, e deixando-a livre ficou Helena mais famoſa, que Helena, naõ pelo roubo, mas pela formoſura, e pela caſtidade.

XXI.

XXI.

HElena mulher de Menelâo, como eſcreve Homero, foy muito douta, e ſe acha ſeo nome vulgariſado por illuſtre em muitos Catalogos de mulheres eruditas nas letras humanas.

XXII.

HElpe, ou Elpis, que teve por patria a Meſſina Cidade de Sicilia foy mulher de Severino Boecio, e famoſa na Grammatica, Rethorica, e Poeſia. Eſcreveo alguns Hymnos em louvor dos Apoſtolos, e ſeo Epitafio com outras muitas obras em verſo, e proſa.

XXIII.

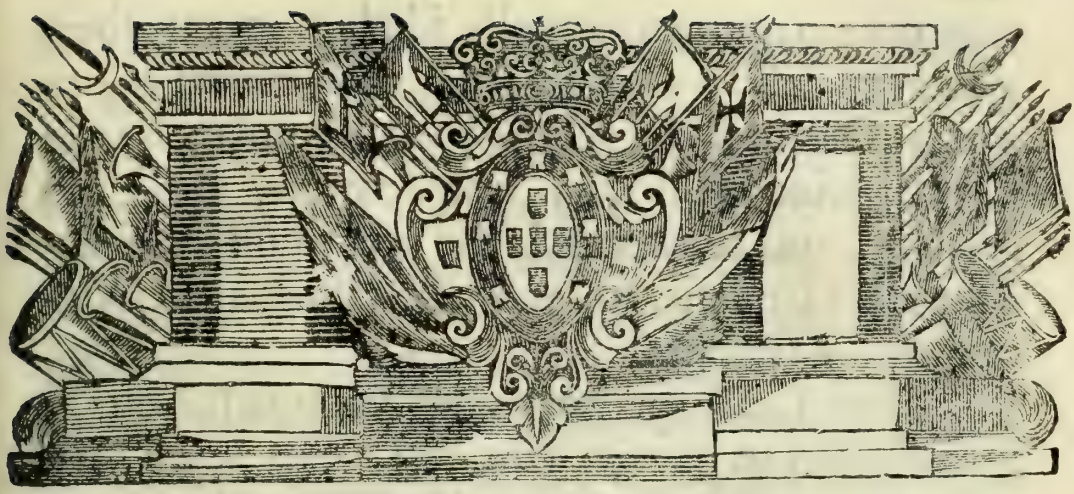
HYpolita Viſcondeça, filha do Duque de Millaõ Franciſco Eſforcia, e mulher de Affonſo ſegundo Rey de Napoles, em prendas naturaes, e adquiridas recomendou a memoria de ſeo nome com o pregaõ de ſuas acçoens illuſtres. Era formoſa, diſcreta, e ſe fez muito douta nas artes liberaes, e letras divinas, e humanas. Foy Religioſiſſima Rainha, e deo grande exemplo no exercicio das virtudes a ſeos vaſſallos, diſtribuindo pelos pobres, e adorno dos altares muitas riquezas. Finalizou o circulo virtuoſo, e feliciſſimo de ſeos dias no anno de mil quatocentos quarenta, e oito.

XXIV.

XXIV.

HEnriqueta de Cleves filha de Franciſco de Cleves primeiro Duque de Nevers, e de Margarida de Borbon irmãa de Antonio Rey de Navarra naſceo em trinta, e hum de Outubro de mil quinhentos quarenta, e hum, e ſuccedeo no Ducado pela morte de ſeos irmãos caſando com Luiz Gonzaga Principe de Mantua, e filho terceiro do Duque Federico, e de Margarida Paleologa Marqueza de Monferrato. Deſte matrimonio, que ſe celebrou no primeiro de Março de mil quinhentos ſeſſenta, e ſeis naſceraõ tres filhos, e duas filhas; e teve a duraçaõ, e vinculo quaſi vinte, e nove annos falecendo Luiz Gonzaga a vinte, e tres de Outubro de mil quinhentos noventa, e cinco. O tempo, que lhe vagava das acçoens da Religiaõ ſe enriquecia no eſtudo das letras humanas, e traduzio na lingoa Franceza a Aminta de Torcato Taſſo. Naõ ſó profeſſava as ſciencias, mas tambem favorecia com liberalidade os homens doutos, que ſentiraõ a ſua morte acabando chea de virtudes a vinte, e quatro de Junho dia de Saõ Joaõ Baptiſta do anno de mil ſeiſcentos, e oito.

THEA-



THEATRO HEROINO,

E

ABCEDARIO HISTORICO DE MULHERES

Illuſtres em Sciencias, e Artes Liberaes.

Letra I.

I.

IRENE Emperatriz.

A FAMOSA, e formoſa Irene natural de Athenas Cidade de Grecia, que naſcendo Princeza como filha de hum Rey dos Bavaros, veyo a morrer Emperatriz, foy illuſtriſſima heroina, porque em prudencia, valor, bondade, e formoſura

naõ teve o mundo naquella idade outra mulher, que a igualaſſe, ou excedeſſe. Governava o Imperio Oriental na Cidade de Conſtantinopla Conſtantino quinto, que foy pay de Leaõ quarto, que recebeo a Irene por mulher, e Senhora do Imperio no anno de Chriſto de ſettecentos, e ſettenta.

Era Leaõ quarto herege obſtinadiſſimo, e ſuccedendo ao pay no Imperio, e na Seyta, negava adoraçaõ às Imagens dos Santos. Irene como era naſcida no gremio da Igreja Romana, ſofria mal as irreverencias aos ſagrados Simulachros de Chriſto, e ſeos Santos; mas foy creando a ſeo filho Conſtantino, que foy ſexto no Imperio, com a meſma doutrina Romana, eſperando a morte do Emperador, para extirpar de ſeos vaſſalos, e Reynos aquella herezia.

Em breves annos vio effeituados ſeos deſejos, e como primeira acçaõ do ſeo governo em a Tutoria do filho eſcreveo, e mandou ſeos Embaxadores no anno de ſettecentos oitenta, e cinco ao Papa Adriaõ primeiro deſte nome, pedindolhe quizeſſe para remedio daquella herezia ajuntar concilio, que ſe celebrou na Cidade de Nicena, Provincia de Bitinia, razaõ porque ſe chamou Niceno. Concorreraõ a elle trezentos ſeſſenta, e tres Biſpos, e ſe aprovou o uſo das imagens, condenando-ſe por herejes todos, os que lhe negavaõ adoraçaõ, e reverencia.

Governava Irene com valor, e conſelho

mais

mais que de mulher aſſim na paz, como na guerra; e no anno de oitocentos, e dous aſſentou pazes com Carlos Magno com grandes intereſſes do Imperio. E logo que ſeo filho Conſtantino ſexto chegou aos annos de cingir a eſpada, empunhar o cetro, e defender a coroa, voluntariamente lhe entregou as redeas do governo, moſtrando logo, que herdara com o ſangue, e coroa a herezia do pay, e do avó ſendo mais poderoſa a natureza, que a boa criaçaõ da Emperatriz, doutrinando-o em bons coſtumes, e na verdadeira Ley, e Religiaõ Catholica.

Logo excluhio de todo o governo a Emperatriz ſua mãy, fazendo-a viver como peſſoa particular, naõ ſem injuria da Mageſtade, e ruina do Imperio; porque repudiando a Emperatriz ſua mulher, e obrigando-a a que entraſe em Religiaõ, ſe caſou com huma criada por nome Theodora; e cahindo de hum mal em outro mayor, renovou as herezias condenadas em o concilio Niceno, e foy o golpe, que mais penetrou a alma da Emperatriz Irene.

Creſciaõ com os males a impaciencia dos grandes da Corte pela liberdade com que obrava em dano do Imperio, e dos vaſſalos, que por muitas vezes perſuadiraõ a Emperatriz lançaſſe maõ do governo, offerecendo-lhe em ſeo favor as vidas, e as fazendas. Irene como era ſobre valeroſa, prudentiſſima, dilatou o conſentimento à conjuraçaõ, querendo fazer o jugo mais peſado, e o direito mais conſtante, pre-

meditando huma acçaõ a todos os ſeculos famoſa, e exemplar. E logo que aſſentio no parecer dos grandes da ſua Corte, ſe fez a priſaõ de Conſtantino, e na ſua preſença lhe mandou tirar os olhos, para que naõ tiveſſem no arrependimento lugar de o ſubir outra vez ao trono, como quem ſabia, que na mudança dos governos, ſempre ha deſcontentes, e os meſmos, que tiravaõ a Conſtantino das mãos o cetro, lhe poriaõ a manhãa a Coroa na cabeça.

Quatro annos governou Irene aquelle Imperio com augmento, e proſperidade; mas dando-ſe por afrontados os Principes Gregos, pelo dominio, e vaſſalagem, que tributavaõ a huma mulher, com deſprezo ao ſexo, conſpiraraõ contra Irene, levantando a Nicephoro por ſeu Emperador, que naõ ſó lhe uzurpou o trono, fazendo-lhe com falſas promeſſas entregar os teſouros do Imperio, mas a deſterrou para a Ilha do Principe, onde a Emperatriz havia fundado hum ſumptuoſo Moſteiro de Monjas.

E querendo Nicephoro apurarlhe o ſofrimento com nova injuſtiça, lhe transferio depois o ſeo deſterro para a Ilha de Lesbos; e moſtrando Irene neſta adverſidade mayor valor, e prudencia; acabou religioſamente a vida, e deixou perduravel memoria em menos illuſtres acçoens daquellas, com que merecidamente adquirio o nome de primeira entre as heroinas daquella idade. Faleceo no anno de Chriſto de oitocentos vinte,

vinte, e tres havendo reynado na Tutoria do filho dezanove annos, e na ſua depoſiçaõ quatro.

II.

JULIANA MOREL.

PAra illuſtrar a patria com a nobreza do ſegundo naſcimento, naſceo em Barcelona de humildes, ainda que ricos progenitores Juliana Morel no anno de mil quinhentos noventa, e quatro. Naõ achamos eſcritos os nomes de ſeos pays, talvez porque foy primogenita de Pallas, devendo a ſeus heroicos progreſſos nas letras divinas, e humanas origem mais illuſtre.

Em hum Convento de Religioſas de Saõ Domingos da meſma Cidade, vagou os primeiros annos no eſtado de educanda, correſpondendo fielmente às eſperanças do pay, que era hum rico Banqueiro, que neſta filha ſe prometteo grandes felicidades, mayores honras. Paſſados alguns annos, deixou a Clauſura para ſe empregar no eſtudo das lingoas, aproveitando tanto, em taõ pouco tempo, que ſó contava doze annos de idade, e já ſabia falar além da lingoa Catelãa, que era a natural, a Caſtelhana, Franceza, Italiana, Latina, Grega, e Hebraica. Quando Juliana principiava novos cuidados no

eſtudo das ſciencias, deixou a patria em companhia de ſeo pay, paſſando a Leaõ de França fugitivo, por criminoſo.

Neſta Cidade acabou de aprender com perfeiçaõ Logica, Fiſica, e Moral, defendendo em todas eſtas ſciencias publicas concluſoens; aſſiſtiraõ os Principes Seculares, Eccleſiaſticos, Doutores, Religioſos, Senhoras, e Damas, que vendo repetir, e reſponder a deffendente com graça, e prontidaõ, ſe admiravaõ juſtamente pelo ſexo, pelos annos, e pela ſabedoria: E louvando huns o pay, outros encarecendo os dotes da filha, affirmavaõ todos ſem encarecimento, que pareceſſe liſonja, ſenaõ podia fazer acçaõ mais formoſa, acto mais luzido.

Continuou Juliana Morel no eſtudo da Metafiſica, como terceira, e ultima parte das Filoſofias. Da Metafiſica paſſou à Juriſprudencia, e como nella ſe uniraõ as duas qualidades preciſas ao eſtudo deſta vaſtiſſima ſciencia, de grande memoria, e grande applicaçaõ, adquirio em breve tempo avultadas noticias de todo o Direito Civil. E entrando ſeo pay no cuidado de a querer graduar em Leys, porque já ſe achava na idade de quatorze annos, encontrou alguns obſtaculos na pertençaõ; mas reſoluto em lhe fazer boa fortuna ſem reparar nos incommodos de huma jornada, paſſou para Avinhaõ. Divulgada a noticia pela Cidade, ſe convidavaõ huns a outros para verem a nova Doutora. Culpavaõ todos a fama por diminuta nas raras prendas de

Juliana,

Juliana, conciliava as attençoens em a modeſtia natural, e ſemblante grave, com que moſtrandoſe affavel com os mayores, naõ parecia facil com os iguaes, ou imperioſa com os humildes.

Determinouſe o dia para o Certame litterario em o Palacio do Governador, onde concorreraõ os Meſtres, e Doutores da faculdade, ſeguidos de hum grande concurſo de Senhoras, nobreza, e povo, que fizeraõ luzido aquelle acto. Ao exame, que foy rigoroſiſſimo, ſe ſeguio votarem uniformes os Doutores pelo merecimento de Juliana Morel, e conferindo-lhe o grao de Doutora em Leys, correſponderaõ os applauſos à expectaçaõ dos ouvintes, ao voto dos Doutores.

A Princeza de Condè ficou taõ namorada das heroicas prendas da formoſa Doutora, que fez goſto de a tratar com affectos de amiſade, honras de igual. E Juliana conhecendo na Princeza ſegura protecçaõ, lhe declarou o deſejo, que tinha de ſervir a Deos na Religiaõ de Saõ Domingos, porque vivia inconſolavelmente diſgoſtoſa na obediencia de ſeo pay, homem de aſperiſſima condiçaõ, como eraõ abonadas teſtemunhas aquelles ſinaes, moſtrando-lhe os vergoens dos golpes, com que a feria, e maltratava, fazendo crivel a ſua fereza, barbaro o ſeo procedimento. A Princeza, que ouvio com attençaõ a peregrina hiſtoria de ſeos trabalhos com ſentimento natural ao ſexo, grato à humanidade, a mandou conduzir ao Convento de Santa

Praxe-

Praxedes, de que Juliana fizera eleiçaõ, e interpondo o ſeo patrocinio, recebeo o habito, naõ obſtante os importunos rogos, e mayores deligencias, com que ſeo pay pertendeo encontrarlhe a vocaçaõ.

Neſte apetecido eſtado ſe entregou taõ de veras ao Divino Eſpoſo, que em breves annos era hum exemplar de virtudes a todas, que lhe precediaõ em annos de Religiaõ, e idade. Tres vezes foy compulſada pela obediencia para aceitar o officio de Perlada, havendo exercitado por muitos annos o de Meſtra das Noviças com grande obſervancia, diſpondo-as à profiſſaõ com todos os requiſitos de ſolemne deſpoſorio, compondo para eſte fim, piedoſos exercicios, diſcretiſſimos dictames.

Traduzio em Francez a fórma do exame, que ſe hade fazer às Noviças, e advertencias particulares deſte acto. Hum tratado compoſto pelo Beato Humberto para os officiaes da Ordem traduzio com alguns aditamentos novos, e neceſſarios. Tambem traduzio, e commentou a Regra de Santo Agoſtinho. No tempo, que lhe vagava dos miniſterios da Ordem, que eraõ de breves horas, compoz, e eſcreveo muitos livros de hiſtoria, e liçaõ eſpiritual, de que daremos abreviada noticia.

Ordenou Soror Juliana a hiſtoria da reedificaçaõ, e refórma do Convento de Santa Praxedes; recopilando no meſmo eſtilo as milagroſas protecçoens de Chriſto, e Maria Santiſſima,

em

em favor daquelle Convento com huma collecçaõ das Religioſas, que nelle morreraõ com opiniaõ de virtude, deixando de ſuas vidas perduravel memoria.

As obras, que deraõ a conhecer o elevado eſpirito deſta heroina, foraõ em tudo eſpirituaes, e doutas. A do retiro para os dez dias de exercicio dividida em tres partes, a primeira da Eternidade do Amor de Deos para com os homens, a ſegunda, e terceira da Eternidade feliz, e infeliz. Eſcreveo hum commento doutiſſimo ſobre o tratado da vida eſpiritual de Saõ Vicente Ferreira cheo de erudiçaõ, extrahida dos Santos Padres, e Doutores Myſticos, obra de tanto engenho, que ſuſpende o mais delicado juizo. Eſcreveo muitos livros de devoçaõ, e entre elles huns hymnos em veneraçaõ da Senhora do Roſario. Com eſtes applicados eſtudos, e com os rigores do eſtado, e vida penitente, desfaleceo o eſpirito, dando a alma a ſeo Creador aos vinte, e ſeis de Junho do anno de mil ſeiſcentos cincoenta, e tres, contando cincoenta, e nove de idade, com elogios de Doutora, e veneraçoens de Santa.

III.

DONA ISABEL Infanta.

A Infanta Dona Iſabel filha dos Reys de França Luiz oitavo, e Dona Branca filha de Affonſo nono Rey de Caſtella, naſceo em Pariz no anno de mil duzentos, e vinte, governando a Cadeira de Saõ Pedro Honorio terceiro, o Imperio do Occidente Federico ſegundo. Logo nos primeiros annos ſe lhe conheceo natural inclinaçaõ às virtudes, que exercitava com o Principe ſeo irmaõ, que foy Saõ Luiz Rey de França, communicando-ſe os dous meninos, (que naſceraõ entre os irmãos primeiro, e ultimo) com particular affecto, ſanta emulaçaõ.

Em prendas naturaes de formoſura, engenho, e diſcriçaõ, excedeo a todas as Senhoras daquelle ſeculo, e idade. Tinha repartido as horas para o exercicio das virtudes, fabrica dos lavores, e eſtudo das letras, que aprendeo com facil applicaçaõ adquirindo perfeitamente as regras da Latinidade, de que ainda ſe conſervaõ algumas cartas eſcritas aos Pontifices com admiravel primor das frazes, eloquencia, e doçura celeſtial dos conceitos, veneradas como reliquias de ſua heroicidade no Convento, que fundou em

Monte

Monte Longo. Começou a rezar o officio Divino, e de noſſa Senhora com devoçaõ, e intelligencia na idade de dez annos. Na liçaõ da Eſcritura ſagrada, e Santos Padres ſe occupava com frequencia illuſtrando ao meſmo tempo deſta ſabedoria divina, o entendimento, e a alma. Na arte de lavor foy primoroſiſſima, e neſte exercicio fazia occupar as ſuas Damas para ornato dos Altares, e ſerviço da Igreja. A primeira obra, que ſahio de ſuas mãos era taõ primoroſa no artificio que expreſſando-lhe ſeo irmaõ o bom goſto, ſe negou a fazer-lhe della offerecimento pela ter dedicado ao culto de noſſa Senhora, como primicias de ſeo trabalho, laborioſo fruto de ſeo engenho.

Eſtas boas prendas, ſanta vida, e naõ vulgar formoſura da Infanta inquietaraõ por muitas vezes o divino ſegredo de ſeos ſantos Propoſitos, ſendo pedida em matrimonio por muitos Principes da Europa, a que ſempre reſpondeo com pretextos, e razoens de agudeza, que faziaõ ſuſpender a pratica, ſem dar lugar a nova inſtancia. Houve occaſiaõ, que lhe fizeraõ tanta força em lhe contraſtarem a vontade, ponderadas as conveniencias grandes, que reſultavaõ de ſeo conſentimento à Monarquia, que o Pontifice Romano interpondo a ſua authoridade lhe eſcreveo algumas cartas, mas convencido com as repoſtas de Iſabel cheas de eſpirito, e ſabedoria, lançando-lhe na ultima carta a ſua bençaõ, a confirmava em ſua reſoluçaõ heroica, Santiſſima Virgindade.

Intentando largar o mundo para mais ſeguramente ſe entregar a Deos mandou erigir hum Convento em Monte Longo da Ordem de Santa Clara de fabrica ſumptuoſa, e Real magnificencia. Em pouco mais de hum anno ſe aperfeiçoou o edificio, e com as ſuas Damas filhas de ſeo eſpirito, e algumas Donzellas nobres recebeo o habito, e fez profiſſaõ.

Em nove annos de duraçaõ ſe lhe contaraõ muitos ſeculos de virtudes, ſendo exemplar a todas na vida, e na morte, que foy aos vinte, e tres dias do mez de Fevereiro, de mil duzentos ſeſſenta, e nove, concorrendo ao funeral de ſuas honras, ſeo irmaõ Saõ Luiz Rey de França com a nobreza da Corte, para teſtemunhas dos milagres, que Deos obrou, e obra ainda por ſua interceſſaõ, e patrocinio. Jaz ſepultada no lugar do Coro em humilde jazigo, aos quarenta, e nove annos de ſua idade.

IV.

DONA ISABEL Infanta.

A Infanta Dona Iſabel filha baſtarda de ElRey Dom Fernando o primeiro deſte nome em Portugal foy caſada com Dom Affonſo Henriques de Noronha filho de Henrique ſegundo Rey de Caſtella, em o naſci-

o naſcimento iguaes, em a diſgraça companheiros. Aqui teve nobiliſſima origem a familia dos Noronhas deſte Reyno, de que ſaõ xefres os Condes de Arcos. No anno de mil trezentos ſettenta, e tres para effeito das pazes entre as duas Coroas Portugueza, e Caſtelhana ſe aviſtaraõ as Mageſtades, e ajuſtado o caſamento dos Infantes, que ſe celebrou no meſmo anno, lhes conferiraõ o titulo de Condes de Gijon.

Com intentos de melhorar de fortuna ſe enredou o Conde Dom Fernando em os governos dos Reys Dom Joaõ o primeiro, e Dom Henrique, hum irmaõ, outro ſobrinho. Neſtas revoluçoens, e ligas contra hum, e outro ſem mais effeito, que acharſe criminoſo, e reo de leza Mageſtade, ſe partio fugitivo a França deixando a Condeça na Villa, e Caſtello de Gijon, que o Rey Dom Henrique terceiro cercou por mar, e terra, em quatro de Mayo de mil quatrocentos noventa, e cinco. Bem deſempenhou a Condeça o commum conceito, que vulgarmente ſe fazia de ſeo valor, que era mais para empunhar a eſpada, que para cingir a roca, porque neſta empreza, a que foy peſſoalmente Henrique terceiro, deo grandes provas do ſangue Portuguez, aquelle heroico, e animoſo coraçaõ, ſuſtentando por muitos mezes o aſſedio; conſervou a Villa, e Caſtello valeroſa, defendeo conſtante.

Naõ achamos nas hiſtorias de huma, e outra Coroa ſempre eſcritas com eſcaſſa penna, ac-

çaõ particular deſta heroina Portugueza em a viva guerra deſte cerco ; mas ſobeja-lhe a gloria de reſiſtir a dous exercitos Reaes, hum de mar, outro de terra. Chegàraõ os cercados ao extremo de lhe faltarem os viveres, e muniçoens de bala , e boca , e como vio fruſtrada a reſiſtencia, e impoſſivel a conſervaçaõ, admittindo pratica de entrega com pactos favoraveis , e honrados, ficaraõ ſalvas as vidas , livres as fazendas, e liberdades dos vaſſallos, e a Condeça ſahio do Caſtello com a ſua comitiva, e guarda do corpo com dias taxados para deixar as terras, e dominios de Caſtella. O Rey, que naõ podia deſpicar o ſeo furor com a valeroſa heroina , voltando as armas contra os edificios, mandou pôr a ferro, e fogo a Villa, e Caſtello.

Dona Iſabel paſſando a França foy viver com ſeo marido , que ſe achava junto de Rochela em hum povo chamado Maraante Senhorio da Viſcondeça de Tuarres, reſoluçaõ verdadeiramente heroica, negarſe às delicias da patria para acompanhar ao Conde ſeo marido nas miſerias de hum deſterro, em que morreo poucos annos depois exemplo das matronas illuſtres aos vinte , e hum de Fevereiro de mil quatrocentos vinte , e ſette.

V.

SOROR JOANNA DA CRUZ.

EM hum lugar diſtante doze legoas da Cidade de Mexico, Metropoli, e capital da nova Eſpanha naſceo Soror Joanna da Cruz aos onze dias do mez de Novembro, em huma Seſta feira pelas onze horas da noute, no anno de mil ſeiſcentos cincoenta, e hum. Foy ſeo pay Dom Pedro Manoel de Asbaje Biſcainho de naçaõ, da Villa de Vergara Provincia de Guipoſcoa, que paſſando àquella nova conquiſta ambicioſo de riquezas, por eſteril de cabedaes, ſe caſou com Dona Iſabel Ramires de Cantilhana filha de pays Caſtelhanos, e natural de Yacapiſtla, matrimonio, que ſe illuſtrou com a nobre producçaõ deſte fecundiſſimo engenho, e com elle ſe honra naõ menos a patria, que minha ſagrada Religiaõ.

Ainda naõ contava tres annos completos, quando ſeos pays mandaraõ à meſtra a irmãa de Joanna, que ella quiz acompanhar por affecto, brinco, ou traveſſura. E vendo que a meſtra naõ lhe dava liçaõ como a ſua irmãa, e às outras meninas ſe abrazou tanto em deſejos de aprender, que parecendo-lhe enganaria a meſtra com hum fingido recado, lhe inſinuou, que

era

era goſto de ſua mãy , que ella tambem aprendeſſe. A meſtra , que logo conheceo a fiçaõ do recado por comprazer com a graça , e natural viveza da menina lhe deo a primeira liçaõ , que depois continuou admirando o engenho , e facil comprehençaõ de Joanna. Primeiro ſoube lêr, que os pays o entendeſſem,occultando-o a menina com medo do caſtigo , a meſtra por conveniencia , ou intereſſe do premio.

Sendo naquella idade natural a golozina, ſe abſteve de comer quejo, porque ouvira dizer , que tirava a memoria : Tal era o deſejo de ſaber , que venceo a natureza no appetite , em que he dominante. Em dous annos aprendeo com perfeiçaõ a lêr , eſcrever , e contar com todas as mais habelidades de coſtura , e lavor , que exercitaõ as mulheres , que ſaõ menos vulgares por mais raras.

Começaraõ a rayar as primeiras luzes de ſeo engenho em os verſos vulgares com admiraçaõ dos que a viaõ poetizar naquella idade ; pois ainda contava oito annos , quando por premio de compor huma Loa ao Santiſſimo Sacramento , lhe offereceraõ hum livro , porque eraõ as alfayas , de que fazia apreço , diches , ou adornos a que dava eſtimaçaõ.

Havia na Cidade de Mexico como capital das Indias Occidentaes publica , e Real Univerſidade: E ouvindo Joanna Ignez , que nella ſe aprendiaõ as bellas letras , importunava ſeos pays, que a mandaſſem eſtudar , diſfarçados em habitos de

varaõ

varaõ os trajes de mulher ; e como naõ deferiaõ a ſeos heroicos penſamentos, voltava as iras contra a natureza , que pelo ſexo lhe fizera inutil o juizo , pobre o engenho.

Deixaraõ-ſe vencer os pays da generoſa porfia , com que Joanna Ignez inſtava em aprender as ſciencias levando-a a caſa de hum ſeo avó , que vivia na Cidade de Mexico. Aqui ſe deo à liçaõ de alguns livros, que achou ſem uſo. Aprendeo Grammatica ; e podeſe affirmar , que naõ teve meſtre , porque naõ chegou a dar vinte liçoens ao Bacharel Martim de Olivas , que teve a honra de lhe chamar diſcipula. Era de taõ vivo , e agudo engenho , que tendo por meſtre o ſeo diſcurſo , cortava os formoſos cabellos da cabeça , condenando-ſe a ter aprendido , quanto deſejava até chegar a certa medida , impondo-lhe novo caſtigo , com pena igual ſe primeiro creſceſſe , do que ella ſoubeſſe ; ou a Grammatica, quando a eſtudava , ou alguma das ſciencias , quando as aprendia. Tal era o ardente affecto a todo o genero de letras , que ſendo os cabellos naquelle ſexo o mais preſado , e natural adorno em as mulheres os cortava , parecendo-lhe com juſto ſentimento , que naõ devia eſtar ornada de cabellos huma cabeça , que eſtava deſpida de noticias.

Creſcia com os annos a fama deſta heroina por toda aquella conquiſta ; e augmentando-ſe com a diſcriçaõ , e formoſura o cuidado em ſeos pays , a introduziraõ no Palacio do Vice-Rey de

Mexico, Marques de Mancera, que ella muitas vezes frequentava por affecto particular da Vice-Reyna. Com o trato de cada hora em a ouvir fallar, e diſcorrer em differentes materias, creſceo no Vice-Rey mayor deſejo de provar em huma diſputa a ſabedoria de Joanna Ignez, parecendo-lhe, que era mais ſciencia infuza, do que adquirida.

Hum dia mandou convocar a ſeo Palacio os Lentes, e Meſtres da Univerſidade, que faziaõ por todos o numero de quarenta. Havia Theologos, Filoſofos, e Mathematicos, Hiſtoriadores, Poetas, e Humaniſtas. Defendeo Joanna Ignez as queſtoens mais dificultoſas de Filoſofia, e Theologia, e explicou com a meſma erudiçaõ, e engenho os textos mais profundos da Eſcritura ſagrada cada hum em ſeo verdadeiro, e proprio ſentido. Todos lhe argumentavaõ na ſciencia, em que eraõ Meſtres, e a todos reſpondia Joanna Ignez com a meſma promptidaõ, como ſe fora graduada em cada huma das ſciencias com tanta memoria, e juizo nas reſoluçoens, que era outra nova admiraçaõ, além de ſer muito alhea do ſexo, eſtar vendo em dezaſette annos de idade, muitos ſeculos de erudiçaõ, e ſabedoria, outros tantos de prudencia, e honeſtidade. Foy hum dos mais luzidos actos de oſtentaçaõ em letras, que lemos nas hiſtorias. Deixou por muitos annos famoſo aquelle dia, que na poſteridade ſe eſtá fazendo mais celebre pelo beneficio deſta piquena eſcritura de

ſuas

ſuas acçoens illuſtres, pois lhe conſerva immortal o nome com o brado de taõ merecidos elogios.

Vivia Joanna Ignez entre os applauſos de huma Univerſidade com veneraçoens de ſabia, quando moſtrou o mais, que ſabia retirando-ſe ao Moſteiro das Monjas de Saõ Jeronymo de Mexico, onde tomou o habito, e fez profiſſaõ, concorrendo a liberalidade dos Vice-Reys a fazer mais prompta, e mais plauzivel a ſua vocaçaõ. Aqui eſtudou para o uſo do coro a arte da Muſica, mas naõ contente o fecundiſſimo, e raro engenho de Soror Joanna da Cruz com os primores, e regras da arte ſem os fundamentos da ſciencia, alcançou com taõ facil trabalho os preceitos do Contraponto, que em breve tempo compoz hum novo methodo para ſe aprender; obra de tanto engenho, que os ſeos profeſſores affirmavaõ, que ella ſó baſtava a illuſtrar ſeo nome, acreſcentar o brado à ſua fama.

Os livros eraõ o ſeo familiar comercio todo o tempo, que lhe vagava dos exercicios da Communidade. Na compoſiçaõ dos verſos teve contradiçoens authorizadas; e chegaraõ os Prelados aprohibir-lhe o applicado eſtudo das ſciencias, ou foſſe piedade, ou mortificaçaõ. Enfermou Soror Joanna da Cruz de naõ eſtudar como teſteficaraõ os Medicos aos Prelados, que dando lhe licença para continuar com a meſma applicada liçaõ, logo cobrou inteira ſaude, e pa-

rece, que neſta prodigioſa mulher fizera o eſtudo outra mais robuſta, ou ſegunda natureza.

Naõ ſe rendia ao trabalho, que no juizo de todos era inſuperavel, porque ſempre ſe achava a Soror Joanna, ou compondo, ou eſtudando. Só para reſponder a cartas em verſo, e proza, que recebia das duas Heſpanhas, naõ poderia vencer a expediçaõ do mais deſtro amanuenſe, o que ella ſó fazia ſem queixa da correſpondencia, ou falta nas obrigaçoens do eſtado, ordenando, e repartindo as horas com grande eſtudo.

Negava-ſe ao domeſtico trato, impondo-ſe ley de naõ entrar nas cellas, ou leitos das Religioſas, porque lhe naõ levaſſe a urbanidade o tempo. As peſſoas, a que naõ podia negarſe pela authoridade, ou reſpeito, porque eraõ frequentes nos locutorios, e grades, dilatandoſſe preſos da erudiçaõ, e elegancia de ſeo finiſſimo diſcurſo, lhe gaſtavaõ com o tempo ainda mais a paciencia. O Arcebiſpo de Mexico repetia com goſto, e ameudo as occaſioens de fallar a Soror Joanna pelo intereſſe de a ouvir diſcorrer, ou fazer juizo em aſſumptos moraes, ou eſcolaſticos, divinos, ou humanos, porque era Prelado douto, e exemplariſſimo.

Foy aſſumpto na pratica de huma viſita hum Sermaõ do Mandato, em que o Padre Vieira propondo o ſentir de tres Santos Doutores, Agoſtinho, Thomaz, e Chriſoſtomo diz: „ Referirey as opinioens dos Santos, e depois

„ darey

„ darey a minha ; mas com eſta differença que „ nenhuma fineza do amor de Chriſto , me da- „ raõ , que eu naõ dé outra mayor : E a fineza „ do amor de Chriſto , que eu diſſer , ninguem „ me dará outra igual. Diſcorreo Soror Joanna engenhoſa , e ſabiamente , corroborando nao ſó com muitas razoens as ſentenças dos Santos Padres , mas ainda deſcubrindo ſobre a fineza, que moſtrou o Padre Vieira no amor de Chriſto , outra mayor fineza. E por comprazer com o goſto do Arcebiſpo , lhe eſcreveo em huma carta , o que tinha diſcorrido em ſua preſença. Admirando novamente o bom Prelado a fineza daquelle diſcurſo , o fez publico pelo beneficio da eſtampa com o nome de carta Anathegorica, que alguns papeis de pouca valia impugnaraõ , para fazer mais ſenſivel o deſagrado , com que a furto de ſeo conſentimento ſahio a luz , como juſtamente ſe queixa em a repoſta ao meſmo Arcebiſpo disfarçada a peſſoa , e caracter com o ſuppoſto do habito , e nome de Soror Filothea.

No anno de mil ſettecentos vinte , e ſette imprimio o Doutor Luiz Gonçalves Pinheiro, Clerigo do habito de Saõ Pedro huma Apologia a favor do Padre Vieira, com o nome de ſua irmãa Soror Margarida Ignacia, Religioſa de Santo Agoſtinho no Convento de Santa Monica de Lisboa Oriental , para ficar como ficou em opiniaõ de ſua , impugnando as razoens , e fundamentos de Soror Joanna com engenho , e eru-

diçaõ, mais do que prometiaõ os ſeos empregos na laborioſa diverſaõ, com que as partes lhe levavaõ o tempo no conſelho, ou parecer. Lisboa o vio nos pulpitos repetidas vezes, naõ ſem inveja, dos que trabalharaõ muitos annos por adquirir erudiçaõ, e eſtilo, admirando neſte fecundo engenho tantos, que ſe naõ póde fazer juizo certo, que elle ſeja o Autor deſta Apologia, ordenada em hum ſó, claro, diſcreto, e elegante. A modeſtia, com que diſſimulado o nome imprimio eſta obra, o acreditava mayor na competencia com huma mulher, mais que mulher, em hum Doutor, que naõ paſſava de Bacharel, quando era delito, de que muitos deſejariaõ ſer os reos.

Mais deveo o Padre Vieira de affecto, e veneraçaõ a Soror Joanna, que ao Autor da Apologia, como ſe lê na ſua carta Anathagorica, proteſtando em tres razoens o ſeo juizo, e parecer por eſtas palavras: *La primera es el cordialiſſimo, e filial cariño a ſu Sagrada Religion, de quien en el affecto no ſoy menos hija, que lo fue dicho ſugeto. La ſegunda, la grande afficion, que eſte admirable paſmo de los ingenios me ha ſiempre devido, en tanto grado, que ſuelo dezir (y lo ſiento aſſi) que ſi Dios me diera a eſcoger talentos, no elegiera otro, que el ſuyo. La tercera, el que a ſu generoſa nacion tengo occulta ſympathia; que juntas a la general de no tener eſpirito contraditorio, ſobrara para callar, como lo hiziera a non tener contrario preceto.* Foy eſte ſentimento o mais qualificado elogio do Padre Antonio Vieira, deixando Soror Joanna

Joanna na ſua criſis hum eterno padraõ à ſua memoria, huma diſcreta apologia a ſeo incomparavel talento, hum incontraſtavel propugnaculo a ſua erudiçaõ, e ſabedoria.

De outros papeis deramos aqui eſpecial noticia, ſenaõ correraõ já vulgariſados no terceiro tomo de ſuas obras poſthumas; e ſe faz lamentavel a uſura com que alguns corioſos entheſouraó muitas cartas, e papeis em proſa, e verſo deſta heroina. Os eſcritos, que ſe naõ imprimiraõ, e correm manuſcritos, ſaõ os que ſe apontaõ aqui. Huma gloſa em Decimas à inclita, e religioſa acçaõ do Catholico Reinante, ceder o proprio trono à Divina Mageſtade Sacramentada. O Poema, que deixou imperfeito Dom Agoſtinho Salaſar, acabado com artificioſa propriedade. As ſumulas da Filoſofia de ſua maõ, e letra. O Equilibrio moral, Direcçoens, Praticas moraes, em a ſegura probabilidade das acçoens humanas. Outros dicurſos às finezas de Chriſto, ſobre os que já tinha eſcrito, offerecidos a Soror Filothea, que ſem duvida ſeriaõ mais doutos, e mais diſcretos, com a impugnaçaõ, que teve aos primeiros.

Neſtes applicados exercicios gaſtava os dias, e conſumia os annos, ſem faltar a obediencia das Conſtituiçoens, e regra, que profeſſava: E aſpirando a mais alta perfeiçaõ peſadas as largas merces, com que Deos a empenhara a huma recompenſa generoſa, deixou com os livros, que chegavaõ ao numero de quatro mil, tudo o

que

que podia ſervir de obſtaculo aos intereſſes do eſpirito, na conquiſta de ſua alma. Naõ reſervou para ſeo uſo, com os cilicios, e diſciplinas mais que tres livrinhos eſpirituaes, outros ficaraõ no Moſteiro, para ſerviço do Commum, e todos os mais mandou entregar ao Arcebiſpo, para repartir do preço com os pobres. Correraõ a meſma fortuna os inſtrumentos da Muſica, e Mathematica, que eraõ os mais primoroſos, e exquiſitos, que até aquelle tempo deſcobrio, e inventou a arte.

A eſta pobreza voluntaria ſe ſeguiraõ rigores extremoſos, que Soror Joanna disfarçava, ou encobria, communicando-ſe com mais agrado, e familiaridade. Accendeo-ſe hum contagio mortal naquelle Moſteiro, de que raras Religioſas livraraõ bem, e ſendo por muitas vezes requerida ſe retiraſſe da communicaçaõ das que eraõ feridas do contagio, antepondo a caridade à propria vida por exercitar em beneficio do proximo eſta grande virtude em poucos dias de enfermeira, prevalecendo a epidemia, enfermou Soror Joanna com ſentimento univerſal, e conhecendo, que era chamada a vida mais perduravel, recebeo os Sacramentos da Igreja, entregando a alma a ſeo Criador, aos dezaſette dias do mez de Abril do anno de mil ſeiſcentos noventa, e cinco, em a Dominga do Bom Paſtor pelas quatro horas da madrugada. Com a voz, de que era falecida, concorreraõ as peſſoas mais graves da Corte, e Univerſidade de

Mexico,

Mexico, povo, e nobreza, a fazerem mais celebres as honras funeraes daquella matrona muitas vezes illuſtre, que na vida teve eſtimaçoens de ſabia, na morte veneraçoens de Santa.

VI.

SOROR JOANNA DA ENCARNAÇAO.

DE pays nobres, e taõ bons Catholicos, que por ſua bondade lhe chamavaõ os Santos, naſceo Dona Joanna da Encarnaçaõ em a Cidade Imperial de Toledo no anno de mil quinhentos ſeſſenta, e nove para illuſtrar naõ ſó a aſcendencia, e patria, mas ainda a Congregaçaõ do Principe dos Patriarcas Saõ Jeronymo. Eraõ Joaõ Mendes, e Iſabel de Chaves nobres, e ſantos caſados, e de tais aſcendentes tal filha ſe eſperava em as virtudes, que delles aprendeo até os cinco annos, porque logo a entregaraõ aos Padres da Companhia de JESUS para meſtres de ſeo illuſtrado eſpirito.

Sabendo Joanna já lêr o idioma vulgar, lhe enſinaraõ ſeos pays a letra redonda por hum livro de cavallarias, a que tanto ſe applicava pelo goſto da hiſtoria, que naõ contando mais, que ſette annos chegou a fazer eſcrupulo deſta liçaõ, que ſeo Padre eſpiritual lhe prohibio; e paſſa-

dos alguns dias tornou outra vez a lêr pela mandarem ſeos pays deſejoſos do aproveitamento de Joanna. Obedeceo a menina ao preceito goſtoſa do eſtudo, que lhe levava a mayor parte do dia, e noute, e por nova prohibiçaõ do Confeſſor depoz outra vez o livro.

Tres, ou quatro vezes tinha deixado o livro de cavallaria, e voltava a pegar nelle com a meſma curioſidade, até que o deixou de todo por hum bem notavel caſo, e naõ muito diſſimelhante ao de Saõ Jeronymo ſeo futuro Patriarca, quando ſe vio entre os Coros dos Anjos, e por elles ſeveramente caſtigado com açoutes crueliſſimos pela continuada liçaõ de Cicero, e Quintiliano. Tal foy o ſeveriſſimo tormento, com que Joanna ſendo já de doze annos, e eſtando huma noute dormindo, ſe ſentio ferir por todo o corpo. Soava entre o alarido, e eſtrondo dos açoutes huma voz, que lhe dizia: „ Porque lês eſſe livro ſem proveito to-„ ma, para que naõ o leyas mais, e te apartes de „ ſua liçaõ. Acordou Joanna com tantas lagrimas, e dores dos açoutes, que os vergoens lhe ficaraõ impreſſos na carne, e pelo eſpaço de tres dias naõ ſe pode levantar da cama. Aſſim começou Deos a purificar a alma Santa deſta ſua eſpoſa para templo de ſua morada, com favores extraordinarios, que para ſe crerem naõ baſta a fé humana com a viſivel, e milagroſa eſcritura, com que ſe acharaõ ordenados em o livro, que ſe achou eſcrito da ſua vida depois de ſua felice morte.

Daquel-

Daquelle dia ſinalado com açoutes renunciou Joanna tudo o que era mundano, dando ſe a lèr as vidas dos Santos; e como Abelha cuidadoſa, e diligente em o jardim do Flos Santorum, foy colhendo o ſucco das virtudes, com que lavrou em ſeo coraçaõ hum doce favo do mais puro amor, para com ſeo Eſpoſo, tomou o nome, e habito de ſua eſpoſa no Moſteiro de Saõ Paulo de Toledo da Ordem, e Congregaçaõ de Saõ Jeronymo, em dia do Apoſtolo Saõ Barnabé, que foy naquelle anno Domingo de Paſchoa.

Aqui recebeo Soror Joanna da Encarnaçaõ tantos, e taõ ſingulares favores do Ceo, que por muitas vezes lhe mandaraõ os ſeos Confeſſores os eſcreveſſe, e como naõ aprendèra a arte de eſcrever, deſculpava-ſe dizendo, que naõ ſabia. Igual deſculpa deo Soror Joanna a ſeo Eſpoſo, accreſcentando, que lhe ſeria neceſſario valerſe de outra maõ para cumprir com o ſeo preceito, e o Senhor lhe mandou, que o fizeſſe com a ſua, e começaſſe, que elle a enſinaria. Tomou Soror Joanna a penna, e logo começou a fazer huma letra de milagre, com que ſe acharaõ eſcritas as vizoens, e raptos admiraveis, que teve em toda a ſua vida, com alguns verſos no idioma vulgar, que explicavaõ bem o ſentimento eſpiritual de ſeo affecto em finiſſimos conceitos, e abrazados ſoliloquios. Faleceo aos vinte, e cinco dias do mez de Janeiro do anno de mil ſeiſcentos trinta, e quatro, em que ſe celebra

a converſaõ de Saõ Paulo, na idade de ſeſſenta, e cinco annos, e tendo já quarenta, e quatro de habito.

VII.

DONA ISABEL DA VEIGA.

NO primeiro, e memoravel Cerco de Dio que defendeo o valeroſo Capitaõ Dom Antonio da Sylveira ſe achou na defença Dona Iſabel da Veiga filha de Franciſco Ferraõ, e mulher de Manoel de Vaſconcellos, homem fidalgo da Ilha da Madeira, que naquella fortaleza ſervia de juiz da Alfandega. Era Dona Iſabel natural de Goa cabeça do eſtado da India por pays, e naſcimento; na idade moça, na diſpoſiçaõ formoſa, no aſpecto grave, e no valor com esforço do mais robuſto ſexo.

Temendo os perigos daquelle cerco intentou o marido de Dona Iſabel mandalla para Goa com huma filha em a náo de aviſo, que o Governador expedia com cartas para o Vice-Rey, mas ella ſe lhe opoz varonilmente fallando-lhe neſta ſuſtancia: „ Naõ he bem (Senhor, e eſ-
„ poſo meo) que vos deixe às lançadas com os
„ Turcos, e lutando com a morte em Dio, e
„ me retire para Goa por evitar os perigos da mi-
„ nha

„ nha vida, que fora moſtrar ao mundo, que
„ eſtimava em menos a voſſa, quando no re-
„ medio era mais certo achar o perigo de que
„ fugia. Que tormento naõ buſcava na lembran-
„ ça de deixarvos? Que affliçoens, e ſobreſal-
„ tos naõ padeceria na conſideraçaõ incerta de
„ perdervos? Que dôr ſem linetivo nas repre-
„ ſentaçoens do voſſo deſemparo, fingindo na
„ idea os incomodos da peſſoa, e da ſaude?
„ Talvez ferido ſem poder atarvos as feridas,
„ talvez morto, ſem poder cortarvos as mor-
„ talhas, e fazervos companhia na meſma ſepul-
„ tura. Eſtou reſoluta em acompanharvos, e
„ a voſſo lado padecer a meſma fortuna, por-
„ que as mulheres da India ſaõ mais filhas de
„ Marte, que de Venus. Acabou Dona Iſabel
a ſua falla dizendo: „ Manday eſta filha, e
„ prenda voſſa a ſeos avos para deixarmos com
„ vida, quem poſſa chorar ſem lagrimas diſtin-
„ ctas a minha, e a voſſa morte.

A reſoluçaõ, e valor, com que Dona Iſabel proferio eſtas, ou ſemelhantes palavras deſempenhou em todos os accidentes daquella guerra, adquirindo juſtamente o nome de defenſora. Ainda que Dona Iſabel naõ veſtio as armas, ſervia ao esforço dos Soldados adminiſtrando na muralha os inſtrumentos da defenſa. Na repetiçaõ dos aſſaltos, ſe diminuhia o numero dos defenſores, e deſcançando de hum trabalho em outro, reparavaõ de noute o eſtrago, que as ballas faziaõ de dia; mas Dona Iſabel acudindo a

eſte perigo , e ſervil trabalho acarretava com os Soldados os materiaes conducentes aos reparos da muralha. Com as palavras , e ainda melhor com o exemplo perſuadio outras muitas valeroſas matronas ao trabalho da defenſa , aliviando em grande parte o peſo da guerra aos Soldados , que ſendo poucos , e ſempre os meſmos podiaõ reparar as forças de hum para outro aſſalto. Com eſte pequeno ſoccorro moſtrava aquella guerra melhor ſemblante , porque Dona Iſabel capitaneando aquelle animoſo eſquadraõ de heroinas , ſerviaõ naõ ſó em adminiſtrar as armas aos defenſores , conduzir os materiaes para os reparos , mas acudia à cura dos doentes , e enterro dos mortos , com prompto remedio, como pedia o tempo , e a neceſſidade.

No ultimo dia do mez de Outubro veſpera de todos os Santos do anno de mil quinhentos trinta , e cinco deraõ os Turcos o ultimo aſſalto , com tanto vigor , que dos noſſos ficaraõ ſomente quarenta Soldados , capazes de veſtirem as armas. Todos os mais ficaraõ mortos , ou feridos. Dona Iſabel , e as ſuas companheiras moſtraraõ neſte dia valor de mais robuſto coraçaõ , adminiſtrando os inſtrumentos da peleja , ſem horror dos mortos , que agoniſavaõ ſem remedio , nem temor das ballas , que choviaõ ſobre a fortaleza , muitas vezes perdida , ſem nunca ſe acharem menos em todos os perigos. E como no ſeguinte dia ſe eſperava novo aſſalto , repartio o Governador os quarenta Soldados com

mui-

muitos dos feridos, e algumas das heroinas, que veſtiraõ armas, pelos mais perigoſos lugares da muralha, querendo aſſim encobrirlhe a falta, que havia já de tudo em a Fortaleza, porque ſem gente, ſem muniçoens, e ſem viveres.

Com a primeira luz, accodiraõ todos aos lugares ſinalados, e com o dia conheceraõ a furtiva retirada do inimigo, que deixando a campanha chea de cadaveres, deo à vella ficando aquelles poucos defenſores com a poſſe da fortaleza, e da vitoria, que ainda a memoravel Dio eſtá devendo a Dona Iſabel da Veiga as heroicas acçoens, com que a fez illuſtre naquelle cerco a todas as idades.

VIII.

JOANNA DE ARC

GEmendo França debaxo das dominantes armas de Henrique ſexto Rey de Inglaterra, levantou Deos aquella Monarchia, dando-lhe por inſtrumento feliſiſſimo de ſuas vitorias, e reſtauraçaõ a Joanna de Arc natural da Villa de Damremi, Ducado de Lorena, e filha de Jaques de Arc, e Iſabel de Ramè pobres, e humildes lavradores. Naſceo Joanna de Arc no anno de mil quatrocentos vinte, e quatro, e ainda que foy creada no campo com a liberdade, que anda vinculada ao officio de Paſtora guardou com pure-

za

za aquella joya, que ſe perde, e ſó ſe paga com o matrimonio. Moſtrou ſempre hum grande coraçaõ, e até os deſazeis annos de ſua idade, nunca ſe vio eſtar ocioſa, porque ſe exercitava em caſſar, ou ſeguir na carreira as Lebres, e os Cervos, e outros animaes, ou em jogar o dardo, e brandir a lança. Montava gentilmente, e jogando o encontro com as arvores, ſem perder a eſtribeira, quebrava nos troncos as lanças adquirindo na oppoſiçaõ as forças.

Neſtes valeroſos exercicios creou Joanna de Arc huma natureza robuſtiſſima. Era de eſtatura pequena, mas bem proporcionada, de côr vermelha, e cabellos negros. Corriaõ naquelle tempo os ſuceſſos da guerra em França com proſpera fortuna em favor dos Inglezes, que a dominavaõ, quando Joanna de Arc (mais conhecida naquelle Reyno pela Donzella de Orleans) deixando no campo as ovelhas, e o cajado, ſe foy offerecer da parte de Deos a Carlos ſeptimo Rey de França, para mandar na campanha o exercito, com o baſtaõ de General, dizendo: ,, Que Deos a mandava alli para inſtru-
,, mento da reſtauraçaõ da ſua patria. E foy o caſo como referem os Hiſtoriadores daquelle Reyno.

Achava-ſe Joanna de Arc paſtoreando nos campos de Damremi o ſeo rebanho, e foſſe acaſo, ou Providencia retirada de huma groſſa chuva adormeceo, e alli lhe falou Deos ao coraçaõ, e acordando daquelle myſterioſo ſono par-

tio

tio logo a Reims, a onde ſe achava Carlos ſetimo com toda a ſua Corte. E dizendo às guardas queria fallar ao Rey da parte de Deos em couſas de grande importancia, a deſprezaraõ por mulher louca, e varia. Inſtou Joanna com a ſua teima pedindo, que ao menos lhe deſſem parte, e ſendo levada à preſença do Rey, que ella nunca tinha viſto, e eſtava entre muitos grandes da Corte, o ſaudou cortezmente ajoelhando a ſeus pés, e fallando-lhe neſta ſuſtancia: „ Chriſtia-„ niſſimo Rey: Eu vil ſerva tua deixando o ga-„ do de que era Paſtora venho por mandado de „ Deos offerecerme em teo ſerviço para reſtaurar „ eſte Reyno, e te aviſo, que he vontade ſua, „ que logo me elegas por General do teo exerci-„ to. Nem te cauze admiraçaõ, que huma vil „ Paſtora chegaſſe a tua preſença a pedirte hum „ lugar de tanta confiança, que ſempre Deos „ elege as couſas baxas, viz, e deſprezadas „ para ſogeitar as fortes, e poderoſas.

Deo grande abalo ao Rey, e Corte a propoſta de Joanna de Arc, a quem fallou Carlos ſetimo dizendo: „ Concedo (valeroſa Paſto-„ ra) que Deos te mande em meo favor, mas „ ſendo mulher de taõ poucos annos, e ſem „ doutrina da arte militar, como te animas a „ tomar o governo de hum exercito, que ſe con-„ fia ſómente de homens ſobre valeroſos praticos „ na guerra? Sem mudar a voz, ou ſemblante lhe reſpondeo a Paſtora: „ Potentiſſimo Rey „ naõ duvides mais, porque Deos, que me

„ manda, guiarà o meo conſelho, e o meo bra-
„ ço. Naõ percamos tempo, porque ſe arriſca
„ a ſalvaçaõ do teo Reyno, e para que melhor
„ entendas eſta verdade manda retirar a todos;
e dizendo-lhe hum particular ſegredo, que Deos lhe tinha revelado na viſaõ, ou ſono, que teve, o Rey confuſo, e admirado a nomeou logo por General do exercito.

E trocando os ornatos do campo, e ſexo, pelos veſtidos, e armas de Varaõ, e ſoldado poſto o Elmo, e eſpalhados, ou ſoltos os Cabellos, montou em hum cavallo ricamente ajaezado, e partio para Orleans (que havia ſette mezes, que eſtava ſitiada, e defendida por Joaõ Conde de Vanoes) com gente de ſoccorro, que valeroſamente introduzio na Cidade cortando as linhas do inimigo, que deixou confuſo, temeroſo, e bem ſangrado.

Celebraraõ os ſitiados aquelle ſoccorro com demonſtraçoens de goſto, e alegria, porque em tantos mezes de viva guerra, experimentavaõ falta de polvora, e muniçoens de bala, e boca. E animados à defenſa por Joanna de Arc, ordenou logo huma ſahida ao campo, e deraõ com taõ peſada maõ ſobre o inimigo, que ficaraõ mortos com o ſeo General doze mil Inglezes. Seguioſe à vitoria levantarem os inimigos naquella noute furtivamente o cerco, e com eſte alegre rebate, que deraõ as ſentinellas, ſahio Joanna de Arc a correr a campanha, e recuperando em tres horas, tres inexpugnaveis Fortalezas

lezas com os lugares da Comarca, rendeo à ſogeiçaõ hereditaria da Coroa de França, outras muitas povoaçoens, que ſervilmente defendiaõ a voz de Inglaterra.

Já eraõ tantas as vitorias de Joanna de Arc, quantas tinhaõ ſido as occaſioens de encontro, ou batalha com os Inglezes, e na de Bleſia ſe verificou matara tres mil Inglezes aos fios da ſua eſpada, valeroſos impulſos de ſeo braço. Tal foy a impreſſaõ de temor, nos inimigos, com o feliz ſucceſſo deſtas emprezas, que deraõ lugar as armas à coroaçaõ de Carlos ſetimo em a Cidade de Reims pelo Arcebiſpo Reinaldo de Chartes, Chanceler de França aos dezaſette dias do mez de Julho do anno de mil quatrocentos vinte, e nove.

Conquiſtadas muitas Praças, e Cidades daquelle Reino, pelo valor, e braço de Joanna de Arc, faltava ainda Pariz Corte dos Reys de França, e como Cidade mais rica, e mais populoſa, e defenſavel eſtava pelos Inglezes mais bem fortificada. Intentou Joanna de Arc ganhar eſta Cidade, e ainda que lhe cuſtou alguma perda do proprio ſangue, ſahindo levemente ferida, naõ a pode render; mas declinando o golpe, e voltando as armas ſobre a Cidade de Campiene, que eſtava ſitiada, a ſoccorreo com valor, e com induſtria. Com eſte ſoccorro criaraõ os ſitiados robuſtas forças em eſpiritos já laſſos, e ſahindo a campo deraõ ſobre o inimigo taõ vigoroſamente, que

a vitoria ſe avaliou pela mortandade.

Aqui foy preza dos Inglezes Joanna de Arc, que logo conduziraõ a bom recado para a Cidade de Ruhan, e acuſada falſamente do crime de feiticeira no juizo Eccleſiaſtico, depois de precederem exames, e proguntas, foy condenada pelo Biſpo de Beauvais a huma priſiõ perpetua de paõ, e agoa. Os Inglezes naõ querendo eſtar pela ſentença do Biſpo, e ſeos miniſtros, julgando a inferior ao delicto falſamente provado, a entregaraõ a juizes ſeculares, que por nova prova, e ſentença a condenaraõ a queimar viva aos trinta de Mayo do anno de Chriſto de mil quatrocentos quarenta, e oito, em que fazia vinte, e quatro de idade. Paſſados alguns annos depois da ſua morte, reſtaurando Carlos ſetimo a Cidade de Ruhan em memoria deſta heroina, mandou levantar huma altiſſima Cruz, no lugar, em que padecera o ſuplicio, ou martyrio.

No Reynado do Papa Pio ſegundo a requerimento do filho de Carlos ſetimo, já Rey de França, mandou o Pontifice fazer huma curial devaça por dous Inquiſidores da vida, e acçoens de Joanna de Arc, e ſendo proguntadas muitas teſtemunhas, fizeraõ prender dous dos juizes, que a ſentenciaraõ, e depuzeraõ, que falſamente fora pronunciada, e morta. O Rey Luiz undecimo chamado o Prudente, que foy naſcido em tres de Julho, de mil quatrocentos vinte, e tres, foy ſagrado, e coroado em quinze de Agoſto de mil quatrocentos ſeſſenta, e hum

e hum, morreo a trinta de Agoſto, de mil quatrocentos, oitenta, e tres, e reynou dous annos, hum mez, e oito dias, os mandou queimar vivos com os oſſos dos outros dous juizes, que eſtavaõ enterrados. No lugar do ſuplicio de Joanna de Arc, em que ſeo pay mandàra levantar a Cruz, mandou o Rey Luiz undecimo erigir hum formoſo, e bello templo dos bens confiſcados aos dous juizes, que a ſentenciaraõ, em memoria de ſua heroicidade, reſtituhindo-lhe depois da morte a honra, que ſoube ganhar na vida, em beneficio da reſtauraçaõ de França. Os Delegados do Pontifice a deraõ por innocente, e livre do impoſto, e falſo crime, e guardaſe no Archivo de Saõ Victor de Pariz eſte proceſſo. Os Francezes lhe lavràraõ huma eſtatua, que naõ ha muitos annos ainda ſe conſervava na ponte de Orlians. Os Reys de França Carlos, e Luiz pay, e filho concederaõ, e deraõ aos irmãos de Joanna muitos dons, e grandes privilegios, merçes, que naõ excederaõ, ou igualaraõ os merecimentos, ou ſerviços de Joanna àquella Coroa.

IX.

JOANNA FROMENT.

NO Convento de Dijon (Cidade capital do ducado de Borgonha) que he da Ordem do Patriarca Saõ Domingos, floreceo em letras, e virtudes Joanna Froment, que deixou o mundo pela Religiaõ

na idade de dezaſeis annos. Aqui viveo Soror Joanna quarenta, e dous annos nos empregos da mayor obſervancia, ſervindo ſette vezes de exemplar às Noviſſas, com perduravel edificaçaõ em as virtudes. Nos officios de Prioreza, e ſub Prioreza naõ faltando aos intereſſes do temporal, e eſpiritual, ſoube unir a ſua capacidade as dependencias do ſuſtento ſem deixar os exercicios do eſpirito, applicada occupaçaõ daquella alma ſantiſſima.

Reſpirava o coraçaõ de Soror Joanna cheo de amor de Deos em divinos louvores, recitando alguns Textos da ſagrada Eſcritura, principalmente do livro dos Cantares, e Euangelhos applicados ao ſeo deſafogo, e explicados com tanta energia, e pureza da Latinidade, como ſe tivera applicaçaõ de grandes eſtudos na ſua inteligencia.

Eſcreveo, e compoz huns Canticos extrahidos das divinas letras em louvor do Sacramento da Euchariſtia, da Rainha dos Anjos, e de ſeo Patriarca Saõ Domingos, que approvaraõ muitas peſſoas doutiſſimas por hum teſouro de illuſtraçaõ, e ſabedoria. Faleceo com grande opiniaõ de ſantidade aos dez dias do mez de Agoſto no anno de mil ſeiſcentos ſettenta, e tres com cincoenta, e oito annos de idade.

X.

DONA ISABEL Infanta.

HE celebrada a Infanta Dona Iſabel filha de ElRey Dom Joaõ o primeiro de Portugal por huma das heroinas deſta naçaõ, por todos os Hiſtoriadores naturaes, e eſtrangeiros. Foy o ſeo naſcimento na Cidade de Evora em os vinte, e hum dias do mez de Fevereiro do anno de mil trezentos noventa, e ſette. Caſou em Bruges com Felippe terceiro Conde de Flandes, e Duque de Borgonha em vinte de Janeiro de mil quatrocentos vinte, e nove. Teve por filho a Carlos o Valente, que morreo na batalha de Nancy.

Era a Infanta Dona Iſabel dotada de tanta prudencia, e animo varonil, que ſendo o Duque ſeo marido homem de valor, e prudencia naõ obrava couſa alguma na paz, ou na guerra, ſem o parecer, ou conſelho de Dona Iſabel. Andava o Duque em viva guerra com ElRey de França, que ſobre ſeguro mandara matar o Duque Joaõ ſeo pay com infiel amiſade, atreiçoada leivoſia.

Paſſou Dona Iſabel a França, e em poucos dias de conferencia ajuſtou a paz entre o Rey, e o Duque ſeo marido, com honroſas condiçoens;

diçoens ; deixando admirados os Principes da Europa , que foraõ medianeiros deſta paz , que naõ conſeguiraõ , acabando , a prudencia , e valor da Infanta , o que naõ acabaraõ a autoridade dos Principes , e valor do Duque. Naõ ſe moſtrou menos varonil como filha de tal pay quando exhortou aos Principes Chriſtãos para a guerra da Terra Santa , que os Turcos haviaõ naquelle tempo conquiſtado, offerecendo-ſe hir em peſſoa com todo o ſeo poder , e gaſtar todo o ſeo Patrimonio. Eſtas , e outras acçoens de heroicidade que o tempo ſepultou debaxo de humas meſmas cinzas illuſtraõ ainda agora a memoria de ſeo nome gravado em muitos volumes em beneficio da patria , que lhe deo o naſcimento com que tanto ſe honra.

Na opiniaõ mais critica ſe eſcreve o dia de ſua morte aos dezaſette de Dezembro de mil quatrocentos ſettenta , e hum , e jaz ſepultada em Dijon no Moſteiro da Cartuxa. Fundou a Infanta Dona Iſabel pelos annos de mil quatrocentos ſeſſenta , e dous o Convento de Santiago de Freiras Leonadas nome que tomaraõ da côr do habito , e profeſſaõ a regra de Saõ Franciſco, obra de ſua grandeza , e piedade.

XI.

XI.

JOANNA Duqueza de Berri.

O Rey de França Luiz undecimo teve de Garlote de Saboya ſua mulher huma ſó filha por nome Joanna Duqueza de Berri, que naſceo no anno de Chriſto de mil quatrocentos ſeſſenta, e quatro. Era Joanna de doze annos quando ſeos pays a deſpoſaraõ com Luiz Duque de Orleans ſeo primo com irmaõ no anno de mil quatrocentos ſettenta, e ſeis.

Pela morte de Carlos oitavo ſubio ao trono de França com o nome de Luiz duodecimo o Duque de Orleans eſpoſo de Joanna, que logo moſtrou o deſagrado, ou força com que havia conſentido naquelle matrimonio, que o Papa Alexandre ſexto a ſeo requerimento declarou por nullo a vinte, e dous de Dezembro de mil quatrocentos noventa, e oito.

Retirada a Burges eſta virtuoſa Rainha Luiz duodecimo lhe fez nomeaçaõ do Ducado de Berr com tòdos os dominios de Chatilon ſobre o Indro em Touraine. Deo-lhe mais o Caſtello novo ſobre Loire, e Pontoſa com huma annual pençaõ de doze mil eſcudos. Foy Joanna aquella Rainha de França inſtituidora da

primeira Ordem da Annunciada, e formou a regra (que ſe guarda com grande obſervancia) ſobre as dez virtudes da Virgem noſſa Senhora; que ſaõ Caſtidade, Prudencia, Humildade, Verdade, Devoçaõ, Obediencia, Pobreza, Paciencia, Caridade, e Compaixaõ. A forma do habito deſta Ordem he ſingular, e unica; porque o Veo he negro, o Manto branco, o Eſcapulario roxo, a Tunica parda, e o Cinto de corda. Eſte Santo, e novo inſtituto confirmaraõ por ſeos Breves o Papa Alexandre ſexto, em mil quinhentos, e hum; e o Papa Leaõ decimo, em mil quinhentos, e dezaſette.

Todas as ſuas rendas gaſtava Joanna de França em obras pias, e de caridade. Tambem fundou em a Univerſidade de Burges hum Collegio para ſuſtentaçaõ dos eſtudantes pobres. Chea de virtudes, e merecimentos morreo em Burges com a vulgar opiniaõ de Santa, aos quatro dias do mez de Fevereiro anno de mil quinhentos, e quatro, ou cinco. Sepultou-ſe na Igreja da Annunciada de Burges; porém ſeos illuſtres oſſos foraõ queimados pelos hereges, em mil quinhentos ſeſſenta, e dous, e as cinzas foraõ lançadas ao vento, ficando ſempre perduravel ſua memoria, menos em as Eſcrituras, que nos padroens, que foraõ erigidos pela ſua piedade.

XII.

ISABEL DE BOEMIA.

FOy Iſabel de Boemia Princeza Palatina huma das heroinas de mayor talento, e mais agudo engenho para as letras, que ſe encontra nas hiſtorias. Naſceo Iſabel em vinte, e ſeis de Dezembro de mil ſeiſcentos, e dezouto como primeira filha de Federico quinto, Eleitor Palatino do Rim, que ſobio ao trono de Boemia no anno de mil ſeiſcentos, e dezanove, e de Iſabel de Grãa Bretanha filha de hum Rey de Inglaterra da Caſa Eſtuarda.

Eſtas heroicas prendas da Princeza Palatina ſe participaraõ vagamente por muitos Reynos da Europa. Chegaraõ ao Reyno de Polonia, e Ladislão o quarto a pedio em caſamento antes do primeiro matrimonio; e por morte de Cicilia de Auſtria ſua primeira mulher inſtou em a pedir ſegunda vez com igual fortuna; porque Joanna pelo amor que tinha às letras, e naõ perder o applicado eſtudo da Filoſofia, e Mathematicas, negando-ſe à Coroa de Polonia, antepoz o ſeo juizo, a ſabedoria à Mageſtade, o Aſtrolabio ao Cetro.

Logo da infancia lhe enſinaraõ as primeiras letras; e polio daquella idade o ſeo juizo pe-

lo conhecimento das lingoas eſtrangeiras , que a Rainha ſua mãy lhe enſinou com cuidado , aprendeo Joanna com facil eſtudo. Sahio conſumadamente ſabia na Filoſofia , Mathematicas , e nas queſtoens mais abſtractas da Geometria. Na Methafiſica ſe fez taõ douta , que Deſcartes Filoſofo de ſeu tempo eſcrevendo novas doutrinas , e dedicando-lhe os ſeos principios naõ duvidou confeſſar , que ſó Joanna de Boemia chegara a comprehender prefeitamenae as obras , que elle tinha publicado. Tal era em Joanna de Boemia o deſejo , e natural ardor em Filoſofar , que ainda por carta commonicava eſte grande Filoſofo.

Ficando eſta Princeza em Groſſem Heidelberg , e em Caſſel aceitou nos ultimos annos de ſua idade a Abbadia de Herdovem , beneficio , que rendia quaſi vinte mil ducados. Aqui fundou eſta Princeza huma academia de Filoſofia , a que eraõ admetidas todas as gentes de juizo , e letras de qualquer eſtado , ſexo , ou Religiaõ, que profeſſaſſem. Faleceo eſta heroina no anno de mil ſeiſcentos , e cincoenta , contando ſeſſenta , e hum de idade , com grandes elogios de diſcreta , e ſabia.

XIII.

XIII.

ISABEL
Rainha de Inglaterra.

DE Henrique oitavo, e Anna Bolena Reys de Inglaterra naſceo a Princeza Iſabel aos ſette dias do mez de Setembro de mil quinhentos trinta, e tres, e foy baptizada na Igreja de Cordiglieri. Hum anno depois foy declarada herdeira do Reyno pelos eſtados de Inglaterra, e ſuccedeo na Coroa a Duarte ſexto ſeo irmaõ depois de ſe declarar por baſtardo em huma junta geral dos eſtados, e pertencer a Coroa a Maria Rainha de Caſtella, mulher de Felippe ſegundo ſua irmãa, filha de Henrique oitavo, e de ſua primeira, e legitima mulher Catharina de Aragaõ filha dos Reys Catolicos Fernando, e Iſabel, repudiada pelos amores de Anna Bolena, que levou a hereſia a Inglaterra.

Logo que Iſabel ſubio ao trono declarou o animo cruel, e inficionado da hereſia, trocando com authoridade dos ſeos eſtados, e Biſpos a Religiaõ, e eſtabelecendo a pertendida reforma de Duarte ſexto ſeo irmaõ com as meſmas cerimonias, que elle tinha praticado. Foy Iſabel huma das Rainhas, que na arte de governos teve todas as qualidades de entendida, porque

o juizo era agudo, e prompto, o coraçaõ nobre, e ſoberbo. Na Comoſgrafia, e Geometria, nas hiſtorias, e nas politicas foy muito douta. Falava perfeitamente cinco, ou ſeis lingoas, fazendo-ſe admirar de ſeos meſmos inimigos em a ſabedoria. Traduzio de Grego, e Francez na lingoa materna diverſos tratados, como tambem os cinco livros de Boecio para ſe conſolar na converſaõ de Henrique quarto o grande Rey de França.

Reynou quarenta, e quatro annos com huma authoridade mais abſoluta, que a de ſeos predeceſſores. Naõ foy caſada, mas antes com eſta eſperança enganou todos os Principes da Europa para naõ emprenderem couſa alguma contra ſeos entereſſes. Morreo já velha, deixando nomeado em ſeo teſtamento por herdeiro daquella Coroa a Jacobo ſexto Rey de Eſcocia, e filho de Maria Eſtuarda, que enganoſamente prendeo, e fez degolar por odio à Religiaõ, e direito, que tinha à Coroa de Inglaterra.

XIV.

JOANNA HACHETE

FLoreceo em Bauvais Cidade de França na Provincia de Picardia no anno de mil quatrocentos ſettenta, e ſette Joanna Hachete, matrona illuſtre em acçoens militares, na guerra, defenſi-

fenſiva contra os Bregonhezes , que tinhaõ ſitiado eſta Cidade no anno de mil quatrocentos ſettenta, e dous , de que era natural por naſcimento , e aſcendencia. Joanna Hachete , que era de animoſo coraçaõ, acodindo à defenſa da Cidade com emulaçaõ a ſeo valor , ou a ſeo exemplo ſe lhe ajuntaraõ mais outras heroinas de igual coraçaõ , e valor , que fazendo-ſe filhas de ſua diſciplina , ella as capitaneava.

Em hum aſſalto geral , que os Bregonhezes deraõ à Cidade moſtrou Joanna Hachete varonil esforço , e valor extraordinario lançando fora os inimigos às pedradas , com fogos artificioſos de reſina , e chumbo derretido. Nunca ſe achou menos Joanna Hachete em todas as façoens do mayor perigo deſte memoravel cerco; e accudindo neſte aſſalto a defender a brecha , que os inimigos enviſtiraõ valeroſamente chegando a arvorar o ſeo Eſtandarte , Joanna o arrancou , lançando da muralha abaxo o Soldado , que o defendia.

Honraſe em Bauvais ainda o illuſtre nome deſta valeroſa Amazona , e ſe vê pintada no altar da Cidade. Em quanto Joanna Hachete viveo , marchava ordinariamente com o ſeo Eſtandarte na frente das tropas , que ainda ſe conſerva na Igreja dos Religioſos Dominicos onde foy colocado depois da ſua morte. Os deſcendentes de Joanna Hachete ainda ſe conſervaõ por eſta acçaõ heroica iſentos dos tributos , e em ſua memoria ſe faz annualmente huma ſolemne prociſ-

ſaõ

ſaõ a dez de Julho em que vaõ as mulheres, como ſexo, a quem deveo aquella Cidade huma grande parte nos ſeos triunfos, e vitorias naquelle Cerco.

XV.

JOANNA DE ALBRET.

A Princeza de Bearne Joanna de Albret, herdeira de Navarra, e filha de Henrique de Albret ſegundo deſte nome na Coroa de Navara, e de Margarita de França, irmãa de Franciſco primeiro, foy huma das illuſtres heroinas daquelle ſeculo em letras, e valor.

Foy Joanna de Albret bem doutrinada em as lingoas, e ſciencias, logo da primeira idade, e teve por marido o Duque de Vandoma, e Rey de Navarra Antonio de Borbon, que a recebeo por mulher em Moulins Cidade Capital de Bourbonois aos vinte dias do mez de Outubro de mil quinhentos quarenta, e oito, e foy mãy entre outros filhos de Henrique o grande. Eſta Princeza foy valeroſa, amante das ſciencias, e honradora dos homens, que as profeſſavaõ. Eſcreveo diverſas obras em proſa, e verſo, de que nos falta aviriguada noticia, certa inteligencia.

Paſſan-

Paſſando a França no anno de mil quinhentos ſettenta, e dous morreo em Pariz a nove de julho deſte anno em idade de quarenta, e quatro com ſuſpeitas de peçonha dada em humas luvas; e ſe diz, que foy tocada das falſas oppinioens a reſpeito da Religiaõ Pertendida reformada.

XVI.

ISABEL ANDREINI.

NO fim do decimo ſexto ſeculo, e principio do decimo ſetimo floreceo a famoſa Poetiza Comica, elegante, e douta Iſabel Andreini natural de Padua nada menos excellente na proſa, que no verſo.

Teve Iſabel Andreini os dotes, e prendas naturaes de formoſura, e diſcriçaõ, que os olhos, e ouvidos a admiravaõ igualmente no Theatro, e no talento para a Poeſia Comica ſe deſtinguio entre os Poetas daquella idade. Naõ ignorava a Filoſofia, e entendia as lingoas Franceza, e Caſtelhana.

Foy excellente muſica, ſingular comedianta, tangia muitos inſtrumentos, e por todas eſtas prendas conciliou particular eſtimaçaõ entre as peſſoas mais illuſtres de Italia, e França.

Na Academia de Pavia, chamados Intenti ſe conhecia pelo ſobrenome de Acceſſa, ſendo as ſuas obras admiradas pelos mayores en-

genhos de Italia, e França para onde foy chamada de Henrique quarto o grande Rey de França, e Navarra. Aſſiſtio, e compoz naquella grande Corte muitas excellentes Comedias com goſto, e eſtimaçaõ dos Reys, e grandes de Pariz. O Cardeal Cinthio Aldobrandini Nepote de Clemente oitavo eſtimava muito o merecimento deſta Poetiza Comica como ſe provou pela quantidade de verſos, que ella compoz em ſeo louvor, e pela dedicatoria das ſuas obras.

E voltando de França para Italia acompanhada de ſeo eſpoſo Franciſco Andeini, rica de honras, e joyas, adoeceo, e morreo em Leaõ de França no anno de mil ſeiſcentos, e quatro na idade de quarenta, e dous. Moreri no ſeo Diccionario, diz que morrera pela diſgraça de arrebentar huma arma de fogo, mas he falſo, porque foy de hum máo parto, que teve. Foy enterrada magnificamente neſta Cidade, mandando-lhe lavrar ſeo eſpoſo Franciſco Andreini tambem comediante hum nobre Mauſoleo em que fez gravar eſte Epitafio.

D. O. M.

Iſabela Andreina Patavina, mulier magna virtute prædita, honeſtatis ornamentum, maritalis que pudicitiæ decus, ore facunda, mente fecunda, religioſa, pia, Muſis amica, & artis ſcenicæ caput hic reſſurectionem expectat.

Ob

Ob abortum obiit 4. idus Junii 1604. *annum agens* 42. *Franciſcus Andreinus maſtiſſimus poſuit.*

Com a ſua morte ſe encheo de lagrimas, e luto o Parnazo, porque ſenaõ ouviraõ nelle mais que verſos funebres em Latim, e Italiano, de que ſe imprimiraõ muitos com os de Iſabel na edicçaõ de Milaõ de mil ſeiſcentos, e cinco, e naõ eſqueceo naquella obra incluir a Inſcriçaõ engenhoſa, que Puccano lhe havia conſagrado em vida. Além de muitos Sonetos, Madrigaes, Cançoens, e Eglogas compoſtas por Iſabel, temos huma paſtoral intitulada Mertilla, e as ſuas cartas impreſſas em Veneza no anno de mil ſeiſcentos, e dez.

Seo marido no Prologo do livro, que intitulou: *Bravuri del capitan Spavento*, fez publica a dôr de taõ juſto ſentimento, e deixando o Theatro trocou o emprego de Actor pelo de Autor; e no pranto do Paſtor Corinto na morte da ſua Fillide ſe vem as mais ternas expreſſoens de huma dôr inſanavel.

XVII.

D. JERONYMA DE MORAES.

HE contada entre o numeroſo, e varonil eſquadraõ das heroinas Portuguezas, que deixaraõ na poſteridade de ſeo valor illuſtre nome, e fama naõ vulgar, Dona Jeronyma de Moraes mulher do nobre Cavalheiro Gonſalo Vaz Coutinho, que paſſando ao governo da Ilha de Saõ Miguel, lhe fez inſeparavel companhia.

Por eſte tempo gemia Portugal debaxo do dominio dos Reys de Caſtella, que pela injuſta morte de Maria Eſtuarda Rainha da Gram-Bretanha declararaõ guerra contra os Inglezes, que poco depois, que Gonſalo Vaz Coutinho era chegado ao governo daquella Ilha ſahiraõ com huma poderoſa armada a ſenhorear os noſſos mares. Apareceo vitorioſa ſobre a Ilha de Saõ Miguel depois de deixar a fogo, e cinza as do Faial, e Pico pelo mez de Outubro de mil quinhentos noventa, e quatro. E acodindo o Governador em peſſoa a eſpiar o inimigo, que havia dado fundo em Roſto de Caõ meya legoa de diſtancia da Cidade deixou ordem, que todas as mulheres ſe retiraſſem aos montes.

Da prudencia dos dous Capitaens Alexandre,

dre, e Franciſco Taveira ſe fiou eſta pirigoſa conduçaõ, mais deficil de vencer, que o meſmo inimigo: E propondo a Dona Jeronyma de Moraes as ordens do Governador, e mais cabos daquelle preſidio, reſpondeo neſta ſuſtancia „ Naõ devo agradecervos o cuidado na ſe-
„ gurança de minha peſſoa, ſabendo que dei-
„ xey a minha patria expondo-me aos perigos
„ do mar ſó por fazer companhia a meo mari-
„ do no governo deſta praça. Que diria o mun-
„ do vendo-me ſegurar a peſſoa; e vida deixan-
„ do a de meo marido expoſta aos perigos deſ-
„ ta invazaõ do inimigo, que naõ culpaſſe o
„ meo amor de tibio, o meo coraçaõ de fro-
„ xo, ou o meo animo de fraco, e cobarde.
„ Naõ temais, que recolhida neſte Caſtello à
„ viſta das ballas, das ruinas; e dos horrores
„ de que Marte coſtuma veſtir os ſeos theatros
„ vos dé alguma pena: Antes vos ſeguro me
„ achareis entre vos com igual ſemblante, cu-
„ rando aos feridos, ou enterrando aos mor-
„ tos, beneficio porque todos me deveis que-
„ rer em voſſa companhia, mais que depoſita-
„ da, ou fugida aos montes, fazer-me inutil
„ à defenſa. E quando por meos pecados mor-
„ ra meo marido na peleja ficara contente de
„ verme à ſua cabeceira, porque ſocorrendo-o
„ em a morte, me naõ ſerá a vida taõ peſada, e
„ triſte. E finalizando a ſua fala, diſſe com igual valor, e deſprezo: „ Se os inimigos ganharem
„ a fortaleza naõ he a minha peſſoa a mayor per-

„ da, nem eu quero a vida ficando nas ſuas „ mãos a noſſa honra.

Naõ foraõ deſſimilhantes as obras das palavras em Dona Jeronyma de Moraes, moſtrando em todos os perigos daquella guerra, hum varonil coraçaõ, em muitas heroicas acçoens, que em noſſas hiſtorias lhe deraõ recomendada memoria, neſte theatro particular eſcritura, ſucinta relaçaõ.

XVIII.

DONA JOANNA JOSEFA DE MENEZES. Condeça da Ericeira.

CElebrou, e conheceo eſte noſſo ſeculo para enveja dos paſſados, e futuros a ſempre illuſtre heroina Dona Joanna Joſefa de Menezes, viuva herdeira da caſa de ſeos pays Dom Fernando de Menezes Conde da Ericeira do Concelho de Eſtado, e Guerra de ElRey Dom Pedro ſegundo de Portugal, ſeo Gentil homem da Camera, Regedor das juſtiças, Governador das armas da Marinha, e Capitaõ General de Tangere com outros muitos lugares, varaõ inſigne em virtudes, armas, e ſciencias. Dona Leonor Felippa de Noronha Dama da Rainha Dona Luiza foy ſua mãy, igualmente

mente celebrada como ſeo marido pela ſua virtude, diſcriçaõ, Poeſia, e outras muitas ſciencias.

Naſceo Dona Joanna em treze de Setembro de mil ſeiſcentos cincoenta, e hum às dez horas, e trinta, e cinco minutos da noute, e ainda que naõ mereça credito a vaidade da Aſtrologia, hum douto Alemaõ lhe levantou figura, acertando nas ſuas conjecturas com a difiniçaõ das ſuas perfeiçoens, e ſuceſſos de ſua vida.

Nomeado Capitaõ General de Tangere o Conde ſeo pay em mil ſeiſcentos cincoenta, e cinco a levou com a Condeça ſua mãy para aquella Praça, que brevemente foy ſitiada por vinte, e cinco mil Mouros, e Deos a livrou milagroſamente de huma balla de Artilharia, que deo no meſmo lugar, em que ſua mãy eſtivera com ella em os braços pouco tempo antes do ſuceſſo, levantando-ſe para dar huma eſmola. Aqui aprendeo os principios da lingoa Latina com o Padre Antonio de Mello da Companhia de JESUS, e com ſeos pays, e outros meſtres ſoube perfeitamente a Italiana, a Franceza, e Eſpanhola, falando, e eſcrevendo todas com admiraçaõ dos naturaes, aſſim em proſa, como em verſo, e na lingoa nacional ſe apurou igualmente em todos os preceitos da Rethorica, e Poetica, como moſtraõ ſuas obras, dizem as ſuas elegancias.

Por eleiçaõ de ſeos pays, conſiderada a unica poſteridade de huma ſó herdeira a caſaraõ em

em o primeiro de Mayo de mil ſeiſcentos, ſeſſenta, e ſeis, com Dom Luiz de Menezes ſeo tio, e irmaõ do Conde ſeo pay para conſervar a varonia da ſua caſa, concorrendo para o acerto além deſta circunſtancia, que o fez preferir a muitos illuſtres pertendentes, outras muitas qualidades, que o acreditaraõ nas armas, e nas letras. Teve o poſto de General da artelharia de Alentejo, e de Governador das armas de Tras os montes: Foy Vedor da fazenda, e teve parte nos mayores negocios melitares, e politicos de ſeo tempo, de que eſcreveo a hiſtoria de Portugal reſtaurado, e outros muitos livros em proſa, e verſo; e todas eſtas obras tresladou a Condeça Dona Joanna da ſua propria letra, que era de excellente forma, e de exacta Orthografia.

Em formoſura, e diſcriçaõ teve o primeiro lugar entre as ſenhoras de ſeo tempo; o ſeo trato ſuaviſſimo, a ſua Religiaõ, e piedade ſolida a fizeraõ igualmente amada, e venerada de todos. Tardou a natureza com o felice parto de Dom Franciſco Xavier de Menezes hoje Conde da Ericeira quaſi ſette annos, ſahindo à luz como tranſſunto de tantos illuſtriſſimos originaes, mimo das Muſas, e ornamento das ſciencias, aos vinte, e nove de Janeiro de mil ſeiſcentos ſettenta, e tres; e em vinte, e dous de Julho de mil ſeiſcentos ſettenta, e ſeis Dona Maria Magdalena de Menezes recolhida em o Convento da Encarnaçaõ, que foraõ as unicas poſteridades deſte fauſtiſſimo matrimonio. As ſciencias de ſeos

pays,

pays, e marido com os eſtudos, que dos primeiros annos cultivou o fecundo engenho de ſeo filho, conſtituiraõ a ſua caſa huma continuada Academia.

A ſemelhança de genio, o ſangue, e as virtudes facilmente perſuadem o reciproco amor, que teve, e deveo a ſeo marido os vinte quatro annos, que foraõ caſados, e tiveraõ complemento em vinte ſeis de Mayo de mil ſeiſcentos, e noventa, que foy o dia de ſua morte, ſentida com tal exceſſo, que muitos annos naõ ſahio de huma caſa, que o preceito da Senhora Rainha da Grãa Bretanha Dona Catharina fez deixar nomeando-a em mil ſeiſcentos noventa, e cinco por huma das ſuas Camariſtas. Em dez annos, que teve aquelle emprego até o ultimo de Dezembro de mil ſettecentos, e cinco, em que morreo aquella grande Princeza a ſervio com tanta pontualidade, que mereceo particular favor da Rainha fiando-lhe negocios de grande importancia, no tempo em que governou o Reyno pela doença de ElRey Dom Pedro ſegundo ſeo irmaõ, os quaes conferia com os Miniſtros eſtrangeiros nas ſuas proprias lingoas.

Teve a Condeça particular favor da Rainha de Portugal Dona Maria de Saboya, e da ſua larga communicaçaõ em cartas Francezas em proſa, e verſo ſe queimaraõ infelizmente os originaes. Imprimio ſem o ſeo nome hum Poema em trezentas oitavas Caſtelhanas com o titulo de: *Deſpertador del Alma al ſueño de la vida*; e huma

traducçaõ de Francez em Portuguez do livro das Reflexoens ſobre a Miſericordia de Deos compoſto pela Madre Luiza da Miſericordia, antes chamada, de la Voliere, Duqueza de Vaujour: Outra traducçaõ da meſma lingoa, e hum Panegyrico do Abbade de Saõ Real ao Duque de Saboya Vitor Amadeo.

Eſtaõ para ſe imprimir em proſa a vida de Santo Agoſtinho com reflexoens em folio. Triunfo das mulheres em quarto. Diſcurſos Academicos, e Problemas em quarto. Cartas familiares na lingoa Portugueza em quarto. Eſcreveo em verſo hum Poema heroico de Andromada, e Perſeo quatro cantos em oitavas. Comedia: *Divino imperio del amor.* Comedia: *Deſden de razon vencido. Contienda del amor Divino, y Humano*, primeira, e ſegunda parte em forma de actos Sacramentaes. Seis Loas, e ſeis Bailes, Sonetos, e Romances, tudo na lingoa Caſtelhana. Varios verſos em todos os metros na lingoa Portugueza. Verſos Francezes, e Italianos, e traducçoens de Poetas das meſmas lingoas, e todas eſtas obras faraõ oito volumes.

Neſtes, e outros eſtudos, e com grande applicaçaõ da hiſtoria antiga, e moderna, das fabulas, e dos melhores Authores de todas as faculdades, em que falava com grande propriedade, entretinha dignamente o tempo ſem faltar no governo domeſtico, e ao deſempenho da ſua caſa, e nos ultimos tempos ſó eſcreveo obras moraes, e eſpirituaes.

Em

Em mil ſettecentos, e ſette depois de tomar os banhos das caldas teve hum perigoſo accidente de Parlezia, de que ſe reſtituio com alguma lezaõ, mas conſervando o juizo, vio concluir o caſamento de ſeo Netto o Conde da Ericeira Dom Luiz de Menezes, com Dona Anna Xavier de Rohan filha primogenita dos Condes da Ribeira em vinte de Abril de mil ſettecentos, e nove, e no mez de Agoſto do meſmo anno entrando com Breve Pontificio na Portaria do Convento de Santa Clara lhe deo hum accidente de Apoplexia, e tornando delle ſe confeſſou geralmente. Viveo ainda alguns dias, e morreo dentro no meſmo Convento em vinte, e ſeis de Agoſto do meſmo anno com grandes ſinaes de piedade, e no teſtamento, que deixou aprovado ſe mandou enterrar na ſua Cappella mor do Convento da Annunciada de Religioſas Dominicas junto ao ſeo Palacio de Lisboa.

XIX.

DONA ISABEL DE CASTRO.

DOna Iſabel de Caſtro, e Andrada, filha herdeira de Alvaro Peres de Andrada, Comendador de Saõ Pedro de Torres Vedras, Senhor do morgado da Annunciada, e de Dona Guiomar Henriques

filha dos Condes da Feira, foy de ſingular formuſura, e de tantas virtudes, que ſe contaõ della muitas maravilhas. Caſou com Dom Fernando de Menezes Senhor do Louriçal, do Conſelho de ElRey, e Capitaõ General de Tras os montes; depois de cincoenta, e quatro annos de idade, teve milagroſamente dous filhos. Dom Henrique de Menezes, e Dona Maria de Caſtro, mulher de Dom Joaõ de Menezes Alferes môr.

Defendeo Dona Iſabel de Caſtro na Igreja do Convento de Varatojo Concluſoens de Filoſofia, Theologia, e letras humanas, e dando ao meſmo Convento para huma Ermida da Paixaõ de Chriſto hum forno de cal da ſua nobre quinta, que lhe eſtá veſinha, deixou nella eſcrito o admiravel Soneto, que anda impreſſo na hiſtoria Serafica, e outro que ſe imprimio no Poema de Araucana de Alonſo de Ercila da Impreſſaõ, em que foy dedicado ao Conde de Lemos, e Andrada ſeo parente, naquelle tempo Embaxador em Portugal. Eſte meſmo Soneto imprimio Manoel de Faria, e Souſa no comento das Rimas de Camoens, no fim da primeira Centuria dos Sonetos da primeira parte, em que dá grandes elogios a eſta Senhora dizendo, que fora meſtra do meſmo Camoens. Morreo ſantamente em mil quinhentos noventa, e cinco, e jaz enterrada na Capella môr do Convento da Annunciada de Lisboa da Ordem de Saõ Domingos.

XX.

XX.

DONA JOSEFA DE AYALA.

DOna Joſefa de Ayala, e Cabreira, filha de Baltezar Gomes Figueira, Portuguez de naçaõ natural de Obidos da Comarca de Alenquer, e de Dona Catharina de Ayala, e Cabreira, de naçaõ Caſtelhana, illuſtre pelo appellido de ſua nobre geraçaõ, naſceo em a Cidade de Sevilha do Reyno de Eſpanha, bem conhecida dentro, e fora do Reyno pelas ſuas pinturas, em que foy ſingular naquella idade, em que floreceo, como quem praticou as perfeiçoens da arte com applauſos de inſigne, elogios de honeſta, vivendo por toda a vida em caſtiſſimo celibato.

Antes da feliz acclamaçaõ do Senhor Dom Joaõ o quarto de glorioſa memoria paſſou a eſte Reyno com ſeos pays, que ſempre viveraõ em Obidos, ou na ſua quinta chamada da Capeleira extramuros deſta Villa. Aqui era viſitada de muitas ſenhoras, que frequentavaõ os banhos das Caldas da Rainha meya legoa diſtante, pelo goſto de a communicarem, e verem pintar, ou retratarem-ſe; como era peſſoa de diſtinçaõ, e pintava por curioſidade ſó importuna, e perſeguida, ou por devoçaõ, e reſpeito uſava da arte.

Na Igreja, e Convento de Valbemfeito da Ordem de Saõ Jeronymo, ſe admiraõ grandes pinturas deſta heroina, e em caſa do Doutor Jozé Gomes de Avellar, de quem foy aſcendente vi muitas de igual perfeiçaõ em pano, cobre, e prata, em que abria ao martelo, e ſe chama de pontinho.

Teve Dona Joſefa eſpecial maõ de retratar como ſe julgou do retrato, que fez da Senhora Princeza Dona Iſabel filha dos Reys de Portugal Dom Pedro ſegundo do nome, e da Rainha Dona Maria Franciſca Iſabel de Saboya ſua primeira mulher. Havia paſſado a Rainha com a Princeza aos banhos das Caldas, e com a noticia, de que Dona Joſefa era perita na arte, a mandou conduzir a ſua preſença em hum coche da caſa para retratar a Princeza, e ſahio com tantos primores da ſemelhança o retrato entre outros muitos, que ſe tinhaõ feito, que foy o que ſe mandou ao Duque de Saboya Vitorio Amadeo, com quem ſe deſpoſou, ainda que naõ teve depois effeito o caſamento. Naõ ſabemos o premio, que teve da Mageſtade, mas regulado pela força, que lhe fez para ſe ſervir della na Corte, ou pelo goſto, ou pelo intereſſe de ſuas pinturas, ſeria a gratidaõ de igual valor a eſte recuſado beneficio, ou por viver mais recolhida, e menos occupada, ou naõ querendo vulgarizar em officio, o que ſó era curioſidade, e divertimento.

A mayor parte do dia, e noute gaſtava

Dona

Dona Joſefa na liçaõ dos livros, a que era mais inclinada eſpecialmente em obras eſpirituaes, e devotas. Eſcrevia como ſe debuxara dando à letra huma primoroſa, e engraçada forma, com muitos primores de artificio. Naõ lhe faltaraõ os dotes naturaes de formoſura, e diſcriçaõ. Contaria cincoenta annos de idade, quando faleceo aos vinte, e dous de Julho de mil ſeiſcentos oitenta, e quatro. Foy ſepultada na Freguezia de Saõ Pedro de Obidos, que tambem ſe inriqueceo com obras de ſua heroicidade, e os que a tem fazem dellas merecida eſtimaçaõ, particular uſura.

XXI.

D. JOANNA DE AUSTRIA

DOna Joanna de Auſtria Princeza de Caſtella, e filha dos Emperadores Carlos quinto chamado o Maximo, e de Dona Iſabel filha de ElRey Dom Manoel de ſaudoſa memoria, naſceo em a Villa de Madrid, veſpora de Saõ Joaõ Baptiſta do anno de mil quinhentos trinta, e ſeis, governando Paulo terceiro a Cadeira de Saõ Pedro. Foy a Princeza hum vivo retrato da Emperatriz ſua mãy naõ ſó em formoſura, diſcriçaõ, e outros muitos dons naturaes, mas tambem em modeſ-

modeſtia, religiaõ, afabilidade, gravidade, e outras muitas virtudes de que era dotada.

Teve huma educaçaõ cuidadoſa, porque da manhãa atè à noite, tinha horas ſinaladas para ler, e eſcrever, e eſtudo das lingoas, lavor, muſica, contraponto, e inſtrumentos, porque eraõ muitos os que aprendia, e tocava. De oito annos já ſabia ler clara, e deſtintamente, naõ ſó os livros na lingoa vulgar, mas na Latina, com admiraçaõ do meſtre, que eſtava experimentando quanto ſe adiantava o engenho ao eſtudo, a capacidade aos annos.

Ajuſtou-ſe o caſamento da Princeza Dona Joanna com o Infante Dom Joaõ filho de ElRey Dom Joaõ o terceiro de Portugal, jurado Principe em Almeirim, que foy Domingo de Lazaro aos trinta de Mayo de mil quinhentos quarenta, e quatro. Celebrou-ſe eſte matrimonio em a Cidade de Elvas nos ultimos dias do mez de Novembro de mil quinhentos cincoenta, e dous, e delles naõ houve mais poſteridade, que ElRey Dom Sebaſtiaõ naſcido em Lisboa aos vinte de Janeiro de mil quinhentos cincoenta, e quatro, depois da morte do Principe ſeo pay, que faleceo a vinte de Janeiro do meſmo anno.

Querendo o Emperador ſeo pay auſentarſe de Caſtella pelos intereſſes do Imperio a chamou de Portugal para o trono daquella Monarquia, em que moſtrou valor, diſcriçaõ, e zelo da fé caſtigando a huns Sciſmaticos, que em

em ſeo governo ſe deſcobriraõ, reſuſcitando em Eſpanha os erros de Lutero. Partio de Lisboa aos dezaſette dias do mez de Mayo de mil quinhentos cincoenta, e quatro acompanhada do Infante Dom Luis, que ſe apartou, e deſpedio da Princeza na Villa de Arrayolos, e daqui até Badajoz lhe fez companhia o Duque de Bragança.

Eſtava retirada em Saõ Lourenço do Eſcurial, quando Deos a viſitou com huma agudiſſima enfermidade, que lhe deo em dia de Santo Agoſtinho. Logo ſe conheceo, que era mortal moſtrando-ſe inflexivel aos remedios, e recebidos os Sacramentos em pouco mais de oito dias, que lhe durava a enfermidade com augmento, veyo a falecer veſpora de Noſſa Senhora de Setembro de mil quinhentos ſettenta, e tres aos trinta, e hum de ſua idade com evidentes ſinaes de Predeſtinada, claras demonſtraçoens, de que no Ceo reynarà glorioſa.

Tardaraõ tres dias em dar lhe ſepultura contando da hora em que falecera, ſem ſe conhecer no Real cadaver os effeitos de corrupçaõ. Como tinha o jazigo no Convento de noſſa Senhora da Conſolaçaõ da Villa de Madrid, que diſta ſette legoas do Eſcurial ſe notou por couſa milagroſa, que em taõ dilatada jornada, e noite de tanto vento, ſe naõ apagaſſe huma ſó luz, das que illuminavaõ o interro, faziaõ companhia ao corpo.

Foy obra de ſua grande piedade o Conven-

to da Conſolaçaõ de Capuchas Deſcalças da Villa de Madrid, conſagrando em caſa para Deos o Palacio, em que naſcera, e ſe batizara, e na morte elegera para ſepultura. Edeficou no meſmo lugar hum Hoſpital, que ſe chama da Princeza. Deixou hum rico legado para caſar Orfans. Inſtituio no Collegio da Companhia huma Cadeira de Caſos com boa renda. Concinou rendas para edificar hum Collegio da Ordem de Santo Agoſtinho, e para o ſuſtento de doze Collegiaes. Aos Religioſos de Saõ Domingos do Convento de Santo Eſtevaõ de Salamanca deixou quinhentos mil maravidis pela obrigaçaõ de mandarem ſeis Religioſos cada hum anno a pregar a fé aos infieis do Occidente.

Ao Convento de Saõ Paulo de Coimbra da meſma Ordem tambem deixou cincoenta mil maravidis com igual obrigaçaõ de mandarem para a India outros ſeis Religioſos, querendo a ſua piedade abraçar o mundo do Oriente, a Occidente. Para Redempçaõ de Cativos ſe cobra annualmente huma grandioſa eſmola.

Enriqueceo de muitas reliquias, e joyas de ouro, e prata de grande valor, e preço a Igreja das Capuchas Deſcalças para culto, e ſerviço daquelle Senhor, que amou, e temeo na vida, e foy acompanhar, e ver (como piamente ſe conſidera) depois da morte.

XXII.

XXII.

ISABEL SOFIA

ISabel Sofia filha de Henrique Cheron Pintor, e Originario de Meaux Cidade Epiſcopal, e Capital de Lebri Provincia de França, naſceo em Pariz em tres de Outubro de mil ſeiſcentos quarenta, e oito. Foy creada na Religiaõ Proteſtante, como ſeo pay, que em pintar retratos adquirio alguma reputaçaõ, e ſempre Iſabel o acompanhava nas Academias Reais de Pintura, e Eſcultura. A Religiaõ Calviniſta, que ſeo pay lhe inſpirou veyo depois a trocar pela Catholica Romana, que ſua mãy Maria Le-Fevre profeſſava, e lhe perſuadia.

Mãy, e filha, que naõ contava mais, que quatorze annos, entraraõ no Convento de Jovarre para retratar a Abbadeça, e achando alli Monſiur de Reade fidalgo Inglez, que ſe retirara para aquella Abbadia, depois da morte de Carlos primeiro, e de zeloſo Proteſtante ſe tornara zeloſo Catholico, lhe ſoltou algumas duvidas que tinha em a noſſa crença. Daquelle dia começou Iſabel a converter ſe, e voltando a Pariz Monſiur de Pouſſe Cura de Saõ Solpiſſio aprefeiçoando-a nos myſterios da fé lhe fez abjurar publicamente ſeos erros na caſa de Madama de Miramion donde aſſiſtio algum tempo.

Deixou o pay a Corte fugitivo ficando a

familia taõ deſtruida, que obrigou a Iſabel voltar a caſa, e ſuſtentando-a com o preço de ſuas pinturas em breve tempo adquirio tanto, que os acredores ficaraõ pagos, e ſatisfeitos, a mãy, e irmãos livres, e remediados.

Naõ teve menos diligencia, e menor cuidado na educaçaõ das irmãas, que do irmaõ, enſinandolhes a meſma arte com tantos primores, que depois foy celebre Pintor em Inglaterra. Eſtes bons officios naõ tiveraõ na mãy igual correſpondencia negandolhe a parte no que havia adquirido para a caſa, tirannia, que naõ teve em Iſabel o deſafogo de huma queixa, a deſatençaõ de huma palavra. Com os criados teve a meſma compaixaõ, e politica ſuſtentando-os até a morte ainda que a ſaude, ou a velhice foſſe obſtaculo para naõ agradecerem com ſerviços de preſente, a remuneraçaõ dos beneficios paſſados.

O Principal talento na pintura era debuxar, e colorir as mulheres, e os ſeos quadros hiſtoriados moſtraõ hum excellente goſto de debuxo. Percebeo todas as maneiras dos melhores pintores, e era igualmente habil na illuminatura, e no eſmalte. Do claro eſcuro teve grande intelligencia, como tambem na pintura de oleo; e gravava com tanto goſto, que eſta ultima prenda lhe adquirio em mil ſeiſcentos ſettenta, e dous hum lugar de Academica na Academia de pintura, e eſcultura de Pariz.

E houvera-ſe diſtinguido muito na muſica

ſe

ſe a reputaçaõ, que adquirio na pintura, naõ fizera eſquecer as diſpoſiçoens naturaes, que tinha para eſta arte. Na republica das letras ſe fez conhecida por excellente Poetiza, e alcançando lugar na Academia dos Recovrati de Padua em mil ſeiſcentos noventa, e nove lhe deraõ o renome de Erato na carta, que ſe lhe mandou de Academica.

Morreo a tres de Setembro de mil ſettecentos, e onze com ſeſſenta, e tres annos de idade, e huma tal edificaçaõ dos que lhe aſſiſtiraõ, que bem moſtrou preferira ſempre a perfeiçaõ Chriſtãa aos dotes do entendimento.

Foy caſada com Monſiur de Hay, matrimonio, de que naõ houve filhos, mas deixou em duas ſobrinhas de ſeo marido Anna, e Urſula dela Croix, duas digniſſimas filhas de ſua diſciplina na arte da pintura. Monſiur Fermelhuis Doutor em Medicina, compoz o elogio deſta herodita mulher, e ſe imprimio em Pariz, em mil ſettecentos, e doze em oitavo, e nós para honrarmos mais dignamente a memoria deſta heroina eſcreveremos aqui o cathalogo das obras, de que foy Authora.

Primeira: Pſalmos, e Canticos em Francez. Pariz em mil ſeiſcentos noventa, e tres, em oitavo; e aprendeo a lingoa Hebraica para fazer melhor aquella traducçaõ.

Segunda: O Cantico de Habacuc, e o Pſalmo cento, e tres traduzidos tambem no meſmo idioma, e em verſo. Pariz mil ſettecentos, e dezaſette, em quarto. Tercei-

Terceira : Traducçaõ de huma Ode Latina, ou Deſcripçaõ de Trianon. Pariz mil ſeiſcentos noventa , e ſeis, em oitavo, o Author da Ode Latina he o Abbade Boutard.

Quarta : Poema heroico em tres cantos, que tem por titulo: As cerejas derramadas pelo chaõ. Pariz mil ſettecentos, e dezaſette, em oitavo. Neſta obra de pura galantaria ſe vê o engenho de ſua Authora.

Quinta : Livro para debuxar cabeças tiradas das obras de Rafael. Pariz mil ſettecentos, e ſeis, em folha.

XXIII.

JOANNA DE BELFORT Rainha.

JOanna de Belfort Rainha de Eſcocia, e mulher de Jaques primeiro, foy dotada de hum coraçaõ animoſo, e forte. Era Jaques primeiro ſobrinho do Conde de Attholes, que peſſuhido da ambiçaõ de reinar ſe conjurou com alguns parentes, e amigos, que fez parciaes no delicto, companheiros na morte, porque era o unico meyo, com que lhe podia tirar o trono, deſpir a purpura, depor da Coroa.

Com obſtinada temeridade ſuſtentaraõ os cumpli-

cumplices o ſegredo da conjuraçaõ até o dia, que ſe executou; e havendo ganhado hum paje do Rey, que os introduzio em Palacio, e lhes moſtrou ſem defenſa a Camara Real, pois com anticipada providencia havia tirado o ferrolho da porta fazendo-ſe cumplice da facçaõ, reo de leza Mageſtade.

Eſtavaõ os traidores eſperando a hora decretada para aquelle acto de carniçaria; e deſcubertos por hum criado fiel, que pertendeo, e naõ pode ganhar a porta da Camara recebendo os primeiros golpes aviſou a ElRey da traiçaõ.

Acodio a ſegurar a porta da Camara Catharina de Glas, e achando-a ſem defenſa meteo o braço em lugar do ferrolho, mas como lhe faltava a fortaleza do metal, ainda que lhe ſobrou a do animo, feito o braço pedaços entraraõ os traidores a porta atropelando a heroica defenſora.

O Rey ſe achava ſem armas, e ſe acompanhava ſó da Rainha, que animoſa ſenaõ aſſombrou dos inſtrumentos da crueldade já tintos em ſangue innocente; e pondo-ſe diante de ElRey o defendeo por todos os archeiros de ſua guarda. Era mulher com valor, mas deſarmada; e naõ podendo reſiſtir ſe venceo da porfia como temeridade, mas vendo a ElRey cahido em terra ſe lançou a cobrilo, para que naõ recebeſſe ferida, em que primeiro naõ tiveſſe parte ſeo corpo, e huma meſma eſpada foſſe inſtrumento de ambas

as

as mortes, homicida de ambas as vidas.

Naõ reſpeitaraõ os traidores na Rainha o caracter, nem o ſexo, e arrancandoa com violencia, e deſcompoſtura vio padecer o innocente Principe o ultimo rigor de aſſiſinado; e recebendo com valor, e ſem deſmayo duas feridas teſtemunharaõ o coraçaõ com que obrara, a defenſa com que reſiſtira.

Em poucos dias de diligencia vingou o Ceo eſta abominavel tragedia aos olhos da fidelidade, porque a voz de tanto ſangue innocente deſcobrio à juſtiça os cumplices da traiçaõ, ſem que podeſſe eſcapar hum ſó, que naõ padeceſſe o meſmo exemplar em diverſos eſpectaculos. O Conde de Attholes ſe guardou para mais dilatado caſtigo, porque teve a duraçaõ de tres dias ſuceſſivos apparecendo reo em differentes maquinas de tormento. No ultimo dia acabou a vida com huma ardente coroa de ferro na cabeça, verificandoſe a predicçaõ de huma celebre mulher, que lhe ſegurou ſeria coroado ſolemnemente em hum grande concurſo de povo, que lhe aſſiſtio ſem compaixaõ, renovando a memoria de Jaques primeiro com lagrimas, a heroicidade de Joanna de Belfort com vivas.

XXIV.

JOANNA DE FLANDES

JOanna de Flandes Condeça de Monfort, e filha de Luis de Flandes Conde de Nevers floreceo no decimo quarto ſeculo, adquerindo pelas armas glorioſa memoria, merecida fama. Logo dos primeiros annos foraõ laborioſos, e varonis ſeos divertimentos; e na idade, que as Donzellas começaõ a ver o mundo, hir ao baile, e entrar nas aſſembleas começou Joanna de Flandes o eſtudo varonil de aprender a montar a cavalo, brandir a lança, e combater na barreira.

Eſtes exercicios, que o mundo fez alheos do ſexo pelo trato commum das naçoens pareciaõ em Joanna propriedades da natureza, porque ſe notava na gravidade do ſemblante, e em todas as ſuas acçoens hum temperamento de formoſura, e valentia: Hum ar de prudencia, e de modeſtia, que lhe eſtava conciliando reſpeito, e veneraçaõ. Dos enſayos da guerra paſſou aos combates da campanha pela morte do Duque de Bretanha Joaõ quarto, que naõ deixou poſteridade, ficando ao Conde de Monfort, e a Carlos de Blois o pleito da ſucceſſaõ, o intereſſe da herança.

O Conde aſſiſtido, e aconſelhado do entendimento, e animo varonil da Condeça começou logo apleitear o ſeo direito pela poſſe, tomando já por força, e já por induſtria as melhores praças da Provincia. Carlos de Blois recorrendo à Corte de França conſeguio a proteçaõ do Rey, que julgou como entereſſado o pleito da ſuceſſaõ a favor do ſobrinho, mandando contra Bretanha o Duque de Normandia ſeo filho com poderoſo, e formidavel exercito, como ſeo poder deſſe leys ao juizo, adminiſtraſſe forças a razaõ.

Reſtaurou o Duque algumas praças menos defenſaveis; e prendendo em Nantes com fortuna o Conde de Monfort o mandou conduzir a Pariz, e veyo a morrer preſo na Torre de Luvre no mez de Setembro de mil trezentos quarenta, e cinco. Mas ainda que Joanna ſentio com extremo a priſaõ do marido naõ ſe lhe conheceo deſmayo no animo, ou turbaçaõ no ſemblante, levando aquelle peſar com os olhos enxutos, como ſenaõ foſſem as lagrimas effeitos naturaes da compaixaõ, tributos ſenſitivos da fragilidade.

Os lutos que mandou cortar pelo ſentimento da priſaõ do Conde foy armarſe de guerra para a vingança; e com acordo varonil, e guerreiro viſitou em peſſoa todas as Cidades de ſeo partido, ſegurando os povos deſmayados, e guarniçoens irreſolutas; ganhou os coraçoens nobres com caricias, ſobornou os mercenarios com

com dadivas, e influhio com ſeo exemplo a huns o animo, a outros a fidelidade.

Na Primavera ſe repetio a campanha com igual ardor abrindo-ſe com o ſitio da Cidade de Reims, que governava Guilherme Gadoudel nobre, e valeroſo Soldado. Depois de alguns aſſaltos, e valeroſa reſiſtencia, e ſem meyos para a conſervaçaõ foy rendida, e entregue com as ceremonias de guerra a Carlos de Blois; e o exercito Francez partio a ſitiar Stennebon donde ſe achava a Condeça com a flor de ſeos parciaes, e confederados; e recebendo o exercito com eſpirito preſágo da vitoria o eſperou com as armas à cara, feſtejou com bala em boca.

Com valor, e arte ſuſtentou a Condeça varonilmente eſte celebrado ſitio como podera fazer o mais deſtro Capitaõ, aſſiſtindo aos aſſaltos no muro, às ſortidas na campanha. Para acudir a todas as partes montava a cavalo veſtida de armas, e com o fogo do coraçaõ ateado na formoſa luz de ſeos olhos, que ſe eſpalhava pelo roſto, valentia de geſto, reſpeito de ſemblante animando os timidos fazia robuſtos os mais peſados, e mais froxos pelos annos, ou pelos achaques.

Hum dia que os inimigos eſtimulados da reſiſtencia, e das perdas deraõ hum aſſalto geral à Cidade admirou o mundo o valor, e induſtria militar com que ſe houve na defenſa. Depois, que repartio pelas eſtancias os Soldados, e Donzellas, de que ſe acompanhava, e a ſeo

exemplo ſe haviaõ feito bellicoſas ſobio a huma Torre a obſervar a marcha do inimigo, e advertindo na debil guarda, que ſe achava no campo, montou a cavalo, e ſahio por huma porta falſa na frente de trezentos Couraças, e caminhando aos alojamentos do exercito lhe mandou pegar fogo. O fumo, e as chammas avizaraõ os inimigos empenhados no aſſalto, mas acudindo tarde para o remedio logrou a Condeça huma vitoria com mayor eſtrago, e menos ſangue.

Cortaraõ-lhe os inimigos o paſſo, mas retirando ſe a Auroy em cinco dias naõ tiveraõ os cercados noticia da Condeça. Porèm na madrugada do ſexto dia appareceo no campo com o reforço de quinhentos cavalos fazendo cara ao inimigo, que ſe lhe oppoz valeroſo, e infelice, porque a pezar de huma larga reſiſtencia entrou na Cidade a ſom de trombetas, que lhe cantavaõ o vencimento, ajudando a fama os brados, a vitoria os vivas.

Naõ era reſiſtencia com que vencia ſomente de braço a braço, ou de arteficio a arteficio, mas de induſtria a induſtria, de que uſavaõ os Franceezes para lhe enfraquecerem as forças tirandolhe por humas vezes os Soldados, ou ſemeando entre os parciaes diſcordias, entre os amigos differenças. Velava a Condeça ſobre os eſtratagemas do inimigo com prudencia, e deſtreza encontrando lhe os deſignios, porque a huns fortalecia a eloquencia de ſeos rogos, a outros o intereſſe de ſua liberdade.

Neſta

Neſta guerra de menos eſtrondo, e mayor temor ſe paſſaraõ alguns dias na eſperança de chegar o ſocorro de Inglaterra, que poz fim, e termo à campanha daquelle anno. E havendo pouco tempo depois huma ſuſpençaõ de armas teve a Condeça lugar de fazer huma jornada a Londres para ſolicitar novo ſocorro, que facilmente conſeguio, e fez conduzir a Bretanha de gente, e náos de guerra.

Havia Carlos de Blois paſſado às Ilhas de Grenezay com huma poderoſa armada; e aqui moſtrou bem a Condeça, que dominava o ſeo valor em ambos os elementos, pois combatendo-ſe as duas armadas todo o dia, e noute, a tempeſtade, que ſobreveyo lhe tirou das mãos a palma, ou a vitoria. Mas logo, que ſaltou em terra conduzindo as ſuas tropas a Vannes lhe poz taõ duro cerco, que depois de alguns aſſaltos ſe lhe rendeo entrando nella a cavalo como vitorioſa conquiſtadora, ſendo as mais fortes maquinas contra a Cidade, e ſeos muros á ſua preſença, e o ſeo exemplo, pois combatia igualmente valeroſa com a voz, e com os braços.

Ainda que eſta guerra durou por muitos annos, diſputada em muitos ſitios, grandes batalhas, e varios combates ſahindo a Condeça quaſi ſempre vitorioſa, a pezar de inimigo taõ poderoſo veyo a conſtituirſe abſoluta Senhora do Ducado de Bretanha até ſegurar na cabeça de ſeo filho a Coroa. Bretanha lhe eſtá devendo ainda os arcos triunfaes, e as eſtatuas nos marmores,

e nos bronzes ; e naõ menos , ingrata ſe moſtra , ainda mais nos elogios , pois nos deixaraõ os ſeos hiſtoriadores nas breves noticias de ſuas acçoens illuſtres hidropico o deſejo , inſaciavel a curioſidade.

XXV.

D. ISABEL CLARA EUGENIA DE AUSTRIA.

Infanta.

SInalou-ſe feliciſſimo para Eſpanha o anno de mil quinhentos ſeſſenta , e ſeis com o naſcimento de Dona Iſabel Clara Eugenia de Auſtria aos doze de Agoſto na caſa de Campo do Parque de Balſaim junto de Segovia donde ſe recreavaõ ſeos pays Felippe ſegundo , e Dona Iſabel de Borbon ſua terceira mulher , que lhe deo o nome , o dia de Santa Clara , e o patrocinio , e devoçaõ do Martyr Santo Eugenio primeiro Arcebiſpo de Toledo os ſobrenomes de Clara , e Eugenia. A natureza a elevou a huma eſtatura mais que de mulher ; mas proporcionada na ſemetria , taõ agradavel , modeſta , benigna , e formoſa , que a Providencia como em theſouro depoſitou nella todas as prendas , que a faziaõ deſtinguir entre as heroinas

roinas daquelle ſeculo, deſempenhando o nome de Iſabel nas virtudes, o de Clara nas vitorias, o de Eugenia em a fortaleza, e piedade.

Deraõ-lhe por meſtre Frey Affonſo de Oroſco Eremita de Santo Agoſtinho, que a doutrinou entre os boſques, e floreſtas de Segovia com exercicios de Amazona, fazendo-ſe taõ deſtra, e vigilante na arte de reinar, como depois moſtrou em os negocios, guerras, e dependencias de ſeos Eſtados. He ordinariamente a agilidade do corpo final da ſutileza do eſpirito, e naõ ſerá alhea da hiſtoria de ſuas acçoens illuſtres referir huma de galantaria, que obrou na preſença do Archiduque ſeo marido.

Coſtumava-ſe em Bruxellas em certo tempo do anno atirar ao alvo, ou papagayo, que he hum certo inſtrumento, que ſe poem no ar, e vence quem lhe acerta com eſpingarda, ou arco, balla, ou flexa, ganhando premios de grande preço. Pediraõ à Infanta, que aſſiſtiſſe, e para honrar com a preſença aquella antiguidade foy na companhia do Archiduque; e vendo, que naõ acertavaõ os empenhados, e ambicioſos do premio, e havia ſobido muito alto o papagayo lançou a Infanta maõ de huma eſpingarda, e fazendo pontaria empregou o tiro felizmente. Foraõ repetidas as acclamaçoens, e vivas do povo, e toda Bruxellas lhe apreſentou o premio, que foy taõ conſideravel no valor, que o fez deſtinar para ſe caſarem todos os annos ſeis Donzellas orfãas, querendo pagar a Deos com huma

huma virtude mais aquella perfeiçaõ.

Naõ foy menos excellente eſta Amazona Caſtelhana em as virtudes do animo ſuperior aos encontros da fortuna. Nem caſo adverſo, ou repentino puderaõ nunca turbarlhe o ſemblante, ou nublarlhe a ſerenidade, porque ouvia ſem temor, nem aſſombro a perda das Praças, ou deſtroço dos exercitos. O coraçaõ era magnanimo, e liberal; grande honradora do merecimento, amante da juſtiça, e taõ zeloſa do culto, e aumento da Religiaõ Catholica, que a fez propagar nas Provincias do Paiz Baxo, que teve em dote.

Reconhecendo Felippe ſegundo ſeo pay a eſtimaçaõ, que ſe fazia das prendas de Dona Iſabel a chamou de Balſaim para viver em ſua companhia no Eſcurial, e admirando-ſe do eſpirito, virtude, e ſolido juizo da Infanta começou a fazer goſto de a inſtruir, e doutrinar na ſciencia de Eſtado, em que foy excellente, e eſta Senhora ſe conſtituhio ſingular, dando evidentes provas da ſabedoria, que adquirio na eſcola de taõ douto, e prudente Monarca em os negocios mais graves, e importantes, que lhe foraõ conſultados.

Do primeiro dia, que Felippe ſegundo ſe vio enfermo, e conheceo, que era de morte a enfermidade ordenou o caſamento de Iſabel com o Archiduque Alberto ſeo ſobrinho, e ſe effeituou em ſeis de Mayo de mil quinhentos noventa, e oito, cedendo o Principe de Aſturias a ſua

irmãa

irmãa os Paizes Baxos; e os Eſtados Geraes juntos em Bruxellas em quinze, ou dezaſeis de Agoſto do meſmo anno, reconheceraõ eſtes Principes por ſoberanos na preſença do Archiduque. Logo deixou o Cardeal Andre de Auſtria ſeo primo irmaõ por Governador daquelles Eſtados; e trazendo a Princeza Margarida filha de Carlos Archiduque de Auſtria para caſar com Felippe terceiro, ſe fizeraõ as bodas com procuraçaõ em Ferrara a treze de Novembro, nas mãos do Papa Clemente oitavo, e foraõ mutuas, caſando a Archiduqueza com Felippe terceiro, e o Archiduque Alberto com a Infanta Dona Iſabel, e logo ſe partiraõ para Eſpanha.

O Principe, e a Infanta eſperaraõ os Archiduques em Valença donde os receberaõ com a grandeza, que pedia a diſtinçaõ das peſſoas. E paſſadas as cerimonias ſe embarcaraõ os Archiduques em Barcelona, chegaraõ em dez dias a Genova, e dalli a Pavia donde os viſitou Ranucio Farneſio Duque de Parma. Em Millaõ os mandou comprimentar o Papa Clemente oitavo, e atraveſſando os Griſſoens chegaraõ ultimamente a Barbante por Luxemburgo. Em Louvaina foraõ recebidos aos vinte, e quatro de Novembro com a pompa, e grandeza de ſoberanos, que ſe ſagraraõ, ou auguraraõ (como elles dizem) no dia de Santa Catharina Virgem, e Doutora. Logo no dia ſeguinte com toda a Corte foraõ levados a Univerſidade, e aſſiſtiraõ à diſputa de Pedro Richardo, Religioſo de Saõ Ve-

daſto de Arres, e depois a Juſto Lyſio, que lia o tratado de Clemencia eſcrito por Seneo Filoſofo, acto illuſtre, e raro a huma Princeza, e que naõ ſe lé de outra.

Com a poſſe de ſeos Eſtados comeſſou Mauricio de Naſau Principe de Oranje a perturbar com ſuas tropas o goſto, e alegria com que os Flamengos reconheciaõ eſtes Principes por ſoberanos. Oppoſe valeroſamente o Archiduque aos Olandezes, e tomou-lhes Oſtende depois de haver paſſado com obſtinada reſiſtencia hum longo aſſedio, donde a Infanta Dona Iſabel deo exemplar exercicio às virtudes, aſſiſtindo com extremoſa caridade à cura dos enfermos, e feridos, e enterro dos mortos.

Naõ houve perigo, em que naõ acompanhaſe o Archiduque merecendo o elogio deHenrique o grande Rey de França, que refere o Senhor de Bonours, dizendo ao Conde de Solre Embaxador naquella Corte: Que a ſua Princeza eſtava adquirindo nas hiſtorias o louvor de outra Zenobia. E Meteren Hiſtoriador dos Olandezes eſcreve, que ella por ſua maõ poz fogo algumas vezes ao inimigo; porèm mais guerra lhe fazia com as lagrimas, e com os vottos, porque podemos affirmar, que arrancava do Ceo as vitorias. No ſeo exercito era taõ grande a politica, que naõ andava mais bem ordenado o de Iſabel Rainha Catholica no cerco de Granada.

Todas as acçoens de valor tiveraõ reconhecimen-

cimento na liberalidade deſta Princeza, e ſe fez taõ reſpeitada dos Soldados, que ſó ella baſtou para animalos a ſocorrer Nicuport cercada pelos Olandezes, e pacificar as tropas amotinadas pela falta de Soldo. Havia chegado a Gante na Vigilia de Saõ Pedro do anno de mil, e ſeiſcentos; e montando incontinente em hum bem ajaezado cavallo, foy correr o exercito com alegre ſemblante, e ajuntando os Capitaens, que todos nomeava pelos ſeos nomes, lhes falou neſta ſuſtancia:

„ He commum para todos o intereſſe deſ-
„ ta guerra alcançando do inimigo huma com-
„ pleta vitoria. Pelejamos contra hereges, e ſen-
„ do a cauſa de Deos, da Religiaõ, e do Paiz,
„ naõ vos poſſo lembrar motivos mais eficazes,
„ naõ para vos animar ao combate, que fora
„ eſquecerme do valor com que tendes ſervido;
„ mas ſim para vos certificar, que as acçoens
„ deſta perigoſa empreza ſeraõ attendidas com
„ eſpecial gratidaõ, no que vos empenho a pa-
„ lavra do Archiduque meo Senhor, e a minha
„ de ſeres logo pagos ainda que ſeja com o pre-
„ ço das minhas joyas atê vender as proprias arre-
„ cadas. E moſtrando lhe com a maõ o ultimo penhor acabou de dizer com huma doçe Mageſtade, que teve a correſpondencia de huma alegre acclamaçaõ de todo o exercito dizendo: „ Vi-
„ va a Infanta.

Houve depois tregoas com os Olandezes, que duraraõ doze annos, e tiveraõ fim a nove de Abril de mil ſeiſcentos vinte, e hum. Tres

mezes depois de renovada a guerra morreo o Archiduque Alberto ; e ainda que foy crueliſſimo eſte golpe no coraçaõ da Infanta , como era de animo invencivel naõ temeo o contendor, reſolvendo reſiſtir aos inimigos comandados por aquelle grande Heroe Mauricio de Naſau. Neſtas ultimas guerras ſe conheceo bem a conſtancia daquelle forte coraçaõ , já nos felices , e infelices encontros da fortuna humas vezes proſpera, outras contraria.

Emprendeo contra inimigo taõ poderoſo, e guerreiro a conquiſta de Breda ; e em quanto durou o ſitio velava a toda a hora paſſando a noute , e dia em eſcrever , e conſultar com trabalho , e fadiga ſobre as forças de mais robuſta natureza. Pelas ordens , e diſpoſiçoens da Infanta , bom governo do Marques Ambrozio Eſpinola , e ſocorros , que alcançou do Emperador Fernando , e Duque de Baviera ſe rendeo Breda no fim de Mayo de mil ſeiſcentos vinte , e cinco ; e Juſtino de Naſau , que a comandava ſahio com a guarniçaõ a dous de Junho do meſmo anno , noticia , que lhe levou o Meſtre de Campo Joaõ de Medicis , e teve o premio de huma Roſa de Diamantes em alviçaras.

Fazendo jornada a Breda ſahio o General Eſpinola a recebela tres legoas de diſtancia com a mayor parte do exercito , que lhe deo tres ſalvas Reais , e chegou à Cidade com a Infantaria dividida em muitos batalhoens. No dia ſeguinte

te celebrou Miſſa Pontifical na Igreja mayor o Cardeal Affonſo de la Cueba na preſença da Infanta em acçaõ de graças ao Deos das vitorias, porque o mundo todo affirmava, que naõ fora Breda ganhada aos Olandezes por armas, ſenaõ pelas oraçoens da Infanta.

Eſtabeleceo em honra do Sacramento huma annual Miſſa, porque na ſua Vigilia começou a capitular a Cidade. Depois que ordenou quanto pertencia à honra da Religiaõ, deixando remunerados todos os ſerviços, que ſeos Capitaens, e Soldados lhe fizeraõ na guerra com maõ liberal, viſitou peſſoalmente as fortificaçoens da Cidade, e as fez ainda mais defenſaveis, do que eraõ.

O Papa Urbano oitavo lhe eſcreveo de Roma em nove de Agoſto de mil ſeiſcentos vinte, e cinco dizendo: „ Nós vos damos o parabem „ de huma vitoria igualmente deſejada pelos „ vottos da Igreja Univerſal, da qual fallarà „ a hiſtoria recomendavel nos ſeculos futuros. E naõ fizeraõ eſtas proſperidades a Infanta mais altiva, antes ficou taõ humilde entre as vitorias, como ſe tinha moſtrado conſtante nas adverſidades.

Oſtentou ſempre huma heroica magnificencia, porque ainda no tempo da guerra mais viva, recebeo na ſua Corte com eſplendor a muitos Principes eſtrangeiros. A Rainha Maria de Toſcana, mãy de Luis treze; Gaſtaõ de França Duque de Orleans com ſua mulher Marga-

rida de Lorena ; Uladislâo Rey de Polonia ; Henrique de Borbon Principe de Condé, e Carlota Maria ſua eſpoſa ; Guilherme Volfang de Baviera Duque de Nuebourg ; os filhos de Duarte o afortunado Marques de Bade ; Manoel Principe de Portugal filho do Senhor Dom Antonio ; Anna de Lorena filha do Duque de Aumale, depois Duqueza de Nemouro ; Joaõ Conde de Naſau , e outros muitos.

Pela morte do Archiduque Alberto em treze de Julho de mil ſeiſcentos , e vinte hum a Infanta tomou o habito de Religioſa Terceira da maõ de ſeo Confeſſor o Padre Andre de Souto , e fez Profiſſaõ da ſua Ordem em mil ſeiſcentos vinte , e dous. No meſmo anno fez tresladar o corpo do Archiduque da Cappella de ſeo Palacio para a Igreja mayor de Bruxellas com grande magnificencia , mandando celebrarlhe pela alma quarenta mil Miſſas. E por tempo de hum mez ouvio a Infanta dez Miſſas por dia com outros muitos ſufragios.

Entre as virtudes , que fizeraõ recomendada a memoria deſta heroina , e taõ amada de ſeos vaſſalos foraõ a juſtiça , e piedade. Na audiencia eſtava em pé imitando a juſtiça , que aſſim ſe repreſenta ; e naõ ſe negava a toda a hora a quem lhe queria falar, e mais havia duas vezes na ſomana audiencia publica. Naõ permitio entrar em todos os ſeos Eſtados, quem naõ profeſſaſe a fé Catholica Romana.

Em vida do Archiduque trazia bem regulada

lada a ſua caſa, mas depois vivia como em Moſteiro; porque naõ podendo profeſſar a vida monaſtica como deſejava pelas inſtancias de Felippe quarto, e lagrimas dos povos do Paiz Baxo tomou a reſoluçaõ de viver como Religioſa de Santa Clara fazendo profiſſaõ da ſua Ordem, exemplo, que ſeguiraõ as mais illuſtres Damas, e Senhoras de Flandes, e de Borgonha para deſprezarem as vaidades do mundo.

Reſpeitava os Eccleſiaſticos, favorecia as Univerſidades, e reſtaurou muitas das Igrejas, além dos Conventos, que fundou, Collegios, que erigio, pois em quaſi todos, que ha em Bruxellas ſe vê gravado o ſeo nome, abertas as ſuas armas. Edificou hum Templo ſumptuoſiſſimo dedicado a noſſa Senhora, e lhe chamaraõ pela figura a Baſilica Rotunda. He fabrica toda de Alabaſtro, e de tantos primores; que Aubereo Mireo na ſua hiſtoria Belgica ſubio o diſpendio a mais de trezentos mil eſcudos de ouro. No culto da Mãy de Deos foy eſpecialiſſima a ſua grandeza, pois naõ houve em ſeo tempo ſantuario dedicado a eſta Senhora, que naõ enriquiceſe com alguma precioſa dadiva. Tem previlegios de ſingular hum manto, que dedicou à Senhora do Loureto de tella de ouro eſmaltado de vinte mil margaritas, dous mil cento cincoenta, e oito Diamantes, e mais de outras mil pedras precioſas.

Junto de ſeo Palacio mandou lavrar hum Convento para Religioſas de Santa Thareza obra

tambem

tambem ſumptuoſa , e perfeita. Depois de o dotar com maõ liberal , o enriquiceo de reliquias precioſiſſimas. Deo lhe hum eſpinho da Coroa de Chriſto em ambula de chriſtal engaſtado em ouro. O Corpo de Santo Alberto Cardeal , e martir em cuja translaçaõ obrou muitos , e eſtupendos milagres. Deo-lhe a mayor parte do Corpo de Santa Iſabel de Ungria mulher de Luiz Lanſgrave de Aſia. Grande parte do Corpo de Santa Luduvina inſigne flor , que brotaraõ os eſpinhos de Olanda , e outras muitas reliquias menos principaes com o dedo de Santa Thareza.

Com eſtas , e outras muitas acçoens illuſtres , e de virtude coroou a dilatada vida de ſettenta , e ſette annos , falecendo com todos os Sacramentos em o primeiro de Dezembro de mil ſeiſcentos trinta , e tres , deixando envejoſos de ſua felicidade os mais perfeitos , confuſos da boa diſpoſiçaõ , e deſengano os mais Religioſos. Havia doze annos , que tinha ordenado o ſeo teſtamento , e de novo fez hum codicilo cheo de juizo , de piedade , e liberalidade , que he hum teſtemunho eterno da gloria , que eſtá gozando, e copiamos aqui como ultimo beneficio a taõ relevantes virtudes , e heroicas acçoens.

Todas as reliquias , e peſſas precioſas de ſeo Real Oratorio mandou collocar em huma inſigne Cappella , que erigio no Templo de Santa Gudila patrona de Bruxellas , dotando-a com rendas para oito Capellaens em ſeo perpetuo culto.

to. Deixou mais outras Capelanias nos Santuarios de Eſpanha, e oito mil Miſſas pela ſua alma, e de ſeos aſcendentes. No ſeo enterro ſe veſtiraõ trezentos pobres divididos em centenarios por obſequio a JESUS MARIA JOZE, em cuja honra mandava ſoltar todos os annos tres preſos. No meſmo dia ſe dotaraõ quarenta Donzellas, e ſe fizeraõ outras muitas eſmolas, que ſeria prolixa eſcritura referilas, enfado numeralas.

XXVI.

ISABEL
Rainha de Napoles.

A Rainha Iſabel mulher de Renato Andegavenſe Rey de Napoles entre as heroinas daquelle ſeculo foy a mais illuſtre, e mais excellente no engenho, deſtemida no valor, prudente no governo, exemplar nas virtudes, e prendas naturaes, e adquiridas. Era muito formoſa, affavel, benigna, e dotada de huma grandeza de animo, que a fazia reſpeitar ſoberana, obedecer bemfeitora.

Naõ houve fortuna, que lhe turbaſſe a ſerenidade do ſemblante, nem a côr da formoſura, porque era de taõ veneravel aſpecto, que muitos a julgaraõ por mulher mais divina, que humana. Teve grande eſtudo nas letras ſagra-

das, e adquirio huma ſabedoria naõ vulgar com applauſo, e bom conceito dos homens doutos, que na republica literaria a reconheciaõ por heroina.

Preſo Renato Andegavenſe enganoſamente pelo Rey Dom Affonſo de Navarra, que pertendia a herança de Napoles, Iſabel com hum filho, e muitos Senhores Francezes, que lhe fizeraõ companhia com poderoſa armada partio de França, e entrou no Reyno ſem oppoſiçaõ, e com grande alegria dos Napolitanos, que voluntariamente lhe deraõ poſſe, e a inveſtidura Real, reconhecendo nas peſſoas a Mageſtade, nas repreſentaçoens o direito. Firmouſe Iſabel no trono de Napoles comprando com o ouro das virtudes os coraçoens dos vaſſallos, que a ſerviraõ ſempre com amor, e fedilidade.

Foy ElRey Dom Affonſo com poderoſa armada ſobre Napoles; e veyo bem a cuſta dos vaſſalos a reconhecer, que o reynado de Iſabel ſe fundava naõ ſó no direito das gentes, mas tambem das armas, pois com piqueno exercito lhe fez taõ viva guerra, que perdeo com as eſperanças a reputaçaõ. Empenhado todo o poder de Navarra neſta conquiſta lhe diſputou a Rainha peſſoalmente o vencimento; e taõ viguroſa, e prompta ſe moſtrou neſta defenſa, que naõ houve accidente, que naõ examinaſſe com os olhos, ou acudiſſe com o remedio, fazendo crer ao mundo, que ſe no trono ſabia empunhar o Cetro, na campanha ſabia eſgremir a eſpada.

Todo

Todo o cuidado, e diſvello de Iſabel ſe encaminhava à liberdade de ſeo eſpoſo contra as leys da hoſpitalidade, buſcando no patrocinio dos ſoberanos deſafogo à injuria, ou deſpique à vingança. Soube fazer parcial deſte ſentimento a Felippe Duque de Borgonha, e outros fidalgos Francezes, que lograraõ a empreza com felicidade, e valor livrando a Renato da priſaõ a Iſabel deſte cuidado. Foy recebido em Napoles como em triunfo. que ſe celebrou com grandes demonſtraçoens de goſto, e alegria, confeſſando dever à Rainha naõ ſó a vida, e liberdade, mas a Coroa.

Naõ podemos encontrar o dia de ſeo naſcimento, e morte. Só do matrimonio achamos, que ſe celebrou no anno de Chriſto de mil quatrocentos quarenta, e nove feliciſſimo para Napoles, que teve a Iſabel, e Renato por ſoberanos, ainda que lhe faltou a gratidaõ de ſeos hiſtoriadores com a fortuna dos benemeritos, deixando neſta eſcaſſa memoria ſepultada huma taõ heroica aſcendencia, illuſtre poſteridade ſem elogio, e ſem epitafio.

XXVII

ISOTA NOGAROLA

FOy illuſtre poſteridade de Leandro Nogarolo natural de Verona a Condeça Iſota Nogarola, que guardou perpetua virgindade, deſpreſando muitos caſamentos pela conſervaçaõ da pureza, que eſtimava ſobre todas as prendas, de que era dotada, ſendo pertendida de muitas peſſoas pela qualidade illuſtres, pela boa eleiçaõ diſcretas. Conſiderando com o bom juizo, que teve, que era a ocioſidade madraſta das virtudes, e meſtra dos vicios ſe applicou ao eſtudo das letras humanas, que lhe perſuadia o genio, e engenho, e adquirio grande ſabedoria na Logica, Fiſica, Theologia, e Eſcritura ſagrada, excedendo todas as heroinas, que foraõ illuſtres neſtas ſciencias.

Foy taõ amante das regras, e preceitos da Filoſofia, que além do applicado eſtudo, que teve, vivia com o trabalho, e rigor dos Filoſofos antigos, contentando-ſe com o que lhe era preciſo aſſim para o uſo, como para o ſuſtento. Adquirio pureza, e elegancia na lingoa Latina como admirou o grande Theologo Niceno Grego, Cardeal da Igreja Romana, e douto em muitas lingoas, nas epiſtolas, que eſcreveo Iſota aos Pontifices Nicoláo quinto, e Pio ſegundo. Eſte Cardeal foy illuſtre Protector das letras, e admi-

admirado da eloquencia, doutrina, exemplos, argumentos, erudiçaõ, e vivas razoens, com que perſuadia a Pio ſegundo procuraſſe a uniaõ dos Principes Chriſtãos contra o Gram-Turco, ſe paſſou de Roma a Veneza ſó pela ver, e communicar.

Eſcreveo hum Dialogo, em que diſputava, e reſolvia, que fora mayor o peccado de Adaõ, que o peccado de Eva na tranſgreſſaõ do devino preceito, obra de grande Doutrina, e engenho. Teve grande liçaó dos Teſtamentos velho, e novo fundando a ſua inteligencia nas expoſiçoens dos quatro Doutores da Igreja, que lhe eraõ muito familiares, principalmente as obras do Doutor Maximo aſſim pela eloquencia, e elegancia, como tambem porque foy o Doutor, que mais eſcreveo da virgindade, Doutrina de que muito ſe aproveitou nas ſuas obras.

Querem alguns eſcritores, que paſſara a Roma, e que orara muitas vezes na preſença deſtes dous Pontifices Nicoláo, e Pio, como tambem no Concilio celebrado em Mantua, porèm eſcrevo, e naõ affirmo, que pela ſabedoria era merecedora deſta honra, que tiveraõ algumas heroinas.

Os grandes eſtudos, e vida exemplar, que fazia adquirindo, e exercitando virtudes foraõ cauſa de perder a ſaude em poucos annos de idade. Faleceo fazendo trinta, e oito annos em mil quatrocentos ſeſſenta, e ſeis, e deixou neſta breve memoria de ſuas acçoens illuſtres, que pe-

dinõ mayor eſcritura, e melhor penna, menos brido, que as vozes da ſua fama pregoaõ elogios nas hiſtorias.

XXVIII.

DONA JOANNA MARGARIDA DE CASTRO.

PElos ereditos, que adquirio a patria com a fama de ſeos eſcritos, agudezas, e talento trabalhamos com pouco fruto para darmos aqui a lêr em ſuccinta relaçaõ as acçoens illuſtres de Dona Joanna Margarida de Caſtro filha de Luiz Gomes da Mata Coronel, Fidalgo da caſa de ſua Mageſtade, Correyo mor do Reyno, e ſuas Conquiſtas, e de Dona Violante de Caſtro da illuſtre caſa dos Condes de Monſanto. Naſceo Dona Joanna Margarida de Caſtro em mil ſeiſcentos trinta, e quatro, ou trinta, e cinco na quinta do Sitio de Noſſa Senhora da Luz, em que ſeos pays ſe achavaõ retirados, e foy baptiſada na Igreja Parroquial de Saõ Lourenço de Carnide.

Dotou-a a natureza das prendas, que daõ ao ſangue qualidade, ao ſexo mayor eſtimaçaõ. Teve as perfeiçoens, que conſtituem huma Dama perfeita com igual formoſura no corpo, e no eſpirito. O engenho logo da primeira idade ſe lhe conheceo, e cultivou, adquirindo merecida

cidamente o titulo de diſcreta pela graça, e agudeza, que todos admiravaõ nas repoſtas. Doutrinada nas primeiras letras, e polido o entendimento com a liçaõ, e converſaçaõ de peſſoas doutas veyo a conſeguir por eſtas naturaes, e adquiridas virtudes particular eſtimaçaõ na Corte, naõ ſó dos Principes, e peſſoas illuſtres, mas ainda das que eraõ doutas, e mais ſcientes, que faziaõ goſto, e uſura de a tratarem, e converſarem pela diſcriçaõ, e erudiçaõ.

Teve eſpeciaes favores da Sereniſſima Princeza Dona Iſabel, que foy jurada herdeira deſte Reyno, filha do Senhor Rey Dom Pedro ſegundo. O goſto de a tratar a fazia frequente no Paço; e reconhecia Dona Joanna com tanta generoſidade eſte beneficio, que a mayor parte de ſuas Poeſias dedicava a ſeo applauſo. O tempo que aſſiſtio a Princeza nas caſas do Conde de Aveiras do ſitio de Belem, que ſaõ hoje huma das caſas de Campo das Mageſtades, foy Dona Joanna aſſiſtir nas caſas dos Correyos mores ao Bom ſuceſſo para lhe fazer Corte, e aſſiſtencia. E paſſando a Princeza pela porta lhe pedio hum pucaro de agoa, que Dona Joanna veyo trazer ao coche, e lhe fez hum Soneto de repente, que ſe copiou em muitos treslados, e corre pelas mãos dos curioſos com outras muitas obras deſte primor, e arte.

Era viſitada duas vezes na ſemana pelo Veneravel Padre Antonio Vieira talento de conhecida grandeza na Europa, e America, porque

que fazia goſto de a communicar, e converſar. O Padre Pedro Zuzarte tambem da Companhia de JESUS ſogeito de tantas letras, e taõ grande eſfera de capacidade, que o Padre Vieira o conſultava nas ſuas duvidas, foy hum dos veneradores de ſeo juizo, e diſcriçaõ, e com elle a viſitava repetidas vezes.

Poetizava com ſoberano enthuſiaſmo, como podem teſtemunhar os ambicioſos de ſemelhantes eſcritos, que guardaõ algumas de ſuas obras, ainda que todas ſe conſervaõ manuſcritas na caſa do Correyo mor do Reyno, e poderaõ fazer hum bom volume de quarto. Como naõ fazia deſvanecimento de ſuas rithmas ficaraõ nos primeiros borradores; e com merecida curioſidade depois da ſua morte fez dellas huma colecçaõ ſua irmãa Dona Maria Magdalena de Caſtro; e ſeo ſobrinho Luis Vitorio de Souſa Coutinho as quis dar ao prelo, fazendo-as rever por peſſoas doutas, e praticas na Poezia. Jozé Freire de Monterroyo Maſcarenhas bem conhecido pela erudiçaõ, e eſtilo fecundo de que ſe admiraõ adornadas, e enrequicidas as ſuas obras, ordenou, e dividio em claſſes eſtas Poeſias, ſeparando as Lyricas das Moraes, em Heroicas das Aſeticas.

Viveo no eſtado de Donzella por toda a vida, antepondo com a formoſura de ſeo entendimento igual à candidez de ſeo animo o celibato ao matrimonio, ſendo pertendida de muitos Senhores da Corte pela qualidade, e prendas

das da natureza, e do estudo. Chegou a morte a apressar-lhe a felicidade adquirida com muitas virtudes nos annos da velhice, e foy sepultada em Março de mil settecentos, e quatorze, na Capella mor da Igreja do Convento da Convalecença dos Padres Capuchos, de que saõ Padroeiros os Correyos mores. Havia alguns annos, que era falecida quando se quiz dar sepultura a seo irmaõ Manoel de Sousa Coutinho, e foy achado o cadaver incorrupto, e com o mesmo adorno, e aseyo, com que se meteo no caxaõ em seo deposito, motivo com que muitas pessoas inferindo desta circunstancia a gloria, que piamente se crê gosa no Ceo a alma desta heroina, lhe tiraraõ fitas, e algumas piquenas porçoens da mortalha dando-lhe veneraçoens de reliquias, cultos de prendas sagradas, e devotas.

CATALOGO

XXIX.

ISabel Tanefelde, descendente de huma familia illustrissima de Inglaterra viveo em o decimo settimo seculo. Entendia, e falava as lingoas Hebrea, Grega, Latina, e Franceza, e della traduzio na Ingleza a reposta do Cardeal de Peron ao Rey da Grãa Bretanha impressa em Dovay no anno de mil seiscentos trinta, e seis, e foy dedicada a Henriqueta Rainha de Inglaterra. Mor-

reo em Londres em mil ſeiſcentos trinta, e nove, de idade de ſeſſenta annos.

XXX.

ISabel Esforcia, que viveo em o decimo ſexto ſeculo póde ter lugar entre as mulheres illuſtres em ſabedoria. Achaõ-ſe algumas de ſuas cartas em a collecçaõ, que fez imprimir em Veneza Hortencio Lando em mil quinhentos quarenta, e nove. A carta de conſolaçaõ, que ella eſcreveo a Bona Esforcia viuva do Rey de Polonia, e a que eſcreveo a Margarita Bobia para fazer a Apologia ſobre a arte Poetica, e ſeo uſo.

XXXI.

JOanna Scymur Ingleza de naçaõ, e grande Poetiza em as lingoas Latina, e Vulgar, floreceo no ſeculo decimo ſexto. Entrou com ſuas irmãas na compoſiçaõ dos cento, e quatro Diſticos Latinos à morte de Margarida de Valoes, irmãa de Franciſco primeiro Rey de França, que depois foraõ traduzidos em Francez, Grego, e Italiano, e impreſſos em Pariz no anno de mil quinhentos cincoenta, e hum.

XXXII.

XXXII.

JOrgeta de Montenay illuſtre Senhora, e Dona da Rainha de Navarra Joanna de Albret floreceo no ſeculo decimo ſexto, e era da Religiaõ Pertendida reformada. Compoz cem Emblemas, ou Devizas Chriſtãas explicadas por huma oitava, obra engenhoſa, e conforme a ſua falſa crença. Eſta Poeſia foy dedicada à Rainha de Navarra, e impreſſa com as figuras dos Emblemas no anno de mil ſeiſcentos ſettenta, e hum.

XXXIII.

SAnta Iſabel de Schonogia Abbadeça de hum Convento da Ordem de Saõ Bento em a Dioceſe de Treveriz, floreceo no ſeculo duodecimo. Eſcreveo huma erudita obra da origem do nome, e devoçaõ das onze mil Virgens. Teve o ſeo feliciſſimo tranſito no anno de mil cento ſeſſenta, e cinco.

XXXIV.

JOanna Flora Senhora de grande ſabedoria eſcreveo hum livro de Novelas amoroſas. Tambem ſe lhe atribuem algumas outras obras, e diverſos Autores fazem menção della com grandes elogios.

XXXV.

JOanna de Cambry, mais conhecida com o nome de Joanna Maria da Apreſentaçaõ era natural de Tornay, e filha de Miguel de Cambry. Foy Religioſa da Ordem de Santo Agoſtinho, e depois recluza em Lillé faleceo no anno de mil ſeiſcentos trinta, e nove aos nove de Julho, deixando eſcritas, e impreſſas diverſas compoſiçoens, e entre ellas a obra intitulada. Ruina do amor proprio, e outra do Edificio do amor Divino.

XXXVI.

DOna Joanna da Cruz Religioſa de Santa Clara de Gandia, e filha dos Duques de Gandia Dom Joaõ de Borja, e Dona Franciſca de Caſtro filha dos Viſcondes de Ebol, por ſuas grandes virtudes foy huma das fundadoras de noſſa Senhora da Conſolaçaõ de Madrid da Ordem de Santa Clara. Facilmente aprendeo a lingoa Latina pela grande preſpicacia de engenho, de que era dotada, como de outras muitas prendas naturaes, e adqueridas, chegando a comprehender todos os ſeos preceitos com tanta natural elegancia, que igualmente a falava, e eſcrevia bem, e com promptidaõ. Deixou alguns eſcritos, e oraçoens devotas para a hora da morte. Faleceo em vinte, e oito de Abril de mil ſeiſcentos, e hum.

XXXVII.

XXXVII.

IGnes Arnauld filha de Antonio Arnauld, foy Religioſa do Convento de Campos de Pariz. Eſcreveo dous livros devotos, e doutos. Era o titulo de hum : *Oratorio do Santiſſimo Sacramento*, impreſſo em Pariz no anno de mil ſeiſcentos trinta, e ſeis ; e o ſegundo era intitulado : *Imagem da Religioſa perfeita, e imperfeita*, impreſſo na meſma Cidade no anno de mil ſeiſcentos ſeſſenta, e cinco.

XXXVIII.

JAmbes inſigne Poetiza, foy a que inventou os verſos, a que vulgarmente chamamos Jambicos.

XXXIX.

JUlia da Ponte foy da familia de Spilimberg compoz diverſas obras com grande louvor de muitos Eſcritores, e floreceo pelos annos de mil quinhentos, e oitenta.

XL.

ISabel Maſſela mulher doutiſſima, e de que naõ achamos mais deſtinta memoria, floreceo pelos annos de mil quinhentos, e ſeſſenta.

XLI.

ISabel Maria Rite, mulher de Raymundo Rite, e filha de Franciſco Pequerim Inglez de Naçaõ, e de Joanna Pequerim natural do Porto naſceo neſta Cidade, e foy baptizada na Freguezia de Saõ Nicoláo. Paſſou a Eſpanha neſte ſeculo. Na arte da pintura, riſco, e debuxo, ſe deferença entre os mais peritos Pintores, e he ſingular na que chamaõ de Miniatura, tudo por curioſidade, e engenho ſem dever aos meſtres os preceitos deſta arte liberal, de que uſa por goſto, e naõ por officio.

XLII.

ISabel Bruno de Naçaõ Ingleza, e filha de Duarte Pequerim, e de Elſa Pequerim, e mulher do Doutor Pedro Bruno Medico, peritiſima em pintar de Oleo, e ſingular em fazer retratos. Viveo na Cidade do Porto neſte ſeculo onde ſe admiraõ as ſuas pinturas, e ſe adquirem por empenhos, reſpeitos, ou liberalidade.

XLIII.

ISabel Vaz mulher, que vencia praça de Soldado na fronteira de Tangere foy heroina de grande valor, e faleceo em huma ſahida, que fizeraõ aos Mouros em Março de mil ſeiſcentos quaren-

quarenta, e ſette, ſendo Governador Dom Rodrigo da Silveira Conde de Sarzedas, e Rey de Portugal Felippe ſegundo de Caſtella depois de deixar bem vingada a ſua morte, que fez muitas vezes illuſtre em defenſa daquella Praça.

XLIV.

DOna Iſabel de Ribadaneira Dama da Condeça de Galves foy muito celebrada por excelente Poetiza em toda a Eſpanha, como refere Dona Maria de Zaias em as ſuas Novelas amatorias.

XLV.

JOanna natural de Alemanha, he muito celebrada heroina por doutiſſima nas letras ſagradas, e divinas, com tanto encarecimento, que na ſua idade naõ houvera em Roma quem a igualaſſe

XLVI.

IRene de Spilimberg Veneziana de naçaõ foy taõ primoroſa na arte de Pintura, que ſe equivocavaõ frequentemente ſuas pinturas com as de Ticiano, de quem foy contemporanea, e emula. Faleceo aos vinte, e ſette annos de ſua idade com dor univerſal, e lagrimas de ſeo competidor.

XLVII.

XLVII.

DOna Iſabel de Joya floreceo no ſeculo decimo ſexto, e foy doutiſſima em as letras divinas, e humanas. Della ſe conta, que prègara em huma Igreja de Barcelona com paſmo de grande concurſo, que a ouvio. Paſſando a Roma no Pontificado de Paulo terceiro explicou muitos pontos deficeis dos livros do Sutil Eſcoto na preſença do Sacro Collegio Romano, com applauſo, e admiraçaõ de todos; o mais que ennobrece a eloquencia deſta heroina foy haver convertido em Roma grande numero de Judeos à fé Catholica.

XLVIII.

JOanna Micaela foy natural da Villa de Guimaraens, e filha de Pedro Machado, e Dionizia de Macedo. As prendas naturaes, e adqueridas deſta famoſa heroina a fizeraõ pertender do Tenente Coronel de Cavalaria Antonio Mendes de Brito para mulher. Além da lingoa materna falava com elegancia a Latina, Italiana, Grega, e Chinica, que aprendeo em ſeis mezes de hum mancebo de Pekim. Eſtudou Filoſofia, Theologia, e Mathematica, Aſtrologia, Muſica, e Ariſmetica, adquirindo grande erudiçaõ, e ſabedoria nas letras divinas, e humanas.

XLIX.

XLIX.

DOna Iſabel Correa teve grande genio, e engenho para a Poeſia, em que deixou eſcritas muitas obras, em que ſe vê que foy eruditiſſima. Aprendeo diverſas lingoas, e na Caſtelhana eſcreveo com grande applauſo aquella obra poetica, a que deo o nome, ou titulo do Paſtor Fido.

L.

DOna Ignacia Xavier foy natural da Cidade de Braga, e foy huma das mulheres mais doutas, que floreceo naquelle ſeculo. Eſtudou Filoſofia, e Mathematica, Sirurgia, e Medicina. Ordenou hum tomo de Rethorica com o titulo de: Arte de bem falar. Eſcreveo hum livro das antiguidades de Braga, e outro em quarto das acçoens de huma veneravel matrona, que floreceo em virtudes por aquelles tempos: E morreo pelos annos de mil ſeiſcentos quarenta, e ſette.

LI.

JOanna Vaz, aya da Sereniſſima Rainha Dona Catharina, a quem chamaraõ por antonomazia a Filoſofa pela grande comprehençaõ, com que facilmente alcançou os ſegredos deſta ſciencia,

foy muito douta nas lingoas Latina, Grega, e Hebraica. Teve grande liçaõ de todos os Poetas, e conſeguio fazer-ſe conſummadamente douta neſta arte como ſe admira em muitas obras ſuas, que correm impreſſas, e manuſcritas.

LII.

ISabel Fernandes no cerco de Dio, que defendeo o famoſo Dom Joaõ Maſcarenhas, foy huma das heroinas, que ajudou à defenſa daquella Praça. Viſitando as eſtancias da peleja na occaſiaõ dos aſſaltos, animava os Soldados adminiſtrando a huns as armas, a outros o ſuſtento. Mereceo por ſuas acçoens o illuſtre renome da velha de Dio.

LIII.

ISabel Dias neſte memoravel Cerco de Dio, que acabamos de referir defendera o Capitaõ Dom Joaõ Maſcarenhas, foy huma das heroinas, que ajudaraõ com o ſeo esforço à vitoria.

LIV.

ISabel Madeira pela peſſoa, e pelo valor foy a Primeira heroina, que com ſeo exemplo facilitou o deſprezo da vida na defenſa de Dio. Era como Capitaõ a quem todas obedeciaõ em adminiſtrar as armas aos Soldados no tempo da peleja,

leja ; ou em lhe fazer companhia no reparo dos muros , e baluartes , e ſe lhe deveo huma grande parte da vitoria por ſuas acçoens illuſtres.

LVI.

ISabel Villamarini illuſtre Napolitana , que vivia no ſeculo decimoſexto ; Foy caſada com o Principe de Salermo. Scipiaõ Capace , que em latim ſe eſcreve Capyſuis Poeta muito douto , era muito aceito , e eſtimado deſta Princeza , e a louva dignamente. Paulo Manucio diz , que eſta Senhora preferindo o eſtudo das bellas letras aos exercicios , e occupaçoens commuas ao ſexo, fora a mais douta mulher , que ſe conhecia , aſſim como era a mais nobre , e a mais formoſa, digno aſſumpto dos elogios do Cardeal Pompeyo Collona , e de muitos famoſos Poetas. Foy taõ amante de ſeo marido, que deſejando acompanhalo no exercito , e naõ alcançando licença cahio em huma profunda malençolia , que bem moſtrava a ſaudade na auſencia , o affecto naquelle effeito , de que nos conſervou a memoria no ſeo livro de Amore Augoſtino Nynpho. E Jeronymo Ruſcelli diz , que eſta Princeza era de taes perfeiçoens no corpo , e na alma , que a natureza com todos os ſeos eſforços poderia formar outra mulher , que a iguala-ſe , mas naõ , que a excede-ſe.

LVII.

DOna Iſabel de Caſtro mulher de Dom Duarte de Menezes, Capitaõ de Alcacer na fronteira de Africa, foy de animo varonil, e guerreiro, como ſe admirou naquella praça em o cerco memoravel, que ajudara a defender contra a multidaõ de duzentos mil homens de armas, com que ElRey de Fez, que lhe fazia guerra a tinha de ſitio, quando chegara de Lisboa a fazer-lhe companhia naquelle preſidio. Dando ſinal, de que era chegada, veyo logo Dom Duarte ſeo marido a recebela, e as primeiras palavras com que o ſaudou, como deſprezando o perigo em que ſe achava, foraõ eſtas: „Folgo muito de vir em taõ boa occaſiaõ „para vos ajudar. Entrou na praça, e começou logo a moſtrar, que nella ſó lhe chegara oportuno ſocorro. Capitaniava hum esforſado batalhaõ de Heroinas, que a ſeo exemplo ajudavaõ com cal, e pedra aos reparos dos muros, com polvora, e balla ao esforço dos Soldados, com remedios, e regalos aos feridos, mortalhas, e ſepulturas aos mortos.

LVIII.

ISabel Rozial Ingleza de naçaõ, e cunhada do Douto Guilhelmo Allan, reſiſtio valeroſamente com tres filhas, que tinha a Edmond Trafort Calviniſ-

Calviniſta, que o Parlamento elegera contra o paiz de Alencaſtro, e outras Provincias com o fim de perſeguir, e maltratar os Catholicos Romanos.

LIX.

JUlia Domna mulher do Emperador Severo, foy muito formoſa, e muito illuſtre profeſſora das Filoſofias, que eraõ todo o ſeo eſtudo, e todo o ſeo divertimento. Era Syra de naçaõ, e natural da Cidade de Emeſſa, e pela morte de Severo ſe caſou com Antonio Caracalla ſeo enteado, que depois com ingrata aleivozia ajuntou o crime de matricida, ao de inceſto.

LX.

JOanna Coelho mulher do celebre Antonio Peres Secretario de ElRey Catholico, vendo preſo, e culpado a ſeo marido por haver mandado acecinar o Secretario Escovedo procurou, e conſeguio viſitalo na priſaõ acompanhada de ſuas criadas; como cada dia ſe achavaõ mais provas contra ſeo marido intentou darlhe liberdade, e huma vez trocando com elle os veſtidos ſahio com o roſto cuberto entre as criadas da mulher, que veyo primeiro à porta pedir aos guardas deixaſſem deſcanſar Antonio Peres, que havia paſſado mal a noute, e aſſim teve tempo de fugir para o Reyno de Ara-

gaõ como eſcreve Ceſar Campana.

LXI.

ISabel Rozera de Naçaõ Caſtelhana. Foy taõ erudita, e ſabia mũlher, que explicava, e lia em publico as obras do ſutil Scoto. Floreceo no ſeculo de mil, e quinhentos, e oſtentou tanta literatura na preſença de muitos Cardeaes, e homens doutos.

LXII.

JOanna da Silva Portugueza, que floreceo no Reynado de Eclippe ſegundo na Villa de Peniche, foy de humanimo taõ esforçado, e valeroſo, que o mais varonil lhe cedia a primazia. Envergonhava-ſe de combater-ſe com hum ſó inimigo. E tendo occaſiaõ de pelejar com tres Caſtelhanos os carregou com taõ peſada maõ, que por muitos dias naõ recobraraõ as forças, e a ſaude. Outro que intentava offendella na honra, offendeo ella na fama dando-lhe huma cruel bofetada, mas porque ſe queria deſafrontar da infamia de cobarde cahio no perigo de perder a vida nas mãos donde já tinha deixado a opiniaõ, e a honra.

LXII.

DOna Iſabel de Avellar moſtrou o animo varonil, e Portuguez, que lhe pulſava nas veas com a famoſa acçaõ de offerecer à Rainha Dona Catharina por carta hum filho, que ainda naõ era Soldado com a noticia, de que eraõ mortos já dous, que melitavaõ hum na guerra de Mazagaõ, outro na India. Eſte exceſſo de valor, e lealdade agradeceo a Rainha naõ aſſeitando a honrada reſoluçaõ, que deveo à patria eſta memoria em taõ abreviada eſcritura.

LXIII.

JOanna de Gouvea natural da Villa, que lhe deo o ſobrenome, e filha de Amador Freire, teve hum irmaõ por nome Antonio Fernandes, que tambem ſe achou no glorioſo conflito da batalha de Aljubarrota, em que Joanna teve grande parte na vitoria, pelo eſforſo varonil, com que ſe fez illuſtre entre as matronas famoſas, que militaraõ naquella guerra. Haviaſe criado da idade de dez annos em caſa de Manoel de Caſtro de Souſa homem Cavalheiro daquella Villa, onde ſe achava na occaſiaõ da batalha, em que moſtrou o animoſo coraçaõ, que tinha fazendo cruel guerra aos Caſtelhanos com armas de arremeço, que lhe rebatia o orgulho, embaraçava o vencimento. Humas vezes atiravalhe pedras com

com effeito de ballas, outras tomando agoa fervendo em hum eſguixo lhe eſcaldava as mãos, e os roſtos, perſeguiçaõ, e moleſtia, que os deſeſperava, fazendo-a alvo de ſuas iras com os tiros de moſquete, mas foy mayor a fortuna de Joanna, que a diſgraça dos Caſtelhanos, porque naõ ſeſſou da empreza ſem cantar a vitoria. Faleceo de oitenta annos.

LXIV.

JEronyma Mendes mulher de Antonio Soares Barbeiro de officio era natural da Cidade de Faro no Reyno do Algarve, e floreceo pelos annos de mil ſeiſcentos trinta, e tres, em que os Olandezes entraraõ no Rio grande. Neſta guerra ſeguio o exercito Real com ſeo marido; mas perdendo os Olandezes huma batalha entraraõ a roubar as caſas, que buſcavaõ para deffenſa. Aqui moſtrou Jeronyma Mendes hum animo deſtemido, ſem deixar a caſa, como fizeraõ outras viſinhas, a deffendeo varonilmente com a morte do primeiro Olandez, que lhe foy entrar pela porta. Com huma faca em a maõ triunfou dos inimigos, e da inveja ſalvando os bens proprios, quando via o eſtrago dos alheos.

LXV.

LXV.

DOna Jozefa Micaela de Caſtro, filha primogenita de Antonio de Caſtro Guimaraens, e de Dona Iſabel Vieira Monterroyo, igualmente illuſtres por ſua aſcendencia, e mulher de Jozé Maria Caſtro, nobre Genovez, como legitimo deſcendente da Caſa Caſtro. Foy dotada de todas as prendas, com que a natureza coſtuma fazer muitas matrònas illuſtres; porque ſendo formoſa, era diſcreta, de animo varonil, e taõ raro engenho, que naõ vio couſa, ainda das menos naturaes ao ſexo, que naõ executaſſe com mais primor, e arte, que os meſmos meſtres. Faleceo com quarenta, e nove annos de idade, aos dez de Setembro de mil ſettecentos, e dezouto, deixando ſette filhos; em cujas mãos ſe conſervaõ algumas obras ſuas na lingoa Vulgar, e Latina de grande erudiçaõ; e ſabedoria em que vive perduravel ſua memoria, neſta breve eſcritura eterna ſua fama.

LXVI.

DOna Iſabel de Caſtro Condeça de Aſſumar, e filha do primeiro Marques da Fronteira, e mulher do primeiro Conde de Aſſumar Dom Joaõ de Almeida, do Concelho de Eſtado, Gentilhomem da Camara de ElRey, e Embaxador a ElRey Catholico, foy dotada de muitas virtu-

des, e perfeiçoens, com grande noticia das ſciencias, hiſtorias, e lingoas. Pintava, e eſcrevia com tanta ſingularidade, que venceo nas ſuas obras as emulaçoens da inveja, confeſſando-lhe primazia os mais deſtros neſtas duas artes, que celebraraõ por cartas muitas vezes, o Emperador Carlos ſexto, a Emperatriz, noſſas Rainhas, e Princezas, de quem foy Dama, e huma das mais celebradas de Palacio.

LXVII.

ISTrina, Rainha dos Scytas, e mulher de Aporithis enſinou a ſeo filho Syla as letras Gregas, em que foy muito douta, como eſcreve Herodoto. Teve o eſtudo de muitas ſciencias, e da lingoa Latina, que falava, e eſcrevia com perfeiçaõ.

LXVIII.

ISabel Sconaugia Abbadeça, e natural de Inglaterra foy muito douta nas letras divinas, e humanas. Eſcreveo muitas oraçoens, que fazia às ſuas Religioſas, e outras muitas obras de devoçaõ, e piedade. Ordenou hum livro de Epiſtolas eruditiſſimas.

LXIX.

LXIX.

JUliana de Cibo de naçaõ Caſtelhana, e natural de Santo Eſtevaõ del porto foy mulher de Joaõ Garzone da meſma terra de condiçaõ humilde, mas de grande valor, e honeſtidade. Auſentou-ſe o marido por occaſiaõ de matar hum homem, e Juliana ſe veſtio em habitos de varaõ para melhor o buſcar, e lhe tomou o nome. Depois de muitas deligencias aſſentou praça de Soldado, e ſervio na guerra de Granada contra os Mouros, havendo-ſe com tanto valor, que ſendo conhecida pelo ſexo ElRey Dom Fernando o Catholico em attençaõ aos ſerviços de Juliana lhe mandou pagar huma tença annualmente, com que ſe vio nobre, e eſtimada.

LXX.

JUlia Bigolina natural de Padua foy eloquentiſſima, e dotada de hum polido, e fecundo eſtilo nas ſuas compoſiçoens de Fabulas, Comedias, e obras amoroſas à imitaçaõ de Boccacio Poeta Italiano.

LXXI.

JOanna de Matheus Bianchetti natural de Bolonha, e mulher de hum Doutor em leys floreceo pelos annos de mil trezentos, e ſeſſenta.

Falava bem a lingoa Latina, e era muito douta nas lingoas Italiana, e Teutonica.

LXXII.

JOanna de Corregio mulher de Alberto Conti Gentilhomem de Bolonha foy Senhora muito douta na Poeſia, Filoſofia, e outras ſciencias; faleceo a vinte, e dous de Novembro de mil quinhentos ſettenta, e ſette.

LXXIII.

JOanna de Orleans Dama Franceza, e filha de Joaõ Duque de Angolema da caſa Valeſia, tia de Franciſco Rey de França, foy amante das virtudes, e muito douta como moſtraraõ vivamente as ſuas obras em verſo.

LXXIV.

DOna Iſabel Rozales de naçaõ Caſtelhana muito douta nas letras divinas, e humanas. Lêo em Roma publicamente fazendo profiſſaõ de lêr, e explicar as mais eſcuras, e dificultoſas queſtoens do Doutor Sutil, tendo a frequencia de muitos Cardeaes, e peſſoas doutas, que concurriaõ a ouvila como couſa rara, e admiravel no ſeo ſexo.

LXXV.

LXXV.

IRene de naçaõ Grega, e filha de Eratino Pintor excellente, aprendeo a pintar com ſeo pay, que imitou com tanta ſingularidade, que lhe fez perduravel a fama já extinta com eſta memoria de ſuas acçoens illuſtres; pois naõ ſó teve a excellencia de ſer inſigne na arte da pintura, mas foy muito douta, e celebre pelo livro, que ordenou da compoſiçaõ das ervas, e ſuas virtudes.

LXXVI.

JOanna Baptiſta Caſtelhana de naçaõ, e natural da Cidade de Valladolid foy muito douta na ſagrada Eſcritura como ſe admira nos livros, que eſcreveo, hum da Oraçaõ, e outro dos tres inimigos da Alma.

LXXVII.

DOna Iſabel Collo Eſpanhola de Monviedro, terra do Reyno de Valença filha de Affonſo Sanches Pintor famoſo de ElRey Felippe, retratava tanto ao natural, e com tanta admiraçaõ de todos, que neſta arte naõ teve competencia. Na arte da Muſica foy muito deſtra, e tangia com excellencia os inſtrumentos de Ar-

pa-

pa, Citara, Viola de Arco, e outros muitos, ſobre as prendas naturaes de honeſtidade deſcriçaõ, e formoſura.

LXXVIII.

ISis Rainha do Egypto, e mulher de Oſiris floreceo antes da vinda de Chriſto pelos annos do mundo de tres mil trezentos noventa, e quatro; e foy inventora de ſemear o trigo, colher o fruto, e fazer o paõ, e por eſte beneficio commum leo filho Menas a fez adorar por Deoſa. Os Romanos, e outras naçoens lhe levantaraõ Templos, em que foy venerada com annuaes ſacrificios.

PROTESTACAÕ

DO AUTOR.

TUdo quanto neſte livro differ da ſantidade, milagres, revelaçoens, e profecias das peſſoas de virtude, que nelle ſe trata, ſugeito à cenſura da Santa Madre Igreja Catholica, e Apoſtolica Romana, proteſtando com obediencia de filho hũ fiel rendimento aos decretos dos Pontifices, e ſeos Miniſtros.

Damiaõ de Froes Perym.

PROTESTAÇÃO DO AUTOR.

TUdo quanto nes-
te livro differ da
fanctidade, milagres, re-
velações, e profecias
das peſſoas de virtude,
que nelle ſe trata, ſu-
geito á cenſura da San-
ta Madre Igreja Catho-
lica, e Apoſtolica Ro-
mana, proteſtando com
obediencia de filho hu-
mil rendimento aos de-
cretos dos Pontifices, e
Concilios.

INDEX

DAS COUSAS MAIS NOTAveis.

O numero denota a pagina; a letra L, *que foy illuſtre em letras, e a letra* A, *em armas.*

A.

ACHar. Provou ſua honeſtidade com ferro em braza. pag. 109.

Dona Adriana Fagundes. L. p. 114.

Aegle. L. p. 120.

Agalla. Teve eſcola publica de Grammatica. Inventou o jogo da Pella. L. p. 104.

Aganice. L. p. 103.

Agnodice. L. p. 123.

Agoſtinha Barboza da Silva. L. p. 114.

Agripa Sybilla Egypciaca. L. p. 112.

Albina Romana. Foy diſcipula de Saõ Jeronymo. Conſagrou o ſeo Palacio em Moſteiro. L. p. 59.

Albunea Sybilla Tiburtina. L. p. 79.

Aldegundis Princeza, e Santa. Fundou hum ſumptuoſo Moſteiro de Virgens. L. p. 42.

Dona Aldonça de Zangale. A. p. 122.

Aleonor de Guienna, Rainha de França, e

Inglaterra. L. p. 118.
Alexandra Eſcala. L. p. 101.
Alpaida Virgem. Teve ſciencia infuza. L. p. 103.
Alvilda Princeza. Fugio de Palacio com outras Donzellas. Capitaneou Ladroes. A. p. 23.
Amage, Rainha da Ruſſia. A. p. 60.
Amalaſunta, Rainha dos Oſtrogodos. Foy a primeira, que eſtabeleceo por ley dar-ſe ſepultura aos Reos. L. e A. pag. 1.
Amalthea Sybilla Cumena. Eſtimaçaõ que tiveraõ os livros das ſuas Profecias. L. p. 19.
Ameſia Romana. Sendo acuſada do crime de Adulterio ſe livrou orando doutamente. L. p. 107.
Amigunda Emperatriz. Provou ſua honeſtidade com ferro em braza. p. 110.
Amphiclea. L. p. 116.
Anagora. Inventou o verſo Lirico. L. pag. 120.
Anaſſandra. Pintora. p. 105.
Santa Anaſtacia Romana, e martir. L. p. 9.
Anaſtacia. L. p. 104.
Andromada, Princeza. A. p. 110.
Anficlea. L. p. 103.
Angicea. Foy a primeira, que achou remedio contra o veneno p. 110.
Angicia. L. p. 120.
Angela Nogarola. L. p. 68.
Angela Sigea. L. p. 102.
Angelina de Corvaria. Viveo em continencia, ſendo caſada. Foy Pregadora. Deo principio ao inſtituto da Ordem Terceira. L. p. 57.
Anna Comnena, Princeza. L. p. 45.

Anna Fernandes, Portugueza. A. p. 46.
Anna de Bretanha, Rainha de França. Teve eſpecial dom de concelho. L. p. 71.
Anna Maria de Eſchurman. Em muitas artes, e ſciencias doutiſſima. L. p. 73.
Anna de Parthenay. L. p. 81.
Anna de Rohan. L, e A. p. 82.
Anna de Vaus. A. p. 83.
Dona Anna de Lobera. Religioſa, e companheira de Santa Thareza na ſua reforma. L. p. 85.
Anna Le-Fevre. Naſcendo herege morreo Catholica. Virtudes moraes, que teve. L. p. 89.
Anna de Seymur. L. pag. 101.
Dona Anna Cervaton. L. p. 105.
Dona Anna Caro. L. p. 105.
Anna Vaz, Portugueza L. p. 106.
Anna Marquert. L. pag. 119.
Dona Anna de Noronha, Portugueza. L. p. 119.
Anna de Bins. L. p. 121.
Annaxinga, Princeza de Angola. A. p. 64.
Annita. L. p. 106.
Antiochena. Deo ſe a morte em defenſa da ſua caſtidade. p. 109.
Anthiopa, Rainha das Amazonas. A. p. 115.
Anthuza. L. p. 116.
Antonia Auzone. L. p. 53.
Antonia Rodrigues, Portugueza. A. p. 54.
Antonia da Trindade, Portugueza. L. p. 67.
Dona Antonia de Saõ Caetano, Portugueza. L. p. 88.
Antonia da Guarda. L. p. 112.
Dona Antonia de Lacerda, Portugueza. L. p. 113.

Dona Antonia de Rojas, Portugueza. L.p. 117.
Aquillina Prandina. L. p. 106.
Aragnes Achou o invento do fiado, e das redes. p. 39.
Dona Arcangela Jozefa de Souſa, Portugueza. L. p. 113.
Archidamia. A. p. 31.
Areta. Teve Eſcola publica de Filoſofia. L. p. 108.
Arethaphila, Princeza. Livrou-ſe da morte orando doutamente. L, e A. p. 29.
Argentaria Pola. L. p. 119.
Argia. L. p. 116.
Argia, Rainha de Thebas. A. p. 120.
Arignote. L. p. 108.
Ariſtate. Pintora. p. 123.
Ariſtoclea. L. p. 115.
Armonia Siciliana. A. p. 69.
Arnalda de Rocas. Deoſe à morte em defenſa de ſua caſtidade. p. 43.
Arria. L. p. 106.
Arria. L, e A. p. 111.
Artemiſa, Rainha de Caria. Seo raro engenho, e induſtrias militares. A. p. 11.
Artemiſa, Rainha de Caria. Celebre Mauſoleo, que mandou eregir. Bebeo as cinzas de ſeo eſpoſo. Deo a conhecer as virtudes da erva Artemija. p. 50.
Artemiſia. L. p. 116.
Arthemia. L. p. 111.
Aſpacia. L. p. 107.
Santa Aſſella. Foy diſcipula de Saõ Jeronymo L. p. 63.
Aſſiothea. L. p. 104.
Atica. L. p. 111.
Attoſſa. Foy a primeira, que enſinou o eſtilo de eſcrever cartas. L. p. 120.
Soror Auta, Portugueza L. p. 48.
Authemis, Sybilla Delfica. L. p. 77.
Axiothea, Rainha dos Cy-

Cypros. Deo-ſe à morte em defenſa da liberdade. p. 40.

B.

BAptiſta de Monte Fletro, Princeza de Pizaura. Orou doutamente na preſença do Pontifice, e Emperador. L. p. 128.
Baptiſta, Duqueza de Urbino. Orou doutamente na preſença do Pontifice. L. p. 146.
Barbara Fernandes, Portugueza. A. p. 149.
Barbara Torella. L. pag. 166.
Barbara. Pintora. p. 171.
Dona Beatriz Galindo. Fundou muitos Moſteiros. L. p. 140.
Dona Beatriz da Silva, e Souſa, Portugueza. L. p. 166.
Beatriz Pia. L. p. 169.
Santa Bega. Edificou hum ſumptuoſo Cõvento, e foy Fundadora da Congregação de Virgens Conegas. p. 165.
Bemdita Borgonhona. Prègava publicamente. L. p. 132.
Dona Bernarda Ferreira de Lacerda, Portugueza. L. p. 151.
Bernarda Soares, Portugueza. A. p. 167.
Beronice de Ponto, Rainha. A. p. 125.
Berſane. L. p. 166.
Bettina. Leo huma Cadeira de Leys. L. p. 170.
Betiſia. Doutorou-ſe em Leys. L. p. 170.
Bigois. L. p. 168.
Bleſilla, Romana, e Santa. Foy diſcipula de Saõ Jeronymo. L. p. 160
Bona Lombarda. A. p. 135.
Branca Rubea. Grande valor, com que ſe deo à morte. A. p. 144
Branca Borromeo. L. p. 168.

Brela. Douta na Medicina. p. 170.
Briſida viuva, e Santa. Edificou hum ſumptuoſo Moſteiro. L. p. 162.
Brites de Almeida. A. p. 131.
Dona Brites de Souſa. L. p. 167.
Britona. Matouſe em defenſa de ſua virgindade. p. 166.
Brizida de Santo Antonio. L. p. 168
Bundivica. A. e L. pag. 169.
Bybiſſa, Sybilla Libica. L. p. 156.

C.

CAetana. A. p. 299.
Calfurnea. L. pag. 304.
Caliope. Inventou o comercio das epiſtolas. L. p. 297.
Caliſa. Pintora. p. 307.
Cambra, Princeza. L. p. 304.
Camilla, Rainha dos Volſcos. A. p. 209.
Camilla valente. L. pag. 294.
Camilla Searampi. Antes quis morrer, que viver ſem ſeo marido. p. 299.
Camilla Macedonia. A. p. 302.
Candace, Rainha de Etiopia. A. p. 293.
Carlota dos Urſinos. L. p. 302.
Caſſandra Fedele. Oſtentou publicamente, varias vezes, e leo Cadeira de Filoſofia. L. p. 205.
Caſſandra. L. p. 292.
Catania, Portugueza. Deo-ſe a morte em defenſa da honra. A. p. 194.
Santa Catharina de Sena Doutora. Foy por Embaxadora ao Pontifice. A quem perſuadio mudace a Cadeira Pontifical de Avinhaõ, para Roma

ma. L. p. 211.
Catharina Esforcia. A. p. 216.
Catharina de Vigri, Virgem, e Santa. L. 222,
Catharina Alvares. Admiravel ſonho, que teve. A. p. 225.
Dona Catharina, Infanta de Portugal. L. pag. 230.
D. Catharina de Ataide, Portugueza. L. p. 235
Catharina de Santa Anna. L. p. 237.
Catharina Herman. A. p. 239.
Catharina Fieſqui. L. p. 242.
Dona Catharina, Rainha de Inglaterra. L. p. 243.
Catharina Cibo. Convento, que fundou. L. p. 245.
Catharina de Parthenay. A, e L. p. 247.
Catharina des Roches. L. p. 250.
Santa Catharina, Princeza de Alexandria, e martir. Celeſtial ſabedoria, com que convenceo, e reduzio à Fé de Chriſto quarenta Filoſofos. Os Anjos translocarão ao corpo do lugar do martirio ao monte Sinay. L. p. 256.
Dona Catharina, Portugueza, e Duqueza de Bragança. L. pag. 280.
Catharina da Paz. L. pag. 291.
Catharina Triglio. L. p. 292.
Catharina de Souſa. Acçaõ liberal, que obrou p. 295.
Catharina Landa. L. pag. 300.
Catharina Frantone. L. p. 303.
Catharina Ortis de Hurtaran. A. p. 306.
Dona Catharina Stella. L. p. 306.
Dona Catharina de Ribeira. L. p. 307.
Dona Catharina de La-

ſans. A. p. 307.
Catharina Lopes, Portugueza. A. p. 309.
Caya Afrania. L. p. 293.
Dona Cecilia Sobrino. L. p. 285.
Cecilia do Eſpirito Santo. Pintora. L. p. 298.
Cecilia Gonzaga. L. p. 301.
Cerellea. L. p. 300.
Chriſtina Alexandra, Rainha de Suecia. Abjurou a Seyta Luterana. L. p. 277.
Chriſtina de Piza. L. pag. 292.
Chriſtina Urſula de Sá, Portugueza. L. p. 303.
Cimea Sybilla. L. p. 238.
Citta. Inventou o ouro pel. p. 307.
Dona Clara da America. A. p. 232.
Clara Ceſarea. Pintora. p. 296.
Clarice Urſina. L. p. 293
Claudia Catharina Clermont, Duqueza de Raiz. L. p. 288.
Claudia da Torre. A. p. 290.
Claudia Rufina. L. pag. 304.
Clandia Virgem Veſtal. A. p. 305.
Claudia. L. p. 309.
Clea. L. p. 301.
Cleobulina. L. p. 294.
Cleopatra, Rainha do Egypto. Foy nomeada com o titulo de Rainha das Rainhas. Grandioſos banquetes, que deo. Matouſe por fineza de ſeo amor. L, e A. p. 173.
Clio. Inventou as ſatiras L. p. 297.
Clitagora. L. p. 305.
Coclea, Romana. Eſtatua, que lhe levantarão os Romanos. A. p. 187.
Santa Collecta. Reformadora dos Conventos de Santa Clara. Teve Eſpirito profetico, e dom de lingoas. L. p. 251.
Conſtancia Malateſta. L. p. 234.

Conſtancia, Rainha de Aragaõ admiravel acçaõ de piedade. p. 246
Dona Conſtancia Freire, e Souſa, Portugueza. L. p. 296.
Conſtancia Mendes do Sobral, Portugueza. L. p. 297.
Conſtancia. L. p. 306.
Conſtancia de Avalos. A. p. 308.
Corciera. Inventora do jogo da Racheta. L. p. 307.
Corina. Foraõ tres L. p. 190.
Corneficia. L. p. 295.
Cornelia Romana. L. p. 192.
Cornelia L. p. 204.
Cornelia Adricamia. L. p. 300.
Corona. L. p. 305.
Cuſtodia Sanches, Portugueza. A. p. 297.
Cynane, Princeza de Macedonia. A. pag. 200.

D.

DAfne. L. p. 324.
Damigella Trivulce. Orou muitas vezes diante dos Pontifices, e Curia Romana. L. p. 315.
Damo. L. p. 323.
Debora. L, p. 323.
Demofilla. L. p. 324.
Deozadeo Martins. A. p. 325.
Dido, Rainha. Fundou a Cidade de Carthago: Valeroſa acçaõ com que ſe deo à morte em beneficio de ſua caſtidade. Foy venerada por Deoſa. A. p. 311.
Dionizia Maria. Tormento, que ſofreo por guardar ſua virgindade p. 326.
Dionizia Antonia da Encarnaçaõ L. p. 326.
Diotima. L. p. 324.
Domingas do Paraizo. Trocou o ſeo coraçaõ com

com Deos. Teve ſciencia infuſa, e dom de Profecia. Fundou hũ Convento. L. p. 318.
Dorothea. Leo publicamente Cadeira de Medicina. L. p. 327.
Dripetina. Valeroſa acçaõ, com que ſe deo à morte. A. p. 326.
Dulcida, Portugueza A. p. 325.

E.

EGea, Rainha das Amazonas. A. pag. 351.
Elena Peres. A. p. 338.
Elena Flavia. L. p. 352.
Eliſabeta Abbadeſſa. L. p. 355.
Elucinda, Portugueza. Provou a ſua honeſtidade com ferro em braza. p. 352.
Epicharis. Acçaõ valeroſa. p. 353.
Eponina. p. 353.
Erato. Inventora da Geometria. L. p. 352
Erinna. L. p. 351.
Eudocia, Emperatriz. Viſitou os Lugares Santos. Edificou muitos Moſteiros. Foy deſterrada. Feſſe Religioſa, e diſcipula de Saõ Jeronymo. Abraçou os erros de Eutiques, que depois de teſtou L. p. 329.
Eudocia. L. p. 354.
Eufrozina Alexandrina, Virgem, e Santa Viveo muitos annos em habitos de Monge. L. p. 347.
Eufrozina Joanna. Fugio de caſa em trages de varaõ para defenſa de ſua honeſtidade. p. 355.
Eugenia. L. p. 355.
Eunomia. L. p. 355.
Euridice. Foraõ duas. L. p. 354.
Europa de Angoſciola. Pintora. p. 354.
Santa Euſtochio, Romana, e Virgem. Foy diſcipula

cipula de Saõ Jeronymo. Viſitou os Lugares Santos. L. p. 341.
Euterpe. Muſica, e inventora dos inſtrumentos de boca. pag. 353.

F.

FAbiola, Romana. Foy diſcipula de S. Jeronymo. Moſteiros, que fundou. L. p. 364.
Fabronia Panolini. L. p. 391.
Dona Feliciana Eufrozina de Saõ Jozé. Teve ſciencia infuſa, e dom de Profecia. L. p. 367.
Dona Feliciana de Millaõ, Portugueza. L. p. 375.
Dona Feliciana Henriques de Guſmaõ. L. p. 388.
Felicia de Saõ Severino. L. p. 389.
Felippa Zalaigne, Princeza de Eſpinoy. A. p. 357.
Dona Felippa, Infanta de Portugal. L. p. 361.
Felippa de Santiago. L. p. 387.
Felippa Nunes. L. pag. 388.
Femonoe. L. p. 387.
Filotis, Romana. A. p. 383.
Fliaſſia. L. p. 390.
Florencia, Princeza de Eſpanha, Virgem, e Santa. L. p. 390.
Foſcarina Veniera. L. p. 386.
Franciſca de Poncianis, Romana, viuva, e Santa. Convento, que fundou. Teve dom de Profecia. L. pap. 363.
Franciſca Maria. Teve ſciencia infuſa, e dom de Profecia. L. p. 370.
Franciſca de Bertaut. L. pag. 372.
D. Franciſca dos Rios

L. p. 386.
Soror Franciſca da Coluna. L. p. 386.
Franciſca de Nebriſſa. L p. 388.
Dona Franciſca de Molina. A. p. 389.
Franciſca de Jeſus. Excedeo toda a imitaçaõ na arte de tecer. p. 391.
Frine. L. p. 390.

G.

GAbriela Maria. A. p. 395.
Gabriela. L. p. 402.
Geiſila, Rainha de Hungria. Reduzio todo o ſeo Reyno à Fé Catholica. L. p. 401.
Gemina mãy, e filha. L. pag. 402.
Genebria. L. p. 403.
Gervaſia Antunes, Portugueza. A. p. 399.
Dona Getrudes de Jeſus Maria. L. p. 402.
Gilibeata. Teve Cadeira publica L. p. 400.
Gioannetta. L. p. 403.
Glaura. Bebeo as cinzas de ſeo eſpoſo. Morreo de goſto. A. p. 397
Gorgon. L. p. 403.
Gracia Rodrigues, Portugueza. A. p. 400.
Guineura. L. p. 401.
Dona Guiomar, Portugueza. A. p. 393.
Guiomar de Jeſus. L. p. 403.

H.

HElena Lucrecia Cornara. Doutorou-ſe em Filoſofia. Foy Academica de muitas Academias. L p. 422.
Dona Helena da Silva, Portugueza. L. pag. 429.
Dona Helena de Santo Antonio, Portugueza. L. p. 429.
Helena da Paz, Portugueza. L. p. 430.

Helena Mendes, Portugueza. Intentou matar-se em defensa de sua castidade. p. 430.
Helena. L. p. 431.
Helpe. L. p. 431.
Henriqueta de Cleves. L. p. 432.
Herafile Sybilla Erithrea L. p. 407.
Santa Hildegarda. Teve sciencia infusa, e dom de Profecia. Foy consultada de muitos Pontifices. L. p. 415.
Hildega. L. p. 429.
Hippo, e outra sua irmãa Deraõ-se à morte em beneficio de sua honra. p. 428.
Hortencia, Romana. Orou na presença do Triunvirato. L. pag. 426.
Hortencia de Castro. Portugueza. Orou, e defendeo concluſoẽs publicas. L. p. 428.
Hydria. L. p. 427.
Hylda, Princeza de Escocia. Mosteiros, que fundou. L. p. 411.
Hyparchia, Grega. L. p. 417.
Hypatia Alexandrina. L. p. 420.
Hypolita, Rainha de Napoles. L. p. 405.
Hypolita de Jesus. Foraõ seos escritos aprovados por Deos. L. p. 408.
Hypolita, Rainha das Amazonas. A. p. 427.
Hypolita Viscondeça. L. p. 431.
Hypona. Matou-se em defensa de sua honestidade. p. 427.
Hypsicratea. A. p. 427.

I.

Jambes. Inventou os versos Jambicos. L. p. 533.
Dona Jeronyma de Moraes, Portugueza. A. p. 484.
Jeronyma Mendes, Portugueza. A. p. 543.

Dona Ignacia Xavier, Portugueza. L. p. 537.
Ignes Arnauld. L. pag. 533.
Soror Joanna da Cruz luzida oſtentaçaõ, que fez em todas as ſciencias. Adoeceo de naõ eſtudar. L. pag. 447.
Soror Joanna da Encarnaçaõ. Foy açoutada pelos Anjos. L. pag. 457.
Joanna de Arc. Mais conhecida pela Donzella de Orleans. Foy General dos exercitos de França. Depois priſioneira, e morta cruelmente. A. p. 463.
Joanna Froment. L. p. 469.
Joanna, Duqueza de Berri, e Rainha de França. Inſtituhio a primeira Ordem da Annunciada. Collegio, que fundou. L. pag. 473.
Joanna Hachete. A. p. 478.
Joanna de Albret, Princeza de Bearne. L. p. 480.
Dona Joanna Joſefa de Menezes Condeça da Ericeira, Portugueza. L. p. 486.
Dona Joanna de Auſtria Princeza de Eſpanha. Convento, que fundou, e mais obras de ſua piedade. L. p. 495.
Joanna de Belfort, Rainha de Eſcocia. A. p. 502.
Joanna de Flandes, Condeça de Monfort. A. p. 505.
Dona Joanna Margarida de Caſtro Portugueza. L. p. 526.
Joanna Seymur. L. pag. 530.
Joanna Flora. L. p. 531.
Joanna de Cambry. L. p. 532.
Joanna da Cruz. L. pag. 532.
Joanna Aleman. L. pag. 535.

Joan-

Joanna Micaela. L. pag. 536.
Joanna Vaz, Portugueza. L. p. 537.
Joanna Coelho. A. pag. 541.
Joanna da Silva, Portugueza. A. p. 542.
Joanna de Gouvea, Portugueza. A. p. 543.
Joanna de Matheus. L. p. 547.
Joanna de Corregio..L p. 548.
Joanna de Orleans. L.p. 548.
Joanna Baptiſta. L. pag. 549.
Jorgeta deMontenay.L. p. 531.
Dona Jozefa de Ayala, Portugueza. Pintora. L. p. 493.
Dona Jozefa Micaela de Caſtro. L. p. 545.
Irene, Emperatriz. A ſeos rogos ſe celebrou o Concilio Niceno. Moſteiro, que fundou. Morreo deſterrada. L. e A. p. 433.
Irene de Spilimberg. Pintora. p. 535.
Irene. Pintora. p. 549.
Dona Iſabel, Infanta de França. Convento, que fundou. L. pag. 442.
Dona Iſabel, Infanta de Portugal. A. p. 444.
Dona Iſabel da Veiga, Portugueza. A. pag. 460.
Dona Iſabel, Infanta de Portugal. Convento, que fundou. A. pag. 471.
Iſabel de Boemia, Princeza Palatina. Fundou huma Academia de Filoſofia. L. pag. 475.
Iſabel Rainha de Inglaterra. L. p. 477.
Iſabel Andreini. L. pag. 481.
Dona Iſabel de Caſtro, e Andrada, Portugueza. Defendeo Cõcluſoens publicas. L. p. 491.
Iſabel Sofia. Pintora.

De-

Deteſtou a Religiaõ Calviniſta. L. pag. 499.
Dona Iſabel Clara Eugenia de Auſtria, Infanta de Eſpanha. Elogio, que lhe fez ElRey de França. Naõ permitio entrar em ſeos Eſtados quem naõ profeſſaſe a Fé Catholica Romana. Moſteiros, e Templos, que fundou. A. p. 510.
Iſabel, Rainha de Napoles. L. e A. p. 521.
Iſabel Tanefelde. L. pag. 529.
Iſabel Esforcia. L. pag. 530.
Santa Iſabel de Schonogia. L. p. 531.
Iſabel Maſſela. L. pag. 533.
Iſabel Maria Rite Pintora. p. 534.
Iſabel Bruno. Pintora. p. 534.
Iſabel Vaz. A. pag. 534.
Dona Iſabel de Ribadaneira. L. p. 535.
Dona Iſabel de Joya. Prègou, e converteo à Fé muitos Judeos. L. pag. 536.
Iſabel Correa, Portugueza. L. p. 537.
Iſabel Fernandes, Portugueza. A. p. 538.
Iſabel Dias, Portugueza. A. p. 538.
Iſabel Madeira, Portugueza. A. p. 538.
Iſabel Villa-Marini. L. p. 539.
Dona Iſabel de Caſtro, A. p. 540.
Iſabel Rozial. A. pag. 540.
Iſabel Rozera. Leo públicamente. L. pag. 542.
Dona Iſabel de Avellar, Portugueza. Acçaõ heroica, que obrou. p. 543.
Dona Iſabel de Caſtro, Portugueza. L. p. 545.
Iſabel Sconaugia. L. p. 546.

Do-

Dona Iſabel Rozales. Leo publcamente. L. p. 548.
Dona Iſabel Collo Pintora, e Muſica. pag. 549.
Iſis, Rainha do Egypto. Inventou o uſo das ſementeiras, e foy venerada por Deoſa. p. 550.
Iſota Nogarola, Condeça. Orou na preſença dos Pontifices. L. p. 524.
Iſtrina, Rainha dos Scytas. L. p. 546.
Julia da Ponte. L. pag. 533.
Julia Domna. L. p. 541.
Julia Bigolina. L. pag. 547.
Juliana Morel. Defendeo Concluſoens, e doutorou ſe em Leys. L. p. 437.
Juliana de Cibo. A. p. 547.

FINIS LAUS DEO